



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Carlus Augustus Jourand Correia**

**Projetos familiares na formação de atletas do futebol: Apostas  
na profissionalização e na escolarização**

**Rio de Janeiro  
2018**

**Carlus Augustus Jourand Correia**

**Projetos familiares na formação de atletas do futebol: Apostas  
na profissionalização e na escolarização**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares

**Rio de Janeiro  
2018**



**Universidade Federal do Rio de Janeiro**

Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Faculdade de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação

A Tese intitulada “Projetos familiares na formação de atletas do futebol: Apostas na profissionalização e na escolarização”

Doutorando(a): Carlus Augustus Jourand Correia

Orientador(a) pelo(a): **Prof(a). Dr(a). Antonio Jorge Gonçalves Soares (UFRJ)**

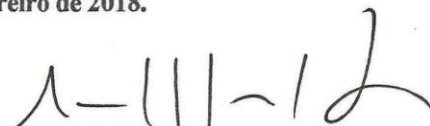
E aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e homologada pelo Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa, como requisito parcial à obtenção do título de


**DOUTOR EM EDUCAÇÃO**

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 2018.

**Banca Examinadora:**

Presidente:

  
\_\_\_\_\_  
Prof(a). Dr(a). Antonio Jorge Gonçalves Soares (UFRJ)

  
\_\_\_\_\_  
Prof(a). Dr(a). Rodolfo Pereira da Rocha Rosistolato (UFRJ)

  
\_\_\_\_\_  
Prof(a). Dr(a). Wagner dos Santos (UFES)

  
\_\_\_\_\_  
Prof(a). Dr(a). Ludmila Nunes Mourão (UFJF)

  
\_\_\_\_\_  
Prof(a). Dr(a). Simoni Lahud Guedes (UFF)

### CIP - Catalogação na Publicação

J823p Jourand Correia, Carlus Augustus  
Projetos Familiares na Formação de atletas do futebol: Apostas na profissionalização e na escolarização / Carlus Augustus Jourand Correia. -- Rio de Janeiro, 2018.  
379 f.

Orientador: Antonio Jorge Gonçalves Soares.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, 2018.

1. Educação. 2. Esporte. 3. Dupla-carreira. 4. Escolarização. 5. atletas. I. Gonçalves Soares, Antonio Jorge, orient. II. Título.

## SUMÁRIO:

---

Elementos Pré-Textuais.....	3
Lista de Tabelas.....	3
Lista de Ilustrações.....	4
Lista de Quadros.....	5
Lista de Siglas.....	6
Agradecimentos.....	7
Resumo.....	8
Abstract.....	9
Resumen.....	10
Introdução.....	13
Capítulo 1: Campo esportivo, educação brasileira e desdobramentos sobre jovens atletas	22
1.1 – Campo esportivo do futebol e seu mercado.....	22
1.2 – Ser atleta e suas implicações.....	36
1.3 – Educação brasileira e as possibilidades postas aos jovens.....	46
1.4 – Legislação, trabalho e infância.....	59
1.4.1 – O lugar do trabalho e a legislação sobre o tema.....	59
1.4.2– O jovem atleta e as ações dos órgãos competentes.....	69
Capítulo 2: Operacionalizações teórico-metodológicas.....	77
2.1 – Apontamentos metodológicos e caminhos da pesquisa.....	77
2.2 – Campo de possibilidades e contextos socioculturais.....	91
2.3 - Projetos coletivos familiares no futebol.....	98
Capítulo 3: Trajetórias de famílias futebolísticas: Projetos; estratégias e ações sociais.....	113
3.1 – Trajetória da família Marques.....	113
3.2 – Trajetória da família Moreira.....	144
3.3 – Trajetória da família Almeida.....	177
3.4 – Trajetória da família Torres.....	204
3.5 – Trajetória da família Guimarães.....	239
Capítulo 4: Elementos estruturantes dos projetos: Onde as trajetórias familiares se cruzam?	261
4.1 – Redes de sociabilidade e as configurações familiares.....	262
4.2 – Relação da família com o campo futebolístico.....	280
4.3 – Trajetórias educacionais das famílias e estratégias de conciliação entre a escola e o futebol.....	290
4.4 – Diferenças constitutivas das frátrias no futebol e na escola, proeminência do filho atleta e o superinvestimento no esporte.....	311
Considerações finais: .....	342
Referências.....	353
Anexos.....	369

## Elementos Pré-Textuais:

---

### **Lista de Tabelas**

Tabela 3. Trocas de escola por famílias

p.299

## Lista de Ilustrações

Ilustração 1.	p.103
Ilustração 2.	p.104
Ilustração 3.	p.106
Ilustração 4.	p.140
Ilustração 5.	p.148
Ilustração 6.	p.156
Ilustração 7.	p.218
Ilustração 8.	p.297
Ilustração 9.	p.342
Ilustração 10.	p.342

## Lista de Quadros

Quadro 1. Renda familiar por estrato socioeconômico	p.261
Quadro 2. Classe social por família	p.262
Quadro 3. Escolaridade família Marques	p.288
Quadro 4. Escolaridade família Moreira	p.289
Quadro 5. Escolaridade família Almeida	p.289
Quadro 6. Escolaridade família Torres	p.289
Quadro 7. Escolaridade família Guimarães	p.289



## LISTA DE SIGLAS

ABEP – Associação Brasileira de Empresas e Pesquisas

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

CCF – Certificado de Clube Formador

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

CT – Centro de Treinamento.

COORDINFÂNCIA – Coordenadoria Nacional de Combate à Exploração do Trabalho de Crianças e Adolescentes

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

FIFA – Federação Internacional de Football Association.

GEO – Ginásio Experimental Olímpico

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ILO – International Labour Organization

LABEC – Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

NCAA- National Collegiate Athletic Association

NFHS- National Federation of State High School Associations

MPT – Ministério Público do Trabalho

ONG – Organização não-governamental.

ONU – Organização das Nações Unidas

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

TAC- Termo de ajustamento de conduta

UE – União Europeia

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNAERP- Universidade de Ribeirão Preto

UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância.

## Agradecimentos

Agradeço, inicialmente, à minha esposa Marcelle Pioli por todo suporte, apoio e confiança depositados em mim durante essa longa caminhada de quatro anos de doutoramento. Por muitos percalços e mudanças nós passamos nesse período, mas nosso companheirismo tornou menos espinhosa essa empreitada acadêmica.

Agradeço, a uma parte da minha família por todo apoio material oferecido ao longo do meu processo de escolarização e também aos importantes conselhos que me fizeram sempre escolher o caminho certo, mesmo que ele fosse mais longo. Destaco as figuras de minha mãe Leila Maria e meus falecidos tios Roberto e Zeny Rafaela.

Agradeço ao Professor Doutor Antonio Jorge Gonçalves Soares pelos bons conselhos, e pelas tentativas de me mostrar que menos é sempre mais na escrita acadêmica.

Agradeço ao clube que franqueou suas dependências para que uma parte das pesquisas pudessem ser feitas. Mas agradeço principalmente a todas as famílias que abriram as portas de suas casas e compartilharam um pouco da sua intimidade e da sua história com um completo estranho que de repente “bateu as suas portas”. Sem vocês a pesquisa não teria sido nada além de uma simples ideia na cabeça.

Aos professores Rodrigo Rosistolato e Simone Lahud Guedes, agradeço as colocações sempre pertinentes na qualificação dessa tese, que permitiram que eu pudesse repensar alguns caminhos dessa pesquisa.

Muito mais do que agradecimentos, faço uma reverência a funcionária da secretária Solange Rosa, por todo o cuidado, e meticulosidade com a qual ajuda a todos os alunos da faculdade de Educação, independente do dia e da hora. O funcionalismo público seria outro se todos seguissem o seu comprometimento.

Agradeço a todos os membros do Labec pelos debates realizados, pelas pesquisas feitas, pelas preciosas críticas a esse trabalho e também as maravilhosas conversas depois de algumas cansativas reuniões de quinta-feira.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos e colegas que ao longo da minha trajetória contribuíram com risadas, conversas, brincadeiras e momentos de relaxamento. Sem isso talvez a pressão tivesse sido muito maior do que aquela que eu já enfrentei nesses quatro anos.

## RESUMO

CORREIA, C.A.J. Projetos familiares na formação de atletas do futebol: Apostas na profissionalização e na escolarização. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

O presente trabalho é um desdobramento das pesquisas realizadas pelo Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC) sobre a escolarização de atletas de alto rendimento. A temática se traduz como uma preocupação constante dos estudos internacionais, mas no Brasil ainda buscam sua consolidação de fato. As investigações nacionais e internacionais realizadas partem da concepção de que o esporte pode ser um empecilho para a escolarização básica dos jovens atletas que investem na dupla carreira. Tanto no cenário nacional quanto internacional, as pesquisas buscaram compreender a dupla carreira principalmente a partir da perspectiva individual dos atletas, das políticas públicas de Estado ou dos mecanismos de flexibilização ofertados pelas instituições de ensino. Apesar da maioria desses estudos evidenciarem a importância da família na dupla carreira, em todos eles o objeto de estudo família é analisado somente de forma tangencial. A intenção dessa tese é a de contextualizar o processo de investimento no esporte e na escola a partir da análise sobre a trajetória de vida de famílias que possuem filhos atletas. O Objetivo central desse trabalho foi compreender os elementos que estruturam os projetos familiares dos jovens atletas em formação no futebol analisando como suas ações seus impactavam sobre a formação esportiva e escolar. Partimos da hipótese de que os investimentos realizados pelas famílias no esporte e/ou na escola estavam relacionados à questões como nível socioeconômico, redes de sociabilidade, e a formação de um *habitus* futebolístico. Para testar nossa hipótese realizamos o acompanhamento sistemático das trajetórias de cinco famílias nos espaços do tradicional clube de futebol em que seus filhos treinavam, nas escolas onde estudavam e no dia-a-dia de suas residências no período entre 2015-2017. Além disso, fizemos entrevistas com funcionários responsáveis pela mediação entre o clube e a família, bem como com funcionários das escolas onde esses jovens estudavam. Os resultados ajudam a reforçar os dados de outras pesquisas que afirmam que o futebol não é um empecilho a conciliação com a escola e nem aos resultados acadêmicos. Pode-se perceber que essas famílias elaboram projetos prioritariamente futebolísticos, mas sem abandonar por completo os projetos escolares. Os investimentos sobre os dois se desenvolvem em paralelo e através de um processo dinâmico e que o campo de possibilidades são observados e ajudam a orientar os investimentos sobre esses dois projetos. Nessa observação sobre os campos de possibilidade dos indivíduos dentro da família pode ser verificado um tratamento diferenciado entre os filhos com uma proeminência de investimentos financeiros e temporais sobre filho atleta em detrimento ao filho não-atleta. Os dados também permitem desconstruir a concepção do futebol enquanto um espaço majoritariamente das classes populares.

**Palavras-Chave:** Escolarização; Futebol; Dupla Carreira; Jovens atletas.

## ABSTRACT

### **Family projects in the formation of football athletes: Bets in the professionalization and schooling.**

The present work is a result of the research carried out by the Body Education Research Laboratory (LABEC) on the schooling of high performance athletes. The theme is a constant concern of international studies, but in Brazil still seek its consolidation of fact. The national and international research carried out starts from the conception that the sport can be an obstacle to the basic schooling of the young athletes who invest in the dual career. Both nationally and internationally, the research sought to understand the dual career, mainly from the individual perspective of athletes, public policies or the flexibilization mechanisms offered by educational institutions. Although most of these studies demonstrating the importance of family in dual career, in all of them the family object of study is analyzed only tangentially. The intention of this thesis is to contextualize the investment process in sports and school based on the analysis of the life trajectory of families that have children athletes. The main objective of this work was to understand the elements that structure the family projects of the young athletes in training in soccer analyzing how their actions impacted on the sports and school formation. We start from the hypothesis that the investments made by the families in the sport and / or in the school were related to questions such as socioeconomic level, networks of sociability, and the formation of a soccer *habitus*. To test our hypothesis, we systematically followed the trajectories of five families in the spaces of the traditional soccer club where their children trained, in the schools where they studied and in the day to day life of their residences in the period between 2015-2017. In addition, we conducted interviews with officials responsible for mediation between the club and the family, as well as staff from the schools where these youths were studying. The results help to reinforce data from other surveys that claim that football is not an obstacle to school reconciliation or academic results. These families develop projects that are primarily football, but without abandoning school projects altogether. Investments over the two are developed in parallel and through a dynamic process and the fields of possibilities are observed and help guide investments in these two projects. The observation about the possibility fields of the individuals within the family can be verified a differentiated treatment among the children with a prominence of financial and temporal investments on child athlete to the detriment of the non-athlete child. The data also allow us to deconstruct the conception of football as a space popularly popular.

Keywords: Schooling; Soccer; Dual Career; Young athletes.

## RESUMEN

### **Proyectos familiares en la formación de atletas del fútbol: Apuestas en la profesionalización y en la escolarización**

El presente trabajo es un desdoblamiento de las investigaciones realizadas por el Laboratorio de Investigaciones en Educación del Cuerpo (LABEC) sobre la escolarización de atletas de alto rendimiento. La temática se traduce como una preocupación constante de los estudios internacionales. En Brasil todavía buscan su consolidación de hecho. Las investigaciones nacionales e internacionales realizadas parten de la concepción de que el deporte puede ser un obstáculo para la escolarización básica de los jóvenes atletas que invierten en la doble carrera. Tanto en el escenario nacional como internacional, las investigaciones buscaron comprender la doble carrera principalmente a partir de la perspectiva individual de los atletas, de las políticas públicas de Estado o de los mecanismos de flexibilización ofrecidos por las instituciones de enseñanza. Aunque la mayoría de estos estudios evidencian la importancia de la familia en la doble carrera, en todos ellos el objeto de estudio familiar es analizado solamente de forma marginal. La intención de esta tesis es la de contextualizar el proceso de inversión en el deporte y en la escuela a partir del análisis sobre la trayectoria de vida de familias que tienen hijos atletas. El objetivo central de este trabajo fue comprender los elementos que estructuran los proyectos familiares de los jóvenes atletas en formación en el fútbol analizando cómo sus acciones su impacto en la formación deportiva y escolar. Partimos de la hipótesis de que las inversiones realizadas por las familias en el deporte y / o en la escuela estaban relacionadas a cuestiones como nivel socioeconómico, redes de sociabilidad, y la formación de un *habitus* futbolístico. Para probar nuestra hipótesis realizamos el seguimiento sistemático de las trayectorias de cinco familias en los espacios del tradicional club de fútbol en que sus hijos entrenaban, en las escuelas donde estudia y en el día a día de sus residencias en el período entre 2015-2017. Además, hicimos entrevistas con funcionarios responsables de la mediación entre el club y la familia, así como con funcionarios de las escuelas donde estos jóvenes estudiaban. Los resultados ayudan a reforzar los datos de otras encuestas que afirman que el fútbol no es un obstáculo a la conciliación con la escuela ni a los resultados académicos. Se puede percibir que estas familias elaboran proyectos prioritariamente futbolísticos, pero sin abandonar por completo los proyectos escolares. Las inversiones sobre los dos se desarrollan en paralelo ya través de un proceso dinámico y que los campos de posibilidades son observados y ayudan a orientar las inversiones sobre esos dos proyectos. En esta observación sobre los campos de posibilidad de los individuos dentro de la familia puede ser verificado un trato diferenciado entre los hijos con una prominencia de inversiones financieras y temporales sobre hijo atleta en detrimento del hijo no atleta. Los datos también permiten deconstruir la concepción del fútbol como un espacio mayoritariamente de las clases populares.

Palabras clave: Escolarización; fútbol; Doble Carrera; Jóvenes atletas.

## Introdução:

---

O presente trabalho possui como tese de pesquisa a concepção de que o investimento na carreira esportiva e a secundarização da escola se desenvolvem a partir de três eixos – a família, a escola e os fatores relacionados com a estruturação da dupla carreira. Nesse sentido, o estudo procura evidenciar a tese de que as famílias se constituem como importantes instituições para o estímulo à entrada dos jovens atletas no campo futebolístico, bem como para sua manutenção nele.

Partimos da noção de que as famílias nos projetos futebolísticos dos jovens atletas são fundamentais para consolidação da profissionalização nesse esporte. As famílias são responsáveis pela socialização precoce do indivíduo com o esporte, traço comum daqueles que se profissionalizaram no futebol. Além disso, no desenvolvimento do projeto futebolístico dos jovens atletas a família parece desempenhar um papel fundamental na organização das estratégias e das ações diárias para conciliação da dupla carreira. Diante de um cenário de ausência de políticas públicas de conciliação entre o esporte e a escola e da situação de subinclusão legal dos atletas nos textos legais, acerca da proteção do jovem trabalhador, as famílias precisavam dentro de suas ações de foro privado estabelecer seus mecanismos para conciliação entre essas duas atividades.

A maneira como elaboram suas estratégias de ação e como estruturam os projetos futebolísticos e escolares dos seus filhos são produtos de uma relação dinâmica entre as estruturas de oportunidades postas a eles e o campo de possibilidade enxergado pelos jovens e suas famílias através da sua trajetória dentro do esporte e dentro da escola.

Os questionamentos e as hipóteses dessa tese são desdobramentos provenientes do esforço empreendido pelo Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC-UFRJ) em compreender a escolarização de jovens atletas de alto rendimento. Sob o espectro dessa temática foram desenvolvidos no grupo análises sobre diversas modalidades tais como futsal, vôlei, atletismo, futebol, turfe e remo, buscando compreender como se desenvolvem os processos de escolarização desses atletas em concomitância com o esporte. As principais questões perseguidas pelas pesquisas versaram sobre o tempo destinado a cada atividade (esporte e escola), as formas de conciliação entre elas, as instituições que atendem especificamente esses atores sociais e as políticas públicas de escolarização destinadas a eles (bolsa-atleta).

A hipótese central trabalhada pelo grupo nas pesquisas realizadas pelo LABEC sugere que não existem relações causais entre a formação esportiva e as dificuldades no processo de escolarização. O grupo vem consolidando o argumento de que os resultados escolares dos atletas são fruto de outras variáveis para além do esporte, tais como nível socioeconômico, capital cultural familiar e a formação de crenças em torno das possibilidades de sucesso no campo esportivo e escolar. Os estudos realizados pelo LABEC vêm chegando a essa conclusão, principalmente ao verificar sensíveis diferenças de trajetória e rendimento escolar quando comparadas diferentes modalidades esportivas.

Os resultados obtidos por essas pesquisas evidenciaram que o esporte não é um impeditivo para a escolarização, mas que a configuração do campo esportivo de cada modalidade pode interferir de maneira decisiva para aumentar ou diminuir as possibilidades de conciliação entre o esporte e a escola. Além disso, nesses estudos verificamos a forte correlação entre o nível socioeconômico dos atletas (e suas famílias) e sua adesão ao projeto de formação esportiva em algumas modalidades. Desse modo, estudos realizados por Rocha (2013), Correia (2014), Rocha, *et al* (2011) e Conceição (2014) verificaram uma maior adesão do projeto familiar de formação esportiva nas classes populares quando comparadas as outras mais abastadas.<sup>1</sup>

As pesquisas promovidas até o momento evidenciaram que a condição de atleta gera uma série de implicações, sobre a trajetória de vida e mais especificamente escolar/esportiva desses jovens. Nesse ponto, é comum o desenvolvimento de uma rotina de vida ascética, de renúncia e distanciamento dos grupos sociais alheios ao esporte, de cansaço físico produzido pela rotina de treinamento e pelos deslocamentos, além das dificuldades de reconversão do capital corporal em oportunidades de trabalho fora do esporte.

Entre as inúmeras modalidades pesquisadas pelo Labec, o atletismo, o turfe e futebol se mostraram através de estudos<sup>2</sup> como sendo esportes mais difíceis de estabelecer uma conciliação entre o esporte e a escola. Diante disso, parecem ser campos de análise mais interessantes para compreender os elementos estruturantes da dupla carreira<sup>3</sup>. Nesse sentido

---

<sup>1</sup> Outra questão verificada nos estudos é a caracterização de algumas modalidades como espaços majoritariamente compostos por determinado segmento social. Nesse ponto, contribuem a possibilidade de acesso aos equipamentos para praticá-lo, dos espaços para desenvolvê-lo, do tempo para treiná-lo. Exemplos disso são o remo com predominância nas camadas médias e altas e o atletismo nas camadas baixas.

<sup>2</sup> Cabe destacar aqui os estudos realizados por Melo (2010), Soares *et al* (2011) e Rocha *et al* sobre o futebol, o estudo realizado por Rocha (2012) sobre o turfe e o estudo realizado por Correia (2014) sobre o atletismo e o futebol.

<sup>3</sup> A concepção de carreira utilizada na tese parte primeiramente da concepção de carreira enquanto um conjunto de obrigações, rotinas e aprendizados construídos através de uma trajetória pelos indivíduos e esperado socialmente deles por determinado grupo social. Concomitantemente essa noção é utilizada para enquadrar a trajetória escolar e esportiva dos indivíduos as construções teóricas de Goffman (1987, p.111) acerca de carreira

cabe destaque para o futebol enquanto objeto privilegiado, por ser o esporte mais praticado no Brasil.

Tendo como ponto de partida os estudos realizados pelo Labec e a análise dos dados coletados nas pesquisas do laboratório, argumenta-se que o desenvolvimento da carreira futebolística é um processo custoso do ponto de vista social, financeiro e temporal, tanto para o jovem atleta quanto para sua família. A busca pela profissionalização na carreira depende de configurações esportivas e sociais favoráveis, nos quais a família desempenha papel central através da formulação de um projeto esportivo em torno do jovem atleta. Nesse aspecto, a relação da família com as redes de sociabilidades ligadas ao futebol desempenha um papel primordial na inserção e manutenção do jovem no campo esportivo futebolístico.

A entrada do jovem e da sua família no processo de profissionalização no futebol aprofunda o projeto esportivo familiar envolvendo reconfigurações em diversos aspectos (moradia, migrações, escolarização, alimentação, rotinas, emprego, orçamento familiar, entre outros) visando a concretização da profissionalização do filho atleta. Esse cenário contribui para a ampliação dos investimentos no campo esportivo do futebol, o que necessariamente tensiona o processo de escolarização dos atletas e cria sensíveis diferenças nas expectativas, nas cobranças e nas recompensas dadas as frátrias no interior das famílias.

Através da análise dos projetos esportivos das famílias, o estudo aqui apresentado problematiza a dupla carreira, ou seja, a relação constituída entre a escolarização formal e a formação profissional para o esporte de alto rendimento vivido pelos jovens e suas famílias em algum momento da sua vida. O jovem que enfrenta a dupla carreira deve, necessariamente, frequentar a escola, estudar, realizar provas, trabalhos escolares e participar do cotidiano da vida escolar. Ao mesmo tempo, a carreira no mercado esportivo requisita treinamento regular diário, viagens, participações em competições e cuidados necessários com o corpo e com o estado psíquico. As demandas escolares e esportivas precisam ser administradas por aqueles que se empenham em atingir o alto desempenho esportivo em alguma modalidade.

---

moral. Essa noção parte de um sentido amplo, com a finalidade de indicar qualquer trajetória percorrida por uma pessoa ao longo de sua vida, permitindo ainda uma perspectiva tanto dos aspectos mais íntimos e pessoais, quanto das posições oficial, jurídica e pública do indivíduo, dentro de um complexo institucional. A “carreira moral” indica o processo da vida toda do indivíduo, tanto em direção ao sucesso quanto ao fracasso, dentro do estabelecimento. Esse processo tem momentos típicos, tais como início da vida institucional, crises, evoluções, desenvolvimentos de adaptação, de rebeldia, de submissão, de ruptura etc. Na bibliografia europeia o termo “dupla carreira” é largamente usado na sociologia do esporte para designar o desenvolvimento de atividades ligadas ao esporte concomitantes à escolarização como mostram os estudos de Guidotti, Cortis e Capranica (2015)



A literatura nacional e internacional sobre o tema da dupla carreira, em linhas gerais, evidencia que alguns jovens possuem dificuldades em conciliar as duas atividades concomitantemente. Tal problema passa a ser ainda maior devido à constatação acerca das dificuldades de reconversão dos capitais futebolísticos para além do mundo esportivo, escassos em postos de trabalho. Além dessas questões, os estudos sobre a dupla carreira também explicitam questões sobre as poucas ações públicas e privadas para reinserção desses jovens no mercado ordinário, através de qualificação relevante e adequada à realidade esportiva e educacional (BORGGEFRE; CACHAY, 2010).

Mesmo pouco problematizada no Brasil, essa questão em nossa sociedade é um tema central para as carreiras que exigem uma precoce profissionalização e, muitas vezes, um alto custo familiar para investir no desenvolvimento dos talentos dos jovens atletas. As dificuldades verificadas na concomitância das atividades do esporte e da escola é também fruto da total desconexão entre formação esportiva de alto rendimento e escolarização. No país, historicamente o clube e a escola tomaram para si papéis distintos, com a escola sendo responsável pelo processo educacional e o clube adquirindo o papel de formador esportivo (ROCHA *et al*, 2011).<sup>4</sup>A consequência desse modelo apartado entre o clube e a escola é a composição de duas lógicas próprias de funcionamento que, muitas vezes, podem entrar em conflito, porque funcionam de forma autônoma, em espaços apartados, com objetivos distintos, e com pouca comunicação entre elas.

Em termos comparativos, nos Estados Unidos o esporte de alto-rendimento se desenvolveu basicamente através da escola e da universidade. No modelo dos Estados Unidos da América, o sistema esportivo está diretamente ligado ao sistema escolar, tanto a iniciação esportiva quanto o aperfeiçoamento para o esporte de alto rendimento ocorrem no espaço da escola. O currículo dos estudantes atletas deve ser harmonizado com as demandas escolares. Após a escola básica, a formação esportiva terá continuidade no sistema universitário. O desempenho esportivo do estudante atleta é uma boa credencial para garantir acesso às grandes universidades que participam do sistema esportivo universitário. Além disso, existem associações que organizam, regulamentam e fiscalizam a prática esportiva em concomitância com a escola como é o caso da *National Federation of State High School Associations* (NFHS) no nível da educação básica, e o é *National Collegiate Athletic Association*(NCAA) na esfera da educação universitária.

---

<sup>4</sup> O modelo brasileiro de desenvolvimento educacional distanciou-se de outros países europeus e dos Estados Unidos que procuram integrar dentro dos espaços escolares também o esporte de alto rendimento.

Na Europa a atenção sobre o processo de conciliação da dupla carreira<sup>5</sup> (esportiva e escolar) também vem avançando nas últimas décadas. Em 2012 a União Europeia redigiu o *EU Guidelines on Dual Careers of Athletes Recommended Policy Actions in Support of Dual Careers in High-Performance Sport* (2012) como uma resposta às demandas geradas pelo *European Council's Declaration on Sport* de 2008 (Bruxelas, Bélgica), que indicou as dificuldades de conciliação entre esporte e escolarização dos atletas. As diretrizes propostas no *Guidelines* (2012) vêm orientando os estados membros da UE a garantirem aos estudantes atletas formação educacional e esportiva de qualidade.

No Brasil, esses dois sistemas, escola e esporte, não estão articulados. No entanto, essa situação não é exclusiva ao campo esportivo, pois no campo artístico ou mesmo no mercado de trabalho ordinário (com exceção da política do jovem – aprendiz)<sup>6</sup>, esse tipo de problema de conciliação de atividades formativas também se faz presente. Podemos afirmar que a preocupação com a dupla carreira dos jovens inseridos no mercado ordinário já vem ganhando espaço na agenda de políticas públicas governamentais e se constitui como um campo consolidado de análise no meio acadêmico. Contudo, quando nos debruçamos sobre a dupla carreira no esporte percebemos que só recentemente o tema passou a ter alguma visibilidade dos órgãos públicos e das mídias de massa.

A mudança dessa situação está em certa parte relacionada com as ações do Ministério Público do Trabalho (MPT) que vem pressionando os clubes brasileiros para respeitarem as resoluções legais estipuladas na Lei do clube formador<sup>7</sup>, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e na Consolidação das leis do Trabalho (CLT). Ações do MPT demonstram que, no caso desse rentável mercado esportivo, os jovens que voluntariamente se submetem a essas condições são explorados e possuem seus direitos à escolarização e permanência junto às suas famílias sequestrados.

A discussão passa ao largo do debate no campo da educação que legitimamente discute uma série de especificidades de atendimento no sistema escolar, mas não trata as demandas

---

<sup>5</sup> O termo “dupla carreira” apareceu pela primeira vez nos documentos oficiais europeus em 2007, dentro do Livro Branco sobre o desporto. A conotação de dupla carreira (dual career) surge como a realidade dos indivíduos que estão inseridos numa formação dupla, a saber, a esportiva de alto rendimento e a escolar.

<sup>6</sup> Dentro da legislação trabalhista brasileira o jovem trabalhador entre 14 e 24 anos de idade pode ser contratado na situação de jovem aprendiz. Dentro dessa categoria o contrato de trabalho pode durar de seis meses até dois anos e, durante esse período, o jovem é capacitado na instituição formadora e na empresa, combinando formação teórica e prática. Ao ser classificado como jovem aprendiz o indivíduo possui todas as garantias legais postas pela Consolidação das Leis do trabalho (CLT).

<sup>7</sup> A lei do Clube Formador emite um certificado para a agremiação esportiva atestando que ela cumpriu uma série de itens, entre eles a presença de médicos, preparador físicos, dentistas, psicólogos, fisioterapeutas, nutricionistas, assistentes sociais e educacionais, além de um programa de alimentação e infraestrutura específica para atender as necessidades básicas dos atletas, bem como o acompanhamento da vida escolar dos atletas sob sua responsabilidade.

dos estudantes que necessitam precocemente construir uma carreira esportiva paralela ao sistema escolar. As iniciativas de conciliação da carreira esportiva com a escolar no caso brasileiro são modestas ou desarticuladas. Temos os programas federais e estaduais que fornecem auxílio financeiro aos atletas estudantes (modelo Bolsa Atleta) que apenas exigem destes a matrícula escolar ou universitária. Tais programas não fornecem nenhum tipo de apoio ou convênio com os sistemas escolares para que os estudantes atletas tenham também bom desempenho acadêmico.

Outra tentativa de conciliação da formação esportiva e escolar foi tentada pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro ao criar os Ginásios Experimentais Olímpicos (GEO)<sup>8</sup>. Nesse modelo de instituição, os alunos permanecem na escola em tempo integral realizando atividades escolares em um dos turnos e desenvolvendo alguma modalidade esportiva com vistas ao alto rendimento no outro turno. Contudo, esse processo de formação esportiva está totalmente desarticulado do sistema esportivo e das competições das categorias de base do esporte no Rio de Janeiro (SOARES; MELO; ROCHA, 2015). Além disso, esses estudantes atletas, ao terminarem o ensino fundamental (modalidade de ensino comportada pelo GEO), não possuem nenhum tipo de possibilidade de continuar no ensino médio esse tipo de formação ou, pior ainda, caso sejam recrutados pelo sistema esportivo durante a escolarização no ensino fundamental, são obrigados, em geral, a abandonar a escola de tempo integral.

No contexto brasileiro a configuração político-social evidencia escassez de políticas públicas que articulem o sistema escolar e o sistema esportivo, para que os indivíduos inseridos nesses dois espaços possam ter assistência, programas de amparo, bem como instituições de ensino e calendários específicos. Sem uma legislação de apoio aos atletas de alto rendimento, o custo da conciliação recai, em geral, sobre o estudante atleta e sua família, que devem negociar diretamente com a escola ou com o clube as demandas geradas por essas duas instituições.

O *Laissez-faire* (HENRY, 2010) parece governar a gestão tanto das carreiras dos estudantes atletas quanto aquelas dos estudantes artistas ou trabalhadores. As políticas públicas e os programas de apoio a dupla carreira ainda engatinham. Por outro lado a escola de ensino médio que não diferencia demandas, não oportuniza nem estimula o desenvolvimento de potencialidades individuais (SCHWARTZMAN, 2011). Os pleiteantes a

---

<sup>8</sup> Além dos Ginásios Experimentais Olímpicos, existem outros ginásios que seguem o mesmo conceito de formação de competências e habilidades para além das disciplinas escolares. Esses outros ginásios estão dedicados à música, às artes e às tecnologias (Ginásio Experimental do Samba – GES –, Ginásio Experimental de Artes Visuais – GEA – e o Ginásio Experimental de Novas Tecnologias – GENTE), são escolas de tempo integral que atendem os alunos do ensino fundamental a partir do 6º ano escolar.

uma profissionalização precoce são, nessa fase da vida de moratória social<sup>9</sup>, obrigados a fazer opções que podem excluir ou secundarizar uma formação em detrimento da outra. Com isso, o desempenho escolar pode ser administrado, muitas das vezes, de forma secundarizada em função do esporte ou o estudante atleta também pode desinvestir no esporte em função das demandas escolares e/ou em função das pressões familiares ou ainda em função dos contextos de oportunidades que se apresentam.

O cenário conflitivo entre a formação esportiva e a formação escolar causa impacto direto sobre as configurações familiares desses atletas, pois a busca pela conciliação entre essas duas agências formadoras, a saber, esporte e escola, acabam se desenvolvendo principalmente por mecanismos construídos no espaço privado, no interior das famílias, e não na esfera pública através de programas sociais, educacionais e esportivos. Diante disso, na maioria dos casos, cada família precisa buscar da sua maneira e de acordo com a sua trajetória a construção de mecanismos e estratégias específicas de conciliação entre o esporte e a escola para seus filhos e parentes, na expectativa de suprir as deficiências do Estado nesse setor social. O ingresso e a permanência dos indivíduos e suas famílias no esporte de alto rendimento depende então de um “projeto familiar” minimamente estruturado. A aposta da família no talento esportivo normalmente é realizada em idade precoce e, em geral, demanda esforços de todos para custear os primeiros anos de treinamento do aspirante a atleta (RIAL, 2008).

No Brasil, algumas lacunas ainda persistem, apesar dos avanços promovidos pelo Labec e por outros pesquisadores nos estudos nacionais sobre o tema de escolarização de atletas e formação esportiva. Estudos importantes sobre formação esportiva nas categorias de base, como é o caso de Damo (2005), Rocha *et al* (2011) e Paoli (2007), evidenciaram sob uma perspectiva tangencial o papel importante desempenhado pelas famílias no processo de profissionalização esportiva dos seus membros. Genericamente intitulado como apoio familiar, os autores desses trabalhos citaram algumas possíveis motivações para o auxílio da família nas carreiras de seus filhos, mas sem se aprofundarem nas lógicas e significados desses atores que formam os projetos familiares no esporte.

Exemplos disso são os estudos de Moraes (2004), ao analisar a participação dos pais na formação esportiva dos filhos em Minas Gerais no ano 2000 e o estudo feito por Vianna Júnior (2002) ao perceber a influência dos pais no desenvolvimento de atletas jovens no tênis.

---

<sup>9</sup>Moratória social deve ser pensada genericamente como o período onde o adolescente pode aguardar enquanto se prepara para exercer os papéis adultos, se ausentado, por exemplo, do mercado de trabalho e das obrigações financeiras.

Esses dois trabalhos reforçam a necessidade de avançar nas análises sobre o papel da família na gênese da formação esportiva e escolar dos jovens atletas. Apesar do esforço em compreender as ações familiares para ajudar na formação esportiva, os autores por não realizarem um trabalho de caracterização da trajetória dessas famílias acabam por não apresentarem explicações sobre as opções por determinadas estratégias e não por outras no interior dessa instituição social.

É a partir dessa lacuna que esse trabalho visa avançar. Ancorado nas percepções da sociologia da educação sobre a importância da família no processo de socialização, busca-se analisar as relações entre família, escola e o esporte na vida de grupos inseridos na dupla carreira.

Na sociologia da educação a relação entre família-escola se mostra como um debate consolidado<sup>10</sup> e bem estruturado com vasta produção acadêmica. No caso da sociologia do esporte o tema sobre a escolarização de atletas e as relações entre esporte e escola também vem avançando nos últimos anos. No entanto, em nenhuma das duas áreas da sociologia a tríade “família, esporte e escola” possui estudos de grande fôlego. Nesse sentido, essa tese se constitui como um esforço de interseção entre dois campos da sociologia, para abordar como se constroem os projetos coletivos familiares dos jovens atletas em formação no futebol, analisando os impactos desses projetos sobre a formação esportiva e escolar.

Influenciado por essas ideias e esse panorama das pesquisas devemos nos indagar sobre qual campo de possibilidade se edifica os projetos familiares em torno do esporte e da educação? A possível existência de um projeto coletivo familiar em torno do esporte interfere decisivamente nos resultados escolares e na conciliação entre o esporte e a escola? Quais são as estratégias familiares que permitem identificar a construção de um projeto familiar em torno do esporte? Dentro do projeto familiar existem expectativas escolares diferenciadas entre os irmãos? Qual o papel da instituição escolar ao identificar que seu aluno administra uma dupla carreira? A trajetória escolar dos indivíduos inseridos no esporte é mais acidentada na escola quando comparada com seus irmãos não inseridos no esporte?

Para responder esses questionamentos e desenvolver o argumento da tese, o trabalho foi estruturado em quatro capítulos, além da conclusão e da introdução exposta aqui. O primeiro capítulo analisará a estruturação do campo esportivo do futebol, as características da carreira futebolística, bem como os desdobramentos jurídicos e legislativos sobre a

---

<sup>10</sup> Apesar de ser um tema consolidado na academia, ele não se constitui como um assunto trabalhado de forma homogênea e consensual. Existem diversas correntes de pensamento que enxergam os processos familiares e suas relações com a escola de maneira diferente.

formação profissional no futebol e amparo ao jovem atleta em formação. No segundo capítulo serão expostos os procedimentos metodológicos utilizados na coleta e tratamento dos dados analisados, bem como os conceitos utilizados para analisá-los.

No terceiro capítulo serão descritos os dados obtidos no acompanhamento das famílias investigadas através da construção de narrativas sobre as trajetórias sociais desses núcleos familiares. Serão construídas 5 narrativas, referentes a 5 famílias diferentes. O fio condutor para estruturação das histórias dessas famílias está circunscrito nas noções de projeto e de campo de possibilidades, conceitos balizares para a realização dessa tese.

O quarto capítulo abordará uma discussão dos resultados obtidos com a intenção de comparar e compreender os possíveis elementos comuns que constituem as trajetórias sociais e os projetos futebolísticos dessas 5 famílias. Para isso, foram construídos 4 eixos norteadores para uma análise mais sistematizada dos projetos familiares. Os eixos estão divididos em: a) configurações familiares e redes de sociabilidades; b) relações da família com o campo esportivo; c) trajetórias de escolarização familiar e relação família-escola; d) diferença constitutiva das frátrias e superinvestimento no esporte.

Na conclusão serão retomadas algumas observações pertinentes ao argumento inicial da tese, as contribuições feitas pelo estudo ao campo de pesquisa e as possibilidades de novas pesquisas trazidas pela tese.

# Capítulo 1: O campo esportivo, educação brasileira e seus desdobramentos sobre os jovens atletas.

---

## **1.1– Campo esportivo do futebol e seu mercado**

Para que possamos compreender as crenças, as estratégias, as ações e conseqüentemente os projetos dos jovens atletas e das suas famílias é necessário analisar as estruturas sociais nas quais eles estão inseridos, e que influenciam e/ou determinam a tomada de decisão. Nesse sentido, entende-se que a análise dos campos sob os quais os indivíduos transitam são necessários para a compreensão das motivações que possuem no espaço social que circulam. Assim, num primeiro momento trataremos da noção de campo num sentido mais amplo para na seqüência do argumento especificar essa noção no futebol. No caso do futebol, a forma como esse campo se estrutura é peça-chave para que possamos compreender quais as estruturas de oportunidades são colocadas para esses indivíduos e também como eles enxergam as possibilidades dentro desse campo. As análises e as compreensões do mercado futebolístico são essenciais para esse estudo, pois tal mercado é um importante elemento na composição do campo de possibilidades dos atletas e de suas famílias. A existência de esportes com mercados mais consolidados e expandidos pode significar, aos olhos dos indivíduos, um campo de possibilidades mais alargado para a profissionalização e, conseqüentemente, um direcionamento maior para a prática esportiva em detrimento a outras atividades formativas, como por exemplo, a escola ou o trabalho ordinário precoce.

Pensemos que a ideia da complexidade da sociedade e da estrutura de oportunidades que são apresentadas nesse capítulo contribuem para que os jovens atletas formem sua percepção sobre as possibilidades dos seus projetos individuais de carreira.

Para Bourdieu (1983), um campo social pode ser pensado como uma rede ou uma configuração de relações concretas estabelecidas entre indivíduos de diferentes posições e hierarquias. Em razão dessas posições ocupadas, definidas historicamente dentro do campo, são criados modos de estruturação que moldam as próprias práticas dos indivíduos e dos grupos. Com isso, são definidas posições sociais de cada agente dentro desse campo, bem como as regras que nortearão o desenvolvimento desse “jogo” social.

Para Bourdieu (2004a) o mundo social é um lugar de diferenciação progressiva, sendo que a complexificação das sociedades proporciona o aparecimento de diversos campos que possuem leis próprias, valores próprios, comportamentos próprios e autonomia frente aos

demais campos. Um campo constitui-se, entre muitos aspectos, pela definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos do próprio campo. Esses objetos e interesses são percebidos apenas por indivíduos com socialização apropriada para adentrarem ao campo, ou seja, os trunfos e objetos valorizados pelo campo somente são reconhecidos por aqueles que estão minimamente socializados em seus códigos e possuem as disposições práticas dele.

Esse processo de diferenciação, divisão ou de autonomia resulta na constituição de universos com leis fundamentais diferentes, irredutíveis, e que são o lugar de formas específica de interesse. Essa concepção de Bourdieu é reforçada por Rodrigues (2000) que ao analisar o campo social o descreve como:

Uma instituição dotada de legitimidade indiscutível, publicamente reconhecida e respeitada pelo conjunto da sociedade, para criar, impor, manter, sancionar e restabelecer uma hierarquia de valores, assim como um conjunto de regras adequadas ao respeito desses valores, num determinado domínio autônomo e específico de experiência (p. 193-194).

No que diz respeito à relação entre os campos, acompanhando as ideias de Rodrigues (2000), Esteves (1998) destaca que a autonomia dos campos sociais não deve transformar-se em isolamento desses campos em si. Nesse sentido, Bourdieu (2004) afirma que um microcosmo, isto é, um campo, é sempre relativamente autônomo, mas jamais escapa às imposições do macrocosmo (constituído de outros campos), pois ele dispõe, com relação a estes, de uma autonomia parcial.

Dentre esses campos sociais específicos criados pela complexificação da vida social, Bourdieu em seu texto “Como é possível ser esportivo?” (1983) parte da suposição que existe um conjunto de práticas e de consumos esportivos dirigidos aos agentes sociais, o qual procura encontrar certa demanda social. Para isso ele afirma que:

Acho que deveríamos nos perguntar primeiro sobre as condições históricas e sociais deste fenômeno social que aceitamos muito facilmente como algo óbvio, o "esporte moderno". Isto é sobre as condições sociais que tornaram possível a constituição do sistema de instituições e de agentes direta ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos esportivos, desde os agrupamentos "esportivos", públicos ou privados, que têm como função assegurar a representação e a defesa dos interesses dos praticantes de um esporte determinado e, ao mesmo tempo, elaborar e aplicar as normas que regem estas práticas [...] Como foi se constituindo, progressivamente, este corpo de especialistas que vivem diretamente ou indiretamente do esporte e mais precisamente, quando foi que este sistema de agentes e de instituições começou a funcionar como um campo de concorrência onde se defrontam agentes com interesses específicos, ligados as posições que ocupam? (BOURDIEU, 1983, p. 136-137).



Bourdieu, nessa passagem, permite argumentar e, ao mesmo tempo, responder que efetivamente existe um campo esportivo, ou seja, existe um sistema, de instituições e agentes vinculados ao esporte, que funciona com suas próprias regras, valores, estrutura e objetos em disputa nas emulações esportivas e para além destas. Ao explicitar isso, o autor permite a elaboração da ideia de que a compreensão dos fenômenos esportivos num dado momento e ambiente social devem ser entendidas pela análise da história do esporte e dos eventos em sincronia com o nosso tempo.

A constituição do campo esportivo, enquanto um campo autônomo pode ser pensado historicamente a partir do aparecimento daquilo que chamamos de esporte moderno. Para Bourdieu, a constituição de um campo de concorrência no interior do qual o esporte se apresentou como uma prática específica, irredutível a atividades rituais ou divertimentos festivos processados na forma de jogos, passou a determinar a existência do esporte moderno<sup>11</sup>.

O esporte moderno como conhecemos atualmente, apesar das várias interpretações e periodizações surgiu no final do século XVIII no âmbito da cultura europeia (sobretudo Inglaterra) quando os processos de industrialização, urbanização e tecnologia transformam o cotidiano, com o qual os jogos populares, que até então estavam relacionados a festas de colheita ou religião, não eram mais compatíveis com crescente desenvolvimento da urbanização e da automação das atividades. No século XIX, as práticas corporais ficam cada vez mais restritas às escolas públicas, onde sofrem progressiva sistematização, regulamentação, e desenvolvem-se com a expansão do ensino público, surgindo as competições escolares locais, regionais, o que, segundo Elias e Dunning (1992), caracteriza-se numa descontinuidade, proporcionada pelas configurações históricas e sociais que acabam por permitir a mudança na essência da prática esportiva. (ALVITO, 2014).

A autonomização do campo das práticas esportivas também se acompanha de um processo de racionalização destinado, segundo os termos de Weber, a assegurar a previsibilidade e a calculabilidade para além das diferenças e particularismos: a constituição de um corpo de regulamentos específicos e de um corpo de dirigentes especializados. A autonomia relativa do campo esportivo se afirma mais claramente quando se reconhece aos

---

<sup>11</sup>Aos leitores menos familiarizados com a literatura esportiva, convém esclarecer que o termo “esportes modernos” abarca um conjunto extenso de práticas corporais competitivas, regradas, individuais ou coletivas, praticadas por amadores ou profissionais, inventadas a partir da segunda metade do século passado nos internatos para jovens da elite europeia, notadamente entre as *publicschools* inglesas. Os esportes modernos diferenciam-se dos jogos tradicionais praticados na Renascença e na Idade Média pelo incremento das regras, visando, em última instância, reduzir a violência física e manter a violência simbólica (Bourdieu, 1983; Elias e Dunning, 1992; Leite Lopes, 1995).

grupos esportivos as faculdades de auto-administração e regulamentação, fundadas numa tradição histórica ou garantidas pelo Estado: estes organismos são investidos de direito de fixar as normas de participação nas provas por eles organizadas, de exercer, sob o controle dos tribunais, um poder disciplinar (exclusões, sanções, etc.), destinado a impor o respeito às regras específicas por eles editadas; além disso, podem conceder títulos específicos, como títulos esportivos ou, como na Inglaterra, os títulos de treinadores (BOURDIEU, 1983).

Paulatinamente, no desenvolvimento do século XX, o esporte se diversifica em várias formas de práticas, dando início a diversas modalidades e logo é englobado na cultura ocidental como uma instituição social direcionada para educação, para o lazer, para o desenvolvimento corporal e para o mercado do entretenimento dos centros urbanos que cresciam rapidamente.

O campo esportivo, assim como os outros campos sociais evidencia na sua composição a existência de diversas lutas entre os indivíduos e grupos para que possam se estabelecer como autoridades e detentores do monopólio das formas de praticar esses esportes, da forma de interpretá-los e de gerí-lo para outras pessoas.

Pensando no campo esportivo de forma genérica pode-se retratar a posição, do ponto de vista da definição do exercício legítimo, entre profissionais da pedagogia corporal (professores de ginástica, etc.) e médicos, isto é, entre duas formas de autoridade ("pedagógica"/científica) ligadas à duas espécies de capital específico, ou ainda na oposição recorrente entre duas filosofias antagônicas sobre o uso do corpo, uma mais ascética e outra, mais hedonista, que privilegia a natureza, a *physis*, reduzindo a educação do corpo, a educação física a uma espécie de "laissez-faire" ou de retorno ao "laissez-faire" (VIEIRA, 2001).

Ao pensarmos no campo esportivo do futebol no Brasil, veremos também a existência dessas disputas ligadas ao monopólio do saber, do uso da prática legítima do futebol, do controle do poder decisório, dos discursos sobre o que é considerado bom e ruim ao desenvolvimento desse esporte. A existência desses conflitos acerca do monopólio do saber e dos usos legítimos do corpo pode ser verificada, segundo Damo (2007), nas disputas entre esses grupos sobre as formas de desenvolver os treinos de preparação física, sobre a elaboração dos programas de treinamento e até mesmo na tentativa dos grupos em construir uma reserva de mercado para si em detrimento da exclusão do outro dos centros de treinamento.<sup>12</sup> Esse debate sobre quem detém o monopólio da "boa formação" (formação

---

<sup>12</sup><http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,conselho-federal-ataca-romario-por-emenda-para-tornar-tecnico-qualquer-ex-atleta,1854613>. Acesso em 28 de outubro de 2017, às 11:10.

teórica/científica versus formação prática) também é constantemente revigorada no campo esportivo do futebol quando evocado o rendimento dos técnicos brasileiros. Nesse aspecto, os discursos midiáticos também servem para chancelar um ponto de vista ou outro, porém nunca são homogêneos e parte da mídia se divide, com cada um defendendo, segundo seus argumentos, um grupo em detrimento do outro.<sup>13</sup>

Tanto no campo esportivo mais amplo, quanto no campo esportivo do futebol, a possibilidade de participação dessas disputas só pode ocorrer se o indivíduo possuir um conjunto de atributos que o permitem acessar legitimamente as disputas de um determinado campo social. No caso do campo esportivo, surge a noção de capital físico e capital corporal, pensados como recursos a serem trabalhados pelos indivíduos para que seja-lhes permitido o acesso e a permanência no campo enquanto um agente.

A demarcação de capital físico envolve as características físicas próprias para o desenvolvimento de uma determinada atividade esportiva. A categoria capital físico limita-se às condições e predisposições físicas aceitáveis para tal modalidade e especialidade no referido esporte. No caso de um jogador de futebol, o jovem pode despertar interesses no mercado por seu biotipo físico e capacidades de adaptação à modalidade (capital físico). A importância do capital físico para o campo esportivo é tão central que Bourdieu chega a comentar que “[...] o capital físico está para o campo esportivo assim como os concursos de beleza e as profissões as quais eles dão acesso estão para o capital físico das meninas.” (BOURDIEU, 1983, p. 147).

Cada modalidade dentro do campo esportivo possui seu tipo de capital físico valorizado. No entanto, é interessante ressaltar que algumas questões perpassam todas as modalidades, logo encontram-se circunscritas no campo esportivo enquanto valores e práticas distintas e distintivas (CORREIA, 2014). Nesse sentido, podemos elucidar a visão dentro do campo de que o esporte é uma agência formadora e um espaço de formação de valores (no seu sentido moral) importante para o desenvolvimento do ser humano.<sup>14</sup> Do ponto de vista moral, o desenvolvimento dessa concepção possui como alicerce principal a identificação e aceitação pelos seus pares da noção de *fair play* dentro da prática esportiva, ou seja, mesmo que o jogo

---

<sup>13</sup> Cabe ressaltar também que os avanços das ideias científicas nos esportes, e a busca por uma racionalização dos métodos, das práticas e dos saberes vem fazendo com que cada vez mais o grupo dos ex-atletas venha sendo criticado como ultrapassados, tradicionais e improdutivos. A percepção existe no campo esportivo do futebol brasileiro hoje é que o esporte enquanto espetáculo rende milhões e seus resultados não podem mais ser buscados por meio de achismos e crenças, mas sim por conhecimentos cientificamente comprovados. Nesse ponto, vem ganhando espaço pesquisas sobre neurociência, psicologia ocupacional e prevenções médicas.

<sup>14</sup> Não somente no Brasil, mas pelo menos em todo o mundo ocidental, podemos perceber a íntima relação entre ações de inclusão social e o oferecimento de atividade físicas, principalmente nas periferias dos países centrais ou em desenvolvimento.

se configure de forma competitiva, a honestidade, a cordialidade, o jogo limpo e o respeito às regras devem ser respeitados.

A percepção desses valores e práticas, o reconhecimento deles como legítimos, o conhecimento das regras e a internalização de um senso prático e uma visão de mundo ligados a elas são condições necessárias para que determinado indivíduo ou grupo seja legitimado no campo esportivo. Juntamente com esses capitais valorizados e necessários ao campo esportivo, outros valores e práticas vêm sendo agregados pela entrada de novos agentes nesse campo e pela conexão dele com outros campos sociais.

Na contemporaneidade percebemos uma aproximação entre o campo esportivo e o campo econômico. Desde o final do século XIX se registra uma comercialização em torno do esporte, porém as possibilidades de transformação e valorização econômica do campo esportivo eram limitadas (HOBSBAWM, 1995). A produção do espetáculo era feita de um modo que poderíamos classificar ainda como “artesanal”, e o consumo daquele produto, por razões técnicas e logísticas, estava restrito ao momento e ao local do evento, fora raras exceções.

As primeiras transformações no campo esportivo e nas suas formas de consumo se iniciaram com a expansão da radiocomunicação ainda na década de 1920. Essa forma de comunicação iniciou como telégrafo sem fio, por volta de 1912. Todavia, com a invenção da modulação se iniciaram as primeiras experiências de radiocomunicação e radiodifusão, que a partir deste ponto ganhou espaço comercial. No final da década de 30 o rádio cobria boa parte dos territórios nacionais e configurava-se como um elemento de comunicação de massa, sendo utilizado inclusive para transmissão da final da Copa do Mundo de 1938 na França.

Na década de 1950, vemos o desenvolvimento de equipamentos e ferramentas que contribuíram para a formação de um encurtamento das distâncias, principalmente pela transmissão dos eventos com imagens. Entre esses elementos podemos citar a criação da televisão via satélite, da televisão a cores, bem como aprimoramento da indústria de aviação civil. A união da ciência aplicada à tecnologia, mas especificamente àquela ligada a circulação de informações e imagens permitiram a consolidação do que hoje chamamos de esporte-espetáculo como evidencia o trecho abaixo:

[...] após 1950, o cenário esportivo americano passou por mudanças significativas, relacionadas à televisão. Até 1950, milhões de americanos nunca haviam visto um jogo de uma grande liga de baseball, de futebol americano ou de basquetebol. Nesta época, menos de 10% das casas construídas nos EUA possuíam aparelhos de televisão que possibilitassem assistir aos grandes grupos esportivos. Nos anos sessenta, esse número cresce vertiginosamente e 94% das famílias americanas possuem um ou mais aparelhos de televisão. Em 1970, [...] um típico final de semana para 20 milhões de americanos consistia em assistir campeonatos de futebol. (PRONI, 2000)

A transformação do campo esportivo com a sua crescente associação com o campo econômico foi possível devido a diversos fatores tais como: o avanço das ciências do esporte, o desenvolvimento dos meios da televisão, o aprimoramento dos transportes, a explosão demográfica verificada no pós-guerra e a relativa disponibilidade de capitais excedentes entre as décadas de 1950 e 1980. Assim, ciência e a tecnologia exerceram um papel decisivo no processo de difusão do esporte e de sua aproximação com o campo econômico.

O desenvolvimento das novas tecnologias surgiu num momento especialmente propício para sua expansão, devido a um aumento significativo da população mundial, em especial aquelas dos países centrais, juntamente com uma elevação da renda das famílias dessas regiões, motivadas pelo período de abundância do pós-guerra (1948-1973) intitulado “anos dourados” (HOBSBAWN, 1995). Com a ampliação do número de pessoas interessadas e com capacidade financeira de acompanhar as competições, possibilitou-se a multiplicação do público e cresceu conseqüentemente, o potencial mercantil do esporte, o que traria mudanças na organização dos torneios e nas próprias regras que dão formato às modalidades esportivas (SOUZA, 1991).

Apesar desse processo ser mais facilmente observado no futebol, caminho similar vem ocorrendo em outras modalidades esportivas como o tênis, o voleibol, o basquete, o automobilismo e o MMA. Isso demonstra como a utilização do esporte como veículo de propaganda vem modificando a mentalidade dos dirigentes e a estrutura das equipes e ligas esportivas, as formas de consumo e pertencimento dos entusiastas e também da própria formação dos atletas profissionais.

No caso do futebol, surgiram novos modelos de gestão que se alinham as regras do mercado capitalista, novos modelos de clubes, voltados exclusivamente para “fabricação de atletas” para os mercados mais valorizados, novas profissões direcionadas à racionalização das estruturas dirigentes do esporte (ex- diretor de futebol) e o aparecimento de uma nova forma de torcedor, caracterizada pelo torcedor-consumidor. No caso do Brasil, o campo futebolístico possui fortes correlações com o campo cultural e com o campo político do país. O futsal é o principal esporte praticado pelos brasileiros e o futebol de campo é uma das principais preferências de entretenimento na população, estando presente em todos os estados brasileiros<sup>15</sup>, seja de forma profissionalizada em clubes ou de forma amadora em várzeas ou escolinhas.

---

<sup>15</sup> Apesar da preferência da população por acompanhar e consumir o futebol de campo, a vertente mais praticada do futebol no Brasil é aquela realizada em quadras e intitulada futsal.

A centralidade conferida ao campo futebolístico no Brasil possui grande influência sobre as representações sociais, identitárias, e até mesmo políticas do país. A importância do futebol para o brasileiro e a sua proeminência sobre os outros subcampos esportivos é tal, que no país quando falamos de esporte, normalmente os indivíduos quase que instintivamente o correlacionam com o futebol. As últimas duas décadas verificaram um desenvolvimento e uma expansão do interesse dos brasileiros por outros subcampos esportivos tais como o vôlei e o basquete, contudo, ainda hoje o futebol é visto pela sociedade como a principal modalidade nacional.

A valorização do campo futebolístico sobre a sociedade brasileira também pode ser verificada pelo prestígio social conferido aos atletas em nossa sociedade.<sup>16</sup> Ser jogador de futebol profissional, mesmo sem auferir grandes fortunas, ainda possibilita aos indivíduos praticantes um *status* diferenciado entre seus pares e na sociedade como um todo.

Aqueles atletas com mais projeção no campo futebolístico muitas vezes conseguem transitar com destaque também pelo campo político, e por outros campos sociais, haja visto o acúmulo de capitais simbólicos<sup>17</sup> conferidos pela nossa sociedade à prática do futebol espetáculo. Nesse ponto, vimos o ingresso de ex-atletas em cargos políticos, a participação em assessoria de ministérios ligados ao esporte, o ingresso em grupos empresariais ligados ao setor do entretenimento, entre outros.

A existência dessa íntima conexão entre o campo futebolístico e a sociedade brasileira evidencia uma combinação entre os códigos do futebol e o contexto cultural brasileiro a ponto de antropólogos e ensaístas como Roberto da Matta (1982, 1994) e Miguel Wisnik (2008) afirmarem que o Brasil se encontra num campo de futebol.

A representatividade do campo futebolístico no Brasil torna esse esporte algo além daquilo que é praticado no gramado. O futebol torna-se o mediador da construção de ideias e dos valores centrais que norteiam o que poderíamos chamar bem genericamente de “a cultura brasileira”. Na construção da identidade brasileira, o futebol aparece como um marcador social, ele “desempenha um importante papel, como princípio aglutinador do ‘povo brasileiro’ na sua constituição como nação” (GASTALDO, 2006, p. 92) e é também uma forma de expressão dessa mesma identidade: “o futebol brasileiro pode (...) dizer algo sobre nós

---

<sup>16</sup> Os atletas e ex-atletas do futebol são aqueles que possuem maior capital simbólico dentro do subcampo, já que são considerados os atores principais para o desenvolvimento do futebol. Todavia, outros membros do subcampo do futebol, também auferem os lucros simbólicos de serem partícipes desse contexto, tais como jornalistas esportivos, cronistas, dirigentes, entre outros.

<sup>17</sup> O capital simbólico é comumente designado como prestígio, autoridade e proeminência dentro de um campo, proveniente do acúmulo dos outros vários capitais (econômico, social, cultural) Sendo assim, o capital simbólico permite que um indivíduo desfrute de uma posição de destaque frente a um campo, e tal proeminência é reforçada pelos distintivos que reafirmam a posse deste capital.

mesmos. Somos, portanto, o país do nosso futebol, dos nossos clubes, torcedores, dirigentes, jogadores e assim por diante” (DAMO, 2002, p. 152). Dessa forma, todos nós brasileiros estamos inseridos em maior ou menor proporção no campo futebolístico e carregamos conosco a internalização dessa “linguagem futebolística” no nosso dia-a-dia.

Esse cenário dá pistas dos motivos pelos quais muitos familiares incentivam seus jovens a praticarem o futebol e a matriculem-nos em escolinhas de futebol. Alguns deles vão mais além e se comprometem a investir tempo demais na formação futebolística, com vistas a se tornarem jogadores profissionais. No entanto, dentro do campo futebolístico, para que esses jovens se insiram profissionalmente é necessário que tenham os capitais futebolísticos considerados legítimos dentro desse campo. São esses capitais que permitem ao jovem acesso aos centros de formação, a construção de vínculos com agentes/empresários e consequentemente a sobrevivência dentro desse campo.

Os capitais futebolísticos<sup>18</sup> constituem um multifacetado leque de disposições físicas, psíquicas e sociais que extravasam a dimensão técnica. Mesmo que a habilidade e o talento sejam considerados dentro do campo futebolístico como importantes, eles estão longe de serem os únicos quesitos que influenciam na manutenção desses jovens no processo de profissionalização. A noção muitas vezes acionada pelo senso comum é de que o mérito técnico é aquele elemento primordial para definição da sorte de um futebolista em formação ou já profissionalizado, quando na verdade outros capitais também se constituem como decisivos nas aspirações profissionais.

Nenhum jovem atleta se converte em profissional sem ser atravessado pelos interesses de uma extensa gama de indivíduos do campo futebolístico que estão no seu entorno, a começar pela própria família, passando pelos torcedores, os críticos especializados, os próprios pares, entre outros. Enfim, há um processamento de relações que os jovens precisam aprender a lidar e que se constitui como tão importante quanto o jogo de futebol em si. É preciso que eles acionem todos os capitais técnicos ligados as habilidades psicomotoras, mas também os capitais sociais ligados as redes de sociabilidade dentro do futebol e a compreensão do funcionamento do campo em que estão inseridos. Desse modo, no campo futebolístico volume de capita corporal é algo determinante para formação, mas não é tudo.

---

<sup>18</sup> Carravetta (2001) identifica como parte dos capitais futebolísticos três traços essenciais: Primeiro a motricidade geral, ou seja, a capacidade para desenvolver habilidades técnicas ao longo dos treinamentos. Além desse, os atributos psicológicos, entre os quais podemos identificar a estabilidade emocional e capacidade de controle das emoções dentro do desenvolvimento da prática esportiva. Por fim, os componentes cognitivos para uma compreensão rápida e apropriada dos acontecimentos que se desenvolvem durante o jogo e no campo futebolístico como um todo.

Num país, no qual a identidade nacional e o futebol caminham juntos e o desejo de ser tornar jogador de futebol atinge uma esmagadora maioria dos jovens e suas famílias, é plausível afirmar que os olhares dos familiares normalmente são enviesados e pressupõem que os “seus meninos” possuem as qualidades técnicas para se tornarem jogadores de futebol. No entanto, no campo futebolístico, a entrada dos jovens nos centros de formação depende de algo além da certeza dos mesmos e de seus familiares acerca da posse do talento. Na verdade como evidencia Damo (2007), a inserção desses jovens no processo de profissionalização está ligada ao reconhecimento do talento por olhares externos que possuam legitimidade e redes construídas dentro do campo futebolístico e que construam sobre esses jovens elogios, e encaminhamentos para a profissionalização. Diante disso, as carreiras nos centros de formação e as construções dos projetos familiares no futebol se iniciam quando os desempenhos diferenciados são percebidos por outros.

Nesse ponto, cabe ressaltar que aqueles que conseguem se profissionalizar são os indivíduos que conseguem manipular de forma mais ou menos exitosa os diversos capitais futebolísticos valorizados dentro do campo. Isso quer dizer que eles precisam possuir as habilidades técnicas e táticas necessárias para entrar nos centros de formação do campo futebolístico, mas ao mesmo tempo para galgarem os degraus dessa formação precisam capilarizar suas redes de sociabilidades<sup>19</sup> através do contato e aproximação com os indivíduos proeminentes do campo. Além disso, também tem que desenvolver habilidades psíquicas e cognitivas que permitam a eles incorporar as regras do campo para que muitas vezes possam antever situações e respondê-las com comportamentos esperados pelos agentes pertencentes a esse campo.<sup>20</sup>

O atleta em formação e a sua família no processo de elaboração do projeto futebolístico precisam então manipular esses capitais de acordo com os ditames do campo do futebol e do mercado. Isso requer um conhecimento, muitas vezes pouco preciso, sobre o

---

<sup>19</sup> Dentro dessas redes de sociabilidade temos a figura do empresário. Ter um agente/empresário é importante no campo futebolístico devido ao poder que esses indivíduos têm de posicionar seus agenciados em determinados clubes de destaque ou reinseri-los em centros de formação mesmo depois de terem sido excluídos do processo de profissionalização. Possuir um empresário significa um grau de distinção no campo e não possuí-los ou se relacionar com aqueles de má reputação é um fator de desprestígio no campo e podem significar que os capitais futebolísticos daquele jovem não são bem reconhecidos

<sup>20</sup>Um dos vários tipos de exemplos de comportamento esperado dos atletas pode ser elencado na relação entre o jogador, torcida e o clube. É sabido entre os jogadores que os torcedores dos clubes valorizam e esperam empenho e garra dentro do campo. A torcida até tolera um jogador fraco em habilidades técnicas, mas jamais aceita um jogador que faz corpo mole ou que se acostume com a derrota. Por isso, os atletas entendem que dentro desse campo precisam exercer uma performance que evidencie ou pelo menos teatralize a entrega, caso contrário suas chances no campo futebolístico podem se ver seriamente afetadas.



funcionamento do mercado esportivo e, conseqüentemente, das reais chances de alcançar de sucesso nessa aposta.

O mercado futebolístico é o ambiente social ou virtual que é elemento constitutivo e constituinte do campo futebolístico, propício às condições para a troca de bens, serviços e performances atléticas, com vista à transformação dessas em produtos econômicos. O mercado futebolístico se caracteriza pela inserção de atletas profissionalizados de alto rendimento em um ambiente competitivo caracterizado por eventos esportivos regulares e estáveis que cada vez mais dependem do capital econômico para transformar o esporte em um produto de consumo e de retorno financeiro para seus patrocinadores e investidores através da exposição midiática, do marketing e da publicidade (PRONI, 2000, BOURDIEU, 1998, 2007). Esse mercado esportivo é uma estrutura dinâmica, suas mudanças impactam diretamente nas relações de trabalho e na formação dos atletas. Os atletas em formação são a futura mercadoria que abastecerá os consumidores ávidos por performances atléticas nesse campo.

O mercado esportivo mundial não é homogêneo, diferindo significativamente de uma modalidade para outra. No caso do futebol, a consolidação desse mercado dentro do campo futebolístico foi possível através de grandes transformações sentidas a partir das mudanças realizadas na Federação Internacional de Futebol Association (FIFA) com a chegada de João Havelange a presidência em 1974. A partir daí Havelange transformou a lógica do futebol ao modernizar a instituição e permitir a entrada maciça de capitais, patrocínios, marketing e televisão (ALVITO, 2006; SMIT, 2007).

Sua atuação empresarialmente agressiva e bem-sucedida transformou o futebol em um meganegócio e fez com que essa nova configuração de mercado alcançasse praticamente todos os países inseridos nesse campo futebolístico, inclusive o Brasil. Isto ficou claro na associação da FIFA à grandes empresas multinacionais, como a Adidas e a Coca-Cola, parceiras da entidade desde meados da década de 1970. Juntamente com isso, a FIFA procurou internacionalizar e fortalecer sua marca, expandindo a modalidade no mundo através da aceitação de novas federações e da criação de novas modalidades a partir do futebol. A partir desse momento, numa escala progressiva, o futebol foi se transformando numa mercadoria altamente lucrativa, vendável e desejada. Sua política de mercantilização/expansão do futebol desenvolveu-se amparada num cenário que muitos historiadores têm caracterizado como a década-chave na formação de uma comunidade global, quando justamente se interconectam diversos agentes que até então apareciam como distantes ou separados. Nessa conexão, chama a atenção o impacto que as agências não

governamentais – entre elas, a FIFA – tiveram no processo de constituição dessa sociedade internacional que expandiu os fluxos de capitais e “derrubou” as fronteiras dos estados nacionais.

Para compreender as características do mercado futebolístico brasileiro a luz das transformações mundiais, e conseqüentemente os caminhos e chances de profissionalização dos atletas, foi necessária a realização de recortes arbitrários e categorizações que possivelmente deixarão de fora alguma dimensão de análise. Contudo, essas sistematizações são necessárias para criar algum tipo de panorama do mercado futebolístico hoje. Entre os indicadores eleitos na pesquisa para mensurar o mercado futebolístico, estão: postos de trabalho, remuneração dos atletas, acesso a patrocinadores, exposição da imagem, competições, número de praticantes/consumidores. A utilização desses indicadores está balizada nas discussões realizadas por Proni (2000), Helal (1997), Smit (2007) quando, de forma direta ou indireta, os autores dissertam sobre a importância desses elementos no processo de conexão entre o campo esportivo e o campo econômico.

As pressões de um novo contexto internacional incentivadas pela FIFA, somadas a percepção dos dirigentes sobre uma crise do futebol nacional impulsionaram mudanças orientadas pela visão do lucro através de estratégias de marketing profissionais e a reestruturação dos campeonatos e do calendário na busca de novos nichos econômicos, tanto no mercado interno quanto nos mercados latino-americano e internacional.

O processo de modernização com muitas idas e vindas e de disputas dentro do campo esportivo do futebol nacional acabou se consolidando a partir dos anos 2000, tendo à frente tanto a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) quanto a emissora Globo de televisão. Essas duas entidades estabeleceram para 2003 um novo modelo de disputa do campeonato nacional e do calendário Brasileiro do futebol com vistas a tornar mais atraente, organizada e segura a transmissão das partidas de futebol.<sup>21</sup> Dessa forma, o calendário buscou tornar possível que todos os times das séries A, B, C e D disputassem campeonatos ao longo do ano todo de fevereiro até dezembro, expondo mais ainda esses times na mídia e mantendo seus torcedores em frente aos televisores ou nas arquibancadas, mesmo quando esses já não mais disputavam os títulos.<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup>Quando digo mais seguras, estou me referindo á certeza de que os campeonatos não mudariam suas regras no meio da competição e nem que o modelo de disputa fosse alterado de um ano para o outro.

<sup>22</sup> Até 2002 o campeonato brasileiro era disputado em turno único de agosto a dezembro, sendo que a partir de meados de novembro somente os oito melhores times continuavam na disputa pelo sistema de mata-mata. Isso fazia com que os outros times do campeonato entrassem de férias ainda antes de dezembro. Esse formato tornava-se prejudicial tanto para os clubes que perdiam em bilheteria e exposição de imagem quanto para a emissora de televisão que via seu público cair ao final da disputa em algumas regiões do país.

No Brasil, ao tentar implantar o modelo inglês, a intenção também era transformar o torcedor em consumidor, ou seja, massificar o esporte através da lógica do torcedor-consumidor. No primeiro campeonato sob o novo modelo inspirado na Inglaterra, a emissora Globo injetou 400 milhões de reais, valor muito superior ao contrato de 150 milhões de reais de 2002. Ao longo dos anos esses valores foram subindo substancialmente até que em 2015 as cifras chegaram ao montante de 1,6 bilhões de reais. Para os próximos contratos do triênio (2018-2021) é previsto um aumento de 15% nesses valores, se aproximando da marca de 2 bilhões de reais.<sup>23</sup>

Com o advento da internet de alta velocidade a partir da segunda metade dos anos 2000 e o aparecimento da web 2.0, a rede mundial de computadores se tornou também um grande espaço para a fidelização de torcedores e oferecimento de conteúdos relacionados ao futebol e a “vida cotidiana” do clube. Na esteira desse processo os clubes vêm produzindo novas formas de obter recursos, principalmente, com a criação de canais mantidos pelas agremiações e a transmissão dos jogos em streaming.<sup>24</sup> A escalada desses valores traduz, primeiramente, o sucesso que o produto futebol conseguiu ao longo desse período. Como dito, a racionalização dos campeonatos que, de forma mais enxuta e ao longo do ano todo, possibilitaram jogos mais competitivos entre as equipes atraindo mais interessados pelos certames. Além disso, o próprio desenvolvimento da economia brasileira no período entre 2003 e 2014 também favoreceu o fortalecimento dos campeonatos nacionais (BRASIL, 2010)<sup>25</sup> e, conseqüentemente, dos clubes brasileiros, que puderam pagar melhor seus jogadores e bloquear pelo menos em, alguns casos, a migração de jogadores rumo à Europa e a outros mercados.

O aumento da audiência nesse período levou a um maior interesse dos patrocinadores em expor suas marcas nas camisas dos clubes. A escalada dos valores de patrocínio pelos clubes galgou importantes degraus nesse período até chegar, atualmente, à impressionante marcada de 543 milhões de reais somando os 27 principais clubes do Brasil em 2016.<sup>26</sup> Devido a crise econômica verificada no Brasil desde 2014, esses valores sofreram ligeira queda no ano de 2017, visto que muitos patrocinadores resolveram sair do futebol por conta das dificuldades financeiras, como foi o caso da Vitton 44 (ITAU, 2016).

---

<sup>23</sup>Todos esses valores dizem respeito a comercialização da televisão aberta, da televisão fechada e dos pacotes de pay-per-view.

<sup>24</sup>*Streaming* é uma forma de distribuição de dados, geralmente de multimídia em uma rede através de pacotes. É frequentemente utilizada para distribuir conteúdo multimídia através da Internet. São exemplos desse conteúdo o Netflix e o Youtube.

<sup>25</sup>Dados obtidos em: [http://www.fazenda.gov.br/divulgacao/publicacoes/economia-brasileira-em-perspectiva\\_pt\\_ed\\_especial\\_2010.pdf](http://www.fazenda.gov.br/divulgacao/publicacoes/economia-brasileira-em-perspectiva_pt_ed_especial_2010.pdf) em 08/01/2014.

<sup>26</sup>Dados obtidos em <http://pt.slideshare.net/cassiozipa/anlise-dos-clubes-brasileiros-2016-ita-bba> em 10/10/2016.

As transformações econômicas, gerenciais e culturais enfrentadas pelo futebol no Brasil, ao longo do fim da década de 1980, 1990 e, principalmente, nos anos 2000 fizeram emergir um mercado esportivo pujante e conectado ao mercado esportivo mundial do futebol. No país, considerando outras modalidades esportivas, podemos dizer que o futebol de campo possui um mercado esportivo consolidado, que por meio do aprofundamento da sua profissionalização, vem abrindo mais postos de trabalho indiretamente relacionados a esse esporte. Nesse aspecto, podemos mencionar analistas esportivos, profissionais da saúde no esporte, indivíduos responsáveis pelas gestões de carreira, dirigentes profissionais e, até mesmo, pesquisadores recrutados para desenvolver estudos sobre antropologia do consumo e mercados consumidores.

Mesmo que não seja possível para as pessoas compreender toda a estruturação do campo futebolístico e os processos nos quais ele se estrutura, é perceptível para os indivíduos compreender que o futebol não é mais apenas uma forma de lazer, é também uma forma de emprego, de colocação no mercado de trabalho e de obtenção de status social, tais como algumas profissões consagradas. Por isso, o desenvolvimento desse mercado futebolístico, ajuda a explicar o aumento do número de famílias e jovens que enxergam o futebol como uma promessa profissional e o jogador de futebol como um personagem dotado de prestígio e distinção (DAMO, 2007). Cabe ressaltar, que o desenvolvimento desse mercado não expandiu significativamente os postos de trabalho ligado aos pés-de-obras, mas sim que ele difundiu uma imagem de positiva e glamourizada da profissão e dos possíveis ganhos obtidos com ela.

Com relação aos postos de trabalho diretamente relacionados a prática do futebol, ou seja, jogadores, a FIFA e a CBF, evidenciam que o Brasil possui hoje aproximadamente 1.000 clubes registrados como profissionais e outros 500 como sendo amadores<sup>27</sup>; se formos pensar que cada clube integra em seu elenco cerca de 30 atletas para as competições anuais, chegaremos a aproximadamente 45.000 postos de trabalho formais para os atletas de futebol do Brasil. Apesar do número, destaque-se que muitas são não remuneradas e há de se perceber que o número de atletas registrados na CBF é muito grande, chegando perto dos 2,1 milhões de pessoas e maior ainda se pensarmos nos 11,2 milhões de atletas não registrados que compõem o circuito amador nacional.<sup>28</sup>

A distribuição desses campeonatos ao longo do ano e pelas cinco regiões brasileiras não se constitui de forma homogênea. A maioria dos clubes está excluído dos campeonatos mais

---

<sup>27</sup>Dados obtidos em [http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-numero-de-clubes-e-jogadores#.V\\_5HyugrLIU](http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-numero-de-clubes-e-jogadores#.V_5HyugrLIU) em 12/10/2016

<sup>28</sup> Dados obtidos em <http://pt.fifa.com/associations/association=bra/countryInfo.html> em 10/01/2013.

valorizados tais como o campeonato brasileiro das séries A e B, da Copa Libertadores, da Sul-americana e da Copa do Brasil. Para esses restam essencialmente os campeonatos estaduais e os regionais tais como Copa Verde e Copa do Nordeste que duram essencialmente os quatro primeiros meses do ano. Para uma minoria de aproximadamente 100 a 120 clubes existem possibilidades de disputa de campeonatos e exposição (mesmo que pequena) durante o ano todo principalmente pela participação no campeonato brasileiro de uma das quatro divisões.

Apesar do número reduzido de clubes que possuem competições para participar o ano todo, é inegável que o bombardeamento da população por performances futebolísticas ocorre de fevereiro a dezembro. Essa situação de alguma forma incentiva e estimula jovens e adultos a se engajarem na prática do futebol, nas suas mais variadas vertentes e a mantê-los imersos nessa cultura esportiva. Devido a essas cifras milionárias, pela possibilidade de exposição, pelos patrocínios e pela crença difundida nas mídias sobre o jogador profissional bem pago, a grande maioria dos aspirantes a atletas encara nesse mercado a possibilidade de ascensão social desde que se tenha habilidade, e mérito pessoal. A percepção da prosperidade para alguns, principalmente, pelo bombardeamento feito pela mídia em divulgar os casos de sucesso e fechar os olhos para os casos de fracasso, cria na cabeça dos aspirantes a noção de que é plenamente possível alcançar o sucesso. Desse modo, muitos buscam desde cedo serem selecionados nos recrutamentos em centros de formação para que possam tentar um lugar nesse mercado reconhecido como competitivo, mas que, no imaginário social, recompensa bem aos seus vitoriosos.

### **1.2– Ser atleta e suas implicações.**

Na última publicação do ano de 2015 da Revista Forbes<sup>29</sup> das 100 maiores celebridades mundiais foi constatado que 35 pessoas da lista eram atletas. Ainda em outro ranking, dessa vez das 50 celebridades mais bem pagas constavam 20 atletas. Em ambos os rankings além dos atletas, estavam atores, músicos, diretores e produtores, personalidades, estrelas da TV, entre outros. Isso demonstra o poder que o esporte possui no cenário econômico e midiático mundial. É verdade que a maioria dos atletas da lista pertence à esportes como golfe, basquete, automobilismo e futebol (em especial, participantes das ligas profissionais norte-americanas).

---

<sup>29</sup> Ver em [http://www.forbes.com/lists/2010/53/celeb-100-10\\_The-Celebrity-100.html](http://www.forbes.com/lists/2010/53/celeb-100-10_The-Celebrity-100.html), acessado em 25 de abril de 2011.

Esses dados corroboram aquilo que foi evidenciado na seção anterior, ou seja, o esporte é responsável por movimentar, na economia mundial valores elevados, em torno de US\$ 1 trilhão, sendo os Estados Unidos o país que lidera esse ranking, gerando cerca de US\$ 200 bilhões por ano. No Brasil, o valor investido anualmente é cerca de R\$ 40 bilhões. Desse montante, a maioria é movimentada pelo futebol com mais R\$ 18 bilhões<sup>30</sup>. Com esses números, compreende-se a importância do esporte, sendo um potente gerador de empregos diretos e indiretos.

O cenário trabalhado, do ponto de vista cultural e econômico, dá pistas dos motivos pelos quais muitos jovens atletas se comprometem a privilegiar o investimento no tempo da formação esportiva, ao invés de investirem esse mesmo tempo em outras atividades formativas como, por exemplo, a escola. Além disso, também permite compreender o porquê de jovens abdicarem dos seus lares e do convívio com seus familiares para se profissionalizarem no esporte. Essa conjuntura de valorização dos atores do esporte e da transformação da prática esportiva numa promessa profissional vem se intensificando nas últimas décadas, como foi dito anteriormente. Esses fatores incidem diretamente sobre a exposição desses eventos esportivos nas mídias visuais, escritas e digitais, arregimentando cada vez mais fãs para diversas modalidades e alçando esses atletas à posição de ícones *pop's* dessa cultura globalizada. Dessa forma, tornam-se exemplos para os mais novos e "molas propulsoras" para o desejo de entrada de muitos deles no circuito esportivo de alto rendimento (PRONI, 2000).

A percepção da possibilidade de obtenção de capital econômico e social atrai, rapidamente, muitos jovens para o esporte na tentativa de profissionalização. Esse fato muitas vezes é incentivado pelos pais e pela sociedade como um todo que percebem o esporte como um ambiente de formação. Contudo, a relação entre a prática esportiva de alto rendimento no Brasil e o desenvolvimento de outras atividades paralelas a ela não evidencia um caminho completamente tranquilo. No que tange, por exemplo, a relação entre a formação no esporte e a escolarização, estudos realizados sobre o tema apontam de forma geral, para um cenário de concorrência e conflito (pelo menos parcial) entre o esporte de alto rendimento e escolarização, impondo, dependendo da modalidade esportiva, escolhas aos jovens no momento de conciliar as duas atividades. De fato, a concorrência entre as demandas de tempo para o esporte de alto rendimento e para a escola é muito comum no discurso dos jovens em dupla-carreira.

---

<sup>30</sup> Ver em <http://quest1.jb.com.br/jb/papel/economia/2003/06/08/joreco20030608007.htm01>, acessado em 27 de abril de 2011.

Responder de forma eficiente às exigências escolares e do esporte de alto desempenho é uma tarefa desafiadora para os jovens que optam por trilhar esse tipo de caminho. As exigências crescentes de desempenho atlético nos esportes colocam sobre esses jovens atletas um tipo de dilema entre escolher a maximização do potencial atlético e, ao mesmo tempo, ter acesso a um tipo de educação acadêmica satisfatória para uma carreira pós-atlética (WYLLEMAN *et al*, 1999). Esse dilema depende dos contextos culturais e das oportunidades oferecidas em cada sociedade.

Isso ocorre porque o clube e as instituições de ensino se formaram em nosso país como agências independentes, não integradas, que tomaram para si papéis distintos, ou seja, a escola, dentre as várias funções que assumiu, centrou-se na tarefa de formar as novas gerações para o mercado de trabalho e para a vida cidadã; o clube, por sua vez, assumiu a tarefa de formar e selecionar jovens talentos esportivos para o mercado esportivo (ROCHA *et al*, 2008). Na Europa, Guidotti *et al* (2015), através da análise de extensa bibliografia, também identificou que a estruturação do esporte de alto rendimento era nesse continente centrado, principalmente, nos clubes e a margem das escolas, provocando um problema na conciliação entre as duas atividades. No entanto, diferentemente do Brasil, parte desses países europeus constroem uma discussão e uma elaboração de políticas públicas sobre esse tema a mais de 30 anos.

Um dos principais trabalhos foi feito por Metsä-Tokila (2002), ao realizar uma revisão que analisou como o esporte competitivo tornou-se parte dos sistemas de educação da extinta União Soviética na década de 1960, 1970 e 1980, da Suécia e da Finlândia, a partir da década de 1980. O autor afirma que alguns poucos atletas, ao final da carreira esportiva, tentam se inserir no mercado esportivo como treinadores, agentes, gestores ou comentaristas esportivos. Porém, ao encerrar a carreira no esporte, a maioria tende a buscar inserção em outras profissões, que, em geral, exigem capital cultural institucionalizado<sup>31</sup> (Bourdieu, 1998). Isso indica que a formação acadêmica se torna uma estratégia fundamental para os atletas terem outras oportunidades de inserção no mercado de trabalho, considerando-se que as possibilidades de aproveitamento do capital esportivo ou da experiência como atleta em outros campos profissionais são limitadas. Metsä-Tokila (2002) demonstra que o debate, sobre a combinação da formação esportiva e a escolar, vem sendo construído, efetivamente, a muitos anos na Europa e sugere que o dilema deve ser enfrentado a partir da flexibilização da

---

<sup>31</sup>Utilizaremos a ideia de capital cultural como o desenvolvimento de competências conferidas pela escola (Bourdieu, 1998). Por sua vez, o capital físico é desenvolvido a partir dos treinamentos específicos para o campo esportivo profissional (McGillivray and McIntosh, 2006).

grade curricular e dos períodos de realização de provas, devido à participação dos atletas tanto em treinos quanto em competições. No entanto, se o princípio parece lógico, os autores evidenciaram que a implantação desses projetos encontrou entraves ao longo do tempo, seja nas políticas governamentais, no financiamento ou na cultura das próprias escolas que aderiram aos projetos.

Na Dinamarca, Christensen e Sørensen (2009) explicitam a construção de uma política pública, centralizada no “*Team Danmark*”, instituição responsável pelo desenvolvimento do esporte de elite. No caso dessa instituição, a possibilidade encontrada para conciliar o esporte e a educação foi a flexibilização do currículo escolar, proporcionando aos atletas de elite menos horas de aula por semana e mais tempo para dedicação aos treinamentos. Assim, os três anos de ensino secundário passam a ser realizados em quatro. O ensino médio nesse programa prevê a distribuição dos conhecimentos e disciplinas ao longo de quatro anos para a redução da carga horária semanal dedicada a escola. Todavia, esse programa não foi difundido por toda Dinamarca, restringindo-se a poucas cidades e atendendo apenas uma parte dos atletas. No estudo foram realizadas 25 entrevistas com atletas de futebol participantes de programas oficiais de treinamento, com idades entre 15 e 19 anos. Entre os resultados, Christensen e Sørensen (2009) apontam que cada atleta assume de maneiras diferentes a pressão existente entre os campos da formação escolar e da formação profissional no esporte, o que não diz muito sociologicamente.

Analisando os estudos realizados por McGillivray e McIntosh (2006), Emrich *et al* (2009), Petry *et al* (2008) e Stambulova e Alfermann (2009) é possível perceber que na Europa assim como acontece no Brasil a crença na mobilidade social proporcionada pelo esporte (sobretudo o futebol) é referida como um dos fatores determinantes para os indivíduos queiram ingressar na carreira esportiva. Diante de um cenário sedutor e atrativo do esporte, os autores europeus denunciam um cenário que até 2009 não contava com uma política consolidada na União Europeia acerca dos mecanismos de conciliação dos atletas em dupla carreira.<sup>32</sup> Desse modo, até 2009 existiam desde países com medidas institucionalizadas como é o caso da Dinamarca até países com ausência total de políticas para esses atletas em formação.

Na Irlanda, por exemplo, o trabalho de Bourke (2003) traçou as características da indústria do futebol desse país. Além da precária estrutura dos clubes formadores, a autora

---

<sup>32</sup> Cabe ressaltar que no momento das pesquisas realizadas por esses autores realmente ainda não havia uma política para o esporte, concebendo-o como uma atividade análoga ao trabalho na União Europeia. Esse cenário só mudará em 2009 com a assinatura do Tratado de Lisboa.



destaca a influência negativa dos dirigentes e treinadores desses clubes por não se conformarem com a obrigação de manter os atletas na escola. Esses dirigentes afirmam que a dedicação ao esporte deveria ser integral, pois, os atletas recebem para isso e, muitas vezes, a escola se torna um empecilho ao desenvolvimento esportivo (Bourke, 2003). Posição parecida pode ser verificada em estudos realizados por Henriksen *et al* (2010), Capranica e Millard-Stafford (2011) ao evidenciarem que o esporte é considerado um fim último, bem como o aspecto mais importante para treinadores e gestores esportivos. Nesse sentido, a escola é muitas vezes vista como uma rival em tempo para o desenvolvimento das atividades esportivas. Além disso, tais estudos também denunciaram países como a própria Irlanda, Grécia, Escócia, Portugal entre outros que não oferecem uma estrutura mínima para o desenvolvimento da dupla carreira.

Diante de um cenário europeu bem heterogêneo, no qual alguns países possuem políticas de conciliação<sup>33</sup> da dupla carreira consolidada e outros em que esse problema ainda nem foi identificado, a União Europeia através de seus órgãos administrativos e comitês de governança vem desenvolvendo esforços para atender as demandas específicas dos atletas de alto rendimento em seu processo de escolarização. O início desse processo ocorreu através do relatório do *European Council's Declaration on Sport* de 2008 (Bruxelas, Bélgica), que baseado numa extensa literatura pregressa indicou as dificuldades de conciliação entre esporte e escolarização dos atletas. A partir desse documento foi elaborado o *EU Guidelines on Dual Careers of Athletes Recommended Policy Actions in Support of Dual Careers in High-Performance Sport* (2012) orientando os estados membros da UE a garantirem aos estudantes atletas formação educacional e esportiva de qualidade. O problema que desejavam atacar era a redução do número de atletas que abandonavam a escola, universidade ou esporte.

As diretrizes apontavam para a necessidade de centros de formação esportiva de qualidade e para a construção de mecanismos que garantissem a permanência dos estudantes atletas nas escolas e nas universidades. A intenção da orientação dessa política era garantir o desenvolvimento moral, educacional e os interesses profissionais dos estudantes atletas. Outra preocupação das diretrizes do *Guidelines* (2012) era a gestão da pós-carreira dos atletas. Os atletas precisavam de ferramentas para ingressar no mercado de trabalho após o final de suas carreiras esportivas. A baixa capacidade de reconversão profissional do ex-atleta para o mercado de outras profissões e dentro do esporte preocupava os formuladores dessa política

---

<sup>33</sup> Entre os países que possuem uma política de formação esportiva consolidada temos: Dinamarca, Suécia, Alemanha, França, Inglaterra, Espanha e Holanda.

na União Europeia. Tal política procurava preservar as possibilidades do desenvolvimento dos talentos esportivos e, ao mesmo tempo, garantir uma educação de qualidade.

Partindo do pressuposto de que a proteção ao atleta é questão essencial para o desenvolvimento da carreira esportiva e escolar, os membros do Parlamento europeu assinaram em 2009 o Tratado de Lisboa<sup>34</sup> que entre outras coisas procurou estabelecer políticas de desenvolvimento para o esporte, emprego e a juventude (GIDOTTI *et al*, 2012). A partir desse tratado vemos um esforço da comunidade europeia e seus países membros em encorajar diálogos entre os órgãos esportivos e educacionais para construção de currículos flexíveis e inserções dos atletas pós-carreira esportiva nos mercados de trabalho. Com relação, as ações públicas, o Tratado de Lisboa definiu as bases para as políticas de trabalho que incluíram os jovens e também os atletas criando dispositivos legais que forcem os Estados-nação e os clubes a construírem uma legislação própria para lidar com a situação de dupla carreira as quais muitos jovens estão inseridos.

Enquanto na comunidade europeia a situação da dupla carreira se consolida cada vez mais como uma agenda política para adequar a formação esportiva dos clubes com a formação educacional nas escolas, no Brasil essas ações ainda engatinham.

Em nosso país, historicamente as instituições esportivas e escolares estabeleceram pouca ou nenhuma comunicação entre si. Além disso, os desafios da dupla-carreira foram desconsiderados pelos legisladores e pela sociedade como um problema relevante da nossa juventude e do nosso esporte, fazendo com que ações de conciliação e reinserção de atletas em áreas fora do esporte fossem praticamente nula (SOARES *et al*, 2009). Com isso, os atletas-alunos das modalidades esportivas no Brasil precisam enfrentar uma realidade concorrência entre dois tipos de formações, que não possuem objetivos finais que não se integram, a saber, a profissionalização no esporte e a escolarização para o mercado de trabalho ordinário. Essa realidade torna difícil a adequação de suas rotinas e o comprometimento completo nas suas atividades.<sup>35</sup>

Os estudos realizados desde 2007 pelos pesquisadores (SOUZA *et al*, 2008; MELO, 2010; ROCHA, 2013; CORREIA 2014; ROMÃO, COSTA, SOARES, 2011; SOARES *et al*,

---

<sup>34</sup>O Tratado de Lisboa (inicialmente conhecido como o *Tratado Reformador*) é um tratado que foi assinado pelos Estados-membros da União Europeia (UE) em 13 de dezembro de 2007, e que reformou o funcionamento da União em 1 de dezembro de 2009, quando entrou em vigor. Ele emenda o Tratado da União Europeia (TUE, *Maastricht*; 1992) e o Tratado que estabelece a Comunidade Europeia (TCE, *Roma*; 1957).

<sup>35</sup> Jovens trabalhadores do mercado ordinário que também precisam estudar possuem um dilema parecido com aqueles enfrentados pelos jovens atletas, contudo para os primeiros existem algumas legislações que tipificam a atividade dele enquanto trabalho e, por isso, garante-lhes direitos e proteções. No caso dos atletas não há consenso se a atividade esportiva é considerada trabalho. Isso faz com que as garantias de proteção dada aos jovens trabalhadores não se aplique a eles.

2011; COSTA, 2012) do Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC) evidenciaram que no Brasil as condições de conciliação entre o esporte e a escola podem variar significativamente de uma modalidade para outra. A questão principal, nesse aspecto, é que cada modalidade possui sua própria estrutura de funcionamento, ou seja, um campo esportivo do futebol, outro do turfe, outro do vôlei e assim por diante. Isso influencia diretamente na rotina desses jovens e na construção dos projetos esportivos e escolares.

No caso do futebol brasileiro, espaço no qual os atletas deste estudo estão inseridos, a formação nas categorias de base obedece a uma estruturação intitulada por Damo (2007) como “formação à brasileira”. Nela os clubes de futebol priorizam a formação esportiva em detrimento da formação escolar. O autor evidencia que essa valorização das atividades físicas causa a acumulação de capitais futebolísticos por parte dos atletas através de extensos treinamentos que desde a entrada na primeira categoria de base até o primeiro jogo como profissional podem chegar por estimativa a mais de cinco mil horas no Rio Grande do Sul, e no Rio de Janeiro a declaração dos atletas mostraram superar as seis mil e duzentas horas de atividades (MELO, 2010, p.26). Esse acúmulo de treinamentos visa "lapidar" o talento dos jovens atletas, como se referem os treinadores das divisões de base e os preparadores físicos. No estudo de SOUZA *et al* (2008) os autores evidenciaram que esse modelo de formação que prioriza os capitais futebolísticos em detrimento aos escolares cria a longo prazo uma dificuldade futura de reinserção desses indivíduos no mercado ordinário de trabalho caso o projeto esportivo não obtenha sucesso.

A “formação à brasileira”, quando comparada a modelos de formação esportiva de outros países, possui a liberdade para formar sem priorizar a conciliação com a agenda escolar (DAMO, 2005). Essa configuração de alta concorrência entre os tempos de formação escolar e os tempos de formação esportiva de alto rendimento requer um alto custo social dos atletas e esses altos custos não necessariamente coincidem com o sucesso esperado no esporte. Segundo estudos de Mateos, Torregrosa e Cruz (2010) e a necessidade de conciliar as duas atividades (esporte e escola) pode levar a preocupações pessoais altas, dificuldades acadêmicas, estresse e impacto menor nos esportes. Esses estudos, juntamente com outros realizados por Correia (2011), Rocha (2013), Romão, Costa e Soares (2011) e Rial (2010) apontam que a carga horária recrutada pelos treinamentos esportivos ainda pode aumentar devido a necessidade de deslocamentos entre o local de residência, o clube a escola.

Os custos solicitados pela necessidade de tempo livre para praticar o futebol, somam-se aos custos financeiros provenientes da necessidade de pagar passagens, alimentação, materiais específico do treino e ainda uma permissão de ingresso tardio do talento no mercado de

trabalho (moratória social alta). Além disso, a intensa carga horária destina ao futebol, principalmente nos turnos da manhã ou da tarde, acaba tornando a rotina escolar desses atletas muito difícil, pois muitos chegam as escolas extenuados e possuem pouco tempo para desenvolver atividades educacionais em casa. Com isso, vemos que muitas vezes o desenvolvimento desse modelo de formação futebolística à brasileira acarreta no atleta uma rotina de treinos intensa, com o subaproveitamento da escola, e um esgotamento do físico e do tempo do indivíduo devido as atividades corporais e aos deslocamentos.

Ao estudar o cotidiano dos atletas em formação no futebol do Rio de Janeiro Melo *et al* (2016) verificou que os jovens atletas das categorias de base permaneciam tanto ou mais tempo na escola do que os alunos não atletas do mesmo Estado. Todavia, essa dedicação era realizada por estratégias e ações que permitiam o descumprimento das normas regulares do sistema escolar, facilitando a permanência e a progressão dos jovens atletas pelas séries escolares. Nesse ponto, cabe destacar que a pesquisa verificou que, em determinada faixa etária, os atletas realizam progressiva migração para o ensino noturno na medida em que iam avançando rumo à profissionalização. A justificativa dada pelos atletas baseava-se na ocupação cada vez maior da rotina diária com o futebol, tornando necessário alocar a escola no único tempo não requisitado ostensivamente pelo esporte durante a semana, ou seja, o turno da noite.

A secundarização da formação escolar na rotina dos atletas também pode ser verificada nos estudos realizados por Correia (2014), Klein (2014), Da Conceição (2015) e Melo *et al* (2016) ao evidenciarem que os clubes adéquam os turnos de estudo dos atletas de acordo com o turno do treino e não ao contrário. Desse modo, em situações extraordinárias nas quais, o atleta precise treinar em tempo integral, a única alternativa aventada pela agremiação esportiva é o deslocamento do atleta para o turno da noite.

A situação descrita evidencia que o *laissez-faire* ao qual convivemos na formação futebolística dos jovens permite aos clubes, mas também a esses indivíduos e suas famílias operarem com estratégias próprias – e com pouca intervenção legal – para flexibilizarem uma das duas rotinas, que nos casos analisados majoritariamente era a rotina escolar.

A trajetória pela formação de base no futebol é árdua, irregular, muitas vezes incerta e exige custos dos atletas e das famílias por um longo período de tempo, sem que haja a certeza da profissionalização do indivíduo. Caso essa profissionalização se concretize, a vida como atletas profissional também não significa o enriquecimento e a tranquilidade de uma carreira estável e linear.

A profissão de jogador de futebol é atípica, a começar pelo curto período de atividade de seus trabalhadores, quando comparados com outros trabalhadores do mercado ordinário ou até mesmo de outros esportes. Em média um jogador de futebol brasileiro possui entre 13 anos de atividade profissional<sup>36</sup> no futebol (AMARAL *et al*, 2014; DAMO, 2007) e uma entrada precoce na formação futebolística, em muitos casos anterior aos 12 anos de idade (SOARES *et al*, 2011). Com isso não é surpresa que a maioria desses atletas esteja no seu auge profissional no momento em que a maioria dos trabalhadores se encontra no processo de capacitação, isto é, entre os 22 a 25 anos de idade.

Além da especificidade sobre a entrada na carreira e a duração da mesma, temos também a configuração de um ofício que possui uma temporalidade própria. O tempo de trabalho do jogador é bem diferente e específico se comparado as outras profissões, no qual ele pode ser marcado e medido. No caso do atleta, futebol torna-se quase uma instituição total que regula todos as demais atividades da vida dele. O jogador então não pode ter sua vida delimitada em momentos distintos da casa, do trabalho, da família, já que ele pode ser a qualquer momento recrutado pelo clube para cumprir determinada função, que está alheia a sua vontade. Essa realidade enfrentada pelos atletas profissionais também é reproduzida nos centros de formação de atletas e acaba capitalizando para o futebol um monopólio do tempo dos indivíduos frente às possibilidades de outras atividades.

A ausência da contagem do tempo também é acompanhada pela ausência de liberdade para dividir o seu tempo como ele realmente quer, e que acaba agravando-se quando esses atletas sofrem controle também das suas atividades morais e físicas, definindo roupas para usar, atividades que deve exercer e até a hora em que deve dormir, num movimento de valorização do ascetismo.

Como o esporte de alto rendimento exige dos seus praticantes performances de grande intensidade, velocidade e perícia, o vigor físico é uma característica demandada a eles. Por isso, a maioria dos futebolistas se aposenta antes dos 37 anos<sup>37</sup>, pois não conseguem atuar em alto nível como requer o futebol. Nesse caso os que continuam na profissão são muitas vezes alocados em clubes de menor expressão, recebendo salários menores e muitas vezes são alvo de críticas, brincadeiras e curiosidade, não só das pessoas comuns como também da crítica esportiva.

---

<sup>36</sup> O *debut* entre os profissionais ocorre, em muitos casos, entre os 17 e os 20 anos de idade.

<sup>37</sup> Com o desenvolvimento de novas tecnologias no tratamento e prevenção de lesões, juntamente como novos métodos de treinamento, a idade de aposentadoria dos atletas vem sendo entendida para um patamar próximo dos 40 anos.

O momento do final de carreira é sempre um evento de ruptura, já que dedicaram toda a sua vida exclusivamente ao esporte. No entanto, há um diferença entre dois tipos de finais de carreira, aquele no qual o atleta “pendura as chuteiras”<sup>38</sup> e outro no qual “as chuteiras penduram o atleta”. No primeiro caso o atleta o faz por escolha própria, soa como o fechamento de um ciclo bem sucedido no qual o jogador exausto pelas ritmo de jogos, treinos e concentrações resolve descansar com a família e os parentes para desfrutar de uma vida mais tranquila ou buscar outros projetos de vida.

No segundo caso o atleta é forçado a abreviar sua carreira por causa de lesões, problemas pessoais, ou por considerarem que seus capitais futebolísticos não são suficientes para continuar na profissão. Nesse caso a situação é mais complicada e traumática, visto que esses atletas serão forçados a uma reconversão profissional que é difícil. Com isso não conseguem colocar-se novamente no mercado profissional, ou o fazem em postos precários e que não dão o mesmo retorno da profissão de outrora.<sup>39</sup>

Juntando-se as lesões que podem encerrar abruptamente sua carreira, outra dificuldade enfrentada pelos jogadores de futebol no Brasil é o mercado de trabalho restrito e saturado, consequência do monopólio exercido pela FIFA sobre o futebol profissional espetacularizado, deixando reduzidas a quase zero a possibilidades de atuação para além dos clubes ligados a ela. Sendo assim, o número de clubes é estável e não há uma expansão deles, e conseqüentemente dos postos de trabalho para esses atletas. Esse fato demonstra que a cada momento as possibilidades desses atletas se manterem na profissão ficam mais difíceis e muitos tem que optar pelos circuitos localizados à margem da FIFA, como campeonatos de várzea e “seleções máster”, na qual as remunerações para aqueles que se destacam nem de perto chegam às obtidas no circuito espetacularizado.

No Brasil, a maioria dos clubes profissionais de projeção estadual e municipal assina com os atletas contratos sazonais, ou seja, vínculos profissionais que duram entre 3 e 5 meses do ano. Normalmente esses postos de trabalho são mantidos entre os meses de novembro e abril, período dos campeonatos estaduais, e logo após as disputas desses torneios, os clubes encerram suas atividades esportivas naquele ano por falta de outras partidas. Nessa situação fecham os postos de trabalho que havia criado e os atletas são obrigados a buscarem outro clube ou se posicionarem em outro ofício durante os 8 meses restantes. Essa realidade mostra

---

<sup>38</sup> Esse é um termo nativo, utilizado pelos atletas para caracterizar o final da sua carreira, momento em que eles se aposentam.

<sup>39</sup> CALDEIRA, Oswaldo; Avellar, José Carlos; Vieira, José Luiz. Filme Passe Livre [Filme-Vídeo]. Produção de Oswaldo Caldeira e direção de Oswaldo Caldeira, José Carlos Avellar e José Luiz Vieira. Rio de Janeiro, Federação de Cine Clubes do Brasil, 1974. 1 cassete VHS/NTSC, 95 min.

como o mercado de trabalho do futebol é reduzido e instável para aqueles que se ocupam dele, mas também não é o único problema.

O valor das remunerações também é um elemento problemático na carreira de jogador de futebol. Dados divulgados pela CBF em 2016 mostram que dos 28.203 atletas profissionais registrados em 2015, exatos 23.238 ganhavam até mil reais, ou seja, 82,4% dos jogadores viviam com um pouco mais do que um salário mínimo<sup>40</sup>. Os dados seguem com 3.859 (13,68%) atletas recebendo salários entre mil e um reais e cinco mil reais; 381 (1,35%) recebendo entre cinco mil e um reais e dez mil reais; 499 (1,77%) recebendo entre dez mil e um reais e cinquenta mil reais e 266 (0,8%), recebendo acima de 50 mil reais.<sup>41</sup> Com base nesses dados, podemos concluir que o mercado profissional de jogadores de futebol não emprega muitas pessoas e mesmo quando o faz é na maioria dos casos sob forma precária e com o pagamento de valores muito baixos, se formos pensar na média salarial brasileira orçada atualmente em 2.227,00 (2,5 salários mínimos).<sup>42,43</sup>

Observando esse cenário da formação esportiva no Brasil e o contexto incerto da carreira de futebolista, poderíamos assim afirmar que os esforços empreendidos pelos jovens e suas famílias prioritariamente numa trajetória futebolística são irracionais? Quando pensamos na prioridade de investimento no esporte em detrimento à escola, normalmente consideramos essa escolha como errada, haja visto que percebemos na escolarização um dos principais caminhos de transformação e ascensão social. Contudo, será mesmo que a escolarização se configura como um campo de possibilidades aberto a todos? Será que para todos, sua representação é vista dessa forma?

### **1.3- Educação brasileira e as possibilidades postas aos jovens.**

A educação, na sua forma escolarizada, é vista na contemporaneidade como instrumento para a emancipação social, para a criação do cidadão crítico e também como forma de qualificação para o mundo do trabalho e ascensão social (SCHULTZ, 1971; SAVIANI, 2000;

---

<sup>40</sup> Salário mínimo para o ano base de 2016 encontra-se sob o valor de R\$ 880,00.

<sup>41</sup> Dados obtidos em [http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores#.V\\_5H4-grLIV](http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores#.V_5H4-grLIV) em 12/10/2016

<sup>42</sup> Vale ressaltar que, apesar do valor ser muito baixo, menos que 1.000 reais para quase 82,4% dos atletas, esse valor ainda é alto para o grupo preponderante que visa ingressar no futebol. Esse grupo é formado em sua maioria por meninos de camadas médias baixas, que muitas vezes não tiveram chances educacionais, buscando no futebol a possibilidade de ganhar aquilo que não conseguiriam em outros ofícios, ou seja, esse valor de 2 salários mínimos.

<sup>43</sup> Dados obtidos em: <http://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2016/03/23/salario-medio-cai-75-em-um-ano-para-r-222750-salvador-lidera-queda.htm> em 12/10/2016

Freire, 1997). Na esteira desse processo, o Brasil procurou destacar a importância da escolarização e do espaço escolar ao edificá-la como dever do Estado e da família através da inserção e manutenção das crianças e dos jovens nas escolas (BRASIL, 1988, 1990, 1996).

Desde a criação do documento constitucional em fins da década de 1980, a educação brasileira passou por grandes transformações que permitem dizer que aqueles jovens que hoje estão inseridos no processo de escolarização enfrentam um contexto educacional muito diverso daquele verificado antes da década de 1990. O primeiro ponto que confirma essa mudança é o avanço do número de crianças e jovens matriculados na escola, fruto dos esforços verificados na tentativa de universalização do ensino fundamental durante a segunda metade da década de 1990 e toda a década de 2000. Historicamente, o país conviveu com altos índices de analfabetismo e um contingente alto de jovens fora da escola em seus níveis mais elementares (VELOSO, 2009). No entanto, há pelo menos 20 anos o país avança num movimento de universalização do ensino fundamental com uma porcentagem de 98,5% das crianças entre 7 e 14 anos matriculadas na escola em 2016 (PNAD, 2015).

A reboque desses números, também podemos verificar um aumento significativo das matrículas de jovens entre 15 e 17 anos no ensino médio com um percentual que passou de 64% em 1995 para 80% em 2007, chegando em 2014 ao percentual de 82,6 % (PNAD, 2015). Juntamente com isso, vimos também crescer a taxa de conclusão do ensino fundamental de 29% em 1995 para 61% em 2007 e 73,7% em 2014. No ensino médio as taxas saltaram de 17% em 1995 para 44% em 2007 e 56,7% em 2014 (Ibidem, 2015).

Diante disso, podemos afirmar que um indivíduo que hoje queira se matricular em uma escola e estudar pode fazê-lo com certa segurança de que irá consegui-lo. Nos casos em que a oferta de vagas na região ainda é limitada, a judicialização da matrícula tem resolvido com alguma eficácia o processo de inserção na educação básica.<sup>44</sup> Isso mostra que do ponto de vista do campo de possibilidades, a universalização do ensino fundamental e o aumento da oferta do ensino médio, trouxeram um alargamento das oportunidades dos indivíduos de se inserirem na escolarização formal. O acesso à escolarização é visto como importante por muitas correntes de pensamento na sociologia devido a sua relação intrínseca com a empregabilidade, o aumento dos rendimentos à medida que os anos de escolarização vão aumentando e também a uma suposta conexão com a mobilidade social.

---

<sup>44</sup> A judicialização do direito a matrícula nas escolas é uma consequência de outro avanço educacional recente, a saber, a consolidação da educação como um direito constitucional garantido a todos os cidadãos brasileiros a partir da carta magna de 1988. A garantia da educação como direito e a obrigatoriedade de permanência na escola para todos os indivíduos entre 4 e 17 anos se constitui como uma maior possibilidade de inserção das crianças e dos jovens no sistema educacional.



Dentre essas correntes de pensamento, a teoria do capital humano<sup>45</sup>, formulada por Schultz (1973) e ressignificada diversas vezes<sup>46</sup>, reforça a educação como elemento essencial na integração com a sociedade e a possibilidade de empregabilidade do indivíduo dentro da chamada "sociedade do conhecimento".

No entanto, somente a entrada no sistema de ensino não garante os benefícios propagados sobre a escolarização e muito menos fazem com que os jovens e suas famílias passem a enxergar nela um caminho efetivo, necessário e inexorável para seu sucesso.

A quase universalização do ensino básico trouxe benefícios advindos da entrada de indivíduos antes excluídos da escolarização, mas provocou também um movimento de desvalorização das certificações acadêmicas na medida em que sua obtenção tornou-se mais fácil e comum. As certificações são na sociedade como capitais simbólicos que garantem aos indivíduos certo grau de distinção frente aos outros, pois rotulam determinada quantidade de capitais culturais institucionalizados possuídos por esse indivíduo. No mercado de trabalho, as certificações advindas da escolarização operam como pré-requisitos para o acesso a determinadas vagas de trabalho e oportunidades de aumento de renda e seu funcionamento está atrelado às leis do mercado, entre elas a lei da oferta e da procura.

O aumento do acesso da escolarização em todos os níveis no Brasil provocou um aumento da oferta de pessoas com determinados certificados – principalmente da educação básica – alavancando o processo de desvalorização das certificações escolares mais elementares, e forçando os indivíduos a obter títulos mais altos para se diferenciarem nesse mercado de trabalho em busca das melhores vagas. Um exemplo dessa questão é que 30 anos atrás, quando somente 30% da população brasileira possuía formação universitária, “ser formado” se configurava como um grande diferencial no mercado de trabalho, contudo, hoje pela expansão do 3º grau e das pós-graduações, possuir um título universitário não se constitui o mesmo diferencial no mercado de trabalho que significava no passado e, por isso, as pessoas vão buscando títulos mais elevados como mestrados, doutorados, MBA, entre outros.

---

<sup>45</sup> Partindo do pressuposto de que o componente da produção que decorre da instrução é um investimento em habilidades e conhecimentos que aumenta as rendas futuras semelhante a qualquer outro investimento em bens de produção, Schultz define o capital humano como o montante de investimento que uma nação ou indivíduos fazem na expectativa de retornos adicionais futuros. Dessa forma, o maior investimento na educação torna o indivíduo mais competente para concorrer no mercado de trabalho e sua escolarização pode garantir uma posição social melhor ou uma mobilidade social. Essas noções acabam por atribuir aos indivíduos, no bom cedo da liberdade de escolha individual, a responsabilidade por seu emprego ou desemprego.

<sup>46</sup>Desde pelo menos os anos de 1970

A massificação e a facilidade de entrada dos indivíduos na escola auxiliaram no acesso de muitas pessoas à educação, mas conseqüentemente criaram uma inflação dos títulos como define Bourdieu (1983):

Quanto mais amplo for o acesso a um título escolar, maior a tendência a sua desvalorização. Esse fenômeno de massificação/banalização do diploma (associado à extensão de certos bens escolares a públicos anteriormente deles excluídos) e de sua correlativa perda de valor, Bourdieu chamou de “inflação de títulos escolares” (Nogueira; Nogueira, 2002, p.55-56).

Segundo Bourdieu (1983) o grau de investimento na carreira escolar está relacionado ao retorno provável, intuitivamente estimado, que se pode obter com o título escolar, não apenas no mercado de trabalho, mas, também, nos diferentes mercados simbólicos, como o matrimonial, por exemplo. Esse retorno, ou seja, o valor do título escolar nos diversos mercados variaria, basicamente, em função de sua maior ou menor oferta. Quanto mais fácil o acesso a um título escolar, maior a tendência à sua respectiva desvalorização.

Esse processo de universalização do ensino fundamental e acesso facilitado ao ensino médio e superior, verificados a partir da década de 1990 (VELOSO, 2009) trouxeram com ele um processo de desvalorização no mercado de trabalho dos níveis de estudo fundamental e médio, este em menor escala, do nível superior. Com isso, para as melhores colocações nesse mercado se torna necessário cada vez mais anos de estudo e fatalmente mais investimento financeiro e temporal no projeto escolar. Diante disso, muitas vezes, os longos anos dedicados a educação básica e até mesmo ao ensino superior não são garantias de bons salários e muito menos de colocação no mercado de trabalho formal no Brasil.<sup>47</sup> Apesar das pesquisas acadêmicas evidenciarem uma forte relação entre nível de escolaridade e posição no mercado de trabalho. No entanto, mais do que observar esses estudos é necessário observar a visão dos indivíduos sobre esses números e sobre as realidades que vivem.

No caso de um jovem estudante inserido na educação básica, podemos pensar que para ele a trajetória de escolarização, com duração mínima 12 anos obrigatórios<sup>48</sup>, não representa uma certeza de colocação no mercado de trabalho. Por isso, caso queira ter mais chances de destaque, terá que estender em mais alguns anos sua formação escolar com vistas à qualificação. Para determinadas indivíduos, em especial aqueles das classes populares, os custos da escolarização são muito altos e os ganhos/benefícios são duvidosos e, muitas vezes,

---

<sup>47</sup> Mesmo assim, estudos contemporâneos reforçam que as possibilidades de ocupação e boa remuneração crescem numa relação diretamente proporcional a quantidade de anos de escolaridade do indivíduo. Isso mostra que, apesar dos custos cada vez maiores para obtenção dos títulos necessários para a distinção social, esses se mostram como elementos significativos na posição ocupada no mercado de trabalho.

<sup>48</sup> Essa trajetória começa as 4 anos de idade na educação infantil e com um fluxo idade-série correto, termina aos 17 anos no 3º ano do ensino médio.

resgatados somente após muito tempo de investimento, motivo pelo qual alguns não enxergam na escolarização um caminho seguro; apesar da escolarização ser valorizada socialmente.

Cabe ressaltar, amparado nos trabalhos de Jon Elster (1994) e Raymond Boudon (1981) que os custos e benefícios no desenvolvimento das habilidades educacionais não possuem congruência entre todos os segmentos sociais. Dessa forma, algumas classes sociais têm a possibilidade de postergar ganhos e sustentar mais custos no presente com vistas a ganhos maiores no futuro. Um exemplo disso é um jovem de classe média ou alta que pode se ausentar do mercado de trabalho por um tempo maior, investindo em sua qualificação com vistas a receber melhores remunerações no futuro e melhor posicionamento no mercado de trabalho. Em outros segmentos sociais, mediante imperativos diversos, esse caso pode não ser possível.

Como dito anteriormente, a necessidade de longos anos de estudos para poder alcançar os mais altos graus educacionais não pode ser solicitada a determinadas classes sociais que possuem pouco desconto temporal no seu mercado de crédito pessoal (moratória social) e, por isso, preferem optar por outro tipo de atividade alheia à escolarização. Dessa forma, antes de gastar tanto tempo e recursos em algo considerado incerto e demorado voltam-se para ações consideradas por eles como mais seguras e palpáveis no curto prazo, como inserção, por exemplo, numa formação paralela à escola ou a inserção no mercado de trabalho ordinário.

No caso dos atletas em formação no futebol a necessidade de longas trajetórias escolares sem a certeza de sucesso no mercado de trabalho, torna-se ainda mais crítica porque alguns deles já auferem lucros decorrentes da sua prática esportiva ou pelo menos conhecem alguém nessa situação, o que torna palatável a ideia de que também podem conseguir. A possibilidade de já obter rendimentos com o futebol antes mesmo dos 16 anos - momento da assinatura do primeiro vínculo profissional - é factível, enquanto que na formação escolar, esse cenário, em geral, não se apresenta.

Aqueles jovens que possuem no campo futebolístico o reconhecimento de grande acumulação dos capitais inerentes ao campo, muitas vezes ganham somas que sustentam uma família inteira e se equiparam ou superam os valores de um trabalhador diplomado do mercado ordinário e isso tudo sem que esse indivíduo tenha completado sequer os 18 anos de idade. No caso da formação futebolística, a percepção dos jovens e da sua família pode ser de que o custo solicitado pelo esporte e o desconto temporal necessário são menores do que aqueles requeridos pela escolarização.

O investimento prioritário no futebol em detrimento, por exemplo, da escola, à luz do que pensa o senso comum parece ter alguma lógica, compreensão e aceitação somente nos casos em que os atletas se tornam ícones da mídia possuidores de fama e fortuna. Nesse caso, poucas pessoas questionam a escolha de Neymar em ter abandonado os estudos antes de concluir o 3º do ensino médio, ou de Douglas Santos que apenas terminou o ensino fundamental.<sup>49</sup>

A concepção de sucesso profissional parece suplantar os questionamentos sobre a racionalidade das escolhas dos jogadores nesses casos, pois, a representação desse sucesso torna-se quase inquestionável. Para aqueles atletas que não ganham fortunas e se circunscrevem naqueles 82,4% que recebem um pouco mais de um salário mínimo com o futebol, comumente é resgatada a ideia de que se não tivessem investido tudo no futebol e seguissem a carreira escolar poderiam ter obtido sucesso. No entanto, devemos nos questionar sobre o que significa sucesso ou fracasso para cada indivíduo em sua trajetória a partir do leque de oportunidades oferecidos as diferentes classes sociais.

Mesmo para aqueles atletas que estão em circuitos nacionais periféricos ou na várzea, ganhar um pouco mais do que um salário mínimo com o futebol pode significar uma trajetória de sucesso, ainda mais num cenário no qual 44,7% dos lares brasileiros vivem como uma renda per capita de menos de um salário mínimo segundo dados obtidos pelo PNAD 2016.

Existem outros casos em que simplesmente não seguir a profissão árdua e braçal do pai agricultor, conseguir sair da pequena cidade no interior ou ainda ter a possibilidade de conhecer outros países, já se configura para um jovem atleta e a sua família em sucesso proporcionado pelo esporte. Esse tipo de circulação pode ser considerado sucesso. Essa questão foi abordada por Guedes (1982) e Souza *et al* (2008) ao evidenciarem que mesmo as trajetórias de atletas que não se inseriram nos principais circuitos do futebol, podem representar prestígio social por terem suas identidades marcada pela experiência futebolística. Destino esse que os indivíduos considerariam mais difíceis ou até impossíveis por outros meios, entre eles por meio da escolarização.

A percepção dos jovens sobre os custos e os benefícios da escolarização não são homogêneos, logo podem variar segundo a camada social, a idade, o gênero, e as redes de sociabilidade construídas por eles. Essas variantes impactam diretamente sobre as percepções

---

<sup>49</sup> Neymar é um jogador de futebol, atualmente vinculado ao clube francês Paris Sait-Germain (PSG). Sua transferência do Barcelona para o PSG foi a mais cara da história com valores totais de 222 milhões de euros. Atualmente seu salário é de 36,8 milhões de euros por ano.

Douglas Santos é um jogador de futebol, atualmente vinculado ao clube alemão Hamburgo. Sua transferência para esse clube girou na casa dos 30 milhões de euros. Atualmente seu salário é de 3 milhões de euros por ano.

e as crenças nos indivíduos sobre seus campos de (im)possibilidades. Correia (2014) ao entrevistar alunos-atletas residentes em áreas pauperizadas do Rio de Janeiro identificou que as expectativas escolares desses jovens dialogavam diretamente com as condições materiais de suas vidas e com as redes sociais as quais integravam. Nesse estudo Correia (2014) traz a trajetória de Alaor, morador de Manguinhos, atleta de futebol e aluno numa escola dentro de um clube do Rio de Janeiro. O jovem morava numa região com o quinto pior IDH da cidade do Rio de Janeiro<sup>50</sup>, com coleta de lixo e esgoto precários, além de baixos índices de escolarização e renda dos seus moradores. Nesse cenário, Alaor possuía em sua rede de sociabilidades poucos indivíduos com alto nível de escolaridade, muitos indivíduos desempregados ou em subempregos e com poucos casos de ascensão por meio da educação.

O estudo cogita que aqueles conhecidos do jovem que conseguiram transpor as barreiras educacionais e possuem alto nível de escolaridade, precisaram, no seu cotidiano, transpor outras barreiras ligadas ao preconceito racial e ao local onde moram para alcançarem os mais altos postos de trabalho. Isso nos mostra que a rede de sociabilidades na qual o indivíduo está inserido desempenha papel importante na sua visão de mundo e na construção do projeto de vida, pois a partir dela o sujeito compreende seu campo de possibilidades e quais ações possuem a maior chance de sucesso. Pensemos que esses indivíduos desprovidos de contato com papéis sociais diferentes das suas realidades e que tenham sido obtidos pelas vias da educação terão pouca variação no espectro de possibilidades das oportunidades que a escola pode vir a produzir. Isso pode nos ajudar a explicar as razões para que indivíduos que têm um núcleo de convivência social homogêneo ou pouco variado, no sentido de obtenção de sucesso pela escola, decidem escolher carreiras que pouco dependam do investimento escolar.

Tais observações vão ao encontro de outros estudos da área educacional como o de Reis (2004)<sup>51</sup>, mas em especial ao trabalho realizado por Marianne Koslinski e Marcio Costa (2006) ao trabalhar a escola e as representações sobre o presente e o futuro na visão de estudantes do ensino fundamental em duas escolas públicas do Rio de Janeiro. Apesar da amostra restrita, tal trabalho reforça a existência de expectativas de futuro profissional e escolar bem diferenciadas, conforme as origens socioeconômicas e a localização socioespacial da escola dos estudantes pesquisados.<sup>52</sup> Assim, argumentações que destacam o valor da escola

---

<sup>50</sup> Dados do censo demográfico do IBGE de 2000.

<sup>51</sup> Os dados obtidos por Reis (2004) encontram significativa diferença no valor dado à educação escolar pelos segmentos polares de nossa estratificação social. Nesse sentido, seus levantamentos empíricos obtiveram resultados claramente dissonantes entre “povo” e segmentos de elites (não somente elite econômica) quanto ao valor que conferem à educação.

<sup>52</sup> Como era bastante previsível, em conformidade com a literatura clássica que trata o tema das expectativas desde 1960.

e dos estudos na definição do futuro e, portanto, dão ênfase ao valor da educação em suas vidas presentes, foram encontradas praticamente na unanimidade dos grupos que concentravam estudantes em “melhores” escolas, turmas. À medida que os grupos focais se deslocaram para “áreas periféricas” do núcleo prestigiado da educação (turmas e escolas afastadas do centro político e social da cidade), a ênfase na importância da escola para a definição do futuro e no presente foi diminuindo.

Aliado a esses fatores a pesquisa também evidenciou que esses elementos agem em sincronia com a própria experiência escolar pregressa desses jovens para formar a relação que esses têm com a escola e o papel que a ela atribuem. (KOSLINSKI; COSTA, 2006).<sup>53</sup> Dessa forma, o peso dos fatores culturais, especialmente a circulação por meios sociais, o aporte familiar e a experiência vivida no processo de escolarização surgem como elementos que complementam as análises exclusivamente econômicas sobre a trajetória escolar desses indivíduos. Tal questão apresenta um quadro consideravelmente complexo, em que se cruzam os fortes condicionamentos socioeconômicos com elementos importantes da dimensão cultural, como a localização nas áreas geográficas de uma metrópole segregada e, destacadamente, a própria trajetória escolar dos jovens.

O descrédito que alguns grupos depositam sobre a escola enquanto instituição facilitadora da mobilidade social possui respaldo em diversos estudos sociológicos, entre eles o realizado por Boudon (1981). Nele o autor evidencia a forte correlação entre desigualdades sociais e a manutenção das desigualdades no âmbito educacional e sócio-profissional. Em seu estudo ele compreendeu que os indivíduos com maiores chances de sucesso nos sistemas educacionais e com também com maiores chances de posicionamento nos melhores empregos e nas maiores rendas estavam situados justamente nos estratos socioeconômicos mais altos da sociedade.

Acompanhando esse estudo, Ribeiro (2009, 2011) ao analisar o contexto brasileiro salientou que o sistema educacional no Brasil também cria uma forte correlação entre as desigualdades sociais e os resultados escolares dos indivíduos. Através de um trabalho longitudinal o autor mediu a probabilidade de conclusão e transição de um nível de ensino para o outro, estabelecendo relação entre indivíduos por meio de pareamento entre duas

---

<sup>53</sup> Os estudos referentes à estratificação escolar a partir de critérios de prestígio e trajetória pregressa fornecem referências interessantes para nossas reflexões sobre o valor da escola. Contrariando algumas tendências de estabelecer destinos escolares e sociais como inexoravelmente amarrados por pertencimentos socioeconômicos, parece que a experiência de escolarização fornece elementos relevantes para compreensão dos padrões de “adesão” ao universo escolar e, por conseguinte, aos esquemas mais abrangentes de inserção social.

variáveis com forte impacto nas características de origem do aluno: A escolaridade da mãe e a ocupação do pai (RIBEIRO, 2011).

Ribeiro (2011) comprovou que os indivíduos que entram no sistema de ensino e que possuem mãe com alta escolaridade e cujo pai possui uma profissão de prestígio, independente do coorte geracional, tinham mais possibilidades de concluir um nível de ensino e alcançar o próximo. Ribeiro (2009, 2011) ainda evidenciou que os jovens que possuem mães com maior escolaridade e pais com posições mais valorizadas no mercado de trabalho, além de terem mais chances de permanência no sistema educacional, ainda concluem níveis de ensino mais altos.

Os resultados expostos anteriormente reforçam a concepção de que o sistema educacional brasileiro muitas vezes mantém as desigualdades econômicas dos indivíduos, ao cristalizar uma estrutura que se diz meritocrática, mas que não possui mecanismos efetivos para diminuir os condicionantes de renda no desenvolvimento dos resultados educacionais dos alunos. O resultado infelizmente é a construção de um simulacro de oportunidades educacionais e condições de ascensão social. Na verdade, tende a reproduzir as mesmas desigualdades sociais, mantendo indivíduos com menor nível socioeconômico (NSE) com poucas chances de sucesso pelas vias educacionais.

Essas dificuldades se tornam ainda mais complexas devido ao "funil educacional". Essa ideia exemplifica o sistema educacional brasileiro como um grande reservatório separado em seções por um funil. Isso significa dizer que os jovens têm acesso ao ensino fundamental, mas não têm as mesmas possibilidades de ingresso no ensino médio e no superior. No entanto, dentro desse grande reservatório da educação brasileira, nem todos estão posicionados no mesmo local, ou seja, existem indivíduos que pelo campo de possibilidades a eles ofertado possuem maior proximidade da área de estrangulamento entre os níveis e, assim, maior possibilidade de transpô-los. Ribeiro (2009) mostra isso quando evidencia que, além da insuficiência de vagas no ensino médio para contemplar todos os alunos vindos do ensino fundamental, essa relação candidato/vaga pode ser agravada, uma vez que a disputa para o acesso ao ensino médio é desigual entre os candidatos. Pensando assim, temos no ensino fundamental um grande reservatório que abrange quase a totalidade dos jovens em idade escolar (compatível com o nível); no ensino médio, a quantidade de vagas não acompanha o nível anterior.

Considerando-se, então, a diversidade socioeconômica presente na sociedade brasileira, podemos dizer que indivíduos cujos pais têm maior escolaridade e ocupam profissões de alto

prestígio<sup>54</sup> terão maior densidade social do que os sujeitos que não gozam de tais privilégios, posicionando-se, assim, mais próximos do gargalo de transição entre um nível e outro. A partir disso, podemos dizer que os indivíduos com maior nível socioeconômico acabam tendo mais acesso às vagas do ensino médio e, posteriormente, do ensino superior<sup>55</sup>. Tal problema de afunilamento proporcionado pela expansão desigual do nosso sistema educacional vem acompanhado de outros desdobramentos que apenas transferem a problemática do acesso para os níveis mais elevados. Schwartzman (2011) argumenta que o maior problema, para além do gargalo, está situado no viés acadêmico presente no ensino médio e que não compreende nenhuma possibilidade de formação valorizada para o trabalho e para a sobrevivência que não passe necessariamente pelo ensino superior. Desse modo, para alcançar uma posição valorizada no mercado de trabalho esses jovens prioritariamente precisam entrar no 3º grau e isso tenderia a deslocar o gargalo para níveis como a graduação, pós-graduação. Nas palavras do autor,

A insistência brasileira em manter um ensino médio com tanta ambição, disfuncionalidade e ineficiência como o atual não se deve somente a uma questão de custos, mas faz parte da visão mais geral, que permeia todas as políticas sociais do país, de que todos devem ter acesso à todos os direitos e benefícios (no caso, os da formação acadêmica e seu desdobramento em cursos universitários futuros), mesmo que na prática isso signifique a exclusão e a frustração da maioria das pessoas (Schwartzman, 2011 p. 260).

Desse modo, Schwartzman reforça a análise de que um dos principais problemas da educação brasileira está no ensino médio, mais especificamente seu caráter academicista direcionado para o ensino superior através da preparação para os exames vestibulares e de um currículo puramente revisional (SCHWARTZMAN, 2011). Dessa forma, na atualidade, o ensino médio e seu currículo ainda não conseguiram definir exatamente quais são seus objetivos, tornando-o para seus alunos um "limbo" entre o ensino fundamental e o superior.<sup>56</sup>

Quando olhamos para os jovens atletas nos centros de formação, percebemos que esse viés academicista da educação cria grandes empecilhos para a conciliação do esporte e escola, pois, requisita deles uma vasta gama de conteúdos escolares necessários para o avanço nesses gargalos escolares, mas que possuem pouca importância no caminho profissional por eles escolhido. Além disso, o direcionamento para o ensino superior desconsidera quase por

---

<sup>54</sup> A abordagem realizada nos estudos estatísticos educacionais sobre nível socioeconômico possui certo consenso na importância do nível de escolaridade da mãe e da ocupação profissional do pai como elementos constituidores de maiores oportunidades educacionais. Entre esses estudos podemos citar aqueles realizados por Boudon (1981), Ribeiro(2009) e Neri(2009)

<sup>55</sup> Como foi citado em um trecho do texto, quanto maior a escolarização maior serão as probabilidades de ocupação e maior será o volume de renda recebida (NERI, 2009a).

<sup>56</sup> Os reduzidos conhecimentos práticos (empíria) e a preferência pela teoria também torna esse período de ensino muito abstrato e pouco útil para a vida do indivíduo dessa idade (entre quinze e dezoito anos).



completo uma gama de atividades, nesse caso específicas esportivas, desempenhadas por esses atletas ao longo de sua formação escolar e que poderiam ser certificadas através de cursos como forma de atuação profissional após a conclusão do ensino médio. Dessa forma, estaríamos levando nossos jovens a uma experiência de frustração no tocante às expectativas educacionais: seja por conta de tratar igualmente os desiguais, seja por não garantirmos a todos os prêmios prometidos pela escola.

Esse tipo de currículo muitas vezes serve como um fator de desestímulo dos jovens na escola, ainda mais quando percebemos que existem outros fatores nessa idade (15 a 17 anos) que atraem a atenção deles e trazem um grau muito maior de significância. Um exemplo disso é o trabalho, pois, para esses jovens, (geralmente entre 15 e 18 anos) essa atividade adquire conotações de rito de passagem para a vida adulta, independência e um grau de atividade prática muito maior do que a escola.<sup>57</sup> Muitos jovens optam, então, pelo trabalho em detrimento à escola, pela necessidade de compor a renda familiar ou bancar seus próprios gastos, ou ainda porque procuram obter independência financeira.

Para Schwartzman (2011) um sistema educacional diversificado poderia proporcionar à maioria das pessoas possibilidades mais reais e interessantes de galgar uma ocupação no mercado de trabalho com melhores remunerações. No entanto, o cenário posto aos jovens cria uma situação de engessamento das opções, privilegiando um currículo conteudista e direcionado para o ensino superior, que não se torna atrativo para aqueles que não querem ou não enxergam a chance de alcançá-lo.

Além do currículo, outro fator de impacto no desempenho dos alunos e de desestímulo para os jovens no interior das escolas está relacionado com as representações que os professores, os diretores e os demais funcionários possuem sobre seus alunos. Koslinski e Alves (2012) apontam que:

[...] além dos mecanismos de socialização coletiva, há que se observar a possível influência de mecanismos institucionais que criam diferenças no âmbito da oferta de educação de qualidade. Um exemplo seriam as disposições negativas (baixa expectativa) de professores e diretores em relação ao potencial de aprendizagem de alunos moradores de favelas. Em muitos casos, o estigma de favela os leva a desconsiderar, a priori, até mesmo a possibilidade de que estes estudantes possuam algum interesse no processo de escolarização (Koslinski e Alves, 2012, p. 825).

---

<sup>57</sup> Sobre a questão do trabalho e da escola é importante destacar que para o jovem o trabalho traz resultados e transformações muito mais imediatos do que a educação escolar, visto que esses resultados se materializam no salário já obtido no primeiro mês e na possibilidade de obtenção de bens materiais através desses rendimentos. Já a escola e o conhecimento trazem resultados muitas vezes difíceis de sentir no curto prazo. Além disso, o caráter muito mais prático do trabalho frente à escola ajudam a dar um significado de importância muito maior ao primeiro com relação ao segundo.

A estigmatização dos alunos e a baixa expectativa dos professores sobre os alunos podem estar relacionados a inúmeros fatores tais como local de moradia, nível socioeconômico, etnia, nível de capital cultural acumulado entre outros. Independente de qual desses fatores é acionado, os estudos na área da educação mostram que, quando os professores identificam os alunos como bagunceiros, indisciplinados, displicentes ou faltosos, a tendência é que seu rendimento escolar caia na proporção em que o estigma aumenta (ALVES; BATISTA, 2012; CHRISTOVÃO; SANTOS, 2010; CUNHA, 2010).

A relação entre o estigma e os resultados escolares dos alunos foi objeto de estudo de Bourdieu (1999) ao analisar as conexões entre o juízo professoral e suas consequências sobre o processo de retenção de alunos e representações acerca desses indivíduos. Na escola esse processo de estigma funcionaria como uma máquina classificatória de indivíduos, que recebendo “produtos” socialmente classificados, os reproduz dentro da escola da mesma forma e ratifica os maus desempenhos através da imagem social/moral construída. Nesse ponto, o tratamento dado aos alunos pelos professores e os resultados escolares desses alunos são desenvolvidos e cancelados em muitos casos por julgamentos morais e sociais que acabam por influenciar na trajetória escolar desses alunos.<sup>58</sup>

A consequência provável é que esses mesmos alunos se afastem gradativamente das obrigações escolares. Os modos de estigmatização da escola são sutis e distantes das normas regulares. Normalmente atitudes não condizentes com os valores e as regras da escola levam os alunos a serem perseguidos pelos professores e os alunos são levados a um caminho sem volta onde são imperativamente convidados a se retirar da escola. O que vemos, portanto, é que há ainda modos de se piorar a condição de aprendizado e desempenho dos alunos nas instituições escolares.

No caso dos jovens atletas do futebol, as representações sociais acerca dos profissionais dessa modalidade na sociedade ajudam a contribuir para a construção de uma estigma sobre esses indivíduos. Comumente é atribuída em nossa sociedade uma imagem dos jogadores de futebol enquanto malandros, pouco interessados nos estudos e até mesmo desprovidos de inteligência. Essas representações queiram ou não acabam por interferir nas visões e expectativas dos professores e diretores sobre os atletas de futebol. Os estudos realizados por Rocha (2017), Correia (2014) e Da conceição (2016) mostraram que alguns discursos dos

---

<sup>58</sup> As notas, e as decisões sobre os processos de retenção e promoção dos indivíduos durante os conselhos de classe, as reuniões pedagógicas e nas salas dos professores giram em torno de discursos negativos como: “ele não quer nada”; “ele não se interessa”; “Com a família que tem, queria o que?”; vamos dar nota baixa para assustar. Em outros casos também existem os discursos positivos como: “Ele é fraco de conteúdo, mas é comportado”; “Ele é participativo”; “Ele fala bem, tem desenvoltura”.

professores, coordenadores pedagógicos e diretores evidenciavam uma baixa expectativa sobre os alunos atletas do futebol quando comparados aos outros alunos da mesma escola. Essa situação era reforçada com criação de rótulos para esses alunos, tais como “marrentos”, “descompromissados”, “iludidos” ou “preguiçosos”, devido ao comportamento de alguns deles dentro das instituições. Rocha (2017) verificou em seu estudo que a rotina diferenciada dos atletas do futebol, gerada pelos treinos, acabava gerando impacto sobre a rotina de estudos dos mesmo. Com isso, muitas vezes surgiam rótulos e resistência dos professores e da direção em auxiliar os atletas, sob a alegação de que “aquilo era só futebol, e a escola deveria estar em primeiro lugar”.

A pesquisa de Rocha (2017) abarcou diversos alunos atletas que estudavam no turno da noite e conviviam também com jovens trabalhadores em duas instituições de ensino. Na análise dos discursos dos funcionários das escolas, apesar dos impactos das rotinas de treino esportivo e trabalho serem muito parecidas sobre a assiduidade e o comprometimento dos alunos, as reclamações dos docentes e das direções normalmente recaíam sobre os jovens atletas.

As análises realizadas apontam para um panorama bastante pessimista nas oportunidades educacionais dos jovens brasileiros uma vez que aqueles das classes populares têm menos chances de se qualificar pelo sistema educacional brasileiro. Além disso, dentro sistema educacional os jovens ainda precisam lidar com gargalos de vagas, um currículo academicista e ainda por cima estigmatizações dos professores e da escola sobre eles. Nesse cenário não é de surpreender os altos níveis de evasão escolar motivados pela falta de reconhecimento da importância da escola. Essa situação interfere de alguma forma em todos os jovens brasileiros inclusive os atletas em formação no futebol. Como demonstraram Marques e Samulski (2009), Melo (2010), Almeida e Souza (2015), Vieira *et al* (2014), esses atletas são normalmente provenientes das classes médias baixas e das classes baixas da sociedade, logo são aqueles indivíduos que mais sofrem com os problemas inerentes a educação brasileira, entre eles as desigualdades de oportunidades. Inseridos numa realidade do sistema educacional brasileiro que estigmatiza aqueles que não se encaixam no modelo de escolarização proposto e que reproduz em grande medida as desigualdades sociais nas oportunidades de ascensão por meio da escola, muitos jovens atletas oriundo, principalmente das classes baixas, podem considerar os custos da escolarização muito altos e os benefícios obtidos com ela, um tanto quanto incertos.

A estruturação desse cenário problemático pode ser uma das razões que expliquem, por exemplo, os altos índices de evasão escolar. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

de 2016 apresentou 17,8% de evasão escolar entre os jovens de 15 a 17 anos<sup>59</sup> Esses dados são especialmente perceptíveis no ensino médio e reforçam os problemas mencionados anteriormente. Todavia, os dados do PNAD evidenciam que as explicações para a evasão escolar se concentram na falta de demanda por educação: 67,4%<sup>60</sup>. Dessa forma, 27,1% dos jovens não frequentam a escola porque precisam trabalhar e contribuir para a renda familiar, enquanto 40,3% não frequentam porque não possuem interesse intrínseco nela.

Diante de um cenário que aponta desde estigmatização de algumas parcelas dos alunos; passando pela teoria de que a escola empurra todos os alunos para uma única possibilidade de conversão do conteúdo aprendido para entrar na universidade; e gera pouca possibilidade de mobilidade social e econômica dos sujeitos escolares (SCHWARTZMAN, 2011; RIBEIRO, 2009, MARTELETO, CARVALHAES, HUBERT, 2012; SILVA et. al., 2016), a escolarização passa a ser vista por alguns grupos sociais como um caminho incerto, ao contrário daquilo que é propagado pelo senso comum. Na situação dos atletas de futebol essa situação é mais dramática, porque no momento da escolarização alguns já conseguem usufruir de ganhos financeiros e de prestígio social, muito difíceis de serem obtidos naquele momento da vida através da escolarização.

Exposto isso, é difícil rotular a escolha prioritária dos jovens e suas famílias pelo esporte como algo irracional. Na estruturação da suas trajetórias no esporte e no sistema de ensino brasileiro, esses indivíduos interpretam sua realidade, constroem suas crenças e a partir disso concebem seu campo de possibilidades nos vários alvos sociais disponíveis para eles. O esporte, desse modo, se constitui para esses indivíduos como o caminho mais plausível e sobre o qual vale à pena investir os principais recursos materiais e simbólicos. Para aqueles que enxergam no esporte a possibilidade de ascensão e precisam conciliar a formação esportiva com a formação escolar, outro desafio se coloca, no caso, as garantias legais.

## **1.4. Legislação, trabalho, infância e juventude**

### **1.4.1 O lugar do trabalho e a legislação sobre o tema.**

Atualmente no Brasil existem cerca de 25 milhões de jovens entre 15 e 29 anos inseridos no mercado de trabalho. Isso corresponde a pouco menos que a metade da

---

<sup>59</sup> Faixa etária compatível para o ensino médio, no caso da transição regular dos alunos.

<sup>60</sup> Esse percentual é resultado da soma de dois valores de categorias relacionadas à falta de demanda por educação, a saber: 40,3% dos evadidos da escola justificam-na pela falta de interesse intrínseco no modelo escolar; e 27,1% explicam que deixaram de estudar pela necessidade de trabalhar e gerar renda (PNAD,2016).

população existente nessa faixa etária calculada em 51 milhões de pessoas (IBGE, 2016).<sup>61</sup> Quando expandimos nosso horizonte para a população economicamente ativa<sup>62</sup> nessa faixa etária vemos que o quantitativo chega a 35 milhões de indivíduos que estão exercendo atividade remunerada ou pretendem fazê-lo no país.

Vale dizer que quando falamos da juventude brasileira, estamos falando de uma juventude por excelência trabalhadora. Juventude essa que em parcela não desprezível ingressa ainda na infância em trabalhos informais. Nada menos do que 20% deles inicia a carreira como trabalhador entre os 5 e os 14 anos e somente ¼ deles o faz depois da maioridade (GUIMARÃES, 2005).

Esses números evidenciam a pujança que o trabalho desempenha no cotidiano e no imaginário social dos jovens no Brasil e ajudam a reforçar as informações colhidas pela Secretaria Nacional de Juventude em 2014 através de pesquisa com jovens entre os 15 e 29 anos de idade. Para os jovens o trabalho não está apenas na ordem do dia, mas se mostra central diante de outros elementos considerados tipicamente juvenis, tais como relacionamento e lazer.

A importância do trabalho para os jovens está inserido num significado subjetivo, de conotação ética e moral, mas também num sentido material relacionado à satisfação das suas necessidades financeiras, sobrevivência e emancipação. Por esses motivos, ele é visto como um tema relevante em todas as faixas de renda da população jovem brasileira, tanto entre homens quanto entre as mulheres.

A literatura evidencia que para muitos jovens o trabalho é uma necessidade, principalmente, para o sustento do próprio jovem ou para compor a renda familiar (GUIMARÃES, 2004; VELOSO, 2009; ROCHA, 2008). Essa realidade é mais presente nas famílias que possuem adultos de escolaridade mais baixa, e, conseqüentemente, ocupantes de postos de trabalho normalmente com remuneração mais baixa e maior rotatividade. Essa realidade traz normalmente ao núcleo familiar períodos de desemprego para algum membro e/ou rendimentos insuficientes quando estão empregados. Nesse contexto, normalmente os jovens mais velhos desse tipo de família são pressionados a abandonar sua moratória social para integrarem a população economicamente ativa com o fim de compor a renda familiar.

---

<sup>61</sup> Cabe ressaltar que nesses números são computados apenas aqueles empregos com carteira assinada. Logo devemos supor que o universo de jovens inseridos em atividades remuneradas é maior devido ao mercado de emprego informal.

<sup>62</sup> Conceito elaborado para designar a população que está inserida no mercado de trabalho ou que, de certa forma, está procurando se inserir nele para exercer algum tipo de atividade remunerada

A necessidade do trabalho enquanto elemento para obtenção de renda, não está, no entanto, relacionada exclusivamente com um cenário de dificuldade financeira. Muitos jovens também enxergam na ocupação remunerada uma possibilidade de independência financeira com relação aos seus responsáveis, principalmente, para consumirem produtos de interesse pessoal, tais como vestuário, lazer, alimentação, eletroeletrônicos, qualificação educacional-entre outros que lhe são ofertados numa sociedade de consumo.

Nesse quesito, a busca por uma ocupação não fica restrita aos jovens pertencentes as camadas populares, mas na verdade se espalha por jovens de todas as camadas sociais, com principal destaque para as camadas médias e populares. Esse interesse pelo emprego enquanto independência financeira pode ser verificada principalmente nos momentos de desenvolvimento econômico no país e conseqüentemente de economia aquecida. Em tais momentos um grande número de jovens que estavam fora da população economicamente ativa, ou seja, não procuravam emprego, passam a procurar integrar a população economicamente ativa.<sup>63</sup>

Além da questão da necessidade, o trabalho também é visto por muitos jovens como uma fonte de auto-realização. Tal sentimento se dá entre outras questões porque o trabalho é visto como um rito de passagem da vida infantil/adolescente para a vida adulta. Estudos realizados por (POCHMANN, 2004; NAKANO; ALMEIDA, 2007; PEREGRINO,2013) mostram que a passagem para a vida adulta não tem como demarcador para muitos jovens a idade biológica como principal elemento, mas resulta principalmente na capacidade de assumir responsabilidades, entre elas ter filhos e trabalhar.

Diante disso, o trabalho é visto como um elemento de amadurecimento porque permite aos jovens construir novas redes de sociabilidade, com pessoas normalmente mais velhas do que elas e exige desses jovens elementos como responsabilidade e disciplina. O estudo de Oliveira (2004) mostra que essa conotação do trabalho enquanto de rito de transição é mais nitidamente marcada nas camadas populares, já que nesses grupos a atividade remunerada normalmente é desempenhada por muitos indivíduos desde cedo e traz com ela muito mais responsabilidades e rupturas do que em outras camadas sociais mais elevadas.<sup>64</sup>

---

<sup>63</sup> Esse movimento supõe que em momentos de crise e desaquecimento da economia uma parte significativa dos jovens que não precisam trabalhar, ou seja, podem conservar sua moratória social, se mantêm fora da procura de emprego, porque suas famílias não requisitam deles a necessidade de entrada no mercado de trabalho. No entanto, em momentos de economia aquecida e farta oportunidade de trabalho, muitos vêem a possibilidade de conseguir um emprego e candidatam-se a tal.

<sup>64</sup> Normalmente a entrada dos jovens das camadas populares no mercado de trabalho é um evento de ruptura e transformação radical das suas vidas e dos seus papéis sociais, porque eles não enfrentam essa transição de forma paulatina e nem podendo experimentar essa vivência profissional sob a proteção financeira dos pais. Em muitos casos precisam aparecer como protagonistas no núcleo familiar.

O trabalho desperta nos jovens, preocupação e expectativas, que tornam aos seus olhos essa atividade uma necessidade, uma preocupação e um direito a ser consolidado. Essas representações são reflexos da própria representação positiva que o trabalho possui em nossa sociedade e que são reproduzidas por nossas instituições. Contudo, existe uma faceta do trabalho que vem demonstrando preocupação crescente dessa mesma sociedade e dos mais diversos órgãos nacionais e transnacionais. Estamos falando do trabalho precoce ou infantil.

Na sociedade contemporânea, apesar de toda a legislação que protege crianças e adolescentes, a exploração destes como mão-de-obra reflete uma situação que alcança números significativos. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (ILO, 2015), no mundo são aproximadamente 168 milhões, sendo que 120 milhões tem idades entre 5 e 14 anos e cerca de 5 milhões vivem em condições análogas à escravidão. No Brasil, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD, 2014), do total de 48,9 milhões de crianças e adolescentes na faixa etária de 5 a 17 anos, 3,2 milhões estavam exercendo algum tipo de trabalho representando uma redução de 10,6% (379,8 mil pessoas) de crianças e adolescentes nessa condição, em relação a 2012.

Na composição da população ocupada de 5 a 17 anos de idade, registraram-se 506,4 mil pessoas em situação de trabalho infantil (crianças de 5 a 13 anos de idade)<sup>65</sup>, sendo 60,5 mil na faixa de 5 a 9 anos de idade e 445,9 mil na faixa de 10 a 13 anos de idade. A maioria, contudo, era formada por adolescentes de 14 a 17 anos de idade (2,7 milhões).

As definições internacionais para categorizar o trabalho infantil estão ancoradas em consensos internacionais e nacionais. Nesse caso, há um destaque especial para a Organizações das Nações Unidas (ONU) e dois setores ligados a ela, em especial, a área para proteção da infância (UNICEF) e a International Labour Organization (ILO)<sup>66</sup>.

Para a ILO, a prática laborativa com fins econômicos tem início aos 15 anos de idade e qualquer indivíduo que trabalhe abaixo desse limite se configura como criança trabalhadora. Rocha (2017) evidencia essa questão ao argumentar que:

[...] a decisão de se estabelecer a idade mínima para exercer trabalho remunerado partiu da convenção número 138 da ILO em 1973. Para a ILO, definiu-se os 15 anos de idade o piso para o início da carreira laboral, pois essa seria a média de idade requerida pelos países parceiros para a conclusão da escolaridade

---

<sup>65</sup> Foi considerado pelo IBGE trabalho infantil a idade compreendida até 13 anos porque a partir dos 14 anos o adolescente já pode firmar seu primeiro contrato de trabalho na condição de jovem aprendiz como regulamentam as Leis trabalhistas, o Estatuto da Criança e do adolescente e o Estatuto da Juventude.

<sup>66</sup>Composta de 187 países membros, caracterizado por seus governos e sociedade civil com a função de estabelecer normas e práticas com relação ao trabalho humano em vistas de desenvolver uma relação mais digna e própria para o labor.

obrigatória. Resguardar-se-ia, para tanto, as exceções, conforme explicam no segundo artigo da deliberação quando descreveram: que nos países onde a escolaridade obrigatória se estendesse aos 16 anos de idade, a idade mínima para o início das atividades econômicas deveria obedecer também essa idade; por outro lado, nos países em desenvolvimento, poder-se-ia considerar os 14 anos de idade para esse piso de ingresso no mercado de trabalho, porém, o piso deveria ser aumentado progressivamente até a média estabelecida anteriormente; e, por último, para os países industrializados, o início da carreira no trabalho deveria ser desde sempre aos 15 anos de idade (ROCHA, 2017 *apud* ILO, 2015).

No caso do Brasil, o país como um dos signatários dos acordos firmados pela ILO ratifica as disposições legais de respeito e combate ao trabalho infantil. Nesse ponto, a carta magna brasileira de 1988 é bem clara ao indicar a idade mínima para o trabalho em 16 anos, em consonância com as disposições internacionais. A legislação brasileira abre precedente para o trabalho abaixo de 16 anos somente na condição de jovem aprendiz e mesmo assim fixando como idade mínima os 14 anos de idade para assinatura do primeiro contrato (BRASIL, 1988). Desde 1988 outras legislações como o Estatuto da Criança e do adolescente (ECA), e o Estatuto da Juventude complementam lacunas verificadas na constituição federal.

A criação de mecanismos legais de proteção e regulamentação das relações trabalhistas de menores de idade é importante, visto que muitas vezes a decisão de crianças e jovens em entrar no mercado de trabalho não se dá por uma vontade exclusivamente própria. Entram em cena os contextos socioculturais (economia, cultura, família) que podem pressionar esses jovens na entrada precoce nas atividades remuneradas.

A questão central a ser verificada é que a família exerce papel fundamental na mediação entre a realidade social e o indivíduo inserido nela, ou seja, ela é uma das principais instituições que poderá proteger a criança/jovem da entrada precoce no mundo do trabalho, ou no caso oposto arrastá-lo para o trabalho.

Com relação à entrada precoce no mundo do trabalho, Souza e Alberto (2008) apontaram um alto impacto negativo no desenvolvimento escolar e profissional das crianças que precisavam conciliar as tarefas próprias da infância (entre elas a escola) com outras atividades como o trabalho. Diante disso, os autores argumentam que as possibilidades de obtenção de ocupações mais prestigiadas no mercado de trabalho diminuem sensivelmente.

Se nos reportarmos a situação dos jovens e sobrepô-las àquela verificada pelos trabalhadores, veremos que a execução das suas tarefas pode trazer alguma consequência direta ou indireta para o processo de escolarização dos indivíduos. Carrano, Marinho e De Oliveira (2015), ao analisarem as condições de escolarização de jovens com distorção idade-série no ensino público de São Paulo, concluíram que terminar a escola básica fazia parte do projeto de vida desses jovens. No entanto, esse desejo em muitos casos estava sendo



dificultado até aquele momento pelas demandas naquele momento da vida, entre elas a vontade de trabalhar.

O estudo nos permite verificar que a construção de um processo exitoso de escolarização é muito difícil de ser concretizado por alguns jovens que optam por trabalhar e estudar concomitantemente. Em tal cenário a concomitância entre educação e trabalho contribui como um dificultador para concretização das expectativas escolares dos indivíduos e sua inserção em postos de trabalho mais destacados. Os estudos sobre desigualdades sociais realizados por Pastore (2000) corroboram essa situação ao demonstrar que as dificuldades na formação aumentam a probabilidade do indivíduo não gozar de mobilidade social familiar ascendente. O cenário nos mostra a existência de diversos condicionantes que obliteram as oportunidades educacionais e de ascensão social para aqueles jovens que precisam conciliar o mercado de trabalho e os bancos escolares ao mesmo tempo.

Percebendo os impactos do trabalho sobre o futuro das crianças e jovens, uma série de leis e estatutos foram criados ou alterados com a intenção de protegê-las, juntamente com os adolescentes e jovens. Um desses documentos diz respeito ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que logo em suas disposições Preliminares, estabelece que é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunidade.

No artigo 53 do documento fica explicitado que a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

- I-** Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
  - II-** Direito de ser respeitado por seus educadores;
  - III-** Direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer a instâncias superiores;
  - IV-** Direito de organização e participação em entidades estudantis;
  - V-** Acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência
- Parágrafo único.** É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais (ECA,1990)

A garantia das ofertas de oportunidades educacionais é acompanhada pela preocupação de criação de possibilidades de conciliação das atividades escolares juntamente com outras que sejam necessárias as crianças e aos adolescentes. Nesses termos o parágrafo 6º do artigo

54 explicita como dever do Estado oferecer condições para que o adolescente trabalhador possa cursar o ensino regular, principalmente ofertando a modalidade noturna nas escolas.

Ao mencionar o adolescente trabalhador, o ECA deixa bem demarcado em seu artigo 60 que é proibido qualquer trabalho a menores de 14 anos de idade, salvo na condição de aprendiz. Para aqueles a partir de 14 anos de idade, na condição de jovem aprendiz, são assegurados todos os direitos trabalhistas e previdenciários, bem como proteção para que possam desempenhar suas atividades remuneradas em consonância com a garantia de acesso e frequência obrigatória ao ensino regular, atividade compatível com o desenvolvimento do adolescente e horário especial para o exercício das atividades.

O ECA é produto dos debates estabelecidos sobre três grandes documentos: A consolidação das leis do trabalho (CLT) de 1941, a Declaração dos Direitos da Criança, de 1959, elaborada pela ONU e constituição federal de 1988. Esse estatuto busca avançar em algumas lacunas deixadas pela constituição de 1988, principalmente no que tange aos direitos ao trabalho e a educação, mas também em se adequara as disposições da ONU e atualizar algumas relações de trabalho que se tornaram obsoletas desde a criação da CLT.

O tema do direito à educação e o trabalho, bem como da conciliação harmônica entre os dois não está somente no ECA. Na verdade, suas bases emanam a partir da constituição de 1988 ao considerar a educação e o trabalho, lazer, saúde, moradia como direitos fundamentais (BRASIL, 1988). Nela em seu artigo 205 fica posto que a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. A carta magna estabelece que um dos princípios para que isso seja efetivado reside na igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

Quando observamos essa questão devemos perceber que implicitamente o Estado, a família e a sociedade estão sendo convocados para que possam proporcionar um processo de inclusão e manutenção das crianças e dos jovens na escola com o máximo de proteção possível. Nesse ponto, procurando afastar problemas que possam dificultar sua entrada e permanencia na escola, tais como o trabalho infantil.

O direito à educação e sua efetivação deve ser implementado visando as peculiaridades desse alunado que, em muitos casos, tem os horários específicos, condições sociais heterogêneas, objetivos próprios e atividades conflitantes com a atividade escolar. Escolas agrícolas no interior dos estados e municípios são um exemplo de educação próxima das

realidades e demandas diversificadas das crianças e jovens inseridos numa realidade específica<sup>67</sup>.

Para garantir a proteção da criança e do adolescente na conciliação do trabalho e da educação a Consolidação das leis do Trabalho (1941) vem recebendo atualizações no próprio texto da lei, ou através de outras leis que se entrecruzam e complementam as lacunas deixadas pela CLT. Atualmente, logo no artigo 402 fica estabelecido que menor-trabalhador é o jovem entre 14 e 18 anos, assim como mencionam o ECA e a Constituição de 1988. A essência do capítulo consiste em estabelecer as bases e parâmetros para a atuação do menor no mercado de trabalho. Os artigos seguintes proíbem qualquer forma de trabalho para menores de 16 anos, salvo na condição de aprendiz. Vale ressaltar que de acordo com esta lei, jovens maiores de 16 anos podem ser contratados como aprendizes, no entanto, nem todos os jovens entre 16 e 24 anos são aprendizes. As disposições gerais do capítulo buscam estabelecer os direitos fundamentais do menor-trabalhador em seu local de trabalho, garantindo formar abusivas de trabalho e preocupando-se com o princípio da dignidade da pessoa humana e respeitando a condição peculiar de pessoa em desenvolvimento dos jovens.

A CLT alterada de 1967 pelo decreto lei nº229/67 também enumera um rol de profissões tidas como insalubres, perigosas ou prejudiciais a moralidade da criança e do adolescente. Nessa lista constam, por exemplo, funções circenses e em teatros de revista, cinemas, boates, cassinos, cabarés, dancings, bem como estabelecimentos análogos.

Retomando os preceitos da constituição acerca da coparticipação entre família, Estado e sociedade na formação da criança e do adolescente, a CLT sofreu alterações na década de 1990, adicionando a responsabilização dos pais para que os menores tenham acesso à educação mesmo que estejam trabalhando. Dessa forma, cabe aos pais afastá-los de uma rotina que diminua consideravelmente seu tempo de estudo e prejudique seu desenvolvimento. Ao Estado cabe fiscalizar o empregador para que esse seja obrigado por lei a conceder ao menor o tempo necessário para a frequência das aulas independente da função remunerada desempenhada.

Nesse contexto legislativo, muitas vezes pensamos nos jovens exercendo atividades no mercado ordinário dentro de fábricas e no comércio, ou no pior dos cenários as crianças que ocupam atividades em carvoarias, olarias ou na agricultura familiar. Todavia, o rol de

---

<sup>67</sup> As escolas agrícolas do país se caracterizam por um currículo diversificado, que respeita a base nacional comum, mas que introduz na sua base diversifica elementos próprios da realidade das comunidades agrícolas tais como conhecimentos práticos sobre plantio e processamento de alimentos. Além disso, os conteúdos convencionais são relacionados com a história da região e com as necessidades do educando. Por fim, em algumas dessas escolas o horário e o calendário anual são ajustados ao período da produção agrícola.

atividades laborais nas quais crianças e jovens estão inseridas também não incluem aquelas de cunho intelectual e artístico, tais como atores mirins, cantores mirins e jovens atletas em formação.

Ao contrário das atividades mais ligadas à natureza braçal, essas de cunho intelectual e artístico tiveram durante muito tempo certa permissividade dos agentes públicos e legais em sua regulamentação e fiscalização, mesmo sendo prevista de certa forma pelo decreto lei nº229/67, como dito acima. Nesse caso, apesar de existir uma desaprovação social sobre o trabalho infantil e uma tentativa de erradicação do mesmo, algumas situações fogem aos olhos do cidadão comum e até mesmo de especialistas que naturalizam algumas situações como se não configurassem trabalho infantil. Nesse sentido, temos, por exemplo, a exposição cotidiana de crianças na televisão, e em competições esportivas sem nos conscientizar que aquilo também pode se transmutar como uma forma de trabalho infantil.

Para esses, parece que as consequências de uma dupla carreira estão distantes dos seus horizontes, tanto pelo desconhecimento, quanto pelas paixões relacionadas às expectativas na carreira artística ou esportiva. Além disso, a exploração do trabalho infantil quando direcionada para produção de bens intelectuais e artísticos, parece aos olhos da sociedade mais sutis e, por isso, mais difíceis de serem observados e classificados como tal. Esse problema pode ser verificado em pesquisa realizada com atores mirins por Cyrillo e Dias (2013) nos quais os autores verificam que:

Pesquisas realizadas demonstram que a maioria dos entrevistados considera o trabalho infantil algo inadmissível, embora achem gracioso, ver uma criança contracenando em um filme ou novela ao lado de adultos e realizando interpretações como se fossem atores profissionais.

Nota-se uma não observância da discriminação existente na sociedade, que se comove ao ver uma criança em uma carroceria e se divertem ao assistir um programa repleto de crianças fazendo papéis de adulto ou competindo enquanto talentos musicais com vistas ao entretenimento populacional. Cabe ressaltar que a criança que passa de 6 a 8 horas por dia num estúdio de gravação ensaiando ou atuando, também recai nos casos anteriormente citados de conciliação entre trabalho e outras atividades típicas da sua idade. A consequência, como vimos, pode ser trágica para o desenvolvimento psicossocial do indivíduo e para sua emancipação.

Ao observarmos as especificidades dos atores e cantores mirins dentro do mundo artístico, normalmente estabelecemos uma relação de proximidade com a rotina dos jovens atletas em formação. Fazemos isso, por reconhecer nesses grupos de crianças, e adolescentes

a iniciação de um trabalho precoce e sistemático de formação, mas também porque ambos visam abastecer o setor do entretenimento e trazem para os mais bem-sucedidos grande visibilidade e lucros. Contudo, além disso, essas atividades comungam um *status* de subinclusão<sup>68</sup> nas leis referentes ao trabalho e à proteção dos direitos de crianças, adolescentes e jovens, encaixando-os na categoria de jovem trabalhador.

A situação trabalhista dos jovens atletas do futebol, indivíduos analisados nessa pesquisa, é ainda mais ambígua do que aquela referente aos artistas mirins, pois no contexto esportivo, diferentemente do artístico, não é tão clara a diferença entre atividades de trabalho e não-trabalho. No caso dos artistas mirins, qualquer atividade que seja realizada tal como um programa, uma peça, comercial ou um show deve obrigatoriamente possuir um contrato de prestação de serviços entre o contratante e contratado. Nessas situações o artista mirim não pode assinar um contrato por ser menor de idade, mas seus responsáveis legais em conformidade com a vara da infância podem fazê-lo tornando-o parte interessada no contrato e indiretamente usufrutuário do mesmo. Isso quer dizer que mesmo indiretamente o ator mirim possui algum tipo de vínculo com a parte a qual presta o serviço, qualificando a atividade enquanto trabalho formal.

A realidade verificada no cotidiano dos jovens atletas de futebol nos centros de formação não ocorre dessa forma. Apesar de desempenharem atividades de longas horas ligadas a formação em um setor da atividade econômica, a grande maioria não possui qualquer forma de vínculo empregatício com a instituição na qual desempenham essas funções. A própria lei Pelé (1998) era extremamente vaga, e ajudava a criar mais dúvidas do que respostas, posto que seu artigo 29, parágrafo 4º explicitava que o atleta não-profissional em formação, maior de 14 e menor de 20 anos de idade, poderia receber auxílio financeiro da entidade de prática desportiva formadora, sob a forma de bolsa de aprendizagem livremente pactuada mediante contrato formal, sem que fosse gerado vínculo empregatício entre as partes (BRASIL, 1998, Artigo 29, parágrafo 4º).

A lei nesse formato não contempla e nem considera jovens atletas menores de 14 anos como indivíduos praticantes de uma atividade metódica de formação que utiliza uma fração do seu dia para o desenvolvimento dessas atividades esportivas. Além disso, a lei Pelé não considera a atividade da formação esportiva como vínculo empregatício entre o atleta e o

---

<sup>68</sup> Entende-se por subinclusão os casos em que a legislação pertinente não trata nos seus textos legais, porém, deveriam estar encaixados nos seus dispositivos (ROCHA, 2017). O exemplo da condição do jovem atleta e dos artistas mirins não estarem prevista nas leis de proteção dos direitos das crianças, adolescentes e jovens, assim como não haver a prescrição na legislação sobre esses tipos de trabalho reforçam a representação dessas atividades na categoria de subinclusão.

clube ou entre os responsáveis legais do atleta e esse mesmo clube. Tal situação possibilita uma precarização das relações entre as partes e uma desresponsabilização do clube sobre a criança e o adolescente no que tange a formação escolar, condições de treinamento e respeito à legislação de proteção ao menor<sup>69</sup>.

Ao compararmos essa situação com aquela descrita para os artistas mirins, percebe-se que com esses quaisquer tipos de exposições midiáticas estão caracterizadas como relação de trabalho. Na situação dos jovens atletas existe uma utilização pelos clubes de crianças e/ou adolescentes com idade inferior a 14 anos, que são submetidos à seletividade e hipercompetitividade típica do futebol praticado e configurando-se como potenciais mercadorias no futebol. No entanto, as categorias de base começam com a sub-11, ou seja, atletas com menos de 14 anos que já estão inseridos no futebol e buscam a profissionalização no esporte.

Não necessariamente pertencer a sub-11 representa uma exploração da criança, já que esta atividade pode ser realizada sem caracterizar violação da dignidade do indivíduo. A existência de seletividade e a hipercompetitividade no desenvolvimento das atividades dos centros de formação são os principais alvos de críticas do ministério público do trabalho, pois, para este órgão tal fato configura a existência de relações laborais homologas aquelas verificadas no mercado de trabalho ordinário.

#### **1.4.2- O jovem atleta e as ações dos órgãos competentes.**

Como podemos analisar a condição de trabalhador dos jovens atletas é ambígua pela natureza de subinclusão em que esses se encontram. Possuidores de direitos ligados a infância e a adolescência, no que tange aos direitos trabalhistas e regulamentações sobre a relação entre trabalho e infância, ainda permanecem numa situação de quase invisibilidade para a maior parte dos juristas, dos políticos e da sociedade civil.

A dificuldade de reconhecimento dessa atividade de formação enquanto uma carreira que pode se configurar em vínculo empregatício impede a percepção da existência de uma dupla carreira dentro da rotina desses jovens. Consequentemente vemos uma situação débil de proteção aos direitos trabalhistas desse grupo quando comparados com outros ofícios praticados por jovens na mesma idade.

---

<sup>69</sup> Cabe ressaltar que muitos clubes procurando se desonerar das responsabilidades legais com relação aos atletas, procuram caracterizar a formação esportiva em seus centros de treinamento como desporto educacional e não como desporto de alto rendimento, justamente para não precisarem arcar com as responsabilidades legais e trabalhistas.

A formação profissional no futebol é regulada por uma legislação própria ao esporte em tela e, obviamente, submetida às leis de um país.<sup>70</sup> Mas temos que considerar que no Brasil, as leis muitas vezes não se conectam e complementam, mas criam sim um cenário ainda mais desconexo, ambíguo e lacunar na salvaguarda dos direitos fundamentais. Nesse sentido, o Ministério Público do Trabalho (MPT), vem desempenhando nos últimos 8 anos um intenso esforço para combater os desrespeitos e abusos sobre a formação esportiva de jovens atletas inseridos no futebol.

A preocupação mais acentuada desse órgão sobre as condições de vida e trabalho dos jovens atletas está fortemente ligada a inserção desses indivíduos na agenda política brasileira. Nesse caso, podemos citar dois motivos possivelmente ligados à inserção dos jovens atletas na pauta das discussões sobre trabalho e na fiscalização sobre suas condições de vida. Primeiramente a *International Labour Organization*(ILO) no ano de 2008 sugeriu que as carreiras do entretenimento e das artes tivessem tratamentos e pareceres trabalhistas julgados caso a caso segundo suas especificidades de atuação. Talvez, no escopo dessa orientação, os juristas e defensores públicos brasileiros tenham interpretado que a profissão de jogador de futebol também deveria se encaixar nessa área.

Além das orientações da ILO, devemos notar que a partir da realização dos jogos pan-americanos de 2007 e da escolha do Brasil para sediar a Copa do Mundo de 2014, da realização dos jogos olímpicos e paralímpicos de 2016, a noção de legado ganhou força no país de modo que pode ter ampliado a observação sobre esse setor. Essa concepção, muito mais do que ligada as questões materiais, também englobou a tentativa de mudança de paradigmas, comportamentos e legislações ligadas ao esporte.

Diante disso, a Coordenadoria Nacional de Combate à Exploração do Trabalho de Crianças e Adolescentes (COORDINFÂNCIA)<sup>71</sup>, criada em 10 de dezembro de 2000, pôs olhos sobre os jovens atletas e alavancou seus trabalhos com o aparecimento do Projeto Atletas da Copa e das Olimpíadas. Esse documento parte de uma interpretação sistemática da Lei Pelé, principal legislação esportiva nacional, entendendo que ela apresenta determinadas lacunas que precisam ser preenchidas porque possibilitam as situações de exploração do trabalho infantil esportivo.

---

<sup>70</sup> Apesar da submissão das leis do futebol as leis nacionais, a FIFA preconiza que as intervenções do Estado sobre os rumos do futebol nacional de cada país devem ser mínimas, com a esperança, se possível, que elas não existam. Dependendo da intervenção do Estado em algumas questões futebolísticas, o país pode até mesmo ser suspenso pela FIFA de competições internacionais.

<sup>71</sup>Essa coordenadoria possui a função de estimular, orientar e fiscalizar ações que visem o ataque à exploração de menores de 18 anos de idade (MPT/COORDINFÂNCIA, 2010)

Amparado no referido projeto, o relatório de atividades de 2010 da agência do ministério público do trabalho salientou a importância de se ajuizar ações que busquem o combate à exploração dos menores em espaços de formação esportiva. A palavra “esporte” é repetida 33 vezes ao longo de todo o relatório de atividades e em todas as ocasiões explora-se a relação de trabalho existente entre as agências esportivas e os atletas em formação profissional (ROCHA, 2017).

A COORDINFÂNCIA estabeleceu detalhamentos profundos sobre os dilemas da formação esportiva e evidenciou a urgência sobre as discussões acerca do desenvolvimento do esporte profissional no país, especialmente aquele de base. O Relatório de Atividades propôs um maior acompanhamento da formação esportiva de jovens atletas e justifica a sua intenção a partir do seguinte contexto:

A Lei Pelé introduziu um início de sistematização dos direitos e garantias das crianças adolescentes envolvidos em relações de trabalho focadas na formação profissional como atletas. No entanto, existem lacunas e contradições que colaboram para a precarização das relações de profissionalização. Além disso, a realidade é que a formação de atletas virou um negócio que atrai tanto pessoas ou grupos comprometidos com a infância e com o esporte quanto aventureiros comprometidos exclusivamente com o potencial de lucro que poderão obter explorando o trabalho de atletas-mirins. Como a relação de profissionalização, principalmente nos esportes coletivos, e especificamente no futebol implica uma forma de relação de trabalho, abre-se um amplo leque de situações que demandam a atuação do MPT (MPT/COORDINFÂNCIA, 2010, p. 128).

O documento explicita questões relativas a formação esportiva no futebol que vinham sendo discutidas exaustivamente pela literatura do campo acadêmico desde o início década de 2000 (EPIPHANIO,2002; MIRANDA,2007; RIAL,2011; MELO,2010, SOARES, SOUZA et al, 2008; SOARES *et al*, 2011, ROCHA, 2012; CORREIA, 2012), mas que não vinham sendo acompanhadas pela grande mídia e nem pelos órgãos fiscalizadores. É somente com o advento dos megaeventos e do ciclo olímpico que tais conjunturas pareceram vir a tona no debate esportivo nacional.

Uma das consequências dessa atenção maior dada a formação esportiva e sua observância enquanto trabalho regular foram as alterações realizadas na lei Pelé no ano de 2011 através da Lei nº 12.395, de 16 de março de 2011 (BRASIL, 2011). Essa mudança pode ser entendida como o elemento principal para a proteção de crianças e adolescentes no esporte de alto rendimento, trazendo novas interpretações sobre a natureza do trabalho infantil.

As mudanças na Lei Pelé surgiram como efeito de melhor adequação da relação de trabalho entre clube e atleta. Os produtos disso foram novas interpretações sobre as



modalidades de esportes existentes e as responsabilidades das instituições sobre os jovens dentro de cada uma delas.

A Lei Pelé e suas modificações deram aparato legal à criação do Certificado de Clube Formador (CCF). O Certificado de Clube Formador demarca as ações que um clube deve empreender para qualificar-se como entidade formadora. Essas ações estão previstas nas alterações sofridas pela Lei Pelé, a partir da Lei nº 12.395, de 2011. Aproveitando-se dos dispositivos previstos na nova Lei Pelé, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) deliberou sobre a elaboração do Certificado de Clube Formador, tornando-se a responsável por verificar o cumprimento das normas estabelecidas e por atribuir aos seus entes federativos tal certificação (ROCHA, 2017).

A posse desse certificado de clube formador se dá através do atendimento de inúmeros requisitos materiais, legais e estruturais pelos clubes de futebol do Brasil. Nesse sentido, a CBF estabeleceu duas categorias de clube formador, segundo o enquadramento das agremiações futebolísticas a nova realidade. As categorias do CCF são:

Categoria “A” – para os clubes que preencherem requisitos comprovadamente acima das exigências mínimas, concedido com validade máxima de dois (2) anos;

Categoria “B” – para os clubes que preencherem os requisitos mínimos, concedido com validade máxima de um (1) ano (CBF, 2012, s/p).

Os critérios básicos para obtenção do CCF estão no Anexo II da mesma resolução da CBF. No documento é exposto que os clubes devem comprovar: 1) a relação e a qualificação do corpo de profissionais responsáveis pela formação dos atletas (técnicos, preparadores físicos, etc.); 2) participar das competições oficiais nas categorias de base; 3) apresentar todo o cronograma de atividades dos atletas, assegurando-lhes a compatibilidade entre essas e sua faixa etária, bem como a conciliação com a formação escolar; 4) prestar assistência aos estudos do atleta, garantindo-o horários para o cumprimento de qualquer que seja sua modalidade de ensino, realizando sua matrícula, controlando sua frequência e rendimento nas atividades educacionais; e 5) garantir a assistência à saúde do atleta com profissionais capacitados. Além desses requisitos, o clube ainda deve assegurar aos jovens em formação o convívio com a família, sem que haja prejuízo às atividades profissionais; fornecer material esportivo para o treinamento e competições; e zelar pela saúde mental, alimentação, entre outros direitos apresentados nessa seção (CBF, 2012).

O respeito à regulamentação, no entanto, não é imperativa e, com isso, os clubes podem ou não se adequar aos critérios estabelecidos pela CBF para os clubes formadores. Na

atualidade existem 37 clubes formadores com certidão “A” e 6 clubes com certificado “B”, totalizando apenas 43 clubes certificados num universo de aproximadamente 776 clubes de futebol no país (CBF,2016). Chama a atenção nesses dados a ausência de certificados de clubes formadores em agremiações que comumente frequentam a série A do campeonato nacional, tais como Vasco da Gama, Chapecoense, Santa Cruz, Sport, Náutico, América Mineiro, entre outros.

Para aqueles que adotam os requisitos e tornam-se clubes formadores gozam de benefícios como entidade formadora, conforme esclarece o artigo 29 da Lei Pelé:

Art. 29. A entidade de prática desportiva formadora do atleta terá o direito de assinar com ele, a partir de 16 (dezesseis) anos de idade, o primeiro contrato especial de trabalho desportivo, cujo prazo não poderá ser superior a 5 (cinco) anos (BRASIL, 1998, 2011).

Além da prioridade na assinatura do primeiro contrato profissional do menor de 18 anos que passar pelo processo de profissionalização no clube com o CCF, o clube esportivo ainda terá participações nos percentuais de transações econômicas durante sua carreira em que aquele atleta esteja envolvido. Caso haja algum tipo de desistência, por parte do atleta em vincular-se profissionalmente ao clube que comprovadamente foi seu formador, esse clube terá o direito a uma verba indenizatória caso ele se filie a outro clube. A certificação da entidade formadora do atleta é um avanço na garantia dos direitos previstos na legislação pertinente ao menor de 18 anos de idade, mesmo que grande parte dos clubes brasileiros ainda não tenha esse documento.

O surgimento de uma maior preocupação dos legisladores com a formação do atleta, materializada nas alterações da Lei Pelé em 2011, foram acompanhadas de uma maior fiscalização do Ministério Público do Trabalho nos centros de treinamentos espalhados pelo país.

O Ministério Público do Trabalho (MPT) vem investigando casos de violação dos direitos fundamentais de crianças e adolescentes que buscam a profissionalização no futebol. Barreto (2012) mostrou a ação do MPT no Estado de Minas Gerais, quando 11 adolescentes foram encontrados sobrevivendo em condições subumanas, sem acesso à educação, ao convívio com a família e condições de salubridade no alojamento. Barreto (2012) disse que,

Em Formiga, os menores não tinham acesso fácil às famílias, não frequentavam a escola e não tinham sequer autorização dos pais, por escrito, para estarem alojados nas dependências do clube. Estavam, ainda, sem cuidados básicos de

higiene e saúde ou a proteção de um adulto. Os dados são do site oficial do MPT de Minas Gerais (BARRETO, 2012, p. 42).

Assim como o caso estudado por Barreto (2012) no estado de Minas Gerais, outros casos também vêm sendo desnudados através de fiscalizações dos MPTs de outros estados brasileiros. Um caso emblemático ocorreu numa inspeção do MPT, em 2012 apontando para a incapacidade dos clubes E.C Piraquara e E.C.S.J (São José dos Campos) de cumprirem o artigo 227 da Constituição Federal, visto que os alojamentos encontrados não apresentavam condições para a recepção dos familiares daqueles atletas. De acordo com Marta Toledo, representante do MPT:

[...] o direito à convivência familiar é direito essencial de crianças e adolescentes, portanto, um dos direitos da personalidade infanto-juvenil, e isso não vem sendo respeitado dentro desses clubes. Por isso, a diligência e a fiscalização sobre eles.

Os casos similares a esses não são exceções. Na verdade, com uma rápida busca pela internet podemos constatar diversos casos de desrespeito aos direitos da criança e do adolescente dentro dos centros de treinamento e que vem sendo mostrados pela grande mídia. Um dos casos mais trágicos ocorreu no Rio de Janeiro em 2012, quando o “jornal Extra” noticiou a morte de um jovem de 14 anos por convulsão, dentro das dependências do clube de regatas Vasco da Gama enquanto esse realizava um treinamento. O local não possuía ambulância e nem uma equipe médica de plantão para auxiliar os jovens nas atividades diárias.

A partir desse caso, o ministério público iniciou uma série de diligências nos centro de treinamento do clube, onde foram verificadas diversas irregularidades. Nessas visitas, o MPT encontrou jovens em alojamentos precários, ausência de alimentação adequada, pouco ou nenhum contato com sua família e problemas para frequentar a escola devido à alta carga de treinos. Com base nessas averiguações o clube foi obrigado a assinar um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) no início de 2013 e ajustar suas categorias de base a esse termo.

Os casos apresentados configuravam grave violação aos direitos dos jovens que são atletas de futebol e eram submetidos a condições precárias de sobrevivência em alojamentos improvisados. Pudemos perceber que a visibilidade dos exemplos foi dada somente por conta de denúncias, as quais fizeram com que essas situações chegassem aos órgãos competentes para averiguação e à imprensa.

As ações do MPT são enérgicas, mas a configuração da Lei Pelé, mesmo após suas alterações de 2011, ainda abre precedentes para que os clubes e entidades que formam atletas

lancem mão de argumentos para se protegerem das ações fiscalizadoras (JESUS *et. al.*, 2013). Um dos artifícios usados pelos clubes e agremiações que formam atletas é dizer que suas formas de atividades se configuram como esporte educacional e não como alto rendimento em suas instalações.

O MPT discorda frontalmente dessas interpretações, pois, compreende que a formação esportiva se atrela à categoria de base do esporte de rendimento, o que faz com que suas ações sejam condizentes para a garantia dos direitos das crianças adolescentes e jovens nesse processo de formação específica. Nesse caso, Jesus *et. al.* (2013, p. 17) descreveu:

[...] os esportes individuais, como regra, não implicam relação empregatícia. A remuneração dos atletas que se dedicam a esses esportes, quando existente, provém de patrocínios, cessões de direito à imagem ou mesmo de programas governamentais de incentivo ao esporte. Esse tipo de relação jurídica reforça a competência da Justiça do Trabalho, muito embora possa ser definida como uma espécie de trabalho, em sentido amplo.

No que diz respeito aos esportes coletivos, a situação é diferente. Existe uma relação jurídica entre os atletas e os clubes aos quais estão vinculados. É possível que essa relação jurídica seja de trabalho voluntário, o que ocorre em regra nas ligas amadoras. Nesses casos, por amor ao esporte, por desejo de competir, o atleta se vincula ao clube. No entanto, a partir do momento em que o clube contrata atletas para defendê-lo em competições, seja para manter seu *status* e atrair mais sócios, seja para usufruir do produto da bilheteria, propaganda, *merchandising* ou direitos de reprodução dos espetáculos, surge uma relação empregatícia.

No entendimento do Ministério Público do Trabalho, a relação empregatícia entre o atleta e o clube acontece quando o primeiro é contratado em vias de produção para o espetáculo esportivo (MPT, 2010). Ainda nesse sentido, há uma crítica do MPT sobre a condição da relação de trabalho entre o clube e o atleta que, segundo Jesus *et. al.* (2013), foi afastada pelos dispositivos da Lei Pelé, no artigo 29, parágrafo 4º, que versa a completa ausência de vínculo empregatício para aqueles com idade inferior aos 14 anos de idade. A medida da Lei Pelé dispõe sobre a possibilidade de o clube ou entidade formadora poder firmar um acordo de recebimento de proventos pelo atleta, através de bolsa aprendizagem, porém, sem configurar vínculo empregatício. Todavia, dada a exposição dos jovens em formação no esporte às competições e à produção de talentos para o campo do entretenimento, o MPT entende toda relação do clube ou entidade formadora com o atleta em formação como uma forma mais ampla de relação de trabalho, assim como vem sendo feito com as crianças e jovens pertencentes ao ramo artístico.

O esforço do Ministério Público do Trabalho em enquadrar a natureza de profissionalização no esporte de rendimento nos seus planos de ação remete às lacunas deixadas pela legislação tratante dos temas que envolvem crianças, adolescentes e jovens e suas possíveis relações de trabalho. O que vimos com a exposição das orientações do MPT é a

tentativa de retirada do jovem atleta da dita condição de subinclusão nas leis referentes ao trabalho e à proteção dos direitos de crianças adolescentes e jovens, encaixando-os na categoria de jovem trabalhador.

Nessa situação, o campo de possibilidades dos atletas é palco de diversos conflitos entre os agentes do campo futebolístico (clubes, dirigentes, confederações e federações, comissão técnica), os agentes do campo político e jurídico (advogados, MPT, Estado) e os agentes do campo econômico (empresários, patrocinadores) que se tornam elementos importantes no processo de configuração dos projetos individuais dos atletas e coletivos das suas famílias. Os atletas e suas famílias precisam dialogar com um contexto intrincado e pontuado por ambiguidades legais, na qual a criança e o adolescente devem estar na escola, mas onde se permite que o indivíduo inserido no esporte desempenhe longas horas de trabalhos físicos sem a devida fiscalização.

Frente a essa comunicação institucional insuficiente, ocasionada por uma fraca presença do Estado no que se refere às políticas de proteção social e as garantias constitucionais, as famílias, principalmente, aquelas pertencentes as classes populares da sociedade, precisam se organizar na sua esfera privada de vida. Nesse ponto, se organizam dentro das famílias redes de sociabilidade e parentesco mais amplas com vistas a construir modelos alternativos de vida social para efetivar direitos e alargar campo de possibilidade que se encontram sinuosos ou obstruídos. Nessa configuração, o problema da conciliação entre o esporte de alto rendimento e a escolarização é uma das principais questões que permeiam o projeto individual dos atletas e coletivo das famílias. Esses indivíduos encontram-se inseridos num esporte altamente profissionalizado, que movimenta cifras bilionárias todo ano e possui forte apelo social em nosso cotidiano. Contudo, ao mesmo tempo esses jovens atletas e suas famílias estão inseridos num sistema de ensino com sérios problemas de equidade, oportunidades e representatividade, no qual são obrigados pela legislação a se manterem matriculados até os 17 anos de idade sem uma política de Estado que auxilie a conciliação entre essas duas atividades.

As famílias precisam buscar seus próprios caminhos numa relação entre o esporte e a escolarização marcada por uma configuração complexa, para a qual direcionamos essa pesquisa. O campo futebolístico concorre pelo tempo e pela dedicação dos jovens atletas à escola; e configura um jogo quase sempre de forças desproporcionais aos apelos da formação escolar. No centro dessas relações, o jovem atleta se coloca como agente em busca de solucionar um conflito entre um sonho de vida (o esporte) e uma obrigação social (a escola). Além disso, a família e o Estado atuam como mediadores desse problema em determinados momentos de maneira tangencial. É nesse contexto em que os jovens atletas e suas famílias devem realizar suas escolhas.

---

## Capítulo 2: Operacionalizações teórico-metodológicas

---

### **2.1-Apontamentos metodológicos e caminhos da pesquisa.**

A pesquisa com os atletas e suas famílias teve como base um grande clube de futebol do Rio de Janeiro que disputa a série principal do Campeonato Brasileiro. Logo, todos os atletas da pesquisa estavam inseridos nesse clube e, conseqüentemente, suas famílias eram de alguma forma influenciadas pela rotina e gestão do clube sobre a vida desses jovens.

O clube foi primeiramente escolhido porque é um dos quatro que possui o certificado de clube formador no Estado do Rio de Janeiro<sup>72</sup>, ou seja, reúne as condições básicas da legislação para formar atletas de futebol de alto rendimento. Estamos analisando as rotinas de atletas inseridos em espaços de desenvolvimento esportivo considerados como padrão pela legislação nacional. Além disso, escolha por esse clube reside na facilitada abertura dada pela agremiação esportiva para realização da pesquisa através do franqueamento de suas dependências aos pesquisadores.

Quando iniciei a empreitada da pesquisa sobre os projetos individuais dos jovens atletas e coletivos das famílias, considerava que a parte mais difícil seria a interpretação dos dados e a utilização do arcabouço teórico que pudessem responder os meus questionamentos iniciais, ou até mesmo, desqualificá-los. Contudo, posso dizer que o maior trabalho dentro da pesquisa foi à inserção nos espaços nos quais os jovens transitavam, no caso, o clube em que treinavam, a escola em que estudavam e a casa que moravam. Todos esses locais de vivência e sociabilidade possuem em menor ou maior medida restrições aos “forasteiros” e códigos próprios de conduta que seguramente deixam aqueles que são de fora desses espaços com elementos estranhos ao meio. Nesse sentido, conseguir ganhar a confiança dos indivíduos do clube, das escolas e das famílias foi o maior desafio para desenvolver a pesquisa.

As dificuldades de entrada e permanência no clube também não foram pequenas apesar do franqueamento. O centro de treinamentos escolhido para realização da pesquisa pertence a uma grande agremiação esportiva do Rio de Janeiro e que possui relações intrínsecas de rivalidade e clubismo com outras agremiações da mesma cidade, esses elementos por si só criam um clima de desconfiança com a presença de um estranho em qualquer clube de

---

<sup>72</sup>Para receber o certificado, o clube teve que cumprir uma série de itens, entre eles a presença de médicos, preparador físicos, dentistas, psicólogos, fisioterapeutas, nutricionistas, assistentes sociais e educacionais, além de um programa de alimentação e infraestrutura específica para atender as necessidades básicas dos atletas.

futebol. Diante dessa situação, é expressamente proibida a entrada de qualquer pessoa não autorizada nas dependências do centro de formação. É necessário salientar que aqueles que possuem acesso livre indiretamente acabam conhecendo um pouco mais da vida social e esportiva do local. Com isso, essas pessoas (entre elas eu) possuem acesso à dinâmica dos bastidores do centro de formação, os círculos de alianças, as fofocas e as disputas internas em torno do poder, dos recursos e do prestígio.

À primeira vista, o que chama atenção é a oposição entre o clube enquanto nós, ou seja, uma comunidade imaginada que partilha de uma cultura, normas e interesses próprios em contraposição às pessoas alheias à vida cotidiana do clube, entendidos como os "outros". Há uma preocupação sobre a entrada ostensiva de meios de comunicação e de pessoas alheias a clube, pois, eles podem divulgar a imagens dos atletas e, conseqüentemente, suas conquistas e seus sucessos esportivos. Dentro de um circuito esportivo altamente competitivo, a revelação de um atleta com grande habilidade esportiva em meios de comunicação largamente difundidos pode ser a porta aberta para diversas ofertas e propostas de transferência para outras agremiações esportivas.<sup>73</sup>

Nesse cenário pontuado por rivalidades, blindagens e desconfianças, eu tentei, de alguma forma, entrar com a intenção de selecionar potenciais atletas e famílias para analisar suas trajetórias de vidas, suas rotinas esportivas e suas rotinas escolares. Minha entrada foi possível com o auxílio de Hugo Rocha, também pesquisador do LABEC, que encontrava-se realizando, na época, pesquisa no clube. Seu acesso ao clube se deu através de um contato estreito com um dos coordenadores das categorias de base que possui relações com um dos membros do LABEC. Com isso, a entrada de Hugo Rocha e, conseqüentemente, a minha foi possível pelas conexões existentes entre funcionários importantes do centro de treinamento e membros do grupo de pesquisa. A partir disso, esse coordenador pode compreender exatamente quais eram as nossas intenções e isso permitiu que pudéssemos ter acesso franqueado ao centro de treinamentos.

A presença dele, pessoa proeminente dentro daquela “tribo” chamada [nome do clube], de alguma maneira trazia para nossa figura e nosso trabalho certa credibilidade e confiança para que pudéssemos pelo menos iniciar o trabalho de campo. Ao nos colocar como uma pessoa de sua confiança, o coordenador acabou emprestando-nos um pouco de seu capital

---

<sup>73</sup> Sobre essa questão, o São Paulo Futebol Clube é uma das agremiações esportivas que possui a maior rede de contatos empresariais e de olheiros no Brasil. Dessa forma, muitos atletas, principalmente do futebol, são convidados para conhecerem as dependências do clube e por lá ficam. Essa situação é facilitada porque até os 16 anos os atletas não podem assinar contratos formais, e, com isso, a relação entre o clube e o atleta é pautada principalmente pela confiança e pelos acordos verbais entre os familiares/empresários e o clube.

simbólico dentro daquele espaço. Além disso, dentro do clube, parecia haver algo semelhante ao que William Foot White identificou na comunidade de Corneville como sendo uma “[...] rede intrincada de obrigações recíprocas” (WHYTE, 2005, p. 21). White, em seu trabalho, mostra como era comum, por exemplo, que uma família com dificuldades fosse amparada pelos seus conterrâneos e, quando se restabelesse, retribuiria a cordialidade de seus vizinhos. Assim, nesse clube, o beneplácito para minha entrada significava um momento específico nesse circuito que os funcionários da deveriam realizar.

No entanto, a maneira como fiz a entrada, necessitando utilizar credenciais alheias para conceder legitimidade dentro do espaço de pesquisa ainda manteriam por um tempo o meu desconforto dentro da instituição e o desconforto das outras pessoas com a minha presença ali dentro.

Ao chegar ao centro de treinamento, tive inicialmente muita dificuldade em obter qualquer informação das pessoas, pois, nenhum funcionário ou atleta me conhecia, com exceção da assistente social e a psicóloga. Diante disso, em um primeiro momento que durou aproximadamente 1 mês (maio de 2015), eu era completamente exótico e estranho para aquelas pessoas, tanto funcionários quanto atletas. Nessa situação, eu estava completamente visível no clube e todas as minhas ações eram observadas (com certo grau de curiosidade e desconfiança) e todos os comportamentos perto de mim pareciam artificiais e calculados.

Apesar das dificuldades, a escolha por estudar somente os atletas de um mesmo clube se deve as condições semelhantes de rotina de treino e formação esportiva as quais estavam inseridos nos anos da pesquisa (2015-2017). Entre os alunos-atletas selecionados levantamos informações junto a atletas da categoria infanto-juvenil (15-16 anos) e juvenil (17-18 anos), por acreditarmos que é nessa fase da vida em que a escolha do jovem e da sua família em seguir a carreira escolar e/ou futebolística se torna crucial. Os jovens atletas em questão têm faixa etária entre 15 e 18 anos, o que, em tese, colocá-los-iam também nos anos finais da educação básica. Como apontam os estudos, nessa fase da carreira há maior possibilidade de profissionalização esportiva (SOARES, *et al*, 2011; EIPHANIO, 2002) e, ao mesmo tempo, é também nesse momento que pode existir maior tensão entre os tempos da prática esportiva e da escolar (MELO, 2010; SOARES *et al*, 2013)<sup>74</sup>. Diante dessas premissas, a escolha dessa faixa etária se deu em função de este ser o momento no qual poderemos observar as tensões na formatação dos projetos individuais e familiares no investimento mais efetivo no esporte ou na escolarização dos atletas.

---

<sup>74</sup>Esses autores afirmam que conforme avançam nas categorias de base rumo à profissionalização, os treinamentos nos clubes tendem a ocupar um maior tempo na rotina diária do atleta.



É importante frisar que nesse momento os alunos-atletas estão inseridos num segmento escolar especialmente problemático e ambíguo da formação acadêmica, ou seja, o ensino médio (SCHWARTZMAN, 2011). Essa etapa do ensino é especialmente complicada porque percebemos que existem outros fatores nessa idade que atraem a atenção e trazem mais significados para suas vidas, como, por exemplo, a inserção no mercado de trabalho. (CORROCHANO; NAKANO2002).

Para compreender como se efetivam as escolhas e as estratégias coletivas das famílias e individuais dos atletas foi realizada uma abordagem qualitativa. Levantou-se dados sobre a rotina de treinamento e competições dos atletas, como: tempo diário de treino; tempo de deslocamento para o treino e para a escola; tempo de estudos na escola; atividades no tempo livre; composição familiar (número de irmãos, situação ocupacional dos pais etc.), entre outras categorias que julgamos importantes para o teste das hipóteses

Para obtenção dessas informações o fio condutor da pesquisa foram as observações participantes que possibilitaram a produção de anotações de campo, mas também impuseram desafios ao longo do trabalho.

A relação atletas, clubes e famílias se tornou o eixo central de observação nesse estudo. O contato com os pais também não foi fácil, pois, procurei estabelecê-lo com o mínimo de interferência possível do clube<sup>75</sup>, no intuito de que aqueles atletas/ famílias selecionados pelo clube não fossem, na verdade, uma amostra enviesada por intenções subliminares do clube.<sup>76</sup> Por isso, minha busca pelas famílias a serem estudadas começou nas arquibancadas dos jogos das categorias de base durante as partidas dos campeonatos regionais e estaduais. Durante essas competições dezenas de famílias participavam na torcida pelos seus filhos e foi através dos contatos nas arquibancadas que eu estabeleci relacionamentos com 2 famílias: Moreira e Torres.

O contato com a família Marques foi feito dentro do clube, quando realizei uma visita na assistência social. Durante uma entrevista gravada com a funcionária do setor, chegou a matriarca da família que gostaria de falar com o diretor das categorias de base. A assistente social interrompeu a entrevista e saiu da sala. Enquanto isso, essa senhora começou a estabelecer contato comigo, perguntando quem eu era, pois nunca havia me visto no clube.

---

<sup>75</sup> A interferência do clube estava principalmente na aceitação de que aquele atleta pudesse falar conosco na pesquisa e no empréstimo dos locais de entrevista quando o atleta entrevistado era responsabilidade legal do clube (meninos alojados). Nesse sentido, o clube através da assistência social também forneceu diversas informações esportivas e pessoais dos atletas e suas famílias.

<sup>76</sup> Aos olhos dos funcionários do clube, eu era um pesquisador de fora, que gozava de certa abertura no clube, mas ainda sim, era alguém de fora, que estava lá para analisar e documentar as rotinas da instituição. Nesse caso, as famílias e os atletas selecionados pelo clube poderiam ser aqueles mais aderentes aos discursos oficiais do clube, ou seja, poderiam ser aqueles que simbolizavam aquilo que o clube queria que fosse visto dele.

Diante disso, expliquei o teor da pesquisa, o que nós fazíamos no clube, de onde nós éramos e como estávamos acompanhando os atletas e as famílias deles. Essa mãe se mostrou solícita para ajudar e disse que poderia contribuir com que quisesse, passando o contato dela para mim. Ainda assim continuamos conversando e ele falou por aproximadamente 15 minutos ininterruptos sobre a trajetória esportiva do filho dela.

O início do relacionamento de pesquisa com a mãe da família Marques foi muito importante para o aprofundamento do trabalho de campo, visto que entre os responsáveis que acompanhavam o dia-a-dia do clube, tinham extrema confiança nela, sendo que ela sempre estava presente nos principais horários de treinos e jogos de várias modalidades independentes do filho dela. Aproximar-me dela teve um efeito parecido com que William Foot Whyte experimentou ao se aproximar de “Doc” ao analisar a região de Corneville (WHYTE, 2005)<sup>77</sup>, ou seja, estar junto dela nos espaços públicos do clube e naqueles de sociabilidade das famílias com filhos no clube, ajudavam a desconstruir parte da desconfiança que os responsáveis viam em mim, contribuía para que eu me tornasse mais invisível/comum aos seus olhares e para que pudesse acessar determinados espaços e conversas que não seriam possíveis sem ela. Grupos de conversas que ocorriam durante os treinos e que antes da minha aproximação com ela, estavam fechados, tornaram-se muito mais fáceis a partir do momento que eu estava em sua companhia.

A escolha das outras 2 famílias (Guimarães e Almeida) a serem analisadas no trabalho ocorreu através de encontros e conversas realizadas no estacionamento do clube durante os treinos das categorias de base. Nesse aspecto, mais uma vez a mãe da família Marques foi importante, pois, indicou algumas famílias que poderiam estar mais “abertas” a conversarem comigo e também se encaixavam nos recortes de inclusão e exclusão que selecionei para a pesquisa.

A aproximação com 4 das 5 famílias da pesquisa, por meio de interação nos espaços públicos adjacentes ao clube (arquibancada, muros e estacionamento), evidencia que esses locais são espaços intensos de socialização entre os indivíduos e que o clube através da sua prática esportiva acaba por construir entre as pessoas laços de reciprocidade. Além disso, também é importante salientar que a construção dessas redes de contatos entre os familiares, os empresários e os jovens corrobora a noção de que o território do clube, ou seja, o espaço no

---

<sup>77</sup> Em seu livro *Sociedade de Esquina*, William Foot Whyte não só constrói uma obra madura sobre o que vem sendo chamado de "agência" individual e a construção social da pessoa, mas também realiza um trabalho de exegese metodológica formidável no seu anexo A. Nessa parte são problematizadas várias questões referentes a observação participante, as dificuldades de entrada no campo, a construção do objeto e seus relacionamentos com os membros dos grupos pesquisados

qual ele tem influencia extrapola os muros oficiais da propriedade dele, se expandindo para locais públicos que são usados pelas pessoas para vivenciar um pouco da rotina daquele clube, e das relações pessoais das pessoas que circulam por ele. Assim, assistindo a vários jogos nas arquibancadas do clube foi possível perceber que existe toda uma vida social envolta dos eventos esportivos desenvolvidos pela agremiação esportiva (treinos e jogos).

Como os familiares dos atletas do clube não podem entrar nas instalações eles têm duas opções: Tentar ver pelo muro por uso de bancos e escadas ou esperar nesse mesmo estacionamento em que estava. Nesse ponto, fica claro que o estacionamento se transforma num espaço de sociabilidade de muitos deles. Pelo que vi muitos se conhecem e usam esse tempo para bater papo e conversar sobre os meninos que estão treinando. Há nesse momento uma circulação de informações e notícias por meio da fofoca. Um sabe de algo que ouviu falar e que está para acontecer, outro tem a informação de que um novo empresário apareceu por lá e assim por diante. Assistir a esses treinos se constituiu como importante para saber de algumas informações do clube, dos empresários, das famílias e dos jovens, entendendo as redes de sociabilidades existentes entre essas famílias, os jovens, os funcionários do clube e os empresários.

Dentro do estacionamento além das relações de amizade e sociabilidade também se desenvolve um comércio com venda de lanches, bebidas e aluguel de bancos e escadinhas para ver as atividades. Interessante ver o apreço de algumas pessoas pelo espaço. Pude desconfiar disso, pois enquanto conversava com um grupo de pais, percebi que uma das primeiras coisas que as pessoas fizeram depois de posicionar seus banquinhos foi varrer as folhas do chão embaixo da copa das árvores que iriam ficar, além de limpar os bancos para sentar e se preocupar em estacionar os carros de uma forma que não atrapalhassem a visão do campo. Por diversas vezes informações valiosas sobre as famílias que eu analisava e a relação delas com o clube vinham desses espaços de convivência criados em torno do clube.

Após alguns meses de frequência no clube e de contato com as famílias em momentos de treinos e jogos, uma parte da desconfiança sobre mim havia desaparecido. Viam-me como um rapaz com entrada facilitada no clube, “amigo” de uma mãe influente nas redes de sociabilidade das categorias de base e com contatos na comissão técnica do clube. Contudo, para aqueles pais eu ainda era alguém difícil de classificar dentro do sistema de pertencimentos e papéis sociais do local.

A questão central a ser pensada é qual a figura norteadora do pesquisador quando inserido num campo de pesquisa. Quem somos para essas pessoas? E quais as representações e imagens elas depositam sobre nós? Desconfio que para aquelas famílias com quem mantive

contato mais estreito nos seus lares, ou menos estreito nos espaços públicos em volta do clube, a figura do pesquisador que procurei explicitar e transmitir nunca foi completamente entendida por eles. Alguns talvez tenham me visto como um empresário atrás de novos talentos, outros podem ter me visto como um funcionário do clube à paisana, outros podem ter me visto como um jornalista em busca de uma boa história típica dos programas esportivos de televisão. Dessa forma, as pessoas inevitavelmente operam com os sistemas de representações nos quais suas vidas se inserem, por isso, não sendo um familiar de atleta, possivelmente eu seria imaginado como um desses personagens que habitam normalmente aquele espaço, afinal como me perguntou uma das mães: O que é exatamente um pesquisador?

Uma situação que exemplifica bem a confusão sobre quem eu seria para muitas pessoas no campo de pesquisa ocorreu com a mãe da família Marques (Flávia) à época da entrevista filmada como o filho dela (Bernardo) em sua casa. Havíamos combinado a entrevista 2 dias antes e nesse momento dissertei sobre todas as intenções da entrevista, seus usos e seus objetivos. No dia da entrevista, aproximadamente 3 horas antes do horário marcado recebo uma ligação do chefe das categorias de base do clube perguntando que tipo de entrevista seria aquela, quem eu era, e porque estava fazendo aquilo. Precisei explicar tudo para o responsável e lembrá-lo da pesquisa que vinha fazendo em parceria do clube, para que fosse desfeito o mal entendido. No entanto, essa situação havia sido criada, porque Flávia tinha entrado em contato com o clube dizendo que precisava de camisas do clube para que ela e o filho usassem durante a entrevista e que ela queria saber como a instituição se posicionaria sobre uma entrevista que poderia aparecer na televisão. Obviamente o clube, resguardando seu atleta, procurou saber quem era aquele entrevistador e do que se tratava.

Essa situação evidencia justamente esses olhares confusos e essas representações atravessadas que os indivíduos fazem acerca dos outros por meio da interpretação particular de uma imagem construída a partir dos seus próprios sistemas de classificação. Nesse caso, para ela, com certeza eu era o jornalista atrás da história da jovem promessa do futebol.

A minha imagem no campo de pesquisa variava entre o jornalista, o empresário e o funcionário do clube à paisana e isso implicava diretamente no meu acesso às informações e a forma como elas eram passada para mim. Aqueles familiares que me identificavam como empresário e jornalista conversavam comigo despejando o máximo de informações possíveis sobre suas trajetórias de vida, o talento do filho, as dificuldades enfrentadas entre outros. Aqueles que me viam como funcionário do clube normalmente falavam pouco e inevitavelmente sobre trivialidades do mundo do esporte, sobre subcelebridades e previsão do tempo. Quando em determinados momentos os assuntos acabavam recaindo sobre o clube ou

as opiniões sobre os treinamentos, a conversa era interrompida abruptamente e começavam outro assunto.

As distorções de imagem sobre quem eu era dentro do campo de pesquisa também puderam ser vista quando me inseri nas instituições de ensino nas quais os atletas estudavam,. Eram 3 escolas de uma mesma região e com pequenas nuances de uma instituição para outra, o comportamento de alunos e professores oscilou para os mesmos padrões.

Dentro das instituições de ensino, se eu não era aluno, nem funcionário da escola, meu interesse na instituição só poderia ser fruto de algum tipo de fiscalização das secretarias de educação ou algum estagiário de prática de ensino acompanhando um professor. O constrangimento de alguns com a minha presença nessas escolas era grande como evidencia essa situação ocorrida na escola A. Num dos dias de visita, durante minha caminhada pausada pelo corredor que levava da porta de entrada à sala dos professores fui ouvindo risadas e piadas sobre as situações de sala de aula, mas quando entrei no ambiente as piadas logo cessaram e um silêncio se fez presente no recinto. A situação acima também foi acompanhada em outros momentos ao longo da pesquisa por diálogos em que os professores me perguntavam no que eu trabalhava na secretaria de educação, ou qual professor eu estava seguindo no estágio na escola.

No caso dos alunos a imagem construída sobre mim estava ligada à docência, ou seja, para eles eu era um professor novo na escola que havia chegado para dar aula de alguma matéria em alguma turma. Esse juízo dos alunos sobre a minha figura enquanto professor estava atrelado ao jogo de representações possíveis que eles dispunham naquele espaço. Sendo um adulto, com caneta e caderno nas mãos, vestindo sempre calça jeans, sapato e uma blusa pólo, muitos me perguntavam em que turma eu dava aula.

Transitando sobre todos esses espaços (clube, escolas e famílias) pude perceber que as informações que eles me passavam em conversas informais ou em entrevistas gravadas estavam sempre atreladas a essas imagens construídas sobre mim. Dessa forma, aqueles que me viam como jornalista ou empresário geralmente sentavam para falar comigo principalmente sobre seus resultados esportivos e sobre as dificuldades que tinham de conciliar a escola com o treinamento. Aqueles que me associavam com um professor vinham conversar comigo principalmente sobre questões de notas que tinham tirado na escola, planos para o futuro e a vontade de entrar numa faculdade. Enquanto aqueles que me viam como funcionário da secretaria de educação ou como funcionário do clube, muitas vezes se calavam ou falavam muito pouco comigo.

Sobre esses direcionamentos, minha hipótese sobre esse fato se baseia nas observações já feitas por Malinowski (2005) em seu livro "Argonautas do Pacífico Ocidental". Para o autor, na relação de pesquisa entre o pesquisador e o pesquisado, não é apenas aquele que opera com os conceitos e significados deste para compreender a realidade estudada. Na verdade, há um movimento duplo em que os pesquisados também se apropriam do produto de estudo produzido pelos pesquisadores para alcançarem objetivos específicos. Nesse ponto, a pesquisa realizada por Weber (2006) sobre a escola dos Kaxinawá no Acre nos mostra, entre outras coisas, como essa comunidade buscava reforçar para a pesquisadora os elementos da cultura como sendo legitimamente indígenas.

A comunidade sabia que, além de pesquisadora, ela também era funcionária do governo federal e, conseqüentemente, pessoa possivelmente influente na construção de projetos de proteção e desenvolvimento de comunidades indígenas na Região Norte. Na concepção das pessoas mais influentes da tribo (geralmente aquelas que possuíam ligação com as vilas brancas e as cidades maiores), manter e reafirmar as tradições indígenas era uma forma de reforçar sua identidade e manter junto à esses órgãos a necessidade de continuar tratando-as como indígena, ou seja, com apoio, investimento e proteção. Nesse caso, os membros da tribo muitas vezes se apropriavam da função da pesquisadora no local para estabelecer discursos e práticas com objetivos definidos, isto é, se apropriavam da pesquisa da antropóloga como forma de alcançar os seus objetivos, segundo a visão que eles tinham sobre a função dela.

No meu caso de pesquisa, o comportamento com a maioria dos familiares foi pontuado por uma aproximação rápida e uma alta motivação para contar e detalhar elementos de suas vidas pessoais, e das trajetórias esportivas dos atletas de suas famílias. Isso pode estar ligado a imagem que uma parte deles tinham de mim, já que aqueles que me viam como jornalista, poderiam visualizar em mim a grande possibilidade de serem lançados na mídia através do relato de suas vidas esportivas e das dificuldades e dilemas que enfrentavam cotidianamente. Nesse ponto, devemos lembrar que todas as famílias possuíam aspirantes a atletas profissionais que estavam procurando em menor ou maior escala a profissionalização e os frutos econômicos, sociais que eles podem trazer.

Diante disso, para muitos a oportunidade entre a mera sorte ou a chance de sucesso poderia ser justamente aquela pessoa certa no momento certo que vai vê-las e colocá-las na mídia ou apresentá-las para pessoas desse circuito. Logo, se aproximar de mim poderia ser a forma como ao seu modo esse grupo que me via como jornalista se apropriava da minha atividade para alcançar seus objetivos. O outro grupo que me via como professor ou funcionário da secretaria de educação, também poderia estar operando numa lógica

semelhante. Para os professores, sua imagem construída sobre mim estimulava comentários sobre seus feitos pedagógicos e seus objetivos acadêmicos no longo prazo. Os alunos ao observar na minha imagem a função de professor, esses estivessem tentando criar laços mais estreitos para a convivência dentro da escola caso eu efetivamente me tornasse professor deles em algum momento.

Quando possível realizamos entrevistas com os jovens atletas e seus familiares para entendermos como se dava a formação do projeto individual e coletivo de carreira dos mesmos. Com essas entrevistas buscou-se aprofundar e esclarecer algumas informações verificadas na observação em campo sobre investimento na carreira esportiva e escolar, bem como as estruturações das redes de sociabilidades vistas no dia-a-dia.

Apesar do contato cotidiano com diversos indivíduos e famílias, foram selecionados 5 núcleos familiares. O critério utilizado foram famílias que possuíam mais de um filho, sendo um deles atleta e o outro não-atleta. A intenção dessa seleção foi comparar a estruturação dos projetos coletivos das famílias para cada um dos filhos, para saber se haviam diferenças nas expectativas e cobranças escolares sobre esses indivíduos. Como forma de recorte, selecionamos famílias que possuíam irmãos (atleta e não-atleta) ainda inseridos na educação, ou seja, estudando no ensino básico à época do desenvolvimento do projeto.<sup>78</sup>

No interior das famílias procurou-se entrevistar os parentes de primeira geração (irmãos e pais) e segunda geração (avós, primos e tios), além daqueles considerados como integrantes do núcleo familiar alargado, para compreender elementos relacionados ao nível socioeconômico, atividades desenvolvidas, escolaridade entre outros. A escolha das famílias entrevistadas foi feita através de seleção cotidiana no campo de pesquisa. Isso quer dizer que selecionamos as famílias que durante as visitas de campo ao clube estavam mais “abertas” a conversarem e participarem da pesquisa, desde que estejam inseridas nos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos acima.

A seleção das famílias possui limitações, que em certa medida diminuem a validade externa da pesquisa, visto a quantidade de famílias analisadas (5 no total) e a falta de aleatoriedade na seleção das mesmas. No entanto, em se tratando de um estudo sobre trajetórias familiares e, conseqüentemente, acompanhamento próximo de suas rotinas, era necessário trabalhar com núcleos familiares que se mostrassem simpáticos a contar suas biografias, ao invés de núcleos familiares escolhidos ao acaso.

---

<sup>78</sup> Todos aqueles irmãos que se encontram fora do ensino básico foram desconsiderados pela pesquisa, visto que poderia ser feita uma comparação entre os engajamentos e cobranças dos filhos numa mesma temporalidade.

Os estudos antropológicos evidenciam que em nossa sociedade brasileira o espaço da casa é normalmente o espaço do privado, da intimidade e da proteção Espaço concreto e territorial na qual se circunscreve as famílias e suas relações através de um modo específico de compartilhar suas vidas (DA MATTA, 1985). Por todos esses significados e representações inerentes ao espaço doméstico, acessar a casa e, conseqüentemente, as rotinas daqueles que moram nela é uma tarefa árdua que implica, necessariamente, um processo longo. Muitas vezes o pesquisador passa inúmeros meses para "negociar" sua entrada na área e mesmo assim dentro desse espaço a família pode escolher mostrar somente aquilo que acha conveniente ao pesquisador. Ao mesmo tempo o pesquisador não sabe de antemão onde está "aterrissando", caindo geralmente de "pára-quedas" no território a ser pesquisado. Não é esperado pelo grupo, desconhecendo muitas vezes as teias de relações que marcam a hierarquia de poder e a estrutura social local.

Como muito dos dados obtidos com as entrevistas, os cadernos etnográficos e os documentos oficiais são de difícil quantificação, as respostas aos questionamentos da pesquisa buscaram se afastar de conceitos como "comportamentos" para a utilização das noções de *habitus*, disposições (BOURDIEU, 1983; ELIAS e DUNNING, 1994) e *illusio* (BOURDIEU e WACQUANT, 1992).

Para acompanhar os complexos processos que provocam e consolidam a formação dos projetos esportivos individuais dos atletas e coletivos das famílias enquanto um amontoado de práticas sociais, a pesquisa foi feita segundo o método dos casos desdobrados<sup>79</sup>, que permitem vincular as práticas "locais" às demais esferas da vida social, além de impor uma abordagem histórica ou de desenvolvimento processual ao longo do tempo e numa pluralidade de fontes de dados (Gluckman, 1961). Nela, a observação participante, a observação sem participação, e as entrevistas semiestruturadas foram largamente empregadas, sempre com a garantia do anonimato dos entrevistados, após explicação sobre os objetivos da pesquisa e a aceitação voluntária dos participantes. Nestas pesquisas procurou-se o contexto situacional e o entendimento que os sujeitos

---

<sup>79</sup>Durante a primeira metade do século XX, a etnografia buscava dar conta apresentação de um "todo organizado e complexo" que era então entendido como a "sociedade nativa". Apesar de estudos muito maduros sobre diversos prismas de análise sua importância não impediu a observação de uma deficiência notável, aquilo que Max Gluckman (1980: 66) chamou de "*uso do caso pertinente e adequado para ilustrar costumes específicos*". Tal prática negligenciava as contradições operantes na vida social e, desse modo, levava a atenção dos leitores para os aspectos que diziam respeito à ordem e à continuidade das "estruturas sociais". Gluckman sugeria que os casos fossem apresentados de modo a permitir que o leitor pudesse acessar as contradições e incoerências sociais, salientando, desse modo, os conflitos presentes nos contextos analisados. Naquele ínterim, se procurava por um método capaz de expor as fissuras e tensões dos grupos observados ao longo do tempo, num movimento que não apenas incorporava uma dimensão histórica aos estudos etnográficos, mas que dava a ela um lugar de destaque.



da pesquisa têm das situações vividas. Começa com o diálogo entre pesquisador e os múltiplos atores da situação em foco para expandir o entendimento das conexões entre as situações locais e os processos extra-locais, entre o contexto local e as forças societárias ali presentes, portanto, movendo-se entre o micro e o macro, entre o único e o geral, entre o observado hoje e o processo histórico que as antecedeu.

A pesquisa de campo feita com as famílias entre o período de 2015 e 2017 apresentou a possibilidade de observar um mesmo grupo ao longo do tempo, incorporando os dados do "presente etnográfico", mas também lançando mão dos recursos possibilitados pela história oral. E como o trabalho de campo foi de média duração, aquele material que se constituía como presente etnográfico passou a compor um passado no qual o pesquisador fez parte.

Foram usadas para entender as estruturas simbólicas, as subjetividades, as redes de relações e as dinâmicas históricas, na perspectiva do método de casos desdobrados, a entrevista e o acompanhamento de indivíduos importantes nos locais onde são vividas as situações sociais de análise, no caso da pesquisa, chefes das famílias, alguns funcionários do clube, empresários e diretores das escolas dos alunos.

No tocante as entrevistas, o número delas seguiu o modelo de saturação, no qual foram encerradas no momento em que as respostas se tornaram repetidas e sem novas informações relevantes. A seleção dos jovens atletas analisados foi realizada a partir da escolha do pesquisador sobre as famílias que seriam acompanhadas. Desse modo, não foi a escolha do jovem atleta que nos levou a determinada família, mas sim o contato com a família desse jovem que acabou fazendo com que esse jovem fosse selecionado para pesquisa. Além das entrevistas com os atletas e seus responsáveis, também foram realizadas entrevistas com as assistentes sociais e psicólogas do clube que possuem experiência em lidar com os atletas e os seus familiares no processo de formação esportiva e escolar.

O desenho de pesquisa construído, apesar das tentativas de fortalecimento, também possui limites metodológicos relacionados principalmente ao uso das entrevistas. Para compreender o produto final obtido com as fontes orais por meio das entrevistas é necessário primeiramente contextualizar a produção dessas fontes na pesquisa. As entrevistas foram colhidas nos locais e momentos que os entrevistados escolheram, fossem suas casas, no clube, no estacionamento ou em qualquer outro lugar. Essa escolha foi resultado de uma observação anteriormente realizada por diversos estudos sobre história oral, em especial os de Alessandro Portelli (1997) acerca da influência do espaço físico no desenvolvimento da entrevista. Essa

conclusão parte da concepção de que o espaço ajuda a construir e reforçar determinadas lembranças, discursos e esquecimentos.

Além desses cuidados, também existem outras questões metodológicas acerca do trabalho com fontes orais que devem ser considerados. O ato de narrar, presente nas entrevistas, significa recordar e interpretar acontecimentos amparados na memória dos indivíduos. Essa memória é seletiva e a escolha por narrar algo é sempre uma seleção de fatos nas quais processos de esquecimento, apropriações de memórias coletivas e criações de sentido para o desenvolvimento daquela biografia entendida como constructos formados a partir das visões, crenças e contextos do presente (POLLAK, 1989; HALBWACHS, 1990). Diante disso, lidaremos com fontes produzidas a partir de subjetividades nos quais emoções e desejos se misturam ao passado desses narradores, produzindo sentidos próprios para essas pessoas.

Nesse aspecto, as informações coletadas na pesquisa formam uma “foto” desse momento presente, sendo que poderiam ser bem diferentes caso fossem feitas posteriormente. Isso porque a memória e, conseqüentemente, o discurso oral representa mais uma fala sobre o processo do que um texto acabado. Com isso, fica evidente que os discursos e as memórias estão sempre em mutação. Ancorado pelas percepções do presente, pelos relatos e fragmentos do passado e pelo projeto de se tornar jogador, a memória confere sentido a esse projeto. Assim, os discursos produzidos nas fontes orais dependem, fundamentalmente, da memória “[...] que fornece as lembranças de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem a consciência das quais seria impossível ter ou elaborar projetos” (CAMARGO, 1996, p.98).

No momento da pesquisa, a amostra de familiares e atletas era constituída por indivíduos que experimentavam um relativo sucesso na carreira e destaque nas suas categorias de base, isto quer dizer que eles eram os eleitos dentro do campo futebolístico naquele local. Com isso, as construções das suas biografias são impactadas por esse contexto. Possivelmente os discursos de aproximação com o esporte apareceram com mais força e a confiança na profissionalização também. Caso fossem atletas excluídos do processo de formação e sem perspectivas no campo esportivo, a narrativa sobre as suas biografias poderiam ter sido bem diferentes.

As respostas e os discursos construídos partem de um esforço para estruturar representações de si próprio que o ator considera serem as esperadas pelo pesquisador. Dito de outra forma, o entrevistado, sem saber exatamente para que serve aquela entrevista ou

quem é aquele pesquisador, irá falar aquilo que na sua concepção o entrevistador quer ouvir.<sup>80</sup> Outra questão interessante a ser analisada é o produto dessas entrevistas e as anotações do diário de campo, ou seja, as transcrições da pesquisa.

O trabalho usará as transcrições das entrevistas como fonte para analisar as teorias e as hipóteses que pretende testar, mas sem perder de vista que o documento principal a ser analisado é a fonte oral em si. Desse ponto de vista, é necessário salientar que em torno do trabalho deverá haver um esforço de aproximar sempre que possível a fonte oral da sua transcrição não na questão da escrita, mas sim dos sentidos por vinculados ao relato, nem sempre explícitos.

O cuidado deve ser realizado, porque o relato oral é um documento, mas a transcrição é outro documento completamente diferente (PORTELLI, 1997). A transcrição transforma objetos auditivos em objetos visuais, o que inevitavelmente implica mudanças e interpretações. Nesse ponto, temos como exemplo a tradução de uma língua estrangeira para o português, onde mesmo com uma tradução literal, o segundo documento nunca será igual ao primeiro. Isso ocorre porque a entrevista, fonte oral, ao contrário da transcrição, fonte escrita, possui nuances e especificidades que a linguagem escrita não pode identificar. A forma do tom de voz, o ritmo da narração e o discurso, carregam consigo marcas, significados implícitos e conotações sociais irreproduzíveis na escrita.

Aliado a isso, a transcrição, para se tornar legível, muitas vezes requer a inserção de sinais de pontuação, muitas vezes inseridos de forma arbitrária pelo entrevistador. Por essa perspectiva, a pontuação gramatical respeita uma lógica que muitas vezes não é a mesma da lógica falada e acaba por alterar, em muito, o sentido da fala do entrevistado. Dessa forma, quase nunca coincidem com os ritmos e pausas dos sujeitos falantes e por isso acabam por enclausurar a lógica do depoente nas regras gramáticas, alterando assim sua lógica.

A análise da maneira como esse entrevistado fala, suas pausas em determinados momentos, a fala trêmula ou hesitante em outros revelam significados e subjetividades que na linguagem escrita da transcrição se perdem e criam assim um novo documento. Essa criação de um novo documento a partir da transcrição ocorre porque mudanças e discontinuidades são a norma do discurso, enquanto que a regularidade é a norma da escrita. A partir de tudo que foi aqui discutido procurarei não perder de vista o documento essencial: a entrevista. Para

---

<sup>80</sup> A própria figura do pesquisador de faculdade é muito estranha para essas famílias e os seus filhos, já que muitos entrevistados perguntaram “o que exatamente eu fazia”. Nessa situação de desconhecimento sobre as aspirações e objetivos do pesquisador, muitos indivíduos operam com o ator social de referência que lhes parece mais próximo da figura do pesquisador, ou seja, o repórter televisivo. Essa ideia de aproximação do pesquisador e o repórter geram modulações na construção biográfica dessas pessoas que devem ser consideradas pelo pesquisador.

isso, ao largo de todas as transcrições realizadas procurarei situar o momento da entrevista, as reações das pessoas e minhas observações sobre as reações dos entrevistados.

## **2.2- Campo de possibilidades e contextos socioculturais.**

A análise feita no capítulo 1 acerca das estruturas sociais nas quais os jovens atletas e suas famílias se inserem evidenciam que o campo esportivo, a educação brasileira e a legislação brasileira exercem sobre esses indivíduos grande pressão e constrangimentos no desenvolvimento das suas ações. Contudo, a estruturação dos processos sociais não é condicionada apenas pelas estruturas, já que sempre há alguma margem para a escolha individual (ELSTER, 1994; 2009). Diante disso, apesar de muitos indivíduos enfrentarem essas estruturas na profissionalização no futebol, a conciliação entre o esporte e a escola no processo de desenvolvimento dos jovens atletas não é homogêneo entre todos os atores. Ele é fruto de processos específicos e individuais construídos por meio de relações de interdependência baseados nas suas experiências de vida, seus desejos, suas condições materiais de existência e suas redes de sociabilidade mantidas por eles.

Para entender os posicionamentos e as escolhas dos jovens atletas em formação e também das suas famílias durante sua profissionalização nos centros de treinamento é preciso esquadrihar os campo de possibilidade para compreender o desenvolvimento dos seus projetos e ações sociais.

A existência de um campo de possibilidade é inerente a qualquer indivíduo ou sociedade delimitada no espaço e no tempo histórico. Contudo, nas sociedades ditas "complexas", a heterogeneidade e a complexificação dos arranjos sociais oferece aos indivíduos e aos grupos sociais a construção de diferentes trajetórias a partir das possibilidades disponíveis no contexto. A estruturação das sociedades contemporâneas com cada vez mais meios de comunicação e as maiores possibilidades de circulação de pessoas permitem uma gama de estímulos que serão parte do seu campo de possibilidades.

Devemos compreender como campo de possibilidades o espaço social no qual caminhos/oportunidades são enxergados e experimentados pelos indivíduos ao longo da sua trajetória de vida. Esse campo de possibilidades é dinâmico e se reestrutura a partir de elementos objetivos como posse de bens materiais e redes de sociabilidade, ou de elementos subjetivos como ideologias e crenças.

A interação entre o indivíduo e os diversos grupos presentes em uma sociedade complexa, bem como as instituições<sup>81</sup> nas quais eles fazem parte atuam criando e modificando o seu campo de possibilidades. É neste cenário que as oportunidades são apresentadas ao indivíduo. Desse modo, um campo de possibilidades geralmente indica um conjunto de oportunidades que serão analisadas e selecionadas pelo sujeito, consciente ou inconscientemente, tendo em vista a forma como ele transita na sociedade e a forma como ele se apropria e é apropriado pelas instituições sociais ao longo das suas experiências.

Velho (1997) salienta que entender o campo de possibilidades do indivíduo é conhecer sua rede social, as influências que ela pode ter sobre algumas instituições sociais e o grau de afinidade entre o indivíduo e essa rede. Nesse aspecto, quando o indivíduo possui trânsito sobre diversos espaços sociais ele consegue ramificar sua rede social e acaba entrando em contato com pessoas das mais diferentes classes sociais, faixas etárias, e experiências cotidianas. Os laços de relacionamento entre esses indivíduos não precisam ser necessariamente estreitos. Na verdade é primordial que eles existam, mesmo que sejam tênues.

Estudos realizados por Granovetter (1973; 1983), mostram a importância da formação das redes sociais ramificadas no processo de obtenção de oportunidades sociais, tais como empregos, casamentos, enriquecimento financeiro. O autor evidenciou que para obtenção de oportunidades, principalmente de ascensão social ou mudanças da realidade profissional do indivíduo, havia uma forte correlação com a configuração da sua rede social de contatos e conhecimentos. As abordagens de Granovetter e Velho podem ser exemplificadas pela trajetória esportiva de um dos jovens analisados nessa pesquisa. Seu depoimento dá a dimensão da importância das redes sociais na constituição dos projetos de vida e no campo de possibilidades dos indivíduos.

**Joel:** Eu cheguei a jogar futebol de campo no Flamengo durante um tempo, era o que eu queria para minha vida, mas não estava dando certo, porque estava na reserva e o técnico não me aproveitava. Estava “largado” mesmo. No final do ano acabei dispensado. Não tinha mais o que fazer, era o final da linha. Ia ter que começar tudo novamente. Aquilo de peneira, nervosismo... Mas aí é aquela coisa, deus olhou por mim e uma chance apareceu para mim. Meu pai foi jogador do Flamengo, jogou naquela geração do Felipe Melo, do Juan. Jogou com eles na base e até se profissionalizou. Então ele conhece alguém aqui ou ali. Quando me dispensaram um cara que havia jogado com ele e ficou sabendo da minha saída falou com ele para eu vir tentar a sorte aqui no [nome do Clube]. No início eu

---

<sup>81</sup> Entre essas instituições primeiramente podemos identificar a família, espaço primário de socialização dos indivíduos. Além da família, existem as igrejas, a escola, as agremiações esportivas, o Estado entre outras.

fiquei meio “bolado” de sair do futebol de campo do Flamengo, mas depois acabei indo também por influência de um empresário amigo do meu pai.<sup>82</sup>

O trecho acima é um exemplo de como as redes sociais podem exercer um processo de alargamento de chances dos indivíduos. Joel estava prestes a abandonar o sonho de profissionalização no futebol após seu desligamento do Flamengo, mas o conhecimento possuído pelo pai, e os laços de relacionamento dele com outros agentes dentro do campo esportivo, possibilitaram sua manutenção no processo de profissionalização no futebol, só que em outro clube. Outra questão importante é que os projetos são dinâmicos e, por isso, constantemente ressignificados. Esse processo, em certa medida se relaciona com a influência que novos indivíduos estabelecem com o construtor do projeto ao longo da trajetória dessa pessoa. Diante disso, no ato de buscar a concretização dos projetos, os indivíduos constroem novas relações sociais, ao mesmo tempo em que desfazem outras.

No caso descrito acima, o jovem buscava a profissionalização no futebol de campo do Flamengo, seu clube do coração, mas ao enxergar as suas possibilidades naquele momento, acabou mudando de clube e parcialmente de projeto ao entrar em contato com outros indivíduos. Nesse ponto, os contatos sociais (estimulado pelas redes de sociabilidade) ocasionaram uma ressignificação do projeto do jovem em relação ao seu clube de coração. Todavia, o projeto de profissionalização está acima das identidades clubísticas.

O campo de possibilidades não é apenas construído pelas redes sociais e pelas configurações materiais da condição de existência do indivíduo, pois, dialogando com essas questões objetivas há também a subjetividade de como esse indivíduo enxerga o mundo. Desse modo, não importa apenas a existência de determinadas configurações e condições (a existência das redes, a renda elevada, o capital cultural objetivado para a construção desse campo de possibilidades) também se faz necessária a visão desse ator sobre o reconhecimento e a aceitação dessas possibilidades em relação aos seus objetivos.

Poderíamos utilizar como exemplo o caso da família Marques e seu filho futebolista.<sup>83</sup> Bernardo era um jovem de classe média, que morava com sua família no interior de São Paulo, sendo sua mãe representante comercial de uma grande firma e formada em contabilidade. Seu pai não havia concluído os estudos, mas fora durante muito tempo jogador de futebol no interior do estado. O jovem estudava numa escola de classe média e, além da escola, também fazia aulas de inglês 2 vezes por semana. Observando a realidade

---

<sup>82</sup> Entrevista com Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 04/10/2016.

<sup>83</sup>Essa história conheci através do acompanhamento da família Marques ao longo dos anos de 2015 até 2017.

cotidiana da família do jovem, com nível socioeconômico<sup>84</sup> estabilizado, localizado na classe média-alta e a mãe com um considerável nível de capital cultural alto, podemos supor que existiriam diversos campos de possibilidades abertos para Bernardo, principalmente, no que tange à formação acadêmica.<sup>85</sup> Desde pequeno estudou nos melhores e mais renomadas escolas, onde provavelmente conheceu filhos de outras pessoas destacadas em seus meios profissionais. Morava numa região da cidade guarnecida por uma boa infraestrutura de serviços educacionais, culturais, de transporte e saúde, facilitando assim a obtenção de capitais culturais. Além disso, possuía condição financeira confortável para transpor os gargalos da educação brasileira e, nesse ponto, seus familiares, através do relato dele pareciam sempre incentivá-lo a estudar.

---

<sup>84</sup>O presente trabalho tem ciência das dificuldades de se coletar informações e operacionalizar o modelo de nível socioeconômico (NSE). As questões ligadas ao nível de escolaridade, apesar de serem muito importantes para a composição dessa questão, devem ser suavizadas na atualidade devido ao maior acesso aos níveis mais altos de ensino (mesmo que sem excelência de qualidade). As questões ligadas à renda também são igualmente problemáticas devido a imprecisão das respostas e a relutância de muitos em responder esta questão. Aqueles com uma inserção precária no mercado de trabalho, os possuidores de rendimento variado, ou mesmo aqueles que ganham muito e por medo da invasão da sua privacidade preferem não revelá-la. A percepção de consumo também é um fator de medição de NSE igualmente problemático. Não há dúvidas que esse tipo de elemento consegue apreender algum espectro da realidade socioeconômica das famílias na estratificação social, mas elas são pouco estáveis e difíceis de serem comparadas temporal e espacialmente. Essas evidências de riqueza são muito sensíveis às diferenças regionais, às mudanças nos padrões de consumo das famílias, além de não discriminarem o valor do bem consumido. Itens como televisões a cores e telefone celular estão muito disseminados junto às famílias urbanas, e a capacidade de distinção que possuíam há alguns anos já não é tão forte. Há na literatura sobre níveis socioeconômicos um consenso quanto à importância ocupacional dos indivíduos para o apontamento de sua posição social. A ocupação é vista como um indicador importante para percepção da desigualdade social, porque pode informar elementos tais como nível educacional e rendimentos estimados com determinada atividade (HAUSER e Warren, 1997). Contudo, se sabe que igualmente como os indicadores de consumo, nem sempre é possível conceber as características da estrutura social apenas com os dados referentes à ocupação dos indivíduos. Isso porque as categorias ocupacionais possuem uma enorme variabilidade em termos de credenciais e retorno financeiro dependendo do local trabalhado com aquela ocupação (PASTORE, SILVA, 2000). Para tentar diminuir os limites metodológicos da operacionalização do nível socioeconômico serão acionados novos elementos no intuito de fortalecer a análise e diminuir a imprecisão dos resultados obtidos. A análise do nível socioeconômico continuará levando em consideração o acesso ao padrão de consumo, a ocupação e a renda autodeclarada dos indivíduos, mas apenas como forma de reforçar e agregar ainda mais informações a realidade material dos indivíduos. A alternativa que será utilizada para tentar superar essas limitações é a inferência indireta à renda das famílias segundo o local de residência, por meio do uso do setor censitário.

O uso do setor censitário parte das observações feitas por Alves e Soares (2009) e Krieger *et al.*, (1997) de que as moradias compartilham uma vizinhança que pode ser caracterizada em termos de sua composição social e econômica. O estudo das áreas vizinhas permite demarcar populações relativamente homogêneas com respeito a características que estruturam diferenças sociais muito importantes. Mesmo que possamos criticar o uso desse método, por homogeneizar um conjunto de famílias de determinado setor censitário, entende-se que esta alternativa é mais confiável como dado científico de uma faixa de rendimento das famílias do que as outras medidas indiretas de NSE. Cabe ressaltar, como dito anteriormente, que para a construção da escala de NSE proposta neste trabalho, esta informação não será utilizada isoladamente, mas em conjunto com outros dados de nível individual (educação e ocupação), bem como consumo a fim de aumentar reciprocamente o seu poder de discriminação.

<sup>85</sup> A mãe, filho e a família mais próxima segundo os dados coletados moravam numa área de setor censitário entre 5 e 10 salários mínimos. Outros elementos como a ocupação dos indivíduos da família e o acesso a bens de consumo também apontavam nesse caminho.

Todavia, apesar do campo de possibilidade e das chances nesse mercado profissional acadêmico, ele não enxergava aquelas configurações como válidas para o alcance dos seus objetivos. Seu projeto era esportivo, ou seja, se tornar um jogador profissional e naquele contexto, as possibilidades fora do esporte não eram vistas primordiais no seu processo de profissionalização no esporte.

A forma como os indivíduos percebem seu campo de possibilidade possui estreita relação com a sua trajetória social e suas experiências de vida. Por isso, os campos de possibilidade são tão específicos de cada um e também dinâmicos. A relação próxima com indivíduos de determinadas classes sociais, o contato mais contínuo com um grupo específico dentro da família, as crenças em determinadas vertentes religiosas, a posse de bens materiais, a exposição mais sistemática alguns estímulos midiáticos e as redes sociais, afetaram decisivamente a percepção dos sujeitos sobre os caminhos que podem tomar, bem como aqueles que valem a pena serem buscados. Isso significa que as influências socializadoras nas quais os indivíduos se inserem são importantes para a compreensão dos seus campos de possibilidades. O exemplo da história de Bernardo mostra justamente as influências que a socialização em determinados espaços, e o acesso a determinados estímulos causaram na construção e percepção do seu campo de possibilidades. Sendo assim, os sujeitos são, na verdade, indivíduos que agem e conhecem um *sensu prático* dentro de um campo, um sistema adquirido de preferências, de princípios e de visões<sup>86</sup> que normalmente identificamos como gosto ou preferência e que Bourdieu denomina como *habitus*.

Essas visões de mundo criadas pela socialização de determinado indivíduo em um *habitus* são criadas pelas crenças que esse indivíduo adquire e internaliza no contato com esse *habitus*. Nessa perspectiva, o indivíduo traz para si determinados tipos de crenças e verdades que influenciam diretamente o seu campo de possibilidades e que são provenientes de sua trajetória e o ambiente onde esse indivíduo viveu e ainda vive.

O caso de Bernardo nos permite identificar sua inserção familiar num *habitus* das classes médias. Com os membros mais próximos possuindo altos graus de capitais culturais institucionalizados e uma posição social e econômica de destaque na sociedade, eles encaram na certificação escolar e na obtenção de capitais culturais institucionalizados uma das formas de ascensão ou consolidação de suas posições na hierarquia social. Mesmo tendo sido socializado num *habitus* familiar das classes médias, onde a ascensão pelo estudo e a defesa

---

<sup>86</sup> Essas visões de mundo criadas pela socialização de determinado indivíduo em campos sociais são criadas pelas crenças que esse indivíduo adquire e internaliza no contato com esses campos. Nessa perspectiva, o indivíduo traz para si determinados tipos de crenças e verdades que influenciam diretamente o seu campo de possibilidades.



da meritocracia são defendidas (ZAGO, 1998) vemos que isso não explica os motivos pelos quais ele se torna um jogador, pois os capitais valorizados nesse *habitus* de classes médias não são necessários para ser um jogador.

Mesmo a questão de classe sendo um elemento de composição do *habitus* devemos pensar que essa constituição é sobreposta por outros campos sociais ao longo da trajetória do indivíduo, como, por exemplo, o esporte. Dessa forma, mesmo sendo socializado primeiramente em um *habitus* de classe, ao longo de sua trajetória individual essa pessoa transita por diversos outros campos que ajudam a construir e reafirmar o gosto pelo esporte X ou pelo esporte Y. É preciso ter como horizonte a influência dos *habitus* na constituição das visões de mundo e das ações dos indivíduos. No entanto, temos que perceber que estamos numa sociedade na qual as individualidades vêm sendo mais valorizadas, com isso, os indivíduos cada vez mais procuram se diferenciar dos outros como que sendo uma obra de arte única. Em tal processo, os indivíduos estão suscetíveis aos vários constrangimentos, como, por exemplo, o familiar que demarca ou intenciona demarcar o destino de seus filhos frente aos diversos contextos culturais. Nesse ponto, alguns esportes na sociedade de massas em que vivemos atravessam várias classes sociais e, por isso, se fazem presentes no dia-a-dia e nos contextos em que esses indivíduos transitam.

Com Bernardo, o que temos é um pai, que partilha de um valor e gosto que atravessa diferentes classes sociais, a saber, o gosto pelo futebol. Nesse caso isso também faz parte, em termos sincrônicos, da formação da masculinidade. Assim, Bernardo foi exposto ao estímulo futebolístico desde cedo porque, em primeiro lugar, nasceu menino, e, em segundo lugar, porque se socializou com o futebol no ambiente familiar e cultural. Nesse caso, o pai de Diego foi atleta profissional durante muito tempo e ao longo da sua trajetória, Bernardo esteve intimamente ligado a esse círculo profissional, através da presença em jogos e treinos do pai, além da convivência com os outros jogadores e amigos da mãe.

Além disso, nessa socialização, suas capacidades se revelaram como talento no campo esportivo, e, por isso, ainda com 4 anos foi integrado na escolinha de futebol do Botafogo de Ribeirão Preto. Dentro desse clube, experimentou uma socialização secundária, que o permitiu a formação de uma visão de mundo parcialmente conflituosa com a visão das classes médias acerca do que deve ser valorizado por seu grupo social. Esse descolamento parcial do *habitus* das classes médias compartilhado pelos seus familiares mostra como o senso prático e as ações do indivíduo se constituem por uma sobreposição de várias estruturas sociais nem sempre coerentes e unificadas que o indivíduo constrói na sua trajetória individual através da circulação por vários campos sociais.

A construção desse *habitus* nos indivíduos desenvolve a constituição de uma *illusio*, ou seja, uma noção de estar preso a um jogo, ou de acreditar que determinado jogo dentro de um campo social vale a pena ser jogado. Dessa forma, os atores sociais que estão sobre determinada *illusio* sabem que esse jogo merece ser jogado, reconhecem o jogo e seus alvos. No entanto, esse reconhecimento do jogo só existe quando você está socializado em determinado (s) *habitus* que lhe permitem enxergar esses jogos e investir neles seu tempo, sua reputação e seus capitais (BOURDIEU, 2011).

Um fato que pode ilustrar essa questão está circunscrito na querela dos barretes expostas por Saint-Simon quando se questiona quem deve cumprimentar o outro primeiro. Caso você não tenha nascido numa sociedade cortesã, caso não possua o *habitus* de um cortesão, se não possui em mente as estruturas que estão presentes no jogo, essa querela lhe parecerá ridícula, e inexplicável. Se, ao contrário, você tiver a cabeça e o corpo socializado de acordo com as estruturas do mundo no qual você está jogando, tudo lhe parecerá evidente e a própria questão de saber se o jogo vale a pena não é nem mesmo colocada.

Na história de Bernardo e de tantos outros jovens dentro do clube analisado, a imersão no campo futebolístico durante muito tempo e a o papel da família inserindo-os nesses espaços, contribuiu para a constituição de um *habitus* esportivo. Esse *habitus* se forma gradativamente a partir da exposição dos agentes sociais à lógica de funcionamento do campo esportivo, sendo uma disposição para se pensar, significar e agir neste espaço. O *habitus* esportivo é entendido como uma propriedade adquirida nos relacionamentos dentro do campo esportivo ou dos subcampos das modalidades esportivas, que faz com que os integrantes se reconheçam através de uma espécie de codificação, legitimando-os no campo, validando e garantindo a existência deste universo (MARCHI JÚNIOR, 2011).

O *habitus* esportivo, e especificamente aquele do subcampo do futebol é impresso nas estruturas mentais dos indivíduos de forma gradativa, inconsciente e durável pelas experiências vivenciadas em seu interior. Com isso, o *habitus* torna-se o responsável pelas significações e julgamentos dos agentes dentro do campo esportivo e dos outros campos sociais que participa.

O jovem atleta que identifica o esporte como uma forte possibilidade de ascensão social e investe tempo, juventude, capitais econômicos e sociais na sua profissionalização no esporte possui uma visão de mundo que reconhece nesse projeto esportivo o sentido do jogo, ou seja, todos os trunfos pelos quais vale a pena lutar e vale a pena morrer. Aos olhos daqueles que não compartilham desse *habitus* esportivo, essas atitudes podem parecer

inexplicáveis, erradas ou irracionais.<sup>87</sup>Tendo como base a definição de *habitus* como sistema de disposições ligado a uma trajetória social, a teoria praxiológica pretende apreender a historicidade e a plasticidade das ações (DUBAR, 2005). Ou seja, as ações práticas transcendem ao presente imediato, referem-se a uma mobilização prática de um passado (trajetória) e de um futuro inscrito no presente como estado de potencialidade objetiva.

Dentro da análise dos projetos, dos campos de possibilidades e da formação de um *habitus* esportivo esses jovens e parte dos membros de suas famílias enxergam no esporte as grandes possibilidades de sucesso, ascensão social, satisfação pessoal e coletiva. Seus argumentos passaram a conjugar da crença de que aquele campo social é um espaço possível de transformação e de concretização dos seus objetivos. Diante do exposto, a construção dos projetos e a operacionalização do seu conceito estão intimamente ligadas a estruturação do campo de possibilidades e do *habitus* dos indivíduos.

### **2.3 - Projetos coletivos familiares no futebol.**

Devemos entender o projeto como “uma conduta organizada para atingir finalidades específicas” (SCHUTZ, 1979, p.32). Essa conduta organizada pode ser elaborada por um indivíduo, um grupo social, um partido ou qualquer outra categoria. Projetar é antecipar uma situação idealizada e possível, elaborando objetivos e estratégias de ação que condizem com a finalidade proposta no seu projeto. O indivíduo não nasce com um projeto de vida estruturado por si. Porém, os elementos estruturantes desse projeto surgem com o advento e a possibilidade de vinculação dele nos diversos grupos sociais. Torna-se necessário que um conjunto objetivo e subjetivo de oportunidades (campo de possibilidades) surja de forma convergente com o objetivo do indivíduo.

O conceito de projeto individual, então, emerge da condição do indivíduo efetuar suas escolhas dentro do seu campo de possibilidades, enxergado pelas lentes dos *habitus* nos quais ele foi socializado. O projeto esportivo, mais especificamente futebolístico, se estrutura a partir das suas experiências no campo do esportivo, nas percepções sobre o sistema educacional, na sua relação com a família, na sua relação com os amigos, nas possibilidades jurídicas e trabalhistas e na forma como esse indivíduo constrói sua rede social. Sendo assim,

---

<sup>87</sup> Nesse caso, as pessoas que não reconhecem determinado tipo de jogo não são desinteressadas por esse jogo social, pois o desinteressado reconhece o jogo, mas pode não se interessar por ele. O não reconhecimento do jogo posiciona a pessoa no oposto da *illusio* e chamada de *Ataraxia*. Esse termo, usado inicialmente por Pirro e Epicuro, denota a ausência de preocupação, a apatia, mas principalmente a indica a indiferença de alguém para com alguma coisa.

não se pode pensar em um projeto de vida desenraizado do seu contexto social e livre dos inúmeros processos de socialização que ele atravessou, nos diversos campos e nas redes sociais estabelecidas nele.

Um projeto só é elaborado e perseguido, quando o indivíduo identifica ou imagina naquele campo de possibilidades posto a sua frente a oportunidade de obter os lucros e os dividendos a partir de uma atividade ou carreira que ele valoriza. O indivíduo pode reagir negativamente a esses estímulos devido a inúmeros fatores ligados à crença, as condições sociais/materiais e as redes de sociabilidade. Irmãos com as mesmas orientações e condições sociais estruturais podem admitir diferentes significados sobre a possibilidade de uma oportunidade (educacional, por exemplo), adotando caminhos pessoais e profissionais diferentes. Não são poucos os casos de irmãos dentro da fratria que possuíam as mesmas condições de escolarização e estímulo dos pais, mas que mesmo assim construíram projetos educacionais diferentes um do outro. Como isso pode ser explicado?

Weber (2001) evidencia que a formação do projeto individual está ligada a análise feita pelo indivíduo sobre seu contexto. É necessário salientar que a formação do projeto individual depende do reconhecimento do contexto em que as possibilidades estão sendo apresentadas, bem como o modo como os indivíduos agem diante desse campo de possibilidades que é apresentado a eles. Dessa forma, o projeto individual é construído através de escolhas, no qual os indivíduos operam muitas vezes com a noção de custos e benefícios. Essa noção trabalhada na tese, não considera que os indivíduos agem somente por meio de medidas calculistas. Muitas ações individuais, apesar da intenção de maximizar oportunidades são realizadas por meio das disposições internalizadas dos indivíduos ao longo do processo de formação do *habitus*. Os cálculos e as ações provenientes deles são realizados pelo indivíduo, mas dentro de um saber fazer incorporado pelo indivíduo. Nessa situação esses elementos podem ser enxergados de forma diferente por cada um e, conseqüentemente, assumir diferentes configurações mesmo para indivíduos semelhantes no contexto social.

Um dos elementos importantes para construção dos projetos, ainda mais quando trabalhamos com estudos biográficos de indivíduos e famílias é a memória. Ela é um importante elemento na formulação de projetos porque possibilita uma visão retrospectiva mais ou menos alinhada de uma biografia específica. No processo de construção da memória, inúmeros processos de seleção, como esquecimentos, silêncios e lembranças, são requisitados pelos indivíduos para a construção de uma linearidade<sup>88</sup>, ou seja, um sentido para sua

---

<sup>88</sup> Não estamos falando que a memória é linear, mas sim que o indivíduo procura construir um sentido em sua biografia através de seleções que criam para ele uma noção de linearidade e narrativa na biográfica.

biografia. Sendo assim, o projeto é o olhar para frente baseado nas perspectivas passadas e orientadas por toda uma experiência e visão de mundo organizada na memória (VELHO, 2003). Os indivíduos analisados nessa pesquisa, sejam eles os jovens atletas ou os membros da sua família futebolística<sup>89</sup>, evidenciaram em linhas gerais uma forte adesão ao projeto de profissionalização no esporte e remeteram esse sucesso no esporte a uma trajetória íntima do filho atleta com a bola e o futebol.

Como dito anteriormente, a construção dessa memória quase predestinada do filho atleta com o futebol é produto das condições enfrentadas no presente por esses atletas e suas famílias. Estamos analisando nessa pesquisa os “eleitos”, ou seja, todas essas famílias possuem filhos atletas dentro de um grande clube de futebol do Rio de Janeiro e em categorias próximas a profissionalização. Dentro do mundo concorrido do futebol, muitos deles “sobreviveram” a diversas peneiras, viram muitos amigos serem excluídos desse espaço. Por isso, a memória construída por essas famílias em posição de sucesso momentâneo no futebol opera com processos de seleção, esquecimentos e enquadramentos que destacam os momentos de sucesso dos filhos. Essas famílias e seus filhos atletas constroem uma memória em que o sucesso presente só pode ser explicado pelas constantes conquistas realizadas pelo grupo familiar. Nesse sentido, o trecho da fala de Bernardo nos exemplifica essa construção da memória.

**Bernardo:** “Olha, desde pequeno eu brinco com a bola. A primeira bola que ganhei, acho que foi com um ano e foi meu primeiro presente. Desde então não faço outra coisa senão jogar bola. As coisas no futebol sempre foram acontecendo naturalmente para mim, jogando de brincadeira numa pelada ainda com 4 anos de idade fui chamado para treinar no Botafogo de Ribeirão Preto e depois aos 11 fui visto num campeonato em Viña del Mar e vim parar aqui no [nome do clube]. Algumas pessoas dizem que eu posso ir para seleção. Essas coisas me fazem ver que o futebol é minha vida e eu tenho que ser jogador.”<sup>90</sup>

No relato vemos a evocação de uma relação com a bola desde muito pequeno por parte do jovem. Dificilmente ele ou seus pais poderiam nos dizer com certeza qual foi o seu primeiro presente ou seu primeiro contato com uma bola. Contudo, nos processos de elaboração da memória, sempre realizados a partir do presente e baseados naquele momento

---

<sup>89</sup>A família futebolística é um constructo mais vasto do que o de família, articulado pelas relações que adquirem novos significados dentro do sistema futebolístico. Essa noção busca compreender a noção de família analisando a construção de redes de relacionamento que conectam pessoas e contextos através de suas experiências cotidianas. Desse modo, a partir de um núcleo mais definido normalmente dentro da família consanguínea (pais, mães e irmãos), alarga-se a noção de pertencimento dentro dessa instituição para indivíduos que possuam algum nível de engajamento na construção dos projetos esportivos desses jovens (SPAGGIARI, 2015). O conceito utilizado como ferramenta para análise busca evidenciar os processos relacionais que definem quem está próximo, quem está distante, quais são os deveres/obrigações e os direitos daqueles que estão envolvidos no projeto futebolístico.

<sup>90</sup> Entrevista com Bernardo da família Marques, em 22/10/2015.

no projeto de tornar-se atleta profissional de futebol, a relação com a bola surge nos relatos como algo natural, precoce e quase inexorável diante do projeto que eles buscam para si. As conquistas e progressões na carreira culminando com a chegada ao [nome do clube], são colocadas como conseqüências de um processo natural.

O relato mostra a construção da memória no sentido de dar coesão e linearidade (BOURDIEU, 1998). Ancorado pelas percepções do presente, pelos relatos e fragmentos do passado e pelo projeto de se tornar jogador, a memória confere sentido a esse projeto. Assim, o projeto depende, fundamentalmente, da memória (e do *habitus*) “[...] que fornece as lembranças de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem a consciência das quais seria impossível ter ou elaborar projetos” (CAMARGO, 1996, p.98).

Temos aqui a memória com base numa possível socialização, na qual o símbolo do seu esporte, a bola, desde cedo teria, segundo o relato, habitado sua vida. Aqui cabe o comentário geral de que na socialização do menino brasileiro é comum os pais ou familiares darem a camisa de seus respectivos times para os bebês. Isso forma parte do *habitus* masculino em nossa sociedade que extrapola a questão de classe. A construção de uma memória afetiva e positiva do futebol partir de um presente exitoso edifica uma biografia intimamente ligada ao esporte e conseqüentemente estrutura uma crença do atleta e da família num futuro ligado a esse esporte. O fortalecimento da crença está intimamente ligado a memória e essa crença é responsável por creditar maior possibilidade a determinados caminhos em detrimento de outros, mesmo que os dados estatísticos e empíricos demonstrem o contrário.<sup>91</sup>

Cabe questionarmos se em famílias que foram excluídas abruptamente e definitivamente do futebol, as memórias familiares ligadas ao esporte também são reativadas como fio condutor para dar sentido as ações presentes e se as possibilidades de vencer no futebol são também fortemente partilhadas pelos indivíduos.

De qualquer forma, o projeto não é um fenômeno puramente interno e subjetivo produzido pela memória, ele é realizado escolhas, projeções e ações individuais em conexão com as subjetividades e o contexto cultural. Na verdade, é formulado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como de temas, prioridades e paradigmas culturais existentes.

---

<sup>91</sup>Com relação as chances de profissionalização no futebol, Rocha, 2017 evidenciou que as possibilidades de profissionalização no esporte são muito pequenas. Para isso, o autor comparou as relações candidato-vaga dos principais vestibulares do Brasil e a relação candidato-vaga nas peneiras do futebol. Os dados encontrados mostram que a relação candidato-vaga no futebol é de aproximadamente 160 pessoas por vaga. Valor bem acima dos vestibulares mais concorridos, onde são 62 candidatos por vaga.

Para compreender a formação de um projeto individual, deve-se, portanto, buscar entender em quais contextos sociais o indivíduo detentor do projeto vive; qual o seu campo de (im)possibilidades; e quais oportunidades lhe foram apresentadas/construídas. Assim, a partir desses dados, poderemos tentar reconstruir esse projeto. É importante dizer que o projeto individual deve ser verbalizado. Somente dessa forma se tem a condição da sua existência. Logo, para identificar a formulação de um projeto individual, o primeiro passo deve ser perguntar à própria pessoa quais são suas estratégias de ação para se atingir um determinado objetivo.

Outra questão relativa aos projetos é que eles estão, a todo o momento, se ressignificando em um processo dinâmico no qual o contato com outros contextos sociais e com outras pessoas acaba imprimindo sobre o indivíduo estímulos que, quando correlacionados com seu *habitus*, influenciam-no em suas ações e seus projetos. Desse modo, todo processo de ressignificação parte da noção de *estratégia* que visa apreender as práticas inconscientes dos *habitus* ajustadas a uma determinada demanda social. Para Bourdieu, a maior parte das ações dos agentes sociais é produto de um encontro entre um *habitus* e um campo social (conjuntura). No processo de ressignificação dos projetos, podemos indicar que as mudanças nos caminhos e a percepção de outros campos de possibilidades, longe de serem um sinal de afastamento de determinado *habitus*, remontam, na verdade, a sua plasticidade em incorporar, em suas ações práticas, respostas diante do campo inserido.

O cenário metropolitano e a diversidade de campos sociais (conjunturas) permitem que indivíduos com origens sociais, étnicas e geográficas completamente diferentes estabeleçam vínculos e façam parte de uma mesma rede social. Com isso, gera-se também um sincronismo entre certos contextos sociais e uma interseção entre os campos de possibilidades provenientes deles. Foi essa possibilidade de articulação e mudança de projetos individuais que Velho (2003) chamou de metamorfose e pontuou como o acionamento de códigos, associados a contextos e domínios específicos – portanto, a universos simbólicos diferenciados<sup>92</sup> – de que os indivíduos se apropriam e permite aos projetos serem permanentemente reconstruídos (Idem, p. 29). Isso mostra que os projetos dialogam a todo o momento com o campo de possibilidades de forma dinâmica. Por isso, os próprios projetos estão em constante transformação, influenciados por outros projetos de outros indivíduos que interagem constantemente.

---

<sup>92</sup> Esses “universos simbólicos diferenciados” identificados por Gilberto Velho podem ser lidos pelas lentes de Bourdieu como o *habitus* de campo em que o indivíduo se insere, ou seja, o conjunto de valores que norteia a ação dos indivíduos nesse espaço.

No caso dos jovens atletas de futebol, suas trajetórias podem reconfigurar os arranjos familiares em que eles se inserem. Desse modo, são as dinâmicas relacionais, principalmente aquelas no interior das famílias, que influenciam as tomadas de decisões do filho atleta e de todos os outros no interior dessas famílias esportivas. O projeto familiar esportivo é erigido em torno de obrigações recíprocas onde cada membro da família possui funções bem demarcadas.

Essa participação de todo o conjunto familiar em torno do projeto esportivo ocorre porque a formação no futebol é um caminho extremamente custoso para os indivíduos. Apesar do imaginário social relacionar os jogadores de futebol como egressos daquelas classes sociais miseráveis, estudos contemporâneos mostram que esse segmento social não é significativo nesse esporte (RIAL, 2006; SPAGGIARI, 2015; CORREIA,2014; ROCHA,2017). É consensual a identificação de que a formação no esporte requisita custos materiais e sociais que interdita essa prática aos chamados miseráveis, visto que esses não possuem as condições mínimas para custear materiais esportivos, deslocamentos, alimentação específica, bem como se ausentar do trabalho para treinar.<sup>93</sup> Os resultados que esses estudos deixam evidentes é que o projeto futebolístico familiar é muito comumente encontrado nas classes médias, principalmente na classe média baixa da sociedade brasileira.<sup>94</sup>

A compreensão dos projetos futebolísticos dos jovens atletas só pode ser realizada através da análise das trajetórias de vida dos indivíduos dentro das famílias esportivas e da constituição do *habitus*. “A trajetória familiar e as diferenças entre as gerações da família são absolutamente fundamentais para compreender o projeto elaborado pelos jovens, caracterizado por um duplo movimento: a transição para vida adulta e a mobilidade de classe (BARROS, 2010, p.73)

Os projetos familiares fundamentalmente se desenvolvem através das experiências em comum partilhadas pelos membros da família. Essas experiências socializadoras podem ser internalizadas<sup>95</sup> por meio da prática cotidiana dando origem a um sistema de gostos e

---

<sup>93</sup> Wacquant ao analisar o desenvolvimento profissional dos boxeadores observa um panorama semelhante. O autor diz que os boxeadores não são geralmente recrutados entre as frações mías deserdadas do subproletariado do gueto, mas sim do interior das franjas da classe operaria local, nas bordas da integração socioeconômica estável. [...] Abaixo de um determinado limiar de estabilidade pessoal e familiar objetiva ,torna-se altamente improvável adquirir os meios corporais e morais indispensáveis para amadurecer com sucesso no aprendizado desse esporte (WACQUANT,2002, p.61).

<sup>94</sup> Esses dados podem ser vistos em Spaggiari (2015), Correia (2014) e Rocha (2017)

<sup>95</sup> Bourdieu evidencia que a transmissão dos capitais culturais, dos capitais sociais e do *habitus* não são realizados de forma osmótica entre aquele que o possui e aquele para quem se objetiva transmitir. Na realidade a internalização desses dispositivos ocorre num processo ativo e dialético, no qual o herdeiro precisa querer herdar aquilo que lhe procuram transmitir. Desse modo, uma família pode empreender grande esforço para que o filho se ocupe da música e da corporalidade, sem, contudo, obter dele o interesse e o engajamento esperado.



preferências (*habitus*) que orientarão as ações dos indivíduos. No caso dos projetos familiares futebolísticos, a existência de práticas esportivas e/ou indivíduos dessa família inseridos no campo esportivo constituem-se como um fator decisivo para predisposição em elaborar projetos em torno do esporte. Os apelos à formação esportiva poderão ganhar maior fôlego mediante vários estímulos, entre eles a percepção de que seus campos de possibilidades se encontraram menos alargados ou até mesmo bloqueados para a ascensão social nas outras áreas da vida social.

Na formulação dos projetos futebolísticos, a questão financeira é um fator importante que aglutina uma mobilização pessoal dos familiares em torno do filho atleta, numa resposta para a superação das dificuldades do presente. Incentivados pela construção midiática do jogador famoso e bem pago, os pais procuram investir nos filhos como jogadores desde cedo (DAMO, 2007; ROCHA *et al* 2011; RIAL, 2008). A possibilidade de rápida ascensão social e ganhos financeiros exercem influência para que os pais construam um projeto futebolístico sobre o filho, ou aceitem apoiá-lo num período em que os primeiros passos da carreira necessariamente precisam do engajamento familiar.

Frente a um campo de possibilidades de falta de emprego, violência, baixa escolaridade, escola desconectada da realidade, precarização nas relações de trabalho e outros tantos percalços que se inserem na vida dos jovens e suas famílias, a carreira de jogador de futebol surge como um caminho sedutor devido a estruturação do campo futebolístico, mas também aparentemente próximo devido a visão propagada pela mídia.<sup>96</sup>

Os projetos se formam a partir das relações entre os indivíduos, sendo produto de negociações, conflitos, reformulações, sorte e causalidades em meio a planejamentos elaborados meticulosamente. Imbuído de significados distintos para cada membro da família, os projetos não são homogêneos. Para determinado membro da família ele pode significar prioritariamente a chance de ascensão social, para outro a realização de um sonho de infância, para um terceiro a manutenção de uma “dinastia” no futebol. Embora o projeto futebolístico esteja muitas vezes relacionado à perspectiva de mobilidade social, ele também é pautado por outras motivações.

Ainda que desenhados principalmente pelas relações entre pais e filhos, bem como pela relação entre irmãos, os projetos também podem ser impulsionados por um conjunto diversificado de indivíduos que elaboram diferentes estratégias para conduzi-los. A entrada de

---

<sup>96</sup> A crença do atleta e da família no sucesso profissional do filho se baseia na percepção de que eles possuem o talento necessário para o futebol. Além disso, os familiares acreditam que a sorte e a rede de contatos também se constituem como um elemento importante para a concretização da carreira de futebolista.

Diego, filho futebolista da família Almeida, mostra a importância da participação de indivíduos alheios a família nuclear no processo de construção do projeto futebolístico.

**Roberto:** O Diego gostava de jogar bola. Tinha um campinho de grama sintética lá perto de casa e ele sempre que podia estava lá. Era só brincadeira mesmo. Ai um dia um amigo nosso, que também era empresário de jogador lá onde morávamos viu ele jogando. Isso ele devia ter... uns 7 ou 8 anos e perguntou se ele não queria ir jogar na escolinha do Cruzeiro. Só pra ver no que ia dar. Esse nosso amigo ficou responsável por ajudar a gente no acompanhamento do Diego na escolinha. [...] Depois de uns 2 anos na escolinha esse amigo nosso conseguir uma vaga para ele nas categorias de base do América-MG e ele ficou por lá. O Maicon (empresário e amigo) sempre esteve muito próximo da gente ajudando em tudo. Ele é de casa.<sup>97</sup>

A trajetória esportiva de Diego evidencia que a construção de um projeto familiar futebolístico não se originou no seio da família nuclear, mas sim por meio de um indivíduo que compunha o círculo restrito de convivência da família, no caso, um amigo próximo do núcleo familiar. Ele fôra o responsável pela identificação do talento, pelo convencimento dentro do círculo familiar da existência desse talento e pela inserção desse jovem no campo futebolístico. A presença dele no interior da família e a convivência de Diego nas categorias de base podem ser pensadas como elementos que reformularam os projetos da família em torno do jovem.

Isso mostra como as formulações dos projetos não estão apenas restritas aos membros do núcleo familiar mais próximo, mas sim a todos aqueles pertencentes ao que anteriormente chamamos de família futebolística, ou seja, membros de uma rede que possui o núcleo familiar consanguíneo como base, mas que se estende para indivíduos que mantêm relações próximas de reciprocidade e confiança.

Como podemos verificar, a estruturação desses projetos futebolísticos está fortemente relacionada à formação de redes sociais pelos indivíduos. A formação das redes é muito importante para o relacionamento dos indivíduos, sua construção do campo de possibilidades e para obtenção de oportunidades frente aos seus objetivos. Nesse caso, em carreiras profissionais muito “fechadas” e com posições de destaque escassas, como é o caso do futebol, a existência de uma rede social ramificada e extensa pode significar o diferencial para manutenção no esporte ou sua exclusão, transformando a sorte em chance.

Num mercado esportivo, no qual há 160 candidatos para cada vaga profissional, a existência de uma rede social com interpenetração no campo futebolístico pode fazer com que essa concorrência diminua sensivelmente. Diante disso, é possível que haja centenas de

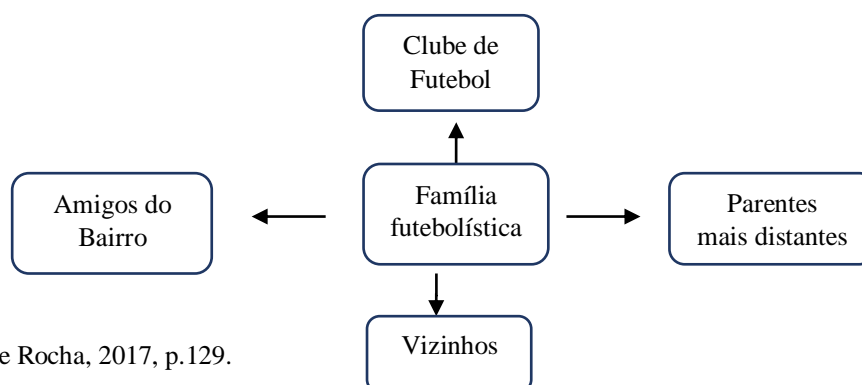
---

<sup>97</sup> Entrevista com Roberto, pai de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 11/04/2016

meninos talentosos no Brasil que estão procurando a profissionalização no futebol, mas que nunca conseguirão acessá-lo, pois não possuem o elo entre eles e os clubes que os recrutam. Essa evocação da rede social é recorrente nas entrevistas realizadas na pesquisa, quando os atletas inevitavelmente mencionam a importância de terceiros na sua inserção no meio do futebol.

Essa questão corrobora a percepção da tese de que o capital social (rede de sociabilidades) aparece como uma importante variável que influencia a construção dos projetos familiares no esporte ou na escola. A noção de rede utilizada enxerga-as como sistema de nós e elos, uma estrutura sem fronteiras, uma comunidade não geográfica, um sistema de apoio ou um sistema físico que pareça com uma teia. A rede social derivando desse conceito passa a representar um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de interesses e valores compartilhados (MARTELETO, 2010).<sup>98</sup> Os estudos realizados por Bott (1976) nos permitem compreender a importância das redes sociais na estruturação dos projetos futebolístico dos atletas por meio de um mecanismo de operacionalização: o conceito de laços. Para exemplificar esses dois conceitos recorreremos a recursos visuais de análise. Tenhamos em mente que o ponto principal (núcleo) da análise é a família enquanto instituição e que cada linha que relaciona a família com outros agentes é uma ponte, um laço.

#### Ilustração 1.



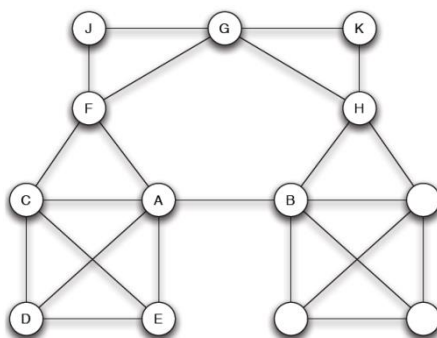
Adaptado de Rocha, 2017, p.129.

A ilustração 1 mostra um esquema estrutural das redes observadas nas famílias analisadas na pesquisa. Essa estrutura evidencia um sistema de redes em primeiro nível, ou seja, as relações diretas que os membros das famílias possuem com indivíduos situados dentro do espaço da vizinhança, do clube, da própria família e do bairro onde moram. Contudo, a inserção desses indivíduos nesses espaços, aumenta a possibilidade de relações com indivíduos para além dos locais mais próximos de convivência. A ilustração mostra somente aqueles agentes nos quais as famílias possuem maior possibilidade de manter contatos, sendo

<sup>98</sup> A análise das redes não constitui um fim em si mesma. Ela é o meio para realizar uma análise estrutural cujo objetivo é mostrar de que forma a rede é explicativa dos fenômenos analisados.

que essa teia pode se expandir à medida que se conhece mais gente dentro desses espaços. Cada quadro no esquema possui seu próprio conjunto de indivíduos e redes dentro dele, por isso podemos pensar as redes de segundo nível.

### Ilustração 2.



Supondo que as relações entre “ACDE” estejam inseridas dentro do clube de futebol, e que o elemento “E” significa algum membro da família, podemos supor que sua correlação com outros indivíduos (CDA), principalmente o “A” (caracterizado como um nó de rede) é importante para acessar outras redes que estariam mais bloqueadas ou até mesmo fechadas a ele. Desse modo, as correlações entre os indivíduos dentro dessas redes podem fazer com que eles acessem outros espaços, nos quais a obtenção de recursos e capitais simbólicos facilite a elaboração dos seus projetos.

Perceba que a troca de influências é o que pode permitir um indivíduo ampliar seu campo de possibilidades ou conjunto de oportunidades às quais ele terá acesso. Porém, antes de concluirmos qualquer coisa, devemos deixar claro que as relações em uma sociedade complexa e contemporânea não são tão simples quanto os esquemas representativos que estamos utilizando. Essas ilustrações nos servem apenas para classificar os conceitos que nos serão úteis para a descrição dos dados sobre como os membros das famílias dos atletas pensam, articulam e constroem seus projetos de carreira voltados para o futebol.

O desenvolvimento das relações entre os indivíduos dentro das redes sociais não ocorre de forma idêntica entre todos eles. Isso quer dizer que dentro delas existem indivíduos que mantêm relações mais estáveis com alguns e mais efêmeras com outros, traduzindo aquilo que identificamos comumente como amigos e conhecidos, bem como parentes próximos e parentes distantes.

As relações dentro da rede social são conhecidas como laços, podendo ser de natureza forte ou fraca. As duas formas de laços possuem potencialidade e limitações que devem ser entendidas segundo o contexto dos projetos e o interesse dos indivíduos. Nas redes sociais de

laços fortes há uma grande correlação entre os indivíduos, baseado em motivações geográficas de moradia, nível socioeconômico, entrelaçamento de parentesco entre outros. Nesse caso, as principais pessoas inseridas nas redes sociabilidade dos indivíduos são pessoas ligadas a sua família, ao bairro onde moram ou ao espaço de trabalham que habitam.

As relações baseadas nos laços de sociabilidade fortes são importantes como mecanismos de construção de solidariedade e coesão entre as pessoas. Diante disso, redes sociais de laços fortes tendem a reunir um grupo que normalmente se conhece e mantém uma relação entre si independente dos outros indivíduos que não estejam presentes. Esses laços fortes geralmente aglutinam em torno de si indivíduos menos heterogêneos em valores morais, nível socioeconômico, e trajetórias de vida. Fato que na verdade os tornam indivíduos altamente dispostos a ajudar uns aos outros, mas que na verdade possuem poucas condições diferenciadoras de seus semelhantes a oferecer (oportunidades materiais ou simbólicas)<sup>99</sup>.

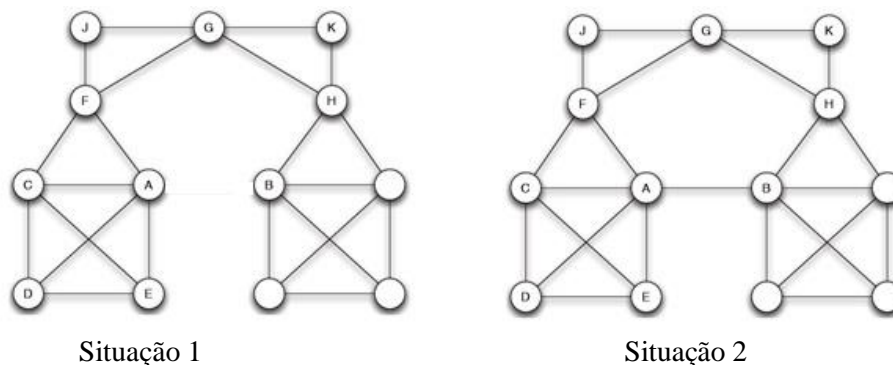
Nas redes de laços fracos, as relações entre os indivíduos são mais frágeis e efêmeras, com a possibilidade de que essas conexões entre os indivíduos se desfaçam com maior facilidade. Nas configurações de laços fracos os indivíduos que participam delas normalmente são significativamente heterogêneos entre si e desenvolvem redes ramificadas com diversos grupos sociais, espaços geográficos e valores contemporâneos. No desenvolvimento cotidiano dos contatos de uma grande cidade, os nossos laços fracos são constantemente construídos, destruídos e reconstruídos com os diversos indivíduos nos quais nos relacionamos.

Quando pensamos no processo de alargamento do campo de possibilidades e desenvolvimento de oportunidades, os estudos da sociologia nos evidenciam que os laços fracos possuem maior efetividade do que os laços fortes. Esse fenômeno chamado de força dos laços fracos (MARTELETO, 2001; GRANOVETTER, 1983) explicita que mesmo os laços sendo fracos entre dois ou mais indivíduos, as existências deles constroem pontes que possibilitam acessar novas redes sociais e também encurtar o caminho rumo a elas. Observando a ilustração 3 podemos compreender a força dos laços fracos ao permitir acesso a novos espaços por caminhos mais curtos.

### **Ilustração 3.**

---

<sup>99</sup> Os laços entre os indivíduos são mais fortes quanto mais frequência e intensidade existem nesses encontros.



Na situação 1, temos o indivíduo “A” inserido numa rede social de laços forte que pode ser pensada como sua vizinhança. Além dessa ligação, ele também possui outras conexões fortes com membros do bairro como um todo (indivíduo F), mas essas não são tão numerosas quanto aquelas dentro da sua própria vizinha. À medida que ele se afasta desses dois núcleos que chamamos de vizinhança e bairro, o indivíduo não possui nenhum laço com outras redes mais estáveis. Considerando a rede em que o indivíduo “B” se localiza como sendo uma rede dentro do clube de futebol, podemos dizer que o indivíduo A não estabelece nenhuma relação indireta com a rede do indivíduo B, ou seja, o clube de futebol.

O indivíduo “A” até poderia através de laços fortes de sociabilidade alcançar a rede social do clube de futebol no qual B está inserido, no entanto deveria percorrer um caminho muito mais longo, no qual teria que passar por diversas combinações possíveis entre F, J, G, H e K.

A situação 2 mostra a formação de um laço fraco entre o indivíduo “A” e o indivíduo “B”, que constrói uma ponte de conexão entre duas redes sociais, a propósito, a da vizinhança e a do clube. Essa conexão pode ser estabelecida porque os dois indivíduos habitam o mesmo espaço de trabalho e por algum acaso do destino iniciaram um contato mesmo que superficial. Essa ponte construída possibilita ao indivíduo “A” construir atalhos na sua rede social, permitindo conhecer mais pessoas e assim maximizar suas oportunidades de inserção em novos espaços.

O termo força dos laços fracos remete ao poder de eficácia que existe na posse de uma ramificada rede de relações sociais que não precisa ser extremamente coesa, mas que antes de tudo deve existir enquanto possibilidade de conectar pessoas heterogêneas. A importância das redes sociais de laços fracos para maximização de oportunidades reside no fato de que se conectar com muitas pessoas diferentes, mesmo que seja por uma natureza tênue, lhe permite acessar possibilidades mais diversificadas. Numa sociedade pouco impessoal e personalista como é a brasileira, as forças dos laços fracos se tornam ainda mais relevantes para obtenção

de oportunidades que não estão abertas a todos. No Brasil, as redes construídas pelos indivíduos e o conhecimento, mesmo que indireto de determinadas pessoas (laços fracos) possibilitam acesso a vagas em hospitais, a creches, a remédios, a empregos e porque não a vagas centros de formação de clubes de futebol.<sup>100</sup> Desse modo existem vantagens em estabelecer uma rede social ampliada e variada, mesmo que os laços entre os indivíduos não sejam tão fortes. Segundo Bott (1976), uma rede de laços frouxos permite ao indivíduo uma ampliação do seu horizonte de oportunidades, ainda que os laços estabelecidos nessa rede social não tenham os mesmos mecanismos de solidariedade percebidos nas redes de laços fortes.

A existência dessas configurações de redes que podem ser formadas, rompidas ou redesenhadas ao longo do processo dinâmico de vivência dos indivíduos com outros indivíduos, mostra que os projetos não são lineares e estabilizados. Vivenciados de forma diversa pelos seus integrantes, os projetos futebolísticos familiares, influenciados pelas redes sociais podem ser alterados frente a variantes relacionadas as trajetórias, reconfiguração dos arranjos sociais, surgimento de novos membros no universo familiar, mudanças ou qualquer questão inesperada.

Portanto, os projetos, construídos de processos relacionais com suas redes sociais passam por constantes mudanças simbólicas e estruturais. Ao mesmo tempo em que os significados dos projetos se modificam conforme mudam as relações na própria família dos atletas, as fronteiras das redes sociais e conseqüentemente das oportunidades são atualizadas no desenrolar desses projetos. Isso quer dizer que há uma configuração que se atualiza conforme o desenrolar das trajetórias, o desenvolvimento dos futebolistas e o surgimento de outros projetos individuais e coletivos relacionados aos outros membros de uma mesma família, especialmente no que se refere as projeções escolares dos outros filhos da família.

Compostos de trajetórias interpenetradas e compartilhadas, os projetos são construídos para si, mas de uma forma intrincada aos demais membros da família e àqueles com que estão em relação. Portanto, ainda que seja a trajetória do jovem futebolista que tenha relevo dentro do projeto e que a partir dela os familiares também se engajem na prática, as trajetórias dos diferentes membros são fundamentais para compreender um projeto futebolístico que pode ou não se ajustar as expectativas dos outros membros de um convívio familiar marcado não

---

<sup>100</sup> A constituição das redes é um elemento que também ajuda a entender porque os indivíduos das classes mais pobres (miseráveis) não conseguem acesso ao futebol. A questão não passa apenas por não terem os recursos materiais necessários à prática do futebol, tal como dinheiro, materiais esportivo e alimentação adequada. Também está ligada a falta de um capital social capaz de fazê-los conhecer aquelas pessoas que serão suas conexões (pontes) entre a rede social que habitam e as redes sociais ligadas ao futebol.

somente por manifestações de apoio, ajuda e solidariedade, como também por tensões e desavenças (FONSECA, 2007).

Como dito na seção anterior, dentro das famílias analisadas na pesquisa, foi percebida uma proeminência do jovem atleta em detrimento do (s) irmão (s), visto a formação de um projeto familiar futebolístico em que esse jovem é peça central. Essa proeminência dos filhos atletas, apesar de tentar ser dissimulada pelos pais, cria comportamentos diferenciais marcantes no investimento de tempo e direcionamento de recursos em direção ao filho atleta. A percepção de tal dinâmica, não escapa ao filho não atleta e ele se encontrada numa situação por algumas vezes incômoda de pressionar os outros membros da família pela utilização dos recursos deslocados ao filho atleta. Essa situação pode ser verificada na família Almeida em diversas ocasiões, mas em uma delas cabe o destaque.

Durante um almoço num sábado, estavam à mesa Diego, o filho atleta de 16 anos, seu irmão Miguel de 18 anos, a mãe Marta e o pai Roberto. Os pais juntamente com Diego discutiam sobre a necessidade de compra de um novo conjunto de material esportivo para o filho treinar (meião, chuteira, caneleira e alguns adesivos de relaxante muscular). Os pais alegavam que aquele material ainda poderia ser usado durante mais algum curto espaço de tempo, enquanto Diego discordava frontalmente dessa posição. Miguel à mesa nada comentava e somente observava. Depois de muito debate e processo de convencimento os pais cederam aos apelos do filho atleta e se comprometeram a comprar um material novo assim que possível.

O desfecho dessa decisão revelou um descontentamento aberto de Miguel com os pais, posto que, ele lembrou aos mesmos que havia pedido a pouco tempo dinheiro para comprar um livro e um fone de ouvido e fôra completamente desencorajado pelos pais em gastar dinheiro com supérfluos. Irritado o jovem saiu abruptamente da mesa e esbravejou que eles só estavam dando aquilo para Diego porque ele era atleta. A situação do almoço ficou desconcertante para todos e ao fim do dia os pais resolveram que iriam satisfazer a vontade dos dois. Material esportivo para Diego e livro e fones de ouvido para Miguel.

A situação descrita acima evidencia um claro conflito interno dentro do projeto futebolístico familiar. A maioria das situações de negociação, conflitos e rupturas dentro dos projetos não se produzem dessa forma explícita, mas elas existem a todo o momento dentro dos projetos familiares. Apesar desses conflitos inerentes ao convívio de projetos individuais diversos em torno de um projeto coletivo familiar, recorrentemente percebemos a acomodação dos conflitos em torno do discurso do sacrifício.



Os sacrifícios são observados como renúncias e privações vivenciadas pelos membros da família futebolística que decidiram se engajar nesse projeto de alçar um dos seus membros à posição de atleta profissional. Esses sacrifícios são vistos como necessários para a obtenção dos objetivos e balizam-se na crença de que posteriormente eles serão recompensados. Desse modo, o projeto exige participação não somente do atleta, mas também dos familiares que devem fazer diversos sacrifícios, normalmente com a expectativa que esse investimento temporal e financeiro seja futuramente reconstituído a eles sob a forma de benesses. Essa estruturação do projeto familiar futebolístico cria uma relação tácita de responsabilidade entre aqueles que abdicam e aquele que recebe o investimento, sendo que o jovem atleta reconhece essa responsabilidade. Em todas as entrevistas feitas com os atletas de futebol da pesquisa, o objetivo de transformar a vida da família e dar uma situação confortável para todos eles foi mencionada como um dos principais motores para profissionalização.

A análise dos determinantes que constroem os projetos e das formas como eles se ressignificam é condição básica para poder entender as escolhas, investimentos e caminhos traçados pelos jovens atletas e suas famílias. Nos próximos capítulos (capítulo 3 e 4) serão esquadrihadas as trajetórias de vida de seis famílias de atletas pertencentes a um grande clube de futebol do Rio de Janeiro. A análise das trajetórias dessas famílias permitirá compreender quais são suas condições materiais, seus valores, suas crenças, suas redes de sociabilidade e o conjunto de oportunidades que elas dispõem para traçar seus projetos futebolísticos. Ao mesmo tempo em que analisamos as famílias realizaremos nesses capítulos uma discussão das trajetórias de vida dessas seis famílias observando aqueles elementos considerados estruturantes nos projetos futebolísticos. A discussão desses elementos possibilitará explicar alguns comportamentos aproximados entre as famílias e os desdobramentos deles para o desenvolvimento esportivo e escolar dos jovens atletas.

---

## Capítulo 3: Trajetórias de famílias futebolísticas: Projetos; estratégias e ações sociais.

---

### **3.1 – A trajetória familiar dos Marques<sup>101</sup>.**

O núcleo analisado da família Marques é originário de São Paulo, mais precisamente da cidade de Ribeirão Preto. No entanto, dois de seus membros, Bernardo (filho atleta) e sua mãe Bianca migraram no final do primeiro semestre de 2012 de Ribeirão para o Rio de Janeiro, já que o jovem recebeu um convite para integrar as categorias de base de um grande clube de futebol do Rio de Janeiro.<sup>102</sup>

A mudança fragmentou geograficamente a família em dois pólos, situando a mãe e o filho no Rio de Janeiro, e a avó e mais dois casais de tios de Bianca em Ribeirão Preto. Nessa configuração familiar não verificamos o avô materno, que faleceu quando Bernardo ainda tinha três anos de idade. Os contatos realizados foram feitos exclusivamente com lado materno da família, pois Bernardo possui contato muito restrito com o pai<sup>103</sup>, e nenhum contato com o lado paterno da família que reside no interior de Sergipe.

Rufus, o pai de Bernardo, quando criança foi adotado por um casal do sertão de Sergipe. Na família só havia filhas mulheres e o pai adotivo de Rufus achava que por ele ser o único homem da família deveria se engajar nos serviços da roça para que assumisse o posto dele no futuro. No entanto, a vontade de Rufus era ser jogador de futebol e, por isso, ele fugiu de casa aos doze anos e acabou indo morar nas ruas de Salvador. Tentou sem sucesso peneiras no Esporte Clube Bahia, no Vitória e no Confiança, até conhecer aos catorze anos o Comandante Rolim (ex-presidente da TAM) que acabou cuidando dele e apresentando-o a um empresário de futebol de Campinas. Devido à infância conturbada e as poucas oportunidades escolares dadas a Rufus, ele só conseguiu estudar até a 4º ano do ensino fundamental.<sup>104</sup>

Rufus foi jogador de futebol profissional atuando principalmente no Botafogo de Ribeirão Preto, onde aos dezoito anos conheceu Bianca. Eles ficaram juntos por alguns anos,

---

<sup>101</sup> O nome da família e dos indivíduos inseridos nela são fictícios.

<sup>102</sup> A trajetória esportiva e escolar de Bernardo se encontram no final do dessa secção em um quadro esquemático. Também há um fluxograma identificando as redes de sociabilidade esportiva da família Marques.

<sup>103</sup> Bernardo não vê seu pai mais do que 2 vezes por ano.

<sup>104</sup> A seriação utilizada para essa tese acompanha nova diretriz do ensino básico que passou a ser dividido em anos e não mais em série. Além disso, a classe de alfabetização foi integrada ao ensino fundamental, passando a ser designada de 1º do ensino fundamental. A nova organização vai no ensino fundamental do 1º ano ao 9º ano (antigo 1º grau) e no ensino médio do 1º ao 3º (antigo 2º grau).

mas nunca se casaram oficialmente, sendo que entre idas e vindas acabaram se separando definitivamente quando Bernardo tinha 5 anos de idade.

A trajetória de vida de Bianca é um contraponto àquela vista em Rufus. Seus pais haviam morado com ela em São Paulo até seus quinze anos, quando finalmente se mudaram para Ribeirão Preto, por causa do trabalho do pai. A família possuía uma vida estável, sendo que o pai dela possuía ensino médio completo e trabalhava numa empresa de médio porte da cidade realizando trabalhos de contabilidade. Sua mãe tinha estudado até o 9º ano do ensino fundamental, mas acabou se tornando dona de um salão de beleza em São Paulo, que depois transferiu para Ribeirão Preto.

Bianca sempre estudou em escolas particulares, nos lugares onde morou. Sua entrada no ensino público só ocorreu no ensino médio quando fez curso normal<sup>105</sup> com vistas a lecionar para crianças. No entanto, acabou ingressando na faculdade (particular) para fazer veterinária, mas depois de quatro períodos não conseguiu continuar porque precisou trabalhar. O pai foi demitido e para custear a faculdade era preciso trabalhar, mas o curso requeria tempo integral, por isso precisou abandonar. Bianca buscou então um curso que pudesse conciliar as duas atividades e desse modo acabou estudando administração numa instituição particular chamada Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP). Bianca trabalhou até 2013 desempenhando a função de vendedora e propagandista de uma empresa de peças de carro em Ribeirão Preto e, posteriormente, na filial do Rio de Janeiro.

Os casais de tios mais integrados a família eram originários da união dos irmãos Celso e Edna<sup>106</sup> com respectivamente Regina e Humberto. Na configuração dos dois casais vemos que Celso possuía curso superior completo em engenharia e Humberto ensino médio completo. No caso das mulheres, as duas possuíam ensino médio completo e desempenhavam funções essencialmente domésticas. Nos dois núcleos familiares os homens eram os provedores da casa com Celso trabalhando numa empresa de engenharia em São Paulo e Humberto como funcionário público dos correios na mesma cidade.

No acompanhamento da família analisada e através das entrevistas realizadas foi explicitado que esses casais de tios possuíam uma vida financeira confortável e sempre que podiam ajudavam Bianca e Bernardo a se manterem no Rio de Janeiro. Além disso, a mãe de

---

<sup>105</sup> A entrada dela no ensino público para o curso normal deve ser contextualizada no tempo. Essa entrada ocorreu no início da década de 1980, quando o curso normal ainda possuía certo prestígio entre as classes médias da sociedade e esse era oferecido prioritariamente nas instituições públicas de ensino conhecidas como institutos de educação normal.

<sup>106</sup> Eles eram irmãos da mãe de Bianca, logo tios-avôs da mesma.

Bianca também comentava que recorrentemente visitava os irmãos em São Paulo ou eles a visitavam em Ribeirão Preto, apesar da distância de 315 Km.

Além das relações construídas com esses familiares, Bianca também possuía uma rede de amizades em Ribeirão Preto independente da família, destacando-se, nesse ponto, suas conexões como o campo futebolístico. Ela morava perto do estádio do Botafogo de Ribeirão Preto e muitas vezes no tempo livre usava as dependências sociais do clube para o lazer. As conexões amorosas de Bianca também vinham do futebol. Ao longo da vida ela namorou pelo menos 3 jogadores de futebol dos clubes da região, sendo um deles o pai de Bernardo (Rufus). Na relação com um desses jogadores (que não era Rufus), conheceu Wagner<sup>107</sup>, o qual mantém a cerca de vinte anos uma sólida amizade. Bianca identifica esse indivíduo como um verdadeiro confidente e segundo pai de Bernardo. Na composição familiar dos Marques, Wagner pode ser considerado como membro da família futebolística, visto que mesmo não possuindo laços de consanguinidade com a família Marques ele é visto por Bianca, Bernardo e os tios mais próximos como um “cara da família” que possui as portas da casa abertas para ele quando ele quiser.

**E:** Ah, bacana. Outra coisa que eu achei interessante foi o empresário né, o Wagner, como é que foi esse contato, qual é a importância do Wagner, se tem importância?

**Bianca:** Tem, o Wagner é uma pessoa importante na nossa vida, engraçado né, porque ex-mulher de atleta não namora um atleta só (risos), então, eu namorei um atleta que o Wagner era empresário, e quando a gente acabou terminando o relacionamento, a minha amizade com o empresário ficou, a gente se conhece há vinte anos. E o Wagner entrou na minha vida assim, a gente sempre foi muito amigo, eu ajudava ele com a cabeça do meu namorado, então a gente tinha assuntos “ah, olha, ele tá me dando um pouco de trabalho com isso”, teve muita amizade. E aí eu brincava com ele, fala assim: ó, eu vou ter um menino, que vai jogar futebol e você vai ser empresário do meu filho. E ele tá aí cuidando do meu filho desde que ele nasceu, acho que a segunda pessoa a saber o sexo do meu filho foi ele. **Mais que um empresário, ele é da família. Bem legal.**<sup>108</sup>

A relação de Bianca com Wagner é a mais estreita que ela possui com alguém dentro do campo futebolístico. Apesar de conhecer muita gente do futebol, Wagner é o único amigo desse campo que frequenta regularmente a casa de Bianca. A presença dele está tão integrada

<sup>107</sup> Wagner, o empresário citado, já encaminhou as carreiras de Emerson Sheik e hoje possui em sua carteira de clientes, ex-Neilton do Botafogo-RJ e Pedro Rocha do Grêmio-RS.

<sup>108</sup> Entrevista com Bianca, mãe de Bernardo. Família Marques. Entrevista realizada em 12/03/2015

à família que suas visitas não alteram significativamente a rotina e o comportamento da casa dos Marques.<sup>109</sup>

Na composição da família Marques, Wagner não é apenas um membro da família futebolística com voz ativa e influência sobre algumas decisões da casa, ele também é um significativo nó de rede<sup>110</sup>, pois no seu contato com Bernardo e Bianca ele conecta a família Marques a sua rede social no campo futebolístico. O empresário e membro da família futebolística é uma importante ponte que liga os Marques ao futebol.

**E:** O que vocês pretendem fazer caso o futebol não dê certo?

**Bianca:** Ah o futebol vai dar certo sim. Pode não ser aqui no [nome do clube], mesmo que eu tenha certeza de que aqui é o lugar certo. Mas eu conheço muita gente no futebol e o Wagner também é muito relacionado. Ele apresenta muita gente para mim e essas pessoas ficam loucas com o Bernardo. Já apareceu Flamengo, Palmeiras, Santos. Todo mundo querem o Bernardo.

**Bernardo:** Olha se não der certo no futebol, eu vou procurar fazer algo nos estudos. Faculdade de algo ligado ao esporte. Mas eu não penso muito nisso não. A minha ideia é ser jogador de futebol e “tô” indo muito bem. Muita gente tá correndo atrás de mim aí. Tem sempre olheiros nos jogos. E também tem o Wagner que tá sempre nos mostrando as melhores oportunidades, apresentando a gente para um monte de situações.<sup>111</sup>

Bianca e Bernardo explicitam o reconhecimento da importância de Wagner enquanto um mediador nas relações com o campo futebolístico, principalmente na apresentação de novos indivíduos. No entanto, é importante perceber que a conexão dos Marques com o futebol não existe exclusivamente pela presença de Wagner, pois Bianca possuía relações com esse campo desde que era nova e morava em Ribeirão Preto. Na sua cidade natal, Bianca conhecia muitos jogadores, agentes, técnicos e sócios do Botafogo de Ribeirão Preto, principalmente por sua permanência prolongada nas dependências do clube e pelos relacionamentos amorosos que havia construído com jogadores. Bianca afirmou que isso foi facilitado pela frequência em festas em comum e até mesmo na sua casa.

A rede futebolística dos Marques é regional e engloba, principalmente, a cidade de Ribeirão Preto, com algumas conexões frágeis com o resto do interior Paulista (Campinas, São José do Rio Preto, Franca), enquanto isso a rede de Wagner é nacional e com fortes

<sup>109</sup> Wagner chegou na casa dos Marques muitas vezes sem avisar e foi recebido pelos membros da casa com extrema naturalidade.

<sup>110</sup> Designamos nó de rede como sendo aquele indivíduo que estabelece uma ponte de uma rede social específica para outras.

<sup>111</sup> Conversa registrada com membros da família Marques. Cadernos de Campo, dia 12/03/2015.

conexões na região sudeste<sup>112</sup>. Além da maior extensão da rede de Wagner, ela também possui maior qualidade, pois, interage fortemente com outros indivíduos proeminentes no campo futebolístico nacional, como mostra seu relato.

**E:** Como você identifica um jovem que é promissor?

**Wagner:** Ah! Não é uma coisa fácil de explicar, porque você tem que ver tudo. Você olha o físico dele. Tem que ter um físico no mínimo mediano para aguentar o tranco. Mas, você também perceber o toque diferenciado na bola. Quem tem o talento, tem uma coisa diferenciada. Você percebe que o cara tá jogando o jogo e vendo tudo uns 3 segundos antes de geral.

**E:** E quando você identifica esse cara. Como você faz?

**Wagner:** Normalmente a gente senta para conversar, mostra um plano de trajetória para o cara. Olha hoje você tá aqui, vamos tentar te colocar daqui a um ano ali, três anos [num] time grande e quem sabe seleção?! É preciso mostrar para o atleta que ele não é só mais um. Os caras gostam disso. E eu tenho vários contatos aqui no Rio de Janeiro e São Paulo que ajudam a fazer transações. Conheço o Uram (Eduardo), o Leite (Carlos) e o Gilmar (Rinaldi) e muitos outros que também agem nos times menores. Isso ajuda muito nos negócios, porque empolga os jogadores novos que estamos buscando.<sup>113</sup>

A estruturação dessa rede futebolística dos Marques reforçada pela presença de Wagner<sup>114</sup> permite supor que as chances de exclusão permanente do atleta do campo futebolístico são pequenas, já que as conexões de Wagner poderiam colocá-lo com alguma facilidade em outro grande centro de formação de atletas no Rio de Janeiro ou até mesmo em outro estado do Sudeste.

A conexão de Wagner com a família Marques e com o futebol é forte, mas, curiosamente não foi ele o responsável por identificar o talento do jovem e inserí-lo no futebol. A entrada de Bernardo se deu por causa de um desses contatos construídos por Bianca dentro do campo futebolístico.

Paulinho, um amigo dela que trabalhava na comissão técnica do Botafogo de Ribeirão Preto, viu Bernardo jogando bola num churrasco de amigos e falou para ela levá-lo até o clube porque ele jogava muito bem. Àquela época o menino tinha quatro anos de idade, e Bianca ficou reticente em colocá-lo para treinar tão cedo. No entanto, por insistência de Paulinho e por gostar de futebol, Bianca deixou Bernardo integrar a escolinha do clube.

<sup>112</sup> A região sudeste é o local onde se concentram os principais clubes de futebol do Brasil. Essa região futebolística delimitada por Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, movimento quase 70% das receitas do futebol nacional e é a principal responsável pelas internacionalizações de jogadores de futebol.

<sup>113</sup> Entrevista com Wagner. Entrevista realizada em 13/09/2016

<sup>114</sup> Wagner mantém relação estreita com pelo menos 3 dos 10 maiores agentes de futebol atuantes no Brasil. Informações obtidas em <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2010/12/os-donos-da-bola-conheca-os-dez-agentes-mais-influentes-do-brasil.html>. Acesso 22/03/2017.

Bernardo ficou treinando na escolinha do clube por sete anos (dos 4 aos 11 anos). Durante esse período a família Marques saiu do bairro de Ribeirânia, próximo ao estádio do Botafogo de Ribeirão Preto e se mudou para o Jardim Paulista<sup>115</sup>. Essa mudança de residência tornou o trajeto de casa para o estádio mais longe para a família. A distância se juntou a complicações de transporte e horário (treino era a noite) e por isso, Bianca precisou retirar o menino dos treinamentos. No entanto, sabendo da situação, um dos treinadores do Botafogo, que possuía contato em outros lugares, indicou que ele entrasse para a escolinha “Meninos da Vila”, também em Ribeirão Preto no ano de 2011.

Durante os seis meses em que ele esteve nessa escolinha participou de algumas competições, mas segundo relatos de Bianca e do próprio Bernardo, ele não estava confortável na escolinha, porque achava que o nível de futebol dele estava acima daquele lugar. Por isso, Bianca pediu para o treinador Liandro fazer uma bateria de treinos diferenciada para o Bernardo.

Nesses 6 meses que Bernardo ficou na escolinha meninos da Vila, ele passou a treinar todos os dias, enquanto todos os outros jovens treinavam somente 2 vezes por semana. Bianca afirmou que para ela e para Bernardo aquilo não era brincadeira, mas sim uma atividade séria, e por isso deveria ser feita com seriedade. Diante disso, o menino ia todos os dias a escolinha na parte da manhã (de 7:30 as 9:30) para realizar alguma atividade. Ainda na escolinha Meninos da Vila, Bernardo foi participar com o time de um torneio em 2012 na cidade de Viña del Mar no Chile.

O ano de 2012 parece ter sido planejado pela família como um divisor de águas nas pretensões esportivas sobre o futebol. E conseqüentemente caracteriza-se como o momento de consolidação do projeto futebolístico familiar. Desde meados do segundo semestre de 2011 Bernardo estava nessa escolinha e a família pretendia em 2012 “dar um salto de qualidade” no futebol do menino, inserindo-o em algum clube grande para compor as categorias de base. Diante disso, a família tinha ambições altas e mirava uma possibilidade de colocar Bernardo nas categorias de base do Real Madrid, através de um DVD que seria entregue para agentes do clube madrileno com a intermediação de um agente de futebol conhecido de Wagner. A estratégia toda pode ser vista no relato de Bianca:

---

<sup>115</sup> Os Bairros de Riberânia e Jardim Paulista estão entre os cinco bairros mais valorizados da cidade de Ribeirão Preto. No entorno desses bairros tem havido uma forte expansão imobiliária e implementação de espaços de lazer, por meio da construção de shoppings e praças. Segundo os microdados do IBGE e a obtenção do setor censitário da família Marques foi possível precisar que essas áreas de Riberânia e Jardim paulista que eles moravam possuem um nível médio de renda alto, ou seja, superior a 5 mil reais. Dados em <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/ribeiraopreto/niveis>. Acesso em 22/11/2016

**Bianca:** O Bernardo assim, a gente estava fazendo um vídeo, na realidade a gente ia levar ele pra Espanha, a gente queria levar ele para o Real Madrid, para fazer um ensaio por lá, para a gente ver como que ia ser. A ideia era levar o DVD primeiro e depois de acordo com a resposta do clube levar o Bernardo para mostrar ao vivo aquilo que ele era capaz. O Wagner conhecia um amigo de amigo e a coisa tinha muita chance de rolar.<sup>116</sup>

A viagem rumo a Espanha - caso as imagens do DVD conquistassem os gestores do Real Madrid - seria financiada, principalmente, por Bianca e por sua mãe, por Wagner e pelos tios Celso e Edna. Além dos recursos financeiros, os dois tios também se disponibilizaram a cuidar da mãe de Bianca e dos negócios da família enquanto ela estivesse em viagem na Espanha.

O “projeto Espanha” era o auge do projeto futebolístico e uma estratégia dos Marques para ingressar nos principais clubes nacionais ou internacionais. Para concretização desse projeto Bianca revela que no ano de 2012 pediu a Liandro para aumentar a carga de treino do filho que passou a entrar as 7:30 da manhã para treinar e a sair as 11:00. A alimentação do jovem também foi reforçada com suplementos alimentares e visitas ao nutricionista. Tudo isso enquanto o jovem ainda possuía 12 anos de idade.

A decisão mais extrema, segundo relato da mãe de Bianca, foi retirar o menino da escola particular e matriculá-lo numa escola pública em Ribeirão Preto. Bianca argumenta que a saída da escola particular era necessária para ele poder se dedicar melhor ao futebol.

Ah, ele estudou no COC<sup>117</sup>, ele estudou em Anchieta e no COC. Ele entrou para a escola muito cedo, ele entrou pra escola bebê ainda, tinha meses. Eu sempre trabalhei, ele foi para o berçário, jardim I, jardim II, pré I, pré II, maternal, aqueles todos da escola. Ele foi estudar em escola pública aqui (RJ). Na realidade, um ano antes de vir pra cá, ele saiu no meio do ano, por causa do futebol (meio de 2012). A gente falou assim “então esse ano, vai ser o ano dele se dedicar só para o futebol”, então ele fazia treino todos os dias de manhã e eu passei ele pra uma escola pública na parte da tarde.<sup>118</sup>

A estratégia usada pela família Marques, durante o ano de 2012, explicita um superinvestimento no esporte que orienta a tomada de decisões sobre as outras áreas da vida experimentadas por Bernardo e seus familiares. É de se supor que o aumento das horas de treino, bem como a mudança de escola de Bernardo, tenha influenciado de alguma forma a rotina da família.

<sup>116</sup>Entrevista com Bianca, mãe de Bernardo. Família Marques. Entrevista realizada em 12/03/2015

<sup>117</sup> A sigla COC significa Centro Oswaldo Cruz

<sup>118</sup>Idem, 119.



O investimento da família Marques no futebol mirava o Real Madrid, mas outras oportunidades inesperadas apareceram quando Bernardo foi jogar um campeonato em Valparaíso no Cilhe<sup>119</sup>. Durante esse torneio ele foi observado por pessoas de muitos clubes e propostas começaram a aparecer como evidencia Bianca.

Bianca: O Bernardo assim, a gente tava fazendo um vídeo, na realidade a gente ia levar ele pra Espanha, a gente queria levar ele pro Real Madrid, pra fazer um ensaio por lá, pra gente ver como que ia ser. E nesse meio o [nome do clube] entrou no meio do caminho depois de Valparaíso. O que aconteceu, na época a gente teve a proposta do Santos, do São Paulo, Palmeiras – uma pessoa chegou a conversar comigo – e [nome do clube], que ele tinha proposta de entrar. Só que o [nome do clube] foi uma pessoa que eu gostei muito dele. Foi assim: eu *tava* em Valparaíso, onde tinha sido o campeonato na sexta-feira e na terça-feira já estava aqui no [nome do clube].<sup>120</sup>

Os contatos realizados pelo clube e a família do jovem foram facilitados porque Bernardo possuía Wagner como empresário, e esse tinham contatos dentro do [nome do clube]. Além disso, Bianca havia feito um material editado com os melhores jogos e jogadas de Bernardo e disponibilizados ao funcionário do clube para exposição aos outros membros da comissão técnica. O DVD havia sido feito em função do “projeto Espanha”.

Após o torneio no Chile, se passaram apenas três meses até que mãe e filho tivessem se mudado para o Rio de Janeiro. Com sorte, Bianca conseguiu uma transferência do seu trabalho da filial de Ribeirão para a filial do Rio de Janeiro. No interior paulista ficaram seus parentes mais próximos, seus amigos e o pai de Bernardo com o qual tinha escassos contatos.

No Rio de Janeiro, apesar de chegar com trabalho assegurado, Bianca e Bernardo precisaram morar durante um ano com outra família de atletas na mesma casa, porque não havia imóveis disponíveis para aluguel na região próxima ao clube de futebol. Além disso, a família Marques ainda não estava segura o suficiente para investir na aquisição de um imóvel na região.<sup>121 122</sup> Por isso, durante um ano (entre 2012 e 2013) Bianca e Bernardo moraram com outra mãe de atleta e mais dois de seus filhos na mesma casa.

<sup>119</sup> Esses campeonatos de base são conhecidos pela presença de olheiros e observadores técnicos de várias equipes de grande expressão no Brasil e no exterior. A partir desses torneios, muitos meninos começam a ser agenciados por empresários. Dois exemplos de competições de base muito importantes são a Copa São Paulo de futebol Júnior e a Copa Nike.

<sup>120</sup>Entrevista com Bianca, mãe de Bernardo. Família Marques. Entrevista realizada em 12/03/2015

<sup>121</sup> No clube estudado há a possibilidade dos atletas ficarem em regime de albergaria, ou seja, os atletas moram em alojamentos do clube e realizam todas as refeições nas dependências do mesmo. No entanto não há vagas para todos os atletas (somente 80 lugares) e é dada preferência para aqueles que não são do município do Rio de Janeiro e não estão com os pais próximos. Desse modo, o clube torna-se com aval da família o responsável legal do jovem atleta no Rio de Janeiro. Isso acarreta ao clube a responsabilidade sobre a escolarização do atleta, seu

A aquisição de uma casa própria por parte do núcleo da família Marques no Rio de Janeiro só aconteceu depois no final de 2013, quando a mãe de Bianca resolveu vender a casa própria que ela tinha em Ribeirão Preto e repassar todo o dinheiro da venda para que Bianca comprasse um pequeno terreno próximo ao clube no Rio de Janeiro e construísse sua casa. Em contrapartida, a mãe de Bianca ficaria morando na casa própria da filha em Ribeirão Preto.

A residência dos Marques não é grande. Há uma pequena sala de estar integrada a cozinha, dois quartos, sendo um deles uma suíte e mais um quarto convencional. Na parte externa dos fundos da casa há uma pequena piscina de fibra de vidro e um espaço para cadeiras de praia. Na parte da frente da casa, há um espaço para uma vaga na garagem, onde Bianca estaciona o seu Fiesta preto ano 2012.

A construção da casa desde a compra do terreno evidencia um projeto familiar em torno do suporte ao núcleo que se instalou no Rio de Janeiro. É perceptível isso, ao vermos que a compra do terreno contou com a iniciativa da mãe de Bianca, mas também pelo próprio discurso de Bianca salientando a participação de mais indivíduos da família futebolística.

**Bianca:** Venderam a casa da minha mãe, minha mãe pegou o dinheiro e falou assim “já que *cê tá* há tanto tempo no [nome do clube], vamos comprar um terreno e fazer uma casa”, aí a gente fez essa casa. Aí minha tia *tava* com meu tio e *tava* molhando não sei o quê, que não ficou legal, aí ele falou “não, eu empresto dinheiro pra você fazer o telhado”, “ah, eu empresto dinheiro pra você terminar...”. As pessoas assim, abraçam a ideia em me ajudar e de repente as coisas estavam acontecendo.<sup>123</sup>

A mudança de estado foi um divisor de águas para a família, acarretando uma série de outras mudanças para além da residência. Primeiramente, Bernardo deixou de fazer parte de uma escolinha de futebol, espaço mais lúdico da prática esportiva<sup>124</sup>, para integrar um centro de formação de atletas, ou seja, a prática do futebol transformava-se em uma promessa

---

desenvolvimento físico, psicológico e profissional segundo a legislação brasileira. Dentro do contingente de atletas que treinam nesse clube temos três tipos de configuração. A primeira diz respeito aos atletas albergados, longe da família e sob responsabilidade do clube; a segunda diz respeito às famílias que migraram com os filhos para fora dos seus municípios e por isso moram próximo ao clube e por fim aquelas famílias que mantêm suas residências longe do clube, mas fazem todos os dias o deslocamento de casa ao clube. Devido à oferta reduzida de vagas para albergamento e a alta demanda por elas, o clube realiza parcerias com as famílias de confiança da agremiação no intuito de que elas coabitem a mesma casa, ou que os atletas que venham sozinhos para o clube sejam acolhidos por essas famílias em suas casas. Cabe ressaltar que o clube é quem faz essa mediação, por meio do serviço social, entre as famílias receptoras e as famílias emissoras de filhos.

<sup>122</sup>Bianca conheceu essa outra mãe com quem foi morar porque seu filho era da mesma categoria do Bernardo. Com uma indicação da assistente social do clube de que essa mãe que já estava aqui no Rio de Janeiro precisava de outra pessoa para dividir as contas da casa, Bianca se juntou a eles na residência.

<sup>123</sup>Entrevista com Bianca, mãe de Bernardo. Família Marques. Entrevista realizada em 12/03/2015

<sup>124</sup> Para ele a escolinha meninos da vila não era realmente um espaço lúdico, visto o tratamento diferenciado oferecido por Liandro ao atleta, mas também não era um centro de formação em si.

profissional de inserção no mercado. Com isso, os treinos se tornaram mais frequentes/intensos e o controle sobre a sua vida pessoal mais vigiado pelo clube.

Desde que chegou ao clube para integrar a categoria sub-13, Bernardo treina na parte da manhã todos os dias. Durante os anos da pesquisa de campo (2015-2017) Bernardo passou pelas categorias sub-15 e atualmente se encontra na sub-17. Na transição dessas categorias o tempo de treino entre elas não se alterou significativamente, mas a intensidade aumentou, com a inserção de sessões de musculação e o aumento dos jogos em competições nessa mesma parte da manhã<sup>125</sup> (ROCHA, 2017).

Desde que chegaram ao Rio de Janeiro, identifica-se um projeto muito bem delineado da família Marques, tendo Bianca como a principal agente na formação esportiva profissional do filho. No primeiro ano de permanência no Rio de Janeiro, Bianca conciliou o trabalho com os treinos do filho, mas devido a necessidade de constantes viagens profissionais para a região serrana do Rio de Janeiro, suas atenções à formação esportiva do filho acabaram sendo reduzidas. Segundo Bianca, essa situação afetou significativamente os resultados esportivos de Bernardo e por isso ela resolveu tomar uma decisão extrema e pediu demissão do emprego para se dedicar exclusivamente ao filho atleta.

**Bianca:** Mas assim, primeiro ano não foi tranquilo né. Mas assim, como eu fazia setor por fora, eu fazia Friburgo toda semana, mais um pouco do Rio, eu ficava muito ausente, na minha cidade eu tinha minha mãe, pra me socorrer. Aqui eu não tinha, então o Bernardo tava indo muito a pé, ele ia pro treino a pé, voltava, fazia tudo a pé, sozinho. Imagina, outro estado e ter que segurar tudo sozinho. Muita mudança né, ele estudava numa escola, e veio pra outra escola, então mudou tudo né. Então ele abaixou muito o peso, ele sempre ficou muito abaixo do peso aqui no [nome do clube], aí eu numa conversa com a nutricionista, tudo, até na época que ele ia sair do [nome do clube], a gente entrou num acordo d'eu sair da empresa e eu fiquei só cuidando dele. Pra ver se a gente conseguia chegar no peso, porque era ano de competição.<sup>126</sup>

Bianca evidencia que o isolamento daqueles membros da família futebolística e da sua rede social construída em Ribeirão Preto tornou difícil a manutenção de Bernardo nas categorias de base do clube carioca. Sem o suporte de atenção dos outros parentes, Bianca ficou sem margem de manobra para conseguir cuidar minimamente do futuro profissional do filho, um desses problemas foi o peso do atleta que saiu de controle. A partir dessa situação ela optou pela saída do emprego para ter atenção exclusiva na formação esportiva profissional

---

<sup>125</sup> Aos treinos diários na parte da manhã devemos somar os jogos que acontecem em alguns finais de semana.

<sup>126</sup>Entrevista com Bianca, mãe de Bernardo. Família Marques. Entrevista realizada em 12/03/2015

do filho. Com essa decisão Bianca alega que a qualidade esportiva do filho aumentou significativamente.

Bianca se dedica exclusivamente a rotina do filho atleta. Para isso, se esforça em organizar e acompanhar minuciosamente a rotina de Bernardo. Desse modo, ela afirma que desde largou o emprego, tornou-se profissional, especialista em Bernardo e por isso vive em função dele. Horários de comer, dormir e se divertir seguem um cronograma estreitamente alinhado aos tempos do clube futebol.<sup>127</sup>

Para tentar maximizar os resultados do filho, ela frequentemente consulta os profissionais do clube, tais como preparadores físicos, psicólogos e nutricionistas para saber quais ações pode administrar em casa. Ao visitar a casa dos Marques no Rio de Janeiro sempre havia muitos suplementos alimentares dentro dos armários da cozinha e dietas afixadas na porta da geladeira com indicações de horários, porções e alimentos que deveriam ser ingeridos. Frequentando algumas vezes a casa dos Marques, principalmente, no horário das refeições, era possível verificar que todos os cardápios preparados giravam em torno de Bernardo.

O acompanhamento mais próximo de Bianca é visto pela mesma como uma das causas para os resultados de Bernardo que vem se destacando desde 2014 nas categorias de base do clube. Nos dois últimos anos (2015 e 2016), o jovem teve grande crescimento físico, técnico e tático, não sofrendo queda de rendimento na migração de uma categoria para outra (sub-13 para sub-15). Hoje é titular absoluto da posição de meio-campista e goza de prestígio com o técnico e com a grande maioria dos funcionários do clube. Em 2016, ainda na categoria sub-15, era visto como a grande promessa, sendo a comprovação disso a recente assinatura de um contrato de formação<sup>128</sup> entre o clube, o jovem e sua família. Esse contrato, como disse Bianca, vai possibilitar uma ajuda a mais para que ele possa se desenvolver ainda mais como atleta. Segundo Bernardo e Bianca, a intenção é pegar todo esse dinheiro ganho como atleta e reinvesti-lo na própria formação e com a melhora na qualidade de vida da família.

A assinatura do primeiro contrato de Bernardo com o clube e a obtenção de uma ajuda financeira, no entanto, não impediram a perda de poder econômico da família desde que migraram do interior paulista para o Rio de Janeiro. Em Ribeirão Preto a família possuía uma situação financeira confortável, sendo dona de dois imóveis residenciais e um comercial.

---

<sup>127</sup> Um dado curioso que reforça essa noção da dedicação da mãe ao filho é que na plataforma facebook, na parte de ocupação profissional é declara que trabalha como “mãe de atleta profissional”.

<sup>128</sup> O contrato de formação é o primeiro acordo entre o clube e um jogador com vistas a proteger o primeiro das investidas de outros clubes. Esse acordo confere na maioria das vezes uma contraprestação financeira para o atleta acordada previamente entre as partes. Esse contrato tem duração máxima de 2 anos, quando normalmente já se pode assinar um contrato profissional com o atleta aos 16 anos.

Bianca trabalhava como representante de vendas e segundo ela isso lhe garantia um salário bom para viver. Sua mãe (avó de Bernardo) era dona de um salão de beleza e os rendimentos do salão permitiam-lhe viver bem. Contudo, a mudança para o Rio de Janeiro alterou significativamente a situação econômica da família.

Mesmo obtendo a casa própria através do esforço coletivo dos parentes, essa residência estava longe dos padrões daquela possuída em Ribeirão Preto. No interior paulista moravam num bairro nobre, dentro de um condomínio fechado que oferecia inúmeras comodidades tais como piscina, sauna, salão de festas, e segurança 24horas, segundo o relato da família. A residência também estava localizada próxima a vários equipamentos culturais tais como shoppings, praças, cinemas e teatros. No Rio de Janeiro, a residência se localizava numa área pouco urbana, em um bairro com serviços básicos (água potável, luz e saneamento) ainda em desenvolvimento, com poucos equipamentos culturais e até mesmo com oferta muito escassa de serviços públicos (hospitais, escolas e postos de saúde). Esse fato era verificado por todos os membros da família que moravam ali ou que vinha visitá-los em épocas específicas do ano.

Inicialmente sem uma fonte de renda para manter a casa, Bianca disse que nos primeiros meses recebeu ajuda financeira principalmente de sua mãe, através dos rendimentos do salão de beleza, do “tio Celso”, da “tia Edna”, mas também do empresário de Bernardo, ou seja, o amigo Wagner. Ao se transformar numa “mãe profissional” de atleta em formação, Bianca passou a estar muito mais presente nos espaços do clube e, com isso, expandiu sua rede social dentro da instituição através da frequência constante nos treinos e jogos, além de uma aproximação com o serviço social do clube. Dentro do [nome do clube] Bianca sempre teve uma imagem ambígua para os funcionários (serviço social e comissão técnica) que ora observam-na como uma pessoa extremamente deslumbrada e intrometida, mas que também vêem nela uma pessoa que se preocupa com a rotina do filho e facilita o trabalho de formação do jovem.

Imagens positivas ou negativas, o fato incontestável é que nesses cinco anos em que está no clube tornou Bianca uma personagem central da vida cotidiana da instituição. Conhece muitos pais, conversa com muitos deles em todos os treinos e jogos do filho, conhece muitos agentes de futebol, porque esses também se encontram nos jogos.

Por ser uma pessoa bem relacionada com a direção do centro de formação, e por ser vista pelos membros do serviço social como alguém fortemente comprometida com os valores do clube e com a formação de atletas, ela normalmente é indicada pelo clube para abrigar atletas que vem de fora do estado do Rio de Janeiro e não podem ficar no alojamento, por

falta de vagas. Com isso, ela aluga uma vaga em sua casa para outras famílias que não podem acompanhar seus atletas.

No período de realização da pesquisa (2015-2017), Bianca alojava em sua casa um menino da mesma categoria que seu filho e que também havia morado em Ribeirão Preto. A mesma cidade natal fez com que o clube avaliasse que Bianca era a melhor alternativa de hospedagem do menino próximo ao clube. O aluguel dessa vaga em sua casa rendia aproximadamente R\$ 1.000,00 reais para a família Marques, além do envio esporádico de mais dinheiro para esse jovem suprir sua alimentação e material esportivo no Rio de Janeiro. Com o contrato de formação recentemente assinado, Bernardo também passou a ajudar em casa com um rendimento aproximado de R\$ 1.200,00 que integram a renda familiar.

Muitas dessas rendas obtidas auxiliam a manutenção da família Marques no Rio de Janeiro, mas quase todas provêm do auxílio de terceiros e, dessa forma, não são seguras e constantes. A incerteza financeira é uma marca dessa nova fase da família Marques.

**E:** Como está sua vida no Rio de Janeiro?

**Bianca:** Bem em casa, mas financeiramente, eu não *to*, entendeu? Vou encher de dívida, resolve? Não resolve, então eu, particularmente eu falo, a minha vida não *tá* boa. Mas a de muitas pessoas *tá* muito melhor do que *tava*. Tem gente aqui que você não tem noção, mora em lugar ruim, mora em comunidade... tem menino alojado lá que a gente conversa, “nossa, queria andar com ele, mas não fala isso”. Pro Bernardo aquele alojamento é um inferno, [...] aqui é ruim, quem diria lá. Bom era aonde a gente morava, um condomínio bom, com piscina, campo de futebol, com toda mordomia, shopping perto. Aqui cadê isso?<sup>129</sup>

Na visão da família Marques como um todo, a situação financeira enfrentada pelo núcleo residente no Rio de Janeiro não é vista como um grande problema, pois sempre que puderam eles se ajudaram. Essa situação financeira também é vista pela família como menor se comparada a possibilidade de concretização do sonho de verem Bernardo se tornar jogador profissional de futebol. Desse modo, Bianca é enfática ao dizer que não se arrepende de ter feito tudo que fez, já que é um sonho dele e também dela, bem como uma expectativa geral da família tê-lo como jogador profissional.

A confiança no sucesso por meio do esporte é tão forte em Bianca e Bernardo que os dois veem a profissionalização como um processo natural que ocorrerá em breve. Para constatar essa conjuntura ela constantemente reaviva nos seus discursos as conquistas do filho no [nome do clube], o contrato de formação assinado em 2016 e a progressão tranquila do

<sup>129</sup>Entrevista com Bianca, mãe de Bernardo. Família Marques. Entrevista realizada em 12/03/2015

filho entre as categorias. Além disso, ela credita muito da sua confiança na profissionalização de Bernardo por causa das conexões construídas no campo futebolístico. Reconhecendo essa extensa rede de relações ela afirma que mesmo que Bernardo não dê certo no clube em que ele está, rapidamente ele acharia uma vaga em outro grande clube. Para ratificar essa crença ela repetidamente diz que chegam muitas propostas de empresários por telefone ou em conversas informais na arquibancada enquanto os jogos acontecem. Bernardo também mostra essa crença de fácil circulação pelos clubes de futebol do eixo Rio- São Paulo alegando que a todo o momento aparecem empresários ou jogadores de outros times convidando-o para ir para os clubes que eles representam.

Depois de cinco anos no Rio de Janeiro ela diz que conhece praticamente todos os empresários que atuam nos principais clubes do estado devido a intensidade com a qual vive o cotidiano do clube e pela facilidade em falar o que ela chama de “língua da bola”. Bianca também se gaba por manter contato com praticamente todos os ex-treinadores de Bernardo, tanto no Rio de Janeiro quanto em Ribeirão Preto. Além dos contatos construídos ao longo da trajetória esportiva de Bernardo, Bianca também possuía uma rede de indivíduos inseridos no esporte desde sua juventude, sendo possuidora em Ribeirão de uma extensa conexão com ex-jogadores do Botafogo (de Ribeirão Preto) e do Comercial Futebol Clube.

A expansão da rede social da família Marques no Rio de Janeiro causou uma grande inflexão no relacionamento com Wagner. Ele era considerado um membro da família, um grande amigo e conselheiro, mas também era o empresário de Bernardo com que a família possuía um contrato de agenciamento de carreira<sup>130</sup>. Com a ascensão de Bernardo no [nome do clube], empresários de âmbito nacional e internacional com uma carteira de clientes entre os clubes da série A começaram a propor a assinatura de um contrato com eles.<sup>131</sup>

A relação de Bianca com Wagner começou a se desagregar porque ela queria romper o contrato de agenciamento com ele, para poder assinar um novo contrato com outro agente considerado por ela mais bem posicionado no mercado e mais apto a oferecer boa estrutura para Bernardo.

Os discursos antes baseados numa gratidão e reciprocidade entre a família Marques e Wagner deram lugar a uma concepção meramente utilitarista da relação entre esses

---

<sup>130</sup> Na organização do campo futebolístico existem diversos empresários, ou como eles gostam de se chamar, agentes. No entanto, nem todos possuem a mesma importância nesse campo. A maioria convive em quase todos os espaços do futebol (torneios, clubes e eventos). Contudo, existe uma clara hierarquia entre eles, correlacionada aos clubes com quem fazem negócio, aos atletas que agenciam e as conexões feitas nas redes futebolísticas que constroem.

<sup>131</sup> No circuito futebolístico Wagner é um agente de influência regional e com uma carteira de atletas reduzida em tamanho e em importância.

indivíduos. Bianca, que em 2015 falava em princípios e laços de amizade, em 2016 argumentava que o filho precisava “subir de patamar” no agenciamento da carreira e Wagner não poderia mais ajudá-la.

**Bianca:** Eu to com o Wagner desde que o Bernardo nasceu, eu conheço ele há muitos anos, então às vezes agora, como o Bernardo tá com 15 anos, aparece um monte de gente, um monte de propostas muito boas, pessoas que querem às vezes bancar todos os meus custos. É que eu tenho princípios meus, eu tenho a parte de amizade, tem a parte que ele trabalha nessa área há muito tempo, é complicado... agora, tem pais que por causa de cem reais, duzentos reais, já se troca pela primeira proposta<sup>132</sup>

**Bianca:** [...] Eu agora to cheia de novidades, mudanças, mas algumas estão me dando dor de cabeça. O Bernardo assinou um contrato agora e vários empresários estão vindo em cima. Gente graúda e eu to tentando romper o contrato com o Wagner, mas ele não quer romper. Disse que se romper vou ter que pagar algo em torno de R\$50 mil reais e eu não tenho esse dinheiro todo. Ainda não sei o que vou fazer, porque não quero continuar. Vejo vários empresários dando coisa para caramba para os meninos deles, tipo roupa, material esportivo, videogames. Esses mimos todos sabe. E o Wagner anda em falta com a gente nesse sentido. Tem empresário aqui que só falta levar o garoto no colo. To querendo esse tratamento também.<sup>133</sup>

Conversando, posteriormente, aos problemas de relacionamento entre a família Marques e Wagner, o mesmo deu seu ponto de vista sobre a querela.

**Wagner:** Olha mundo do futebol é uma coisa muito difícil. Por isso, a gente não investe muito em categoria de base sabe?! Você precisa dedicar muito tempo e grana numa parada que você não sabe se vai dar certo e mesmo quando dá pode vir alguém e te dar uma rasteira. É f#\*&, você cuida do moleque a vida toda, ajuda e quando o garoto explode querem te chutar assim do nada? Mas nós já conversamos, querendo sair é só pagar.<sup>134</sup>

O embate entre os indivíduos da família Marques, no caso especialmente Bianca e Wagner evidencia como os projetos familiares, aqui especificamente o futebolístico são constantemente reconfigurados a luz do contato deles com o campo de possibilidades à sua volta. O projeto enquanto um processo mutante pode agregar indivíduos e redes a ele, assim como pode excluir outros indivíduos ao longo desse processo.

<sup>132</sup>Entrevista com Bianca, mãe de Bernardo. Família Marques. Entrevista realizada em 12/03/2015

<sup>133</sup> Conversa informal com Bianca realizada em abril de 2016 em sua casa na época da entrevista com Bernardo. Parte integrante do diário de campo do dia 18 de abril de 2016

<sup>134</sup>Conversa informal com Wagner realizada em julho de 2016. Parte integrante do diário de campo do dia 20 de abril de 2016



No caso da família Marques vemos que o desenvolvimento da carreira esportiva de Bernardo e a expansão da rede social futebolística da família tensionaram a relação profissional e pessoal de Wagner com a unidade doméstica. Quando a família Marques ainda vivia em Ribeirão Preto, havia por parte dela uma rede social ligada ao campo futebolístico, mas seus atores possuíam penetração local e eram em grande medida pouco efetiva para projeções maiores de Bernardo no futebol. Wagner na construção do projeto familiar futebolístico dos Marques se configurava como o principal nó de rede da família Marques para a criação de pontes que estreitasse sua caminhada dentro do campo futebolístico.

Havia assim uma intrincada e ambígua conexão pessoal e profissional que atravessava o relacionamento e as obrigações dos Marques e de Wagner. Ele era um quase parente, mas também era um agente profissional que cuidava da carreira de Bernardo. Chegar ao [nome do clube] permitiu a família Marques as possibilidades de conexão com outros empresários, outros técnicos e outros jogadores com projeções nacionais. A rede social futebolística dos Marques se expandiu quantitativamente e qualitativamente. Ao mesmo tempo, Wagner não residia no Rio de Janeiro, mas sim em São Paulo e seus atletas normalmente requeriam dele viagens que o afastavam por certos períodos da família Marques.

Existe no clube um circuito de circulação de pessoas, contatos e redes favorável ao desenvolvimento de oportunidades em outros clubes ou até mesmo no progresso das categorias dentro do [nome do clube]. No entanto, esse aproveitamento só pode ser feito na medida em que as pessoas envolvidas nesse espaço de formação tenham tempo suficiente para construir essas relações e cultivá-las dentro do clube. Diante disso, a estratégia de Bianca em se desligar do emprego potencializou o aproveitamento da estrutura de oportunidade das redes de contatos dentro do clube. Acompanhando o filho 24 horas por dia, Bianca passou a conhecer muita gente importante e a conversar com muitas famílias que tinham conexões com empresários famosos que agenciavam seus filhos.

O projeto familiar então foi ganhando novos indivíduos, à medida que outros perdiam importância, seja pela distância geográfica, seja pela capacidade verificada pelos membros da família em contribuir com o projeto. Nesse ponto, com um fortalecimento da crença na profissionalização (após a assinatura do primeiro contrato), a família Marques alimenta a concepção de que são necessários mais investimentos ainda no futebol. Por isso, utilizam de todas as estratégias possíveis para alcançá-lo.

A nova configuração enxergada pelos Marques no meio de 2016 não tinha Wagner como a melhor opção de empresário para o desenvolvimento do projeto familiar futebolístico, por isso, a decisão, principalmente de Bianca, de rescindir o contrato de agenciamento.

Contudo, essa rescisão alteraria a natureza da relação de Wagner dentro da família futebolística dos Marques, de empresário e amigo, para somente amigo. Essa era uma posição que ele não estava interessado em ocupar, por questões financeiras, mas também porque se sentira traído.

As interações familiares se baseiam normalmente em relações que devem se mostrar desinteressadas, mesmo que possuam interesses implícitos. A família não é vista por seus membros como o espaço da ação calculada ou utilitarista, do custo e do benefício avaliados friamente. Usualmente a família é caracterizada pelos seus indivíduos como o espaço da circulação dos frutos das conquistas, das relações desinteressadas e de sacrifício. Diante dessa questão, claramente Wagner não se vê mais confortável por considerar que Bianca rompeu com elementos que ele considera importantes no estabelecimento da confiança.

A própria decisão em romper com Wagner não foi bem aceita por todos na família. O núcleo residente em Ribeirão Preto não concordou e viu nessa atitude de Bianca uma quebra de confiança frente a toda trajetória percorrida pela família Marques com Wagner. Nesse ponto, podemos ver uma tensão dentro do projeto familiar futebolístico dos Marques, opondo aqueles que defendem a manutenção de Wagner e aqueles que preferem diminuir seu papel nesse projeto. Nesse cabo de guerra cabe ressaltar que Wagner, ainda em 2017, continuava como empresário de Bernardo, porque Bianca não tem como pagar a multa de desligamento do jovem.<sup>135</sup>

Essas transformações trazidas pela assinatura do primeiro contrato de Bernardo com o [nome do clube] não mudaram somente as relações entre os membros da família futebolística dos Marques. Ela também alterou a relação deles com o clube e, principalmente, com a escola.

No tocante a escola, a interpretação dos Marques sobre o papel dessa instituição não é consensual e a importância dela é vista de perspectivas diferentes de acordo com o membro da família. Isso evidencia que o projeto familiar futebolístico possui algumas tensões, quando se verificam os caminhos que cada membro da família gostaria de dar à escolarização de Bernardo em concomitância com a profissionalização no futebol. Alguns membros da família futebolística dos Marques, entre eles Bianca e Wagner, interpretam a escola de forma

---

<sup>135</sup> Esse contrato expira em 2018 quando o atleta completa 18 anos de idade. O contrato possui efeito legal e trata-se de um documento para agenciamento de carreira. Esse tipo de instrumento legal é muito comum, no meio artístico, sendo firmado entre um empresário e a família desse menor.

utilitária<sup>136</sup>, como um espaço necessário, devido os conteúdos e habilidades desenvolvidos que podem ser integrados a carreira de jogador, tais como a capacidade de comunicação, o aprendizado de uma nova língua e noções de cultural geral. Diferentemente dessa perspectiva, temos o núcleo residente em Ribeirão Preto, formado pelos tios e pela avó materna de Bernardo que gostariam que o jovem continuasse estudando em escolas particulares e avançasse nos estudos para fazer uma faculdade. Esses indivíduos concordam com Bianca sobre a importância de uma educação continuada e de qualidade para o desenvolvimento de habilidades que podem auxiliá-lo na carreira de atleta. No entanto, salientam também a importância de uma educação humanística voltada para o desenvolvimento do conhecimento e das habilidades cognitivas, ou seja, uma noção menos utilitária e mais voltada para o conhecimento pelo conhecimento. Na escolarização de Bernardo esses parentes de Ribeirão Preto consideram que Bianca secundariza em excesso a trajetória do menino em relação ao futebol.

**Avó:** Eu falei para Bianca que não achava bom colocar o João numa escola pública. Isso desde que eles moravam em Ribeirão. Se podia pagar uma escola particular boa como era o Anchieta, por que tirar e colocar em qualquer pública? A gente ouviu tanta coisa de escola pública que fica até com medo. E se o futebol não der certo? Como faz?

**Bianca:** Claro que o futebol vai dar certo mãe. Olha o Bernardo aí. Se destacando, ganhando título, sendo elogiado. E outra coisa como é que vai manter o Bernardo em escola particular cheia de trabalho e exigência com essa rotina dele de futebol. Viaja, joga, tem treino. É difícil. Na pública é bem mais tranquilo né mãe?!

**Avó:** Tá, mas você sabe minha opinião sobre isso.<sup>137</sup>

A posição de Bianca com relação aos estudos de Bernardo não é completamente compartilhada pela avó de Bernardo. Além da conversa acima, outras ocasiões mostraram que o tema recorrentemente aparecia e a avó insistia que era possível conciliar as duas atividades desde que se tivesse comprometimento, enquanto a mãe argumentava que essa conciliação era quase impossível. Em um momento mais exaltado de uma das conversas, Bianca indagou a mãe perguntando se tudo aquilo que eles estavam fazendo tinha sentido se não fosse para o filho virar jogador de futebol.

---

<sup>136</sup> Apesar do pai de Bernardo não estar diretamente relacionado a família Marques, ele também alimenta um desejo de ver o filho jogador de futebol e sua visão sobre a escola, sendo relatos de Bianca vão ao encontro da perspectiva utilitarista dela.

<sup>137</sup> Conversa informal realizada com Bianca e a mãe dela, num lanche na casa de Bianca. O diálogo é uma adaptação livre do que foi escutado na conversa e transcrito para o diário de campo. Parte integrante do diário de campo do dia 17 de agosto de 2015

O diálogo entre mãe e filha evidencia posições diferentes acerca da trajetória escolar desejada para Bernardo, mas também são se configuram como uma ruptura entre os membros da família. A mãe de Bianca aceita as escolhas da filha e confia que ela sabia o que está fazendo, desde que lembre que o futebol é algo incerto.<sup>138</sup> Bianca deixa subentendida a elaboração de um conjunto de estratégias, que passam pela inserção de Bernardo no ensino público, para que ele possa conciliar a escolarização com a profissionalização no futebol.

As elaborações dessas estratégias educacionais fazem parte da estruturação do projeto familiar em torno do futebol e, por isso, vão sendo construídas à medida que as estruturas de oportunidades no esporte vão aparecendo. As escolhas esportivas e educacionais feitas pelos membros da família Marques devem ser pensadas como um processo dinâmico orientado pelas crenças e visões de mundo dos indivíduos frente a um contínuo rearranjo de contextos e campos de possibilidades. A trajetória escolar de Bernardo e as escolhas feitas por ele e por sua família não podem ser separadas do projeto futebolístico.

Bernardo foi inserido na escola desde muito cedo devido a necessidade de Bianca de trabalhar, por isso, desde os 2 anos o menino frequentava a educação infantil em período integral. Além da necessidade de deixá-lo para trabalhar, a mãe de Bernardo disse que a entrada precoce na escola também foi motivada pelos benefícios de inseri-lo num espaço pedagógico desde cedo, para poder lidar com outras crianças e começar, segundo ela, a “aprender algumas lições”.

Os objetivos iniciais de Bianca com a escola do filho identificam traços de um *habitus* de classes médias acerca da importância da escola na vida da criança e, conseqüentemente, a sua predisposição em inseri-las nesses espaços precocemente para aprender conteúdos e informações gerais.

Estudos realizados por Gewirtz, Ball e Bowe (1995), Ball (1995), Ballion (1982) e Agnes Van Zanten (2007) mostram que as famílias possuidoras de um *habitus* de classes médias externalizam seu engajamento na trajetória escolar dos filhos de diversas maneiras, sendo uma delas a escolha do estabelecimento de ensino. Trabalhos mais recentes como o realizado por Fialho (2012) e Nogueira (2013) chegam mesmo a falar em pais “consumidores de escola”, como sendo aqueles que possuem participação ativa no processo de escolha da escola, verificando índices de aprovação no vestibular, estrutura, público atendido e qualificação do corpo docente.

---

<sup>138</sup> Os tios também não compreendem completamente as escolhas escolares feitas pela mãe para o futuro de Bernardo. Pelo que Bianca diz, eles acham estranho, mas aceitam por considerar que sendo Bianca a mãe dele, notadamente está fazendo o que considera melhor para o filho.

Na escolha de Bianca pela escola do filho a opção se estruturou dessa maneira.<sup>139</sup> Ela revelou em entrevista concedida na pesquisa que procurou matricular o filho na escola mais bem falada da região onde morava e que só efetuou a matrícula depois de fazer algumas visitas ao local e conversar insistentemente com alguns profissionais da instituição. Cabe ressaltar, que nesse momento o futebol (entre 2 e 6 anos de idade) era apenas um elemento lúdico e recreativo, sem pretensões profissionais.

Ao longo de sua trajetória escolar, depois da educação infantil, passou por duas escolas particulares tradicionais em Ribeirão Preto, nos quais estudou do 1º até o 6º ano do ensino fundamental. No ensino fundamental I (1º ano ao 5ºano) estudou numa das melhores instituições de ensino de Ribeirão Preto, o Colégio Católico Anchieta e quando foi para o ensino fundamental II (6ºano ao 9º ano) optou por uma transferência para o sistema de ensino Centro Oswaldo Cruz (COC). A opção pela mudança de escola foi decorrente da distância entre sua casa e a instituição de ensino, na medida em que o Colégio Anchieta ficava próximo da sua antiga residência. A escolha pelo sistema de ensino COC seguiu os mesmos parâmetros feitos na seleção do Colégio Anchieta, ou seja, escola particular e tradicional, com ensino forte e professores qualificados.<sup>140</sup>

Bernardo permaneceu somente um ano e meio no sistema de ensino COC (2011-2012), mas ao invés de estudar de manhã, como fazia no Colégio Anchieta, ele passou a estudar no turno da tarde na nova escola. A mudança de turno trazia o embrião de mudanças futuras mais radicais e era amparada pela rotina do futebol que começava a se caracterizar como relevante na vida de Bernardo. Em 2011, Bernardo trocou os treinos na escolinha do Botafogo de Ribeirão Preto pela escolinha Meninos da Vila, e lá ele e sua mãe conheceram o treinador Liandro que incentivou fortemente a entrada dele numa categoria de base de algum clube grande de São Paulo ou do circuito do Sudeste. Amparada pela crescente crença da mãe no talento do filho<sup>141</sup>, os Marques começaram a investir com ajuda de Liandro em treinamentos extras diariamente na parte da manhã e em campeonatos disputados no interior paulista. O ano de 2011 evidencia os primeiros elementos estruturação clara de um projeto familiar futebolístico e da passagem do futebol de um elemento lúdico para uma atividade considerada profissional. Um desses elementos pode ser percebido pela alocação do turno da escola em função da escolinha de futebol e não o contrário.

---

<sup>139</sup> Essa ação meticulosa era para matriculá-lo numa escola particular de educação infantil.

<sup>140</sup> Esses foram os elementos elencados por Bianca para escolher o colégio Anchieta e o sistema de ensino COC.

<sup>141</sup> Os relatos colhidos com Wagner, Bianca, Bernardo e os tios Celso e Edna dão conta de que no local onde eles moravam, próximo ao estádio do Botafogo de Ribeirão Preto, todos paravam para ver o menino jogar e viam nele um talentoso jogador de futebol. Os treinadores dele como Liandro e Paulinho também salientavam o toque diferenciado do menino com a bola.

O ano de 2012, com a elaboração do mencionado “projeto Espanha”, significa a proeminência evidente do projeto familiar no futebol em detrimento dos outros possíveis projetos existentes. O esporte passa a ser o projeto principal, como mostra o trecho mencionado anteriormente.

**Bianca:** Na realidade, um ano antes de vir pra cá, ele saiu no meio do ano (da escola particular), por causa do futebol. A gente falou assim “então esse ano, vai ser o ano dele se dedicar só pro futebol”, então ele fazia treino todos os dias e eu passei ele pra uma escola pública pra dar uma! Senão não ia...<sup>142</sup>

Bianca mostra uma mudança no comportamento no núcleo da família, no caso ela e Bernardo, com relação aos investimentos educacionais. Se antes, quando o futebol não era enxergado como uma possibilidade, as atenções e investimentos estavam direcionados, principalmente, para a escolarização de qualidade do filho. Após a identificação externa do talento de Bernardo e a crença consolidada na família, os investimentos no futebol passam a superar visivelmente aqueles dedicados à escola.

Diante disso, no meio do primeiro semestre de 2012, Bianca transferiu Bernardo do sistema de ensino COC para a escola municipal (Dom Luís do Amaral Mousinho)<sup>143</sup>, próxima

<sup>142</sup>Entrevista com Bianca, mãe de Bernardo. Família Marques. Entrevista realizada em 12/03/2015.

<sup>143</sup>A escola municipal Dom Luís do Amaral Mousinho está situada no bairro central de Campos Elíseos em Ribeirão Preto. O bairro em que a escola se encontra é considerado de classe média segundo os microdados do IBGE. A escola é de grande porte, já que segundo os dados do Censo escolar de 2015 havia 1637 alunos na instituição de ensino, sendo, 550 no ensino fundamental I (1º ao 5º ano), 679 no ensino fundamental II (6º ao 9º ano), e 408 na educação de jovens e adultos (EJA). A escola possui os três turnos de atividade (manhã, tarde e noite), sendo o turno da noite utilizado exclusivamente para os alunos da educação de jovens e adultos. Os dados obtidos através do censo de 2015 do INEP apontam para uma escola pública diferenciada em composição socioeconômica e boa nos índices de aprendizado, fluxo e evasão escolar se comparados com a média nacional. Os resultados da escola no índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB) apresentam uma oscilação entre 2007 e 2011, mas a partir desse ano vem aumentando regularmente em 2013 e 2015. Na última medição realizada em 2015 a escola alcançou média 5,2, ficando muito acima da média nacional delimitada em 4,5. Mesmo assim a escola não alcançou a meta estipulada para ela que era de 5,6 (também muito acima da meta nacional de 4,7). Contribuem para esse panorama uma taxa baixa de reprovação dos alunos situada em 10% dos indivíduos e as notas deles nos testes padronizados aplicados pelo governo. Desde o início da medição em 2007, a escola vem verificando um aumento gradativo dos níveis de proficiência em português e matemática. Nos testes padronizados de matemática e português os alunos da escola oscilaram na série histórica (2007-2015) entre 283,33 (2015) e 253,10(2007) em português e 280,61 (2015) e 255,87 (2007). Esses resultados colocam os alunos da escola no nível 4 numa escala de aprendizado que vai de 1 até 9. Na escola Dom Luís do Amaral Mousinho 78% dos alunos do 5º ano e 64% do 9º ano apresentam conhecimento adequado de português. Em matemática os números do 5º ano são bons, mas aqueles do 9º preocupam. Entre os alunos do 5º 74% possuem conhecimento adequado de matemática e no 9º ano esse percentual cai para somente 27%. Além dos resultados satisfatórios de aprendizado e proficiência, a escola também convive com pequenos índices de distorção idade-série de evasão e de reprovação. Tanto no ensino fundamental I, quanto no ensino fundamental II, as taxas são menores do que a média nacional. No caso do fundamental I, os casos de distorção são de 12% frente a média nacional de 13% e no fundamental II são de 16% frente aos 26% da média nacional. Na escola os índices de abandono escolar também são baixíssimos com percentual entre 0% e 0,5 % dependendo dos anos em os alunos estão matriculados. Com relação aos dados socioeconômicos disponíveis no censo escolar de 2015 não foi possível traçar um panorama preciso dos alunos, mas algumas questões podem ser evidenciadas.

da sua casa. A transferência da escola particular para escola pública foi motivada, segundo ela, pela cobrança menor da escola pública sobre as rotinas de avaliação, presença e trabalhos. Na visão de Bianca a escola pública poderia facilitar a conciliação entre a escolarização e a profissionalização esportiva.

**Bianca:** Quando eu o coloquei na escola pública em Ribeirão eu não fiz isso pensando na cobrança puxada mesmo. Pensei numa menor cobrança claro. Era o ano da decisão. Ser jogador ou não. Na escola particular a cobrança é muita. O problema maior mesmo é isso, eles não têm tempo pra fazer tanto trabalho, pra estudar tanto. Igual agora que deve ter viagem, eles ficam uma semana inteira viajando, como que faz numa escola particular? Na pública não tem problema, porque as coisas são muito mais conversadas.<sup>144</sup>

Bianca não usa esses termos, mas é possível identificar no seu discurso uma estratégia de flexibilizar as rotinas escolares do filho para potencializar as rotinas futebolísticas. A família passa a ser gerida em torno do tempo e das atividades do esporte e, por isso, os Marques se utilizam de instituições pelos quais percebem uma maior facilidade de concretização do seu projeto futebolístico.

Amparado pelo senso comum da sociedade brasileira acerca da qualidade e da cobrança das instituições de ensino públicas, Bianca migrou o filho do ensino particular para o ensino público com a intenção de aumentar o tempo de dedicação do jovem ao futebol. Essa transferência de rede de ensino sinaliza a elaboração de estratégias de ação para o alcance de objetivos voltados para profissionalização de Bernardo.

As legislações que protegem crianças e jovens no Brasil<sup>145</sup> indicam a obrigatoriedade de escolarização de jovens até 17 anos de idade, sob risco de penas legais para aqueles pais e responsáveis legais que não o fizerem. Diante desse contexto, o campo de possibilidades dos Marques não pode incluir a saída de Bernardo da escola para se dedicar exclusivamente ao esporte, mas permite colocá-lo em escolas com cobranças menores, horários reduzidos e

---

A escola se constitui principalmente por alunos das classes médias. O nível de capital cultural institucionalizado das famílias é de médio para alto. Os pais dos alunos são normalmente bem escolarizados. Entre as mães, 40% terminaram o ensino médio, mas não concluíram a faculdade e 20% terminaram a faculdade, nos níveis mais baixos 8% delas não haviam completado o ensino fundamental. Entre os pais 30% terminaram o ensino médio, mas não concluíram a faculdade e 15% terminaram a faculdade, nos níveis mais baixos 9% deles não haviam completado o ensino fundamental. Também é importante explicitar que os questionários aplicados na prova Brasil em 2015 evidenciaram muitas famílias com largo acesso a bens materiais, e acesso a bens culturais tais como cinemas, bibliotecas, shows e festas. Esses dados nos permitem supor que muitas das famílias do colégio possam gozar de uma condição financeira e social inserida entre os estratos de classes médias médias.

<sup>144</sup>Entrevista com Bianca, mãe de Bernardo. Família Marques. Entrevista realizada em 12/03/2015

<sup>145</sup> Estatuto da criança e do Adolescente, Constituição federal brasileira de 1988, estatuto da juventude, consolidação das leis do trabalho.

qualidade inferior, tendo em vista a necessidade maior de tempo para o esporte. Em resumo, os Marques dialogam ativamente com o campo de possibilidades que lhe é apresentado.

Com a transferência de parte do núcleo da família Marques de Ribeirão Preto para o Rio de Janeiro no final de 2012, foi necessária a matrícula de Bernardo em alguma escola para o ano de 2013. A escolha da escola também seguiu uma orientação voltada para a formação esportiva. Por isso, acabou matriculando Bernardo em uma escola pública municipal indicada pelo clube por ser perto do centro de formação e possuir contato estreito com a assistente social do clube. Bianca diz ter pensado em matricular o filho em uma escola particular da região, mas pelas necessidades requisitadas pelo treino esportivo e as rotinas no centro de formação, achou que fosse desperdício de dinheiro, visto que o jovem não teria muito tempo para fazer as atividades escolares.

Cabe destacar o comportamento complacente de Bianca com relação a escolha da escola do filho através de terceiros. Por uma indicação do clube ela matriculou o filho na escola municipal X<sup>146</sup>, sem nem antes realizar uma visita ao local como ela mesmo evidenciou.

---

<sup>146</sup>A escola municipal X é de médio porte, já que segundo os dados do Censo escolar de 2015 havia 729 alunos na instituição de ensino, sendo 12 na educação infantil, 126 no ensino fundamental I (1° ao 5°ano), 463 ensino fundamental II (6° ao 9° ano), e 128 na educação de jovens e adultos (EJA). A escola possui os três turnos de atividade (manhã, tarde e noite) sendo que a maioria das crianças, ou seja, 301 no turno da tarde, 288 no turno da manhã e 128 no turno da noite.

A estrutura da escola é razoável com uma mesclagem entre estruturas permanentes de alvenaria e outras provisórias em contêineres. As construções de alvenaria ficam nos fundos do colégio e servem principalmente como depósito e local para prática de esporte. As salas de aula, diretoria, secretaria e sala dos professores se encontram nesses contêineres de aparência bem provisória. A escola possui 10 salas de aulas utilizáveis, laboratório de informática, quadra poliesportiva coberta e acessibilidade para portadores de necessidades especiais.

Nas visitas realizadas e nas conversas com os professores algumas questões foram verificadas. Uma delas diz respeito a pouca ausência de professores por questões de faltas e também a pouca ausência dos mesmos devido à carência no quadro de horários. Há muitos professores contratados na escola em comparação com os concursados (relação de 2X1), mas não foi verificada carência de docentes no colégio. Por isso, nas visitas realizadas no colégio, pouquíssimas vezes os alunos saíram cedo.

Os resultados da escola no índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB) subiram constantemente entre 2009 e 2013 saindo 2,6 pontos para 4,0 pontos. Na última medição do censo escolar de 2015 a escola manteve os mesmos 4,0 pontos. Desde o início da medição do IDEB em 2007 a escola sempre alcançou as metas estabelecidas para ela.

Contribuem para esse panorama uma taxa mediana de reprovação dos alunos situada em 15% dos indivíduos e as notas deles nos testes padronizados aplicados pelo governo. Desde o início da medição em 2007, a escola vem verificando um aumento gradativo dos níveis de proficiência em português e matemática. Nos testes padronizados de matemática e português os alunos oscilaram na série histórica (2007-2015) entre 242,84 (2013) e 207,71(2007) em português e 245,64 (2007) e 211,77 (2009). Isso fez com que os alunos da migrassem dos níveis 1 e 2 (nível baixo de conhecimento) no início da medição em 2007 para os níveis 2 e 3 em 2015 dentro de uma escala de 9 níveis. Apesar dos resultados satisfatórios nos testes de proficiência, a escola convive com índices elevados de distorção-idade série. Tanto no ensino fundamental I, quanto no ensino fundamental II, as taxas são maiores do que a média nacional. No caso do fundamental I, os casos de distorção são mais do que o dobro da média nacional (28% e 13% respectivamente) e no fundamental II são 7% maiores do que a média nacional (33% contra 26%). Os números do colégio mostram apreensão com relação ao alto número de alunos com duas reprovações ou mais na trajetória escola, contudo a escola vem diminuindo e estabilizando significativamente os níveis de distorção na medição da série histórica tanto no ensino Fundamental I quanto no ensino fundamental II.



**Bianca:** Aí o Bernardo veio e a categoria dele *tava* de férias né, aí não dava pra treinar com a categoria dele. Era final de ano e a gente usou esse tempo para organizar tudo aqui. Onde ia ficar, onde o Bernardo ia estudar. O clube indicou as duas coisas para gente. Ficamos dividindo uma casa com outra família e a escola falaram para gente da escola X. Eu confiei no clube e aceitei as duas coisas. Depois de alguns dias fui lá fazer a matrícula dele na escola que me pareceu simpática.<sup>147</sup>

O comportamento de Bianca deixando a escolha do estabelecimento escolar com o clube evidencia a continuidade de um projeto futebolístico que secundariza a escolarização de Bernardo. Esse comportamento vai ao encontro do que a literatura sociológica sobre educação considera como sendo um sinal de investimento dos pais no processo de escolarização dos filhos. A escolha do estabelecimento de ensino é vista como uma variável importante para compreensão do engajamento dos pais no projeto educacional dos filhos. Normalmente aquelas famílias que pesquisam exaustivamente a qualidade das escolas, e fazem uma análise criteriosa desses estabelecimentos de ensino sinalizam práticas de engajamento no futuro escolar dos filhos com vistas ao seu destaque nesse campo. Como vimos, esse não é o caso de Bianca e da família Marques nesse momento.

Bianca possui uma concepção ambígua com relação ao futuro escolar de Bernardo. Ela recrimina as mães que não levam seus filhos para a escola, ela cobra para que seu filho faça a lições de casa sempre que possível, confere o material escolar dele nos fins de semana e normalmente frequenta a escola para reuniões e conversas com a diretora.<sup>148</sup> Além disso, ela gostaria que Bernardo fizesse alguma faculdade. No entanto, por outro lado Bianca evidencia em suas falas e ações que o investimento na escolarização está secundarizado pelo futebol, levando alguns professores e a diretora da escola que o menino estudava (escola X) a considerarem-na permissiva com os hábitos escolares de Bernardo.

---

Com relação aos dados socioeconômicos disponíveis no censo escolar de 2015 não foi possível traçar um panorama preciso dos alunos, mas algumas questões podem ser evidenciadas. A escola se constitui principalmente por alunos das classes médias baixas e populares. O nível de capital cultural institucionalizado das famílias também não é alto com somente 34% das mães tendo concluído o ensino médio e 12% feito faculdade. Entre os pais aqueles que fizeram até o ensino médio é de 20% e os concluintes de faculdade 13%. Cabe destacar a proporção de pais que não terminaram o ensino fundamental, entre as mães 21% e entre os pais 24% (com 4% que nunca estudaram). Também é importante salientar o pouco acesso e frequência desses alunos a bens culturais tais como cinemas, bibliotecas, shows e festas. Dados obtidos pelo Inep, 2015 e Organizado por QEDu, 2015.

<sup>147</sup>Entrevista com Bianca, mãe de Bernardo. Família Marques. Entrevista realizada em 12/03/2015

<sup>148</sup> A diretora do colégio X em conversas com o pesquisador no processo de coleta de dados no campo da pesquisa salientou que Bianca é uma mãe presente na escola e participativa. Sempre que é requisitada na escola ela participa e segundo a diretora dá suporte ao trabalho do colégio.

**E:** E como funciona para conciliar futebol e escola?

**Bianca:** Eu acho que até onde der, você tem que tentar estudar. Eu sei que vai chegar uma hora que não vai dar, mas enquanto der, a gente tem que tentar. Tenho vontade de ver o Bernardo fazendo uma faculdade, mas tem o futebol né?!

**Avó:** E depois dá pra continuar (falando depois da carreira)

**Bianca:** Mas chega uma hora que dependendo não dá, não, mãe. Dependendo não dá, você vê hoje o Jefferson não consegue estudar, Robert não consegue estudar, não dá mais. Chega uma hora em que não dá não. Apareceu sua carinha na Globo, você pode desistir, que você não consegue mais ir na escola. Você vê a gente de férias em casa, tem sossego? E isso porque o Bernardo nem apareceu na Globo, imagina o dia que aparecer, *cê* não tem mais sossego. Começou a ficar famoso, não dá mais pra ir pra escola.

**Bianca:** Isso aí não faz nem sentido, fazendo todo esse projeto pra ser jogador.

**Avó:** Ah, faz sim, eu acho que dá sim, se desse, poderia, mas não dá.

**Bianca:** Não, é, o que eu *tava* querendo dizer é assim: a optar, tem que optar, no momento de optar, optaria no caso pelo esporte.

**Avó:** Até porque se tiver vontade, faz. (faculdade)

**Bianca:** Não faz, mãe, chega uma hora que não dá mais.

**Avó:** Mas tem tanta gente que faz, resolve fazer faculdade...

**Bianca:** Ah não, é isso aí. Você pode fazer faculdade e tem que parar de jogar. Porque, por exemplo, Bernardo *tá* 14 pra 15 no nono ano, ano que vem é o primeiro ano, aí depois segundo e dezessete, terceiro. É a idade com que ele *tá* com mais projeção no futebol, pelo menos colegial vai ter que fazer.<sup>149</sup>

Nesse sentido, Bianca possui o desejo que Bernardo possa fazer uma faculdade, mas tem plena consciência e aceitação de que se ele “ficar famoso” isso será algo impossível de ser realizado. Em alguns momentos, ela deixa claro que dependendo do momento de “explosão” de Bernardo na mídia, talvez seja difícil até mesmo terminar o ensino médio.

Analisando todo o esforço empreendido pela família para profissionalização do jovem, torna-se claro que o projeto futebolístico se encontra em primeiro plano frente outros projetos.

No entanto, essa prevalência do projeto futebolístico sobre o projeto de escolarização não significa que a família Marques desconheça e desconsidere a importância dessa na vida de Bernardo. Na verdade, os Marques conhecem bem a estruturação do campo futebolístico e do campo educacional e, por isso, sabem que no primeiro não há margens de negociações de tempo, de pausas e de postergações no projeto de se profissionalizar.

O estudo realizado por Rocha (2017) vai ao encontro dessas observações recolhidas no convívio com a família Marques. Em seu trabalho o autor salienta que na elaboração dos seus

---

<sup>149</sup>Conversa informal realizada com Bianca e a mãe dela, num lanche na casa de Bianca. O diálogo é uma adaptação livre do que foi escutado na conversa e transcrito para o diário de campo. Parte integrante do diário de campo do dia 17 de agosto de 2015

projetos de vida, os jovens atletas do futebol precisam realizar escolhas através da análise das estruturas de oportunidades percebidas por eles. Nesse sentido, muitos jovens indicaram que o projeto de escolarização não seria abandonado por completo após uma possível profissionalização, mas sim postergado para um momento em que o futebol não consumisse tanto tempo de suas vidas.

A formação no futebol está ligada intimamente com a idade, com o vigor físico e ao tempo necessário para internalizar as disposições físicas para prática esportiva. Desse modo, é imperativo nesse campo que ela ocorra ainda muito jovem, sendo aqueles jovens a partir dos 16 anos considerados velhos para entrada nesses centros de formação.

No campo educacional, há indicações de que na juventude os indivíduos possuem maiores habilidades para desenvolver conteúdos cognitivos e de aprendizagem. No entanto, as possibilidades de escolarização não se esgotam com a maturidade, assim como acontece com o futebol. No processo de escolarização há um tempo mais elástico que permite que o indivíduo faça uma faculdade, uma pós-graduação, um curso técnico ou até mesmo finalize o ensino básico após ter alcançado a idade adulta. No processo de escolarização, ao contrário do futebol, há possibilidades de negociações de tempo, praticamente impossíveis na formação futebolística e os jovens atletas e suas famílias sabem disso. Por isso, de acordo com suas crenças eles “pesam” situações, operaram escolhas e desenvolvem estratégias em cima dos seus campos de possibilidades.

A situação dos Marques indica que projeto familiar futebolístico é prioritário e o escolar é secundarizado<sup>150</sup>, entre outras coisas, porque a escolarização pode ser adiada para outros momentos da vida adulta.

A secundarização da escola e as operações de escolhas desenvolvidas em cima de uma priorização do futebol podem ser verificadas novamente na passagem do ano de 2015 para o ano de 2016, quando Bianca mudou novamente mudou Bernardo de escola. Dessa vez a transferência foi da escola municipal X para a escola estadual Y<sup>151</sup> também na mesma região.

---

<sup>150</sup> O projeto escolar também é secundarizado pelos atletas e pelos seus familiares porque ele possui pouca ou nenhuma conexão com o projeto esportivo futebolístico. Os conhecimentos obtidos pelos indivíduos na escola não são necessários para a progressão dos atletas no seu projeto de carreira no futebol e tornam-se amontoados de conteúdos desconexos da realidade profissional que buscam. No melhor dos casos alguns jovens e suas famílias enxergam certos conteúdos da escola como possibilidades de desenvolvimento de habilidades de comunicação e conhecimento geral para serem aplicados nos contatos com a mídia dentro do futebol.

<sup>151</sup> A escola estadual Y está situada no Rio de Janeiro. Essa escola pode ser considerada como de grande porte na região, já que segundo os dados do Censo escolar de 2015 havia 1.390 alunos na instituição de ensino, sendo 653 no ensino fundamental II (6º ao 9º ano), 698 no ensino Médio e 39 na educação de jovens e adultos (EJA). A escola possui os três turnos de atividade (manhã, tarde e noite) sendo que a maioria dos jovens, ou seja, 715 estudam no turno da manhã, 485 no turno da tarde e 190 no turno da noite.

A transferência dessa vez foi motivada por duas questões, uma logística e outra esportiva. Sobre a razão logística podemos dizer que a escola X, por ser municipal só possui ensino fundamental, ou seja, até o 9º ano do ensino fundamental. Bernardo estava indo para o 9º ano e, por isso, esse seria seu último ano na escola X. Necessariamente no final do ano ele precisaria migrar para a rede estadual de ensino para fazer o ensino médio.

A transição das escolas municipais para as estaduais nem sempre permite que os alunos escolham as escolas que desejam<sup>152</sup> e as matrículas devem ser feitas necessariamente no mês de janeiro. No entanto, pela falta de oferta de vagas de ensino fundamental II em algumas prefeituras, certas escolas estaduais nessas regiões também acabam oferecendo esse segmento de ensino.

Na região próxima ao clube e a casa da família Marques existem 3 escolas estaduais, a saber, a escola estadual Y, a escola estadual W e a escola estadual Z. No entanto, somente as duas primeiras oferecem o ensino fundamental II. Dentre essas duas opções a família Marques optou pela escola estadual Y pela proximidade de casa e do clube, além dessa escola possuir parceria com o [nome do clube] por intermédio da assistência social do clube.

---

A infraestrutura da escola é boa com a oferta de 15 salas de aula, laboratório de informática, laboratório de ciências, auditório, quadra poliesportiva coberta recém reformada em 2015 e acessibilidade para portadores de necessidades especiais.

Apesar da boa estrutura da escola, nas visitas realizadas e nas conversas com os professores algumas questões verificadas. Uma delas diz respeito à frequente ausência de professores por questões de faltas e também a ausência dos mesmos devido à carência no quadro de horários. Por isso, em todas as visitas no colégio Y algumas turmas sempre estavam saindo com pelo menos 50 minutos de antecedência ao tempo regulamentar da escola.

Os resultados da escola no índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB) oscilaram entre 2007 (primeira medição) e 2015 (última medição) sendo nesse último ano de 3,1, ou seja, 1 ponto percentual abaixo da meta estabelecida para a escola. Contribuem para esse panorama a alta taxa de reprovação dos alunos situada em 24% dos indivíduos e as notas deles nos testes padronizados aplicados pelo governo.

Nos testes padronizados de matemática e português os alunos da escola Y oscilaram na série histórica (2007-2015) entre 229,91 (2013) e 211,15 (2009) em português e 238,09 (2007) e 216,52 (2009) em matemática. Isso coloca os alunos da escola entre os níveis 1 e 2 (nível baixo de conhecimento) de uma escala de 9 níveis.

Outra questão que chama a atenção dentro do colégio é distorção idade-série dos alunos. Tanto no ensino fundamental II, quanto no ensino médio, as taxas são maiores do que a média nacional. No colégio elas são 28% para o ensino fundamental II (26% no Brasil) e 34% no ensino médio (31% do Brasil). Esses dados evidenciam alunos com duas ou mais reprovações ao longo da trajetória escolar.

Com relação aos dados socioeconômicos disponíveis no censo escolar de 2015 não foi possível traçar um panorama preciso dos alunos, mas algumas questões podem ser evidenciadas. A escola se constitui principalmente por alunos das classes médias baixas e populares, com uma pequena parcela das classes médias. O nível de capital cultural institucionalizado das famílias também não é alto com somente 38% das mães tendo concluído o ensino médio e 7% feito faculdade. Entre os pais aqueles que fizeram até o ensino médio é de 28% e os concluintes de faculdade 10%. Cabe destacar a proporção de pais que não terminaram o ensino fundamental, entre as mães 19% (2% nunca estudaram) e entre os pais 14%. Também é importante salientar o pouco acesso e frequência desses alunos a bens culturais tais como cinemas, bibliotecas, shows e festas. Dados obtidos pelo Inep, 2015 e Organizado por QEDU, 2015. <http://www.qedu.org.br/escola/170134-ce-santo-antonio>. Acesso em 08/01/2017.

<sup>152</sup> Os alunos escolhem três escolas e um sistema informatizado faz o sorteio de uma delas para o aluno. Caso ele não seja selecionado para nenhuma das três ele deve procurar as escolas com vagas para uma repescagem de vagas.

Logisticamente a saída de Bernardo da escola X para a escola Y ocorreu para que o jovem pudesse obter a vaga na escola para o ensino médio, pois cursaria o 9º ano na escola. Nessas situações onde os indivíduos já se encontram na escola estadual saindo do 9º do ensino fundamental para o 1º do ensino médio, não é necessária matrícula pela internet e nem sorteio, visto que automaticamente os aprovados são inscritos na série seguinte. Essa estratégia foi considerada pela diretora da escola X como acertada e bem prática, tendo em vista alguns problemas que ela diz ver nesses processos de matrícula nas escolas estaduais.

Além da questão logística de matrícula, a troca da escola municipal X pela escola estadual Y ocorreu, segundo Bianca e o próprio Bernardo, pela cobrança excessiva que a direção da escola fazia sobre os alunos-atletas do clube. Através dos comentários colhidos com a diretora da escola percebemos que há certa tensão entre os valores que a escola e seus funcionários possuem e tentam transmitir e os objetivos e comportamentos da maioria dos atletas como mostra o relato da diretora.

**Diretora da escola X:** Hoje em dia é muito dinheiro para uma situação que envolve futebol e isso é muito encantador. Os meninos eles vêm, eles vêm assim achando que vai dar tudo certo, que vai ser Neymar. Agora a gente sabe que isso é um em um milhão. A fama e o dinheiro é muito encantador, mas em relação a escola eles não valorizam. A gente não vê essa valorização. É um ou outro que se vê essa valorização da escola na vida. [...] O que a gente observa é que o futebol está em primeiro lugar e aí a escola fica numa concorrência desleal.<sup>153</sup>

A direção da escola X aponta para identificação de uma realidade de descompasso entre os projetos dos jovens e os objetivos da escola. Isso, segundo a diretora, acaba trazendo alguns problemas de indisciplina para dentro da escola e, conseqüentemente, a necessidade de intermediação do clube e da família nesses casos. Conversando com alguns professores e com a própria diretora também foi explicitado que há uma considerável circulação dos empresários que procuram a escola para conseguir vagas para seus atletas e também solicitam a flexibilização das demandas escolares. Diante desses casos, a escola X<sup>154</sup> tem se mostrado rígida e rechaçado as investidas desses empresários informando ao clube esse tipo de assédio.

---

<sup>153</sup> Entrevista realizada com a diretora do colégio municipal X. Entrevista realizada em 15/06/2016.

<sup>154</sup> Desse modo, podemos argumentar que apesar de todas as escolas parceiras do clube serem públicas (municipais ou estaduais) existem diferenças marcantes na cobrança dos resultados escolares dos alunos atletas, nas regras do colégio e nas relações com os funcionários e gestores. Algumas são vistas pelos alunos e seus responsáveis como mais flexíveis no trato com os indivíduos em situação de dupla carreira do que outras. No caso da família Marques, a escola Y é vista como aquela que oferece um campo de possibilidades mais alargado na formação esportiva para Bernardo.

A forma como a direção procura disciplinar os comportamentos dos atletas e como pretende separar o espaço/momento do clube e o espaço/momento da escola parece não agradar a Bianca que enxerga na direção uma perseguição sobre os atletas.

**E:** Ele estuda aonde?

**Bianca:** No colégio Y.

**E:** Ah, o Y, colégio estadual. Mas foi você que quis colocar ele ali ou foi indicação do [nome do clube]?

**Bianca:** Na verdade, ele estudava no colégio X, o Y é mais perto, fora que a diretora lá no X... eu me dou bem com ela, mas ela pega um pouquinho no pé.

**Bernardo:** No X o pessoal do colégio tá sempre em cima. Não pode nem respirar. Se chegar atrasado já tão reclamando.

**E:** Em que sentido?

**Bernardo:** É porque as vezes o treino termina um pouco mais tarde e aí vou fazer tudo com calma, ainda passar em casa. Aí acabo chegando pro segundo tempo.

**Bianca:** Também porque o Bernardo é um pouquinho marrento, e ela implantando corretivo nele. Então pra não arrumar mais problema com a diretora, eu virei e tirei. Mas não é só com ele, ela implica com todos os meninos que são do [nome do clube].

**E:** Ah, é?

**Bianca:** É, porque assim, os meninos que jogam futebol, eles chamam mais atenção na escola entre as meninas, né (risos). E aí eles ficam muitos meninos numa sala, e aí eles dominam a sala de aula, aí ela quer separar eles, mas eles ficam o dia inteiro juntos, treinam o dia inteiro juntos, como que vai separar à tarde? Não separa, aí chama muita atenção no colégio, aí ela começa a pegar no pé... E por eu morar aqui na vila, eu acho mais fácil, porque ele pode ir se ele quiser, ir e voltar a pé do colégio, é mais perto<sup>155</sup>

Através dos relatos dos professores e da direção da escola municipal, percebemos que Bernardo é um aluno de boas notas, mas com um comportamento difícil e certa relutância em se adequar as rotinas escolares. Por isso, muitas vezes Bianca era chamada para acompanhar melhor o comportamento do filho. Esse aconselhamento ostensivo da escola com as atitudes e resultados dos atletas, encorajou Bianca a mudar o filho de escola para que não fosse tão cobrado pelos profissionais de ensino e pudesse se dedicar melhor ao futebol. Na escola Y desde o início de 2016, Bianca diz que lá ele conseguiu mais paz para se dedicar ao futebol e que lá a direção “pega menos no pé “dos jogadores de futebol do [nome do clube]. É possível pensar que entre aquelas escolas parceiras do clube e oferecidas como opções aos atletas e aos seus pais, a escola Y tenha se constituído para Bianca e os Marques como aquela onde há maiores possibilidades de flexibilizar as rotinas escolares para privilegiar o esporte.

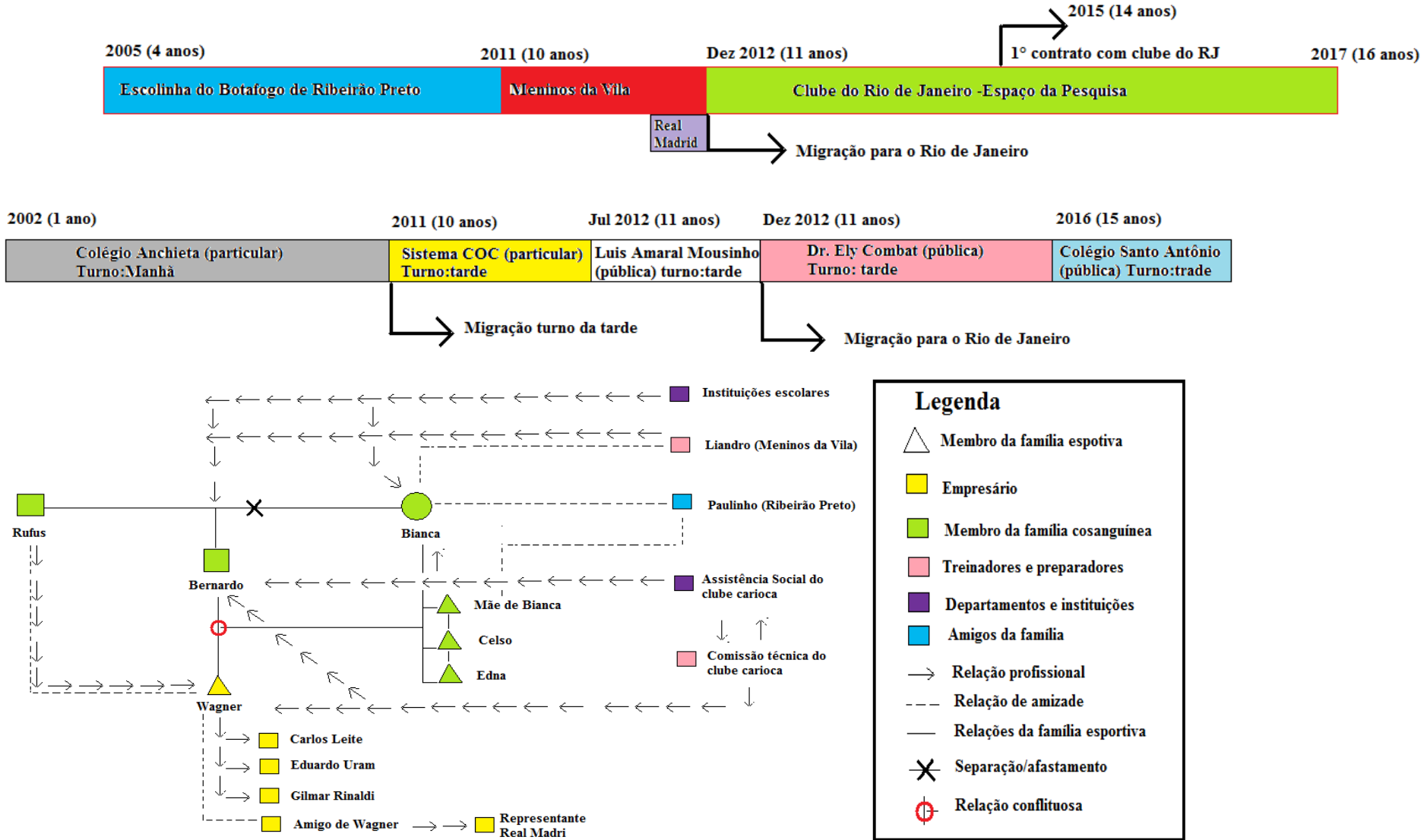
---

<sup>155</sup>Conversa informal realizada com Bianca e Bernardo, nas dependências do clube num dia de treino. O diálogo é uma adaptação livre do que foi escutado na conversa e transcrito para o diário de campo. Parte integrante do diário de campo do dia 12 de abril de 2016.

Com exceção da transferência de Bernardo da escola Anchieta para o sistema COC em Ribeirão Preto, em todas as outras mudanças a motivação esteve relacionada com a melhor adequação da escola as necessidades esportivas de Bernardo. Isso pode nos fazer supor que Bernardo tenha tido uma trajetória escolar acidentada e com alguma dificuldade. No entanto, mesmo com a entrada precoce de Bernardo no esporte e do direcionamento familiar para que o menino imergisse no campo futebolístico, a trajetória escolar dele é exitosa. Até o ano de 2017 Bernardo continua estudando na escola Y onde cursa o 1º ano do ensino Médio. Ele possui atualmente 16 anos e compõem agora o primeiro ano da categoria sub- 17 do futebol de campo tendo sido promovido da sub-15.

Ilustração 4.

### Trajetória de Bernardo (escolar e esportiva) e rede futebolística da família Marques





### 3.2 – A trajetória familiar dos Moreira<sup>156</sup>.

A trajetória da família Moreira pelo menos em certa medida está ligada ao esporte. Marcos, o pai do atleta Joel foi jogador profissional de futebol durante 10 anos, entre 2003 e 2013. A época do primeiro contato com a família Moreira em 2015, Marcos disse que havia encerrado a carreira com 29 anos por falta de oportunidades em clubes de alguma representatividade no cenário nacional ou fluminense.

A carreira de Marcos, apesar de curta até mesmo para os padrões futebolísticos, é vista por ele como uma trajetória de sucesso, mas que não foi à frente por escolhas e opções realizadas exclusivamente por ele, como explícita na fala abaixo:

**Marcos:** Eu fui um ótimo jogador. Eu tenho 31 anos sendo que fiz o Joel com 15 para 16 anos. Eu e a mãe dele. E nisso eu estava com uma proposta de um clube da Espanha e o meu empresário era o Reinaldo Pitta. Mas eu não fui porque eu queria cuidar dele. Eu tive oportunidade de jogar em todos os grandes do futebol do Rio. Vasco Fluminense, Flamengo, América, Madureira. E Joguei com vários atletas como o Felipe Melo, Junior, Carlos Alberto<sup>157</sup>

A formação de Marcos na base dos centros de formação ocorreu entre o final dos anos 1990 e início dos anos 2000. Ele pertenceu a geração de atletas que revelou Souza “Caveirão”, Muriqui, Diego Souza, Carlos Alberto, Júnior “Boneca”, Léo Lima entre outros. Na verdade Marcos jogou junto com esses atletas no início da sua carreira profissional e conviveu com eles durante longo tempo em alguns clubes. Em sua trajetória esportiva ele jogou no Madureira, no Flamengo, Olaria, Vasco, América, Fluminense e alguns outros clubes menores do interior do estado do Rio de Janeiro. Durante esses 10 anos de profissão, apareceu pelo Madureira e conseguiu jogar em grandes clubes cariocas, até que recebeu uma boa proposta para jogar num clube da 2ª divisão da Espanha. Contudo, Marcos não aceitou essa proposta, alegando que não gostaria de deixar a esposa e o filho aqui para poder jogar em outro país.

Desde a recusa pelo Clube espanhol em 2007 até sua aposentadoria em 2013 ele peregrinou por clube de menor expressão do cenário fluminense, sem conseguir se inserir novamente no circuito principal do futebol. A carreira precoce e de poucas oportunidades em grandes clubes contrastam, no entanto, com a capilar rede de sociabilidades construída por

---

<sup>156</sup> O nome da família e dos indivíduos inseridos nela são fictícios.

<sup>157</sup> Entrevista com Marcos, pai de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 09/08/2015

Marcos no futebol durante sua formação de base e atividade profissional. Enquanto jogador em atividade, ele possuía como empresário Reinaldo Pitta<sup>158</sup>, proeminente agente do campo futebolístico com contatos e uma rede social esportiva com ramificações no Brasil, Estados Unidos e Europa. Em alguns contatos com Marcos ficou claro que ele ainda possui alguma relação com Pitta, visto que o telefone do empresário consta na lista de contatos de Marcos, e há em seu celular algumas ligações de Pitta. Fotos na internet, em momentos de lazer, também evidenciam esse contato com indivíduos do campo futebolístico.<sup>159</sup>

A estruturação da trajetória esportiva de Marcos evidencia a formação de uma rede futebolística de alcance nacional com a presença de indivíduos ainda em atividade tanto na prática futebolística quanto no agenciamento de atletas e circulação de bens futebolísticos. As relações interpessoais de Marcos com esses atletas não são estreitas, mas são importantes porque o mantêm em contato com meio futebolístico.

A existência dessa configuração de rede é importante na trajetória esportiva de Joel e Marcos na rede representa um importante nó (ponte) para o desenvolvimento da carreira de seu filho. Além disso, a rede futebolística do pai de Joel pode proporcionar a ele uma possível transferência para outros clubes de maior expressão no cenário nacional e até mesmo internacional. De certa forma, podemos observar que a formação de uma rede capilarizada no futebol por parte do pai exerce um papel alargador no campo de possibilidades do filho Joel, pois, o coloca em contato com diversos agentes proeminentes do campo futebolístico.

A rede do pai é um elemento a ser considerado no campo de possibilidades de Joel e na estruturação do seu projeto futebolístico. O pai de Joel estava inserido em centros de formação esportiva desde o nascimento do menino. Apesar de ter se profissionalizado somente em 2003, com 20 anos de idade, Marcos integrava clubes de base com rotinas voltadas para o alto rendimento desde 1998, quando possuía 15 anos de idade. Aliás, foi nesse ano que Joel nasceu. Diante disso, podemos perceber que Joel foi socializado no mundo esportivo desde cedo.

A socialização de Joel com o mundo do esporte foi construída a partir de seu pai e das rotinas familiares dentro do esporte. Entre seu nascimento em 1998 e 2005 (ano do divórcio entre seus pais) o contato do menino com o campo futebolístico parece ter sido mais intenso

---

<sup>158</sup> Reinaldo Pitta é um importante empresário de jogadores de futebol e de técnicos. Possui o certificado FIFA de agente do futebol. Agenciou importantes atletas nacionais tais como: Ronaldo Fenômeno e Felipe ex- atleta e meio campo do Vasco da Gama. Atualmente é dono da RP4 Football Management e agencia Emerson Sheik, o goleiro Paulo Victor, e o ex-atleta do Flamengo Adryan.

<sup>159</sup> Essas informações foram colhidas através de contatos no campo de pesquisa com Marcos, pai de Joel. Em um dos encontros com ele em Nova Iguaçu, em meio à conversa, Reinaldo Pitta ligou para saber de um menino que jogava com Joel.

devido ao acompanhamento feito pela mãe de Joel (Carolina) e as rotinas do marido inserido no futebol. Joel foi então criado entre treinos e partidas do pai. O jovem Joel e sua mãe mencionam esse ambiente esportivo sob o qual a casa estava inserida.

**Carolina:** [...]era essa história de futebol o tempo todo. O Marcos era atleta, estava buscando seu lugar ao sol e era muito focado. Por isso, o assunto em casa muitas vezes era futebol. Ele também via muito futebol. Poso dizer que para o Marcos o futebol não acabava no clube sabe. Isso com o tempo também foi saturando um pouco. Acho que cansei disso. Desse negócio de futebol.<sup>160</sup>

**Joel:** Quando eu era pequeno, não sei a idade direito, mas era moleque. Eu lembro que brincava com muitos amiguinhos dos amigos do meu pai. Pessoal que ia lá em casa e era do meio do futebol. Tem alguns que até jogam até hoje aí na televisão.<sup>161</sup>

Carolina e Joel apontam para uma socialização precoce do menino com o campo esportivo, conhecendo sua linguagem verbal (gírias, expressões), sua linguagem corporal (movimentos, manias), seus valores (disciplina, ascetismo, respeito) e suas rotinas ligadas a preparações físicas, bem como ausência do pai por períodos de concentração e viagens. Os valores e práticas do esporte se confundiam com os valores e práticas da própria família nuclear.

A estreita relação com o campo futebolístico pode ter influenciado as escolhas de Joel por seguir a carreira esportiva tentando se profissionalizar como jogador de futebol. Nesse sentido, o pai incentivou a escolha do filho, mesmo que tenha revelado que preferia que Joel tivesse se tornado nadador. Contudo, seria difícil que o filho tivesse seguido esse caminho, na medida em que, cotidianamente, via o pai envolvido no futebol. O pai e o filho salientam que a prática lúdica do futebol sempre esteve presente na família e era incentivada pelo pai.

**Marcos:** Joel sempre jogou bola, desde pequenininho. Eu por ser jogador de futebol, servia meio que de exemplo pra ele. Ele via eu fazendo e queria imitar. Coisa de criança?! Eu também jogador de futebol, o que eu mais sabia brincar era de jogar bola. Aí ainda pequeno eu ficava ensinando ele a chutar as bolas.<sup>162</sup>

**Joel:** Eu jogo bola desde que nasci. Meu pai brincava muito comigo de bola. Era uma coisa natural. Minha brincadeira favorita, até porque não precisava de muita coisa que não fosse uma bola ou qualquer outra coisa que se parecesse com ela.<sup>163</sup>

<sup>160</sup> Entrevista com Carolina, mãe de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 13/10/2015

<sup>161</sup> Entrevista com Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 04/10/2016.

<sup>162</sup> Entrevista com Marcos, pai de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 09/08/2015

<sup>163</sup> Entrevista com Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 04/10/2016.

Nas falas, claramente temos que ser críticos a construção desses discursos no presente na produção desse tipo de fonte. Certamente há uma construção de um *habitus* futebolístico e uma visão de mundo que construíram uma biografia retrospectiva para dar sentido a trajetória de sucesso do rapaz no futebol, até esse momento. Nessa trajetória, fatalmente a bola aparece como elemento presente precocemente na vida de Joel, quase que a colocando como um destino manifesto.

A inserção de Joel no campo futebolístico se aprofundou quando ele foi matriculado pelo pai numa escolinha próxima ao local onde morava na Cidade Alta. A intenção do pai, com o apoio da mãe e dos demais parentes que moravam na localidade era que ele tivesse um momento para desenvolver uma atividade física e de recreação dentro de uma localidade muito carente de equipamentos esportivos e de lazer. Ainda não se configurava na família um projeto esportivo para a profissionalização de Joel no futebol, pois a prática era considerada pelos familiares como algo somente lúdico.

Joel entrou na escolinha dos 3 para os 4 anos de idade no ano de 2002 ficando lá até 2009 quando estava com 11 anos de idade. Durante esse tempo, o próprio jovem salientou que a prática esportiva na escolinha era vista somente como uma diversão. Ele disse que treinava pouco, somente duas horas por dia, três dias por semana, no horário da tarde, porque estudava de manhã numa escola também próxima de casa. Durante sua trajetória na escolinha da Cidade Alta disse ter ouvido de muita gente que ele era craque de bola, que tinha um passe diferenciado e que já apresentava alguma noção tática diferente dos outros meninos da sua idade. O pai também destaca que conforme o filho foi crescendo, foi percebendo uma desenvoltura do menino com a bola que ele via em muitos jogadores que jogaram com ele.

Esse desenvolvimento foi percebido também por Nilton, treinador do menino na escolinha de futebol da Cidade Alta. Nilton é considerado por Marcos como um grande incentivador do menino no futebol e como um fomentador de boas práticas aos meninos, num lugar pontuado pela violência e o tráfico de drogas. Além disso, estando 8 anos em contato com Joel, acabou se tornando um amigo pessoal da família, principalmente de Carolina, mãe de Joel, a qual levava, acompanhava e buscava o filho nos treinamentos da escolinha.

Nilton era um homem de aproximadamente 50 anos, formado em educação física e morador de Cordovil, local onde a favela da Cidade Alta está inserida. Oferecia através de uma ONG a escolinha de futebol para moradores da localidade. Anteriormente a isso, tivera alguns trabalhos como preparador físico e membro de comissões técnicas em alguns clubes de menor expressão do Rio de Janeiro. Esses trabalhos em clubes de futebol do Rio de Janeiro possibilitaram a construção de uma rede de contatos e parcerias com alguns indivíduos dentro

desses clubes ou de outros para os quais esses contatos tinham migrado. Por isso, Nilton mantinha relações de intercâmbio de jogadores e informações com Alexandre, a época técnico no Olaria, e André, treinador do futsal do Flamengo em 2009 e atualmente no Nova Iguaçu.<sup>164</sup>

Tendo contato mais estreito com Alexandre, sistematicamente Nilton levava alguns jovens que se destacavam para que realizassem as peneiras do Olaria que ocorriam todo o ano. Na peneira realizada em 2009 ele levou 20 meninos entre eles, Joel. Nela, o jovem foi aprovado juntamente com mais um amigo e, dessa forma, passaram a integrar as divisões de base do Olaria.

Joel permaneceu no Olaria por apenas 2 anos, entre 2009 e meados de 2011, visto que depois de um bom campeonato carioca, onde se destacou com gols e assistências foi convidado pelo Flamengo para iniciar suas atividades na base do clube. Na época com 13 anos de idade, Joel chegara pela primeira vez a um clube grande. Foi nesse momento que ele realmente passou a cogitar a possibilidade de se tornar um jogador profissional de futebol.

**E:** Como foi a sua iniciação no esporte?

**Joel:** Eu jogava só para me divertir. Quando eu comecei a querer ser atleta mesmo foi no Flamengo. No Flamengo que eu vi que as coisas eram sérias. Porque no Olaria eu brincava mais um pouco, tipo assim... Alguns tinham empresários já e eu não sabia o que era isso. No Flamengo é que eu decidi que queria ser jogador mesmo. Antigamente ainda no Fla era só um sonho, uma vontade, mas hoje eu já tenho contrato profissional, já estou querendo virar jogador de futebol mesmo.<sup>165</sup>

No Flamengo Joel entrou em contato com grandes campeonatos internacionais disputados pelos clubes, como por exemplo, a Copa Nike, viu uma estrutura de preparação maior, um aumento na carga de treinos e jogos que demonstram para ele que naquele momento estava realizando algo para além da diversão. Contribuiu para isso também a circulação dos agentes e empresários esportivos que nessa época procuram administrar a carreira dos jovens atletas, racionalizando e dando a eles uma roupagem profissional a sua rotina de formação. A importância dos empresários parece central na percepção dele sobre a transformação do futebol de algo lúdico em algo profissional no Flamengo.

No primeiro ano, como atleta do Flamengo, Joel revelou que passou por dificuldades de adaptação devido à forma de trabalho e ao tamanho dos meninos. Isso não é

---

<sup>164</sup> No futebol existe uma complexa e ramificada rede de olheiros, agentes esportivos e escolinhas de futebol que servem como celeiros de abastecimento de possíveis atletas para os centros de formação de alto rendimento. No caso do Brasil, muitos atletas que integram hoje as categorias de base provêm das várias escolinhas de futebol conveniadas com os clubes grandes do país, ou da relação de contatos que os clubes mantêm com pessoas em áreas de futebol de várzea e amador.

<sup>165</sup> Entrevista com Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 04/10/2016.

raro e não chega a ser uma surpresa no mundo do futebol. Trabalhos realizados por Damo (2007) e Klein (2014) evidenciam que novos jovens que chegam aos clubes tendem a enfrentar forte resistência daqueles que se encontram nas agremiações. Esses tendem a ver os recém-chegados como ameaças e muitas vezes procuram sabotá-los com entradas mais duras, passes mal feitos, isolamento tático no campo entre outras coisas. Não sabemos exatamente o que aconteceu com Joel na sua chegada ao Flamengo, somente aquilo que ele considerou como sendo os fatores resultantes da sua dificuldade, no entanto, o fato é que o jovem amargou por 1 ano a reserva do time com poucas chances de entrada na lateral esquerda.

A condição de Joel mudou por completo quando seu pai começou a acompanhar alguns jogos do jovem aos finais de semana. Num desses jogos o pai encontrou por acaso com um dos membros da comissão técnica da categoria do filho. Esse funcionário havia trabalhado com Marcos, quando esse jogou pelo Flamengo. Ao saber que Marcos era pai de Joel, o auxiliar disse que tentaria “ver o que podia fazer” para tentar ajudar o menino. Tanto o pai quanto a avó do menino pediram sigilo sobre essa situação, pois, o menino nunca soube dessa possível influência do pai sobre a promoção dele ao time titular.

**Marcos:** Foi uma coisa meio de coincidência. Eu tava vendo um jogo do Joel no final de semana lá Gávea. Eu quase não ia aos jogos, por muitos deles caíam no meio da semana. Nesse dia fui, porque era final de semana. E andando pelo clube, na hora do intervalo encontrei o fulano e ele me reconheceu do tempo de Flamengo. Conversa vai conversa vem eu falei que meu filho estava jogando. Ele me perguntou quem era e eu respondi. Ele não disse que ia colocar o Joel no titular, falou que ia acompanhar melhor ele. Depois de um tempo as coisas aconteceram, mas nunca vou saber se isso teve alguma influencia. Por segurança eu nunca contei pro Joel.<sup>166</sup>

**Paula:** Ele teve certa dificuldade de adaptação no Flamengo, mas tem coisas que são golpes do destino. Aquilo que tem que acontecer né. O Marcos um dia encontrou com um cara que havia trabalhado com ele no Flamengo e falou que o menino tava na reserva. Ai acho que deram uma chance para ele. Não acho que ele ganhou a vaga no gogó, acho que ele ganhou a oportunidade de mostrar alguma coisa, porque ele joga bem. Sem isso talvez ele tivesse ficado esquecido no banco, mas também não sei até que ponto isso decidiu o futuro dele no Fla.<sup>167</sup>

A situação envolvendo a titularidade de Joel no Flamengo exemplifica a força que os laços numa rede social desempenham na trajetória das pessoas e na construção dos seus campos de possibilidades. Não há como precisar o nível de influência de Marcos sobre a titularidade do seu filho Joel, mas podemos supor que pelo menos alguma chance de mostrar

---

<sup>166</sup> Entrevista com Marcos, pai de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 09/08/2015

<sup>167</sup> Entrevista com Paula, avó materna de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 14/02/2016

habilidade foi concedida a ele pelo fato do seu pai possuir certo laço com o preparador físico do rapaz. Nesse sentido, é reforçada a capacidade de transformação e inserções sociais que alguns laços sociais trazem mesmo que não se estabeleça entre os indivíduos uma relação sólida e de grandes afinidades.

A influência das redes sociais de Joel também pôde ser sentida de forma decisiva após sua saída do Flamengo no ano de 2013. Apesar da titularidade conseguida no ano de 2012 e dos bons jogos realizados naquele ano, inclusive com um título carioca, o ano de 2013 marcou sua dispensa do Flamengo. Os motivos apontados por todos os familiares com que se estabeleceu contato reafirmavam que a mudança de técnico e a transição de uma categoria para a outra pesaram na adaptação do menino naquele ano.<sup>168</sup>

Com a dispensa do Flamengo, Joel se encontrava agora excluído do circuito de formação futebolística de base sem a clara e manifesta possibilidade de se reinserir. Aos 15 anos de idade, as chances de obter uma nova oportunidade não eram grandes, visto que essa faixa etária é considerada alta para a entrada em alguns clubes. Diante desse cenário parecia que o projeto esportivo de Joel e da sua família haviam fracassado. Contudo, as redes de sociabilidade construídas por Joel e parte de sua família, reorganizaram o campo de possibilidades do projeto futebolístico da família Moreira. No ano de 2014, Joel estava morando com a mãe e o padrasto num condomínio na Barra da Tijuca, e lá conheceu Daniel, vizinho que morava no mesmo bloco. Devido o maior tempo livre proporcionado pela saída do Flamengo, Joel passava muito dos finais de semana e finais de tarde jogando bola na quadra do condomínio. Em algumas dessas vezes jogou e foi observado por Daniel. Sabendo da qualidade de Joel e sendo colega de condomínio do mesmo, o rapaz prometeu falar com o seu treinador e conseguir a oportunidade de uma peneira para ele.

**Joel:** Foi tudo através de amigo. Um amigo meu jogava no [nome do clube], aí ele comentou sobre mim e o técnico falou “traz ele aí”. [...] No meu primeiro teste aqui, eu não sei o que aconteceu e eu não passei. Aí ele (auxiliar) mandou eu voltar e eu passei. Acho que eu não estava bem fisicamente, essas coisas. E o treinador não tinha visto meu treino aí eu acho que ele pediu para eu voltar depois. Fiquei 2 semanas treinando lá e depois passei.<sup>169</sup>

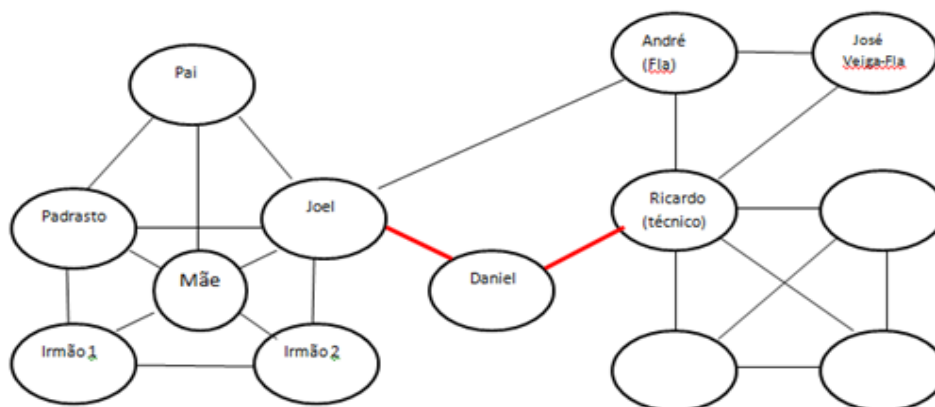
---

<sup>168</sup> Claramente as informações coletadas pelo pesquisador sobre os motivos da dispensa de Joel possuem algum grau de enviesamento e opinião baseadas em crenças. Contudo, os motivos elencados pela família para a dispensa de Joel são bem comuns e fartamente descritos pela bibliografia sobre o tema de formação de atletas. Dito isso, realmente muitos atletas sofrem com a mudança de categoria, e com as maneiras diferentes de trabalho de novos treinadores, que normalmente possuem seus eleitos dentro do elenco.

<sup>169</sup> Conversa informal com Joel realizada em setembro de 2016. Parte integrante do diário de campo do dia 20 de setembro de 2016

A reinserção de Joel no campo futebolístico e nas categorias de base de um grande clube de futebol do Rio de Janeiro passou decisivamente naquele momento pelas redes de sociabilidade construídas por Joel e parte da sua família na Barra da Tijuca. O simples fato de se relacionar com Daniel durante algumas poucas horas ao longo das semanas no play do condomínio, foram necessárias para que se construísse um laço, uma relação que possibilitasse a Joel entrar em contato com outros espaços possivelmente muito difíceis de serem acessados por ele. Nessa situação, Daniel agiu como um nó de rede, ou seja, uma ponte para ligar as relações sociais de Joel com outras relações que estavam interditas a ele ou poderiam ser muito mais difíceis de serem acessadas caso não conhecesse Daniel.

**Ilustração 5.**



Para sua entrada no [nome do clube] outras relações construídas no passado também foram importantes para ratificar suas habilidades esportivas e consequentemente chancelar sua inclusão nesse clube. Normalmente os técnicos das categorias de base dos clubes de uma mesma cidade formam um circuito de comunicação que permeia a consulta sobre atletas recém admitidos para saber se passaram por outras agremiações esportivas. No caso de Joel, o técnico Ricardo, que havia passado pelo Flamengo, conhecia José Veiga, ex-treinador de Joel quando ele foi aceito no clube da Gávea. As boas referências de Veiga para Ricardo podem ter pesado para aceitação de Joel para o período de 2 semanas de teste no [nome do clube].

Desde 2014 Joel encontra-se no [nome do clube] de forma bem ambientada. No seu primeiro ano no centro de formação integrou o time reserva da categoria sub-17 (1ºano), entrando alguns jogos de forma improvisada no meio campo ou na posição de volante. A possibilidade de ganhar espaço aconteceu no ano de 2015 quando ele entrou bem na lateral



esquerda em alguns jogos da pré-temporada e acabou ganhando a posição ao longo do campeonato carioca sub-17.

O biênio 2015-2016 marcou um conjunto de grandes alterações no campo de possibilidades de Joel e conseqüentemente ressignificaram o projeto esportivo familiar dos Moreira. Esse período marcou a execução de uma série de ações e estratégias da família e do menino no sentido de investir cada vez mais na profissionalização no futebol. O projeto esportivo de parte da família Moreira e de Joel ganharam ainda mais corpo, tornando-se irremediavelmente prioritário mediante os outros projetos tais como a escolarização. Com isso, verificou-se o aparecimento de um superinvestimento no futebol, em contraposição a outras atividades tais como a escola, e o convívio com a família.

A primeira grande transformação verificada no biênio 2015-2016 foi a mudança de residência de Joel da Barra da Tijuca para o alojamento do [nome do clube]. Como dito anteriormente, Joel morava na Barra da Tijuca com a mãe, o padrasto e mais dois meio-irmãos desde 2012.<sup>170</sup> Em 2014, seu primeiro ano de [nome do clube] Joel fazia todo o dia o caminho da Barra da Tijuca até o clube (aproximadamente 61km) e ainda precisava se deslocar para a escola que era no turno da tarde, próximo a sua casa. A mudança para o alojamento do centro de treinamento do clube aconteceu principalmente por uma transformação na configuração familiar, motivada pela mudança de sua mãe e seu padrasto do Rio de Janeiro para Fortaleza devido uma promoção no trabalho dele.

O pai de Joel, desde que o filho entrou no [nome do clube] achava que o alojamento no clube era a melhor solução para que ele se mantivesse em alto nível no futebol. Ao contrário disso, a mãe e o padrasto não viam com bons olhos a ideia de deixar o filho albergado num local que eles não conheciam. Na verdade, o plano deles era que o menino fosse para Fortaleza com eles e se desse ele tentaria alguma coisa no futebol por lá, caso não conseguisse seguiria nos estudos para fazer alguma faculdade. Pelo que foi comentado por vários parentes contatados, precisaram ocorrer algumas rodadas de conversas entre o pai e a mãe do menino, além do processo de convencimento de alguns parentes, tais como a própria avó materna, a madrinha e os avós paternos para que a mãe deixasse o menino continuar no Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro, já em 2015 sob a supervisão do pai, o mesmo prontificou-se em colocar o filho no alojamento do clube. Entre os motivos elencados por Marcos para a escolha

---

<sup>170</sup> Mais a frente será dimensionada as configuração e reconfiguração familiares dentro dos Moreiras. Para fins rápidos de explicação, cabe nesse momento salientar apenas que Carolina, mãe de Joel e Marcos seu pai, haviam se separado em 2005 e desde então o menino morava com a mãe.

em concentrar o filho de segunda a sábado no clube estavam a economia de tempo dos deslocamentos<sup>171</sup>, a economia de recursos financeiros desses deslocamentos, bem como a possibilidade, segundo o pai, do filho viver mais o cotidiano do clube e se integrar mais ao que acontecia nele. Estando alojado no clube, Joel passou a ser responsável legal desse clube, agora incumbido de matriculá-lo numa escola, acompanhar sua rotina escolar, além de oferecer-lhe alimentação e estadia de qualidade.

Nesse mesmo ano de 2015, as boas atuações e a titularidade obtida na lateral esquerda fizeram com que ele e seu pai entrassem em acordo com Carlos Leite<sup>172</sup>, após um interesse e aproximação desse para agenciar a carreira de Joel no futebol. Esse empresário é muito reconhecido no futebol brasileiro, possuindo diversas conexões com outros agentes no Brasil e na América do Sul. Ser agenciado por ele pode ser visto como uma oportunidade de maximizar suas redes de sociabilidade no futebol, posto que Carlos Leite se constitui em um importante nó de rede (ponte) para o estreitamento entre as redes de Joel e outras redes existentes dentro do futebol em outros clubes e cidades (GRANOVETTER, 1973).

A obtenção de um empresário no campo futebolístico possui seus significados práticos, com a extensão e capilarização das redes de sociabilidade, trazendo maiores possibilidades no futebol. No entanto, o agenciamento da sua carreira por um empresário também possui um significado simbólico para os atletas e para aqueles indivíduos pertencentes ao campo do futebol. Na percepção do campo, possuir um empresário significa migrar do campo do lúdico e do amadorismo para o campo do profissionalismo, significa um passo importante rumo à profissionalização e uma oportunidade decisiva dependendo do seu empresário e suas conexões (DAMO, 2007; CAVICHIOLLI *et al*, 2011; RODRIGUES, 2003).

As boas atuações naquele ano de 2015 também trouxeram a proposta do [nome do clube] para que Joel assinasse seu primeiro contrato profissional com o clube. No convívio com a família Moreira não foi possível saber até que ponto o agenciamento de Carlos Leite foi responsável pela assinatura do primeiro contrato profissional do jovem. Fato é que depois de alguns meses de agenciamento do empresário e de boas atuações, o clube sacramentou o primeiro vínculo profissional com o jovem e ofereceu-lhe um salário bem superior a ajuda de custo que ele recebia anteriormente.

Esses acontecimentos significaram para os membros da família engajados no projeto futebolístico de Joel, uma mudança de patamar e uma manifesta sinalização do provável

---

<sup>171</sup> Normalmente o jovem gastava entre 1:30H e 2:00 h para ir e o mesmo tempo para voltar de carro.

<sup>172</sup> Proeminente empresário esportivo de âmbito nacional.

sucesso do jovem no meio do futebol. Trechos de conversas com alguns dos parentes mais próximos a carreira do atleta evidenciam isso:

**Marcos:** Ele sempre gostou de jogar bola. A vida dele é jogar futebol e ele tá aí realizando o sonho dele graças a deus. Assinou o contratinho dele aí esses dias e isso vai ser um grande passo para a carreira dele. Ele agora já é profissional. Só falta ganhar os gramados do time profissional.<sup>173</sup>

**Paula (avó materna):** De todos os anos no futebol, 2015 foi maravilhoso pra nosso menino. Ele cresceu demais no futebol e ficou feliz por ele, porque é aquilo que ele quer fazer né. Tá batalhando por isso e tá tudo acontecendo para ele. Tem o empresário dele que tá ajudando em tudo e esse contrato profissional agora.<sup>174</sup>

**Arnaldo:** O Joelzinho mudou de patamar em 2015. Já é um profissional. Ele é uma realidade para o futebol. Fico feliz por ele e pelo meu filho (Marcos), porque ele também queria que o filho fosse para o esporte. Ele parou antes do que queria e agora tá vendo o filho começar a fazer sucesso. Isso é muito bom.<sup>175</sup>

Os parentes mais integrados ao projeto familiar futebolístico de Joel, bem como o próprio Joel evidenciam uma crença reforçada no projeto a partir dos fatos ocorridos em 2015 e início de 2016. A ida para o alojamento do clube, a obtenção de um empresário e a assinatura do contrato profissional ajudaram a enxergar a possibilidade de ascensão social pelo futebol, e de profissionalização num clube de elite como algo palpável e muito próxima da realidade. No momento, em que os objetivos no esporte vão sendo alcançados e os trunfos obtidos com eles se tornam mais abundantes, os comportamentos e os investimentos vão sendo reprocessados e aqueles que não possuem relação direta com o futebol parecem ser secundarizados.

Atualmente Joel possui 19 anos e integra o sub-20 do [nome do clube], sendo que desde o ano de 2016 treina esporadicamente com os profissionais da equipe principal, mas ainda não obteve a oportunidade de ser integrado definitivamente ao grupo profissional do clube.

No processo de profissionalização no futebol, sua posição parece bem encaminhada, visto que ultrapassou os vários percalços conhecidos e comentados das categorias de base. No entanto, essa proximidade do objetivo de jogar no time profissional pode nunca chegar a acontecer. No momento, (final do ano de 2016 e início do ano 2017), Joel está na reserva do

---

<sup>173</sup> Entrevista com Marcos, pai de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 09/08/2015

<sup>174</sup> Entrevista com Paula, avó materna de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 14/02/2016

<sup>175</sup> Entrevista com Arnaldo, avô paterno de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 22/02/2016

time e não vem gozando de prestígio com o treinador que o colocou como segunda opção na posição. De acordo com o rapaz, houve um desentendimento com o técnico, O treinador esperava um determinado comportamento de liderança e postura em alguns jogos e isso não foi verificado no atleta. Diante disso, alegando opções táticas e comportamentais o atleta foi substituído do time para entrada de outro atleta na posição.

Na situação atual (2017), Joel e alguns de seus familiares sem encontram preocupados com as oportunidades no [nome do clube], na medida em que ele está próximo de estourar a idade da categoria<sup>176</sup>; e se não tiver oportunidades de ser visto no time titular pela comissão técnica do profissional, acabará dispensado quando seu vínculo se encerrar em 2019. Em 2017, o projeto futebolístico de Joel e de sua família passava por um período decisivo entre a concretização dos objetivos e o fracasso dele.

Inicialmente toda a rede conhecida pela pesquisa de parentes por parte de pai e por parte de mãe de Joel habitava a região de Cordovil, subúrbio do Rio de Janeiro, sendo que especificamente Joel, Carolina e Marcos residiam na Cidade Alta, comunidade dentro do bairro de Cordovil.

Pelas histórias, fotografias e relatos coletados junto à família Moreira, se percebe que em torno da família nuclear de Joel viviam os dois casais de avós (tanto o materno quanto o paterno), dois casais de tios (um materno e outro paterno) e alguns primos, filhos desses tios de Joel. A tia materna, ou seja, a irmã da sua mãe é também sua madrinha de batismo e possui com ele uma relação mais estreita que o outro casal de tios por parte de pai. Essa configuração familiar exposta, no entanto, transformou-se desde o nascimento de Joel por algumas reorganizações que acabaram por construir relações mais próximas com alguns membros da família em detrimento de outros.

Durante os 5 primeiros anos de vida de Joel, seus pais permaneceram casados. Segundo as informações obtidas em conversas com os parentes, todos evidenciaram que o menino era muito próximo do pai. Os dois casais de avós e a mãe deixam isso muito claro quando dizem:

**Carolina:** Quando o Joel nasceu, o Marcos estava muito focado nesse negócio de futebol. Tava tentando se profissionalizar, buscando um lugar ao sol. Por isso, tinha que dividir muito o tempo entre o esporte e a gente, mas sempre que podíamos ia eu e Joel para os treinos, jogos e viagens próximas aqui no Rio de Janeiro. Joelzinho viveu esse

---

<sup>176</sup> Na linguagem do futebol, estourar a idade significa quando você completa a idade que não permite mais jogar por aquela categoria. Normalmente os clubes brasileiros das divisões principais mantêm categorias até o sub-20, idade considerada como corte para aproveitamento dos jovens nos times principais. Alguns clubes ainda mantêm categorias até a sub-23, mas isso não é comum e os campeonatos também não são em grande quantidade, dificultando a possibilidade de um circuito competitivo e também de “se mostrar” para olheiros, agentes, comissão técnica, dirigentes, entre outros.

mundo de futebol desde pequeno. Ele viu os sucessos e as amarguras do pai, apesar de ser muito pequeno.<sup>177</sup>

**Arnaldo:** Meu filho sempre foi muito ligado ao futebol, principalmente quando o Joel nasceu. O futebol era algo que ele levava para vida, além da profissão. Ele vivia futebol. Porque depois que acabava o treino, os jogos e tudo mais, ele ainda gostava de saber sobre futebol na televisão e tudo mais. Em casa com o Joel sempre gostavam daquela pelada no quintal, ou na rua.<sup>178</sup>

**Péricles:** Meu neto e o meu genro tinham uma relação muito mais próxima que a de hoje. Ele é uma pessoa muito bacana, mesmo não estando mais com a minha filha, mas as coisas não são como naquela época. Até pela idade o Joel e o pai hoje são próximos, mas não como na época que ele era criancinha. Lembro que eles ficavam muito tempo batendo bola aqui na rua, perto de casa.<sup>179</sup>

As falas dão conta que ainda muito pequeno Joel ganhou gosto por jogar bola e o fazia com grande prazer sempre que possuía tempo livre. A decisão de jogar bola, de praticar o futebol, mesmo que para diversão, possibilitaram ao menino entrar no campo futebolístico, através de treinos leves e pequenas competições de bairro. Nesse momento, ainda não estava traçado nenhum projeto esportivo, nenhuma estratégia calculista de profissionalização do jovem Joel, mas colocá-lo numa escolinha para fazer aquilo que ele fazia com o pai e lhe dava tanto prazer, era um passo a mais que aumentava as chances de uma possível inserção do menino no futebol.

A questão posta aqui é que matriculá-lo numa escolinha não significava ainda um projeto esportivo voltado para o esporte, nem a chance certa de profissionalização, mas mantê-lo dentro de um espaço esportivizado foi importante na trajetória desse jovem para que ele se interessasse ainda mais pelo futebol e aprofundasse sua relação com esse esporte.

A família Moreira que morava na região de Cordovil e na cidade alta, via a permanência do menino na escolinha de futebol como algo saudável.<sup>180</sup> Durante os 8 anos de Joel na escolinha e até mesmo durante os 2 anos no Olaria, todos os parentes próximos se mostravam muito entusiastas com o desenvolvimento esportivo do menino. Normalmente Carolina era a responsável por levar, buscar e permanecer nos treinos do filho que aconteciam no contraturno das aulas. Quando ela não podia ir por causa do trabalho ou de algum

---

<sup>177</sup>Entrevista com Carolina, mãe de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 13/10/2015

<sup>178</sup> Entrevista com Arnaldo, avô paterno de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 22/02/2016

<sup>179</sup> Entrevista com Péricles, avô materno de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 25/04/2016

<sup>180</sup> Essa concepção da família não é estranha ao pensamento do senso comum, para o qual a rua e o tempo ocioso são considerados questões perigosas. Normalmente para afastá-los desses elementos considerados facilitadores para criminalidade, as famílias vêm com bons olhos manter os filhos em programas sociais que visem ocupar seu tempo livre.

imprevisto, seus pais, seus sogros ou sua irmã se prontificava a ajudar, para que o menino não perdesse os treinos. Em épocas de competições era comum que toda a família (avós maternos, avós paternos, tia e pais) estivesse presente para torcer pelo menino.

Os primeiros desacordos sobre a manutenção de Joel no futebol surgiram aos 13 anos com sua entrada no Flamengo e conseqüentemente no momento em que essa prática começou a ser encarada de forma mais séria e profissionalizada por alguns indivíduos dentro da família. Como foi dito anteriormente pelo jovem, o Flamengo com sua estrutura de treino, suas competições e a circulação de empresários pelo seu dia-a-dia foi considerado por Joel como o ponto, no qual segundo ele, “as coisas do futebol começaram a ficar sérias”. Isso quer dizer que os treinos passaram a ser mais frequentes e sem negociações de horários, as competições começaram a exigir longas viagens por algumas semanas e também onde a intensidade das atividades passou a gerar cansaço para fazer outras atividades.

Apesar do Marcos, acalantar desde que o filho era pequeno uma possível trajetória no esporte, e de que seu avô paterno incentivasse esse investimento no neto, tudo não passava de uma expectativa, um desejo, um sonho por parte desses indivíduos. A entrada nas divisões de base do Flamengo pode ser vistas na trajetória familiar dos Moreira como o ponto inicial do projeto futebolístico familiar.

Quando falamos em projeto futebolístico familiar, possivelmente criamos a falsa impressão de um projeto unívoco, fortemente coeso e homogêneo. Contudo, a formação dos projetos coletivos se desenvolve a partir do emaranhado de conexões entre projetos individuais. Por isso, os projetos coletivos muitas vezes são polissêmicos e estruturados em cima de negociações e múltiplas interpretações dos indivíduos que o coadunam.

No caso da família Moreira, o projeto futebolístico não é compartilhado com entusiasmo por todos os indivíduos da família. Com a entrada no Flamengo e a permanência nas categorias de base do clube, o jovem começa a encarar o futebol como um projeto profissional, sendo acompanhado por seu pai e seu avô que nutriam simpatia por uma trajetória do menino no esporte. Outros indivíduos da família como sua madrinha, e seus avós maternos também passaram a encampar o seu projeto futebolístico principalmente porque queriam que o jovem fizesse aquilo que lhe dava prazer e que o fazia feliz. A postura desses indivíduos ao integrar o projeto esportivo de Joel, não se amparava principalmente por uma busca de prestígio social, ou uma ascensão social, mas sim pela defesa da satisfação daquele membro da família.

Na configuração do projeto futebolístico dos Moreira, a mãe Carolina é aquela que possuía maior resistência à concretização dos objetivos do filho em se tornar um jogador

profissional e, segundo Marcos, por diversas vezes, ela procurou atrapalhar as oportunidades que surgiam para o filho na carreira. O posicionamento pouco aderente da mãe de Joel à profissionalização no esporte pode ser compreendido pelo desejo que ela nutre para que o filho siga estudando e faça alguma faculdade ou curso profissionalizante como ela explicita no trecho abaixo:

**Carolina:** Não é que eu não queira de jeito nenhum que o Joel jogue bola e seja jogador. Mas é que eu sei muito bem onde isso vai dar. Muito jogador aí não terminou os estudos, não sabe nem falar porque não estuda. Eu não quero isso para o meu filho. Terminei o ensino médio e isso foi importante para mim lá atrás, mas queria que o Joelzinho fizesse algo a mais. Hoje só ensino médio não dá.<sup>181</sup>

O discurso de Carolina evidencia que não existe uma desaprovação total ao projeto futebolístico familiar e individual de Joel, no entanto, ela vê com ressalvas esse projeto porque encara que tal projeto pode levar o filho ao abandono dos estudos e estagnação da sua formação escolar. Esse posicionamento dela com relação a importância da educação sofreu alterações ao longo do tempo, com um reforço positivo da função da escolarização a partir do seu segundo casamento, agora com o padrasto de Joel (Adalto). Segundo os avós maternos de Joel, no caso os pais de Carolina, a separação dela e de Marcos havia sido em parte provocada pelas distâncias e renúncias que o futebol requisitava de Carolina. Com isso, há de se supor que para ela a carreira de futebolista não trouxesse as melhores lembranças afetivas.

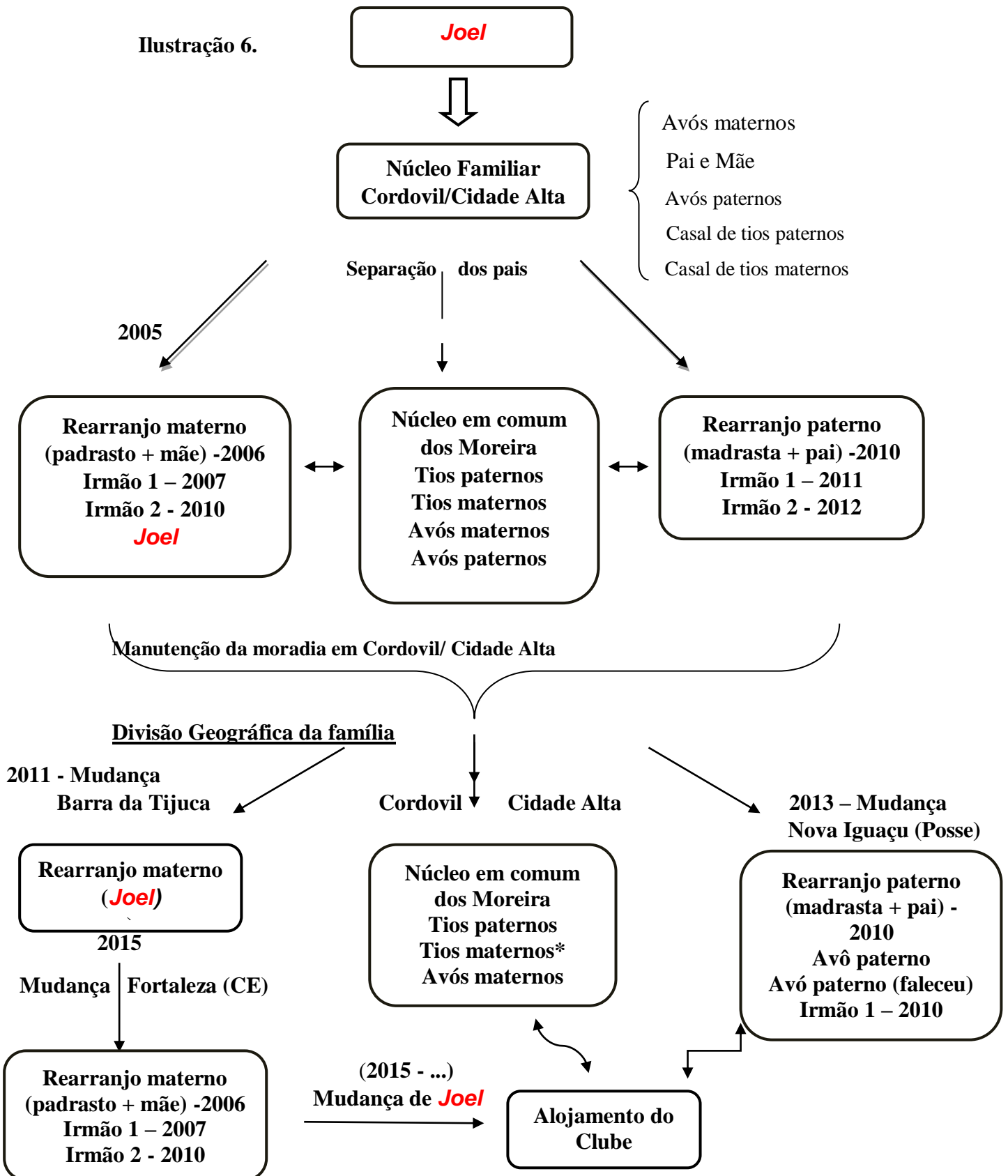
O fato é que a separação entre Marcos e Carolina no ano de 2005 tornou-se um evento decisivo, pois, reconfigurou os campos de possibilidades de Joel, antes mesmo do projeto futebolístico se impor. Com o divórcio, o menino passou a morar com a mãe e os contatos com Marcos passaram a ser mais difíceis, pois, esse possuía ainda a atividade de jogador e passaram a morar um longe do outro.

A separação e a diminuição da influência do pai sobre o filho durante o período entre 2005 (separação) e 2015 (mudança da mãe para Fortaleza), tornou a possibilidade de um superinvestimento no futebol menor, posto que a responsabilidade legal e as decisões sobre a rotina do jovem estavam sob a tutela da mãe. Ela, como descrito, possui algumas restrições ao desenvolvimento da carreira futebolística do filho. No entanto, baseada numa percepção de deixar o filho seguir os seus sonhos e seus objetivos, a mãe, durante esses 10 anos, não proibiu o desenvolvimento do projeto futebolístico do filho, mas o atrelou ao desenvolvimento educacional. O esquema abaixo descreve a estruturação dos Moreira.

---

<sup>181</sup>Entrevista com Carolina, mãe de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 13/10/2015

Ilustração 6.



**LEGENDA:**

- (\*) – Grupo onde Joel mora quando não está no alojamento
- ↪ – Local geográfico de residência nos finais de semana fora do alojamento
- ↗ – Local geográfico de visitas ocasionais nos finais de semana fora do alojamento.



Pelo projeto ser compartilhado em menor ou maior medida por alguns indivíduos dentro dessa família, a mãe não se sentia confortável para simplesmente impedi-lo de treinar na base do Flamengo ou de qualquer outro clube como ela mesmo disse:

**E:** Você gostaria que ele fosse jogador de futebol?

**Carolina:** Olha, vou te falar a verdade. Gostar e não gostaria. Não é o que eu quero para ele, mas na nossa família tem muita gente que gosta de ver ele jogando bola. Ele mesmo gosta muito disso. Então eu não vou chegar e dizer: Não vai mais jogar! Eu aceito, deixo ele fazer o que quer, mas tem que fazer também o que eu quero. Tem que estudar, porque o futebol pode não dar certo. Meu marido agora concorda completamente comigo (padrasto do Joel), mas se dependesse do Marcos acho que o Joel ia só jogar bola.<sup>182</sup>

A fala de Carolina aponta que o projeto é constantemente negociado e discutido, afinal se estrutura a partir da organização de diversos projetos individuais que as pessoas têm para si e para os indivíduos que lidam com elas. No caso de Carolina, o projeto individual de Joel e coletivo da família estão inseridos no futebol, com isso, ela também está inserida nesse projeto, mas impondo a ele também elementos pertencentes ao seu projeto sobre Joel, no caso, a continuidade dos estudos. Nesse quesito, o novo casamento estabelecido por Carolina com Adalto parece ter ajudado a reforçar essa orientação para o estudo e o desenvolvimento da escolarização.

Na configuração familiar dos Moreiras os indivíduos do núcleo tanto do pai (Marcos), quanto da mãe (Carolina) possuem um grau de escolaridade relativamente alto se realizarmos um digressão que contextualize seus diplomas escolares no tempo. O avô paterno é militar aposentado da aeronáutica e a avó é formada em Farmácia. Se analisarmos, à época em que desenvolviam essas atividades, devemos considerar que fazer uma faculdade durante a década de 1960 e ser militar durante esse mesmo momento se constituía como atividades diferenciadas e com certo grau de dificuldade de alcançar.

O avô materno conclui o ensino médio e desenvolveu ao longo de toda a vida a atividade de vendedor de loja, enquanto a avó materna concluiu o ensino fundamental e passou a vida toda como pessoa “do lar”. Mesmo o lado da mãe possuindo um nível de escolaridade menor em relação ao lado do pai, precisamos contextualizar que até os anos 1980, concluir o ensino médio ainda se constituía como um diferencial educacional frente à massa da população brasileira. Com relação aos pais de Joel ambos terminaram o ensino

---

<sup>182</sup>Entrevista com Carolina, mãe de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 13/10/2015

médio, mas não iniciaram outros estudos após isso, fato semelhante a verificado com o padrasto de Joel. No caso de Carolina ela trabalha como micro-empresária, sendo dona de uma loja de roupas, o pai de Joel trabalha atualmente como agente administrativo terceirizado do hospital Geral de Nova Iguaçu e o padrasto de Joel é gerente de uma loja do Dutyfree no aeroporto do Galeão.

O engajamento dos familiares na escolarização de Joel possui matizes diferentes e isso parece influenciar diretamente a estruturação do projeto futebolístico dos Moreiras. O novo núcleo familiar formado por Carolina, Adauto e os enteados dela mantém certa adesão ao projeto futebolístico, mas sempre o mediando com o desenvolvimento escolar do jovem. Joel por diversas vezes em nossas conversas mencionou a cobrança de Adauto sobre os estudos, mas também o apoio e a dedicação para ensiná-lo sobre os deveres escolares.

**Joel:** [...] O padrasto da minha mãe sempre cobrou muito de mim na escola sabe. Ele fez até o ensino médio, hoje é gerente de uma loja e ele diz que conseguiu isso tudo porque ele estudou. Ele diz que o estudo é muito importante. Lembro que desde que fomos (minha mãe e eu) morar com ele, sua cobrança pelos meus deveres era grande. Ele sentava comigo para fazer as lições, cobrava ver prova, vi caderno. Essas coisas todas. Conforme eu fui crescendo ele foi diminuindo essa cobrança, mas mesma assim até deixar de morar com ele sempre ia às reuniões da escola e cobrava as notas na mesa da sala.<sup>183</sup>

Joel evidencia um padrasto zeloso pelas atribuições escolares, engajado no processo escolar do enteado. Esse investimento parece ser tão intenso que mesmo Joel possuindo à época da entrevista 17 anos, ele ainda guardava na lembrança o acompanhamento do padrasto sobre suas lições quando ele tinha apenas 10 anos. No entanto, não era somente o padrasto que dava mostras de engajamento no processo de escolarização do jovem, sua mãe também procurava segundo suas possibilidades oferecer-lhe as melhores condições possíveis. Durante a permanência na Cidade Alta até o ano de 2013, Joel ficou matriculado numa escola pública da região que era próxima da casa de sua mãe e também relativamente próxima da casa dos seus avós maternos e paternos. Credo que o ensino naquela escola pública não era bom o suficiente, resolveu pagar algumas aulas particulares para o filho em períodos específicos do ano (próximo das provas) e durante a trajetória escolar do menino.

Com a mudança em 2013 para a Barra da Tijuca, Carolina se preocupou em buscar informações nas escolas próximas ao local onde iria morar, na busca de uma instituição

---

<sup>183</sup> Entrevista com Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 04/10/2016.

pública que tivesse poucos problemas com violência, ausência de professores e que fosse perto da casa dela. A preocupação da mãe em escolher conscientemente uma escola por critérios que ultrapassassem a questão da distância e avançassem para elementos ligados a qualidade, evidencia um grau de investimento diferenciado desse lado da família na escolarização do filho. Diga-se de passagem, esse processo de escolha também foi verificado na matrícula dos irmãos posições de Joel na Barra da Tijuca. Entre os anos de 2013 e 2015 Joel estudou na escola estadual Vicente Januzzi na Barra da Tijuca.

O papel do pai sobre a escolarização pregressa do filho não ficou muito claro ao longo das conversas informais e das entrevistas realizadas com os membros da família Moreira. O engajamento sobre o esporte era sempre mencionado, o carinho e a dedicação com Joel era sempre lembrada, mas as ações sobre a escolarização do filho não foram mencionadas, com exceção de uma conversa com Joel durante um treino do clube, quando ele comentou que:

**Joel:** [...] meu pai confia em mim para essas coisas de estudo, ele não me pergunta muito sobre isso não. Ele sabe que eu corro atrás. Até quando eu era pequeno ele deixava isso mais na mão da minha mãe. Até mesmo porque ele tinha que se dedicar muito ao futebol.<sup>184</sup>

O fato implícito no relato é que as questões educacionais para o pai, não possuíam a importância que as questões do esporte tinham. As cobranças sobre as rotinas escolares do filho ficavam a cargo da mãe. O posicionamento ambíguo de Marcos sobre o processo de escolarização do filho pôde ser verificado até o final da pesquisa de campo. Nas conversas realizadas com ele, quando interpelado sobre o acompanhamento escolar do filho, Marcos sempre dizia que a escola era muito importante, que se ele pudesse estudaria mais do que tinha estudado, sendo que ele procurava fazer isso com o filho através da cobrança das rotinas escolares mesmo estando longe dele.

No acompanhamento das rotinas de Joel no clube e na escola e nas conversas com os funcionários da escola e do clube foi possível verificar que a valorização de Marcos sobre a escola, não se traduziam nas ações dele frente ao desenvolvimento escolar do filho. No caso da escola, a coordenadora pedagógica e a diretora afirmaram que Marcos nunca apareceu na instituição e nem telefonou para saber do filho. No clube a assistente social, afirmou que nunca manteve contato com o pai de Joel e que ele nunca havia se comunicado para saber sobre a rotina escolar do filho.

---

<sup>184</sup>Conversa informal com Joel realizada em outubro de 2016. Parte integrante do diário de campo do dia 19 de outubro de 2016

Como foi mencionado, o projeto futebolístico dos Moreira se inicia com a entrada do jovem Joel no clube do Flamengo. Com a criação desse projeto futebolístico, se destacam principalmente a figura do pai, do avô paterno, do avô materno, da madrinha (irmã da mãe) de Joel e do treinador da escolinha Nilton (amigo da mãe de Joel).

Durante as conversas com Joel, ele revelou que a sua madrinha sempre foi alguém muito próximo dele e muito importante na carreira de jogador, pois ela sempre ajudava a convencer a sua mãe sobre os “assuntos ligados ao futebol”. Como evidenciamos a mãe de Joel não via com bons olhos a profissionalização do jovem no futebol e criava resistência em diversos momentos. Nesse sentido, a madrinha surge no discurso de Joel como um indivíduo de grande influência no núcleo familiar e capaz de contornar impasses ligados formação futebolística do sobrinho.

Além do auxílio na criação de uma coesão dentro do projeto futebolístico através da negociação com a mãe de Joel, a madrinha de Joel também foi identificada como aquela que muitas vezes levava o rapaz para os treinos quando ele era menor, que comprava os materiais esportivos como chuteiras, bola, calção e até mesmo aquela que acobertou algumas escapadas dele da escola para jogar bola em algum campeonato durante os dias de aula.

Dentro da família futebolística dos Moreira, o suporte financeiro e temporal talvez sejam aqueles elementos mais comum de serem vistos ao longo da trajetória futebolística. Os avós tanto maternos quanto paternos se encontram aposentados e, por isso, desde o início do projeto futebolístico no Flamengo se ocupavam de levá-lo nos treinos e nos jogos. Normalmente eram eles que se revezavam nessa função, enquanto os pais e a madrinha que trabalhavam iam principalmente aos jogos nos finais de semana e nos eventos esportivos mais importantes fora da cidade do Rio de Janeiro.

Na estruturação do projeto futebolístico, sem dúvidas podemos perceber um papel central de Marcos no processo. E isso fica mais claro desde a mudança de Carolina para Fortaleza. A partir desse fato o jovem Joel fica sob a responsabilidade do pai que inicia então um processo de superinvestimento na carreira esportiva do filho, através de estratégias e ações que visem maximizar os resultados esportivos do filho.

Como dito anteriormente, a vontade dessa parte do núcleo familiar era levá-lo para Fortaleza junto com eles, mesmo que isso significasse o encerramento do projeto futebolístico de Joel. Sabendo das dificuldades em se reinserir nas categorias de base dos clubes de futebol, principalmente, num estado distante do seu, Joel procurou se impor frente a mãe e o padrasto, principalmente, com o apoio dos avós maternos e da madrinha que, muitas vezes, serviu como elo de negociação entre os interesses esportivos de uma ala da família e os desejos escolares

de Carolina e Adalto. Esse episódio-chave é contado informalmente pela madrinha da seguinte forma:

**Madrinha:** Essa mudança da minha irmã para Fortaleza foi um “auê”. O Adalto tinha recebido uma boa oferta de emprego para fazer o que ele faz aqui, só que ganhando mais lá. Não era coisa provisória, era parada definitiva. Então precisava mudar geral. Minha mana queria que o Joelzinho fosse, mas o menino não queria ir de maneira nenhuma. O garoto tinha ficado quase um ano parado depois da dispensa do Flamengo, aí conseguiu num golpe de sorte chegar agora no [nome do clube] e de repente ia ter que abrir mão disso. Claro que ele não queria. Acho que ninguém da família que viu a luta dele nesses anos e a tristeza depois de sair do Flamengo queriam que ele largasse tudo para ir embora.

**E:** E como foi resolvido isso?

**Madrinha:** Minha mãe e meu pai tentaram convencer ela, mostraram que o menino “tava” feliz, fazendo aquilo que gostava. E eu disse que tomava conta dele aqui no Rio de Janeiro. Falei que ia ficar em cima do Marcos para ele cuidar bem do Joel e não fazer nenhuma besteira. Ela ainda pensou um tempão, mas acho que bateu aquele sentimento de mãe de querer deixar o filho ser feliz.<sup>185</sup>

O relato da madrinha de Joel evidencia que o engajamento em torno do projeto pode ser configurar em várias formas de suporte financeiro, material, temporal, mas também através dos movimentos de negociação em torno do projeto para que ele possa se manter estruturado diante das tentativas de reorganizá-lo ou desestruturá-lo.

Certo é que com a separação geográfica entre a mãe e o padrasto do dia-a-dia de Joel, as possibilidades de intervenção nos rumos do projeto futebolístico do filho se alteraram consideravelmente e isso ocasionou também uma reconfiguração do projeto futebolístico familiar. O ano de 2015 significa um momento de intensificação dos esforços para concretização do projeto futebolístico com a mediação de Marcos e da madrinha de Joel nesse processo. Os dois compreendendo a maior possibilidade de investir no projeto futebolístico e tendo o aval de todos os membros da família futebolística, decidem por transferi-lo da casa que ele estava morando em Cordovil (voltou da Barra da Tijuca para a casa da madrinha) para que fosse morar no centro de treinamento do clube.

A escolha por albergá-lo no clube pode ser encarada como um sinal de superinvestimento no futebol por parte da família, já que essa decisão foi tomada a partir do cálculo racional de diversas variáveis que Marcos compreendeu impactarem decisivamente sobre as chances do filho no clube. Sobre isso Marcos comenta:

---

<sup>185</sup>Conversa informal com Silvia (madrinha) realizada em novembro de 2015. Parte integrante do diário de campo do dia 09 de novembro de 2015.

**Marcos:** Eu coloquei o Joel albergado lá no [nome do clube] porque isso ia ajudar muito ele para se tornar jogador. Ia dar mais chances mesmo para ele. Para e pensa comigo. Ele mora com a madrinha lá em Cordovil, e de lá para o clube todo o dia é mais de 1 hora no trânsito e 2 passagens de ônibus. Isso só para ir. Multiplica por 2 e depois multiplica por 6 (segunda a sábado). Dá uma grana absurda. Essa grana a gente pode usar para comprar outra parada para ele sabe?! Um suplemento, uma chuteira, uma roupa maneira que os garotos dessa idade gostam. Fora que ficar um tempão no trânsito te cansa muito. É um tempo perdido.

Aqui no [nome do clube] não tem isso. Ele fica de segunda à sábado, sem gastar dinheiro de passagem e sem perder tempo voltando para casa. O alojamento do clube fica aqui a 100 metros do campo e é só atravessar a rua. Além disso, aqui ele vai ser acompanhado o tempo todo por profissionais bons que vão ajudar ele no que precisar.

Ficando no clube ele ganha muito também no convívio com os outros atletas e com o espaço do clube. Muitas vezes é preciso ficar aqui, se tornar parte daqui para que você veja e tenha contato com os bastidores do clube. Isso é muito importante numa oportunidade que apareça<sup>186</sup>

A decisão de Marcos evidencia uma ação estratégica amparada pela certeza de que albergando o jovem ele teria mais meios e oportunidades de alcançar a profissionalização. Para isso, contribuiriam vários fatores como a economia e recursos financeiros que poderiam ser canalizados para elementos diretamente ligados ao futebol, economia de tempo e diminuição do desgaste físico do jovem.

O pai de Joel e todos os outros membros da família futebolística sabiam que esse albergamento significaria um afastamento do jovem do convívio familiar, mas em conversas informais com os membros da família isso era considerado como um mal necessário frente à concretização do projeto futebolístico familiar. No entanto, a mudança para o clube não implicava somente o afastamento geográfico. Ela também significava de certa forma a perda de alguma tutela de Joel. Sendo o jovem menor de idade e estando albergado no clube, ele passava a ser responsabilidade principal do mesmo e não dos membros da família Moreira. Dessa forma, percebe-se que o engajamento no projeto futebolístico e o superinvestimento da família Moreira e mais especificamente de Marcos permitiam até mesmo abrir mão do convívio com o jovem e do poder legal de responsabilidade sobre o rapaz.

Outras ações também dão conta desse superinvestimento depositado sobre a profissionalização de Joel. Para acompanhar melhor os treinos mais importantes do filho, bem como os jogos que ele realizava durante os dias de semana (terças ou quintas) o pai decidiu mudar drasticamente seu turno de trabalho, passando do horário das 10 horas às 18 horas para o horário noturno de 22 horas às 6 horas.

---

<sup>186</sup>Entrevista com Marcos, pai de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 09/08/2015

O argumento utilizado pelo pai era de que o filho normalmente pedia para que ele viesse os jogos e acompanhasse mais de perto as competições para que pudesse dar conselhos e fazer observações sobre seu desempenho. Trabalhando no Hospital Geral de Nova Iguaçu no horário antigo ficava muito difícil atender ao pedido do filho. Por isso, decidiu trocar de turno para que pudesse acompanhar melhor a rotina de Joel, mas sem que precisasse abandonar o emprego.

Apesar da distância imposta pela decisão de albergar o filho nesse centro de treinamento, Marcos e a madrinha de Joel são aqueles indivíduos que mais frequentemente aparecem nos eventos esportivos de Joel. Mesmo pequenos jogos ou treinos furtivos ao longo do dia de semana são alvos da atenção dos dois. Quando se encontram nessas situações pude verificar que os dois sempre davam alguma coisa para Joel, como forma de presente e/ou suporte para prática futebolística. Algumas vezes vinham com algum suplemento, outras vezes com dinheiro para que ele pudesse gastar com diversão nas imediações do clube, em outros casos algum aparelho eletrônico ou material esportivo.

O investimento do pai era tal, que depois das análises de campo encerradas vim a descobrir em conversas com o próprio Marcos que ele estava a mais de um ano pagando um funcionário do clube para repassar e editar as filmagens dos jogos do Joel para ele. Pediu na fita as melhores jogadas, as comemorações dos títulos e os jogos vitoriosos. Marcos disse que gostaria de guardar aqueles vídeos como um tipo de troféu da carreira do filho.

O superinvestimento acompanhando no futebol acabou levando a um processo de secundarização da escolarização do jovem. A trajetória escolar de Joel sempre foi acompanhada de forma muito próxima por sua mãe Carolina, especialmente após o seu segundo casamento com Adalto. Os dois possuíam um apreço pela educação e consideravam-na como um mecanismo real de oportunidades. Por isso, desde pequeno seu padrasto incentivava seus estudos em casa, acompanhava seus deveres e fiscalizava seu material. A mãe também sempre procurou se informar sobre os melhores estabelecimentos de ensino público possíveis para seu filho nos locais onde ela morava. Foi assim à época da mudança para a Barra da Tijuca e havia sido assim durante sua moradia na Cidade Alta em Cordovil.

Ao longo da trajetória escolar de Joel até o ano de 2015, período em que Carolina acompanhava mais de perto seus estudos, não existem reprovações no histórico do jovem. Todavia, a mãe ressaltou, em conversas realizadas durante o trabalho de campo, que ela precisava cobrar bastante o menino para estudar e fazer as lições, como mostra o relato:

**E:** Como o Joel é na escola?

**Carolina:** Joel nunca foi muito de estudar. Não vou dizer para você que ele sempre foi um aluno brilhante que sempre teve aquele “tchan” pelos estudos. Ele é um aluno na média sabe?! Tira seu 6 ou 7, as vezes um 8, mas você tem que ficar em cima dele. Tem que cobrar porque senão ele não vai fazer não. E com esse negócio de futebol, conforme foi passando os anos só complicou a escola. Menino só quer saber de futebol, muitas vezes chega cansado. No que podemos nós dobramos ele.<sup>187</sup>

Carolina mostra que desde pequeno o futebol se constituía como uma atividade que ganhava predileção do menino frente a escola. Contudo, o acompanhamento próximo dela fazia com que as atividades escolares e os resultados de Joel fossem pelo menos satisfatórios. Podemos concluir que apesar da existência do projeto futebolístico familiar no futebol estar se desenvolvendo no seio da família futebolística, as rotinas escolares cobradas e sustentadas pela mãe mostram que esse projeto precisa negociar com um projeto escolar subjacente elaborado por Carolina e Adalto sobre Joel. Podemos afirmar, então que até 2015 a escola ainda não se constituía como elemento secundário na rotina de Joel, haja visto os investimentos e cobranças realizadas pela mãe.

A secundarização da escola se desenvolve e aprofunda-se a partir de 2015 sob o espectro de diversas razões, que pouco a pouco se estabelecem para criar um superinvestimento no futebol e nas rotinas ligadas a ele, ao mesmo tempo em que vemos um desinvestimento nas rotinas escolares.

A primeira razão está relacionada ao afastamento geográfico de parte do núcleo familiar que incentivava os resultados escolares do filho. Pelo discurso de Carolina podemos perceber que Joel nunca foi um grande entusiasta da escola, suas rotinas e seus “prêmios”. Com o afastamento deles e mudança de Joel para outra parte do núcleo, no qual os estudos não eram tão incentivados e cobrados, Joel acabou vendo a possibilidade de flexibilizar suas obrigações escolares, diminuindo a quantidade de horas de estudo, frequência as aulas, e resultados acadêmicos.

Com a mudança para o clube no regime de albergamento no início de 2016, essa situação de cobrança sobre os estudos se tornou ainda menor. Dentro da agremiação esportiva existem aproximadamente 80 jovens em regime de albergamento e conseqüentemente sob tutela legal da instituição. Nessa situação, a assistência social com suas duas funcionárias especializadas precisa fiscalizar e administrar a vida pessoal e escolar de todos esses jovens. O volume de trabalho é grande, as assistentes sociais procuram fazer um trabalho próximo de

---

<sup>187</sup>Entrevista com Carolina, mãe de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 13/10/2015



cada aluno, principalmente no acompanhamento escolar dos rapazes, mas obviamente existe um grau de autonomia para que eles possam burlar os sistemas de controle sobre as rotinas escolares, tais como presença em aula e resultados obtidos.

Há ainda um terceiro elemento importante para verificarmos esse processo de secundarização das rotinas escolares em benefício de um superinvestimento no futebol. Desde o início de 2015, Joel vinha integrando a categoria sub-17 do clube na condição de titular, e naquele mesmo início de ano havia assinado seu primeiro contrato profissional com o clube. Na visão dele, do pai e dos membros da família aquele tinha sido um grande passo para a profissionalização de Joel. Ainda mais porque ele vinha fazendo durante todo aquele ano de 2015 alguns treinos com os profissionais do clube. A crença da sua família e a dele foram alimentadas pela noção de que o campo de possibilidades no futebol estava se alargando cada vez mais.

A requisição de mais tempo pelo futebol e a maior crença na profissionalização vieram acompanhadas da chance de investir menos na escola, possibilitadas pelo afastamento geográfico da mãe, e pelo pouco interesse do pai no acompanhamento escolar do filho e pela dificuldade do clube de gerir de maneira pormenorizada a rotina de cada um dos seus mais de 80 atletas albergados. A consequência disso trouxe mudanças significativas na rotina escolar de Joel e nos seus resultados escolares. Diante dessas situações é possível reconstruir o cenário que nos permitem identificar um paulatino superinvestimento no esporte ao mesmo tempo em que ocorria um desinvestimento na escola.

Desde 2015, quando foi albergado no clube, Joel frequenta o escola Z<sup>188</sup>, próximo ao clube. Devido a carga de treinamentos que ocorre de manhã e a tarde, o clube matriculou o

---

<sup>188</sup>A escola municipal Z é de grande porte, já que segundo os dados do Censo escolar de 2015 havia 1002 alunos na instituição de ensino, sendo todos eles do ensino médio. Nas visitas realizadas e nas conversas com os professores algumas questões foram verificadas. Uma delas diz respeito a pouca ausência de professores por questões de faltas e também a pouca ausência dos mesmos devido à carência no quadro de horários. Há muitos professores contratados na escola em comparação com os concursados (relação de 2X1), mas não foi verificada carência de docentes no colégio. Por isso, nas visitas realizadas no colégio, pouquíssimas vezes os alunos saíram cedo.

Os resultados da escola no índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB) subiram constantemente entre 2009 e 2013 saindo 2,6 pontos para 4,0 pontos. Na última medição do censo escolar de 2015 a escola manteve os mesmos 4,0 pontos. Desde o início da medição do IDEB em 2007 a escola sempre alcançou as metas estabelecidas para ela.

Contribuem para esse panorama uma taxa mediana de reprovação dos alunos situada em 15% dos indivíduos e as notas deles nos testes padronizados aplicados pelo governo. Desde o início da medição em 2007, a escola vem verificando um aumento gradativo dos níveis de proficiência em português e matemática. Nos testes padronizados de matemática e português os alunos oscilaram na série histórica (2007-2015) entre 242,84 (2013) e 207,71(2007) em português e 245,64 (2007) e 211,77 (2009). Isso fez com que os alunos da migrassem dos níveis 1 e 2 (nível baixo de conhecimento) no início da medição em 2007 para os níveis 2 e 3 em 2015 dentro de uma escala de 9 níveis. Apesar dos resultados satisfatórios nos testes de proficiência, a escola convive com índices elevados de distorção-idade série. Tanto no ensino fundamental I, quanto no ensino fundamental II, as

jovem no turno da noite dessa escola com entrada as 18:00horas e saída as 21:30. Como sabemos, através de estudos realizados por Togni e Carvalho (2007) o ensino noturno no Brasil possui diversos problemas relacionados à qualidade, a carga horária reduzida, ao currículo pouco adequado à demanda dos indivíduos que o procuram<sup>189</sup>. Essa configuração acaba por criar desigualdades de oportunidades educacionais de indivíduos do turno noturno com relação àqueles inseridos no turno da manhã e da tarde.

Na situação de Joel, a matrícula no ensino noturno foi realizada pelo clube para que ele pudesse cumprir toda a carga de treino requisitada. Nesse aspecto o pai e a família à época dos contatos realizados no campo de pesquisa não faziam ideia da escola em que o rapaz estava matriculado como mostra o trecho da conversa abaixo.

**E:** O Joel estuda em qual colégio atualmente (2016)?

**Marcos:** Olha é uma escola lá que tem contato como o [nome do clube]. Mas assim o nome da escola eu não sei não. Geralmente que fica responsável por tudo da escola do Joel é o clube. Lá eles acompanham “tudinho” da vida dele. Se acontecer alguma coisa mais séria eu acredito que eles vão ligar para mim.

**E:** Mas você sabe desde quando o Joel está nessa escola.

**Marcos:** Olha eu acho que desde esse ano. Mas não tenho certeza.<sup>190</sup>

O diálogo com Marcos evidencia que as obrigações escolares e o engajamento da própria família que continuou no Rio de Janeiro como um todo é de completa secundarização da escola, a ponto do pai não saber o estabelecimento do ensino que o filho estuda e nem quando ele foi matriculado nele. Sobre isso, o argumento usado por ele é que o clube no momento é o responsável por cuidar dele.

---

taxas são maiores do que a média nacional. No caso do fundamental I, os casos de distorção são mais do que o dobro da média nacional (28% e 13% respectivamente) e no fundamental II são 7% maiores do que a média nacional (33% contra 26%). Os números do colégio mostram apreensão com relação ao alto número de alunos com duas reprovações ou mais na trajetória escola, contudo a escola vem diminuindo e estabilizando significativamente os níveis de distorção na medição da série histórica tanto no ensino Fundamental I quanto no ensino fundamental II.

Com relação aos dados socioeconômicos disponíveis no censo escolar de 2015 não foi possível traçar um panorama preciso dos alunos, mas algumas questões podem ser evidenciadas. A escola se constitui principalmente por alunos das classes médias baixas e populares. O nível de capital cultural institucionalizado das famílias também não é alto com somente 34% das mães tendo concluído o ensino médio e 12% feito faculdade. Entre os pais aqueles que fizeram até o ensino médio é de 20% e os concluintes de faculdade 13%. Cabe destacar a proporção de pais que não terminaram o ensino fundamental, entre as mães 21% e entre os pais 24% (com 4% que nunca estudaram). Também é importante salientar o pouco acesso e frequência desses alunos a bens culturais tais como cinemas, bibliotecas, shows e festas. Dados obtidos pelo Inep, 2015 e Organizado por QEdU, 2015.

<sup>189</sup> Esses indivíduos são normalmente Jovens e adultos com alguma defasagem idade-série ou também jovens trabalhadores.

<sup>190</sup>Conversa informal com Marcos realizada em julho de 2016. Parte integrante do diário de campo do dia 20 de julho de 2016

O pai argumentou que apesar de não saber exatamente onde o filho estava estudando, sempre que o rapaz ia passar os finais de semana na sua casa ele perguntava sobre a escola e sobre os resultados do rapaz. No entanto, através de visitas à escola pode-se verificar que o rapaz durante o ano de 2015 e 2016 enfrentou diversos problemas escolares na instituição Z, que pareciam alheias ao conhecimento do pai.

Em conversas com as assistentes sociais do clube, foi reforçada uma visão de que Joel causava diversos problemas, em especial, devido a adequação as normas e disciplinas da instituição. As funcionárias mencionaram que, por diversas vezes, o jovem ratificava a ideia de que a escola era uma obrigação que ele não gostava de cumprir, mas que precisava continuar nela para poder permanecer treinando no clube.

O desinteresse do jovem não é um elemento novo na trajetória dele, a própria mãe Carolina havia mencionado essa questão. Nas suas falas ficava claro que o papel dela e de Adalto na cobrança ajudava o menino a manter o mínimo de disciplina nos estudos. Contudo, com a ausência dela, e as possibilidades cada vez maiores de profissionalização no futebol, é possível acreditar que a adesão a um projeto escolar tenha ficado no passado.

O desinvestimento na escola promovido pelo jovem Joel pode ser visto através de vários indicativos mencionado pelas funcionárias da escola Z, tais como faltas durante um tempo prolongado mesmo sem comunicado de competições, postura de rebeldia com os professores e direção, desleixo com o material escolar e com o uso do uniforme, bem como cansaço excessivo nas aulas a ponto de adormecer.

**E:** Como é o Joel aqui na escola?

**Orientadora Pedagógica:** Que coincidência você falar logo do Joel. Ele é o rapaz do futebol do [nome do clube] que dá mais dor de cabeça com a gente. E olha que atendemos muita do clube aqui. Mas ele é diferente dos outros garotos. Ele claramente não gosta de estar aqui e deixa isso bem claro. Ele é bastante rebelde. Mas esse ano de 2016 eu nem posso falar muito dele, porque ele tem aparecido muito pouco aqui. Tem meses que ele tem mais de 10 dias sem vir. Ele tem sido muito faltoso.<sup>191</sup>

Os comentários da diretora seguem o mesmo caminho sobre a postura de Joel na escola.

**E:** Fala-me um pouco da trajetória do Joel aqui na escola Z.

**Diretora:** O Joel é um aluno muito faltoso, e quando vem também não produz muito. As notas dele aqui no colégio vêm caindo bimestre atrás de bimestre. Ele tem uma postura muito diferente com o estudo com relação aos outros atletas.

**E:** O clube faz o que com relação a isso? O pai dele participa de algo na vida escolar do rapaz?

---

<sup>191</sup>Entrevista com orientadora pedagógica do colégio Z. Entrevista realizada em 23/08/2016

**Diretora:** O clube faz o que pode. A assistente social vem aqui sempre que nós chamamos ou por conta própria para saber quem está vindo ou não. Mas é complicado para ela por várias razões. São muitos meninos para fiscalizar e eles estão espalhados por outras escolas também. Fora que tem um conflito entre o interesse da gente aqui da escola e o do pessoal do futebol lá do clube.

**E:** Mas e o pai? Você já viu?

**Diretora:** Nunca vi. Nunca ligou ou procurou saber alguma coisa do Joel. Você tinha me dito eu nem sabia que a família era do Rio de Janeiro. Achei que fosse de fora porque geralmente os albergados são de fora do Rio de Janeiro.<sup>192</sup>

Os relatos reforçam as percepções colhidas em campo sobre uma postura de desinvestimento de Joel à escola. Na observação de campo pode ser vista uma queda constante dos resultados escolares bimestrais do aluno desde sua entrada na escola em 2015, culminando em 2016 com a sua primeira reprovação durante sua trajetória escolar. Cabe ressaltar que Joel nesse mesmo ano de 2016 chegou a constar na lista de infrequentes da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ), pois possuía mais de 35% de faltas durante o primeiro semestre de aula. Para solucionar esse problema a escola precisou entrar em contato com a secretaria para reinseri-lo no sistema.

No final de 2016, Joel acabou reprovado pela insuficiência de resultados acadêmicos, e também por falta de presença nas aulas. Até o final das análises de campo no ano de 2017 ele estava fazendo novamente o 3º ano do ensino médio. Nessa situação, numa conversa no final do ano de 2016, o rapaz explicitou que contribuíram para sua reprovação o cansaço causado pelas atividades físicas e o próprio desinteresse que tem pela escola.

No caso do pai e da família de Joel, eles só souberam da reprovação do jovem quando essa já estava consolidada e demonstraram alguma surpresa com o acontecido como pode ser verificado num evento esportivo no qual a família toda havia ido e na qual ele anunciou a reprovação para todos.

**Marcos:** Caramba. Eu tomei um susto agora com essa notícia Joel. Reprovado? Mas como? Você nunca falou nada, achei que você estava bem no colégio. Você sempre diz que estava indo legal. Nossa... Agora é correr atrás. Não tem como vai ter que fazer novamente.

**Madrinha:** Joel.... Menino.... Reprovado. E agora? Vai ter que fazer tudo de novo né? Se a sua mãe souber ela te matar e vai me matar. Vamos encontrar uma forma de falar isso para ela. Você já pensou que ela pode querer que você vá lá morar com ela? Ai acabou futebol.

---

<sup>192</sup>Entrevista com a diretora do colégio Z. Entrevista realizada em 29/08/2016

**Avô paterno:** É uma pena. É um ano que se perde. Mas também tenta pensar pelo lado positivo. Você está indo bem no futebol. Tá aqui no [nome do clube]. As coisas estão dando certo para o que você quer.<sup>193</sup>

A notícia foi dada antes da partida, e as reações observadas variaram entre a surpresa e o desdém pela reprovação do jovem. Naquele momento parecia que todos estavam mais preocupados com o resultado da partida do que com alguma notícia vinculada a escola. Após a notícia, os comentários sobre o fato duraram menos de 5 minutos e logo a atenção voltou-se para o jogo. O tema sobre a reprovação não voltou mais a tona naquela tarde, ainda mais porque a equipe de Joel sagrou-se campeã, apesar do jovem figurar apenas no banco de reservas da equipe.

Na configuração familiar dos Moreira há, no entanto, questões curiosas com relação ao investimento escolar dedicado aos membros da família. Através do acompanhamento e das análises realizadas foi possível compreender a existência de dois nichos diferentes de tratamento educacional conferido ao Joel, quando comparado com os irmãos, a saber, aquele ligado à mãe Carolina e outro ligado ao pai Marcos.

Como foi dito anteriormente Carolina casou-se novamente e ele trazia de outro relacionamento um filho com 3 anos a menos do que Joel. Através dos materiais coletados e dos acompanhamentos realizados foi possível perceber que o tratamento escolar conferido aos dois filhos, no caso, Joel e o seu irmão não era significativamente diferente. Na época da entrevista e dos contatos com essa parte do núcleo familiar dos Moreira (ano de 2014) os dois meninos estudavam em escolas públicas da Barra da Tijuca. Joel estudava numa escola estadual e seu irmão numa escola municipal,<sup>194</sup> que foram escolhidas por Carolina através de uma pesquisa prévia acerca das condições e estruturas oferecidas pelas instituições. Dessa forma, fica explícito o engajamento e a preocupação dessa parte da familiar em direcionar oportunidades e estímulos semelhantes aos dois meninos da família.

As cobranças sobre os resultados escolares e o tempo dedicado ao estudo também não possuíam diferenças visíveis entre os dois irmãos. Como foi mencionado por Joel, tanto sua mãe quanto seu padrasto constantemente cobravam os deveres de casa, e sentavam com ambos os meninos para desenvolvê-los ao longo da noite. A noção de que o tratamento entre os dois é semelhante, parte tanto de Joel quanto da mãe Carolina.

---

<sup>193</sup> Conversa registrada entre os parentes durante um jogo de futebol. Parte integrante do diário de campo do dia 27 de novembro de 2016

<sup>194</sup> Carolina gostaria de ter matriculado os filhos numa mesma escola. Contudo, Joel já estava no ensino médio e o irmão menor ainda se encontrava no ensino fundamental. No caso do município do Rio de Janeiro os segmentos fundamental e médio são responsabilidades exclusivas respectivamente do município e do Estado do Rio de Janeiro. Logo seria impossível conseguir matricular os dois na mesma escola.

**E:** Você vê alguma diferença de tratamento entre você e o seu irmão em casa?

**Joel:** Olha, não vejo não. Aqui na casa da minha mãe as coisas são bem divididinhas. Tanto em cobrança quanto no que a gente ganha deles. Eles sempre ficaram muito em cima de nós dois, especialmente com essa coisa de estudos. E sempre que eu ganho um presente ou alguma coisa ele também ganha.<sup>195</sup>

**Carolina:** Nós tentamos não tratar nossos filhos diferentes, mesmo que o irmão de Joel não seja meu filho de sangue e o Joel não seja o filho de sangue do Adalto. Tudo que um tem o outro tem também e tudo que um é cobrado, o outro é cobrado também. A gente não quer ficar mimando um e não o outro porque achamos que isso é muito ruim para todos. Cria uma rivalidade muito ruim dentro de casa. Um “tititi” e ciuminho. Por isso, é tudo feito as claras mesmo e de forma igual.<sup>196</sup>

As falas apontam para um tratamento sensivelmente semelhante, que através do contato prolongado com a família não pôde ser confrontado e desconstruído. Na casa dos Moreira na Barra da Tijuca, o apartamento possuía 3 quartos e cada irmão tinha seu próprio dormitório, sem que fosse verificada nenhuma diferença clara de tamanho, mobiliário, eletrônicos ou conservação na constituição de um ou de outro cômodo. Os dois jovens também vestiam basicamente marcas de roupas parecidas que eram escolhidas ao gosto dos pedidos realizados pelos dois irmãos. Até mesmo a mesada dada aos dois era semelhante, sendo que o menor ganhava um pouco mais do que o Joel, pois esse possuía uma ajuda de custo do clube que possibilitava o sustento das suas necessidades de consumo básicas.

A convivência com esse núcleo da família Moreira não permitiu destacar diferenças significativas no tratamento conferido aos irmãos dentro da frátria. No entanto, o mesmo não pode ser dito ao analisar o relacionamento de Joel com a parte da família Moreira que ficou no Rio de Janeiro, mais especificamente no contato estreito estabelecido com seu pai e o novo núcleo familiar que ele constituiu.

Marcos, o pai de Joel, acabou se casando novamente após a separação com Carolina em 2005. Desse novo relacionamento, nasceram 2 filhos, sendo um menino em 2006 e uma menina em 2010. Com isso, em 2015 quando começaram o trabalho de campo, Joel tinha 17 anos, o irmão mais novo por parte de pai tinha 9anos e a irmã menor possuía 5 anos de idade.

O convívio mais próximo com essa parte da família Moreira permitiu a percepção de certas diferenciações, algumas sutis, outras não, no tratamento conferido aos irmãos dentro da frátria. Numa das visitas realizadas na casa de Marcos em Nova Iguaçu, onde mora com a

---

<sup>195</sup>Entrevista com Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 04/10/2016.

<sup>196</sup>Entrevista com Carolina, mãe de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 13/10/2015

nova esposa desde 2010 e os dois outros filhos, foi possível ver que Joel possui um quarto somente para ele, mesmo ele indo lá somente em alguns finais de semana.

A casa possui no total três dormitórios, sendo um para o pai e a madrasta, um para Joel e o outro é dividido pelos outros dois irmãos. Essa divisão é um tanto curiosa, já que o rapaz fica pouco tempo naquela residência e diante disso, poderia dividi-la nos poucos dias em que está lá com o irmão do meio. A situação é mais estranha, quando compreendemos que o quarto de Joel é maior do que aquele dividido pelos dois irmãos menores dele. Essa divisão dos quartos foi alvo de um pergunta para Marcos que respondeu da seguinte forma:

**E:** Vi que o Joel tem um quartinho só para ele aqui. Mas ele só vem no final de semana né? Como funciona isso?

**Marcos:** O Joel tem esse quarto aí desde que nós viemos morar aqui. Quando a gente se mudou, a menorzinha ainda não tinha nascido e decidimos que ela ia ficar no meu quarto pela questão de tomar conta melhor. Quando ela cresceu nós acabamos colocando ela para dormir com o irmão do Joel para não tirar a privacidade. Ele já é um rapaz, menino grande, por isso, não tem porque ficar dividindo quarto com irmão né.

**E:** É. Mas ele vem pouco aqui não vêm?

**Marcos:** É ele vem só em alguns finais de semana, depois dos jogos de sábado de manhã. Ah também vem alguns feriados. Mas quando ele vem, ele está cansado com a rotina de treinos e jogos dele. Joelzinho quer paz, um lugar tranquilo para descansar, para relaxar e o quarto dele é o refúgio que ele tem. Ele rala muito lá no [nome do clube] para e ainda colocá-lo para dividir um quarto com algum irmão no final de semana.<sup>197</sup>

A fala de Marcos evidencia que a escolha inicial pela divisão dos quartos dos filhos não estava motivada por um objetivo claro de diferenciação ou privilégio entre os irmãos, haja visto que em 2010 cada um tinha o seu quarto. Contudo, a vinda de uma nova filha e a continuidade de Joel com um quarto somente para ele enquanto seus dois irmãos dividem um outro quarto evidencia que a manutenção dessa configuração se coloca como um privilégio dado ao filho frente aos outros. A justificativa para essa situação não é verbalizada pela família como uma consequência direta da condição do filho mais velho enquanto um atleta. No entanto, pela construção do discurso de Marcos é possível identificar que a condição de atleta influencia na decisão de manter aquele quarto somente para ele.

Além do quarto, outros elementos também supõem um tratamento diferente entre os filhos no que tange aos recursos materiais dentro da unidade doméstica. Marcos e a madrasta de Joel procuram presentear os 3 filhos de maneira similar como pôde ser verificado ao longo

---

<sup>197</sup>Conversa informal com Marcos realizada em julho de 2016. Parte integrante do diário de campo do dia 14 de julho de 2016

da pesquisa nos aniversários deles. Normalmente os 3 ganharam sempre aquilo que pediram, desde que isso não ultrapasse o limite financeiro da família, que cabe ressaltar não era alto. No entanto, Marcos comumente agraciava o filho Joel com presente mais frequente, principalmente como forma de premiação pelos seus resultados no futebol.

Por pelo menos 6 vezes durante o acompanhamento da família, Marcos presenteou Joel com produtos eletrônicos, materiais esportivos ou roupas de marca, após conquistas e sucessos expressivos do rapaz no campo futebolístico. Foi assim quando ocorreu a assinatura do seu primeiro contrato profissional, no qual Marcos presenteou Joel com um telefone de última geração com valor acima de R\$ 2.000,00. A distribuição de presentes, e consequentemente de recursos obtidos pela família deságuam com alguma prioridade para Joel, Nesse mesmo tempo de acompanhamento, os irmãos de filho atleta não ganharam os presentes com a mesma frequência e nem com os mesmos custos.<sup>198</sup>

Para além dos presentes e da posse de um espaço privilegiado dentro da habitação dos pais, havia também um tratamento diferenciado com relação ao distribuição de tempo dedicado aos filhos nesse espaço familiar. Marcos passava relativamente mais tempo com Joel do que com os outros dois filhos. Como mencionado, o pai acompanhava muitos jogos e treinos do filho ao longo dos dias da semana e chegou a readequar seu turno de trabalho para a noite com o intuito de criar disponibilidade de tempo para acompanhar o desenvolvimento e as necessidades esportivas de Joel. Em momento algum foi dito que essa mudança estava atrelada a uma necessidade de conviver mais com os outros filhos ou com a família em si, mas sim com a atividade esportiva de Joel.

Na verdade com a mudança de horários do trabalho de Marcos, foi possível perceber que a interação com os outros filhos diminuiu, e os horários deles não se encaixavam mais. Quando os filhos estavam em casa, normalmente o pai estava descansando do trabalho noturno, ou estava no trabalho. Isso foi dito pela madrasta de Joel durante uma conversa informal na casa deles.

**E:** Como tem sido para você essa mudança do trabalho do Marcos?

**Madrasta:** [...] Eu ainda estou me acostumando. É tudo muito novo. Ele antes trabalhava 4 dias na semana e tudo naquele horário certinho de 8:00 horas as 17:00 horas. Mas agora mudou bastante. Ele continua trabalhando esses 4 dias, mas durante a noite. Ele entra as 21:00 horas e sai as 6:00 horas. Isso tem virado um pouco a casa de ponta cabeça, porque eu não posso contar mais tanto com ele para me ajudar nas coisas

---

<sup>198</sup> Cabe ressaltar que a entrega desses presentes não era feita próxima dos outros irmãos. Geralmente aconteciam quando o pai encontrava com o filho no clube e em dias de treinos ou jogos em que os irmãos não poderiam estar. Mesmo que Joel aparecesse em casa com esses novos objetos e os irmãos pudessem supor que eles eram presentes do pai, o ato de não entregar na frente dos outros filhos poderia significar para Marcos um tentativa de não mostrar diferenças de tratamento.



aqui de casa. Ele chega em casa umas 7:00 e vai dormir e acorda lá para de tarde. Ai que eu posso começar a contar com ele. Em alguns dias da semana que tem jogo do Joel ele sai do trabalho e vai direto lá para acompanhar. Nesse dia, nunca é certo que vou conseguir alguma coisa com ele.

Os horários com os outros irmãos de Joel também ficaram um pouco desencontrados, porque durante a noite quando todos estão em casa é justamente quando ele não está. Na parte da manhã as crianças estão na escola e a tarde o menino do meio faz curso de inglês e a menorzinha está dormindo quando volta da escola. O convívio diminuiu um pouco, mas eu entendo que é por causa dessa correria do dia-a-dia.<sup>199</sup>

A fala da madrasta evidencia uma reorganização do tempo e das rotinas dentro da casa dos Moreira que acarretaram para alguns filhos a compressão do tempo com o pai, enquanto que para Joel houve uma expansão desse tempo de convivência. Na verdade, a estratégia de mudança de turno de trabalho objetivava justamente alargar esse período de convivência com o filho atleta. Levando em consideração que investimento de tempo também implica numa demonstração de tratamento diferenciado e desigual entre os indivíduos, podemos corroborar que esse núcleo da família Moreira possui um tratamento diferenciado entre as frátrias com um privilégio para Joel o filho atleta.

No que tange a educação também pode ser verificada uma diferença de orientação entre os filhos dentro da frátria, com direcionamentos bem específicos para alguns quando comparados com outros. Como dito anteriormente, o acompanhamento escolar dado à Joel era um tanto quanto incipiente, pois o pai não sabia onde o filho estudava, não sabiam como iam seus resultados na escola, não acompanhava as lições e deveres dele e tampouco ficou descontente ou surpreso com a reprovação do rapaz ao final de 2016.

A postura poderia significar que esse núcleo da família Moreira não possui uma valorização da escolarização como elemento significativo em sua realidade. Contudo, o tratamento educacional dado aos dois filhos menores evidencia que os pais possuem sim algum engajamento nas rotinas escolares dos filhos que não desempenha atividade esportiva.

Os dois se encontram matriculados em escolas particulares de pequeno porte em Nova Iguaçu. A escolha por esses estabelecimentos de ensino foi elencada pela possibilidade, segundo a mãe, de dar melhor qualidade de estudo para os filhos, visto que as escolas públicas da região não eram muito boas. Além disso, durante o acompanhamento da família Moreira foi possível perceber que a madrasta de Joel e o próprio pai de Joel sempre que podia ou estava em casa, procurava dar uma olhada nas notas e nos deveres dos filhos menores em

---

<sup>199</sup>Conversa informal com a madrasta de Joel realizada em novembro de 2016. Parte integrante do diário de campo do dia 27 de novembro de 2016

casa.<sup>200</sup> Juntamente com a cobrança realizada por ele sobre as rotinas escolares dos dois filhos menores, também eram incentivadas atividades extraclasse. Dessa forma, o filho do meio fazia um curso de inglês numa pequena instituição próxima da casa deles.

A participação dos pais na escola também era significativa, apesar da figura materna ter sido observada com maior frequência nessas situações. Em dias de reuniões de pais e convocações as escolas normalmente era a mãe que ia resolver os problemas. No entanto, comumente Marcos também frequentava a escola quando se tratava de eventos comemorativos ligados ao dia dos pais, das mães, festas de natal ou dia das crianças.

O engajamento maior de Marcos e da madrasta de Joel na vida escolar dos dois filhos menores quando comparados com aquele tratamento dado à Joel, evidencia que entre os filhos desse núcleo da família Moreira existem diferentes formas de lidar com as trajetórias escolares dos filhos e consequentemente diferentes formas de cobrá-los e criar estratégias de ação para suas rotinas escolares. Essa diferenciação segundo a pesquisa parte da relação direta com a estruturação de um projeto familiar futebolístico. Ao filho que é investido nesse projeto, são flexibilizadas e suavizadas todas rotinas escolares em benefício da dedicação prioritária ao esporte. Mais do que isso, é possível identificar que a estruturação do próprio lar gira em torno do atleta, principalmente para atender suas necessidades em prol da profissionalização no esporte. A trajetória dos Moreira evidencia um projeto familiar futebolístico, que mesmo não sendo coeso entre todos os indivíduos dentro da família, nos permite identificar traços e marcas de um superinvestimento no futebol por parte de alguns parentes.

### **3.3 – Trajetória da família Almeida<sup>201</sup>**

A família Almeida é proveniente de Minas Gerais, mais especificamente da capital Belo Horizonte. O jovem atleta chama-se Diego, nasceu em 2001, e atualmente com 16 anos de idade integra a categoria sub-17 do [nome do clube] na posição de volante. Diego é filho de Marta e Roberto, tendo também como irmão mais velho Miguel (nascido em 1999).

A entrada de Diego no futebol ocorreu de forma precoce, quando ele ainda possuía 7 anos de idade e morava em Belo Horizonte com os pais. A conexão do menino com o campo futebolístico deve ser entendida em um contexto familiar mais abrangente e pontuada por diversas formas de estímulos convergentes, no qual tanto o pai Roberto, quanto o tio

---

<sup>200</sup> A menina ainda estava na educação infantil, mas o pai sempre gostava de ver os desenhos e trabalhos que ela trazia da escola para casa. O pai sempre perguntava também como tinha sido o dia dela na escola.

<sup>201</sup> O nome da família e dos indivíduos inseridos nela são fictícios.

Mauro (irmão do pai) desempenhavam um papel central de inserção e socialização do jovem atleta.

O pai de Diego desde cedo foi um entusiasta das atividades esportivas e praticante delas. Roberto é professor de Educação física, graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e em Belo Horizonte lecionava em escolas particulares e públicas de ensino básico. A trajetória de vida de Roberto se confunde um pouco com o amor pelo desenvolvimento de atividades físicas e esportivas. Durante a infância e a adolescência ele foi atleta amador de futsal em clubes da capital mineira, tais como Minas Tênis Clube e Clube Recreativo Mineiro. O interesse pelas atividades físicas foi considerada por ele como um dos motivos para seguir a carreira de educação física como revela nesse trecho:

**Roberto:** [...] eu desde pequeno gostava de atividade física, de esporte. De trabalhar com o corpo, de exercitá-lo. Criança ainda, eu já praticava esportes. Jogava futsal lá no recreativo e joguei no Minas também. Não era nada sério, mas eu gostava muito. Ai eu cresci com isso de querer fazer algo ligado ao esporte e fui fazer educação física. Integrei na faculdade algumas daquelas equipes de competições entre faculdades que tinham na época. E olha eu jogava bem. Hoje nem pratico mais esportes nesse quantidade não. Só aquela peladinha de final de semana mesmo.

**E:** E você incentivava os seus filhos a praticarem esportes?

**Roberto:** Eu procuro sempre incentivá-los a fazer esportes por uma questão de saúde mesmo. É importante para não ficar sedentário. Ainda mais essa geração que é a geração do celular e do videogame.<sup>202</sup>

A fala de Roberto revela um gosto e um envolvimento pela prática esportiva que começaram na infância enquanto um divertimento e que acabou se transformando posteriormente em profissão enquanto educador físico e professor. Também é ressaltado que essa conexão com as práticas esportivas é encorajada por ele sobre as rotinas dos seus 2 filhos como uma atividade positiva. Essa adesão ao campo e a internalização de suas práticas são questões que ele leva consigo no seu dia-a-dia tal e que acabam, por exemplo, influenciando no incentivo esportivo aos seus filhos.

Dentro dessa conexão com o campo esportivo, Roberto possui também é um torcedor fanático do Cruzeiro. Ele revela que desde pequeno seu pai o levava ao estádio para ver os jogos, o presenteava com as camisas do time. Além disso, colecionava todo tipo de material ligado ao clube, desde álbuns de figurinhas, até ingressos de jogos. Essa paixão pelo Cruzeiro ele procurou levar também para os 2 filhos, fazendo exatamente aquilo que seu pai havia feito com ele, ou seja, levando-os aos jogos, “apresentando-lhes” os ídolos, dando materiais do clube e contando histórias sobre grande façanhas da equipe.

<sup>202</sup>Entrevista com Roberto, pai de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 11/04/2016

Roberto disse que desde muito pequenos, antes dos 2 anos de idade, ele levava seus filhos ao estádio de futebol. Para isso, disse contar com a ajuda do irmão que era membro de uma das torcidas organizadas do Cruzeiro e, por isso, possuía conhecimentos e estratégias para levar os sobrinhos em segurança para o estádio sem nenhum problema.

O papel do tio Mauro nessa inserção precoce no campo futebolístico também é importante, pois sempre que o pai não podia levar os meninos nos eventos do clube de futebol, quem o fazia era ele. Mauro chegou a levar Diego na apresentação de jogadores na toca da Raposa e a alguns treinos fechados que só as torcidas organizadas tinham acesso.

A configuração explicitada permite compreender que desde pequeno Diego foi inserido pelo pai e pelo tio em um contexto esportivizado, mais especificamente futebolístico. Foi socializado em espaços futebolísticos como o clube, o estádio, a arquibancada. Dessa socialização, aprendeu a enxergar no futebol uma forma de linguagem, de comunicação e de expressão corporal. Conheceu de perto alguns ídolos do clube e provavelmente começou a cultuá-los, a e enxergar neles um exemplo, um ponto norteador.

No entanto, esse tipo de socialização, no qual os familiares aficionados por futebol introduzem um jovem no campo futebolístico também como torcedor apaixonado não significa necessariamente a entrada desses no campo futebolístico como aspirante a jogador e nem uma aspiração dele para tal. Na verdade, num país como o Brasil, no qual o futebol é uma linguagem social e mimética das situações cotidianas do país, esse tipo de socialização é comum, mas não leva os indivíduos necessariamente a se tornarem atletas.

A entrada precoce dos jovens no campo futebolístico enquanto aspirantes a atletas profissionais comumente ocorre através da percepção de algum indivíduo de dentro desse campo, que observa naquele jovem a posse de determinadas disposições físicas, táticas ou atitudinais consideradas como capitais valorizados dentro daquele campo. Desse modo, a inserção do jovem no campo futebolístico pode ser uma vontade da família, mas ela só se materializa em realidade se houver esse indivíduo, que ratifique os capitais futebolísticos.

No caso de Diego, a entrada no campo futebolístico como aspirante a jogador ocorreu através da observação de Maicon, um empresário e amigo da família, que por seguidas vezes viu o menino jogando bola no condomínio em que Diego morava e considerou que sua habilidade se destacava.

Maicon era amigo de Roberto desde os tempos da escola. Os dois haviam feito juntos o ensino médio e após a escola cada uma seguiu o seu caminho. Pelo que Maicon contou durante a pesquisa de campo, durante a juventude ele conheceu alguns dirigentes de clubes pequenos de Minas Gerais e começou a levar alguns garotos que conhecia para fazer

peneiras nesses clubes. Segundo ele com o tempo a atividade e as conexões foram aumentando e hoje ele agencia cerca de 50 meninos em vários clubes de Minas Gerais, inclusive no Cruzeiro, Atlético-MG e América-MG.

A relação entre Roberto e Maicon sempre foi muito próxima, com ambos visitando as casas um dos outros e as famílias mantendo um contato próximo. Por algumas vezes os contatos desenvolvidos por Maicon dentro do Cruzeiro permitiram que Roberto, Diego, Mauro e Miguel pudesse assistir alguns jogos em cadeiras especiais ou visitar as dependências do centro de treinamento do clube. Isso mostra que a família Almeida possuía com Maicon um contato estreito e esse possuía conexões fortes com os clubes do estado de Minas Gerais.

Com essas inserções no campo futebolístico local, Maicon propôs a família Almeida levar Diego para treinar no América-MG. Na época o menino tinha 7 anos de idade e ainda não poderia integrar nenhuma categoria de base, pois a idade mínima para isso eram 9 anos de idade. Por isso, ele propôs que os pais matriculassem o filho a pedido dele na escolinha de futebol dentro do América-MG, pois ele mesmo (Maicon) faria o acompanhamento do jovem durante esses dois anos. Tanto o pai quanto a mãe não se opuseram a situação, sendo que Roberto se mostrou especialmente entusiasmado por ter o filho praticando uma atividade física e ainda por cima num tradicional clube de futebol da região.

Diego ficou treinando apenas um ano (2008) na escolinha de futebol do América-MG. Naquele ano, o menino se destacou bastante na escolinha e com a ajuda de Maicon dentro do América, foi dada a oportunidade dele integrar pela primeira vez as categorias de base do clube, mesmo com 1 ano a menos que todos os meninos daquela categoria. Naquele ano de 2009, Roberto e Maicon firmaram um acordo que estabeleceu que o amigo da família seria o responsável por cuidar do menino dentro do clube e responder pelos seus interesses e direitos na instituição. Mesmo que informalmente pode-se perceber que estavam sendo lançadas as bases para um agenciamento de Maicon sobre Diego, mesmo de maneira informal.

Diego permaneceu no América-MG entre o ano de 2009 e meados de 2013. Durante esse período disputou inúmeros campeonatos, e se destacou como volante em muitos deles. Era visto pelos treinadores e por Maicon como um jogador com boa saída de bola, mas também com uma marcação precisa e ágil. Por diversas vezes Maicon comentou que Diego

era um volante moderno<sup>203</sup>. A ida para alguns outros clubes de Minas Gerais como o Atlético-MG e o Vila Nova chegaram a ser ventiladas por meio de convites, mas não se desenvolveram.

A mudança de clube se iniciou durante um campeonato realizado no Rio Grande do Sul, quando ele acabou se destacando na competição. Numa das fases do campeonato ele enfrentou a equipe do [nome do clube] e fez uma excelente partida, despertando o interesse de um dos olheiros desse clube. Após algumas semanas, um desses funcionários foi até o América-MG procurar o rapaz e fez uma proposta para que ele se transferisse para o [nome do clube] com a oferta de treinar nas categorias de base do clube e ainda receber uma ajuda de custo para isso no Rio de Janeiro.

A oferta foi levada por Maicon para a família Almeida e a decisão segundo membros os parentes demorou a ser dada, visto o impacto que aquela proposta causaria na vida do familiares. O núcleo familiar estava todo fincado em Belo Horizonte, pois pai possuía emprego na cidade, os filhos estavam matriculados em escolas particulares da cidade e todos os parentes estavam na capital mineira.

Inicialmente a mãe se opôs a mudança alegando que aquilo era somente futebol como mostra o relato.

**Marta:** [...] No início eu fui completamente contra essa ideia de mudança. Imagina, sair de BH onde nós moramos a vida toda, onde estava a minha família e a dele, por causa de uma loucura de futebol. Diego jogava no América-MG, mas eu sempre achei que era mais para um divertimento do que para uma coisa séria. Roberto, Mauro e Maicon sempre levaram a coisa mais a sério. Iam a jogo final de semana, aos campeonatos fora da cidade. Eles apostavam nisso mesmo. E aí quando veio essa proposta eu fiquei muito incomodada. Um pouco tensa né, porque não sabia o que esperar.<sup>204</sup>

**Roberto:** Quando veio essa proposta e fiquei surpreso. Sempre gostei da ideia do Diego fazer um esporte, de jogar bola. Achava muito legal a ideia dele poder se tornar um jogador de futebol, afinal quando eu era pequeno eu jogava futsal e na faculdade eu também competi em equipes. Achava que ele podia virar jogador, mas nunca pensei que ele pudesse ter que sair da cidade para isso. E aí tivemos que pensar muito nisso. No fim acho que acabou prevalecendo a vontade dele. Ele queria seguir essa carreira e talvez ali no América-MG nada demais iria surgir. Fora que esse no [nome do clube] nós sabemos que existe um padrão de excelência, e muita visibilidade dos meios de comunicação. Se fosse para virar jogador essa era a oportunidade.<sup>205</sup>

<sup>203</sup> Dentro do campo futebolístico a noção de “volante moderno” significa aquele jogador da posição que possui uma boa marcação, uma boa cobertura de espaços, mas também consegue sair jogando com a bola no pé e dando passes de qualidade e que coloquem o companheiro de equipe em uma boa posição para desenvolver a jogada.

<sup>204</sup>Entrevista com Marta, mãe de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 20/05/2016

<sup>205</sup>Entrevista com Roberto, pai de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 11/04/2016

**Maicon:** A oportunidade de vir para o [nome do clube] ia mudar o Diego de patamar. Ainda mais porque eu não conhecia ninguém lá no [nome do clube]. Eu costurei o acordo, mas quem procurou foram eles. Eu não ofereci nada, logo eles estão muito interessados no dieguinho.<sup>206</sup>

**Sebastião e Mônica:** Nós achamos isso uma loucura. Largar tudo por causa de futebol? Onde já se viu. Mas é aquela coisa. Se é a vontade do menino e os pais vão embarcar nessa, nós vamos ajudar no que for preciso. Afinal somos todos família né?! E família tem que se ajudar.<sup>207</sup>

A proposta do [nome do clube] significou para a família Almeida um importante ponto de ruptura na sua vida, pois acabou trazendo com ela um processo de migração de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro em meados de 2013. Essa migração pode ser vista como o momento em que o projeto futebolístico da família Almeida se cristaliza, ou seja, a partir daqui a família se mobiliza em torno de estratégias e ações que visam principalmente tornar Diego um jogador de futebol.

Antes da proposta do clube, a permanência no América-MG e o desenvolvimento de Diego enquanto aspirante à jogador de futebol, conviviam com outros projetos familiares em torno do jovem, tais como o projeto de escolarização. No caso da família Almeida, a proposta do clube do Rio de Janeiro, e a escolha feita pela família em aceitá-la permite pontuar nesse momento a consolidação de um projeto futebolístico que ainda não vinha se estruturando desde a entrada de Diego no América-MG.

A mudança de estado acabou requisitando esforços de muitas pessoas, entre elas os parentes mais próximos do casal. Dos 3 empregos que possuía em Belo Horizonte, Roberto conseguiu num deles a transferência para a unidade existente no Rio de Janeiro, mas nas outras duas escolas (público e particular) ele pediu demissão. A esposa não possuía emprego em Minas Gerais, pois era do lar.

Num primeiro momento Roberto disse que as coisas ficaram um pouco confusas, pois eles não tinham local para morar, os filhos ainda estavam sem escola para estudar, mas que após 1 mês da mudança as coisas já haviam se encaixado com maior tranquilidade. No Rio de Janeiro eles alugaram um apartamento a aproximadamente 15 km do centro de treinamento do clube, para que Diego pudesse ficar próximo dos treinamentos. No entanto, esse apartamento era distante do local de trabalho de Roberto e conseqüentemente do local de estudo dos 2 meninos (eles estudavam onde o pai lecionava).

<sup>206</sup>Entrevista com Maicon, empresário de Diego. Entrevista realizada em 22/05/2016

<sup>207</sup>Conversa informal com Sebastião e Mônica realizada em setembro de 2016. Parte integrante do diário de campo do dia 01 de setembro de 2016

Roberto revelou que bastante das economias da família foram gastas nos primeiros meses no Rio de Janeiro em questões como mudança, móveis novos necessários ao tamanho menor do apartamento alugado, bem como nos gastos cotidianos que excediam o valor dos ganhos do casal.

**Roberto:**[...] os primeiros meses aqui no Rio de Janeiro foram muito caóticos. Primeiro porque não conhecíamos nada. O clube deu assistência para gente, mas só na questão do futebol mesmo. Horário de treino e uma escola para o Diego caso nos quiséssemos matriculá-lo. Mas assim, o primeiro grande problema foi o dinheiro, porque eu ganhava bem em BH, dava para manter a casa confortavelmente, mas quando vim para cá, deixei dois empregos para trás, inclusive uma matrícula pública. Isso fez a renda cair e precisamos usar durante um tempo o fundo de economias da família. Fora que meu filho estava estudando na escola eu trabalho, os 2 filhos, mas a escola é muito longe de casa. Para o Diego então era percorrer mais de 30 Km do clube até a escola.<sup>208</sup>

Os problemas iniciais evidenciam as consequências sofridas pela família Almeida nesse processo de migração de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro, no caso, reorganização dos estudos dos filhos, reorganização das rotinas da família e uma mobilidade social descendente, visto que o pai perdeu renda e começou a precisar usar as economias da família. Para se estabelecer por completo no Rio de Janeiro, a família Almeida contou ainda com o suporte financeiro de Sebastião e Mônica, tios materno de Diego, que emprestaram dinheiro para Roberto e Marta nos primeiros meses na nova moradia. Além desses, também podemos mencionar a mãe de Marta que ficou aproximadamente 4 meses no Rio de Janeiro para acompanhar a filha e ajudá-la nas necessidades mais básicas como fazer compras ou buscar os filhos na escola. Marta comentou por diversas vezes a importância do suporte da mãe para se estabelecer no Rio.

**E:** Como foi esse mudança para o Rio de Janeiro?

**Marta:** No início foi muito complicado, porque era tudo diferente né. Belo Horizonte é uma cidade grande, mas não é como o Rio de Janeiro. Aqui eu não conhecia ninguém e não sabia como nada funcionava. Precisava fazer tudo sozinha e a minha mãe me ajudou muito nessa questão. Ela foi minha companheira nesses quase 4 meses que ela ficou aqui. Íamos no mercado, na rua para resolver problemas e até mesmo para buscar os meninos na escola. Minha mãe me ajudou muito porque eu também me sentia sozinha aqui. Meus amigos todos tinham ficado em BH.<sup>209</sup>

Marta mostra a importância direta da mãe no suporte dado à família nessa escolha de mudar-se para outro estado brasileiro e reforça o engajamento de alguns membros da família

<sup>208</sup>Entrevista com Roberto, pai de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 11/04/2016

<sup>209</sup>Entrevista com Marta, mãe de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 20/05/2016



para que esse projeto futebolístico familiar pudesse se concretizar. Em especial podemos destacar os tios Sebastião e Mônica que deram apoio financeiro e consentimento as ações da família Almeida. O tio Mauro também pode ser visto como um personagem importante nesse projeto futebolístico familiar, pois desde a entrada do menino no América-MG incentivou o rapaz a se tornar jogador e ajudava levando-o ou buscando-o em alguns treinos e jogos.

Por fim vale destacar a relevância de Maicon no desenvolvimento do projeto futebolístico da família Almeida. Sempre que possível Maicon procurava além de agenciar o rapaz também cuidar do filho de um amigo. Por isso, trouxe a proposta do [nome do clube] explicando antes como amigo e não como empresário as consequências daquelas escolhas<sup>210</sup>. Quando a família optou por aceitar a proposta e se mudar para o Rio de Janeiro, ele se prontificou a ficar 1 mês na cidade para acompanhar pessoalmente os treinamentos do menino enquanto os pais de Diego ainda estavam se estabelecendo na cidade.

Diante do exposto é evidente a construção de uma família futebolística, ou seja, a formação de laços de reciprocidade e parentesco que extrapolam os limites da família nuclear e até mesmo as fronteiras da família consanguínea, como é o caso de Maicon. A mudança para o Rio de Janeiro, talvez tenha sido o momento em que esse circuito de obrigações, trocas e circulação de bens tenha ficado mais explícita em torno da concretização de um projeto futebolístico. Contudo essa organização em volta de Diego de certa forma estava sendo construída desde a época do América-MG quando cada membro da família segundo as suas possibilidades contribuía com aquilo que fosse necessário para ajudá-lo.

O engajamento de alguns parentes no projeto futebolístico não quer dizer necessariamente que todos estejam de acordo com a profissionalização do menino no futebol, ou que considerem que essa deva ser a única atividade a ser seguida por ele. No processo de construção desse projeto futebolístico familiar dentro da família Almeida existem gradações, e opiniões até algum ponto discordantes, como é o caso dos tios Sebastião e Mônica. Eles respeitam as escolhas da família e ajudavam nelas, mas claramente se posicionam como preocupados pela escolha prioritária sobre o futebol.

Essas maneiras de encarar o projeto futebolístico dentro da família Almeida serão importantes para compreendermos mais a frente como foram possíveis as elaborações estratégicas para o desenvolvimento futebolístico de Diego e quais foram as consequências dessas escolhas para a sua conciliação entre o futebol e a escola.

---

<sup>210</sup> A forma como Maicon trouxe a proposta para Diego foi mencionada em diversas conversas informais com membros da família Almeida e em todas as conversas com esses indivíduos, foi reafirmada a maneira muito mais informal e familiar com que a notícia foi trazida, do que meramente como um comunicado profissional de um simples agente esportivo.

Cabe ressaltar que após a instalação da família Almeida no Rio de Janeiro, Diego passou a integrar as categorias de base do [nome do clube] na categoria sub-13. Ainda nessa idade o jovem treinava somente na parte da tarde, todos os dias da semana e jogava partidas do campeonato carioca e alguns campeonatos de natureza nacional. Pelos treinos ocorrerem na parte da tarde, Diego estudava no turno da manhã, assim como seu irmão Miguel.

A chegada a um clube novo não foi apontada pelo pai ou por Diego como algo muito complicado ou diferente daquilo que ele já vinha fazendo no América-MG. A única diferença que ele logo verificou na sua chegada ao clube foi a dificuldade de se enturmar com os novos colegas de time.

**Diego:** [...] a dificuldade quando eu cheguei foi mais fora de campo mesmo. Não conhecia ninguém aqui. Então eu ficava muitas vezes deslocado nas conversas depois do treino. Fora que eu vim de outro lugar né. Não fiz peneira, entrei porque fui visto por um olheiro, então a galera aqui fica naquela entre a inveja, o mistério e a raiva. Entrar assim do nada deixa a galera meio desconfiada. Mas tirando isso, de futebol mesmo, não tive nenhum problema. Jogar bola é jogar bola em qualquer lugar.<sup>211</sup>

**Roberto:** Quando meu filho chegou, já chegou arrebrandando. Nos primeiros treinos eles se destacou bastante. Jogava até com o pessoal de 13 anos que era um ano acima dele. A adaptação não podia ter sido melhor.<sup>212</sup>

O desenvolvimento de Diego no campo foi muito bom, com uma rápida adaptação dele ao padrão de jogo e as ordens táticas do técnico da categoria. Sua maior dificuldade foi com nas relações extracampo com alguns colegas de time. Contudo, essa reação dos outros jovens não é estranha e a própria bibliografia da área evidencia que a chegada de novos atletas aos times normalmente cria certo desconforto aos antigos atletas, pois são muitas vezes vistos como concorrentes diretos que podem tirar sua posição do time ou até mesmo levá-los a saída do centro de treinamento (DAMO, 2007).

Segundo a família, Diego se manteve em destaque durante as temporadas 2014, 2015 e parte da temporada 2016. Nesse período foi titular no time e com uma postura de liderança dentro da equipe junto com outro garoto que jogava na zaga. Nessas quase 3 temporadas ganharam alguns campeonatos e ele se destacou, ganhando até mesmo prêmios no campeonato carioca de 2014 e 2015.

Durante esse momento pelo menos dois empresários de influência nacional vieram até a família Almeida para propor agenciamento à Diego. No entanto, nas duas oportunidades,

---

<sup>211</sup>Entrevista com Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 12/05/2016

<sup>212</sup>Entrevista com Roberto, pai de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 11/04/2016

Roberto negou veementemente argumentando que possuíam empresário e que não estavam dispostos a mudar.

**Roberto:** Tá vendo esse bando de cara ai vestido diferente? Vestido de “bacaninha”? Então... pode ter certeza eu são empresários. Os caras vivem disso, eles estão aqui só observando, analisando. Se aparece algum garoto diferenciado eles vão em cima, fazem proposta. Muitos desses caras aqui dão o mundo para os meninos. É bola, é chuteira, roupa, levam no parque de diversão e pagam até passagem. O negócio deles é seduzir pais e os meninos. Tentam criar um laço, que eu acho artificial. Um deles, o.... aquele “famosão”... Uram, Eduardo Uram. Foi ele um dos que veio conversar comigo depois das boas temporadas do Diego. Mas eu não tenho como abandonar o Maicon. O cara cresceu comigo, ele descobriu o meu filho pro futebol, sempre organizou a vida dele aqui e lá no América-MG. O cara frequenta minha casa, saiu de Minas por 1 mês para tomar conta da carreira do meu filho aqui e eu vou agora dar um chute na bunda dele? Só se eu fosse muito (palavrão). Não vou fazer isso. O cara é praticamente meu irmão.<sup>213</sup>

A conversa com Roberto revela que propostas de outros empresários apareceram, mas as relações de reciprocidade e gratidão falaram mais alto do que as ofertas financeiras. Romper com um laço de respeito e solidariedade construídos fora do futebol e trazidos para esse espaço através da confiança e do respeito iam contra aquilo que ele acreditava. Desse modo, Maicon enquanto um membro da família futebolística de Diego, não poderia ser excluído dessa forma do projeto familiar.

Do ponto de vista da lógica intrínseca aos pertencimentos familiares e aos processos de distribuição e circulação dos bens advindos da carreira de Diego, a manutenção de Maicon como empresário do atleta possuía total respaldo, e eram encaradas pelos membros da família como a ação certa a ser feita. No entanto, se formos ver pelo ponto de vista meramente utilitarista e no sentido de maximização do campo de possibilidades de Diego, a troca de empresário seria uma escolha racional e até mesmo melhor para a profissionalização do mesmo.

Maicon é um empresário de alcance regional situado principalmente no estado de Minas Gerais e com agenciamento principalmente de meninos em busca da profissionalização. No entanto, sendo agenciado por ele, Diego possui menos possibilidades de recolocação em outro clube porque Maicon se constitui como uma ponte mais fraca do que outros empresários nesse campo futebolístico. No caso de Uram, não precisamos nem comentar que ele se constitui como um empresário com capilaridade nacional e inserções internacionais em países como Portugal, E.U.A e Espanha.

---

<sup>213</sup>Conversa informal com Roberto realizada em abril de 2016. Parte integrante do diário de campo do dia 11 de abril de 2016

Podemos supor que sendo agenciado por empresários com essa capilaridade no campo futebolístico, Diego verificaria um campo de possibilidades mais alargado para se reinserir em outro clube caso não logre sucesso no [nome do clube].

No desenvolvimento do projeto futebolístico familiar dos Almeida, no entanto, essa análise calculista pode até ter sido feita, mas ela foi suplantada pela opção em manter junto a família aqueles elementos que ajudaram a estruturar e desenvolver o projeto futebolístico familiar. Levando em consideração que a família não possui outras conexões no campo futebolístico que não seja por meio de Maicon, talvez essa decisão da família Almeida venha ocasionar consequências para a chegada de Diego aos profissionais.

Essa questão é mencionada porque durante as últimas visitas realizadas no trabalho de campo da pesquisa, a situação de Diego na base do [nome do clube] havia mudado bastante por consequência de uma lesão sofrida no joelho durante um jogo do campeonato carioca de 2016. Numa partida contra o Madureira, após uma pisada em falso, o joelho direito de Diego “girou em torno do eixo” e ele sofreu um lesão de ligamento naquela região que deixou-o fora do resto da temporada de 2016, ou seja, por 4 meses. O prognóstico dos médicos do clube era de que ele só voltaria a jogar uma partida no início de fevereiro de 2017.

A situação da lesão foi um momento muito difícil para Diego e para a família. Nessa situação eles viram uma possibilidade do projeto futebolístico ruir, visto que o clube poderia desligá-lo do centro de treinamento devido a lesão. Os 4 meses de fisioterapia, segundo Diego, exigiram mais comprometimento e atenção do que a rotina comum de treinos. Nesse momento, o pai enquanto professor de educação física procurou ajudá-lo com sessões extras realizadas em casa e sob a sua supervisão.

Numa das visitas de campo realizada na casa da família Almeida em 2016, lembro de chegar a casa deles e ver diversos aparelhos de fisioterapia e o pai de Diego ajudando-o com os exercícios feitos em casa e sob a supervisão dele. Quando perguntei se ele não estava fazendo fisioterapia com um especialista, o pai disse que estava sim, mas que ele conhecia também algo do assunto e estava ajudando com alguns exercícios de fortalecimento muscular.

A volta aos gramados em 2017 vem sendo muito vagarosa e os resultados de Diego não são mais aqueles vistos antes da lesão. O acompanhamento com a família Almeida foi feito até julho de 2017 e nesse momento, Diego subiu para a categoria sub-17 por tudo que havia feito pelo [nome do clube]. Todavia, entre os corredores do clube e em conversas com a assistente social foi possível descobrir que provavelmente o menino seria desligado do clube ao final de 2017, já que a comissão técnica não via condições naquele momento dele atuar novamente em alto nível e existiam outros meninos chegando ao clube com maior

possibilidade de produzirem mais do que ele. Sem saber dessa informação a família ainda alimentava uma esperança de que os impactos da lesão diminuíssem e que Diego pudesse voltar a atuar em alto nível. A confiança, no entanto, contrastava com as atuações de Diego que realmente pelos jogos e treinos acompanhados estava muito abaixo daquilo que ele produzia. Até julho de 2017, o rapaz passou para reserva da equipe e vinha tendo poucas oportunidades mesmo dentro dos treinos da equipe ao longo da semana.

O medo do fim da ainda iniciante carreira de atleta era algo que atingia em maior ou menor proporção a todos dentro da família Almeida. Sem sobra de dúvidas aqueles com maior adesão ao projeto futebolístico eram os indivíduos que demonstravam maior apreensão com aquilo que o futuro poderia trazer para eles. Quando perguntados sobre um fim prematuro da carreira e uma possível chance de fracasso todos seguiram mais ou menos o mesmo caminho.

**E:** E se o futebol não der certo, o que você vai fazer? O que seria o fracasso para você?

**Diego:** Se o futebol não der certo, eu vou tentar outra coisa que dê. Estou estudando e posso seguir outro caminho com faculdade. Posso fazer educação física como meu pai. Mas não gosto nem de pensar nisso. Futebol vai dar certo sim. Eu cheguei longe, tenho um caminho bom se você enxergar lá atrás. Para mim fracasso é não estar no futebol. Claro que estar num clube grande é um sucesso, mas se eu continuar no futebol, mesmo que num clube menor não é fracasso.<sup>214</sup>

**Roberto:** Olha a gente percorreu um caminho muito grande até aqui. Deixamos muita coisa para trás. Se não der certo é até um pecado sabe. Mas eu acredito que seja apenas uma fase ruim. Ele está voltando de lesão. Para mim depois de tudo que ele caminhou, não existe fracasso sabe?! Ele está onde muitos não conseguem nem chegar perto. Se ele ficar pelo caminho, o gosto é amargo, mas fracasso é não conseguir nem entrar para mim.<sup>215</sup>

**Mauro:** Acho que o Diego tem chance de conseguir o que ele quiser, mesmo que ele não avance no futebol. Meu irmão sempre deu para ele muita base, muita estrutura. Ele pode fazer muitas outras coisas pelo caminho da escola mesmo. Olhando para trás não acho que sair do futebol pela situação que ele passou seja um fracasso. Lesão nunca é mole, se jogador profissional todo estabelecido sofre muito com isso, imagina menino em formação?! Acho que fracasso seria se ele não conseguisse avançar na carreira por incapacidade técnica e isso ele já provou que tem.<sup>216</sup>

---

<sup>214</sup>Entrevista com Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 12/05/2016

<sup>215</sup>Entrevista com Roberto, pai de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 11/04/2016

<sup>216</sup>Entrevista com Mauro, tio paterno Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 01/06/2016

O acontecimento da lesão impactou na estruturação do projeto futebolístico familiar. Alguns indivíduos dentro da família futebolística, tais como o próprio pai, começaram a não ter mais tanta certeza na concretização da profissionalização do filho. Nesse sentido, vemos aparecer discursos que antes não eram vistos, tais como uma possibilidade de um investimento prioritário na escola, mesmo que ainda tentando a profissionalização. Além disso, vemos também racionalizações sobre alguma possibilidade de exclusão do centro de treinamento e reflexões sobre o que seria fracasso ou não na trajetória de Diego.

A aparição desses discursos e uma inclinação de investir novamente seu tempo e esforço na escola podem ser vistos como reorientações estratégicas dos indivíduos dentro do jogo social a partir daquele campo de possibilidades que enxergam à sua frente. No caso da família Almeida, os contatos e conexões no campo futebolístico não eram extensos, restringindo-se basicamente ao empresário Maicon. Juntamente com isso, a lesão acompanhada da mudança de categoria fez com que Diego perdesse espaço e prestígio dentro do time e com a comissão técnica do clube. Nesse cenário, pode-se perceber que o campo de possibilidades de Diego e da família Almeida diminuiu sensivelmente e claramente os indivíduos envolvidos nesse processo enxergam isso e também reorganizam suas ações e planejamentos. Isso corrobora a noção defendida diversas vezes nessa tese de que os projetos estão em constante ressignificação e negociação com o campo de possibilidades que lhe são apresentados.

As mudanças de orientação, no entanto, só ocorrem para caminhos e alvos considerados minimamente inteligíveis dentro do campo possibilidades dos indivíduos que formulam esses projetos. Desse modo, a possível reorganização das ações e das estratégias para um reinvestimento na escolarização dialoga com um conjunto de crenças e um campo de possibilidades no qual a educação possui alguma representatividade na vida desses indivíduos.

Para compreender o papel da educação no campo de possibilidades de Diego e seu lugar no projeto futebolístico familiar dos Almeida é necessário compreender a trajetória de escolarização de Diego e do seu irmão Miguel, bem como as representações e estratégias desempenhadas pela família na vida escolar desses filhos.

Os membros da família Almeida possuem um nível de escolaridade alto se considerada a média de escolaridade da população brasileira.<sup>217</sup> O pai de Diego possui ensino superior

---

<sup>217</sup>Conforme o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, a média de anos de estudos no Brasil é de 8,8 anos. Esse média de anos de estudo, coloca a média de escolaridade do brasileiro dentro da faixa de ensino fundamental incompleto, ou seja, aproximadamente 9 anos de estudos.

completo no curso de educação física, enquanto a mãe possui ensino médio completo, desempenhando a atividade de dona de casa. Entre os avós maternos de Diego, o avô possui ensino superior completo<sup>218</sup> e a avó de ensino médio completo, enquanto do lado paterno tanto o avô quanto a avó possuem o ensino superior completo no curso de administração.

Além dos pais e avós, o casal de tios mais próximos (Sebastião e Mônica) possui ensino superior completo, assim como o Mauro, o tio de Diego por parte de pai. Ao observar essa configuração, pode-se perceber que dentro da família Almeida existem diversos exemplos de trajetórias de escolarização pontuadas pelo sucesso. Nesse sentido, muitos desses indivíduos que procuraram chegar até esse nível educacional, possivelmente o fizeram por acreditar que a escolarização é um meio de ascensão social ou uma ferramenta importante de transformação da sua condição de vida. Presume-se isso, porque a entrada e permanência no ensino superior partem entre outras questões da opção do indivíduo em cursar esse nível de ensino, pois não existem obrigações legais para que ele o faça, assim como existem na educação básica.

Diante disso, o nível de escolaridade da família Almeida evidencia um grupo que possui uma relação de proximidade e sucesso com o processo de escolarização. Conseqüentemente, enxerga nessa educação uma possibilidade de ascensão social. Essas características da família Almeida devem ser enxergadas como importantes na estruturação do campo de possibilidade de Diego e da própria família, visto que, constroem uma crença e uma visão de mundo no qual a escolarização surge como elemento exequível e palatável a sua realidade. Diego, em sua rede de relacionamentos, possui diversos indivíduos que ele observa terem alcançado os mais altos níveis de escolaridade, logo para ele torna-se viável a ideia de que também poderá chegar lá.

A preocupação com a vida escolar de Diego e de seu irmão Miguel parece ter estado sempre muito presente nas decisões de Roberto e Marta. Em alguns trechos de conversas informais e também em entrevistas realizadas, as questões ligadas à escolarização apareceram de forma implícita e explícita como mostram os trechos abaixo:

**E:** Qual a sua participação nos deveres escolares e no acompanhamento do Diego na escola?

**Roberto:** Eu procuro sempre acompanhar as tarefas do Diego e também do Miguel na escola. Quero saber os resultados dos dois, como vão as provas e se estão passando de ano. Eu fico em cima deles. Atualmente estou mais em cima do Miguel, porque o Diego está nesse escola do clube e lá a cobrança não é tão forte quanto na escola que o Miguel está.

---

<sup>218</sup> As informações da pesquisa de campo não conseguiram obter com precisão qual o curso feito pelo avô materno de Diego.

Mas eu sempre me preocupei muito com a educação deles, por isso eles sempre estudaram em colégios onde eu dava aula. Claro que tem a questão de não pagar o colégio, o que facilita muito as coisas, mas também tem a questão de eu poder acompanhar de perto o que está acontecendo com eles.<sup>219</sup>

**Marta:**Eu fico bastante em casa, faço tudo aqui em casa Limpo, passo, cozinho, cuido dos meninos. Tudo. Por isso, eu tenho tempo de cobrar as lições deles. Sempre foi assim. O Roberto se preocupa, quer saber, acompanha no colégio, mas no final das contas por eu ter mais tempo sou eu que acompanho mais o que eles fazem da escola em casa. Reunião de pais e evento no colégio geralmente vamos nós dois.<sup>220</sup>

Pelos discursos construídos por Marta e Roberto é possível ver que existe uma preocupação dos dois em torno dos estudos e do acompanhamento da trajetória escolar dos dois filhos. Esse engajamento em torno da escolarização pôde ser visto em algumas visitas à casa da família Almeida. Certa vez cheguei no momento em que Marta verificava os deveres e o material de Miguel. É bem verdade que durante o período da pesquisa de campo, pode ser percebido que o acompanhamento dos pais sobre as rotinas escolares de Diego e a cobrança de resultados sobre ele era sensivelmente menor do que aquela verificada sobre Miguel. No entanto, em diversos momentos ao longo da pesquisa de campo tanto Marta quanto Roberto eram enfáticos em reforçar a educação como um caminho importante para o desenvolvimento dos filhos como mostram alguns desses trechos de conversas registradas no caderno de campo com Marta.

**E:** O Miguel está de castigo?

**Marta:** Tivemos que colocá-lo de castigo sim. Ele foi mal nas provas e tirou nota baixa. Ele vem nessa preguiça tem um tempo. Acho que ele vê que o irmão não está estudando tanto e pensa que não pode estudar também.

**E:** E porque ele acha isso?

**Marta:** Cobramos igual dos dois, mas cobramos mais do Miguel, isso é óbvio, porque ele só faz isso. O Diego tem o futebol também.

**E:** Mas isso já não é uma diferença entre os dois?

**Marta:** Diferença é, mas também não é. Porque para mim e para o Roberto a educação é algo muito importante. Eu só fiz até o ensino médio, ma eu sei que é muito importante estudar. Pai dele fez faculdade e também sabe que estudar é importante Então passamos isso para os dois. Mas cada um tem o seu caminho e procuro mostrar que independente do caminho tem que estudar.

**E:** Mas no caso do Diego ele vai estudar até quando?

<sup>219</sup>Entrevista com Roberto, pai de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 11/04/2016

<sup>220</sup>Entrevista com Marta, mãe de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 20/05/2016



**Marta:** Por mim ele vai até a faculdade, mas também tem que ver esse negócio do futebol. Ele vai até onde der, mas se der faculdade é a boa né.<sup>221</sup>

Quando observamos algumas falas de Roberto percebemos o mesmo movimento em torno da valorização da escola e da escolarização.

**E:** Você acha que o Diego consegue estudar até onde? Com o futebol aí estourando você acha que ele vai até onde?

**Roberto:** Futebol é uma coisa muito extrema. Você vira jogador e fica muito difícil você fazer qualquer outra coisa. Essa parada vai tomando seu tempo e cada vez mais fica difícil.

**E:** Então você acha que o Diego vai ter que parar de estudar?

**Roberto:** Isso nunca. Não há possibilidades dele parar de estudar. Claro que a gente vi fazendo o que pode e na medida em que dá. Eu mudei ele de escola, e coloquei na escola que o clube aconselhou porque me falaram que muitos atletas estudam lá e eles conseguem conciliar. Mas mesmo assim eu cobro ele para fazer as coisas.

**E:** Entendi...

**Roberto:** Nós vamos levando os dois até onde der para continuar. Nosso plano é que ele no mínimo termine o ensino médio e se torne profissional. Se der para fazer uma faculdade vai ser muito bom. Até porque hoje já tem muito jogador que está tentando o ensino superior. É importante para caramba a escola sabe. Sou professor e sei disso. A escola dá um conhecimento muito bom para você se virar em várias coisas. Meu filho não pode ser um jogador que não sabe nem falar.<sup>222</sup>

As entrevistas realizadas com os pais de Diego e as conversas informais coletadas ao longo do trabalho de campo mostraram duas questões importantes dentro da construção do projeto familiar futebolístico dos Almeida e que serão alvo de discussão. Primeiramente é possível notar uma diferenciação de tratamento entre os dois filhos quando o assunto é a escola e as obrigações decorrentes dela. Os dados coletados evidenciam que sobre Diego impactam uma série de flexibilizações e acordos tácitos sobre os quais a cobrança escolar se tornam menores, e o futebol é usado como justificativa. Dessa forma, a condição de atleta de Diego e a existência de uma dupla carreira são explicitamente evocados pelos pais como argumentos para diminuir as cobranças escolares sobre ele.

A flexibilização das rotinas escolares e a secundarização da escola, em detrimento do futebol, pode ser comprovada nas falas da família Almeida que, apesar da valorização da escolarização dos filhos, possui cobranças diferenciadas em relação ao desempenho escolar dos filhos. Diego, por exemplo, saiu de uma escola particular de qualidade<sup>223</sup> e com grande

<sup>221</sup>Conversa informal com Marta realizada em outubro de 2016. Parte integrante do diário de campo do dia 18 de outubro de 2016

<sup>222</sup>Entrevista com Roberto, pai de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 11/04/2016

<sup>223</sup> Diego e Miguel estudavam numa escola religiosa que possuíam sedes em outros estados do Brasil e geralmente estava bem ranqueada nessas classificações feitas através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

cobrança na qual o pai trabalhava e foi matriculado por ele e pela mãe na escola Y, parceira do clube, mas com um nível de cobrança e uma jornada escolar menor.

A justificativa dada pelos pais foi que a cobrança dos treinos, o cansaço dos deslocamentos e os horários das atividades físicas estavam dificultando o desenvolvimento esportivo do filho, mas também os resultados escolares do menino. Por isso, eles buscaram a escola parceira do clube como uma forma de melhorar a conciliação entre a escola e os treinos, causando o mínimo de dano possível a ele. No entanto, a mudança de escola, trouxe consigo outras consequências para a rotina de estudos do rapaz.

**Diego:** [...] ter mudado de escola (da particular para escola Y) me ajudou bastante para eu me dedicar mais nos treinos. Não é que e tenha abandonado a escola, mas agora está muito mais fácil conciliar as duas coisas, porque essa escola me cobra muito menos do que aquela que eu estudava. Por ser atleta do [nome do clube] eles sabem qual é a minha condição, por isso eu tenho mais facilidade para tirarem minhas faltas quando viajo, de remarcarem minhas provas e essas coisas ligadas ao futebol. No outro colégio que eu estudava não tinha essa coisa com atleta. Então a gente precisava ficar contando os dias para ver se não ia ser reprovado por falta e se ia conseguir fazer segunda chamada.

Fora que nessa escola de agora falta muito professor, então muitas vezes eu chego em casa cedo, antes das 16:40. Ai dá para descansar, fazer o que eu quiser, ver uma televisão.

**E:** A sua escola (nova) passa dever de casa com frequência?

**Diego:** Muito difícil passar dever de casa. Só alguns professores e muito de vez em quando. Tem matérias que estou até sem professor.<sup>224</sup>

Como pode ser visto a mudança de escola trouxe consigo a diminuição das cobranças realizadas pela mesma, menor tempo de permanência dentro da instituição de ensino em parte ocasionada pela ausência de professores, mas também pela menor carga horária oferecida pela escola Y quando comparado a escola particular que ele estudava<sup>225</sup>. Isso evidencia uma maior possibilidade de Diego investir na formação futebolística em detrimento de outras atividades, mas sem que seja necessário abandonar essas outras atividades, entre elas a escola. A opção da família em trocar Diego de escola, mas manter o irmão Miguel na escola particular evidencia então uma clara diferença de tratamento dos dois irmãos dentro da fratria. Essa diferenciação permite supor que para os dois irmãos foram construídas estratégias diferentes amparadas pelas trajetórias percorridas por ambos e através da percepção dos campos de possibilidades de cada um. Em Diego, era depositada uma grande crença de diversos

<sup>224</sup>Entrevista com Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 12/05/2016

<sup>225</sup> Na escola pública estadual Y o horário de entrada de Diego era 13:00 e o horário de saída era 17:15. Na escola particular em que ele estudava e seu pai dava aula a hora de entrada era 13:00 e o horário de saída era as 18:20. A diferença de tempo diária entre a jornada das duas escolas era de 1:05. No final da semana a escola particular tinha 5:25h minutos a mais de aula, ou seja, um dia a mais.

indivíduos da família sobre as chances de obter a profissionalização no futebol e conforme seu sucesso foi aumentando no clube, suas chances foram sendo redimensionadas e conseqüentemente os pais acharam que era necessário investir mais na formação esportiva.

O investimento progressivo no futebol foi acompanhado por um paulatino desinvestimento da família na escola e, conseqüentemente, uma secundarização do projeto escolar em detrimento do futebol. Nesse sentido, cabe ressaltar que o desinvestimento da família Almeida na escola não está relacionada com a percepção de uma pequena chance na escola, ou a descrença de que ela seja um caminho válido de ascensão social e exequível de mobilidade. As conquistas e o sucesso de Diego na base do [nome do clube] serviram para reorganizar o projeto familiar futebolístico, dando aos indivíduos inseridos nele a crença de que os campos de possibilidades ligados ao futebol se configuravam como o caminho mais provável frente outros, entre eles a escola.

Diante do esquadramento da trajetória de escolarização de Diego e de Miguel é possível perceber que no passado, ou seja, antes da entrada no [nome do clube] as cobranças, os tratamentos, os investimentos e os projetos escolares sobre os irmãos não diferiam muito entre si. Estudavam na mesma escola, eram acompanhados de perto pelos pais nas lições de casa, bem como seus responsáveis procuravam se engajar sistematicamente no processo de escolarização dos dois. Contudo, à medida que o projeto futebolístico familiar foi avançando sobre Diego, e as crenças nas chances de profissionalização foram sendo consolidadas, os investimentos escolares sobre os dois foram se diferenciando cada vez mais até o ponto descrito anteriormente.

Tanto Diego quanto Miguel foram socializados em espaços escolares desde muito cedo. Ambos foram matriculados na escola em que o pai trabalhava ainda com 3 anos de idade para ficarem na creche e segundo o pai irem se ambientando com a escola. Os dois filhos estudaram na tradicional escola religiosa de Minas Gerais<sup>226</sup> desde os 3 anos de idade até a mudança da família Almeida para o Rio de Janeiro, ou seja, Diego permaneceu na escola do ensino infantil até o 6º ano do ensino fundamental e seu irmão Miguel da creche até o 8º ano do ensino fundamental. A opção dos pais Roberto e Marta pela escola primeiramente se concentrava na possibilidade de não pagar pela instituição, já que Roberto era funcionário da mesma, mas também residia no fato da escola ter um padrão de qualidade considerado pelos pais como “muito bom”.

---

<sup>226</sup> O colégio em Minas Gerais é conhecido por possuir uma proposta humanista, um ensino forte, bom índice de aprovações nos vestibulares e também por ser uma instituição que preza pela disciplina.

Os pais e os tios mais próximos evidenciaram que os meninos sempre foram muito bons na escola, sendo que Diego gostava principalmente de participar dos eventos esportivos como olimpíadas da escola. Miguel foi descrito pelos parentes como um menino que até gostava de praticar esportes, mas que não tinha “aquela intimidade” com a bola.

**E:** Como foi a trajetória escolar dos meninos desde que entraram na escola até hoje?

**Marta:** [...] Eles sempre foram muito bons na escola. Nunca tivemos problema nenhum com eles. Nenhum dos dois reprovou nunca, mas isso também porque eu e o pai dele fazemos um trabalho de ficar em cima. Eu como fico muito em casa, acompanho bastante o que acontece aqui em casa e o pai deles acompanha na escola. [...] Na escola eles são excelentes, os dois, mas porque sempre incentivamos[...].<sup>227</sup>

**Roberto:** [...]Os meninos nunca me deram trabalho na escola. Mas também desde cedo eles aprenderam que a escola é importante. Fora que eu sou professor, então eles sempre viram eu aqui metido com essas coisas de escola. Eu gosto de ler coisas sobre esportes, to sempre com alguma coisa interessante para mostrar para eles. Então eles cresceram curiosos, querem descobrir as coisas. [...] na escola eles sempre foram muito bem. As notas são “o.k” e nunca fui chamado na escola, quer dizer eu sempre estou na escola (risos), mas não eles não foram chamados a atenção por nada sério.<sup>228</sup>

**Mauro:** Os meninos sempre foram muito participativos na escola Cada um a sua maneira. O Diego sempre foi mais do esporte. Ele gostava de praticar muitos esportes e era bom nisso. Deve ter herdado do pai. O Miguel também gostava de esporte, mas ele não tinha aquele “Q”. Um diferencial sabe. Ele joga os esportes, ele gosta de fazer esportes, mas é isso. Não se destaca. O Diego não. O garoto pega para jogar basquete e arrebenta, pega para jogar vôlei e arrebenta. Por isso, ele adorava participar das olimpíadas do colégio. [...] o Miguel e o Diego são ótimos meninos e bons alunos. Todo mundo na família sabe, mas o Miguel se destaca um pouco mais na escola. Nada demais, mas se um é 6/7 o outro é 8/9.<sup>229</sup>

O pai salienta que desde pequeno os filhos foram estimulados a perguntarem e questionarem, ou seja, a buscarem informações. Além disso, as crianças conviveram desde muito cedo com as rotinas e as atividades do pai ligadas à educação. Essa socialização prolongada num sistema de disposições em que o saber é valorizado pode ajudar a entender os resultados e a adesão dos meninos a escola, bem como seus bons resultados.

<sup>227</sup>Entrevista com Marta, mãe de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 20/05/2016

<sup>228</sup>Entrevista com Roberto, pai de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 11/04/2016

<sup>229</sup>Entrevista com Mauro, tio paterno de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 01/06/2016

A literatura sociológica da educação reafirma o papel creditado a família no processo de êxito ou fracasso escolar. Sendo que entre uma das dimensões dessa trajetória escolar temos o papel do *Background* cultural das famílias no processo de desenvolvimento e engajamento escolar dos indivíduos. De acordo com Bourdieu (1983) famílias com altos graus de capitais culturais tendem a transmitir esses capitais aos seus filhos por meio de processos quase naturalizados de socialização primária baseados em repetições involuntárias, convívio, mas também por meio de ensinamentos sistemáticos acerca de valores e comportamentos.

Entre os autores como Nogueira (1995, 1998), Zago (2000), Brandão e Lelis (2003), Setton (2005), Romanelli (2013) e Fialho (2012) é consenso que a escolaridade dos filhos constitui elemento central do projeto educacional de diversas famílias e que as estratégias domésticas e os investimentos parentais, escolarmente rentáveis, são submetidos a um controle diário e sistemático em prol de uma satisfatória performance escolar do filho. Os autores concordam também que as ações parentais têm ainda um caráter preventivo, com o fim de evitar dificuldades futuras que possam comprometer a conquista dos tão almejados certificados escolares. Diante disso, o “investimento familiar é feito, sobretudo com trabalho árduo e dispêndio de energia e tempo, e só secundariamente se traduz em gastos pecuniários (como aulas particulares, por exemplo)” (NOGUEIRA, 1995, p.17). Forte é o movimento de adesão e de dependência das famílias, principalmente das classes médias (caso dos Almeida) e altas em relação ao universo escolar, na medida em que o êxito social tem como determinante o êxito escolar. Apoiados nessa crença, os pais, de forma direta, metódica e incansável administram a escolaridade da prole “como suas próprias carreiras profissionais, com base no modelo do empreendimento capitalista” (ESTABLET, 1987).

No entanto, um ponto chama a atenção e torna-se importante para compreender os motivos pelos quais as trajetórias de Diego e Miguel acabaram se distanciando tanto. Nas entrevistas realizadas fica explícito na fala de Mauro, a percepção de que os indivíduos identificam em Diego algo não explicado para o esporte, uma desenvoltura quase que natural que não é percebida em Miguel. Essa desenvoltura pode ser compreendida como aquilo que Maicon anteriormente havia chamado de talento e que o chamou a atenção para levá-lo ao América-MG para treinar.

A identificação desse talento pode ser visto como um dos elementos responsáveis por inserir Diego no campo futebolístico e não Miguel, mesmo os dois possuindo uma socialização primária no esporte e na escola muito parecidas. Essa identificação do talento por um e não pelo outro e conseqüentemente a entrada de Diego no campo futebolístico para

treinar na base do América-MG iriam alterar irremediavelmente a trajetória de escolarização dos dois filhos.

A guinada no investimento escolar de Diego e, conseqüentemente, a gradativa diferenciação entre os dois irmãos começa a partir da mudança para o Rio de Janeiro e a consolidação do projeto futebolístico, através da compreensão dessa atividade enquanto uma promessa profissional. A mudança para um novo estado ocorreu no meio do ano, e essa situação ocasionou algumas dificuldades para os dois meninos. Mesmo sendo a mesma escola, mas em estados diferentes, ainda sim existiam diferenças de conteúdos, pedagogias e rotinas entre Minas Gerais e Rio de Janeiro. Os pais afirmaram que 2013 foi um ano difícil para todos, em especial para Diego que precisou lidar com uma nova realidade na escola, no clube novo e na vida como um todo. Em 2013 os pais disseram que os dois filhos “passaram raspando”, sendo que Diego precisou fazer recuperação para ser aprovado em algumas disciplinas.

Os pais elencaram alguns motivos para os problemas encarados pela família e pelos filhos na escola, em especial Diego. A residência deles no Rio de Janeiro ficava a aproximadamente 15 km do clube, um trajeto feito no carro da família em mais ou menos 30 minutos. Contudo, a escola dos meninos (local que o pai trabalhava) era a cerca de 30 km da casa deles, ou seja quase 45 km do clube (a casa ficava no meio do caminho entre a escola e o clube). Nessa configuração, os filhos estudavam do turno da manhã, até as 12:20 e depois disso juntamente com o pai que só trabalhava pela manhã iam para o clube sem nem mesmo passar em casa. Diego normalmente comia alguma coisa pelo caminho e o pai o deixava lá geralmente antes das 14:00 quando o treino começava. Depois iam Miguel e o pai para casa. Depois, lá pelas 17:00h o pai voltava ao clube para buscar o menino e os dois iam para casa.

Roberto relatou que a rotina diária de deslocamentos entre a escola, o clube e a residência eram muito cansativos para todos. Além disso, a cobrança por resultados esportivos dentro do novo clube eram muito maiores do que aquele enfrentado no América-MG. A carga horária de treinos eram de 3 horas diárias e não mais 2 horas (acréscimo de 33%), e a intensidade dos treinos eram maiores apesar do menino estar somente na Sub-13. Juntamente com isso, a quantidade de jogos e viagens para competições tornou-se muito maior haja visto o tamanho e a visibilidade do novo clube. No entanto, as cobranças na nova escola também não eram pequenas e a sua situação de atleta não foi considerada pela instituição, no sentido de flexibilizarem as rotinas escolares de Diego, principalmente em períodos de viagem.<sup>230</sup>

---

<sup>230</sup> As viagens para as principais competições já se encontram marcadas no calendário anual dos clubes. Em alguns casos elas ocorrem em outros estados da federação ou até mesmo em outros países. Comumente nessas

No ano de 2014, Diego então com 13 anos de idade chegou ao segundo ano da categoria sub-13. No âmbito esportivo, como foi dito anteriormente a situação dele se consolidou no clube. Contudo, as cobranças da escola e os deslocamentos ainda eram um problema para Diego. Por isso, o pai decidiu diminuir a cobrança sobre o filho na escola e até mesmo fazer vista grossa sobre alguns resultados dele que vinham caindo. Roberto ressalta que as lições não eram cobradas e muitas vezes a família preferia conceder a ele um bom descanso para se recuperar do desgaste físico do que forçar-lhe a estudar.

**Roberto:** [...] Depois que o Diego começou a se destacar aqui no [nome do clube] nós ficamos (ele e a esposa) pensando o que faríamos. Porque a escola estava pegando forte também e ele chegava todo dia muito cansado por tudo que ele fazia. Mas aí é aquela história saímos de Belo Horizonte, mudamos toda a nossa vida e isso foi feito peã chance dele virar jogador de futebol. Não fazia sentido eu chegar para ele e começar a embarreirar ele por causa de outras coisas. A escola é importante também, mas é uma questão de escolha. Não dá para abraçar o mundo. Então o que dá para deixar de lado, nós estamos deixando. Porque no momento o futebol é mais importante mesmo.<sup>231</sup>

Roberto evidencia uma estratégia racional da família em desinvestir na escola tanto quanto possível, sem, no entanto fechar as suas portas, para que possam ser direcionados esforços em benefício do futebol. Esse conjunto de ações aponta para a estruturação de um superinvestimento no futebol, nesse caso, através do direcionamento de tempo e de outras ações que visavam solucionar os problemas de conciliação entre o esporte e a escola. Numa delas a mãe e o pai afirmaram que para que o filho pudesse viajar para uma competição e não tivesse as faltas computadas em como o direito de 2ª chamada da prova, eles conseguiram um atestado médico de caxumba que deu 5 dias em casa para Diego.

O progressivo afastamento entre as trajetórias escolares dos dois filhos e, conseqüentemente, os tratamentos diferenciados dados para Diego no caminho da flexibilização começaram a ser questionados pelo irmão menor e a gerar algum desconforto nos pais Roberto e Marta. Os superinvestimentos no esporte acompanhados dos desinvestimentos escolares começaram a criar alguns ruídos dentro da casa dos Almeida, e isso ficava claro pelas piadas maldosas que o irmão Miguel proferia com alguma regularidade sobre a rotina de estudos do irmão ou sobre a relutância em continuar estudando num ritmo

---

viagens os atletas precisam se ausentar de qualquer outra atividade por no mínimo 1 semana. Há também outras competições que surgem de repente, por meio de convite, e que acabam se tornando mais um momento de ausência em atividades como a escola.

<sup>231</sup>Entrevista com Roberto, pai de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 11/04/2016

intenso e tão diferente do irmão. Esse foi um problema que a família Almeida teve que lidar conforme os investimentos escolares nos dois filhos começaram a ficar tão destoantes. E o fosso sobre esses investimentos ficariam ainda maiores em 2015.

No ano de 2015, Diego completaria 14 anos de idade e, com isso, chegou a categoria sub-15. Essa transição de categoria intensificou ainda mais os investimentos no esporte e definitivamente passou a subverter a rotina e a trajetória escolar em detrimento da rotina e da trajetória esportiva. Um conjunto de fatores contribuiu para isso, tais como a mudança no horário de treinos (do turno da tarde para o turno da manhã), o aumento no tempo e na intensidade dos treinos da categoria sub-13 para a categoria sub-15 e a necessidade de se ausentar mais tempos para viagens. Com isso, os pais de Diego aconselhados pelo empresário e amigo Maicon procuraram uma solução para que as rotinas da escola e dos treinos na atrapalhassem Diego.

A solução encontrada veio segundo Roberto, após uma conversa com os responsáveis pela assistência social, que aconselharam a família a matricular o filho numa das escolas parceiras do clube e que possuíam uma compreensão maior sobre as rotinas dos atletas. Diante do aumento das cobranças sobre o futebol e amparado numa crença cada vez maior na possibilidade de profissionalização no esporte devido a boa temporada feita pelo filho em 2014, tornava-se plausível para a família direcionar mais esforços para o futebol, ou seja, privilegiar as rotinas esportivas.

Diante disso, em 2014 o atleta saiu da escola tradicional que o pai trabalhava e passou a estudar na escola Y. Com isso, Diego conseguiu adequar melhor a sua rotina escolar a rotina esportiva que desempenhava no clube. Treinava na parte da manhã das 8:30h as 12:00h, almoçava no próprio clube e depois ia para a escola Y onde estudava das 13:00h as 17:15h. Ao término dessas atividades normalmente o pai ia buscá-lo na escola ou algumas vezes ele ia de ônibus de volta para casa. As 18:00h Diego estava em casa.

Essa mudança para a escola Y foi encarada por Roberto e Marta como algo benéfico, pois facilitou a rotina esportiva do filho, mas também porque ajudou na adequação de horários da família.

**Roberto:** [...] A mudança de colégio do Diego foi boa sabe. Agora ele consegue fazer tudo pertinho um do outro. Acabou aquela correria de sair de lá de longe e ter que chegar no treino correndo. Fora que com treino de manhã não ia dar para ele continuar na outra escola. Eu teria que ir de manhã para trabalhar e levar o Miguel, depois na hora do almoço voltar pra casa com o mais novo e levar o mais velho, para depois voltar para casa e buscá-lo finalmente as 18:00. Impossível. É muito tempo de caminho até lá e não tem transporte particular daqui de onde moramos



para o bairro do colégio. Seria impossível. Mas agora com a mudança está mais tranquilo.<sup>232</sup>

**Marta:** A vinda do Diego para uma escola mais perto foi bom para ele. Ele está mais descansado, dá para ver no rostinho dele. Chega em casa ainda com ânimo para conversar. É outro menino.<sup>233</sup>

As falas evidenciam uma preocupação da família principalmente com a condição dos deslocamentos, da disposição física e da possibilidade de acomodação das questões escolares dentro da rotina de treinos do filho. A escola Y, como foi dito anteriormente não é uma escola de altos padrões educacionais e padece, no cenário da educação estadual do Rio de Janeiro, daqueles problemas conhecidos e relacionados a estrutura física deficitária, greves, ausência de professores, currículo defasado, violência entre outras questões.

A identificação desse cenário ruim foi salientada pelos tios Sebastião e Mônica que acharam a transferência de Diego para uma escola pública uma decisão drástica diante da trajetória escolar do menino. Roberto afirmou que durante alguns meses esse casal de tios “infernizou” (palavras dele) a vida dele porque não concordavam com a decisão de matriculá-lo na escola pública. Roberto falou também que durante um tempo esses tios se mantiveram até mesmo um pouco afastados por não concordarem com essa atitude.

Os critérios de escolha do estabelecimento de ensino feito pelos pais de Diego saíram dos critérios acadêmicos e migraram para os critérios esportivos, ou seja, aquela instituição que possibilitasse uma melhor conciliação da escolarização com o futebol. No entanto, priorização do projeto futebolístico dentro da família Almeida não significou o abandono por completo das cobranças escolares sobre Diego, mas a secundarização delas frente às tarefas do futebol.

A família Almeida não deixou de frequentar a escola de Diego, quando solicitada pela direção, não deixou de ir aos eventos e as reuniões de pais marcadas pela instituição, mas com certeza pelo que pôde ser observado renegou à um segundo plano toda e qualquer cobrança ligada a deveres de casa, acompanhamento das tarefas da escola ou cobrança de resultados na escola. As ações educacionais preventivas da família Almeida, tais como tomar as lições e cobrar os deveres de casa passaram a se concentrar em Miguel, enquanto sobre Diego instaurou-se um “piloto automático”, um *laissez-faire* educacional que só era alterado caso problemas surgissem na escola. Esses problemas, no entanto não foram verificados durante a permanência de Diego na escola Y

---

<sup>232</sup>Entrevista com Roberto, pai de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 11/04/2016

<sup>233</sup>Entrevista com Marta, mãe de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 20/05/2016

**E:** Como é o Diego aqui na escola? Como são as suas notas e o seu comportamento?

**Diretora escola Y:** O Diego é um menino muito bom. Muito educado e nunca deu problema aqui na escola. Claro que tem aqueles casos comuns de escola. Bateu papo na sala e o professor não gostou e mandou para fora. Mas isso é normal. Ele vem sempre a aula e quando não está aqui é por causa das competições do clube.

**E:** Mas quando ele não vem a escola abona a falta?

**Diretora escola Y:** Se ele vier com o comunicado do clube, tudo direitinho, ai abona falta sim.

**E:** Mas e os resultados dele?

**Diretora escola Y:** As notas dele são boas, coisa ali a casa dos 7 (pontos). Mas ele também parece ter uma família muito bem estruturada. A mãe está sempre aqui quando tem alguma coisa no colégio. Reunião, festa... Ela está sempre aqui. Dá para ver que o menino tem família. Porque nós sabemos que hoje família ta muito estranha, tem uns menino aqui, que nem são do futebol não, mas que a gente percebe que a família não acompanha muito e ai você sabe né?! Não como o resultado ser bom.<sup>234</sup>

As informações dadas pela diretora da escola Y reforçam as observações coletadas no campo de pesquisa de que apesar das ações voltadas para um superinvestimento no futebol e uma priorização do projeto futebolístico, alguns comportamentos e formas de engajamento sobre as rotinas escolares de Diego não foram abandonados por completo, mas sim flexibilizados devido as requisições do futebol.

O superinvestimento no futebol pode ser sentido também por algumas escolhas feitas por Roberto e Marta com o apoio de Maicon durante o ano de 2015. Nesse ano, Roberto começou a procurar outro emprego para ocupar a parte da tarde dos seus dias. Na verdade, analisando as rotinas da família Almeida e conversando com Roberto, foi possível compreender que ele buscava diminuir a carga horária de trabalho na escola tradicional que ficava longe da sua casa e arranjar outro emprego para compensar essa carga horária em alguma escola próxima da sua residência e conseqüentemente próximo do clube. Sua preocupação principal era também poder diminuir o tempo de trabalho na parte da manhã e ocupar sua tarde, justamente para acompanhar melhor a rotina esportiva do filho atleta.

Em meados do ano, Roberto conseguiu uma vaga num curso de médio porte, que localizava-se a aproximadamente 5km da sua casa e 20km do clube. A obtenção desse emprego desencadeou um série de ações que ocasionaram sensíveis mudanças na família Almeida.

---

<sup>234</sup>Entrevista com a diretora da escola Y. Entrevista realizada em 21/11/2016

Primeiramente, a família Almeida experimentou novamente uma queda nos recursos financeiros da casa, pois ao conseguir 2 tardes de emprego nessa escola próxima de casa, ele dispensou 2 manhãs de emprego na escola tradicional em que trabalhava. Roberto revelou que o valor pago na escola tradicional era superior aquele obtido no novo emprego, fato que fez com que a família tivesse que procurar novas formas de compor a renda. Nesse ponto, vemos uma mobilização de Maicon (amigo e empresário) que sabendo do ocorrido resolveu enviar mensalmente de Minas Gerais o valor referente a diferença entre o que ele recebia antes e ao que passou a receber com o novo emprego. Num dos jogos que Maicon veio ver de Diego aqui no Rio de Janeiro ele relevou que:

**Maicon:** [...] Aqui todo mundo é família e estamos no mesmo barco. Eu sou amigo da família e também sou empresário de Diego. O que eu fiz é uma ajuda para um amigo, mas também um investimento. O Roberto fez uma coisa pensando na carreira do Diego e eu to meio que bancando isso. Penso nisso como uma ajuda de custo.<sup>235</sup>

Na fala de Maicon é difícil precisar até que ponto a atitude de financiar uma parte da renda da família Almeida se insere nos laços de reciprocidade e solidariedade na qual Maicon está ligado e qual é a parcela de um interesse meramente profissional em garantir a manutenção do seu agenciado na base do [nome do clube]. Sem poder medir precisamente essas questões, pode-se inferir que algum grau de segurança que independente das motivações de Maicon, sua ação demonstra uma adesão ao projeto futebolístico da família Almeida e o acionamento de estratégias que possibilitem que o projeto possua continuar existindo apesar dos percalços proporcionados pelas escolhas.

As mudanças na grade de aulas de Roberto também impactaram sobre a trajetória de Miguel. Como Roberto não podia levá-lo e buscá-lo todos os dias na escola e não havia transporte particular para levá-lo até a escola, o pai achou melhor transferi-lo da escola tradicional para o curso próximo de casa no segundo semestre de 2015. Para Roberto, o curso era tão bom quanto a escola tradicional, mas com a vantagem de ser próximo de casa, também não custar nada para a família e finalmente por possibilitar ao pai poder ficar mais perto do clube e da rotina esportiva de Diego.

A orientação para mudança de escola de Miguel estava claramente relacionada as rotinas estruturadas em cima do cotidiano de Diego. Desse modo, o projeto futebolístico dos

---

<sup>235</sup>Conversa informal com Maicon realizada em dezembro de 2016. Parte integrante do diário de campo do dia 05 de setembro de 2016

Almeida requisitava de todos algum tipo de esforço e engajamento, mesmo que esse se desse a contragosto como era o caso de Miguel sobre a mudança de escola. Dentro da família Almeida, no entanto, a proporção de poder e a margem de negociação do irmão menor, aquela época com 12 anos, eram muito pequenas frente a um projeto que mobilizava diversos adultos não somente no Rio de Janeiro, quanto em Minas Gerais.

Os acontecimentos de 2015 e de 2016 evidenciam que os superinvestimentos depositados no futebol puderam ser verificados na abdicação do pai em parte da renda familiar ao abandonar parte da carga horária num emprego que pagava bem. Também pode ser verificado na deliberada opção de retirar o filho mais novo de uma escola de alto padrão educacional em prol da acomodação mais racional dos deslocamentos e dos tempos para acompanhar o filho mais velho no futebol. Além disso, o superinvestimento no futebol pode ser identificado na mãe Marta que concordou com tudo isso, vendo nessas ações a oportunidade de aumentar as chances de profissional do filho. Por fim não podemos esquecer que atitude de Maicon em financiar parte da renda familiar dos Almeida também evidencia um superinvestimento no futebol.

Os anos de 2015 e parte de 2016 pareciam mostrar que o projeto futebolístico da família Almeida caminhava com poucas tensões e orientados no superinvestimento a partir de diversas ações elaboradas com a intenção de maximizar as chances de Diego no campo esportivo. Os resultados esportivos entre os anos de 2014, 2015 e parte de 2016 serviam como combustível para aumentar a crença dos familiares no sucesso esportivo e consequentemente orientou mais ações em prol da rotina de treinos.

O que nenhum deles contava era com a lesão de joelho sofrida por Diego em meados do ano de 2016. Como mencionado anteriormente, essa lesão impactou diretamente nos resultados esportivos do atleta e a confiança da família sobre o destino esportivo do menino foi duramente abalado. Dentro da estruturação do projeto futebolístico da família Almeida, aquela lesão e os fracos resultados futebolísticos começaram a reorganizar novamente as ações e estratégias da família em torno da conciliação entre o esporte e escola. Discursos sobre a valorização da escola voltaram a ficar fortes, dúvidas sobre as chances de profissionalização começaram a aparecer e reavaliações sobre os rumos da trajetória educacional de Diego começaram a ser feitos entre o final de 2016 e início de 2017.

Nas últimas visitas de campo feitas na família Almeida, Roberto e Marta começavam a avaliar a possibilidade de matricular Diego novamente numa escola particular, só que dessa vez naquela próxima de casa que o pai trabalhava e o irmão mais novo passou a estudar. Pela saída do contato com o campo não é possível precisar, mas esses elementos davam conta de

que o projeto futebolístico familiar em torno de Diego dava mostra de enfraquecimento e com eles as ações de superinvestimentos no futebol.

Os discursos davam conta de que todos tentariam a profissionalização de Diego até o último fio de possibilidades. Maicon salientou que tentaria manter contatos com conhecidos para inseri-lo em outro clube caso fosse excluído do [nome do clube], todavia, a crença na profissionalização já na estava tão forte quanto tinha sido no período de 2014 a 2016 e nesse processo algumas conjecturas sobre os significados do fracasso e do sucesso surgiam nos discursos dos Almeida. Talvez numa tentativa de racionalizar a trajetória do jovem.

Essas questões corroboram a noção de que os projetos são dinâmicos e dialogam a todo o momento com o campo de possibilidades enxergado pelos indivíduos. Ações, indivíduos, instituições e situações que se integram e interagem com essas pessoas acabam por ressignificar os projetos que vão se alterando ao longo do tempo.

### **3.4 – Trajetória da família Torres<sup>236</sup>**

A família Torres é proveniente da Bahia, mas precisamente da cidade de Salvador. O atleta chama-se Murilo, nasceu no ano de 2001 e atualmente com 16 anos integra a categoria sub-17 do [nome do clube] na posição de zagueiro. Murilo é filho de Elisa e Tomaz, sendo o irmão mais novo de Santiago, nascido em 1997 (filho do mesmo pai e mãe) e Rubens nascido em 1992 (filho por parte de pai).

A inserção do jovem no futebol ocorreu principalmente pela vontade dos pais, mas motivada por razões diferentes. A mãe procurava no futebol um tipo de atividade física que pudesse canalizar a energia do menino considerado por ela desde pequeno como “agoniado” e “elétrico”. Para Elisa o desenvolvimento de uma atividade física seria bom para que o menino ocupasse seu tempo, gastasse sua energia, aprendesse a conviver com outras crianças e também adquirisse noções de respeito e disciplina. Isso foi explicitado por ela durante a entrevista quando disse que:

**Elisa:** [...] O Murilo entrou no futebol pequenininho ainda. Começou a fazer escolinha com 5 anos de idade. Achei importante colocar ele para fazer algum esporte por várias razões. A questão da atividade física em si, porque ele tinha muita energia, para conviver com outros meninos além da escola e também para começar a aprender valores importantes como disciplina e tudo mais. Fora que o esporte é uma boa forma de ocupar a

---

<sup>236</sup> O nome da família e dos indivíduos inseridos nela são fictícios.

cabeça das crianças. Quando fica muito tempo sem ter o que fazer é um perigo, mesmo sendo pequeno.<sup>237</sup>

Elisa evidencia uma percepção muito difundida no senso comum brasileiro sobre esporte e a atividade física enquanto “poço das virtudes”, ou seja, um campo formador do caráter, das boas práticas e da construção do corpo saudável. Essas concepções foram trabalhadas anteriormente aqui e ajudam a corroborar a tese que o esporte e, mais especificamente, o futebol no Brasil se constitui como uma agência formadora, que mesmo que não possua relação direta com a construção dos projetos individuais e familiares de profissionalização, contribui para que esses jovens sejam socializados desde cedo em espaços esportivizados. É difundida em nossa sociedade uma crença muito forte no papel social ocupado pelo esporte e sua prática.

Juntamente com as motivações maternas sobre os benefícios do esporte, havia também um interesse do pai em colocar o filho para treinar numa escolinha desde cedo. Tomaz era um apaixonado torcedor do Bahia que acompanhava muitos jogos do seu clube durante a temporada, assim como outros milhões de homens e mulheres o fazem no país. No entanto, as aspirações de Tomaz iam além do acompanhamento de um torcedor comum. Antes de Murilo nascer, o pai havia tentando profissionalizar um filho no futebol.

Rubens era filho do primeiro casamento de Tomaz, antes de conhecer Elisa. Tanto ela quanto o próprio Tomaz deixam claro que durante muito tempo houve uma tentativa de investimento dele sobre uma possível profissionalização futebolística de Rubens, mas que as coisas não aconteceram da maneira esperada. Tomaz salientou que Rubens começou no futebol muito tarde (14 anos de idade) e que nessa idade ele não teve tantas possibilidades para ingressar nos clubes de futebol. A observação de Tomaz é correta, pois através da análise do campo futebolístico e da dinâmica dos centros de formação percebe-se que os clubes e suas comissões técnicas privilegiam a captação de jovens ainda antes dos 12 anos de idade com vistas a adequá-los as suas filosofias táticas e ao seu modelo de desenvolvimento físico.

Estudos realizados por Damo (2007), Epiphanyo (2002), Klein (2014) evidenciam essa prática de selecionar os mais novos e progressivamente dificultar a entrada dos mais velhos, por meio dos discursos de técnicos e membros da comissão técnica durante as peneiras. Para eles os jovens com idade avançada já possuem um conjunto de comportamentos e “vícios do jogo” que são difíceis de serem alterados. A ideia central que atravessa esses discursos é que os jogadores com idade mais avançada possuem menos possibilidades de serem lapidados, ou

---

<sup>237</sup>Entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 20/10/2015

seja, moldados a própria vontade do clube para se adequarem àquilo que o ele considera como útil.

O caso de Rubens exemplifica essa situação. Sem conhecer ninguém influente dentro do campo futebolístico, sem uma rede social significativa no futebol, e com uma idade considerada avançada para os padrões das categorias de base, o jovem e seu pai viram as possibilidades de ingressarem em grandes clubes por meio de peneiras diminuírem muito. O rapaz tentou peneiras no Bahia, Vitória, Santos, São Paulo e Botafogo sem sucesso. Sua entrada nos centros de formação se deu somente aos 15 anos de idade na base do Vitória da Conquista. Nesse clube ficou até os 18 anos, quando recebeu de um empresário uma proposta para jogar no exterior num clube da Austrália. Voltou 1 ano depois dispensado pelo clube e sem grandes perspectivas no futebol. Com isso, desistiu do futebol e acabou indo procurar um emprego em outra área.

A história de Rubens mostra que Tomaz (pai de Murilo também) alimentava o desejo de inserir um filho no campo futebolístico como jogador, mesmo antes do nascimento de Murilo. Com Rubens esse projeto não foi possível, segundo Tomaz, porque o filho havia despertado para o futebol muito tarde. Tomaz teve como fruto de seu casamento com Elisa os filhos Santiago e Murilo e seu projeto de formar um jogador na família ainda não tinha morrido. Desses dois, Murilo foi aquele que recebeu os maiores investimentos esportivos e expectativas do pai. Isso porque Santiago desde pequeno nunca se mostrou muito entusiasmado como futebol, tanto para jogar quanto para torcer.

**E:** Me conta um pouco da trajetória do Murilo no futebol. Como ele entrou?

**Tomaz:** O Murilo ele começou no futebol bem cedo. Mas também desde pequeno ele já gostava da bola, ao contrário do irmão que nunca se interessou. Chutava a bola e ele tinha um chute forte. O primeiro presente que dei para ele foi uma bola e ele parece ter adorado. De lá para cá ele sempre está jogando bola. [...] Ele entrou no futebol com 6 anos de idade, indo para uma escolinha de futebol pequena, perto da casa em que morávamos no subúrbio de Salvador. Eu e a mãe dele concordamos que era uma boa ideia colocar o Murilo numa escolinha. Eu via que ele tinha potencial. Era pequeno, mas sabia jogar bola. Com 6 anos ele jogava com os meninos maiores.<sup>238</sup>

**Elisa:** O Murilo começou jogando em escolinha de futebol. Eu matriculei ele. O pai também aceitou. O Tomaz tinha uma vontade muito grande que um dos filhos fosse jogador de futebol. Ele tentou profissionalizar o filho mais velho dele, de outro casamento, mas não deu certo. Aqui em casa é com o Murilo mesmo, porque o Santiago não liga nem um pouco para

<sup>238</sup>Entrevista com Tomaz, pai de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 15/05/2016

futebol. Ele não torce nem joga. Até mesmo para colocá-lo num esporte quando ele era pequeno foi m sufoco, porque ele não queria. [...] A ideia de fazer escolinha era para ele poder ocupar o tempo livre dele.<sup>239</sup>

As informações obtidas com os pais de Murilo dão conta de que entre os dois filhos Murilo era aquele que demonstrava mais interesse no futebol, além de ser identificado pela família como sendo aquele com a posse de uma habilidade diferenciada com a bola. O discurso construído pelos pais remonta a uma relação muito precoce com o futebol, quase que num movimento umbilical e natural. Devemos ser críticos a esses discursos fazendo uma ressalva de que a construção das biografias é feita a partir de processos inerentes a memória, sendo que a construção dessa memória não é linear e não abarca necessariamente todos os elementos da vida dos indivíduos de maneira factual. Dessa forma, a memória é construída através de esquecimentos, silêncios e destaques sobre determinados fatos que não necessariamente podem ter acontecido com ela, ou que não necessariamente podem ter acontecido daquela forma. Isso não torna o discurso inválido e muito menos fraco diante da tentativa de organização da trajetória dos indivíduos, mas requer o esforço de compreender o porquê aquilo é dito naquele momento.

Nesse sentido, é importante salientar que o período em que as entrevistas e o acompanhamento foram realizados com a família Torres se circunscrevia num momento em que o processo de profissionalização de Murilo está em franca ascensão e havia um campo de possibilidades alargado para a profissionalização do atleta, somado a um passado recente de sucessos e conquistas que conseqüentemente ajudaram a fortalecer a crença da família no projeto futebolístico. Essa configuração no momento da pesquisa são elementos a serem considerados para entender as entrevistas e a construção dos seus discursos.

A memória, elemento central na construção das biografias é forjada a partir das condições do presente. É justamente desse presente e conjunção com trajetória enfrentada por esses indivíduos que se constroem os discursos sobre o passado e sobre suas biografias. A partir disso, e diante da configuração de carreira no qual Murilo estava não é de se espantar que o discurso sobre a trajetória pessoal do filho colocasse a bola, elemento central do futebol, também como elemento íntimo da sua vida. Podemos supor que em condições diferentes, caracterizadas pela adversidade e o fracasso no futebol, a construção dessa memória familiar poderia ser significativamente diferente.

---

<sup>239</sup>Entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 20/10/2015



A intenção de Tomaz, ao considerar que o filho tinha talento era inseri-lo o mais cedo possível numa escolinha para que pudesse treinar e quem sabe chegar a alguma categoria de base quando tivesse idade para isso. A entrada de Murilo na escolinha de futebol perto da casa deles foi feita com muita tranquilidade e com um acordo mútuo entre os pais que concordavam com isso, mas por motivos diferentes. No caso do pai, nem sempre explicitamente explicados ou verbalizados.

A ideia de matricular o filho numa escolinha foi bem vista pela família Torres<sup>240</sup> e tanto os avós de maternos de Murilo quanto todos os 9 tios maternos incentivaram Elisa e Tomaz a concretizarem essa ideia da escolinha de futebol.

Murilo ficou somente 1 ano nessa escolinha de futebol. Como era uma escolinha de menor porte, basicamente para atender as crianças do bairro, ela não disputava muitos torneios durante o ano. Sua atividade era basicamente recreação dos meninos. No entanto, Pablo o professor dessa escolinha resolveu levar o menino para treinar em outra escolinha maior, mas que ficava a uns 5 km da casa de Murilo. Sobre isso, Tomaz e Murilo lembraram um pouco da mudança de uma escolinha para outra.

**Tomaz:** [...] O Murilo ficou um ano na escolinha de futebol perto de casa. O professor Pablo que era quem dava os treinos na escolinha um dia chegou para mim e falou: Pai, você estaria disposto a levar seu filho pra uma escolinha um pouco mais longe? Eu perguntei porque e achei que o Murilo podia ter arrumado alguma confusão na escolinha, porque ele era muito competitivo. Mas ai ele me falou que o Murilo estava num nível acima dos meninos da escolinha, que ele podia tentar participar de alguns campeonatos em outra escolinha maior e que ele conhecia outro professor de confiança também só que em outro lugar um pouco mais afastado. Primeiro fui conversar com a Elisa né. Mas ela também aceitou. Não viu com maus olhos não.<sup>241</sup>

**Murilo:** Eu era pequeno ainda, tinha acho que 7 anos, mas me lembro que fiquei pouco tempo na primeira escolinha. Um dia o professor veio e falou comigo e com meu pai. Disse que ia me levar para outra escolinha, que a ser melhor para mim, porque ia jogar com outros meninos que também jogavam bem.<sup>242</sup>

O fato envolvendo a mudança de uma escolinha para outra ressalta novamente um elemento mencionado na trajetória das outras famílias analisadas, a saber, a identificação do talento do menino por alguém inserido no campo futebolístico, mas que não pertence

<sup>240</sup> Quando nos reportamos ao termo “Família Torres” está se falando basicamente do lado materno da família Almeida. Durante o processo de acompanhamento da pesquisa de campo, os contatos com o pai de Murilo foram poucos, já que ele estava morando em Salvador e fazia pouquíssimas vindas ao Rio de Janeiro. Por isso, nosso contato com qualquer indivíduo do lado paterno não existiram. Dentro desse registro vale lembrar também que os avós paternos de Murilo e Santiago eram falecidos a pelo menos 10 anos.

<sup>241</sup>Entrevista com Tomaz, pai de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 15/05/2016

<sup>242</sup>Entrevista com Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 23/06/2016

diretamente a parentela do jovem atleta. A migração de escolinha no caso de Murilo estava diretamente relacionada a detecção por parte do professor de um talento diferenciado do menino quando comparado com outros que participavam daquela escolinha. Essa situação também ajuda a reforçar o percurso feito por muitos jovens até chegar aos profissionais. Se no passado, até a década de 1990, o futebol de várzea, os olheiros e as peneiras se constituíam como os principais caminhos para a chegada dos jogadores aos centros de treinamento e aos times profissionais, agora a estruturação das escolinhas, principalmente aquelas conveniadas aos clubes aparecem como uma importante forma de abastecimento de jovens nas categorias de base.

A permanência de Murilo na nova escolinha de futebol também foi curta, apenas 6 meses depois de chegar, ele recebeu um convite do Bahia para fazer um teste de 2 semanas no clube. Esse teste foi proposto após uma participação destacada do jovem na Copa baiana de escolinhas da capital. Havia olheiros de diversos clubes do estado naquela competição e a atuação segura do menino na posição de volante fez com que ele chamasse a atenção. Seria muito provável que houvesse de qualquer forma naquela competição um representante do Bahia, no entanto, naquele campeonato em específico, o olheiro do clube que estava lá era amigo do treinador da escolinha de Murilo.

O olheiro do Bahia havia trabalhado com o treinador Samuel em outras oportunidades. Sistemáticamente Samuel abastecia esse olheiro com boas dicas de jovens promessas, especialmente aquelas que treinavam na escolinha que ele trabalhava. Por isso, para aquela competição Samuel convidou o olheiro do Bahia para ver o jogo e adiantou a existência de um volante muito seguro e com bom porte físico, no caso Murilo. A boa atuação de Murilo na copa foi importante para o convite, mas as conexões estabelecidas entre Samuel e o Bahia também foram importantes para que o olheiro fosse lá precisamente para observá-lo.

A chegada ao Bahia se deu quando o jovem ainda não possuía os 8 anos completos e ocorreu basicamente pela conjugação de dois fatores importantíssimos para inserção de indivíduos no campo futebolístico. Primeiramente a identificação de um conjunto de capitais futebolísticos, entre eles o talento, inerentes ao credenciamento dos jovens para adentrar o campo futebolístico. Essa identificação normalmente deve ser feita por indivíduos que sejam reconhecidos dentro do campo como possuidores também de capitais valorizados, e acabam reforçando a concepção do segundo elemento chave para entrada nos centros de formação, ou

seja, a construção de redes sociais conectadas ao campo futebolístico que possam inseri-lo nesse espaço.<sup>243</sup>

No Bahia Murilo ficou por 7 anos, permanecendo até os 14 anos de idade. Foi nesse clube que o projeto futebolístico da família Torres começou a se estruturar, saindo meramente de um desejo e uma esperança alimentada por Tomaz e passando a englobar também o jovem Murilo, sua mãe Elisa e dois tios (irmãos da mãe) em específico, Cláudio e Adão.

A forma como a trajetória esportiva de Murilo havia se processado até aquele momento, com sucessivos convites de terceiros baseados na identificação de um talento diferenciado, começavam a criar no jovem a noção de que o futebol poderia se tornar algo para além de uma brincadeira. A chegada ao centro de treinamento do Bahia, um clube grande e inserido no principal circuito do futebol nacional, seria um primeiro passo na construção dessa crença na profissionalização no futebol.

Durante os 7 anos que Murilo ficou na base do Bahia ele sempre foi visto, segundo a família, como um jovem promissor. Por isso, desde sua entrada no clube ele esteve entre os titulares das equipes em integrou e em raras situações permanecia no banco para que o treinador pudesse “rodar o elenco”<sup>244</sup>. O destaque de Murilo nas categorias de base do Bahia era acompanhado de perto pelos pais Elisa e Tomaz. Na época da permanência do menino no Bahia os dois trabalhavam, mas sempre que possível tentavam ir aos treinos e aos jogos de Murilo. A mãe trabalhava como representante comercial de uma empresa de venda de peças para tratores, enquanto o pai trabalhava como técnico em segurança do trabalho na Petrobrás. Geralmente era a mãe que acompanhava mais a rotina de treinos e jogos do filho, pois seu horário de trabalho era mais flexível do que o do pai. No entanto, nesse esforço de oferecer suporte para prática esportiva de Murilo, dois tios também procuravam ajudar principalmente com tempo disponível para acompanhá-lo e suporte emocional através de dicas e conselhos.

**Elisa:** [...] Eu sempre acompanhei o Murilo nos treinos e nos jogos. Sempre quando deu. Eu trabalhava e, por isso, não era possível estar sempre com ele, mas o meu emprego me permitia mexer um pouco no horário e isso facilitava. Nos jogos lá em Salvador eu sempre estava. Já teve uma competição na Bahia que foi lá no interior mesmo do estado. Eu trabalhava até sexta e o jogo era no domingo. Mas isso não me impediu

---

<sup>243</sup> Já foi debatido anteriormente que a simples posse do talento e dos capitais valorizados dentro do campo futebolístico não significa a possibilidade de acessá-lo. Muitas vezes contam nesse processo questões intangíveis como a sorte, mas a existência de contatos diversificados principalmente com pessoas de dentro do campo pode significar atalhos para acessá-lo. Diversos atletas com talento e capacidade técnica chegam as peneiras, mas a maioria não consegue ninguém que possa fazê-los não contar somente com a sorte de estar num bom dia onde tudo conspira a favor para que possa mostra suas habilidades.

<sup>244</sup> Essa expressão significa no campo futebolístico o revezamento de atletas no time principal. Normalmente feita para dar ritmo de jogo aos atletas reservas ou para poupar alguns titulares em jogos com menor importância.

não, pois na sexta peguei um ônibus e foram muitas horas de viagem até chegar no lugar, mas eu cheguei e vi o jogo do Murilo. Assim... nessa caminhada do futebol, muita gente da família ajudava e ajuda como pode. Dos meus irmãos o Cláudio e o Adão são aqueles que mais ajudavam, mas também porque eles tinham mais tempo disponível. Um era micro empresário e o outro ficava mais tempo desempregado do que empregado (risos) e isso dava tempo para eles me darem esse suporte. Então quando eu não podia ir eles iam buscar ou pegar o Murilo no treino. O pai apesar de torcer muito e incentivar bastante o filho em ser jogador ele não podia acompanhar tanto a rotina do Murilo, porque nessa época trabalhava embarcado em plataforma.<sup>245</sup>

A fala de Elisa mostra um interesse grande dela, do pai e de alguns familiares no acompanhamento das rotinas de Murilo no futebol. Disposição em fazer longas viagens pelo interior do estado, comprometimento em reorganizar os horários de trabalho para poder ver o menino no treino e o compartilhamento com outros parentes das responsabilidades ligadas ao filho.

O desenvolvimento e as conquistas do jovem na base do Bahia começaram a despertar no próprio menino o interesse em ser jogador de futebol. A partir dos 12 anos, os campeonatos começaram a ficar maiores, o número de companheiros de time com empresários começou a crescer e alguns de seus amigos recebiam uma pequena ajuda de custo do clube. Sua trajetória no futebol até aquele momento era exitosa e isso de certa forma ajudou a estruturar nele uma crença de que o futebol poderia ser um caminho profissional para sua vida. Desse modo, o futebol paulatinamente passava de uma atividade lúdica e ia se constituindo para ele enquanto uma atividade quase que profissional.

Contribuíram para essa situação, provavelmente o aumento das responsabilidades e da seriedade que vemos aparecerem nas categorias de base conforme vão subindo as categorias de base. A partir da categoria sub-13 em direção ao profissional verifica-se um aumento gradativo do tempo de treinamento dos jovens nos centros de formação (DAMO, 2007; MELO; 2010), juntamente com a frequência e a intensidade dos treinos, o controle sobre a vida privada dos meninos também aumenta, bem como os níveis de stress deles frente a essas cobranças (DOS SANTOS *et al*, 2012). Obviamente o nível de cobrança da categoria sub-13 pelo qual Murilo passou no Bahia não era igual aos níveis de cobrança dos profissionais e nem de outras categorias próximas a profissionalização. Contudo, a partir da categoria que ele se encontrava as práticas nos centros de formação adquirem contornos profissionalizantes, assim como cobranças e rotinas similares àquelas feitas aos profissionais, fato que começa a simular um ambiente profissional e profissionalizante na rotina dos jovens atletas.

---

<sup>245</sup>Entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 20/10/2015

Permanência nesses espaços esportivizados também contribuiu para socializar os meninos durante um período prolongado na crença de que a profissionalização no futebol é possível para todos aqueles que possuam o talento e a dedicação ao futebol. Isso é reforçado pela convivência diária desses jovens com os atletas profissionais dentro dos centros de treinamento da base. No caso de Murilo, a inserção precoce no centro de treinamento, acompanhada de uma paulatina internalização desse *habitus* futebolístico e somada a uma trajetória até aquele momento vencedora nas categorias de base, ajudaram a erigir sua concepção do futebol enquanto uma promessa profissional e, com isso, a verbalização do projeto futebolístico enquanto opção. A mãe, o pai e o tio Adão dizem que o objetivo de Murilo de se tornar jogador de futebol começou a ficar muito claro a partir dos 12 anos de idade e os 3 elencam até um evento onde essa opção se mostrou explícita.

**Elisa:** Desde pequeno ele disse que queria ser jogador [...] Eu me lembro até hoje o dia que o Murilo falou que queria ser jogador de futebol. Foi depois de um campeonato que o time dele no Bahia saiu campeão. Ele não destacou nesse jogo, mas estava muito feliz e disse que era aquilo que ele queria fazer da vida.<sup>246</sup>

**Tomaz:** O Murilo começou a pensar em ser jogador de futebol no Bahia. Antes disso eu alimentava a esperança, queria que ele fosse jogador, mas era só brincadeira de escolinha. No Bahia o negócio ficou mais sério e depois de um campeonato que eles ganharam o menino não tirou mais isso da cabeça. Disse que era isso que queria fazer. Eu fiquei muito feliz e disse que ia ajudá-lo como eu pudesse.<sup>247</sup>

**Adão:** O Murilo se fez profissional lá no nosso “Bhaêa” (forma que o tio falou). E tudo começou naquele campeonato baiano do sub-13 quando o Murilo foi campeão.<sup>248</sup>

Os discursos dos familiares dão a entender que esse campeonato e esse momento dos 12 anos de Murilo foram um divisor de águas entre a prática lúdica e desinteressada e a prática com objetivo de profissionalização e comprometida. Podemos localizar nesse momento o surgimento do projeto futebolístico da família Torres. Esse projeto foi primeiramente alimentado pelo pai como uma possibilidade, frente ao fracasso da profissionalização do seu outro filho maior (Rubens).

Os membros da família Torres, com exceção do pai, não objetivavam tornar o jovem Murilo um jogador de futebol. O próprio pai que nutria interesse e expectativas sobre uma

<sup>246</sup>Entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 20/10/2015

<sup>247</sup>Entrevista com Tomaz, pai de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 15/05/2016

<sup>248</sup>Entrevista com Adão, tio materno de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 21/10/2015

possível profissionalização do filho nunca havia forçado ou direcionado ostensivamente Murilo para que se tornasse profissional até aquele momento. A estruturação do projeto familiar futebolístico surgiu de um projeto individual do filho inserido no esporte e a partir do surgimento desse projeto individual, ele foi sendo gradativamente incorporado ao projeto individual de outros membros da família, tornando-se assim um projeto coletivo em torno do futebol.

A construção de um objetivo de profissionalização no esporte e a construção de um projeto coletivo em torno do futebol passou a alavancar os engajamentos de alguns membros da família em torno da concretização do objetivo de Murilo. Algumas informações levam a crer que o nível de investimento familiar dos Torres aumentou após a estruturação do projeto futebolístico como mostram esses relatos.

**E:** O que vocês fazem para dar suporte ao Murilo? Qual tipo de apoio na carreira dele?

**Tomaz:** Nós sempre ajudamos ele com tudo que ele precisou. Nesse ponto, mais a mãe do que eu, porque meu emprego muitas vezes não permitia. Mas nós sempre fomos ver as aulas na escolinha, os treinos e jogos no Bahia. Íamos levar e buscar sempre. Na época do Bahia a mesma coisa, levávamos e buscávamos, assistíamos aos jogos e ainda compramos os materiais esportivos que ele precisa. Sempre tudo de primeira linha. Se quiser ser jogador profissional tem que usar o melhor material que tem porque isso faz a diferença.<sup>249</sup>

**Elisa:** A ajuda sempre aconteceu. Nós sempre demos o suporte que ele precisava. Aqui a nossa família é muito unida. Somos eu e mais 8 irmãos e na nossa família todos sempre procuraram se ajudar muito. Aqui na família todo mundo torce muito para ele. O maior apoio e suporte que ele tem é mais de apoio mesmo, dar conselho e dica. Foi assim desde que ele era criança. Além disso, sempre acompanhei os treinos dele e fui a jogos muito longe. Quando era jogo importante a família toda ia. No Bahia o pessoal começou a ir muito mais aos jogos porque o pessoal é Bahia na minha família.<sup>250</sup>

Os trechos das entrevistas não deixam claro se o investimento no futebol aumentou ou não após a estruturação do projeto futebolístico familiar, mas permitem afirmar que a família desde a entrada de Murilo na escolinha dava o suporte e o apoio financeiro e emocional necessário para que ele seguisse com a prática esportiva. Cabe destacar, o papel do pai na compra de materiais esportivos considerados por ele como essenciais no desenvolvimento do futebol em alto nível. Apesar de não ser possível realizar essa comparação entre o

<sup>249</sup>Entrevista com Tomaz, pai de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 15/05/2016

<sup>250</sup>Entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 20/10/2015

engajamento familiar antes e depois da verbalização do projeto futebolístico por parte de Murilo no ano de 2013, podemos perceber que a aposta feita pela família no futebol tornou-se alta como explicitam os fatos que se desencadearam no ano de 2014.

Em 2014, durante um campeonato disputado no Rio de Janeiro<sup>251</sup>, a equipe sub-13 do Bahia havia chegado às semifinais da competição e Murilo tinha se destacado em sua posição, sendo durante toda a competição também o capitão da equipe. Suas atuações lhe renderam um convite feito por um olheiro do [nome do clube] para que se transferisse para o clube do Rio de Janeiro. A proposta era para que ele se mudasse o quanto antes para o Rio de Janeiro para começar as atividades treinando com a categoria sub-13.

Os contatos entre o olheiro do clube, Elisa, Tomaz e Murilo foram mediados por um empresário que trabalhava com o Bahia e que estava no campeonato acompanhado outros atletas a mando do próprio Bahia. A aproximação desse empresário com a família Torres, segundo dito pelos pais, ocorreu pelo fato deles não terem conhecimento profundo dessas questões jurídicas de mudança de clube e terem procurado alguém que para o Bahia era de confiança. Os desdobramentos dessa proposta acabaram resultando na migração da de parte da família Torres do estado da Bahia para o Rio de Janeiro.

A opção por migrar, ou seja, deixar sua cidade natal, seus amigos, suas rotinas e uma vida estabelecida num local, evidencia um esforço grande dos indivíduos em torno de um objetivo ou projeto de vida. A migração da família Torres para o Rio de Janeiro em 2014 é uma mostra do engajamento da família em torno do projeto futebolístico de Murilo. Engajamento esse que é oferecido de diferentes maneiras e em diferentes proporções pelos vários indivíduos situados dentro da família.

Na mudança para o Rio de Janeiro contou muito a vontade de Murilo, que deixou claro que gostaria de ir para o [nome do clube] porque ele era um clube muito grande no Brasil (fala de Murilo) e ele queria ser jogador profissional e lá seria mais fácil. A mãe disse que se o objetivo do filho era ser jogador de futebol ela iria ajudar e investir tudo que podia no menino. Inclusive mudando-se para outro estado.

**E:** Como foi a mudança para o Rio de Janeiro?

**Elisa:** A mudança não foi fácil por vários motivos. Num primeiro momento o pai aceitou mais essa ida do Murilo para o Rio de Janeiro e eu fiquei um pouco assustada. Ainda mais porque a gente ouviu falar muito de violência aqui no Rio e fica com um pouco de medo. Mas quando veio a oferta desse olheiro do [nome do clube] o Murilo chegou para mim

---

<sup>251</sup> O campeonato ocorreu em maio de 2014.

disse: Mãe é isso que eu quero para minha vida, quero ser jogador de futebol e ir para o Rio de Janeiro vai ser bom. Vamos!

Assim, eu faço tudo pelos meus filhos e esse era o sonho dele e o objetivo dele de vida. Se era o que ele queria nós iríamos a fundo. Até porque eu não achava a ideia tão maluca assim, porque eu também acreditava e ainda acredito que o Murilo vai chegar aos profissionais.<sup>252</sup>

A decisão de se mudar para o Rio de Janeiro ajuda a perceber que nessa etapa da estruturação do projeto futebolístico familiar, alguns membros da família realizavam um superinvestimento nas rotinas futebolísticas do menino. Devemos destacar que esse é um tipo de aposta de alto risco e envolve muitos afetos na medida em que são obrigados a deixar toda uma vida para trás para poder construir um projeto familiar em função do potencial do filho.

A migração dos Torres para o Rio de Janeiro fragmentou a família nuclear constituída por Tomaz, Elisa, Murilo e Santiago. Num primeiro momento, o único a vir para o Rio de Janeiro foi Murilo, que acabou morando entre julho e dezembro de 2014 com uma mulher chamada Márcia, conhecida de Elisa, que também trouxe o próprio filho para o Rio de Janeiro para tentar testes no [nome do clube]. Márcia abrigou Murilo e mais 4 meninos que também vieram do Bahia durante todo o segundo semestre do ano de 2014.

Cabe ressaltar que Elisa ainda estava empregada e num primeiro momento hesitou em abandonar o trabalho para ir para o Rio de Janeiro com o filho. Nesse ponto, a rede de sociabilidades construída por ela no convívio diário com outras mães de atletas dentro do Bahia foi importante para que ela conseguisse resolver esse problema de enviar o filho para longe sem ser necessário que ela fosse junto.<sup>253</sup> No [nome do clube] por meio do acompanhamento das rotinas de treino e dos jogos, pode-se perceber que o convívio frequente e prolongado entre esses familiares que dividem as arquibancadas ou os muros do clube durante o processo de formação esportiva dos filhos ajudam a construir e estreitar laços de sociabilidade, reciprocidade, rivalidades por meio do compartilhamento de rotinas, horários, sonhos e trajetórias esportivas dos filhos. Por isso, enquanto os filhos treinam no clube,

---

<sup>252</sup>Conversa informal com Elisa realizada em maio de 2016. Parte integrante do diário de campo do dia 30 de maio de 2016

<sup>253</sup> Durante as pesquisas no [nome do clube] foi possível perceber que dentro das centenas de atletas que treinavam no clube, somente uma minoria (menos de 90) estava albergada no clube e sob responsabilidade dele. Um número muito maior de jovens que treinavam no clube e gostariam de morar próximo a ele, ou porque vinham de outros estados ou porque moravam em regiões afastadas do Rio e Janeiro, estavam morando em imóveis nas cercanias do clube. Nessa situação, foi constatado que muitos atletas que vem de fora do estado do Rio de Janeiro acabam morando juntos (3-5 atletas) num mesmo imóvel sob a responsabilidade de uma família de confiança no clube ou por uma família de determinada região do pai que pode vir e trouxe consigo os filhos de famílias conhecidas na região em que moravam. Normalmente, os pais desses meninos que ficam sob responsabilidade de um adulto nesses imóveis no Rio de Janeiro dão uma contribuição para que a família que migrou possa se manter e cuidar do seu filho que está sob os cuidados dele.



muitos familiares usam esse tempo para conversar, fofocar, vender e comprar produtos, bem como estreitar laços sociais.

No caso do Bahia a realidade provavelmente não deva se diferenciar muito dessa configuração vista no [nome do clube]. Os familiares de atletas de uma mesma categoria normalmente ao acompanhar as atividades dos seus filhos possuem chances significativas de interagir e construir assim, algum tipo de laço. Tanto no Bahia, quanto no [nome do clube], ou em outros diversos clubes pelo Brasil, há a possibilidade de pensarmos que as atividades esportivas dos atletas em horários e dias determinados auxiliam no contato de diversos indivíduos que os acompanham e conseqüentemente fornece um espaço possível para a formação de redes de sociabilidades erigidas em torno do esporte. Na situação de Elisa, a possibilidade de enviar o filho para o Rio de Janeiro, sem precisar vir num primeiro momento, foi possível graças à construção de certa rede social, na qual permitiu a Elisa enviar seu filho para o outro estado.

As notícias enviadas por Márcia pra Elisa eram bem animadoras, pois davam conta de que Murilo havia se adaptado muito bem ao novo clube, as rotinas de treinamento e a nova escola. Elisa disse que durante esses 6 meses Murilo foi o menino daquela casa que mais se adaptou a nova realidade, já que administrava a falta de mãe e conseguia render nos treinos exatamente aquilo que o clube esperava. Além disso, tinha, na época, bons resultados escolares na nova instituição. Ao contrário, Elisa também salientou que nem todos os outros meninos se adaptaram bem a mudança de estado.

**Elisa:** Eu procurava saber sempre como o Murilo estava. Ligava quase todo o dia para ele. Eu ficava com o coração na mão porque eu estava longe. Ouvia as histórias contadas pela Márcia (mãe baiana responsável pelos meninos) de que alguns dos meninos da casa não estavam se adaptando, que choravam toda noite com saudade dos pais, que estavam sem cabeça para treinar. Ficava ouvindo isso e sentia um aperto no coração, porque é nosso filho né?! E estando longe da uma sensação ruim, mesmo você ouvindo que está tudo bem com ele. Lembro que em dezembro de 2014 deu uma chuva muito grande aqui no Rio de Janeiro, aquela chuva de passar no Jornal Nacional e eu só pensava no Murilo. Será que ele está bem, será que está pegando chuva...<sup>254</sup>

A preocupação com o desenvolvimento profissional do filho aliado a saudade do caçula levaram Elisa a tomar uma decisão radical que significaria mais um degrau no caminho de adesão da família Torres ao projeto futebolístico de Murilo. A família organiza sua mudança para o Rio de Janeiro para ficar com o filho.

---

<sup>254</sup>Entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 20/10/2015

No início do ano de 2015, Elisa, o marido Tomaz e o filho maior Santiago negociaram as formas pelas quais se daria a mudança da família Torres para o Rio de Janeiro. Como Elisa havia largado o trabalho para poder se mudar para o Rio de Janeiro, ficou combinado que Tomaz continuaria na Bahia para manter seu emprego e poder continuar sustentando a família, enquanto a mãe ficaria no Rio de Janeiro cuidando do filho. Santiago, àquela época com 18 anos ficaria com o pai na Bahia para poder terminar os estudos do ensino médio (jovem concluiria o 3º ano em 2015).

Para que não viesse sozinha para o Rio de Janeiro, Elisa contou principalmente com a ajuda do seu irmão Adão que veio com ela para auxiliá-la na adaptação e tentar alguma oportunidade no Rio de Janeiro. Juntamente com eles dois veio também a mãe de Elisa, que ficaria 2 meses para ajudar na mudança e na adaptação.

A migração de parte da família Torres para o Rio de Janeiro reforça a estruturação da família em torno de um projeto futebolístico que coloca o objetivo profissional de Murilo como centro das ações e motivações familiares. A adesão ao projeto futebolístico nesse caso é bem forte, mesmo que haja um nível de engajamento diferenciado de acordo com o membro da família.

Um ponto interessante verificado na família Torres e nas outras famílias analisadas é que o projeto coletivo familiar demanda dos indivíduos ações diferenciadas, porém coordenadas e complementares para que o projeto possa se sustentar. Isso quer dizer que cada indivíduo auxilia como pode e procura-se construir um conjunto de ações que se completem fim de que todas as possibilidades possam ser dadas a concretização do projeto. No exemplo do projeto futebolístico da família Torres, coube a mãe o ônus de abandonar o emprego em benefício do acompanhamento do filho, já ao pai devido à estabilidade maior do emprego (servidor público) coube o sustento da família na nova residência no Rio de Janeiro. A mãe de Elisa e ao irmão Adão, pode-se verificar principalmente o papel de suporte emocional, e apoio as rotinas diárias de Elisa e Murilo em um local ainda estranho para ela. Nesse processo, Santiago, talvez seja aquele com menor grau de envolvimento dentro da família futebolística. Seu apoio reduzia-se basicamente a ida com a família nos jogos principais dos campeonatos de Murilo. O pai e o tio numa conversa informal durante um jogo de Murilo que Santiago não foi disseram:

**Adão:** O Santiago não é de futebol não. Não liga mesmo. Ele dá apoio ao Murilo, torce para ele, mas também não acompanha muito o irmão na carreira não. Nunca foi de acompanhar não. Ele raramente ia aos jogos do irmão lá no Bahia e aqui muito menos, porque está lá na Bahia. O pai que trabalha lá e tem mais dificuldade de vir, acompanham mais que ele.

**Tomaz:** Futebol não é a praia de Santiago. Por exemplo, eu vim para jogo do Murilo. Vim lá da Bahia, peguei um folga e pergunta se o Santiago quis vir para cá comigo? Ficou lá na Bahia. Nisso ele é meio estranho. Ele devia acompanhar mais o irmão, porque geral faz isso na família. Ele dá o apoio, mas da maneira dele, que é bem tímida. Um elogio, um incentivo, mas não passa muito disso. Não acho que o Santiago se sacrificaria pelo irmão ser jogador de futebol, como a mãe fez.<sup>255</sup>

A conversa com os dois homens permite ver que os indivíduos inseridos no projeto familiar conseguem identificar, classificar e hierarquizar os tipos de investimentos realizados por todos dentro do desenvolvimento desse projeto. Numa situação como a verificada na família Torres, de forte adesão ao projeto, normalmente aqueles indivíduos vistos como pouco engajados, comumente são julgados pelos demais, por não estarem contribuindo com o necessário. Nesse caso, as falas de Tomaz e Adão dão conta de certo desapontamento e julgamento com relação à postura do irmão mais velho, enquanto exaltam a postura de sacrifício da mãe pelo alto grau de investimento no desenvolvimento do projeto futebolístico da família.

A migração dada as circunstâncias de abandono de emprego, necessidade de uma nova moradia e custeio das despesas da mesma traduziram-se numa queda no padrão de vida da família, ou seja, uma mobilidade descendente do núcleo dos Torres engajados no projeto futebolístico.

Elisa e o irmão Adão explicitaram essa situação em conversas durante o acompanhamento da pesquisa dizendo que:

**Elisa:** [...] A vinda para o Rio de Janeiro mudou muito as nossas vidas, no sentido de padrão de vida. E renda mesmo. Lá na Bahia eu tinha um emprego que pagava na média e o Tomaz também tinha um emprego legal. Vivíamos com muita tranquilidade e nossos filhos tinham um bom conforto. Tínhamos casa própria, carro e os meninos estudavam em escola particular. Todo o lugar que o Santiago e o Murilo precisavam ir eu levava eles de carro, agora o Murilo aqui no Rio só anda de ônibus. [...] São sacrifícios que tem que ser feitos, se você quer ser jogador.

**Adão:** A situação da Elisa, e do menino aqui no Rio de Janeiro é muito diferente da que eles viviam na Bahia. Eu vejo isso, porque estou com eles aqui. Agora consegui uns bicos aqui por perto de onde nós moramos e dou uma ajuda em casa, mas para fechar o mês com tudo precisamos

---

<sup>255</sup>Conversa informal com Adão e Tomaz realizada em agosto de 2016. Parte integrante do diário de campo do dia 10 de setembro de 2016

“capinar sentados<sup>256</sup>”. A gente junta todo dinheiro que entra e no final fecha no zero a zero.<sup>257</sup>

O engajamento do núcleo mais próximo de Murilo dentro da família Torres no projeto futebolístico significou a renúncia a determinados padrões de vida e consumo, tais como o abandono da escola particular, do carro próprio e da casa própria. O superinvestimento no esporte demandou dos Torres um redimensionamento das suas formas de consumo, para que o objetivo de profissionalização de Murilo pudesse ser levado a cabo. A aceitação dessa nova situação e a escolha racional por ela mostra uma adesão ao projeto baseada numa crença de que a profissionalização no futebol é possível, tangível, e conseqüentemente valem os esforços e recursos empreendidos por esses indivíduos.

A perda de poder econômico experimentado pelo núcleo da família Torres no Rio de Janeiro exigiu que um conjunto de ações fosse desenvolvido pelos membros da família que haviam ficado na Bahia. A ajuda financeira compartilhada pelos membros da família Torres de lá da Bahia, exemplificam a adesão em torno do projeto futebolístico e corroboram a tese de que esses indivíduos compartilham esse projeto por meio de ações e estratégias de suporte.

Dentro do projeto futebolístico dos Torres, todo o suporte dado, fosse ele financeiro ou afetivo/emocional era muito valorizado, por isso, Santiago era em alguns momentos implicitamente recriminado pelos outros membros da família por não dar a atenção considerada necessária pelos outros membros da família. Essa visão de pouco suporte poderia até ser tolerada quando feita por alguém de dentro da família, tal como o irmão de Murilo. Contudo, para membros considerados externos ao ambiente familiar, como era o caso do empresário baiano que havia levado Murilo para o [nome do clube] isso era intolerável

A percepção da família acerca da falta de adesão do empresário ao projeto futebolístico de Murilo incomodou de tal maneira Elisa, Tomaz e Adão que os 3 decidiram por romper o contrato com o empresário nos primeiros meses de 2015. Sobre isso Elisa foi enfática na entrevista.

**E:** E o Murilo já tem empresário?

**Elisa:** Sim o Murilo já tem empresário sim. Desde que ele veio do Bahia para cá. Na época ele começou com um empresário que era conhecido do clube do Bahia e ele que intermediou toda a vinda do Murilo para cá. Eu não entendia muito das coisas e foi ele que fez essa ponte com o [nome do clube]. Mas assim... Ele deixou muito a desejar sabe. Ele deixou o

<sup>256</sup> Segundo o dicionário a expressão capinar sentado significa passar por situações duríssimas, de grande dificuldade de serem levadas. Trabalhar extremamente duro, ralar. Ser submetido a enorme esforço psicológico ou moral

<sup>257</sup> Conversa informal com Adão e Elisa realizada em dezembro de 2015. Parte integrante do diário de campo do dia 09 de dezembro de 2015

Murilo largado aqui. Nos 6 primeiros meses que meu filho ficou aqui no Rio de Janeiro ele veio só uma vez para ver como ele estava. Menino era agenciado dele. E cada o suporte?

Eu quando vinha aqui nos jogos ou ficava um pouquinho mais para alguma competição que durava mais alguns dias, via os empresários dando muito apoio aos outros meninos.

**E:** Mas o empresário lá do Bahia não dava esse apoio? O que você chama de apoio?

**Elisa:** Ele não dava mesmo o apoio que eu via nos outros meninos daqui e que eu acabei por esperar dele. O apoio que vejo nos outros garotos é acompanhar os treinos, dar um suporte financeiro, dar atenção como um todo. Hoje o Murilo tem esse apoio todo do empresário dele.

**E:** Vocês mudaram de empresário?

**Elisa:** Sim. O contrato anterior com o outro empresário permitia o rompimento.

**E:** Mas como você conseguiu esse novo empresário?

**Elisa:** Então... Nós ficamos sem empresário por uns 3 ou 4 meses. Mas aí o Carlos Leite veio até nós para perguntar se nós não queríamos fechar um contrato com ele de agenciamento. Na verdade ele ficou sabendo que nós não tínhamos mais empresário porque eu havia comentado com a Bianca (da família Marques) durante um treino. E como ela conhece muita gente aqui, a informação chegou ao Carlos Leite.

**E:** E o que ele faz pelo Murilo?

**Elisa:** O Carlos Leite durante muito tempo foi empresário principalmente dos jogadores profissionais, mas agora ela está mais atento à base também. Ele agora vem pelo menos 1 vez na semana acompanhar o treino dos meninos. Sempre pergunta se está tudo bem e dá, para mim pelo menos, uma ajuda de custo para ficar tudo tranquilo aqui em casa. Para comprar coisa para ele. O Carlos Leite também leva os meninos no escritório dele para apresentar para jogador, leva os meninos no shopping para almoçar e comprar roupa ou material esportivo para ele. Isso que ele faz é muito bom e mostra que ele se preocupa com o Murilo e com a profissionalização dele.<sup>258</sup>

A situação do empresário do Bahia é um exemplo disso, sua participação na estruturação do projeto futebolístico dos Torres não era visto pelos outros membros da família como satisfatório e isso começou a criar uma situação de descontentamento. Obviamente existem relações profissionais e contratuais que não foram cumpridas pelo empresário e que deixavam a profissionalização de Murilo fragilizada, mas também devemos observar que esse indivíduo nunca chegou a constituir a família futebolística dos Torres. Por isso, suas ações pouco ativas na formação de Murilo não foram toleradas como acontecia no caso de Santiago, irmão de Murilo.

Na formação de base no futebol, o agenciamento por um empresário é muito importante devido a motivos práticos como auxílio jurídico, auxílio material e motivacional, mas também

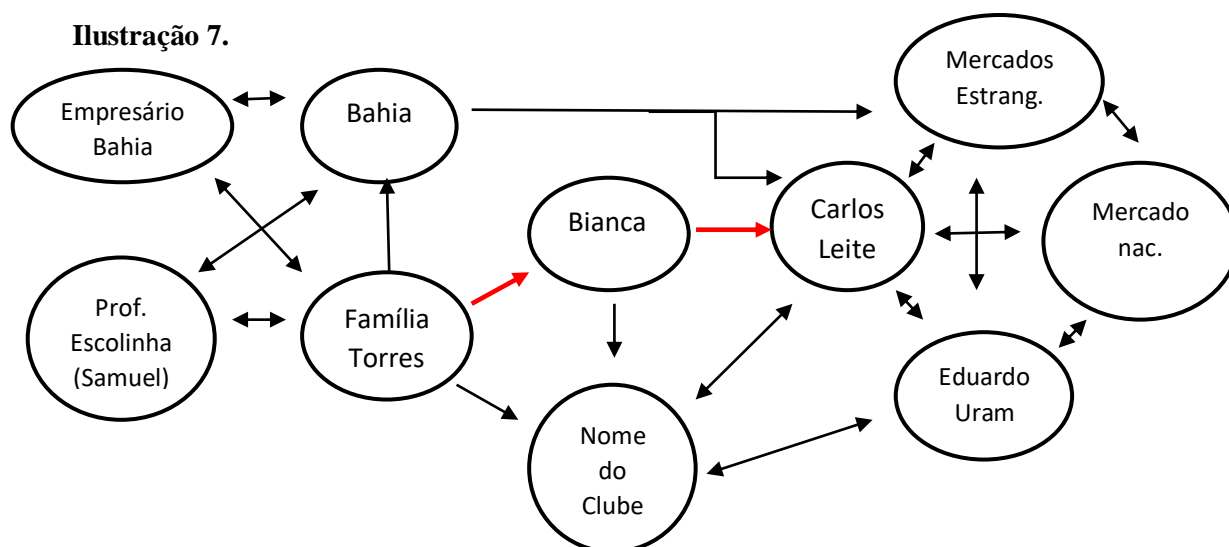
---

<sup>258</sup>Segunda entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 05/09/2016

por questões simbólicas, já que ter um empresário é um diferencial no campo futebolístico. Aqueles que os possuem reforçam a concepção dos outros indivíduos dentro do campo sobre a posse do talento e as capacidades técnicas do jovem. Essa situação tornasse mais forte quando o empresário que agencia o atleta possui também grande capital simbólico dentro do campo e uma extensa rede de conexões dentro desse.

Na situação de Murilo, o seu empresário a partir do ano de 2015 passou a ser Carlos Leite. Esse empresário é um dos mais proeminentes agentes de jogadores o futebol nacional, além de possuir conexões com clubes e empresários do mercado europeu, da China e dos Emirados Árabes. A aproximação da família Torres com o empresário foi possível graças à intermediação feita por Bianca (família Marques) que possuía com Carlos Leite e seu funcionário (Benê) uma relação de proximidade. Cabe ressaltar novamente que Bianca da família Marques era extremamente presente na vida social que girava em torno do clube. Por estar sempre nos treinos e nos jogos, ela conhecia muitos empresários, pais de atletas e os próprios atletas. Com isso, costumeiramente ela era procurada por empresários em busca de informações sobre jovens promissores, mas sem nenhum tipo de agenciamento.

O laço cotidiano de conversas e participação no acompanhamento dos treinos, de certa forma aproximou as duas mães, que no horário das atividades interagiam enquanto esperavam o fim do treino dos seus filhos. A partir disso, é possível pensar que se construiu um laço entre as duas, que mesmo sendo tênue devido aos contatos restritos permitiram a Elisa acessar outros indivíduos do campo futebolístico por meio de Bianca.



**Figura:** Esquema da rede de sociabilidade da família Torres no futebol em 2016

O esquema reconstitui em partes as pontes construídas pela família Torres dentro do campo futebolístico. Através dele é possível verificar que a família Torres não estaria impedida de estabelecer laços com Carlos Leite, contudo o caminho percorrido por ela para chegar até o empresário seria sensivelmente maior caso não existisse a figura de Bianca enquanto um nó de rede (ponte) que possibilita atalhos e a diversificação de contatos com outros indivíduos dentro do campo futebolístico. Na trajetória futebolística da família Torres esses nós de rede haviam aparecido anteriormente. No momento em que o Murilo estava apenas na escolinha de futebol, seu professor da escolinha (Samuel) se constituiu como um importante nó de rede que possibilitou a construção de um laço entre a família Torres e o Clube do Bahia por causa da sua intermediação. Naquela época da escolinha, a posição ocupada hoje por Bianca no esquema acima, estaria com Samuel. Contudo, como o desenrolar da trajetória esportiva de Murilo, as redes foram se redesenhando e segundo a realidade “fotografada” no momento da pesquisa de campo, a importância de Samuel nas redes da família Torres, se tornou periférica, enquanto a presença de Bianca e do [nome do clube] se tornaram centrais.

Murilo se encontra no [nome do clube] desde meados de 2014 quando chegou para treinar na categoria sub-13. Durante os 6 primeiros meses no clube atuou exclusivamente na função de volante, mas na transição para a categoria sub-15 no ano de 2015, acabou sendo recuado pelo novo treinador para a função de zagueiro e fazendo em algumas situações a função de lateral esquerdo improvisado.

O tio Adão argumentou que num primeiro momento Murilo não gostou da mudança, pois nunca havia pensado em ser zagueiro. Tanto Murilo quanto o tio disseram que a opção do treinador em mudá-lo de posição ocorreu devido ao tamanho e porte físico do rapaz que já aos 14 anos de idade possuía 1,72m e 71quilos. Segundo os dois a mudança gerou um desconforto inicial, que teve que ser rapidamente superada caso ele quisesse permanecer no clube e na esperança de profissionalização.

**Murilo:** Sempre joguei como volante. Algumas vezes no Bahia os treinadores me colocaram como lateral esquerdo, porque eu sou canhoto e tenho bom preparo físico. Até o sub-13 eu ainda fiquei de volante. Mas quando subi para a 15 (categoria sub-15) o técnico era novo e mudou tudo. Ele viu meu tamanho e achou que podia me colocar na zaga. Até porque já tinha outro garoto da sub-15 (segundo ano) que jogava na minha posição.

No início fiquei puto. Deu uma baqueada. Porque eu não queria ser zagueiro. Acho que até desanimei durante umas semanas. E quem reparou isso foi meu tio. Ele chegou para mim e falou: Porra garoto! Tu

ta no [nome do clube] tu vai desperdiçar essa chance? Treina e mostra que tu pode ser um zagueiraço.

Minha mãe também veio me dar apoio e eu fiquei pensando nisso. Vi que tinha que me adaptar para poder continuar jogando aqui. E hoje to feliz como zagueiro. Me achei na posição e já até ganhei prêmios na posição. É isso, é deus sempre no comando. Ele sabe o que faz.<sup>259</sup>

**Adão:** Um dos momentos mais difíceis na caminhada do Murilo aqui no [nome do clube] foi essa mudança de posição. O garoto sentiu a mudança. Eu percebi isso. Mas fui falar com ele. Que ele tinha que pegar isso como uma oportunidade para mostrar que podia fazer bem aquilo. As situações aparecem e a gente tem que agarrá-las. Ele ia dizer o que? Que não ia jogar ali e ser dispensado do clube? Claro que não. E nós da família estamos ali para ajudar nesse momento mesmo.<sup>260</sup>

As falas de Adão e Murilo vão de encontro a um fenômeno identificado e debatido nos estudos sobre a formação futebolística nos centros de formação, no caso, as mudanças e dificuldades de adaptação enfrentadas por alguns atletas na transição de uma categoria para outra (DAMO, 2007). Causadas por fatores variados, que vão desde a troca da comissão técnica e seus métodos até o aumento da carga de treino, essa transição de categoria significa para alguns atletas o fechamento de oportunidades, a queda no rendimento e até a possível exclusão do centro de formação.

No caso de Murilo, essa mudança de categoria veio acompanhada com a troca de posição/função no time. Essa situação enfrentada por Murilo pode ser vista como um exemplo de ressignificação dos projetos a medida que novas situações surgem para os indivíduos e conseqüentemente vão alterando os campos de possibilidades através de um movimento dinâmico. O objetivo principal verificado tanto no projeto futebolístico de Murilo quanto naquele dentro da família Torres era a profissionalização no futebol. A intenção do jovem sempre foi tornar-se profissional atuando na posição que considerava ter mais habilidade e capacidade técnica. Em sua trajetória, até aquele momento vitoriosa, havia ganhado prêmios e respeito como volante, por isso, não se via atuando em outra posição.

A decisão da nova comissão técnica da categoria sub-15 de recuá-lo para posição de zagueiro não estava de acordo com seus objetivos de profissionalização no futebol. Por isso, num primeiro momento se viu desestimulado com a mudança e igualmente tendo dificuldades de se adequar a nova função. Nesse momento, através das falas da família percebe-se um

---

<sup>259</sup> Conversa informal com Murilo realizada outubro de 2016. Parte integrante do diário de campo do dia 10 de outubro de 2016

<sup>260</sup> Conversa informal com Adão realizada outubro de 2016. Parte integrante do diário de campo do dia 10 de outubro de 2016



esforço de orientá-lo para aceitação das novas situações e campos de possibilidades expostos a ele.

A aceitação de Murilo para com as novas funções reforça o caráter plástico do projeto e o papel da família no processo de estruturação e manutenção do projeto. Murilo percebeu que para continuidade do projeto futebolístico no [nome do clube] era preciso deixar de lado alguns objetivos e preferências, para que esse projeto pudesse continuar existindo. Nesse processo, o objetivo de profissionalizar-se enquanto volante deu lugar a necessidade de profissionalizar-se como zagueiro.

Depois dessa situação enfrentada por Murilo na passagem da sub-13 para a sub-15, a carreira do atleta no [nome do clube] desenvolveu-se sem maiores percalços. Após se conformar com a nova posição no clube, o jovem procurou se aperfeiçoar na nova posição. Até a última visita de campo dessa pesquisa, Murilo se encontrava na categoria sub-17 e completamente adaptado a nova posição, sendo inclusive o titular da posição nos treinos e jogos. A expectativa da família naquele final de ano de 2016 era pela assinatura do primeiro contrato profissional de Murilo no ano de 2017, já que completaria 16 anos (idade possível para assinar o 1º contrato profissional) e vinha se destacando bastante no time com títulos e prêmios individuais.

A confiança da família na profissionalização do jovem era tamanha, que a mãe dizia ter até comprado a caneta com a qual ele assinaria aquele primeiro contrato. Cabe ressaltar, que houve um último contato com a família e até meados de junho de 2017 o contrato profissional ainda não havia sido assinado e as tratativas sobre o assunto não haviam sido explicitadas pelo clube. Elisa expôs que o empresário Carlos Leite estava iniciando as conversas com o clube para que fosse firmado um acordo. Com isso, a família continuava confiante num desfecho positivo para Murilo e a família.

A trajetória esportiva de Murilo e o investimento realizado pela família Torres no futebol evidenciam um projeto familiar direcionado ao futebol, com superinvestimentos nessa atividade e a priorização dele frente outras atividades, entre elas a escolarização. No entanto, a trajetória escolar de Murilo e também aquela verificada pelo seu irmão Santiago mostram que a escola se colocou dentro da família Torres como um projeto valorizado, embora secundário no caso de Murilo. Diante disso, embora as responsabilidades escolares e as cobranças sobre a escolarização do jovem atleta tenham sido de certa forma flexibilizadas, as expectativas escolares da família sobre Murilo não deixaram de existir. A família como um todo, mas mais especificamente os pais, depositavam a esperança de que fosse possível conciliar o futebol com uma faculdade como podemos ver nas respostas dadas nas entrevistas.

**E:** Com o futebol indo no caminho que está como o Murilo bem. Você acha que ele consegue estudar até onde?

**Elisa:** A minha vontade é que ele consiga fazer uma faculdade. Eu sei que é difícil, porque quando chega ao profissional não tem mais tempo para nada que não seja o futebol. Para fazer as duas coisas fica muito difícil. Mas também já vi na televisão uns casos de uns atletas que conseguem conciliar as duas coisas. Não deve ser fácil, mas sei lá né. Se você me perguntar até onde eu quero que ele estude, eu vou dizer que é a faculdade, porque é uma vontade que eu tenho. Não fiz faculdade e gostaria de ter feito Na nossa família tenho alguns irmãos que tem faculdade e prosperaram. Mas se você me perguntar o que eu acho, vou dizer que se ele estourar para o profissional, o máximo que ele consegue é terminar o ensino médio ou passar no vestibular. Agora cursar.....

**Tomaz:** Eu gostaria que ele acabasse os estudos no ensino médio e fizesse uma faculdade. Mas também se desse para conciliar, porque se fizemos tudo isso que fizemos, é porque o futebol é a prioridade. Mas eu gostaria de ver meu filho também formado numa universidade. Mas ele também pode fazer isso depois que parar de jogar futebol. Tem muito jogador que depois que para vai fazer faculdade. E agora também tem essas faculdades a distância. Chance eu acho que pode ter (de fazer faculdade), mas acho que vai ser algo mais lá para frente, porque o menino está muito bem no futebol e ele não vai largar isso.<sup>261</sup>

Esse desejo de seguir nos estudos também pode ser verificado em Murilo, mas assim como em seus pais, existe uma forte certeza de que a profissionalização no futebol tornará muito difícil a concretização de um caminho nos estudos.

**E:** Você acha que consegue estudar até onde?

**Murilo:** Eu acho que consigo terminar o ensino médio. Sem problema nenhum! Estou no 1º ano do ensino médio e só faltam mais 2 anos para terminar. Vou conseguir sim. Tá tudo muito tranquilo na escola.

**E:** Você tem vontade de fazer alguma outra coisa depois do ensino médio? Faculdade, curso técnico?

**Murilo:** Olha... Eu tenho vontade de fazer faculdade. Queria fazer Educação Física, para poder trabalhar com esporte, com futebol. Mas eu também sei que vai ser difícil eu conseguir fazer uma faculdade por causa do futebol. Quando eu virar profissional, estiver jogando no [nome do clube], que é um clube grande, eu sei que o meu tempo vai ficar menor. Tem concentração, muita viagem. Mal dá tempo para passar com a família. Imagina para estudar.

Mas assim... Vontade eu tenho. Meu irmão está fazendo faculdade agora lá na Bahia, numa universidade pública, faz um curso lá com matemática, números, uma coisa assim. Eu acho bem legal e gostaria de fazer. Mas vamos ver. Tudo depende do futebol, porque se ele der certo, isso fica para depois.<sup>262</sup>

<sup>261</sup>Entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 20/10/2015

<sup>262</sup>Entrevista com Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 23/06/2016.

Observando a formação escolar e a quantidade de capital cultural institucionalizado possuído pela família Torres pode-se perceber que o acesso ao nível superior de ensino não é algo estranho e nem uma novidade em suas trajetórias. Apesar da mãe e do pai de Murilo só terem concluído até o ensino médio<sup>263</sup>, e dos avós maternos dele só terem feito até o 4º ano do ensino fundamental, muitos dos seus tios haviam conseguido ingressar em universidades e se formaram nelas.

Elisa disse que dos 8 irmãos que possuía 6 haviam conseguido entrar na faculdade e concluí-la. Entre os cursos feitos ela listou licenciaturas, engenharia, psicologia e administração. Os outros 2 irmãos, justamente aqueles mais ligados ao projeto futebolístico, concluíram o ensino médio, sendo que Cláudio tornou-se empresário do ramo de produtos para o campo (fertilizantes, máquinas, sementes) enquanto Adão mantinha-se desempregado ou fazendo pequenos bicos.<sup>264</sup>

A trajetória exitosa de escolarização dos seus irmãos<sup>265</sup> pode ser um dos elementos que ajudem a construir em Elisa esse sentimento valorativo sobre escola. Mesmo não tendo avançado para além do ensino médio, ela mostrou que alimenta uma vontade de entrar na faculdade, além de enxergar no avanço gradativo da escolarização uma possibilidade de mudança de vida e ganho de mobilidade social. Em sua fala ela talvez de forma inconsciente conecte a noção da faculdade e da prosperidade conseguida pelos seus irmãos, sendo que a partir disso, pode-se compreender que Elisa verifica na escolarização um caminho para mobilidade.

A percepção construída por Elisa sobre a importância da escolarização, no entanto, não está relacionada somente ao sucesso escolar obtido pelos irmãos. Ao ser perguntada sobre sua infância e sua trajetória escolar, ela foi enfática acerca do papel dos pais nesse processo.

**Elisa:** [...] Meu pai e minha mãe estudaram muito pouco. Os dois só fizeram até a 3ª série (4º ano do ensino fundamental). Desde cedo eles precisaram trabalhar na roça. Meu pai era do “interiorzão” da Bahia, e começou a trabalhar na roça ainda com 9 anos de idade. Era outra época né?! Só para você ter uma ideia, ele casou com a minha mãe quando ele tinha 17 anos e ela tinha 14. Hoje eu acho que isso não é nem mais possível (risos). Mesmo eles não tendo estudado muito, eles sempre procuraram fazer a gente estudar, porque eles eram daquele tipo de pessoa que não estudou, mas sabia que a escola era importante. Por isso,

<sup>263</sup> Tomaz, o pai de Murilo fez um Ensino Médio, integrado com técnico. Esse ensino técnico foi em segurança do trabalho.

<sup>264</sup> Do lado paterno, Murilo não tinha muito contato, especialmente porque seus avós haviam morrido quando ele ainda não havia completado 2 anos de idade. Tomaz era filho único e, por isso, não possuía Tios e nem primos.

<sup>265</sup> Elisa é a filha mais nova dentre os 8 irmãos.

meu pai trabalhou bastante para poder sustentar a família, botar comida dentro de casa.

Ele sai para trabalhar antes das 6:00h e voltava depois das 22:00h, sendo que nos finais de semana ele pegava mais um trabalho para ganhar um dinheiro a mais. Era muita gente para alimentar. E minha mãe em casa sempre cobrou os estudos da gente. Todos os irmãos estudaram, mas alguns ficaram no ensino médio como eu, e outros foram mais longe ainda. Foi a primeira geração dos Torres a fazer faculdade, mas também emplacamos logo 6 (risos)

Mamãe e papai fizeram de tudo para que nós estudássemos e o resultado está aí. Somos tão agradecidos pelo que eles fizeram que a uns anos atrás compramos um terreno lá na Bahia, perto de Salvador e construímos uma vila só com casas para os irmãos passarem as férias. Demos o nome da vila de “Pais Heróis” em homenagem a eles dois.<sup>266</sup>

A fala de Elisa evidencia que os pais desde que ela era pequena procuraram incentivar as atividades escolares dela e dos irmãos, bem como incutir o papel de destaque que a educação possuía para eles. Essa questão, relacionada a observação das trajetórias escolares dos irmãos pode ser presumida como um dos fatores de incentivo a formação escolar dada por Elisa a Murilo, mas também ao seu irmão Santiago. Cabe ressaltar que na época da pesquisa Santiago, que morava na Bahia com o pai, havia ingressado na universidade Federal da Bahia (UFBA) para fazer o curso de informática.

Tomaz, também incentivava a formação escolar do filho, embora também alimentasse um grande sonho de vê-lo profissionalizado no futebol. Entre os investimentos escolares promovidos por Elisa e Tomaz, podemos dizer que os maiores engajamentos partiam da mãe, tanto pela questão da proximidade em acompanhar a rotina de estudos, quanto pelos discursos construídos e verbalizados nas entrevistas e conversas informais.

A configuração descrita acima transparece um ambiente em que desde cedo Murilo e seu irmão Santiago, presenciaram indivíduos que ascenderam por meio da escolarização e alcançaram os mais altos graus de capitais culturais institucionalizados dentro da sua família. Isso permite verificar a existência de exemplos representativos para os dois meninos, que acabam por permitir a eles enxergarem na educação um campo de possibilidades tangível e factível para suas trajetórias de vida.

Em outras trajetórias familiares descritas anteriormente, a pouca representatividade escolar, bem como o pequeno reconhecimento da escola como um caminho, tornavam menos complicada as escolhas e conseqüentemente a tomada de decisões dos indivíduos.

---

<sup>266</sup>Entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 20/10/2015

No caso de Murilo e Santiago, a representatividade vista na família possuía ainda outro elemento importante relacionado a um incentivo dado pelos pais na aquisição de um capital cultural incorporado. Desde pequenos, Elisa diz que incentiva nos filhos a leitura, o estudo dos deveres da escola e até os jogos de vídeo game, que segundo ela podem ensinar de forma bem divertida uma língua estrangeira. Todos os passeios da escola que se dedicavam aos museus, ou atividades culturais eram prontamente pagos por ela e por Tomaz. De vez em quando também dizia levar os filhos em peças infantis ou atividades culturais a preços populares em Salvador.

As ações elencadas por Elisa dão conta de um investimento familiar, mesmo que não proposital, para a obtenção de capitais culturais. A percepção dessa transmissão precoce sobre a aquisição de capitais culturais reforça o impacto importante da educação familiar e da socialização primária, seja ela como positiva (através de seu incentivo) ou negativa (através de seu negligenciamento) na relação com as exigências do mercado escolar. Isso nos faz perceber que a adesão de Santiago e Murilo à escola, juntamente como a percepção dessa enquanto um caminho possível e que vale a pena ser seguido, exemplificam que a transmissão desses incentivos foi em certa medida internalizada por eles, e tomada como uma “herança aceita” pelos mesmos.

A estruturação desse *habitus* que valorizava e incentiva a aquisição de capitais culturais pode ser visto como um dos elementos que fizeram com que desde criança os dois irmãos se sentissem muito a vontade com a estrutura escolar. Elisa e Tomaz diziam que os dois filhos se adaptaram muito rapidamente as rotinas, as atividades, e códigos escolares. Para isso, também deve ter contribuído a precocidade com a qual os pais matricularam os filhos na escola. Desde os 3 anos os irmãos frequentavam a educação infantil.

O comportamento dos pais com relação a educação dos filhos confirma um comportamento engajado e preocupado. Durante a permanência de Murilo na Bahia, os pais do menino sempre se mostraram preocupados com o estabelecimento de ensino que ele e o seu irmão estudavam. Sobre isso Elisa diz:

**Elisa:** Nós sempre nos preocupamos muito com a escola dos meninos. Procuramos na medida do possível e de acordo com a nossa realidade de salário matricular os meninos naquilo que mais estava ligado as nossas ideias. Quando matriculamos o Santiago numa escola procuramos primeiro uma escola que oferecesse a ele além da matéria que é importante, também um espaço de divertimento. Acho que o conteúdo é importante, mas a escola também tem que ensinar valores. Procurei uma escola nesse caminho pro “Santi”. Ai também procuramos uma escola que tivesse desde as menores séries até o ensino médio. Não sabia se ele

ia trocar de escola algum dia, não era nossa ideia, porque manter uma continuidade numa escola é bom.

Resolvemos, é claro matricular ele numa escola particular, porque a gente sabe os problemas da escola pública. Agora eu estou aqui no Rio de Janeiro e vejo que nem todas as escolas públicas são assim. Murilo agora está em uma, mas quando eu morava lá em Salvador eu ligava muito escola pública com violência e isso me dava medo.<sup>267</sup>

Elisa mostra que a preocupação dela com a escolarização do filho e consequentemente a relação da família com o assunto escola era muito próximo. Na decisão de matricular o filho mais velho Santiago em uma instituição de ensino, ela operou enquanto uma consumidora de escola, ou seja, um indivíduo que enxerga o mercado de instituições escolares como produtos dispostos numa prateleira, nos quais se buscam aqueles que mais condizem com seus interesses e aspirações (NOGUEIRA, 2013). Na verdade, a postura de Elisa retrata uma mobilização parental em torno da excelência escolar que poderia denominá-la como uma mãe profissional de ensino (FIALHO, 2012), já que ela efetua escolhas, seleções e estratégias meticulosas de escolarização dos filhos a partir das informações que ela conhece ou que coletou de outras pessoas.

A atribuição dada por Fialho (2012) a esse tipo mãe, diz respeito em muitos casos àqueles responsáveis que criam um superinvestimento escolar nos filhos e normalmente baseiam suas escolhas em escolas, não por fatores como distância de casa, mas sim por elementos como proposta pedagógica, ambiente escolar, corpo docente entre outros.

Satisfeita com a proposta oferecida pela escola de Santiago em Salvador, Elisa também matriculou Murilo lá quando ele tinha 3 anos de idade. O jovem atleta permaneceu na escola entre os 3 anos e os 12 anos de idade. Durante esse período a mãe revelou que o filho sempre manteve um bom resultado na escola. Durante uma das conversas informais sobre a trajetória escolar de Murilo, Elisa interrompeu em determinado momento esse diálogo e foi até o quarto dela, onde depois de alguns minutos voltou com uma pasta sanfonada cheia de documentos escolares de Santiago e Murilo. Nessa pasta ela guardava entre outras coisas os boletins dos dois filhos. Pedindo gentilmente obteve-se acesso aos documentos e realmente foi possível ver que o jovem atleta desde a entrada no sistema escolar dispunha de um boletim repleto de “notas azuis” que giravam entre o 6,5 pontos e os 8 pontos.

A forma como principalmente Elisa regulava e administrava a vida escolar dos filhos pressupõem que existisse um projeto individual dela em torno da obtenção de altos

---

<sup>267</sup>Segunda entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 05/09/2016

graus de capitais culturais institucionalizados. No entanto, esse projeto dela precisou ter que conviver cada vez mais com o surgimento e amadurecimento de outro projeto que foi alimentado pelo Tomaz, mas que pouco a pouco acabou se tornando um projeto individual de Murilo, nesse situação, a profissionalização no futebol.

Como mencionamos a entrada e permanência no clube do Bahia contribuiu para que se construísse um projeto futebolístico individual por parte de Murilo e a partir desse projeto individual começou a se estruturar um projeto familiar em torno do futebol. Esse projeto como vimos foi ganhando força com a adesão de novos indivíduos a ele, mas também pelo aumento dos esforços e estratégias para vê-lo concretizado.

O aumento do investimento no projeto futebolístico tornou-o paulatinamente o objetivo prioritário dentro da família em relação a Murilo. Contudo, ao contrário de outras famílias analisadas (Marques, Moreira), no qual a escola foi completamente secundarizada, na família Torres, nem todas as escolhas e decisões feitas sobre as rotinas escolares eram pensadas tendo no futebol o seu objetivo final. No acompanhamento da família Torres, foi possível perceber que o projeto familiar girava em torno do futebol, mas o projeto familiar em torno da escola não havia ficado por completo em segundo plano. Isso quer dizer que algumas das decisões e estratégias elaboradas pelos Torres na escolarização de Murilo não eram feitas apenas pensando em como aquilo impactaria no futebol, ou como ajudaria a aumentar suas chances de profissionalização. Em determinados casos, as decisões tomadas sobre a escolarização de Murilo eram pensadas de acordo com a seguinte linha de raciocínio: Como dar a melhor chance de escolarização para meu filho, mesmo que esse não seja o objetivo principal dele.

A partir da estruturação do projeto futebolístico por Murilo quando ele tinha 12 anos e da incorporação desse projeto tanto pelos pais, quanto por outros indivíduos dentro da família, as ações escolares dentro da família Torres passaram gradativamente a versar em torno desse mantra: Como dar a melhor chance de escolarização para meu filho, mesmo que esse não seja o objetivo principal dele.

A reconstrução da trajetória e das ações dos indivíduos da família Torres, através de conversas, permite a estruturação de um inventário de engajamentos e estratégias que reforçam essa concepção de que apesar da projeto futebolístico ser prioritário, outro projeto que vinha sendo estruturado anteriormente se manteve dentro da família como um

apêndice, ou seja, um resquício não desenvolvido completamente, mas que influenciava e interagiu em determinado momento com o projeto principal.<sup>268</sup>

A estruturação do projeto futebolístico de Murilo, por exemplo, não demoveu da mãe a ideia de que o menino deveria continuar estudando na mesma escola. Por isso, mesmo se dedicando durante mais dias e mais horas aos treinos do Bahia, Elisa optou por não mudar Murilo de escola. Para ela a instituição escolar era excelente e não valia a pena mudá-lo para outra apenas por questões de horários dos treinos. A opção feita por ela para conciliar o horário das aulas com o horário dos treinos foi primeiramente dar dinheiro ao filho para que almoçasse as refeições da cantina da escola e também que pegasse carona com ela para que conseguisse sair da escola e chegar ao treino no horário correto.

**Elisa:** Lá em casa o futebol é muito importante, porque é o que o Murilo quer fazer, é a vontade dele e com o tempo passou também a ser a nossa. Hoje todos se juntam para ajudá-lo nessa caminhada. É a caminhada de todo mundo e a família fica muito feliz que ele esteja seguindo o sonho dele. Mas eu também nunca deixei que isso fizesse ele dar volta na gente na escola. O futebol é prioridade, mas a escola não é esquecida. Abrimos mão nela, somente daquilo que não vá prejudicá-lo. Eu não vou tomar decisões ruins para ele na escola se houver a possibilidade de conciliar os dois. (futebol e escola). Vou com os dois até onde não der mais. Tomaz acha que eu cobro muito dele, para uma coisa que talvez não sirva de nada no futuro para ele. Mas sei lá. Escola é escola.<sup>269</sup>

**Tomaz:** Nós sempre procuramos acompanhar bastante a rotina escolar dos meninos. Isso desde que nós todos morávamos lá em Salvador. Desde deveres, os cadernos, as notas nas provas. Sempre ficamos ligados nisso. Mas tenho que confessar, a Elisa sempre esteve mais presente e mais em cima dos meninos nesses assuntos. As vezes, eu passava a mão na cabeça deles em algum assunto. Deixa correr frouxo ou aliviava para os meninos. (risos) [...] Com a Elisa sempre foi mais apertado o laço.<sup>270</sup>

Os discursos construídos nos trechos das duas entrevistas feitas com Elisa e Tomaz mostram que mesmo depois da estruturação do projeto futebolístico ainda no Bahia, principalmente Elisa, manteve a cobrança sobre as rotinas escolares de Murilo. Entre essas cobranças podemos listar a manutenção de Murilo na mesma escola que já estudava mesmo a cobrança no futebol tendo aumentado<sup>271</sup>. Além disso, manteve um acompanhamento estreito

<sup>268</sup> Poderíamos chamar também esse engajamento na escolarização de Murilo, como um projeto auxiliar.

<sup>269</sup> Segunda entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 05/09/2016

<sup>270</sup> Entrevista com Tomaz, pai de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 15/05/2016

<sup>271</sup> Lembrando que para a manutenção dele na mesma escola, foi feita uma reorganização do local de alimentação do menino (passou a ser na escola) e também o tipo de transporte, já que antes uma van levava o filho para casa e depois a mãe levava o menino para o treino. Para ganhar tempo ela começou a levar menino diretamente da escola para o clube.



sobre os deveres de casa, sobre a preparação para as provas da escola e sobre a conservação dos materiais escolares.

A mudança para o Rio de Janeiro e o aprofundamento do projeto futebolístico, no entanto, não mudaram as concepções da família, em especial de Elisa sobre, a necessidade de investimento escolar de Murilo. Preocupada com que ele enfrentaria no novo estado, Elisa e Tomaz vieram para o Rio de Janeiro antes da mudança de Murilo para conversarem melhor com os funcionários do clube, para ver a região onde o filho moraria, bem como a oferta de escolas na região.

A atenção dada pela mãe sobre como funcionaria a rotina do filho no clube, e a tentativa de saber mais sobre o entorno do clube chamaram a atenção da assistente social do [nome do clube] que atendeu Elisa e Tomaz:

**Assistente social:** A mãe do Murilo é uma mãe muito participativa na vida do menino. A gente percebe isso, porque sempre que precisa falar com ela, nós ligamos e rapidamente ela está aqui para saber o que houve. Se todos os pais que precisamos atender aqui fossem iguais a ela acho que teríamos metade do trabalho. Lembro quando o Murilo chegou aqui no clube e a Elisa veio saber mais. Ela perguntou muita coisa. Queria saber exatamente tudo que podia. Acho que a preocupação dela era mais porque ele ia ficar aqui no Rio de Janeiro sem ela.

**E:** E escola? Ele estuda onde? É em algum colégio que tem parceria com vocês?

**Assistente social:** Sim. Ele estuda no colégio Z. Passou a estudar lá esse ano. Mas antes ele estudava no colégio X.

**E:** Mas por que ele mudou de escola?

**Assistente social:** Porque no colégio X era municipal e só ia até o 9º ano do ensino fundamental. Ai depois disso, a Elisa o matriculou no colégio Z.

**E:** Mas esse geralmente é o caminho natural daqui? Sair do colégio X e ir para o colégio Z que possui ensino médio?

**Assistente Social:** Não existe um caminho natural. Quando os pais moram aqui perto do clube e são os responsáveis legais pelos filhos, eles é que escolhem as escolas dos filhos. Nós nos responsabilizamos somente pelos albergados. Os pais podem colocar o filho onde quiserem, mas se eles quiserem um conselho, uma dica de uma escola que seja “parceira” do clube nós normalmente indicamos essas 3. A escola X, a escola Y e a escola Z.

**E:** E no caso do Murilo, essa escolha pela escola teve participação de vocês?

**Assistente social:** Quando ele chegou aqui nós explicamos isso tudo para os pais dele. Falamos das 3 escolas. Mas na situação do Murilo foi a mãe que decidiu onde seria a matrícula depois que ela visitou as escolas. Lembro que depois mesmo sem precisar a Elisa veio aqui para avisar onde o Murilo estava estudando.<sup>272</sup>

<sup>272</sup> Segunda entrevista feita com a assistente social do clube. Entrevista realizada em 16/05/2016

A entrevista com a assistente social do clube mostra a preocupação dos pais de Murilo com inúmeros fatores decorrentes da mudança para o Rio de Janeiro, inclusive com a escola que ele passaria a estudar. A opção da família pela escola pública foi pautada principalmente pelo aumento dos custos que o núcleo passou a ter com a vinda de Murilo para o Rio de Janeiro. Apesar da mãe ainda não ter abandonado o emprego para vir para o Rio de Janeiro, a manutenção de Murilo na casa da conhecida da Bahia custar-lhe-ia aproximadamente R\$1.000,00, mais os custos com possíveis passagens e lazer individual do menino. Esses novos custos, segundo Elisa, acabaram começando a estrangular o orçamento doméstico, por isso, a escolha pela escola pública.

Outro ponto que fortaleceu a escolha sobre a escola pública foram as informações positivas dadas pela assistente social sobre as instituições escolares e as relações que elas estabeleciam com o clube. Diante da impossibilidade de matricular o filho numa escola particular, os pais buscaram dentro das opções apresentadas pelo clube escolher aquela escola que consideravam melhor para seus interesses, que eram naquele momento ausência de custo, um ensino minimamente de qualidade, organização e contato estreito com o clube. Diante disso, Elisa e Tomaz disseram:

**Elisa:** A gente escolheu a escola X por tudo que nós (ela e o marido) vimos lá quando fomos visitar as duas escolas que tinham ensino fundamental (escolas X e Y). A escola X passou mais confiança para gente. Era uma escola menor, com menos alunos e parecia haver um acompanhamento maior dos meninos. A diretora também pareceu muito simpática e atenciosa. Mostrou toda a escola, falou de como funcionava a relação com o clube. A escola pareceu bem organizada e isso passou confiança para mim e para o Tomaz. A outra escola não passou essa segurança para gente.<sup>273</sup>

**Tomaz:** Quando matriculamos o Murilo na escola aqui no Rio de Janeiro, fomos em 2 escolas e acabamos preferindo a primeira escola que visitamos (escola X). A Elisa se sentiu mais segura lá e eu segui o que ela preferia. Acho que fizemos a escolha certa.<sup>274</sup>

Podemos ver na decisão dos pais de Murilo, uma escolha da escola não apenas pela facilidade de flexibilização das rotinas escolares em benefício dos treinamentos, como sabemos que as duas escolas parceiras do clube fazem. Na verdade, contribuiu muito para a escolha da escola elementos alheios a questão esportiva, tais como confiança na organização

---

<sup>273</sup>Entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 20/10/2015

<sup>274</sup>Entrevista com Tomaz, pai de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 15/05/2016

da escola, empatia com a direção e crença na proximidade de acompanhamento dos alunos pela instituição. Uma escolha pautada nesses requisitos evidenciam que o projeto futebolístico da família Torres não eliminou outras ações e estratégias na formação escolar de Murilo.

A transferência de Murilo para a escola Z no ano de 2016, quando encerrou o 9º ano e iniciou o ensino médio, também seguiu os mesmos preceitos usados para escolha escola da escola X. Cabe ressaltar que dentro das opções de escolas públicas em parceria com o clube só existiam as instituições Y ou Z, sendo que a escola Y era aquela que Elisa não havia gostado quando matriculou o filho pela primeira vez no Rio de Janeiro, por isso, acabou escolhendo a escola Z<sup>275</sup>.

A escolha por escolas baseadas em questões educacionais e não meramente para adequação das rotinas da escola ao futebol, mostram que aquele projeto de escolarização embora posto em segundo plano, ainda se constituía como um apêndice do projeto familiar e influenciava na conciliação dos treinamentos com a escolarização. No entanto, outras atividades também reforçam que o acompanhamento escolar foi em certa parte mantido até o ponto em que não atrapalhava o desenvolvimento das atividades do futebol. Claramente a medida que Murilo foi progredindo nas categorias de base do [nome do clube] e as cobranças esportivas foram aumentando, a família Torres foi fazendo concessões para flexibilizar as cobranças escolares sobre Murilo.

Em épocas de campeonatos mais importantes ou durante as viagens a mãe abria mão de cobrar os deveres de casa para o filho. A cobrança sobre as notas também diminuiu desde que ele conseguisse passar de ano e progredir nas séries. E em algumas dias do mês ela deixava Murilo faltar à aula, desde que ela considerasse que aquele dia era um dia de matérias mais leves ou que o menino estivesse muito cansado por causa dos treinos.<sup>276</sup>

A busca por tentar manter as 2 rotinas com o mínimo de flexibilização e prejuízo escolar à Murilo, obviamente custavam um “alto preço” do atleta, que possui pouco tempo para atividades que não fossem os treinos, jogos e competições, além das atividades escolares. Durante o acompanhamento da família Torres no trabalho de campo e das conversas estabelecidas com os parentes que moravam na residência foi possível perceber desde a chegada ao Rio de Janeiro a rotina de Murilo era basicamente acordar por volta 7:00h da manhã, tomar um banho, e um café da manhã e ir para o treino que começava as 8:00 da

---

<sup>275</sup> Também é importante mencionar um elemento já dito ao trabalhar a família Moreira. A escola Z era considerada na região uma das melhores escolas públicas de ensino médio nos turnos da manhã e da tarde. A escola possuía bons índices de aprendizado e duradouras parcerias com instituições como a UFRJ e a Fiocruz que faziam projetos e cursos técnicos na escola.

<sup>276</sup> Foi perguntada da mãe o que ela considerava como sendo matérias mais leves. Ela listou educação física, artes, inglês como sendo essas matérias.

manhã. Murilo ficava das 8:00 até aproximadamente as 11:30 da manhã no treino e posteriormente almoçava no clube. A entrada da escola era as 13:00h e o rapaz ia andando até ela devido a proximidade com o clube. Na escola ficava até as 17:30h quando a mãe ia buscá-lo para voltar para casa. Normalmente na parte da noite a mãe cobrava que os trabalhos para nota e os deveres para as provas fossem feitos e posteriormente ele descansasse para o dia seguinte.

Atividades que normalmente consumiam muito tempo livre e prolongariam a hora do sono tais como uso de videogame, computadores e celular eram negociados e reduzidos para que o atleta pudesse descansar a noite ou fazer alguma atividade escolar impreterível. Essa estratégia foi descrita pela mãe como uma forma de tentar preservar o atleta do cansaço excessivo sobre uma rotina em que ela cobrava significativamente dos estudos, e o clube cobrava também bastante nos treinos.

Outro movimento do núcleo carioca da família Torres que reforça a concepção de um projeto escolar como apêndice ao projeto futebolístico de Murilo foi a decisão de Elisa em manter Murilo no turno da tarde quando ele migrou da escola X para escola Z. A troca de escola aconteceu quando o menino completaria 15 anos, ainda estando na categoria sub-15, mas com vistas a “subir” para categoria sub-17 no ano seguinte (2017). Normalmente o clube e os responsáveis pelos jovens atletas aqui no Rio de Janeiro preferem matriculá-los logo no ensino noturno desde o 1º ano do ensino médio, já que obrigatoriamente quando alcançarem o sub-17 (a partir dos 16 anos) algumas tardes dos atletas passam a serem ocupadas com atividades de musculação e conseqüentemente torna-se impossível conciliar com a escola no turno da tarde.

Mesmo sabendo da necessidade de troca de turno do filho em 2017, quando ele completasse 16 anos e fosse para a categoria sub-17, a mãe optou por matriculá-lo no ensino da tarde durante o 1º ano, realizando a troca de turno somente se fosse impossível mesmo manter as duas atividades. Sobre isso Elisa disse:

**E:** Nessa escola que o Murilo estuda agora, ele estuda em que turno?

**Elisa:** Ele estuda na parte da tarde. Desde que chegamos aqui ele sempre estudou na parte da tarde por causa do horário dos treinos que são na parte da manhã. Mas pelo que eu andei sabendo, quando ele subir para próxima categoria eu vou ter que mudar ele de turno. Ele vai ter que ir para noite, porque 3 dias na semana os meninos tem musculação na parte da tarde. Ai não vai dar para ficar estudando nem de tarde e nem de manhã. Eu vou te falar que essa coisa de estudar de noite não me agrada nem um pouco. Meu filho vai sair da escola lá para as 22:00 da noite. Sei lá... não gosto da ideia. Fora que eu não sei o porquê, mas escola a noite

me parece um pouco mais bagunçada e isso pode prejudicar o Murilo. Mas se não tiver jeito é isso. Estamos aqui pelo futebol.<sup>277</sup>

A fala de Elisa dá conta de que mesmo com as rotinas do futebol aumentando significativamente a medida que Murilo progride na profissionalização, principalmente a mãe ainda reluta em flexibilizar algumas ações em benefício do futebol. Apesar da adesão ao projeto futebolístico do filho, algumas estratégias da família ainda dialogam com outros projetos que se cruzam com o projeto futebolístico. Esse diálogo entre o projeto futebolístico e resquícios de um projeto escolar mantido na medida do possível com algumas ações e estratégias, influencia as ações do processo de profissionalização de Murilo. Não é possível determinar até que ponto eles prejudicam ou ajudam na concretização do projeto familiar futebolístico, mas é certo que as ações da mãe em torno de alguns investimentos na educação impactam na rotina futebolística de Murilo.

A possibilidade de migrá-lo para o turno da noite desde o 1º ano do ensino médio, poderia significar para Murilo, tardes de livres para o descanso após os treinos ou a diminuição da correria entre o treino e a entrada na escola. Mas segundo Elisa, não havia possibilidade de negociação nesse sentido, apesar de Murilo ter pedido insistentemente para que a mãe pensasse bem nessa situação, pois poderia ajudá-lo no futebol.

O tratamento dado à Murilo no incentivo a sua escolarização não diferia daquele oferecido ao seu irmão Santiago durante grande parte da vida escolar dos dois. Pelo que Tomaz e Elisa comentaram sobre a trajetória escolar dos dois filhos, ambos sempre estudaram na mesma escola e possuíam por parte dos pais cobranças muito semelhantes sobre resultados em provas, acompanhamento das tarefas escolares entre outras atividades educacionais. Até o curso de inglês era o mesmo oferecido aos dois, claramente com a diferença de nivelamento devido a idade superior de Santiago em relação a Murilo.

Apesar de sempre se esperar um maior engajamento de Santiago ao projeto familiar futebolístico e em algumas vezes perceber-se comentários desaprovadores sobre a ajuda aquém do esperado ao projeto futebolístico, a família não atrelou os destinos e as possibilidades de escolha de Santiago ao projeto futebolístico da família, assim como vimos, por exemplo, na família Almeida. A manutenção de Santiago em Salvador para completar o 3º ano do ensino médio e a sua posterior continuidade na capital baiana morando com o pai devido à entrada na UFBA mostram que os indivíduos inseridos no projeto futebolístico da família estavam dispostos a realizar negociações para que o projeto futebolístico pudesse existir juntamente com a execução e outros projetos individuais.

---

<sup>277</sup>Segunda entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 05/09/2016

A possibilidade de outros projetos individuais existirem de certo modo independentes do projeto futebolístico, não quer dizer que eles não fossem de alguma forma influenciados por esse projeto. Isso pode ser visto quando reconstruímos alguns momentos da trajetória futebolística de Murilo e do projeto futebolístico da família Torres. A estruturação desse projeto voltado para o futebol passou a canalizar uma quantidade maior de recursos financeiros para as atividades realizadas por Murilo, principalmente após sua mudança para o Rio de Janeiro e o aumento dos custos da família Torres.

Elisa e Tomaz não comentam a existência aberta de um tratamento diferenciado dado aos filhos, no que tange as recursos financeiros. Dizem que oferecem aos dois tudo que está ao alcance deles, mas algumas escolhas e ações tomadas em benefício da profissionalização de Murilo acabam significando um alocação maior de recursos para o jovem atleta em comparação com Santiago. Com dito anteriormente, a mudança de parte do núcleo familiar dos Torres para o Rio de Janeiro acabou por impactar diretamente na renda e no padrão de vida daqueles que moravam no novo estado. A família basicamente passou a viver dos bicos feitos por Adão, da ajuda de custo dada por Carlos Leite e pelo envio de dinheiro de Tomaz para o Rio de Janeiro. Em algumas conversas com Adão e Elisa e na entrevista com Tomaz foi possível ver que parte dos recursos que antes ficavam no núcleo familiar da Bahia começaram a ser direcionados para o Rio de Janeiro, para suprir as necessidades do projeto futebolístico.

**Adão:** [...] Aqui no Rio de Janeiro eu procuro fazer uns bicos para ajudar na renda. Como aqui é uma área que tá crescendo, tem alguns trabalhos de elétrica, alvenaria e hidráulica para fazer. Dá para descolar um dinheiro, mas também não é muito. Uma parte do que nós precisamos quem manda é o Tomaz.<sup>278</sup>

**Elisa:** Mesmo estando longe, lá na Bahia, o Tomaz é muito importante para a gente continuar aqui no Rio de Janeiro. O que nós juntamos aqui e renda, não dá para pagar tudo. Até porque morar no Rio não é barato e também tem outros custos que o futebol acaba por forçar a gente a fazer né. Chuteira é quase uma a cada 6 meses. E o Murilo quer a chuteira do Messi, do Cristiano Ronaldo. E isso não é barato. Também tem os suplementos, e alimentação que também mordem uma parte do dinheiro. Apesar dele almoçar no clube dia de semana. Nos finais de semana ele faz as refeições em casa e ele come muito. (risos) Coisa de adolescente. Como meu marido não passou a ganhar mais, ele acabou tendo que apertar um pouco mais as coisas lá na Bahia.<sup>279</sup>

---

<sup>278</sup>Conversa informal com Adão realizada em novembro de 2016. Parte integrante do diário de campo do dia 07 de novembro de 2016

<sup>279</sup>Conversa informal com Elisa realizada em novembro de 2016. Parte integrante do diário de campo do dia 07 de novembro de 2016

**Tomaz:** Cada um ajuda na família como pode. Eu não pude vir para o Rio de Janeiro, mas continuo ajudando de lá da Bahia. Todo mês eu enviei uma parte do salário aqui para o Rio para a Elisa, o Adão e o Murilo se manterem. Quando precisa de algo extraordinário, o Cláudio, irmão dela também ajuda. Mas claro que essa situação fez com que nós tivéssemos que reorganizar algumas coisas e tentar não fazer novos gastos. Por exemplo, infelizmente o Santiago que estava no 3º ano na época da mudança do Murilo para o Rio de Janeiro teve que sair do cursinho pré-vestibular que ele estava fazendo porque não dava mais para eu pagar. Ele ficou só com o que o colégio ensinava e que no final acabou sendo o necessário para ele passar no vestibular aqui da UFBA. O cursinho de inglês também teríamos que cortar, mas aí o Cláudio disse que podia continuar pagando ele acabou continuando no curso. Mas é isso, todo mundo tenta ajudar da maneira que pode.<sup>280</sup>

Articulando as conversas com esses 3 indivíduos é possível perceber que a estruturação do projeto futebolístico e o superinvestimento no futebol começaram a demandar maiores recursos financeiros para o núcleo situado no Rio de Janeiro. Nesse sentido, esses recursos começaram a ser reorganizados e redistribuídos dentro da família para atender os interesses prioritários, no caso o futebol e também o núcleo localizado no Rio. Por isso, vemos que todos os indivíduos da família que estavam atrelados a esse projeto tiveram que contribuir de forma espontânea ou a contragosto como foi o caso de Santiago. Esse deslocamento de recursos de Santiago para manter o projeto futebolístico de Murilo evidenciam um fenômeno verificado em famílias no qual o projeto familiar se estrutura em cima do futebol, a saber, a proeminência do filho atleta sobre os outros filhos dentro da família. Isso quer dizer que comumente recursos financeiros, afetivos e temporais são sistematicamente canalizados para o indivíduo que se caracteriza como o centro do projeto, no caso o filho atleta.

Cabe ressaltar que, na situação da família Torres, o projeto futebolístico apesar de prioritário, também convivia com um incentivo ao escolarização e a valorização dos títulos escolares como forma de mobilidade social. Essa coexistência entre a valorização do projeto futebolístico, mas também a obtenção dos títulos escolares pode ser visto como um dos motivos pelos quais Cláudio, tio de Santiago, decidiu arcar com o pagamento do curso de inglês do rapaz depois que o pai disse que não poderia mais arcar com ele.

A realidade exposta mostra que apesar do projeto futebolístico familiar dos Torres possibilitar a existência de projetos individuais autônomos como é o caso de Santiago, ou de projetos auxiliares como é o caso das ações escolares mantidas por Elisa, em última instância as ações, estratégias e escolhas acabam por privilegiar a profissionalização no futebol, mesmo

---

<sup>280</sup>Entrevista com Tomaz, pai de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 15/05/2016

que se tente ao máximo não renunciar aos outros projetos para “abastecer” o projeto futebolístico com recursos, tempo e dedicação privilegiada.

Essa situação pôde ser verificada até o último contato feito com a família Torres em maio de 2017. Nesse momento, Murilo já havia assinado seu 1º contrato profissional com a intermediação do empresário Carlos Leite e vinha se mantendo com boas atuações e como titular na zaga central do clube. A crença sobre a profissionalização no futebol se mantinha forte entre os membros da família, a ponto da mãe não considerar a manutenção de Murilo no ensino noturno um problema relevante. Segundo ela, agora com o 1º contrato profissional e as atuações do filho. As chances de profissionalização era muito grandes e com um contrato assinado havia mais segurança, logo privilegiar tanto o futebol não parecia mais algo tão inseguro quanto antes.

Seus planos, no entanto, eram que o filho terminasse o ensino médio e caso desse tentasse fazer um vestibular, mas agora o discurso era que ele deveria fazer isso, caso não atrapalhasse a carreira no futebol. Para essa ideia ela justificou que a faculdade poderia ser feita depois, mas a chance no futebol não podia esperar. Com relação a Murilo, apesar das rotinas escolares não serem vistas como algo ruim, sua atenção na época do último contato estavam completamente focalizadas no futebol. Seu objetivo, segundo ele, era começar a se destacar a ponto de num futuro próximo ser selecionado para a equipe profissional que vinha arrematando muitos jogadores da base no seu plantel principal.

### **3.5 – Trajetória da Família Guimarães<sup>281</sup>**

A família Guimarães é proveniente do Rio de Janeiro. O filho atleta chama-se Paulo, nasceu no ano de 2000 atualmente integra a categoria sub-17 do [nome do clube] na posição de centroavante. Paulo é filho de Henrique e Suzana, sendo o irmão mais novo de Pedro, nascido em 1993. A diferença de idade entre os dois irmãos é de 7 anos.

A inserção de Paulo no futebol foi motivada pela vontade dos pais, especificamente de Henrique. O patriarca da família era um torcedor fervoroso do Flamengo e sempre que possível acompanhava os jogos pela televisão ou pelo rádio. Henrique disse que desde que os 2 filhos eram pequenos ele procurou incentivar um acompanhamento pelo time e uma paixão clubística sobre o Flamengo. Por isso, procurava sempre incentivá-los a assistir também os

---

<sup>281</sup> O nome da família e dos indivíduos inseridos nela são fictícios.



jogos com ele. Nesse sentido, é possível identificar que dentro da família Guimarães, assim como em outras famílias investigadas e também em milhares de outros lares no país, havia uma aproximação desses indivíduos com o campo futebolístico, na condição de torcedores e entusiastas da prática futebolística.

A paixão de Henrique pelo Flamengo, e o gosto pelo futebol podia ser identificada pelo respeito e admiração que esse se reportava à figura do atleta de futebol e ao que eles faziam dentro de campo.

**E:** Por que você quer que seu filho se torne jogador de futebol?

**Henrique:** Tem vários motivos. Eu sempre achei muito legal essa coisa do jogador de futebol. Sempre achei eles um máximo. Eles vivem num mundo diferente né?! E isso para jogar bola. Acho isso muito legal, é como um artista né. O que o Neymar faz com a bola, parece coisa de circo. Eu tive na minha vida toda uma “basbaqueira” muito grande pelo jogador de futebol. Vi o Zico cara....<sup>282</sup>

A existência de uma visão positiva e até mesmo romantizada sobre a figura do atleta de futebol, aliado a um sentimento afetivo com esse esporte podem ser identificados como razões para que Henrique buscasse a profissionalização do filho maior (Pedro) no futebol. Na vizinhança em que eles moravam havia um campo de futebol de terra batida no qual as crianças jogavam bola. O local era usado eminentemente pelos adultos e jovens da região, mas em horários de pouco movimento ou entre uma partida e outra, as crianças costumavam fazer pequenas partidas para se divertir. Foi nesse espaço, que muitos vizinhos de Henrique viam Pedro e diziam que ele possuía uma habilidade grande com a bola, acima da média dos meninos da sua idade, à época com 7 anos de idade.

As falas dos vizinhos em torno de Pedro motivaram Henrique a matricular seu filho numa escolinha de futebol situada perto de casa e mantida por uma organização não-governamental (ONG). A escolinha voltada para atender principalmente meninos das classes populares era mantida com doações e uma pequena taxa dos pais, que segundo Henrique não passava de R\$10,00 por mês.

Pedro ficou nessa escolinha durante 2 anos (entre os 8 e os 10 anos). Quando completou os 10 anos de idade, Muniz, o treinador da escolinha, conversou com Henrique e disse que Pedro era muito bom e que precisava indicá-lo para um clube de futebol grande, pois o menino tinha habilidade. O pai menciona essa história da seguinte forma:

---

<sup>282</sup> Entrevista com Henrique, pai de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 20/03/2017

**E:** Me fala um pouco da trajetória desse seu primeiro filho no futebol.

**Henrique:** Assim... Não dá nem para chamar de carreira, porque ele não ficou muito tempo no futebol. As coisas começaram quando eu coloquei ele na escolinha da “jogar juntos” (nome da ONG) aqui perto de casa. Coloquei porque geral disse que ele jogava muito, que era craque. Eu achava que ele jogava legal, mas quando você ouve de outros, dá aquela confiança. Quando só eu achava eu pensava que era coisa de pai. Mas com geral falando coloquei o moleque para jogar. Ele se destacou nesses dois anos na escolinha, metia muito gol. Ai o Muniz, professor dele na escolinha falou para levarmos ele para o Bonsucesso porque estava tento umas peneiras para a entrada no sub-11. Topei para ver no que ia dar. Ele passou e foi aceito, mas não deu certo, ficou lá menos de 1 ano e tive que tirar ele do clube, porque não tinha como segurar o gasto. Tinha muita coisa para pagar. Material, passagem minha e dele, comida. Fora o tempo que eu gastava e que poderia estar trabalhando. No fim, tive que tirar o Pedro do futebol.<sup>283</sup>

Como foi possível verificar no relato, a chegada de Pedro à base do Bonsucesso foi pela identificação da sua habilidade, mas medida pela figura do professor Muniz, que possuía laços de conhecimento com os funcionários desse clube, onde havia trabalhado alguns anos. A chegada a Bonsucesso, no entanto, trouxe uma série de custos a família Guimarães com as quais ela não podia arcar naquele momento. O ambiente do centro de treinamento requiera de Pedro, um conjunto de materiais esportivos mais adequados do que aquele que ele utilizava na escolinha e, conseqüentemente, mais caro do que a sua família poderia pagar.<sup>284</sup> Além disso, o clube do Bonsucesso ficava distante da residência da família Guimarães, ocasionando um alto custo de passagem tanto para Pedro, quanto para o familiar que o acompanhava.

Henrique disse que mesmo diante desses problemas, a família ainda tentou mantê-lo na base do Bonsucesso o máximo possível. Contudo, isso não durou mais do que 8 meses. O pai alegou que os custos estavam estrangulando a escassa renda familiar além dos horários dos treinos estarem impedido-o de aceitar algumas propostas de “bicos”<sup>285</sup> na região.

A saída da base do Bonsucesso deixou Pedro bastante triste, pois ele gostava de jogar futebol. Para tentar minimizar essa situação, Henrique disse que manteve o filho na escolinha da ONG para segundo ele “o futebol não morresse por completo” para Pedro. Por parte do pai, a saída precoce do filho do Bonsucesso também se configurou como algo ruim, pois o mesmo incentivou muito a ida dele para o clube e via ali a possibilidade de quem sabe vãos maiores. Após essa situação, Pedro permaneceu na escolinha da ONG “jogar juntos” até os 14

<sup>283</sup> Entrevista com Henrique, pai de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 20/03/2017

<sup>284</sup> Segundo Henrique na escolinha o menino poderia usar qualquer tipo de calçado para jogar e os coletes eram fornecidos pela escolinha. No Bonsucesso, havia necessidade de utilização de chuteiras de trava, caneleiras e os shorts, que não eram fornecidos pelo clube. Isso acarretava um custo grande para a família.

<sup>285</sup> Bico na linguagem popular significa trabalho temporário e/ou pequeno serviço feito sem nenhuma garantia trabalhista ou assinatura de contrato entre as partes.

anos de idade, quando Henrique retirou-o de lá para que ele passasse a trabalhar com ele como ajudante de pedreiro nos “bicos” realizados pelo pai.

A trajetória futebolística do primogênito precisou ser abreviada precocemente devido as condições socioeconômicas verificadas pela família Guimarães. Segundo informações obtidas com a família e dados coletados do setor censitário no qual eles moravam, a renda dos Moreira estava estimada em aproximadamente R\$1.500,00 reais para o sustento de 4 indivíduos, a saber, o pai Henrique, a mãe Suzana, o filho mais velho Pedro, e o irmão menor Paulo, que nascerá em 2000.

Henrique não possuía emprego com carteira assinada até o ano 2009, por isso, vivia basicamente de trabalhos temporários e pequenos serviços como pedreiro, realizado no entorno do local em que residia. Sua esposa Suzana também não possuía carteira assinada e basicamente se dividia entre as atividades de dona de casa e passadeira. Os recursos obtidos pela família Guimarães segundo Suzana eram suficientes para pudessem sobreviver:

**Suzana:** Aqui em casa não tem como ter luxo. Todo dinheiro tem lugar certo e posso dizer que não sobra nada. No fim do mês o que não falta é coisa para pagar. Tem o aluguel, as compras, as contas de luz, gás, o celular. Tem isso tudo. Hoje as coisas são mais tranqüilas. A situação está muito melhor, mas quando o Paulo nasceu aqui em casa era muito complicado. Normalmente no final do mês faltava dinheiro, porque tem mês que tem muito trabalho, mas tem outros que aparece pouca coisa e aí como é que faz? Não faz né... Com a chegada do Paulinho, as coisas ficaram ainda mais complicadas de grana.<sup>286</sup>

As condições de vida expostas por Suzana evidenciam que a situação financeira da família Guimarães não permitia a existência de gastos financeiros para além, das necessidades básicas de sobrevivência da família. Com a chegada de um novo filho no ano 2000, esse cenário havia se tornado mais complicado. As dificuldades impostas à família Guimarães levaram Pedro, o filho mais velho, a começar a trabalhar aos 14 anos com o pai nos serviços que ele fazia. O intuito de Henrique era que o filho trabalhasse com ele no contraturno da escola para que pudesse complementar a renda familiar.

A situação financeira instável e de poucos recursos enfrentada pelos Guimarães explica as causas pelas quais a família teve que optar pela saída de Pedro do Bonsucesso. A formação futebolística naquele clube passou a exigir do núcleo familiar o dinheiro e o tempo que a família não tinha como dispor. Isso nos reporta aos estudos de Rial (2008) de que a formação futebolística é um projeto custoso, exigindo tempo e recursos financeiros muitas vezes difíceis de serem acionados pelos indivíduos pertencentes as classes mais baixas da sociedade.

---

<sup>286</sup> Entrevista com Suzana, mãe de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 12/04/2017

O cenário posto à família Guimarães evidencia que o nível socioeconômico verificado se constituía como um limitador do seu campo de possibilidades para a concretização de qualquer tipo de projeto futebolístico em torno do primogênito Pedro. A dificuldade de obter recursos financeiros restringia sensivelmente as estratégias e os movimentos possíveis da família em torno da manutenção de Pedro no Bonsucesso. Além disso, naquele momento a família Guimarães não possuía a estruturação de redes de sociabilidades que pudessem, por exemplo, manter Pedro no Bonsucesso através do patrocínio ao menino.

A frustração sobre a trajetória futebolística de Pedro parece ter sido algo que ficou marcada na vida, principalmente do pai.

**Henrique:** As vezes eu fico pensando que o Pedro podia ter se tornado um jogador de futebol. Aquela ida ao Bonsucesso poderia ter virado algo mais. O problema é que a gente não tinha grana para deixar ele lá e nem tinha ninguém para ajudar. Eu me sinto um pouco responsável por isso. Sei lá, a vida dele podia ter sido outra hoje.<sup>287</sup>

A experiência frustrada do pai com a profissionalização do primeiro filho pode ser vista como um elemento que facilitou a entrada do filho caçula (Paulo) no futebol. Podemos pensar que um sentimento de dívida pessoal, ou de persistir num objetivo que antes deu errado, possam ser um dos motores para o desenvolvimento do projeto futebolístico em torno do segundo filho e da tentativa de profissionalizá-lo.

Quando Paulo era pequeno, ainda com 5 anos de idade, Henrique conversou com Muniz e perguntou se o filho menor poderia ficar jogando na escolinha e acompanhando o irmão na ONG<sup>288</sup>. Depois de tantos anos, o professor Muniz já era um amigo próximo da família e concordou em manter os 2 irmãos na escolinha. A intenção de Henrique era de que os irmãos passassem tempo juntos enquanto ele trabalhava e também para que o irmão menor pudesse se divertir fora do horário das aulas.

Na escolinha e no campinho de terra próximo a casa da família Guimarães, a habilidade de Paulo pouco a pouco era identificada pelos outros meninos que jogavam bola com ele. Henrique mencionou que tanto ele quanto Muniz viam muitas semelhanças entre o futebol de Pedro e de Paulo.

**Henrique:** O Paulo jogava bola na rua direto com os amiguinhos. Esse futebol em campo de terra batida. Todo mundo dizia que ele jogava muito bem. Até brincavam dizendo que era de família, porque o irmão mais velho dele também jogava bem.

<sup>287</sup> Entrevista com Henrique, pai de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 20/03/2017

<sup>288</sup> Os dois irmãos ficaram juntos na escolinha por dois anos, entre 2005 e 2007. Depois disso, o irmão mais velho saiu da escolinha para ajudar o pai nos trabalhos como pedreiro.

A habilidade de Pedro chamava tanto a atenção de Muniz, que esse havia dito que ao completar 10 anos levaria ele ao Bonsucesso assim como havia feito com Pedro, seu irmão mais velho. Henrique comentou que não estava empolgado com aquela promessa, pois o Bonsucesso era um clube longe e sua condição financeira não permitiria novamente um filho na profissionalização no futebol. Ele tinha medo que outra frustração ocorresse com outro filho na família. Por isso, disse que ouviu a promessa, mas não tornou-a algo com o qual gostaria de se envolver.

Henrique disse que sua esperança de inseri-lo em algum clube de futebol ocorreria quando ele fosse mais velho e principalmente num clube próximo de casa, para diminuir os possíveis custos. Contudo, ele evidencia que outros acontecimentos se desenvolveram em paralelo aos planos dele, e aqueles feitos por Muniz.

**Henrique:** Eu até pensei em levar ele quando estivesse mais velho para tentar alguma peneira num clube, mas nem precisou esperar. Um conhecido nosso, que morava perto da gente e que eu fazia uns trabalhos para ele, viu o Paulo jogando e perguntou se podia levar ele para fazer uns testes na escolinha do clube que ele trabalhava.<sup>289</sup>

As habilidades de Paulo, assim como aquelas verificadas anteriormente em Pedro, se diferenciavam muito daquelas vistas nos outros meninos da vizinhança. Isso criava no bairro, certa fama sobre os irmãos, que passaram a ser conhecidos como “família boa de bola”. O reconhecimento e a fama local dos meninos chamaram a atenção de Estevão que trabalhava como massagista no clube Tigres do Brasil. O próprio Henrique fazia esporadicamente alguns trabalhos em alvenaria para Estevão e, com isso, contava as histórias dos filhos.

Observando Paulo, Estevão resolveu levá-lo aos 7 anos para que treinasse no futsal do Tigres do Brasil. A ideia foi aceita por Henrique que enxergou na proximidade de sua casa com o clube um elemento que poderia facilitar a manutenção de Paulo no clube, ao contrário do que havia ocorrido com Pedro no Bonsucesso. A localização do Tigres do Brasil em relação a residência dos Guimarães foi considerada por Henrique como um elemento diferencial, pois evitava a necessidade de gastos com passagem, visto que era possível ir à pé<sup>290</sup>.

Na trajetória futebolística de Paulo, os laços construídos com Estevão e Muniz se configuravam como importantes pontes para inserção do menino no campo futebolístico.

---

<sup>289</sup> Entrevista com Henrique, pai de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 20/03/2017

<sup>290</sup> A distancia da casa dos Guimarães para o centro de treinamento do Tigres do Brasil era de aproximadamente 3 km, ou seja, 30 minutos de caminhada.

Muniz era o responsável pela escolinha da ONG e possuía conexões importantes com o Bonsucesso, sendo seu plano levar Paulo ao clube assim que ele obtivesse a idade mínima para integrar as categorias de base do clube, ou seja, 10 anos. Por conseguinte, Estevão também possuía contatos dentro de um centro de formação e estava decidido a levar o menino para integrar esse centro.

É possível identificar que a entrada de Paulo no campo futebolístico ocorreu de forma muito semelhante àquela verificada na trajetória de seu irmão Pedro. Ele era visto como possuidor de uma habilidade diferenciada no futebol, sendo esse talento identificado por outras pessoas alheias à sua família e que possuíam inserção no campo futebolístico. Nesse sentido, dentro das 2 trajetórias contribuíram para que os talentos se tornassem oportunidades a existência de indivíduos dentro da rede social dos Guimarães que pudessem conectá-los ao campo futebolístico e aos centros de formação de base.

Apesar de histórias semelhantes no que tange a entrada nos centros de formação, a trajetória futebolística de Paulo se diferencia muito daquela verificada em Pedro. Primeiramente porque Paulo conseguiu estabelecer laços com Estevão, que, conseqüentemente, possibilitaram-no inserção num clube mais próximo da sua residência. A localização requeria menores custos financeiros da família para manutenção dele no esporte e também demandavam menos tempo de acompanhamento para as atividades esportivas, visto que os deslocamentos eram pequenos.

A possibilidade de integrar o Tigres do Brasil naquela situação tornava a estrutura de oportunidades de Paulo e da família Guimarães como um todo mais alargada. Era possível elaborar estratégias e ações que negociasse melhor com as condições financeiras limitadas da família. Esse foi um dos motivos que permitiu manter Paulo num centro de formação, diferentemente de seu irmão.<sup>291</sup> Além disso, é importante salientar que ao longo da permanência de Paulo na base do Tigres do Brasil, sua família experimentou um processo de mobilidade social ascendente. No ano de 2009, Henrique conseguiu um emprego de carteira assinada e com vencimentos superiores ao que ganhava fazendo bicos. Tudo isso para trabalhar como pedreiro para uma grande empresa de construção civil que estava construindo empreendimentos na região. No ano seguinte, foi a vez do irmão mais velho conseguir um emprego também com carteira assinada como Office boy de uma empresa.

---

<sup>291</sup> Importante destacar que Paulo foi o único dos dois irmãos a ser convidado por Estevão, porque esse considerou Pedro (14 anos) com uma idade já avançada para o clube do Tigres. Como mencionado anteriormente é comum no campo futebolístico essa predileção com jovens mais novos, normalmente abaixo dos 14 anos de idade.

Os novos vínculos empregatícios obtidos pela família, com menor instabilidade e maiores ganhos financeiros, permitiram aos Guimarães experimentarem novas formas de consumo e usarem esse dinheiro para desenvolverem outros objetivos, além da mera subsistência. A ascensão social para a chamada classe “C” tornou possível, trouxe uma expansão dos campos de possibilidades construídos para o desenvolvimento de um possível projeto futebolístico para Paulo. Com a melhora do padrão de vida da família era possível investir alguma parte desses recursos na permanência de caçula no futebol, diferentemente daquilo que havia acontecido com Pedro. Desse modo, a ascensão social da família auxiliou na concretização do projeto futebolístico dos Guimarães, ao permitir a elaboração de um conjunto maior de estratégias e ações que não esbarravam mais na ausência de recursos financeiros.

A nova condição da família Guimarães permitia que Paulo pudesse, por exemplo, pegar uma condução todos os dias para ir ao clube, ao invés de ir andando. Também permitia comprar melhores materiais esportivos tais como chuteiras e caneleiras, além de possibilitar que o menino comesse na rua alguns dias da semana, quando o tempo entre a escola e o treino era pequeno.

Durante os 4 anos (2007-2010) em que estava no futsal do Tigres do Brasil, Paulo viu sua estrutura de oportunidades no esporte se alargar sensivelmente com a ascensão social da família e a aproximação de um casal de tios do núcleo formado por ele, seu irmão e seus pais. A integração de José (irmão do pai) e de sua esposa Magda foi devido a mudança de residência desses tios que acabaram indo morar próximos ao núcleo central dos Guimarães. A aproximação geográfica fez com que os laços deles se estreitassem e pouco a pouco foi possível verificar que as relações de ajuda mútua foram se tornando mais comuns. Nesse processo os dois tios paulatinamente passaram a também integrar a experiência esportiva de Paulo, principalmente acompanhando-o em alguns treinos e jogos e dando-lhe alguns materiais esportivos quando era necessário.

Depois de 3 bons anos no futsal e com alto desempenho de Paulo, ele foi indicado pelo seu técnico para dividir seu tempo de treinamento no Tigres entre o futsal e o futebol de campo. Diante disso, durante o ano de 2010 ele alternou períodos de treinamento entre o futsal e o campo. No ano de 2011, Paulo foi definitivamente integrado às categorias de base do Tigres do Brasil na categoria sub-11 para atuar como centroavante.

Henrique mencionou que entre os 11 e os 13 anos de idade, Paulo obteve um desenvolvimento físico que acabou fazendo com que o jovem se sobressaísse aos outros

jovens que jogavam com ele. Segundo o pai essa situação conferiu-lhe alguma vantagem na posição que desempenhava.

**Henrique:** Na base do Tigres, quando o Paulo subiu de vez para o campo, o menino cresceu muito sabe. Não só de altura, mas de corpo também. Ele encorpou muito. De um ano para o outro era visível a diferença. Deixa eu te mostrar uma foto aqui (pai pega uma foto e mostra ao entrevistador). Aqui ele tinha 12 anos. O moleque já tinha 1,60 e devia pesar uns 55kg. O garoto era um tourinho. Ai para jogar no ataque, ninguém ganhava dele no corpo, nem os zagueiros. Durante muito tempo o garoto fez a festa no Tigres e se destacou muito.<sup>292</sup>

Henrique expõe uma situação em que o desempenho físico e técnico de Paulo se destacava muito sobre os outros jovens. Nesses 3 anos jogando pelo Tigres no campo, o jovem se destacou marcando muitos gols e sendo artilheiro de várias competições regionais e estaduais disputadas pelo clube. Num dos jogos do campeonato carioca Paulo, fez 4 gols contra o time do Nova Iguaçu e despertou a atenção do técnico do time adversário. Algumas semanas depois, a família Guimarães recebeu uma proposta do clube Nova Iguaçu para que o menino integrasse as categorias de base do clube em troca de uma ajuda de custo mensalmente paga à família.

Suzana e Henrique disseram que a proposta foi completamente surpreendente, pois envolvia dinheiro. Eles disseram que até achariam normal se o clube tivesse feito somente uma simples proposta de mudança de clube, assim como acontece com diversos outros jovens que trocam de um clube para outro nessa idade. Contudo, a proposta de mudança atrelada ao compromisso de um pagamento parecia para eles algo muito melhor do que podiam pensar.

**Suzana:** Nós todos aqui em casa ficamos surpresos, porque o menino tem 13 anos. O dinheiro não é muito, mas é dinheiro. Dá para fazer a feira. E com dinheiro no meio, já não é diversão, é trabalho e tudo muda. O Paulo ficou muito feliz e o irmão também. Todos na casa ganhando o seu dinheirinho<sup>293</sup>

**Henrique:** Quando recebemos a proposta por um representante lá do clube eu fiquei meio sem saber. Fiquei sem ação. Assim, na hora eu topei, porque o Nova Iguaçu é um clube de porte maior que o Tigres, tem mais tradição no Rio de Janeiro e tem uma base que forma legal. Além disso, tinha dinheiro no meio. A gente precisa muito de dinheiro e poder usar essa grana para bancar a própria formação do Paulo ajudava a renda de casa. Perguntei a ele o que ele achava e ele queria ir. Fomos de cabeça para o Nova Iguaçu.

**Paulo:** Eu me lembro que o me pai conversou com os moços do Nova Iguaçu e depois me explicou tudo. Procurou me mostrar o que tinha de bom e o que tinha

<sup>292</sup> Conversa informal com Henrique realizada em maio de 2017. Parte integrante do diário de campo do dia 10 de maio de 2017

<sup>293</sup> Conversa informal com Henrique, Suzana e Paulo durante um lanche perto do clube. Conversa realizada em maio de 2017. Parte integrante do diário de campo do dia 17 de maio de 2017



de ruim. Ele me explicou que se íamos receber algo, uma parte ia ficar para mim. Para eu fazer o que eu quisesse, que nem uma mesada, mas aí isso ia virar trabalho e ia deixar de ser diversão. Teria que levar a sério mais ainda.

As falas dos familiares evidenciaram que o modelo da proposta com ajuda financeira feita pelo clube Nova Iguaçu significava uma alteração decisiva na forma de encarar a atividade esportiva. A transferência para o Nova Iguaçu acompanhada de uma pequena remuneração para integrar as categorias de base do clube, significaram aos olhos da família Guimarães uma migração do futebol enquanto atividade descomprometida, para o futebol enquanto atividade profissional, homologa a um trabalho. É importante salientar que a simples ajuda de custo para qualquer atleta está longe de configurar vínculo de profissionalização ou certeza de sucesso na carreira. Essa prática é relativamente comum com jovens talentos que se destacam nos centros de Treinamento. Contudo, para a família Guimarães significava uma nova maneira de enxergar o futebol, agora como um ofício.

Podemos afirmar que as novas configurações desse momento geram a construção de um projeto familiar futebolístico em torno de Paulo. Antes disso, é possível dizer que havia ações compartilhadas principalmente entre os membros da família para que o menino pudesse continuar no Tigres do Brasil, contudo a procura por uma trajetória de profissionalização no futebol não era observada em todos os membros da família Guimarães.

A chegada ao clube do Nova Iguaçu acompanhada da transformação na forma como os membros da família enxergavam o futebol, agora como trabalho, incentivou uma série de investimentos e engajamentos da família com vistas a concretizar a profissionalização de Paulo. A trajetória esportiva de Paulo, culminando com a forma da sua transferência para o Nova Iguaçu significou para os Guimarães um aprofundamento da crença acerca da profissionalização no esporte. Na visão dos membros da família, percebia no campo futebolístico uma estrutura de oportunidades grande e factível, no qual valia a pena investir.

Henrique mencionou que depois da mudança para o Nova Iguaçu, alguns membros da família procuraram se esforçar para auxiliar na manutenção de Paulo nas categorias de base do novo clube. Como o centro de treinamento (CT) era mais longe e demandava duas conduções para chegar e duas conduções para voltar, a família achou mais prudente que um familiar sempre acompanhasse Paulo nos treinos. Como Suzana (mãe) era a única que não possuía emprego fixo, ficava a cargo dela o acompanhamento do filho nos treinos e nos jogos

dias de semana.<sup>294</sup> Nos finais de semana que tinham jogos perto de casa, comumente toda a família ia assistir e incentivar Paulo.

Durante a permanência no clube do Nova Iguaçu, a família com a ajuda de José e Magda procurou orientar melhor a alimentação do jovem. Para isso, os tios resolveram pagar um especialista em nutrição (nutrólogo) para fazer orientar Paulo no consumo dos alimentos e na ingestão de suplementos alimentares. Como dito anteriormente, Paulo possuía um biotipo muito superior ao dos outros jovens da sua idade e a família Guimarães encarava que manter essa vantagem era algo essencial para o sucesso esportivo do menino. Henrique e Suzana argumentaram que o estreitamento de laços com os tios José e Magda foi importante, devido ao auxílio concedido à Paulo.

**Henrique:** Tem coisas que são de Deus mesmo. O meu irmão ter vindo morar perto de mim foi uma benção. Porque ele ajuda muito. Somos família e, por isso, a gente se ajuda. A situação dele é um pouco melhor do que a nossa e isso permitiu que ele ajudasse a gente nas coisas do Paulo. Eles (Magda e José) entraram de cabeça nessa coisa do Paulo. Eles que pagaram durante muito tempo um cara ai para fazer a dieta do Paulinho. Para ele manter esse corpo de touro.<sup>295</sup>

**Suzana:** Os tios do Paulo foram de muita ajuda para o menino. Tio, ainda mais quando ta próximo, normalmente gosta de ajudar o sobrinho. E o José sabia que o menino era bom de futebol, que tinha futuro, então resolveu ajudar, pagando esse profissional ai. Foi importante, por criança muda o corpo de uma hora para outra. Se o Paulo espichasse e ficasse magrinho ele poderia perder a forma física que tem.<sup>296</sup>

Como podemos perceber o projeto futebolístico da família Guimarães começa a se configurar por um conjunto de investimentos que extrapolam a atividade física em si, e começam a delinear um sistema de estratégias e ações com vistas a maximizar o desempenho e o resultado esportivo de Paulo. Nesse processo, alguns indivíduos passam a integrar com mais força o projeto e, com isso, passam a desenvolver maiores engajamentos visando a concretização da profissionalização, como é o caso dos tios José e Magda. Cabe ressaltar novamente que o desenvolvimento do projeto tornou-se mais factível devido o alargamento da estrutura de oportunidades ocasionada principalmente pela ascensão social da família

---

<sup>294</sup> Paulo treinava 3 vezes por semana (segunda, quarta e sexta) das 14:00 as 16:30. Em algumas semanas havia jogo de algum campeonato nos sábados ou durante a semana. Quando os jogos eram durante a semana um dos dias de treino era suspenso com o intuito de que não se extrapolasse 3 dias de atividades com bola.

<sup>295</sup> Entrevista com Henrique, pai de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 20/03/2017

<sup>296</sup> Entrevista com Suzana, mãe de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 12/04/2017

Guimarães e a chegada de novos parentes com recursos financeiros disponíveis para integrar ao projeto futebolístico.<sup>297</sup>

A estruturação do projeto futebolístico dos Guimarães trouxe também outra estratégia que exemplifica o conjunto de investimentos feitos pelos membros da família a fim concretizar o objetivo de profissionalização. Com a situação financeira melhor, o patrocínio dos tios José e Magda e a ajuda de custo oferecida pelo clube à família, Henrique e Pedro (irmão mais velho) consideraram que Suzana não precisava mais continuar realizando serviços como passadeira. Diante da nova realidade econômica da família e da realidade esportiva era mais sensato que ela ficasse responsável pelos cuidados e acompanhamentos pormenorizados da rotina doméstica e esportiva do filho. Dessa maneira, podemos dizer que o papel designado pela família para Suzana, se assemelhava em alguns elementos com aquele desempenhado por Bianca na família Marques, ou seja, “mãe profissional de atleta”.

Cabia a ela conferir a alimentação do filho em casa, resguardá-lo de qualquer tipo de problema doméstico, controlar os amigos com quem Paulo lidava e verificar os deveres da escola, além de levá-lo e buscá-lo todos os dias de treino no Nova Iguaçu. Com isso, Suzana passou a viver em função da rotina diária do filho. Paulo diz que achava tudo isso engraçado, mas que também era em certos aspectos incomodo, pois a mãe seguia minuciosamente os passos do filho.

A chegada ao Nova Iguaçu desenvolveu uma série de engajamentos que possibilitaram a manutenção das atuações de Paulo no alto nível. Na Copa Zico ocorrida em 2013, ele se tornou o artilheiro da competição e acabou chamando a atenção de Reginaldo, funcionário do escritório de agenciamento de atletas do empresário Giuliano Bertolucci<sup>298</sup> Alguns dias depois Henrique disse que Reginaldo veio procurá-lo em nome do empresário para oferecer à família um contrato de agenciamento de carreira. O pai de Paulo disse que Reginaldo foi muito solícito e antes de qualquer decisão pediu para que ele e o filho fossem visitar o escritório de Bertolucci no centro Rio de Janeiro. Sobre isso Henrique diz:

**Henrique:** Recebemos essa proposta no final de julho, mas não respondemos na hora. Queria pensar bem, falar com as pessoas lá em casa. Era um passo grande pra... (palavrão) e não podia decidir ali na arquibancada do jogo. Ai fiquei de decidir depois. Ele então me deu um cartão e falou para aparecermos no escritório dele no centro. Assim se eu fui lá era porque eu ia assinar mesmo. A

---

<sup>297</sup> É importante lembrar que Pedro teve que desinvestir no futebol, justamente pela distancia da casa para o clube e dos gastos de dinheiro e tempo que isso causava na família. Na nova configuração socioeconômica dos Guimarães essa questão não se mostrava mais como um empecilho. Consequentemente permitindo maiores possibilidades de negociação,

<sup>298</sup> Um dos empresários mais influentes do futebol mundial com conexões em todos os continentes. Atualmente é administra as carreiras de David Luiz, William, Oscar, Ramires. Vem cada vez mais investindo em agenciamentos na base devido a demanda dos clubes europeus por atletas cada vez mais novos.

proposta era legal e ter empresário é muito importante nesse meio. Então fomos eu, Paulo e o Pedro lá. Porra, quando cheguei lá, um escritório muito bonito, e quadros na parede de vários jogadores famosos, depois da reunião ficamos sabendo que ele tomava conta da carreira de todos eles. Saímos de lá mais do que convencidos de assinar o contrato. Fizemos naquele dia mesmo.<sup>299</sup>

A estratégia utilizada por Reginaldo, ao convidá-los para conhecer o escritório é bem comum no campo futebolístico e trata-se de uma ação para mostrar poder e influência nesse meio, conseqüentemente, impressionando aqueles com quem se deseja firmar contrato. Na situação dos Guimarães, essa estratégia logrou êxito os membros da família saíram de lá extremamente confiantes e satisfeitos. O agenciamento proporcionado pelo novo empresário se configura como um importante laço construído pela família dentro do campo futebolístico, visto que Bertolucci possuía grande capital social no futebol derivada de uma ramificada rede de sociabilidades profissionais no futebol.

O reconhecimento dessa rede foi comentada por Pedro ao falar da trajetória esportiva do irmão.

**Pedro:** Eu vejo que a carreira do meu irmão teve uns momentos que são assim muito marcantes para mostrar onde ela foi subindo sabe?! Como foi dando certo. Uma delas foi chegar ao Nova Iguaçu e ganhando algo por isso. A outra foi ter chegado ao [nome do clube] porque aqui é um clube grande, como muita mídia. Mas acho que uma das paradas mais importantes foi ter conseguido aquele empresário, porque o cara é um peixe muito grande aí no futebol. Conhece meio mundo. Alias, tem que lembrar que foi ele que trouxe o Paulo para o [nome do clube]. Então até mesmo, a questão de estar aqui no [nome do clube] tem um o dedo dele.

Pedro percebe que a força que os laços estabelecidos com o empresário desempenham no processo de profissionalização do irmão e na configuração da estrutura de oportunidades ofertada à Paulo. Ele elenca o início da relação com Bertolucci como o momento mais importante da carreira do irmão, inclusive explicitando que a ida de Paulo para o [nome do clube] está diretamente ligada a alguma ponte estabelecida por ele entre Paulo e o [nome do clube]. Diante disso, é possível perceber que aos olhos de Pedro (irmão mais velho) e da família como um todo, a aproximação com esse empresário se constituíam como uma importante ferramenta alargar os campo de possibilidades no futebol, pois suas conexões dentro do futebol permitiam uma menor instabilidade nos acasos característicos do futebol.<sup>300</sup>

Como mencionado, a chegada de Paulo ao [nome do clube] foi motivada pelo empresário que buscava inseri-lo num clube com maior visibilidade. Ao final do ano de 2013,

<sup>299</sup> Entrevista com Henrique, pai de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 20/03/2017

<sup>300</sup> Isso quer dizer que mesmo com uma temporada ruim, problemas de lesão, ou qualquer outro empecilho inesperado dentro do futebol, o empresário poderia realocá-lo em outro clube, ou negociar sua permanência no clube em que estava.

Reginaldo – encarregado de Bertolucci – se reúne com a família Guimarães e avisa que eles conseguiram uma vaga para Paulo no [nome do clube] para integrar a categoria sub-15.

Henrique mencionou que a notícia foi muito bem recebida pela família, posto que o [nome do clube] era reconhecidamente um clube de projeção nacional, o que tornava ainda mais próxima as chances de profissionalização do filho. Os meandros que possibilitaram a entrada de Paulo na categoria de base do [nome do clube] não ficaram claras no percurso dessa pesquisa. Mas podemos afirmar que inegavelmente os laços existentes entre o empresário e os funcionários do clube desempenharam um papel central na construção de uma ponte entre a família Guimarães e o [nome do clube]. É possível que Paulo pudesse alcançar um posto dentro do novo clube de maneiras alheias a influência exercida por Bertolucci, mas provavelmente esse caminho seria maior. Nesse caso, o empresário significou um atalho de Paulo e direção ao [nome do clube].

Para agradar a família Guimarães evitando qualquer tipo de descontentamento, o empresário resolveu negociar uma ajuda de custo particular (da própria agência) para a família Guimarães para substituir aquela que eles ganhavam no Nova Iguaçu.<sup>301</sup> Essa decisão ocorreu porque segundo Suzana e Henrique no [nome do clube] ele não ganhariam nenhuma dinheiro para que Paulo treinasse nas categorias de base.

Paulo chegou então ao [nome do clube] as vésperas de completar 14 anos de idade e integrando a categoria sub-15. A adaptação do menino á base do novo clube vinha sendo descrito pela família como tranquila. O clube era relativamente perto de casa, possibilitando que Paulo fosse a pé ou de bicicleta. Além disso, a agremiação esportiva oferecia aos atletas refeições diárias (almoço e jantar) para que eles pudessem ter um maior controle da alimentação feito pelo clube. Alguns dos atletas que compunham a categoria onde ele estava eram conhecidos seus da vizinhança ou jovens albergados no clube que costumeiramente frequentavam as mesmas praças e ruas que ele na região.

A adaptação facilitada no novo clube permitiu que Paulo mantivesse o mesmo desempenho alto verificado tanto no Tigres do Brasil quanto no Nova Iguaçu. Apesar do volume e da intensidade dos treinos serem maiores, o jovem atleta conseguiu rapidamente se encaixar entre os titulares do time. Já no primeiro ano de [nome clube] disputava posição com outros centroavante e no final da temporada havia se consolidado como a primeiro opção do treinador.

---

<sup>301</sup> No novo clube, Paulo não teria mais a ajuda de custo que ganhava no clube do Nova Iguaçu. Isso de certa forma poderia dificultar a aceitação da família na sua mudança para o [nome do clube], por isso, o empresário se prontificou a cobrir essa ajuda de custo com os recursos da agência.

O sucesso verificado no [nome do clube] incentivou a família a investir cada vez mais recursos financeiros e temporais na profissionalização no futebol. Desse modo, dentro de casa pode-se perceber que todas as ajudas de custo dadas por Bertolucci além do dinheiro dado pelos tios iam exclusivamente para financiar produtos relacionados a formação esportiva de Paulo. Chuteiras, meiões, caneleiras, suplementos alimentares, produtos ricos em proteína, legumes e verduras, entre outros eram alguns dos exemplos daquilo que era comprado pela família para satisfazer as necessidades esportivas de jovem atleta.

Dentro do projeto futebolístico da família Guimarães não era perceptível uma diferenciação de tratamento entre os irmãos Pedro e Paulo. A diferença de 7 anos de idade entre os dois e as responsabilidades que desde pequeno Pedro teve que assumir no seio familiar, o colocavam mais numa figura de segundo pai de Paulo, do que propriamente um irmão. Essa distância de idade, a trajetória de vida de cada irmão e o momento presente de cada um deles não fazia com que os dois disputassem recursos familiares ou tivessem um tratamento diferenciado dentro do lar dos Guimarães

Naquele momento da pesquisa Pedro já era um indivíduo maior de idade, com a educação básica completa e inserido no mercado de trabalho. Ganhava seu próprio dinheiro, sendo que uma parte dele usava para contribuir nas despesas da família. Sua rotina e os investimentos feitos pela família sobre ele eram diferentes daqueles feitos sobre Paulo, devido ao momento de vida diferenciado que os dois filhos viviam. Um com 14 anos de idade e outro com 21 anos.

Dentro da família, Pedro era o segundo chefe da casa, primeiramente por ser o filho mais velho, mas também pela importância econômica dele no provento da casa. Por isso, algumas das decisões de Henrique eram debatidas com Pedro para então serem postas em prática, principalmente, quando o assunto era o projeto futebolístico familiar. O papel do irmão mais velho na trajetória esportiva de Paulo se baseava principalmente em conselhos, avisos e advertências de cunho moral e físico para que ele pudesse segundo as palavras de Pedro “render melhor”.

**Pedro:** Eu procuro ajudar o Paulo sempre com um conselho. Mesmo ainda sendo novo eu tento ser a voz da experiência com ele nesse negócio de futebol. Quase não fiquei em centro de treinamento, mas eu conheço um pouco de futebol, sei jogar, sei como se faz a parada. Então sempre que posso dou umas dicas a ele. Quero muito que ele consiga avançar e chegar onde eu não consegui chegar. Ele tem potencial e acredito que vai virar um jogador de futebol dos bons.<sup>302</sup>

---

<sup>302</sup> Entrevista com Pedro, irmão de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 21/04/2017

Na estruturação do projeto futebolístico da família Guimarães, Pedro, o irmão mais velho possui um papel decisivo como orientador da carreira esportiva do irmão mais velho, tentando antecipar-lhe os perigos da profissão e ensinando-lhe aquilo que o campo futebolístico reconhece e valoriza como sendo os atributos esperados de um bom jogador de futebol.

Com o aumento das cobranças do clube com os treinamentos, e o aumento do volume de competições disputadas pela equipe, o cansaço físico e as faltas acabaram diminuindo os resultados escolares de Paulo. No primeiro ano quando chegou ao [nome do clube], Henrique e Suzana deixaram claro que o jovem teve dificuldades em conciliar as duas atividades devido o cansaço físico. Além disso, as seguidas viagens e jogos durante a semana quase reprovaram o atleta por falta naquele ano de 2014.

**Henrique:** A mudança para o [nome do clube] fez com que a quantidade de dias de treino aumentasse. Ele chegava e casa muito cansado. Ele treinava na parte da manhã, almoçava no clube e ia para a escola. Quando voltava da escola estava tão cansado que batia na cama e dormia. As vezes ele pedia até para não ir à escola de tarde, para poder dormir e descansar. A gente não deixava não. Só as vezes, por que víamos que ele estava muito cansado. Esse primeiro ano foi muito difícil, até mesmo porque a escola tinha dificuldade de entender que ele era atleta.<sup>303</sup>

**Suzana:** O primeiro ano dele aqui foi muito corrido. Esse novo clube puxava dele muito mais do que o Nova Iguaçu. Fora que eram muitas viagens e jogos no ano. Algumas vezes ele precisou faltar a escola por causa dessas competições e não tínhamos como dar um motivo para falta dele, porque era coisa de jogo. A escola não aceitava. Nesse ano o Paulo passou perto de repetir.<sup>304</sup>

As falas de Henrique e Suzana dão conta de uma rotina de Paulo que estava dificultando a conciliação do futebol com a escola. As exigências do novo clube começavam a interferir nos resultados escolares do jovem atleta e colocavam-no numa situação delicada de faltas junto ao colégio. Durante toda sua trajetória escolar, Paulo havia estudado em escolas públicas próximas de casa. Os pais do jovem consideravam que a escola pública correspondia bem as necessidades deles e que ela poderia satisfatoriamente levá-lo ao objetivo escolar que eles almejavam para Paulo, no caso, a conclusão do ensino médio. Nas falas de Henrique e Suzana foi possível perceber que existe um discurso de valorização da escolarização, mas ao mesmo tempo eles também enxergam outras possibilidades de profissionalização que passam ao largo da escolarização.

---

<sup>303</sup> Entrevista com Henrique, pai de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 20/03/2017

<sup>304</sup> Entrevista com Suzana, mãe de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 12/04/2017

**Henrique:** A escola é muito importante. Eu não pude estudar e sei como isso faz diferença. Eu gostaria que tanto o Pedro quanto o Paulo estudassem, mas cada um deles sabe o caminho que é melhor para eles trilharem. Existem outros caminhos além da escola. Não são fáceis, mas dá para conseguir.<sup>305</sup>

**Suzana:** A educação é algo muito importante né?! Ela ajuda bastante a conseguir as coisas. Normalmente quem é estudado te vida mais fácil. Mas acho que a situação de vida hoje está mais tranquila do que estava antigamente. Hoje dá para você conseguir um emprego mesmo com 2º grau (ensino médio). O Pedro terminou os estudos e foi trabalhar como boy, mas ele também já trabalha desde pequeno. Aqui todo mundo trabalha, mesmo com pouco estudo.<sup>306</sup>

Apesar de um discurso de valorização do papel da escola, pode-se perceber também uma concepção de que o desenvolvimento de um ofício e da inserção no mercado de trabalho não precisa necessariamente de uma escolarização. Os pais de Paulo sabem das dificuldades existentes para aqueles indivíduos com baixa escolaridade, mas ao mesmo tempo consideram a existência de outros campos de possibilidades alheios a escola. Observando a trajetória social da família podemos observar que o trabalho muitas vezes esteve presente paralelamente à escolarização como foi o caso de Pedro, ou também independentemente dele como é a situação de Henrique e dos avós tanto paternos quanto maternos.

Na família Guimarães, a maioria dos indivíduos (avós maternos e paternos e Henrique) concluiu até o ensino fundamental e mesmo assim desempenharam algum tipo de atividade remunerada formal ou informal que permitiu-lhes a subsistência. Isso nos faz perceber que dentro do núcleo dos Guimarães a trajetória social da família se desenvolveu muitas vezes à margem de uma escolarização longeva. Essa é vista como importante, mas não é encarada como um processo inexorável rumo a profissionalização.

Tal posicionamento sobre a escolarização é acompanhado também na família Guimarães por uma baixa expectativa acerca da trajetória dos filhos na escola. Quando perguntados sobre até onde gostariam que os filhos estudassem tanto Henrique quanto Suzana responderam:

**E:** Até onde vocês gostariam que o Paulo estudasse?

**Henrique:** Eu gostaria que o Paulo concluísse o 2º grau que nem o irmão dele. O Pedro acabou a escola e depois disso ele conseguiu um bom emprego. Talvez o diploma tenha ajudado. Então quero que ele acabe isso que chamam agora né... ensino médio.

**Suzana:** Eu quero que ele acabe o ensino médio e vire um jogador de futebol. A gente está torcendo muito para que isso dê certo. Mas assim, caso o futebol não aconteça, pelo menos ele pode tentar arrumar um emprego em algum lugar assim como o pai e o irmão.

<sup>305</sup>Entrevista com Henrique, pai de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 20/03/2017

<sup>306</sup> Entrevista com Suzana, mãe de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 12/04/2017



**E:** E faculdade vocês pensam que ele possa fazer uma faculdade?

**Henrique:** Ah se ele quiser fazer, pode fazer. A gente também vai apoiar ele.

**Suzana:** Também seria legal se ele fizesse uma faculdade. Mas pensando em algo assim mais certo, o ensino médio já tá bom.

Ao pontuarem o ensino médio como objetivo principal de escolarização de Paulo, os pais estão usando como parâmetro a trajetória escolar do filho mais velho Pedro, considerada como profícua devido a obtenção de um emprego de carteira assinada, após a conclusão do ensino básico. Nos discursos da família Guimarães, a escolarização básica aparece como uma ferramenta para a empregabilidade, sendo que as ambições educacionais da família não ultrapassam o ensino médio. Os estudos universitários não são abordados como algo tangível e nem mesmo mencionados nas conversas e entrevistas realizadas.<sup>307</sup>

Ao reconhecerem na escola uma estrutura de oportunidades voltada significativamente para o trabalho e sem aspirações para além do ensino médio, a família Guimarães inevitavelmente estabelece relações como outros espaços de formação para o mundo do trabalho, como é o caso do centro de formação do futebol. Nesse sentido, operam um conjunto de crenças e visões de mundo dos membros da família que enxergam no futebol um campo de possibilidades mais alargado.

Na constituição dos projetos dentro da família Guimarães, há uma percepção de que as chances de mobilidade social e enriquecimento por meio do futebol são maiores do que aquelas verificadas pela formação escolar. Diante disso, os parentes operacionalizam o projeto familiar futebolístico em primeiro plano, secundarizando o projeto de escolarização.

**Pedro:** Nós corremos atrás da profissionalização do Paulo, porque sabemos que isso pode mudar completamente a vida aqui em casa. Se ele virar um jogador famoso, a gente sai daqui e a vida da gente muda rapidinho. O futebol permite isso. Se eu fosse jogador, se tivesse seguido e virado profissional, minha vida estava muito diferente disso.<sup>308</sup>

**Henrique:** O futebol tem essa coisa de transformação. De mudar a vida dos outros de repente. Eu vejo esses jogadores aí dos times de futebol, muitos ganhando dinheiro para caramba e muito rápido. Não sei se outras profissões conseguem fazer isso tão rápido. O próprio Paulo. Com 13 anos no Nova Iguaçu já estava ganhando o dinheirinho dele. Não era muito, mas quem na idade dele sem ser no futebol pode dizer isso?<sup>309</sup>

<sup>307</sup> O tema universidade só foi comentado quando o pesquisador realizou perguntas ou interpelou a família sobre essa possibilidade. Em respostas espontâneas elas não apareceram.

<sup>308</sup> Entrevista com Pedro, irmão de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 21/04/2017

<sup>309</sup> Entrevista com Henrique, pai de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 20/03/2017

As falas permitem observar uma forte crença no futebol como sendo um espaço de grandes oportunidades, mobilidade social e enriquecimento quando comparado com outras áreas profissionais. A visão desses indivíduos, apesar de ser desconstruída pelos estudos acadêmicos da sociologia do futebol, significa para eles uma verdade, uma forma como eles compreendem suas estruturas de oportunidades e, conseqüentemente, como agem diante das situações que lhe são postas.

As crenças construídas no esporte e na escola por esses indivíduos dialogam com toda a trajetória social percorrida pelos diferentes membros da família. Nesse caso, o sucesso futebolístico de Paulo e as redes sociais construídas por ele auxiliavam na percepção da formação futebolística como um extenso campo de possibilidades. Aliado a isso, a trajetória de escolarização da família e as experiências envolvendo a relação escola e trabalho, transmitem para os integrantes da família Guimarães a concepção de que a escola ofereceria prêmios incertos e que não permitiram a mobilidade social desejada pela família.

A partir dessa perspectiva podemos compreender um conjunto de ações e estratégias da família no intuito estabelecer um superinvestimento no esporte, caracterizando assim o projeto futebolístico como prioritário, na medida em que ocorria um desinvestimento na escolarização, caracterizando uma secundarização desse projeto na família. Nesse sentido, como pode ser analisado, a entrada de Paulo nas categorias de base do [nome do clube] tensionou as rotinas escolares e esportivas do jovem.

A solução para tentar resolver esse problema foi trazida por Paulo e explicada para toda a família. O jovem atleta ao final do ano de 2014 comentou com os pais que muitos colegas dele da base estudavam numa escola que possuía contato com o clube e, por isso, a agremiação esportiva ajudava eles a conciliarem a atividade esportiva com a direção da escola. Diante disso, Paulo comentou com os pais se havia possibilidade de colocá-lo nessa escola parceira do clube.

**Paulo:** Convivendo com os outros garotos lá da base eu fiquei sabendo que eles estudavam numa escola que tinha contato com o clube. O pessoal lá que acompanha os jovens que moram aqui cuidava dos assuntos da escola para eles. Ai eu pensei que poderia tentar uma vaga nessa escola para me ajudar a fazer as duas coisas (futebol e escolarização).<sup>310</sup>

O discurso de Paulo deixa explícito que a estruturação da sua rede de sociabilidades através do contato com outros atletas, permitiu a ele reconhecer melhores oportunidades

---

<sup>310</sup> Entrevista com Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 01/03/2017

possibilidade de conciliação da dupla carreira através da troca de escola. Sua estratégia era migrar da escola pública onde estava e que não flexibilizava suas rotinas escolares, para ir estudar em outra que aceitasse negociações frente a profissionalização no futebol.

A estratégia proposta por Paulo à família reforça a identificação de um projeto futebolístico no qual as rotinas do esporte acabam influenciando todas as outras atividades cotidianas do jovem. Os planejamentos e as decisões tomadas são prioritariamente definidas a partir dos efeitos que isso gerará para o desenvolvimento esportivo dele rumo a profissionalização. Na situação exposta, as cobranças escolares e a inflexibilidade da instituição em negociar as rotinas escolares tornavam-se, aos seus olhos, um problema para seu desenvolvimento esportivo.

A ideia proposta por Paulo foi muito bem aceita pela família. Todos consideravam que a troca de escola seria boa para a rotina de treinamentos e viagens do filho, pois o clube poderia interceder junto a escola para abonar faltas, remarcar provas e conscientizar a instituição sobre a rotina esportiva do filho. Além disso, a nova escola também era próxima da residência dos Guimarães e, por isso, não acarretaria tempo de deslocamento e nem gastos como passagens. No ano de 2015, Paulo passou a estudar na escola Y, no turno da tarde, já que treinava na parte da manhã.

Os pais de Paulo disseram que a troca de escola naquele ano (2015) facilitou bastante o desenvolvimento esportivo do filho, pois segundo eles “a escola estava acostumada a receber atletas”, por isso, não precisavam mais frequentar diversas vezes por ano a escola para explicar à direção as razões das faltas do filho. A satisfação dos pais parecia residir principalmente na possibilidade de investir o mínimo de tempo e esforço na escolarização do filho diante do sucesso alcançado por ele na base do [nome do clube] até aquele momento.

Em casa o investimento familiar nos assuntos relativos à escolarização também era muito pequenos. Em nenhuma visita feita à casa dos Guimarães durante o trabalho de campo foi observada a realização de deveres de casa, ou cobranças regulares dos pais sobre os resultados escolares de Paulo. Durante algumas conversas informais com a mãe do menino, descobrimos que a principal ação da família frente à escolarização de Paulo era a conferência do boletim no final do bimestre e a visita ao colégio em momentos que a instituição requisitava a sua presença.

Na trajetória social de Paulo podemos perceber que as cobranças sobre os resultados esportivos eram acompanhado bem de perto. Em quase todos os treinos e jogos algum familiar estava presente, e normalmente ele era muito cobrado para que buscasse melhorar ainda mais esse desempenho. Em casa a família se prontificava a regular todas as atividades

que considerasse ter relação com o esporte, tais como alimentação, descanso e até mesmo amizades.

Quando tentamos observar essa série de engajamentos no tocante à escolarização do rapaz, não conseguimos identificar esse conjunto de ações a fim de estimular e cobrar o desenvolvimento dos resultados escolares. Apesar de nunca ter sido reprovado na escola, Paulo também não se caracterizava como um aluno de notas altas. Normalmente seus resultados ficavam na média e em alguns anos ele ficava em recuperação ao final do ano.

Durante o acompanhamento da família Guimarães (2015-2017) pode ser verificado que a medida que a profissionalização no futebol iam dando sinais mais claros de concretização, a família secundarizava ainda mais a escolarização de Paulo. As ações tomadas pela família com relação as movimentações de uma escola para a outra e de um turno para outro dão a medida de que as decisões referentes a escolarização se dava basicamente para adequá-la a rotina futebolística de Paulo.

Em 2016, apenas um ano após se mudar para a escola Y, a família Guimarães, com o consentimento de Paulo resolveu matriculá-lo no ensino noturno da referida escola. O objetivo dessa mudança de acordo com Paulo e com Henrique era destinar o turno da tarde para atividades de musculação e fisioterapia regenerativa oferecidas pelo clube durante 3 dias na semana. Além disso, tanto pai quanto filho deixaram claro que algumas tardes livres seriam importante para que houvesse um descanso diante dos treinos puxados.

A escolha de trocar o turno escolar de Paulo da tarde para noite fortalece afirmação de que as escolhas e estratégias escolares se viam diretamente influenciadas pelas decisões realizadas no campo futebolístico. Na estruturação do projeto futebolístico da família Guimarães a escola é vista como uma obrigação que por motivos legislativos deve ser cumprida, mas que é vista na família como sendo um tipo de formação pouco importante para as ambições profissionais de seus membros.

No discurso de Paulo é possível perceber que além do futebol ser considerado uma prioridade, ele também é enxergado como a única opção profissional desejada pelo jovem. Ao fim do ensino básico, o jovem atleta diz que pretende se dedicar com toda as energias para concretizar os seu objetivo.

**E:** Quando você acabar o ensino médio, você pretende continuar estudando e jogando bola?

**Paulo:** Não. Quando eu acabar o ensino médio eu encerro meus estudos e vou me dedicar completamente a esse sonho de jogar futebol. Minha família me

apóia porque sabe que é o que eu quero e eles confiam no meu talento. Com mais tempo, as chances de me profissionalizar eu acho que aumentam bastante.<sup>311</sup>

A fala de Paulo deixa claro o objetivo de se dedicar exclusivamente ao futebol. Em determinado momento do discurso somos até capazes de supor que para ele a escola é um empecilho ao desenvolvimento pleno da sua atividade futebolística. Por isso, talvez a resposta enfática de que não continuaria os estudos após o término da escolarização obrigatória.

Até a última visita de acompanhamento da família Guimarães, Paulo se encontrava na categoria sub-17 e estava em tratativas com o clube para assinar seu primeiro contrato profissional. A assinatura desse vínculo era esperado como muita expectativa pelos membros da família e considerado um passo decisivo rumo à profissionalização. Em paralelo a essa situação, o rapaz fazia o último ano do ensino médio no ensino noturno da escola Y, mas sem objetivos de prestar qualquer tipo de vestibular ou realizar um curso técnico pós-médio.

---

<sup>311</sup> Entrevista com Henrique, pai de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 20/03/2017

## Capítulo 4: Elementos Estruturantes dos Projetos: Onde as Trajetórias Familiares se Cruzam?

---

Os esquadrinhamentos feitos no capítulo anterior acerca das trajetórias das famílias acompanhadas nessa pesquisa deixam evidente que em todos os casos existe uma organização parental em torno da concretização de um projeto que inicialmente constitui-se como individual e pertencente ao filho, mas que gradativamente vai se tornando um projeto coletivo. A formação e consolidação do projeto familiar futebolístico tornam-se possíveis através do compartilhamento de ações, no caso em benefício da profissionalização no futebol, por diversos membros da família que reconhecem naquele objetivo algum tipo de motivação. Essa pode ser de caráter financeiro, com o enriquecimento, de caráter simbólico pelo prestígio social que a profissão traz para seus praticantes e familiares, ou também de caráter identitário, nas situações nas quais a família possui uma tradição no futebol.<sup>312</sup>

As trajetórias das famílias descritas no capítulo 3 mostram que a formação de base de um atleta no futebol é um caminho árduo, pontuado por elementos como sorte, chances e mérito, mas que dependem nesse processo do desenvolvimento dos projetos familiares que normalmente requisitam de diversos recursos, tempo e engajamentos diversas pessoas para que esse projeto tenha êxito. Diante disso, é preciso lembrar que essa tese corrobora a noção de outros estudos acadêmicos que afirmam que a família é uma das esferas centrais na vida dos futebolistas (RIAL, 2008; SOUZA 2008; ROCHA 2017).

Nesse processo de profissionalização de jovens no futebol, no qual as famílias dos atletas são peça central, pode ser percebida que uma das principais contribuições que essa instituição pode oferecer a concretização do projeto está ligada a construção das redes de sociabilidade dessas famílias com campo futebolístico. As ações das famílias dentro do próprio núcleo familiar se mostraram muito importantes na abertura de campos de possibilidades no futebol. Contudo, essas ações quando acompanhadas de relações e agenciamentos com indivíduos fora da família e com conexões dentro do campo futebolístico, ajudaram a maximizar os campos de possibilidades dos atletas e fortalecer a crença das famílias no projeto de profissionalização no futebol. Na próxima seção discutiremos o que entendemos pelo conceito de famílias, estabelecendo principalmente os pontos comuns entre

---

<sup>312</sup> Alguns grupos de famílias formam sua identidade familiar por intermédio dos ofícios praticados por gerações dentro daquele núcleo familiar. Isso é muito comum entre famílias de médicos, advogados e engenheiros. O objetivo de manter um filho nessas atividades ultrapassa a questão financeira ou de prestígio social, visto que se torna principalmente uma ação de manutenção da identidade da família. No futebol também existe isso, é pode ser comprovada pelas inúmeras situações de ex-atletas que incentivam os filhos a entrarem no futebol, para manter vivo o legado de seus parentes.

os núcleos familiares analisados. Além disso, discutiremos como se configuram essas famílias e como suas redes de sociabilidade no campo futebolístico influenciam na estruturação dos projetos familiares no futebol.

#### **4.1 – Configurações familiares e as redes de sociabilidades**

Mediante a existência de vários conceitos de famílias<sup>313</sup>, provenientes das mais diversas correntes de pensamento e filiações teóricas, cabe ao presente trabalho explicitar ao leitor que compreende as famílias em sua acepção de:

[...]um grupo de indivíduos ligados por elos de sangue, adoção ou aliança socialmente reconhecidos e organizados em núcleos de reprodução social. Unidade composta por indivíduos de sexos, idades e posições diversificadas, que vivenciam um constante jogo de poder, baseado em reciprocidades, disputas e alianças influenciados pelas suas relações e trajetórias nessa sociedade (BRUSCHINI, 1990).

Dito isso, o conceito abordado mostra que as famílias, não se restringem apenas a família nuclear e nem mesmo a um único modelo. O conjunto de famílias analisadas nessa tese reforça essa noção. Entre as 5 famílias acompanhadas, 1 delas era recomposta (família Moreira, 2 eram do tipo alargada (Torres e Guimarães) e 1 era tradicional (Almeida) e 1 era monoparental (Marques). Essa heterogeneidade, corrobora o cenário de pluralidade de configurações e de formas de organização que se tornaram uma marca que pode ser verificada através das noções de famílias monoparentais, alargadas, recompostas, mas também homoafetivas, entre outras. Nessa pesquisa as configurações familiares acompanhadas e que fugiam do modelo de família tradicional, não significavam um afrouxamento ou enfraquecimento das relações de parentesco, mas sim a aparição de novos arranjos familiares (SAMARA, 2002).

A partir das contribuições de Nogueira (1991; 1995; 2010) e Fonseca (2003), este estudo analisou as famílias para além de um modelo ou unidade familiar. O objetivo foi transpor a concepção da “família enquanto um quadro na parede” para analisá-la nas suas relações dinâmicas e num movimento processual. As famílias e suas relações não podiam ser observadas apenas como um punhado de indivíduos constituídos em bloco, mas sim contextualizados frente as redes familiares que aglutinavam pais, mães, filhos e outros indivíduos. Os dados obtidos, expõem que as famílias dos atletas eram marcadas por uma

---

<sup>313</sup> O uso constante da palavra família no plural, ou seja, famílias, busca demarcar fortemente a concepção do constructo social família em sua pluralidade de formações.

relação de identificação estreita e duradoura entre um conjunto de parentes que reconheciam entre eles certos direitos e obrigações mútuas, relacionados a consanguineidade e a objetivos/projetos em comum.

Dentro dessas famílias, essa identificação podia ter origem em fatores alheios à vontade da pessoa (laços biológicos ou territoriais), em alianças conscientes e desejadas (casamentos, compadrio e adoção) ou por realização de atividades em comum, como, por exemplo, o cuidado com uma criança ou um idoso (FONSECA, 2005). Sendo assim, essas famílias referiam-se a um grupo social concreto e delimitável, integrado por pessoas heterogêneas, mas unidas por determinados elementos.

As famílias dialogam com quase todos os espaços nos quais os jovens se inserem. Percebe-se que as famílias interferem no clube, na escola, nos círculos de amizades, nos relacionamentos afetivos. A percepção da centralidade da família no processo de constituição dos projetos futebolísticos dos jovens e na produção de suas habilidades esportivas torna possível utilizar para esse trabalho a noção de *famílias futebolísticas* como ferramenta de análise das influências dessa instituição sobre a formação esportiva e escolar desses jovens.

O conceito de família futebolística é um constructo mais vasto do que o de família, pois está articulado pelas relações que adquirem novos significados dentro do sistema futebolístico. Essa noção busca compreender a noção de família analisando a construção de redes de relacionamento que conectam pessoas e contextos através de suas experiências cotidianas. Desse modo, a partir de um núcleo mais definido normalmente dentro da família consanguínea (pais, mães, irmãos e tios), alarga-se a noção de pertencimento dentro dessa instituição para indivíduos que possuam algum nível de engajamento na construção dos projetos futebolísticos desses jovens e sejam considerados pela família como pertencentes dela devido ao reconhecimento dos laços de reciprocidade (SPAGGIARI, 2015).

O conceito utilizado como ferramenta para análise procura mostrar os processos relacionais que definem quem está próximo, quem está distante, quais são os deveres/obrigações e os direitos daqueles que estão envolvidos no projeto futebolístico. Além disso, procura desvendar qual o impacto desses atores no processo de opção por determinados caminhos e não por outros ao longo da trajetória individual do atleta. Diante disso, percebemos na noção de família futebolística uma visão alargada da concepção de parentela, que auxilia na compreensão das influências de diversos indivíduos (num movimento processual) sobre o engajamento do indivíduo e a formação dos projetos familiares.

No contexto do esporte, principalmente na sociedade brasileira, o lugar de investir num filho atleta de futebol é um jogo de incertezas e inseguranças, portanto, alargar a família é



tentar trazer para esse lugar de incertezas alianças, afetos, compromissos que podem, até certo ponto, representar uma forma de lidar com a insegurança desse tipo de investimento. Não podemos pensar o esporte apenas como um espaço republicano que o mérito garante a conquista de um posto no campo. Vários fatores são acionados nesse processo, portanto, alargar a família, construir laços de afetos, fracos ou fortes, pode ser uma das formas de lidar com a questão da insegurança que a aposta sempre tem.

Nas pesquisas realizadas anteriormente sobre conciliação da dupla carreira no Brasil, da profissionalização no esporte e da estruturação dos projetos esportivos, o nível socioeconômico das famílias foi considerado como uma variável fundamental, assim como outras, para a compreensão do campo de possibilidades dos indivíduos e dos objetivos traçados por eles (ROCHA, 2017; 2013, CORREIA, 2014; ROMÃO, 2017; DA CONCEIÇÃO 2014, RIAL, 2008, SOARES *et al* , 2011). Diante disso, as famílias desse estudo foram classificadas em classes sociais de acordo principalmente com o fator renda, obtido por meio da análise dos setores censitários, nos quais se inseriam suas residências.

O setor censitário é a menor unidade para o qual o IBGE fornece informações socioeconômicas, tais como renda média dos chefes de família, porcentagem de chefes de família com nível superior, número de domicílios por tipo, entre outros. No caso dos setores censitários, eles comumente traduzem certa proximidade entre as realidades socioeconômicas das famílias, o que permite estimar com menos insegurança questões ligadas a renda.<sup>314</sup>

A classificação das famílias em classes sociais foi feita através do entrecruzamento dos parâmetros utilizados nas pesquisas feitas por Nogueira (1995, 2010, 2013), Setton (2005), Zago (1998, 2000), Alves e Soares (2009) com os dados da Associação Brasileira de Empresas e Pesquisas (ABEP). Segundo as informações de 2016 da ABEP as rendas familiares, por níveis socioeconômicos estariam agrupadas da seguinte forma:

**Quadro 1: Renda familiar por estrato socioeconômico**

Estrato socioeconômico	Renda média domiciliar
A	R\$ 20.888,00
B1	R\$ 9.254,00
B2	R\$ 4.852,00
C1	R\$ 2.705,00
C2	R\$ 1.625,00
D-E	R\$ 768,00

<sup>314</sup>Tal maneira de operacionalizar os dados sobre a renda foi incorporada neste trabalho. Mesmo que se possa criticar o uso de uma informação agregada da área de residência para atribuir os rendimentos à família ou a uma pessoa, defende-se que esta opção é mais fidedigna como informação de uma faixa de rendimento das famílias do que as medidas da renda pelo consumo de bens domésticos. Além do mais, para a construção da escala de nível socioeconômico proposta neste trabalho, essa informação será utilizada em conjunto com outros dados de nível individual (educação e ocupação), a fim de aumentar reciprocamente o seu poder de discriminação.

A classificação obtida com a ABEP permite segundo os dados familiares coletados nessa tese criar a partir da renda estimada, o perfil socioeconômico dos atletas da pesquisa e de suas famílias. Contudo, cabe mencionar que ao longo do acompanhamento das famílias e da reconstrução das suas trajetórias foi possível perceber processos de ganho ou perda de poder econômico. Por isso, o dados expostos aqui sobre a posição social das famílias, se baliza essencialmente na questão financeira e não se restringe somente ao momento da pesquisa (2015-2017)<sup>315</sup>, mas também sobre as informações coletadas sobre suas histórias pregressas, previamente descritas no capítulo 3.

**Quadro 2: Classe social por família**

Posição social/ família	Período anterior ao [nome do clube]	Período após a chegada no [nome do clube]
Família Marques	<b>C1</b> ( 2.705,00-4.852,00)	<b>C2</b> (1.625,00-2.705,00)
Família Moreira	<b>C2</b> (1.625,00-2.705,00)	<b>C2</b> (1.625,00-2.705,00)
Família Almeida	<b>B2</b> (4.852,00-9.254,00)	<b>C1</b> ( 2.705,00-4.852,00)
Família Torres	<b>C1</b> ( 2.705,00-4.852,00)	<b>C2</b> (1.625,00-2.705,00)
Família Guimarães	<b>D-E</b> (768,00-1625,00)	<b>C2</b> (1.625,00-2.705,00)

O primeiro dado que chama a atenção na análise das famílias é aquele que evidencia que quase todas elas possuem uma trajetória que as insere entre as classes B2 e C2, ou seja, as classes médias segundo a organização socioeconômica realizada pela própria ABEP. A única exceção é a família Guimarães que, apesar de atualmente integrar a classe média, vinha de um passado ligado as classes populares. Esses dados foram possíveis observando os setores censitários no quais essas famílias moravam antes de chegarem ao [nome do clube]<sup>316</sup>, os empregos que seus pais tinham e os bens consumidos (acesso ao lazer, investimento em educação, casa própria, entre outros).

A localização da maioria dessas família dentro das classes médias corrobora as informações obtidas pelo estudo de Rocha (2017) que analisou atletas do mesmo clube e no mesmo período, contudo dentro de um universo mais amplo, formado pelos atletas alojados

<sup>315</sup> Na história de algumas famílias, a chegada no clube do Rio de Janeiro, parece significar um ponto de transformação da sua posição social, no sentido de ganho ou perda de poder econômico. Por isso, os dois momentos da trajetória social das famílias foram recortados em torno desse momento.

<sup>316</sup> A família Marques morava num setor censitário em Ribeirão Preto com renda média das famílias estimada em 4.432,25. A família Moreira morava num setor censitário em Cordovil com renda média estimada em 1.630,31 e quando se mudaram para Nova Iguaçu foram para um setor censitário com renda média estimada em 1.690,70.

A família Almeida morava num setor censitário com renda média estimada de 8.100,67 em Belo Horizonte. A família Torres morava num setor censitário com renda média estimada de 4.434,96 em Salvador. A família Guimarães morava num setor censitário no Rio de Janeiro com renda média estimada em 1.012,33.

no clube. Nos seus dados, o autor explicitou que a maioria dos atletas (75,82%) estavam inseridos entre as classes B2 e C2, cuja renda variava entre R\$1.625,00 e R\$ 4.852,00.

Os dados dessa tese e aqueles obtidos por Rocha (2017) vão ao encontro de outros estudos realizados por Wacquant(2002), Rial (2008), Damo (2007), Correia (2014), Rocha (2014) que sugerem que as famílias com poucas possibilidades de composição de renda familiar e, conseqüentemente, dos níveis socioeconômicos mais baixos tem poucas chances de construir um projeto de profissionalização no futebol para seus filhos; visto que os gastos com a formação esportiva do atleta através da compra de materiais esportivos, alimentação tomam uma parte significativa dos recursos familiares.

Por outro lado, os objetivos das famílias com níveis socioeconômicos mais altos se afastariam do esporte, na medida em que as estruturas de oportunidades verificadas em outros campos poderiam ser consideradas mais palpáveis e aceitáveis para eles. Esses dados, acompanhados dessas observações nos suscitam a reflexão de que cada vez mais os investimentos altos requeridos pelo futebol de base, torna essa atividade como algo cada vez mais ligado as classes médias, em detrimento da noção do senso comum acerca dos atletas que ascendem normalmente de uma condição de miserabilidade. Nesse caso, as exceções são tratadas como regra quando são abordados os casos de atletas extremamente pobres que chegaram a profissionalização.

Os casos das famílias trabalhadas nessa tese, mostram como a formação de base no futebol, requisita das famílias esforços financeiros e temporais que acabam por tornar muito difíceis o acesso de indivíduos que não tenham uma família financeiramente estruturada e com possibilidades de realocar esses recursos para além das necessidades básicas.

Foi possível perceber que no desenvolvimento do projeto futebolístico, das 5 famílias analisadas, em 3 delas (Marques, Torres e Almeida) observou-se uma perda de poder econômico, ligado a queda da renda familiar, perda do padrão de vida e, conseqüentemente, uma transformação das maneiras de consumir dessas famílias, normalmente trocando serviços privados de lazer, educação, transporte e saúde, pela oferta dos serviços públicos. Nessas 3 famílias, a percepção sobre a queda no nível socioeconômico foi encarada pelos próprios membros da família como fruto das escolhas realizadas para manter o projeto futebolístico em desenvolvimento.

**Bianca:** Bem em casa, mas financeiramente, eu não *to*, entendeu? Vou encher de dívida, resolve? Não resolve, então eu, particularmente eu falo, a minha vida não *tá* boa. Mas a de muitas pessoas *tá* muito melhor do que *tava*. Tem gente aqui que você não tem noção, mora em lugar ruim, mora em comunidade... tem menino alojado lá que a gente conversa, “nossa,

queria andar com ele, mas não fala isso”. Pro Bernardo aquele alojamento é um inferno, [...] aqui é ruim, quem diria lá. Bom era aonde a gente morava, um condomínio bom, com piscina, campo de futebol, com toda mordomia, shopping perto. Aqui cadê isso?<sup>317</sup>

**Elisa:** Lá em Salvador a vida era muito melhor do que é aqui. Em questão de conforto mesmo. A casa lá era maior. Lá o Murilo estudava em escola particular, aqui já é na pública, lá tinha vários confortos que não tem aqui. Porque tudo teve que mudar para conseguir esse sonho do futebol.<sup>318</sup>

**Roberto:** A mudança para o Rio fez com que a gente tivesse que reorganizar algumas coisas da nossa vida financeira, porque tive que trabalhar menos e perdi uns empregos que tinha em BH. Isso fez com que a vida aqui mudasse. As facilidades de Belo Horizonte ficaram para trás. Aqui moramos de aluguel, lá eu vendi a casa que tínhamos para deixar dinheiro guardado para emergências do futebol. Lá era carro do ano, aqui não.<sup>319</sup>

A queda no nível socioeconômico verificado nessas famílias está diretamente relacionado aos investimentos realizados por elas para concretizarem o projeto futebolístico familiar. Podemos perceber que essas 3 famílias não eram originariamente do Rio de Janeiro, mas sim de outros estados do brasileiros. Quando receberam o convite do [nome do clube] para integrarem uma das mais prestigiadas categorias de base do país, essas famílias se mobilizaram para que o jovem atleta pudesse vir morar no novo estado da federação, pois consideravam que a chegada nesse clube poderia se constituir como um grande passo para concretização da profissionalização no futebol. No entanto, essas famílias consideravam também imprescindível que pelo menos um membro da família viesse acompanhar e dar suporte aos seus filhos num clube e região completamente desconhecidas..

Nesse processo, percebemos que a migração dessas famílias para o Rio de Janeiro e a integração dos jovens atletas ao [nome do clube] em todos os 3 casos acarretou um desligamento dos responsáveis dos empregos ou diminuição das horas trabalhadas para que fosse possível acompanhar melhor a rotina diária dos atletas. No caso da família Marques, Bianca tentou manter o emprego no Rio de Janeiro, mas logo desistiu em benefício do filho. Na família Torres, Elisa também se desligou do emprego em Salvador para vir acompanhar o filho. Na família Almeida, Roberto também se desligou de dois empregos –sendo um público – em Belo Horizonte para vir para o Rio de Janeiro, conseguindo se manter em apenas um por meio de uma transferência da unidade da capital mineira para o Rio de Janeiro.

<sup>317</sup>Entrevista com Bianca, mãe de Bernardo. Família Marques. Entrevista realizada em 12/03/2015

<sup>318</sup>Entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 20/10/2015

<sup>319</sup>Entrevista com Roberto, pai de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 11/04/2016

Ainda na situação dessas famílias migrantes, outros tipos de estratégias tiveram que ser realizadas para financiar os custos de uma mudança de local de moradia de um estado para o outros. Desse modo, na família Marques, umas das residências precisou ser vendida (a da avó materna, que passou a morar na casa de Bianca em Ribeirão) para que pudesse ser comprado um terreno para construção de uma nova casa aqui no Rio de Janeiro. No caso da família Almeida, o apartamento próprio de Belo Horizonte foi vendido para custear os gastos com mudança, alguns móveis novos entre outras despesas.

Os exemplos citados acima mostram que os custos referentes à profissionalização são altos e arriscados, principalmente, porque os jovens em formação no futebol costumam migrar por diversos centros de formação em diferentes estados ao longo da tentativa de profissionalização. Esses custos referentes a mudanças e ao sustento desses membros da família em outros locais distantes do núcleo principal da parentela, fazem com que os investimentos financeiros no futebol se tornem tão altos que chegam mesmo a promover um empobrecimento de parte da família nessa aposta.<sup>320</sup>

Diante do exposto, é possível afirmar que o nível socioeconômico das famílias se constitui como uma questão relevante para estruturação e consolidação do projeto futebolístico familiar, pois, alarga o campo de possibilidades das famílias na concretização da profissionalização esportiva dos jovens, principalmente, no tocante a disponibilização de bens materiais, recursos econômicos, tempo e moratória social do jovem para entrar no mercado de trabalho ordinário.

O caso das famílias migrantes, todas elas eram pertencentes as classes médias e pelos dados obtidos, possuíam renda e recursos materiais que permitiam elaborar estratégias que poderiam significar custos altos num primeiro momento, mas que elas acreditam que será revertido em prêmios igualmente altos num futuro. Isso que dizer que a capacidade de recursos dessas famílias permitia a elas dar financeiramente um passo atrás naquilo tudo que elas haviam acumulado, sem comprometer sua sobrevivência, tendo em vista dar vários passos a frente num futuro próximo.

Se a situação dessas famílias mostra que um nível socioeconômico médio pode dar as famílias um campo de possibilidades mais alargado no futebol devido as oportunidades de realizarem mais investimentos ao mesmo tempo que se desvinculam de algumas rendas e bens, o caso da família Guimarães também corrobora esse situação, mas mostram justamente o cenário oposto. No caso da família Guimarães, a tentativa de inserir um filho nos centros de

---

<sup>320</sup> É importante salientar que para os indivíduos dentro dessas famílias, essas ações e esses recursos gastos não são vistos necessariamente como custo, mas sim como investimentos.

formação precedia a existência do filho atleta Paulo. Henrique havia tentado profissionalizar Pedro na base de alguns clubes de futebol do Rio de Janeiro, inclusive desse em que Paulo atualmente era atleta. Pedro era considerado pelo pai e por outros amigos dele como um menino talentoso no futebol, chegando mesmo a integrar a base do Olaria e do São Cristovão.

A profissionalização era um sonho do pai que, no entanto, não pode ser concretizado pelas condições financeiras enfrentadas pela família. Henrique e sua esposa Suzana, viviam basicamente de bicos, ele como pedreiro e ela como passadeira e, com isso, a renda da família em casa era inferior 1.200,00. Com todos os custos possuídos pela família, ficava muito difícil custear as passagens de Pedro para o clube todos os dias, assim como a alimentação e os materiais esportivos necessários para o futebol, tais como chuteira, meião, caneleiras e shots.

Com o aumento dos custos de vida enfrentados pela família, principalmente, com a chegada do segundo filho e a inconstância de trabalhos obtidas pelo casal Henrique e Suzana, o filho Pedro teve que desinvestir do futebol aos 10 anos de idade. Algum tempo depois, aos 14 anos de idade, Pedro precisou começar a contribuir financeiramente em casa, auxiliando o pai nos serviços da construção civil que ele arrumava esporadicamente.

O cenário enfrentado pela família Guimarães mostra que as condições materiais de existência deles, ou seja, renda e bens, eram escassos, sendo a sua completa utilização na sobrevivência da família com itens como moradia, alimentação e vestuário. Nessa situação, não havia margem de manobra para utilização dos recursos familiares, tanto financeiros quanto temporais (gasto de tempo) em outras atividades como era o caso da profissionalização de Pedro no futebol. Somente depois que conseguiu um emprego de carteira assinada numa construtora, e Pedro começou a trabalhar, é que a situação econômica da família Guimarães vivenciou uma ascensão social.<sup>321</sup>

Tanto no caso da família Guimarães, quanto nos casos das famílias Marques, Almeida e Torres, podemos verificar que o nível socioeconômico influenciou diretamente a estruturação do campo de possibilidades no momento de construção dos seus projetos futebolísticos. No caso da família Guimarães, o NSE baixo dificultava a formação de um campo de possibilidades no qual a família pudesse investir na profissionalização de Pedro (irmão mais velho) no futebol sem que isso comprometesse decisivamente a sobrevivência do núcleo familiar. Na situação das outras 3 famílias (Marques, Almeida e Torres), podia ser visto, justamente o movimento oposto. Com um NSE situado entre as classes C e B, os indivíduos

---

<sup>321</sup> A família Guimarães está inserida naquele grupo que a partir do ano de 2008-2009 passou a ser conhecida como a nova classe “C”. Famílias que haviam conseguido trabalhos mais estáveis e com maiores salários dentro de um cenário econômico de crescimento e estímulo do crédito facilitado. Esse cenário permitiu a eles novas formas de consumo, de poupança e também novos projetos de vida como, por exemplo, a universidade.

tinham recursos que permitiam uma margem maior de manobra em suas ações sociais sem que isso impossibilitasse a sua sobrevivência ou colocasse em risco outros objetivos adjacentes. Por isso, podiam arcar com com uma mudança de estado e a desvinculação de rendas e recursos ao patrimônio familiar.<sup>322</sup>

Para o desenvolvimento dos argumentos dessa tese o nível socioeconômico é um dos elementos primordiais para compreensão dos campos de possibilidades dos atletas e das famílias, mas de forma alguma é a variável decisiva para elaboração dos projetos no futebol, na escola ou em qualquer outra atividade. Como podemos verificar determinadas configurações de NSE realmente oportunizam para as famílias e os indivíduos inseridos nelas uma gama maior de possibilidades de movimentos, ações e estratégias para que possam operacionalizar o projeto familiar futebolístico. No entanto, como também vimos, as formas como esses projetos são estruturados e os direcionamentos dados a eles pelos membros das famílias podem afetar de forma decisiva o NSE dessas famílias fazendo-os subir ou descer.<sup>323</sup>

Como podemos ver ao longo de toda essa tese, em especial no capítulo 3, as famílias futebolísticas empreendem em torno do projeto de profissionalização uma grande quantidade de tempo e recursos que são canalizados para a concretização do objetivo esportivo. Nesse processo, uma parte da parentela se integra ao projeto, formando aquilo que convencionamos chamar de família futebolística. Os esforços e sacrifícios são vistos não como custos, mas sim como investimentos em benefício daquilo que as famílias pretendem obter com o futebol. Contudo, se elas estão dispostas a mergulhar dessa forma no futebol, afinal o que elas almejam com a profissionalização dos filhos?

Em todas as entrevistas realizadas e ao longo do acompanhamento de campo de todas as famílias, o principal ponto explicitado pelos atletas e pelas suas famílias como sendo uma das motivações para a buscarem a profissionalização no futebol era a possibilidade de ascensão social, ou como muitos diziam, de transformarem suas vidas, sendo que eles acreditavam que o futebol poderia proporcionar-lhes isso. Esse discurso de ascensão social passava pela noção de enriquecimento, também através da posse de cifras milionárias como mostram os discursos dos jovens.

---

<sup>322</sup> No tocante ao nível socioeconômico, devemos lembrar que a escolaridade dos pais e a ocupação dos mesmos também são elementos integrantes na sua constituição. No caso dessas famílias analisadas, assim como as famílias em geral, possuir um nível de escolaridade alto pode significar uma inserção mais fácil no mercado de trabalho e em profissões com maior possibilidade de renda, mesmo que esse se mudem de estado.

<sup>323</sup> A partir dos dados coletados foi verificado que apenas a família Moreira não tinha passado por alguma transformação no seu nível socioeconômico durante a tentativa de profissionalização de um dos filhos da família.

**E:** O que você pretende com o futebol?

**Bernardo:** Eu quero virar jogador de futebol porque é o que eu gosto de fazer. Eu quero fazer isso, porque me dá prazer, mas também porque quando eu virar um jogador profissional, jogar série A ou até mesmo ir lá para fora, vou ganhar muito dinheiro, que nem o Neymar, o Ganso e essa galera ai. Se você chegar lá no topo, você vai ganhar dinheiro como nunca ganhou e vai poder ajudar as pessoas da sua família.<sup>324</sup>

**Joel:** Eu quero dar conforto para minha família, para o meu pai. Para todo mundo que me ajudou até aqui nessa caminhada. Conseguindo virar jogador de time grande, a conta estoura né. Você passa de pé rapado, para firma milionária. Vai aparecer em tudo que é lugar, fazer comercial. Quero dar essa moral para minha família e manter mais um jogador na família que nem meu pai foi.<sup>325</sup>

**Diego:** Assim, eu não sou de família pobre, então eu nem vou falar que o futebol é para dar uma vida digna para minha família. Eu jogo bola porque gosto, mas também quero ter uma situação de vida que possa fazer com que todos da minha família precisem trabalhar menos. Realizar os sonhos dos meus pais e os meus. Fora que meu pai tem uma vontade muito grande que eu seja jogador de futebol, porque ele foi esportista a vida toda.<sup>326</sup>

**Murilo:** Eu quero ser jogador para poder dar uma vida melhor para minha família, retribuir todo esse esforço que eles me deram. Meu pai também sempre correu muito atrás para eu ser jogador. Tentou com meu irmão mais velho, filho só dele, mas não deu. Acho que seria um bom presente.<sup>327</sup>

**Paulo:** Minha família é humilde. Quando eu nasci as coisas aqui em casa já eram melhores, mas meu pai e minha mãe já passaram muita necessidade. Meu irmão teve que trabalhar cedo. Não pode ser jogador como ele e o pai queriam. Então o futebol é a chance de mudar tudo isso. Dar casa grande para eles, colocar meu pai e minha mãe para descansar. Ajudar todos que dão aquele gás por mim.<sup>328</sup>

Em todos os fragmentos os atletas explicitam na prática do futebol o objetivo de enriquecimento, ascensão social e retribuição àqueles que contribuíram com o projeto futebolístico. Esse discurso do futebol como elemento de ascensão social é forte no Brasil e podia ser visto circulando na sociedade brasileira na década de 1930 disseminado em grandes obras do futebol e nos periódicos com o *Jornal dos Sports* (SOARES, 2003). Na atualidade, apesar de algumas notícias e reportagens sobre as dificuldades de profissionalização no

<sup>324</sup>Entrevista com Bernardo da família Marques, em 22/10/2015.

<sup>325</sup>Entrevista com Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 04/10/2016.

<sup>326</sup>Entrevista com Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 12/05/2016

<sup>327</sup>Entrevista com Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 23/06/2016

<sup>328</sup>Entrevista com Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 10/02/2017



futebol, dos poucos postos de trabalho e dos salários baixos para quase 85% dos atletas profissionais<sup>329</sup>, o imaginário brasileiro sobre o futebol ainda reafirma que este é um meio de ascensão social e de chances democráticas postas a todos (ARCHETTI, 2003).

O objetivo financeiro elencado pela ideia do enriquecimento não é, todavia, a única motivação dos atletas e das suas famílias. Há também outros desejos que ultrapassam a esfera puramente econômica na ação dos indivíduos na medida em que a formação no futebol faz parte da educação da masculinidade e de um tipo de prestígio social<sup>330</sup> (ARCHETTI, 1999). Nesse sentido, os atletas e alguns familiares também reafirmam que as motivações para o desenvolvimento dos projetos estão atrelados ao desejo de se tornarem pessoas famosas, influenciadores culturais e com grande exposição midiática.

Há também entre as famílias motivações de caráter mais afetivo e identitários para a construção desses projetos futebolísticos. Dentro da família Moreira e da família Marques, além da ânsia relacionado com busca de enriquecimento e prestígio social, havia também uma tentativa de manter na família uma atividade que havia sido praticada pelos pais. Configurou-se um discurso no qual o empreendimento sobre o projeto futebolístico familiar possuía igualmente contornos identitários, nos quais se procurava manter uma tradição ou uma marca que atrelava a família ao futebol de alto rendimento. Nisso, a profissionalização era também uma vontade de seguir os passos do pai, e tentar levar o nome da família adiante no futebol.

Por fim, foi encontrada uma motivação para o projeto futebolístico ancorada na vontade dos pais de fazer com que os filhos concretizassem os sonhos que eles haviam construído para si ou para outros filhos, mas haviam falhado por algum motivo. Nessa situação podemos listar as famílias Guimarães e Torres, nas quais os pais, antes dos projetos futebolísticos em torno respectivamente de Paulo e Murilo, os pais tinham buscado sem sucesso a profissionalização dos seus filhos mais velhos.

Como podemos ver os objetivos que orientam os indivíduos na elaboração e concretização dos projetos futebolísticos familiares não se orientam apenas pela questão econômica do enriquecimento e ascensão social. Nas 5 famílias dessa tese, outros pontos como obtenção de prestígio, construções identitárias e concretização de sonhos de terceiros também se sobrepõem e dialogam com o objetivo de mobilidade social.

---

<sup>329</sup> Um bom conjunto de reportagens que vão de encontro ao imaginário nacional sobre o futebol foi feita pelo canal Sportv e intitula-se “O lado D do futebol brasileiro”. Nela são mostradas as condições e realidades de trabalho daqueles atletas que estão à margem das principais ligas e time de futebol.

<sup>330</sup> Poderia ser pensado também como fama.

A existência desses diálogos está circunscrita principalmente no fato de que o projeto não é um bloco monolítico, na verdade ele é o entrecruzamento das individualidades que compartilham dentro da família um objetivo em comum. No entanto, a concretização desse objetivo em comum pode suscitar a tomada de decisões diferentes para se alcançá-lo. Nesse processo, nem todos os indivíduos dentro do projeto familiar possuem os mesmos objetivos prioritários sobre a profissionalização do jovem atleta no futebol. Essa situação foi identificada em todas as famílias.

As motivações diversas que estimulam os engajamentos diferenciados dos indivíduos dentro das famílias ajudam a identificar que essa instituição social é pontuada por disputas, conflitos, interpretações diferenciadas sobre os mesmos fatos que podem gerar movimentos até mesmo de ruptura.

Dentro de todas as famílias analisadas, foi possível perceber que no início do acompanhamento, quando eu ainda me constituía enquanto um completo estranho para seus membros, os discursos ativados nas conversas informais davam conta sempre de uma família muito unida e balizada por sistemas de ajuda mútua, no qual o consenso parecia prevalecer. Essa constatação corrobora as ideias de Bourdieu (2011) que salienta nas famílias uma predisposição a considerarem o lugar da casa, como o espaço do “sagrado”, da intimidade e também da estabilidade. Nesse caso, para aqueles que procuram estudar as famílias, inclusive eu, essa instituição no primeiro momento tentou transmitir uma representação daquilo que é esperado socialmente dela, a saber, uma imagem como entidade unida, integrada, unitária e livre das flutuações dos sentimentos individuais.

A imagem que as famílias procuram passar, no entanto, não se traduz naquilo que elas realmente são. Com o acompanhamento mais prolongado dessas famílias e a diminuição do estranhamento comigo foi possível identificar aquilo que os estudos antropológicos e sociológicos afirmam, ou seja, a família se estrutura em cima de relações de poder. Mesmo sendo um sujeito coletivo que muitas vezes transcende a vontade dos indivíduos, ela também se vê em momentos de rupturas, fragmentações e conflitos no seu interior.

Nas famílias analisadas, mesmo que na maioria delas houvesse uma considerável adesão ao projeto futebolístico, ainda sim era possível ver algumas tensões e discordâncias sobre algumas ações e estratégias empreendidas em benefício desse projeto. Podemos exemplificar isso através da história da família Moreira descrita no capítulo 3, no qual o objetivo de profissionalizar Joel no futebol era compartilhado em grande medida pelo pai, pelos avós, alguns tios e pela madrinha. Contudo, a mãe e o padrasto do menino viam com maus olhos a dedicação excessiva ao futebol em detrimento à escola.

Na situação da família Moreira, a mãe permitia a continuidade do jovem nas categorias de base dos clubes, mas não abria mão de um desenvolvimento escolar cuidadoso do filho. Para manter um maior controle e fiscalização sobre essa dosagem entre futebol e escola, Carolina (mãe de Joel) não se dobrou aos pedidos do pai e da madrinha para que o menino fosse morar com ela em Cordovil, à época em que Carolina estava de mudança para a Barra da Tijuca. Sobre isso, a mãe de Joel disse:

**Carolina:** Quando nos mudamos para a Barra da Tijuca, um pouco antes disso acontecer, o Marcos e a madrinha do Joel, que é minha irmã, vieram pedir para deixar o menino lá morando com ela. Vieram com a história que a vida dele toda estava ali, que ele conhecia todo mundo, que já estudava na escola e que poderia ficar também junto da família e perto do pai que morava na Cidade Alta. O que eles falaram fazia até um pouco de sentido, mas eu sabia que o que eles queriam mesmo era ficar com o Joel para poder incentivar mais esse negócio de futebol. Longe de mim ia ficar mais difícil de controlar. Claro que eu não deixei. Disse que ele podia continuar com a história do futebol, mas que ia ter que morar comigo, porque eu era mãe dele.<sup>331</sup>

A família Moreira, mostra uma disputa entre os rumos considerados legítimos para o projeto de vida de Joel. A maioria da família compartilha o projeto futebolístico e aceita em grande medida as ações e estratégias empreendidas por Marcos na profissionalização do filho. Contudo, dentro da família existe a figura de Carolina e Adalto que não concordam completamente com esse projeto, mas acabam tendo que ceder devido a forte adesão que ele possui no seio da família.

Como mostra o caso da família Moreira, no interior de uma mesma família nem todos os seus membros tem a mesma capacidade e a mesma propensão a conformar-se com as definições dominantes do grupo. Nesse conflito, as forças de fusão, especialmente as disposições éticas que levam as identificações dos interesses particulares dos indivíduo com os interesses coletivos das famílias se chocam com as forças de fissão, isto é, com os interesses particulares dos diversos membros do grupo. Nesse processo, o conflito é tão grande quanto a inclinação dos indivíduos em aceitar a visão dominante do grupo em detrimento da sua.

Somente podemos compreender as famílias se pudermos entender que a construção das suas identidades e dos seus projetos advem de relações permeadas por disputas internas e negociações entre os indivíduos em seu interior. Não podemos dar conta das práticas das quais as famílias são o sujeitos como, por exemplo, fecundidade, casamento, consumo e

---

<sup>331</sup>Entrevista com Carolina, mãe de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 13/10/2015

projetos de futuro, se não levarmos em conta a estrutura das relações de forças entre os membros do grupo familiar. A existência de processos centrífugos e centrípedos, são questões importantes para a formação dos projetos individuais e coletivos dos jovens em torno de diversas áreas tais como a escola, o trabalho.

Na organização desses projetos familiares, se podemos verificar a existência movimentos que tendem a afastar alguns indivíduos através da discordância do projeto em si, ou de algumas estratégias e ações para implementá-lo, a situação oposta também pode ser verificada. Nas famílias acompanhadas foi possível verificar a existência de indivíduos que não pertencem propriamente aos laços de consanguineidade, mas que usufruem por parte da família de um status de familiares. No escopo da pesquisa esses indivíduos normalmente estavam intimamente ligados a família por laços de amizade duradora e por uma forte adesão ao projeto futebolístico familiar.

Podemos citar nesse caso a presença de Wagner na família Marques, que era não somente amigo pessoal da família, mas também o empresário de Bernardo no campo futebolístico. Situação parecida era vivenciada pela família Almeida que possuía Maicon, também empresário, só que de Diego, como um amigo pessoal de longa data. Esses casos mostram que as famílias futebolísticas tendem a ser maiores do que os laços consanguíneos entre seus parentes e acabam por incluir no seu sistema de reciprocidades necessariamente aqueles indivíduos com estreitos laços com a família, mas essencialmente esses indivíduos que aderem ao projeto familiar futebolístico.

O alargamento das famílias com a entrada de novos membros ligados a família cossanguínea, principalmente, pelos laços estruturantes do projeto futebolístico, é importante porque pode significar para essa família o aumento da sua rede de social e, conseqüentemente, do capital social necessário para permanecer no campo futebolístico. Isso mostra como as formulações dos projetos não estão apenas restritas aos membros do núcleo familiar mais próximo, mas sim a todos aqueles pertencentes ao que chamamos de família futebolística, ou seja, membros de uma rede que possui o núcleo familiar consanguíneo como base, mas que se estende para indivíduos que mantêm relações próximas de reciprocidade e confiança.

Como sabemos o mercado futebolístico é um espaço concorrido. Com nível de concorrência superior aos vestibulares mais difíceis e aos concursos públicos mais disputados, a profissionalização no futebol concede aos indivíduos escassos postos de trabalho, ainda mais se pensarmos apenas naqueles postos que darão alta remuneração. No Brasil existem milhares de jovens que estão buscando a profissionalização no futebol, mas que dificilmente conseguirão obtê-la devido aos mais diversos percalços que podem atingir um aspirante a

atleta profissional. Nesse caso, a entrada e a permanência na profissionalização futebolística foram elencadas pelos atletas e por suas famílias como sendo produto também de uma rede social que conheça as “pessoas certas”. Essa evocação da rede social é recorrente nas entrevistas realizadas na pesquisa, quando os atletas inevitavelmente mencionam a importância de terceiros na sua inserção no meio do futebol.

Nas trajetórias das famílias, vimos que em todos os casos os jovens chegaram a espaços esportivizados como escolinhas ou clubes através da observação de alguém que possuía entrada no campo futebolístico. A partir da identificação do talento naquele jovem esses indivíduos inseridos no campo estabeleceram a ponte entre a família e a instituição esportiva. Isso pode ser visto no relato de todas as famílias, como mostram os exemplos da família Marques e da família Guimarães:

**Henrique:** O Paulo jogava bola na rua direto com os amiguinhos. Esse futebol em campo de terra batida. Todo mundo dizia que ele jogava muito bem. Até brincavam dizendo que era de família, porque o irmão mais velho dele também jogava bem. Eu até pensei em levar ele quando estivesse mais velho para tentar alguma peneira num clube, mas nem precisou esperar. Um conhecido nosso, que morava perto da gente e que eu fazia uns trabalhos para ele, viu o Paulo jogando e perguntou se podia levar ele para fazer uns testes na escolinha do clube que ele trabalhava.<sup>332</sup>

**Bianca:** O Bernardo jogava bola desde criança, sempre gostou. Mas quem o trouxe pra uma escolinha pela primeira vez foi o Paulinho amigo meu. Ele viu o Bernardo jogando num churrasco e acho que ele tinha talento.<sup>333</sup>

Nos relatos obtidos com as famílias fica claro que todos se inseriram no campo futebolístico através de uma pessoa que orbitava o círculo de convivência deles, ou seja, pertencia sua rede social. Essas pessoas, responsáveis por identificar e reconhecer o talento se configuraram como “pontes” entre os atletas/suas famílias e as escolinhas e clubes de futebol. Cabe salientar, que essa intermediação inicial em todos os casos ainda não era feita por empresários.

A partir do momento em que esses jovens se inseriram no campo futebolístico por meio de escolinhas ou clubes, a configuração das suas redes sociais se tornava sensivelmente mais alargada. No momento em que estavam nesses espaços passavam a ter contatos com treinadores, comissões técnicas, outros atletas, olheiros e até mesmo outros empresários.

---

<sup>332</sup>Entrevista com Henrique, pai de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 20/03/2017

<sup>333</sup>Entrevista com Bianca, mãe de Bernardo. Família Marques. Entrevista realizada em 12/03/2015

Em alguns casos analisados nessa tese, os técnicos desses meninos agiram como importantes intermediários dos jovens na migração de um clube para o outro, ou para levar os jovens de uma escolinha para um clube de futebol. Nessa situação temos Bernardo na família Marques, que por meio de um dos seus técnicos foi levado ao Botafogo de Ribeirão Preto, temos também Joel que foi levado por um técnico para o Flamengo.

Além das pontes construídas por técnicos e comissões técnicas, a própria família buscava consolidar o sonho da carreira do jovem através de contatos com instituições esportivas. Independentemente do indivíduo e da função ocupada por ele dentro do campo futebolístico, percebemos que as redes sociais são um ponto extremamente importante para que o jovem atleta permaneça no futebol e para que ele enxergue nessa atividade um campo de possibilidades alargado para seu projeto.

Argumentamos que o nível socioeconômico desempenha um papel importante na constituição dos campos de possibilidades dos atletas no futebol. No entanto, cabe lembrar que a formação das redes sociais também é condição fundamental, visto que a sua existência permite aos atletas e suas famílias uma menor insegurança num ramo profissional tão instável.

As redes sociais são relevantes para a carreira do atleta por criar as oportunidades para que continue seguindo o objetivo de se tornar jogador, no entanto, mais do que isso, as redes construídas pelo atleta e pela família são o apoio necessário a fim de os desafios derivados do insucesso serem superados. Desse modo, as redes de sociabilidade são tão importantes para a percepção das estruturas de oportunidades de carreira quanto outras características derivadas do nível socioeconômico, e do *habitus*<sup>334</sup>.

Na construção do projeto futebolístico, as redes sociais não se constituíram como importantes apenas para inserção desses atletas e suas famílias em escolinhas, peneiras e clubes de futebol. Elas também foram importantes para o trânsito dos atletas de um clube para o outro e também para evitar que as carreiras de alguns fossem abreviadas precocemente.

O projeto futebolístico familiar dos Almeida evidencia isso. A chegada de Diego ao América-MG contou com a participação decisiva de Maicon, amigo da família e empresário do menino. Maicon possuía contatos estreitos com diversos clubes de Minas, e à época conseguiu uma oportunidade para que Diego integrasse as categorias de base do clube, saindo de uma escolinha de bairro em Belo Horizonte. Cabe ressaltar que segundo o que foi dito pelo pai de Diego (Roberto), o menino não precisou fazer aquela tradicional peneira com dezenas

---

<sup>334</sup> As questões inerentes ao *habitus* e suas influências sobre o campo de possibilidades dos atletas e de suas famílias serão abordados na próxima seção.

de outros meninos. Roberto salientou que Diego “foi credenciado pelo Maicon” ao quais muitos técnicos do clube tinham agradecimento por outros bons jogadores trazidos por ele.

Na situação de Diego, a existência de Maicon se configura como uma ponte, ou um atalho para acessar outras possibilidades que estariam vedadas a ele ou que necessitariam de um caminho muito mais longo e incerto para serem alcançados.

Num outro caso, o projeto futebolístico da família Moreira também mostra como o contato, mesmo que ténue com outros indivíduos de dentro do campo futebolístico também podem significar a abertura de campos de possibilidades aos indivíduos. A chegada de Joel ao [nome do clube] ocorreu após ele e a família acharem que o projeto futebolístico da família estava sob forte risco de fracasso. Temos que lembrar que Joel passou quase um ano inteiro sem clube depois que foi dispensado do Flamengo. Seu pai, que possuía contatos com outros jogadores de futebol e treinadores estava tentando recolocá-lo em algum clube menor para novamente tentar chegar a um clube considerado grande. No meio desse processo, Joel conheceu no condomínio em que morava com a mãe na Barra da Tijuca um jovem que era atleta do [nome do clube]. Esse seu vizinho viu Joel jogando bola algumas vezes no condomínio e, considerando que ele jogava bem, propôs a ele que fizesse um teste no clube em que está agora.

Perceba-se que Joel, assim como Diego, e todos os outros atletas das famílias analisadas, não chegaram aos clubes que defenderam apenas como mais um dentro das peneiras e dos testes de seleção. Esses jovens chegaram com o “carimbo” de um terceiro, que utilizou o seu capital social dentro do campo futebolístico para conceder a esse jovem a possibilidade de mostrar o seu talento. Dentro de um mercado tão competitivo como esse, conhecer e lidar com as “pessoas certas” faz com que os atletas e suas famílias consigam manter o projeto futebolístico funcionando com maior segurança.

Na trajetória futebolística de todas as famílias acompanhadas, um personagem em especial parecia se traduzir no exemplo concreto da importância das redes sociais para o alargamento do campo de possibilidades dos indivíduos no futebol. Essa pessoa era o empresário. Todas as famílias entrevistadas disseram que o jovem atleta tinha um empresário e que ele se constituía não somente como um importante agenciador da carreira do atleta, mas também num apoiador muito forte das famílias.

A percepção do empresário como alguém emocionalmente engajado no destino do jovem atleta, caracterizado quase como um amigo dele, é uma imagem que normalmente as famílias constroem sobre esses indivíduos devido aos investimentos financeiros, emocionais e temporais feitos por eles sobre nos seus filhos. Algumas famílias enxergam isso como um

sinal de carinho do empresário pelos atletas, outras vêm de maneira mais pragmática como um troca de produtos, onde o filho/família permite ao empresário a manipulação e venda do seu talento, enquanto que o empresário retribuiu com o suporte financeiro e temporal necessário; ou ainda essas percepções se confundem ou são acionadas estrategicamente.

Independentemente da perspectiva enxergada pela família na relação entre ela e o empresário, em todos os discursos é possível ver que elas confiam muito no capital social acumulado por eles e na capacidade que eles tem de reinseri-las em outras equipes de futebol.

Entre as 5 famílias analisadas, somente a família Torres possuía um empresário com uma rede futebolística de alcance regional (região sudeste). Nas outras 4 famílias, as famílias mantinham contrato com empresários portadores de redes futebolísticas com conexões no Brasil todo e na Europa, como era o caso da família Torres e da família Guimarães que possuíam como empresários respectivamente Carlos Leite e Eduardo Uram.

A relação estabelecida entre as famílias e esses empresários não só aumenta seu campo de possibilidades concretamente, devido as conexões possíveis que ele podem estabelecer com vários indivíduos dentro do campo, como também fortalecem a crença das famílias na concretização dos projetos futebolísticos. As famílias socializadas desde muito tempo no campo futebolístico, conseguem reconhecer aqueles elementos que garantem-lhe maiores ou menos oportunidades dentro do futebol. Nesse caso, a posse de um empresário, ainda mais um empresário com alto capital social, faz com que a percepção sobre a concretização do projeto futebolístico se aprofunde. Esse fato pode ser visto na família Marques, como mostra o relato:

**E:** O que vocês pretendem fazer caso o futebol não dê certo?

**Bianca:** Ah o futebol vai dar certo sim. Pode não ser aqui no [nome do clube], mesmo que eu tenha certeza de que aqui é o lugar certo. Mas eu conheço muita gente no futebol e o Wagner também é muito relacionado. Ele apresenta muita gente para mim e essas pessoas ficam loucas com o Bernardo. Já apareceu Flamengo, Palmeiras, Santos. Todo mundo querendo o Bernardo.<sup>335</sup>

Diante disso, ressaltamos a importância das redes sociais no processo de obtenção de capital social para que os atletas consigam aumentar seus campos de possibilidades e consequentemente reforcem e insistam nos investimentos levados a frente no processo de profissionalização no futebol por meio dos seus projetos. As chances, as possibilidades de permanência e a insistência no campo futebolístico, pelo menos para os atletas entrevistados e

---

<sup>335</sup>Entrevista com Bianca, mãe de Bernardo. Família Marques. Entrevista realizada em 12/03/2015



suas famílias, dependem de uma boa rede social que tenha conhecimento sobre o contexto de atuação e que possa levá-los a concretização do seu projeto.

Com essas histórias relatadas e os discursos construídos percebemos que os indivíduos participantes dos projetos percebem que as oportunidades de sucesso ou fracasso na carreira passam pela mão de pessoas atuantes nos bastidores do futebol. O momento, a dedicação e o esforço fazem parte do conjunto de indicadores que permitiriam o sucesso na carreira de jogador de futebol profissional. Os jovens atletas e as famílias consideram suas ações e méritos pessoais como algo importante na concretização da profissionalização, mas ao mesmo tempo sabem que elas precisam dialogar com as redes de sociabilidades para que suas chances de sucesso no futebol sejam alargadas.

A crença nas estruturas de oportunidades de sucesso na carreira e o modo como os atletas tomam a decisão de investir prioritariamente no futebol em detrimento da escola dependem, com isso, também das relações construídas por eles e pelas suas famílias no campo futebolístico ao longo de sua trajetória. Todas as famílias e os atletas disseram que durante a permanência nos centros de formação conheceram muita pessoas que poderiam ajudar-lhe ou indicar-lhes a outros clubes. Dessa maneira, todos mencionaram a inserção em alguma rede social dentro do futebol através da qual seria possível obter algum tipo de vantagem na oportunidade concreta de profissionalização no futebol. Essas redes sociais, com laços que permitiam a troca de influências entre as oportunidades de profissionalização no futebol, o atleta e sua família, foram reafirmadas sistematicamente e explicitamente pelos indivíduos investigados. Foi um sem número de mudanças de clubes e relatos de que tiveram as portas abertas em vários clubes do país a partir dos próprios empresários, amigos, conhecidos ou familiares possuidores de algum conhecimento sobre o mercado do futebol.

A estruturação do projeto familiar futebolístico, a crença na sua concretização e os investimentos realizados pelo atleta e seus familiares estão atrelados a uma rede social sem esta, encontram empecilhos a fim de criar e negociar as oportunidades na carreira, além de enxergarem como menor confiabilidade as chances de sucesso de atleta na profissionalização no futebol.

#### **4.2 - Relação da família com o campo esportivo.**

A análise realizada com as famílias pesquisadas (Marques, Moreira, Almeida, Torres e Guimarães) permite afirmar que todas elas possuíam em sua trajetória social uma relação estreita com o campo esportivo e, mais especificamente, com o campo futebolístico. Ao

esquadrinhar as biografias de vida dos indivíduos inseridos nessas famílias, ficou evidente que a inserção deles nos campo futebolístico antecedia e muito o nascimento dos filhos e a elaboração de um projeto futebolístico sobre sua prole.

As maneiras de inserção dessas famílias no campo futebolístico, no entanto, se dão de forma heterogênea, tanto no que diz respeito as atividades que desempenham dentro dele, quanto dos tipos de consumos que possuem, bem como as expectativas que depositam sobre ele. Por isso, apesar de todas as famílias verificarem uma socialização com o campo, elas não o fazem da mesma forma.

No caso da família Marques, a relação com o campo esportivo se desenvolveu a partir de dois eixos centrais. O primeiro deles ligado a proximidade da residência da família com o estádio do Botafogo de Ribeirão Preto, onde desde a adolescência Bianca frequentava os espaços sociais e convivia com a atmosfera futebolística da instituição. Essa vivência intensa dentro do clube propiciou a ela a construção de uma rede social ligada ao futebol, principalmente através das relações amorosas que construiu com alguns atletas do clube e da região. Por isso, Bianca possuía uma rede de amigas em Ribeirão Preto independente da família, destacando-se, nesse ponto, suas conexões com o campo futebolístico. Juntamente com isso, ela também experimentou uma inserção no campo futebolístico como esposa de jogador de futebol, já que Rufus (pai de Bernardo) foi jogador de futebol profissional atuando principalmente no Botafogo de Ribeirão Preto. Nesse cenário, a inserção de Bianca no campo futebolístico se estruturava a partir da convivência com atletas, comissões técnicas, dirigentes e empresários, ou seja, principalmente com indivíduos possuidores de altos capitais simbólicos no campo.

O tipo de inserção visto na família Moreira é em partes semelhante àquele verificado na família Marques. Marcos, o pai de Joel, também possuía uma extensa rede social dentro do campo futebolístico e uma relação estreita com diversos indivíduos possuidores de alto grau de capital simbólico no campo futebolístico. Era amigo de empresários e jogadores de sucesso que ainda estão em atividade. Esse relacionamento com o campo futebolístico se desenvolveu a partir da sua atividade de jogador de futebol, que ele desempenhou por mais de 10 anos.

Nas 3 outras famílias (Torres, Almeida e Guimarães) a inserção no campo futebolístico ocorreu, primeiramente pela adesão e o pertencimento que os indivíduos – principalmente os pais – tinham com um clube de futebol. Nesse sentido, eles assim como outros milhões de brasileiros encontravam-se dentro desse campo social como consumidores das práticas esportivas e/ou praticantes eventuais das diversas matrizes existentes de futebol no interior

desse campo.<sup>336</sup> No entanto, nas famílias Torres e Guimarães havia uma motivação por parte dos familiares (pai) para que essa relação familiar com o campo futebolístico extrapolasse os laços exclusivamente construídos pelo pertencimento clubístico. Desse modo, os pais desde pequenos alimentaram o sonho de se tornarem jogadores profissionais, e tentaram sem sucesso alçar também os filhos mais velhos a essa empreitada.<sup>337</sup>

A tentativa de profissionalizar os filhos mais velhos colocou as famílias em uma nova relação com o campo futebolístico, para além da conexão torcedora. Tentando tornar os filhos primogênitos jogadores de futebol, passaram a lidar com o centros de formação, com as comissões técnicas, fato esse que aprofundou suas experiências com o campo futebolístico.

Na situação da família Almeida, além da relação anteriormente mencionada como o campo futebolístico motivado pelas paixões clubísticas, devemos salientar que o pai de Diego, era um indivíduo com uma trajetória de vida fortemente ligada ao esporte, visto que desde a infância havia integrado equipes escolares de competições regionais e nacionais. Posteriormente seu gosto e preferência pelas práticas esportivas o fez optar por cursar educação física e tornar-se professor no ensino básico. Seu lugar no campo esportivo conjuga de diversas influências que de um modo específico também o inserem nesse espaço social.

Articulando as biografias das famílias compreende-se em todas elas uma correlação com o campo futebolístico muito anterior ao nascimento do filho atleta. Pode-se concluir, então, que as trajetórias individuais e sociais percorridas pelas famílias no interior desse campo garantiram-lhes a acumulação dos capitais necessários à sua permanência dentro dele, mas também proporcionaram a internalização e a acumulação das competências estruturantes do campo, não apenas como saberes e códigos, mas, sobretudo, como senso prático, e esquemas mentais que permitem avaliar se vale a pena ou não entrar no “jogo” e quais as condições para jogá-lo.

Como mencionado no capítulo 1 ao tratar da estruturação do campo futebolístico, vale lembrar que ao fazerem parte desse campo, pouco a pouco, as famílias e os indivíduos inseridos nela passam a construir uma visão de mundo, um sistema de crenças, um conjunto de valores, gostos, preferências e comportamento que dialogam intimamente com os ditames daquele campo social. A estruturação desse conjunto de crenças, linguagens e valores notabiliza a conexão dessas famílias com o campo futebolístico, permitindo a formação de um

---

<sup>336</sup> Por matrizes de futebol, entendemos as formas de praticá-lo, tais como matriz escolar, matriz bricolada, matriz espetacularizada, entre outros.

<sup>337</sup> No caso da família Guimarães o fracasso em profissionalizar o filho foi decorrente da falta de recursos familiares. Na situação da família Torres, o motivo foi o desinteresse do filho mais velho por seguir esse caminho.

*habitus* futebolístico em alguns indivíduos dentro dela. No caso das famílias dessa tese estamos falando na constituição de um *habitus* futebolístico derivado de uma longa trajetória de experiências dentro desse campo.

Nas famílias analisadas o *habitus* futebolístico se configura como uma segunda natureza, em parte autônoma, mas histórica e conectada com esse campo futebolístico. Esse *habitus* se constitui como maneiras de ver e classificar, operando distinções, estabelecendo comportamentos, elaborando crenças, construindo valores e organizando estratégias de ação e de elaborar projetos de vida. Esses estímulos vindos do campo podem ser transferidos e adquiridos de maneira explícita ou implícita, através da aprendizagem e funcionam como um sistema de esquemas geradores de práticas. No caso do futebol, ficou explícito nos discursos das famílias uma crença nessa modalidade como espaço de maior igualdade e democracia entre as pessoas, além da crença de que a sorte é importante, mas ela necessariamente deve vir acompanhada da meritocracia. Na percepção das famílias esse esporte enquanto um espaço meritocrático abria possibilidades maiores de ascensão social do que aqueles verificados em outros campos da vida social.

Inseridos em famílias possuidoras de um *habitus* futebolístico com indivíduos engajados no consumo esportivo, em pertencimentos clubísticos e no desenvolvimento da prática esportiva, os filhos atletas e não-atletas dessas famílias foram socializados desde cedo nesse campo evidenciando nessas situações uma internalização precoce desse *habitus*.

É importante demarcar que em todos os relatos colhidos dentro da família com pais, tios, avós e com os próprios filhos fica claro que o relacionamento com o campo futebolístico se impõe desde o nascimento. Foi costumeiro ouvir os familiares dizerem que desde pequenos incentivavam as crianças a jogar bola ou que presenteavam os recém nascidos com camisas de times. O estímulo para que as crianças desde cedo frequentavam os estádios e as sedes sociais dos clubes de coração dos familiares também foi enunciado como uma prática comum de socialização familiar. O estímulo e a entrada temporã desses jovens no futebol também revelam pontos de contato entre as famílias. Nesse sentido, a família é claramente o elemento fundamental para a socialização desses jovens dentro do campo futebolístico. A figura de pais, irmãos, tios e parentes em geral foram fundamentalmente responsáveis por inseri-los nesse campo e socializá-los nos códigos e crenças futebolísticas. Cabe ressaltar que, mesmo não sendo unânime, em muitos casos, a figura paterna desempenhou papel destacado nesse estímulo sobre os filhos. Ao longo do trabalho explicitamos que essa relação de estímulo esportivo do pai sobre o filho possui relação inconsciente com um *habitus* masculino, que enxerga no esporte, em especial o futebol, um elemento de virilidade e consequentemente

reafirmação do gênero devido à forma como se pratica esse esporte (ARCHETTI, 2003). Contudo, cabe uma ressalva com relação à internalização desse *habitus* pelos indivíduos no interior das famílias analisadas, em especial, quando comparamos os irmãos. Se teoricamente ambos foram socializados desde cedo nesse *habitus* futebolístico e tiveram contato estreito com campo futebolístico, porque ambos na construíram para si um projeto em torno do esporte?

Nesse sentido, Bourdieu evidencia que a transmissão dos capitais culturais, dos capitais sociais e do *habitus* não são realizados de forma osmótica entre aquele que o possui e aquele para quem se objetiva transmitir. Na realidade a internalização desses dispositivos ocorre num processo ativo e dialético, no qual o herdeiro precisa querer herdar aquilo que lhe procuram transmitir. Desse modo, uma família pode empreender grande esforço para que o filho se ocupe da música e da corporalidade, sem, contudo, obter dele o interesse e o engajamento esperado. Além disso, os indivíduos inseridos numa sociedade complexa como a nossa sofrem os estímulos e as influências de inúmeras instituições e campos sociais. Mesmo os irmãos estando inserido na mesma família, isso não quer dizer que transitem pelos mesmos campos e nem que dialoguem com as mesmas instituições, com isso, formam-se visões de mundo, crenças e comportamentos variáveis entre os indivíduos de uma mesma família, entre eles os irmãos.

Na família Marques as redes de sociabilidade construídas pela mãe, e a experiência do pai como atleta de futebol socializaram Bernardo desde cedo no futebol, principalmente dentro do Botafogo de Ribeirão Preto. Com isso, desde pequeno e até quando permaneceu em Ribeirão, o menino convivia com a cultura clubística da instituição, seus pertencimentos esportivos e suas rotinas ligadas ao futebol.<sup>338</sup> Weber (1982) em seus escritos destaca o papel das instituições na construção dos indivíduos e na compreensão do sentido das suas ações sociais. Sendo essas instituições espaços de relações entre as pessoas, são também espaços de construções de sentidos da ação, ou seja, de comportamentos e visões de mundo e expectativas individuais.

O clube assim como outras instituições como a escola, a igreja ou a própria família são importantes espaços de socialização dos indivíduos e, com isso, produzem e reproduzem determinados conjuntos de crenças, comportamentos que aos poucos vão fazendo parte do repertório dos indivíduos no desenvolvimento das suas ações sociais. O convívio prolongado de Bernardo no Botafogo de Ribeirão Preto como espaço de lazer, e seu relacionamento mais

---

<sup>338</sup> Por exemplo, fechamento da sede nos dias de jogos para que os torcedores pudessem acessar mais livremente o clube sem causar confusões na entrada.

intenso com os bastidores esportivos do clube, haja visto que seu pai era atleta do mesmo, podem ser vistos como uma das razões para seu entusiasmo com o futebol e o esporte de maneira mais geral. Para o menino, o futebol era desde cedo algo tão natural em seu cotidiano que dificilmente ele o enxergaria como uma imposição externa a ele.

Na família Moreira, o contato precoce com o campo futebolístico também se deu em decorrência das atividades profissionais realizadas por Marcos, pai de Joel. Desde pequeno, o menino conviveu com as atividades e rotinas esportivas do pai. Nessa trajetória de vida também lidou de forma muito próxima com os amigos futebolistas do pai e com os dilemas e dificuldades enfrentados pelo futebol.

Nas outras 3 famílias (Almeida, Guimarães e Torres) o pertencimento clubístico, o engajamento como torcedor e o incentivo desde pequenos para que os filhos praticassem futebol com intenções lúdicas (família Almeida) ou profissionalizantes (família Torres e Guimarães) também se constituíram como elementos decisivos para entrada desses jovens no campo futebolístico.

A socialização desde cedo no campo esportivo proporcionou aos atletas de todas as famílias a internalização de disposições, códigos, percepções e ações correlacionadas com o esporte e mais especificamente o futebol. Em todas as famílias analisadas essa conexão com o campo futebolístico acabou levando seus filhos atletas para espaços sistematizados de desenvolvimento da prática esportiva (escolinhas ou clubes) antes mesmo dos 10 anos de idade. Nos depoimentos de todos os familiares entrevistados, foi mencionado que os jovens atletas ingressaram basicamente, por vontade própria, dos pais ou indicação de amigos dos pais que os viram jogar bola.

O *habitus* futebolístico necessário à posição atualmente ocupada por eles no campo inicia-se, pois, na família, a qual, graças à crença no valor redentor e moralizante do esporte (futebol) estimula diferentes investimentos dentro desse campo tendo em vista assegurar um futuro promissor aos seus descendentes. Fazendo referência à Bourdieu, devemos pensar que nesse momento da trajetória dos indivíduos, passa a ser gestado “o mais oculto e determinante dos investimentos: a transmissão doméstica do capital.”

O *habitus* futebolístico assim acumulado vai orientar os atletas pesquisados, ao longo de suas vidas, nos seus contatos com o campo futebolístico, permitindo-lhes entender e familiarizar-se com os códigos, bens materiais e simbólicos e jogos específicos desse campo, passando, então, a valorizar as práticas relativas a preparação física, a identificar-se com o espaço do clube e com certos modelos de jogador, manifestações de esquemas mentais particulares, que estão na gênese do *habitus* desse campo.

O desejo desses indivíduos em se transformarem em atletas e ingressarem na carreira resultou de uma disposição prática, que decorre não somente de uma escolha intencional e desejada, mas da confluência de um *habitus* e um campo social. Assim, surge aqui uma tomada de posição de um conjunto de indivíduos, que colocados sob circunstâncias históricas semelhantes e tendo uma estrutura de capitais relativamente semelhantes, investiram de acordo com o sistema de percepção e apreciação moldados nesse espaço integrado ao mundo social, isto é o campo futebolístico.

A entrada nas escolinhas e nos clubes de futebol são em parte uma consequência dessa socialização primária na família que possibilitou a incorporação de um conjunto determinados de disposições entre elas o gosto pela prática esportiva. No entanto, a obtenção e internalização dos produtos do campo são processos permanentemente em construção e ressignificação. Isso quer dizer que *habitus* não é um elemento imutável, pois na medida em que os indivíduos permanecem em determinado campo social, esse se transforma e traz novas experiências as trajetórias dos indivíduos consequentemente influenciando na construção desse *habitus* individual e coletivo.

Na trajetória dos jovens atletas e das suas famílias, podemos afirmar que as características do *habitus* futebolístico delas foram se transformando ao passo que eles (atleta e família) foram se relacionando de maneiras diferentes com o campo futebolístico ao longo da sua trajetória. Ser filho de um atleta, ser torcedor de um clube, ou ter um irmão que tentou a carreira esportiva influencia a formação do *habitus* futebolístico de determinada forma. Contudo, ingressar numa escolinha de futebol já estabelece outra relação com o campo futebolístico, que por sua vez também se difere daquela relação estabelecida quando se passa a integrar as categorias de base de um clube.

O que se procura afirmar é que a socialização primária na família constituiu papel importante na estruturação do *habitus*. Todavia via, à entrada nas escolinhas e nas categorias de base como seus circuitos de competições, seus agentes sociais e suas rotinas miméticas aos profissionais ajudaram a incorporar novos componentes ao *habitus* desses jovens. Esse *habitus* é então um sistema de disposição construído continuamente, aberto e constantemente sujeito a novas experiências que dialeticamente no contato com o campo vão se ressignificando e adicionando outros elementos.

Diante das trajetórias individuais de socialização precoce no campo futebolístico, primeiramente motivada pela família e posteriormente reforçada pela entrada e permanência em espaços esportivizados, esses jovens atletas internalizaram um tipo de *habitus* (futebolístico). Entre os elementos inerentes a esse *habitus* e esse convívio no campo

futebolístico está a concepção de que o esporte é um meio válido para alcançar seus objetivos de satisfação pessoal, ascensão social e prestígio.

Em todas as famílias analisadas, foi unânime a verbalização por parte dos jovens e de alguns membros das suas famílias de que o futebol se constituía como um carreira profissional tão válida quanto qualquer outra. Além disso, em todas as famílias foi explicitado que a prioridade no projeto individual e coletivo orientado para a profissionalização no futebol partia de uma crença de que esse esporte era um caminho pelo qual valia à pena investir todos os recursos possíveis, dado que sobre a mobilidade social e econômica poderia ocorrer de forma mais tangível. Essas ideias podem ser vistas nos relatos que se seguem:

**Joel:** É possível virar jogador e viver de futebol. Meu pai fez isso durante muito tempo, mesmo não tendo sido um jogador de clube grande durante muito tempo. Hoje ele me dá muitas dicas sobre futebol e eu acredito que eu consigo virar profissional. No futebol que é bom e tem a cabeça no ligar se destaca.<sup>339</sup>

**Bernardo:** Eu gosto muito de jogar bola, de ser jogador. Pelo talento que eu tenho, pelo meus resultados e pelo que eu conquistei até aqui acho que tenho muitas chances de virar jogador profissional. No futebol o cara que é pobre, que veio do nada para ficar igual ao Neymar. Não é fácil, mas é possível.<sup>340</sup>

**Diego:** Meu pai me incentiva bastante no futebol. Eu venho fazendo um bom trabalho no [nome do clube] então não tem como dar errado. Seguindo a cartilha e tendo cabeça, é muito provável de acontecer. Meu pai sempre fala que o futebol é momento, que eu também tenho que investir em outras coisas. Eu invisto também na escola, fazendo junto com o futebol. Mas assim, se você for pensar, qual dos dois te dá uma possibilidade de ganhar muito dinheiro assim da noite para o dia? Futebol se você tiver o dom, dificilmente você não vai estourar.<sup>341</sup>

**Paulo:** No futebol eu me sinto muito a vontade. Estou no [nome do clube] e lá eu me sinto como se fosse a minha segunda casa. Eu tenho prazer de ir treinar, de jogar as competições. Lá no futebol, no clube mesmo eu consigo entender tudo que acontece, eu sei exatamente o que o treinador ta pedindo e consigo executar bem. Alterno reserva e titular, mas aqui eu sei “ler o futebol”. Na escola, eu as vezes fico meio perdido, as matérias são muito enroladas. Assim, eu acho a escola chata, mas não fala para ninguém, ok?! (risos).<sup>342</sup>

**Murilo:** Minha mãe sempre procura que eu faça bem as 2 coisas (escola e futebol). Então ela cobra da escola, mais do que eu vejo as mães dos meus amigos cobrarem deles. Para ela as duas coisas são importantes. Eu também acho. Se o futebol não der certo tem que ter outra coisa armada

<sup>339</sup>Entrevista com Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 04/10/2016.

<sup>340</sup>Entrevista com Bernardo da família Marques, em 22/10/2015.

<sup>341</sup>Entrevista com Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 12/05/2016

<sup>342</sup>Entrevista com Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 10/02/2017



ai. Mas assim... eu hoje enxergo o futebol como algo muito mais possível na minha vida do que uma carreira na faculdade. Eu posso até fazer faculdade, mas olha o caminho que vou ter que seguir ainda. Terminar a escola, fazer faculdade e ainda dar sorte de arranjar um bom emprego de cara. Aqui no [nome do clube] eu estou chegando agora na sub-17, fui titular em todas as outras categorias, se eu continuar bem, a ida para o time titular e um bom salário podem estar a 4 anos ou menos de mim. A chance no futebol é muito maior.<sup>343</sup>

Em todos os depoimentos anteriores podemos encontrar questões como: a) percepção do futebol como um vínculo empregatício como qualquer outro; b) familiaridade dos jovens com os códigos e situações requisitados no futebol, em alguns casos em contraposição ao deslocamento percebido na escola; c) identificação do futebol como um espaço mais alargado de possibilidades frente a outros; d) forte crença na profissionalização no esporte.

A construção dessas crenças, visões de mundo, e comportamentos dos jovens atletas, obtido através da internalização de um *habitus* futebolístico deve ser pensado como um ingrediente importante na formação dos seus projetos individuais. Como afirmamos anteriormente no capítulo 2, ao trabalhar a noção de projeto, invariavelmente devemos pensá-lo na sua relação intrínseca com a existência de um campo de possibilidades, pois, os projetos são idealizados, orientados e concretizados a partir da compreensão dos indivíduos sobre um dado campo de possibilidades que visualizam na sua circulação pelas diversas esferas da vida social. O campo de possibilidades, todavia, se estrutura para os indivíduos através de processos subjetivos. A maneira como os indivíduos compreendem seus campos de possibilidades possui estreita relação com a sua trajetória social e suas experiências de vida. Por isso, os campos de possibilidades são tão específicos e também dinâmicos.

A socialização precoce no campo futebolístico e a incorporação do *habitus* desse campo criaram nesses atletas uma forma de enxergar o mundo, e um conjunto de crenças que passaram a influenciar as maneiras como eles percebem os seus campos de possibilidades.

A relação próxima com indivíduos dentro do campo futebolístico, o contato mais contínuo com um grupo mais engajado no esporte dentro da família, as crenças em determinadas vertentes religiosas, a posse de bens materiais, a exposição mais sistemática alguns estímulos midiáticos e as redes sociais, afetaram decisivamente a percepção dos jovens analisados sobre os caminhos que poderiam tomar, bem como aqueles que valeriam a pena serem buscados. Isso significa que as influências socializadoras nas quais os indivíduos se inseriram foram importantes para que se construísse uma percepção de um campos de

---

<sup>343</sup>Entrevista com Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 23/06/2016

possibilidades alargado no futebol e, conseqüentemente, factível para a estruturação de um projeto futebolístico.

Os jovens atletas acompanhados nessa tese não transitavam apenas pelo campo futebolístico, mas também por outros campos sociais e conseqüentemente outros *habitus*, por isso tinham também outros campos de possibilidades postos para eles além do futebol. Como sublinha Wacquant (2004), o *habitus* nunca é uma réplica de uma única estrutura social, mas um conjunto dinâmico “de disposições sobrepostas em camadas que agrava, armazena e prolonga a influência dos diversos ambientes sucessivamente encontrados na vida de uma pessoa. Das 5 famílias analisadas 3 eram de classes médias e 2 delas de classes médias baixa. No caso, das primeiras famílias, os filhos atleta durante uma parte das suas vidas haviam estudado em escolas particulares, feito cursos de línguas estrangeiras e recebido dos pais um considerável investimento escolar. Juntamente com isso conviviam com uma rede de sociabilidade que se iniciava nos familiares mais se espalhava para além deles, nos quais podiam ser verificados diversos indivíduos com grande acúmulo de capitais culturais, oferecendo a percepção de um cenário de ascensão social por meio da escolarização.

Como dito na seção anterior, as configurações educacionais dessas famílias das classes médias, apresentavam um campo de possibilidades alargado para esses jovens dentro de um projeto individual escolar. No entanto, a percepção dos campos de possibilidades não se forma apenas por dados objetivo como bens materiais, rede social ou anos de escolaridade. Na verdade a trajetória atravessada pelos indivíduos e a formação das crenças desempenham o principal papel para que esses jovens vejam o futebol e não outras áreas, tais como a escolarização como o principal caminho.

Na estruturação dos projetos não importa apenas a existência de determinadas configurações e condições, (a existência das redes, a renda elevada, o capital cultural objetivado para a construção desse campo de possibilidades) também se faz necessária a visão desse ator sobre o reconhecimento e a aceitação dessas possibilidades em direção aos seus objetivos. Todavia, apesar de todo esse campo de possibilidade posto para alguns desses atletas no direcionamento de caminhos acadêmicos, eles não enxergavam aquelas configurações como válidas para o alcance dos seus objetivos. Nesse ponto, seus projetos eram futebolísticos, ou seja, de se tornar um jogador profissional e, naquele contexto, as possibilidades alheias ao futebol e postas para eles não eram vistas como úteis para o seu processo de profissionalização.

A compreensão de que o campo de possibilidades sobre o futebol se configura como mais alargado, e conseqüentemente mais plausível motiva a estruturação dos projetos

individuais desses atletas em torno do futebol. Convivendo continuamente e fortemente com os códigos futebolísticos construiu-se em cima deles uma visão de mundo e um conjunto de crenças caracterizadas como *illusio*, esse conceito se estrutura na percepção do próprio indivíduo de estar preso a um jogo<sup>344</sup>, ou de acreditar que determinado jogo dentro de um campo social vale a pena ser jogado. Dessa forma, o jovem atleta e sua família inseridos numa *illusio futebolística* sabem que esse jogo merece ser jogado, reconhecem o jogo e seus alvos. No entanto, esse reconhecimento do jogo só existe porque houve essa socialização primária no *habitus futebolístico* que lhe permitem enxergar esses jogos e investir neles seu tempo, sua reputação e seus capitais (BOURDIEU, 2011). O jovem atleta que identifica o esporte como uma forte possibilidade de ascensão social e investe tempo, juventude, capitais econômicos e sociais na sua profissionalização no esporte possui uma visão de mundo que reconhece nesse projeto esportivo o sentido do jogo, ou seja, todos os trunfos pelos quais vale a pena lutar e vale a pena morrer. Aos olhos daqueles que não compartilham desse *habitus* esportivo, essas atitudes podem parecer inexplicáveis, erradas ou irracionais. As ações práticas transcendem ao presente imediato, referem-se a uma mobilização prática de um passado (trajetória) e de um futuro inscrito no presente como estado de potencialidade objetiva.

Diante disso, a construção do projeto futebolístico individual do atleta se inicia na sua relação com a família e as conexões que ela desempenha no campo futebolístico, as convivências dentro desse campo internaliza valores e comportamentos que moldaram a sua percepção de mundo e fizeram esse jovem perceber o futebol como um campo de possibilidades tangível para ele. A aceitação de um projeto futebolístico para si dialoga com essas questões. A partir do surgimento desse projeto futebolístico individual é que se desenvolverá uma projeto futebolístico familiar, visto que esse projeto familiar só pode existir se o artífice principal do seu desenvolvimento, no caso o jovem atleta, aceitar a empreitada posta a ele pela família e as socializações proporcionadas por ela.

### **4.3 - Trajetórias de escolarização familiar e a relação projeto-escola-família.**

Como foi dito na seção 1 desse capítulo, a família enquanto instituição social é permeada por processos de negociação, relações de poder e disputas internas em torno de interpretações individuais acerca dos projetos coletivos familiares. Para isso, contribuem as trajetórias individuais de cada membro da família, e os contatos da família com outras instituições sociais. Nesse quesito, as trajetórias de escolarização familiar e o relacionamento

---

<sup>344</sup> Jogo é aqui entendido como trama social ou objetivo de vida.

entre a família e a escola são peça-chave para compreender a estruturação dos projetos coletivos e individuais das famílias em torno da profissionalização de um dos filhos no futebol<sup>345</sup>

A relação das famílias dos atletas pesquisados com a escola, bem como suas percepções sobre essa instituição configuraram-se com um produto das suas experiências de socialização, principalmente, no campo educacional, juntamente com a inserção delas no campo futebolístico. Isso quer dizer que as experiências de escolarização desses atletas se estruturaram através de um entrecruzamento desses dois campos, no qual o projeto familiar ancorado no futebol acaba por secundarizar os objetivos relacionados à escolarização.

O projeto orientado para o futebol, estruturado a partir de uma socialização precoce e afetivamente positiva com esse campo futebolístico interfere diretamente na forma como a família e escola se relacionam. Isso porque um dos elementos estruturantes encontrados no projeto futebolístico das famílias analisadas é o paulatino desinvestimento nas rotinas e obrigações escolares do filho atleta em benefício das rotinas esportivas com vistas à concretização dos objetivos futebolísticos individual – do atleta – e coletivo da família.

As análises mais apressadas poderiam relacionar esse privilégio sobre as rotinas esportivas e a estruturação de um projeto familiar em torno do futebol, em detrimento da escola, como uma consequência de famílias que ao longo de sua história possuíram membros com pouca escolaridade, trajetória escolar acidentada, pouco contato com pessoas com alta escolaridade, entre outros motivos. Contudo, essa não é a situação predominante nas 5 famílias nessa pesquisa.

A coleta de dados feita revela que das 5 famílias, 4 delas possuíam entre seus familiares uma predominância de indivíduos com no mínimo o ensino médio completo, ou seja, 12 anos de estudo (famílias Marques, Moreira, Torres e Almeida). Somente na família Guimarães foi verificada uma predominância de indivíduos com ensino fundamental completo ou que nunca estudaram. As tabelas abaixo possibilitam um olhar mais sistemático sobre essa situação.

**Quadro 3: Escolaridade família Marques**

Família Marques										
Parentesco / escolaridade	Pai	Mãe	Avô Materno	Avó materna	Avô pater	Avó pater	Tio Celso	Tio Humberto	Tia Regina	Tia Edna
	Ensino Fundamental incompleto	Ensino superior completo	Ensino médio completo	Ensino Fundamental completo	—	—	Ensino superior completo	Ensino médio completo	Ensino médio completo	Ensino médio completo

<sup>345</sup> Além da trajetória e relação desses jovens e suas famílias com a escola, também é importante compreender a relação e a trajetória desses mesmos atores com o esporte e o clube. A análise sobre as relações desses atores sociais com essas duas instituições é condição básica para compreensão da estruturação dos projetos.

**Quadro 4: Escolaridade família Moreira**

Família Moreira									
Parentesco / escolaridade	Pai	Mãe	Avô Materno	Avó materna	Avô paterno	Avó paterno	Padrasto	Madrinha	Madrasta
	Ensino Médio completo	Ensino médio completo	Ensino médio completo	Ensino Fundamental completo	Ensino Médio completo	Ensino superior completo	Ensino médio completo	Ensino médio completo	Ensino médio completo

**Quadro 5: Escolaridade família Almeida**

Família Almeida									
Parentesco / escolaridade	Pai	Mãe	Avô Materno	Avó materna	Avô paterno	Avó paterno	Tio Mauro	Tio Sebastião	Tia Mônica
	Ensino superior completo	Ensino médio completo	Ensino superior completo	Ensino médio completo	Ensino superior completo	Ensino superior completo	Ensino superior completo	Ensino superior completo	Ensino superior completo

**Quadro 6: Escolaridade família Torres**

Escolaridade família Torres									
Parentesco / escolaridade	Pai	Mãe	Avô Materno	Avó materna	Avô paterno	Avó paterno	Tio Adão	Tio Claudio	
	Ensino médio completo	Ensino médio completo	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto	—	—	Ensino médio completo	Ensino médio completo	

\*Os outros 6 irmãos de Elisa possuíam ensino superior completo.

**Quadro 7: Escolaridade família Guimarães**

Escolaridade família Guimarães									
Parentesco / escolaridade	Pai	Mãe	Avô Materno	Avó materna	Avô paterno	Avó paterno	Tio José	Tia Magda	
	Ensino fundamental incompleto	Ensino médio completo	Ensino fundamental completo	Ensino fundamental completo	Nunca estudou	Ensino fundamental completo	Ensino médio completo	Ensino médio completo	

\* Henrique possuía mais dois irmãos (1 com ensino médio completo e outro com ensino fundamental completo)

A partir dos dados podemos afirmar que a escolaridade média dessas famílias se encontra num patamar educacional intermediário, no qual muitos concluíram o ensino básico, mas não deram prosseguimentos aos seus estudos no ensino superior ou em cursos pós-médio. Nessa situação estão as famílias Marques e principalmente a família Moreira. Em compensação nas famílias Torres e Almeida verificam-se um número significativo de parentes com curso superior, em especial aqueles das gerações mais jovens (pais e tios)

Ainda que as famílias analisadas se desenhem como núcleos familiares com realidades específicas e diversificadas, no que tange a educação, quase a sua totalidade (excluindo a família Guimarães) verifica na sua constituição indivíduos que possuem mais escolaridade do

que a média das populações brasileira e também fluminense. Segundo dados do Pnad (2016), a escolaridade média da população brasileira no ano de 2016 era de aproximadamente 9 anos de estudo, ou seja, o ensino fundamental completo. No caso da população fluminense a escolaridade média era de aproximadamente 10 anos para o mesmo período.<sup>346</sup>

Tendo como base a média de escolaridade da população brasileira e fluminense e comparando-a com trajetória de escolarização das famílias dos atletas, é possível afirmar que em 4 delas (Marques, Moreira, Almeida e Torres) a escolaridade média da família é superior a escolaridade verificada no Brasil e no Rio de Janeiro. Ao verificarmos uma amostra maior sobre informações familiares (60 famílias)<sup>347</sup>, coletada por Rocha (2017) no mesmo clube e no mesmo período dessa pesquisa, ainda assim constata-se que entre os atletas, mais da metade das famílias (62,8%) possuíam uma escolaridade maior do que a média brasileira e fluminense. Essas famílias tinham a escolaridade entre o ensino médio incompleto e o ensino médio completo.

Os dados analisados permitem afirmar que pelo menos 4 famílias desse estudo (Marques, Torres, Almeida e Moreira) não possuem uma trajetória escolar pontuada pelo fracasso e pela repetência. São famílias com anos de escolaridade superior ao média nacional, que terminaram o ensino básico obrigatório e com níveis de repetência abaixo da média brasileira, ou seja, entre nenhuma ou 1 repetência.<sup>348</sup>

Os dados propõem a reflexão sobre até que ponto está correta, a concepção de que as famílias de atletas em formação escolhem estruturar seus projetos no futebol motivadas entre outros casos por uma trajetória familiar de escolarização pontuada pelo fracasso. Nesse ponto, é preciso reconsiderar que o futebol somente seja enxergado como oportunidade por aqueles indivíduos e famílias que enfrentaram dificuldades no seu processo de escolarização. Sendo assim, é preciso relativizar a concepção de que as famílias inseridas no futebol constituem hoje como majoritariamente de baixa escolaridade.

Os estudos de caso trabalhados nessa tese, e as amostras coletadas por Rocha (2017) no mesmo clube e no mesmo período dessa pesquisa são reduzidos e não permitem afirmar se

---

<sup>346</sup> Nos dados do Pnad 2016, também é possível ver que a porcentagem da população brasileira com ensino médio era de 30,2%, enquanto no estado do Rio de Janeiro essa média era de 45,4%

<sup>347</sup> Os dados coletados por Rocha (2017) sobre informações familiares foram feitas de forma indireta, ou seja, perguntando para os filhos algumas informações sobre os pais. Nesse processo, alguns dados não conseguiram ser coletados, pela falta de conhecimento dos filhos sobre a escolaridade precisa dos pais. Dessa forma, alguns dados estão incompletos.

<sup>348</sup> O dado sobre a quantidade de repetências foi colhido com os familiares dentro das entrevistas semiestruturadas, quando foi perguntada sobre a trajetória escolar deles na infância e adolescência. No caso de alguns familiares que não concluíram o ensino básico, ficou claro que houve um processo de evasão escolar. Mas entre aqueles que concluíram o ensino médio foi buscada a quantidade de repetências ao longo da escolarização.

essa é a característica geral de escolaridade das famílias de futebolistas nessa temporalidade. Contudo, esses estudos suscitam a necessidade de um olhar mais cuidadoso e de pesquisas mais globalizantes para ver se a realidade encontrada nessas famílias e nesse clube pode ser verificada como um padrão.

A importância desses dados reside na possibilidade, pelo menos para os casos trabalhados nessa tese, de rechaçar as concepções que estabelecem uma relação direta entre o desinvestimento das famílias de atletas na escola e uma suposta baixa escolaridade, bem como um percurso de escolarização acidentado que abalaram suas crenças nos prêmios ofertados pela escola. As famílias acompanhadas nessa tese em sua maioria, não verificam essa situação de baixa escolaridade e de fracasso na trajetória escolar. Logo como explicar esses desinvestimentos e secundarização da escola frente ao futebol?

Na sociologia da educação o papel creditado a família no processo de êxito ou fracasso escolar não é novo, pois desde as décadas de 1950/60 enxergou-se no meio familiar de origem, em particular em sua dimensão sociocultural, um poderoso fator explicativo das desigualdades escolares entre os indivíduos. Na pesquisa, poderíamos então pensar que as famílias não possuem baixa escolaridade, mas acabavam por possuir baixos capitais culturais. No entanto, essa também não é a dimensão sociocultural verificada pela maioria das famílias.

No caso dos núcleos familiares analisados, os dados obtidos apontaram que 4 delas (Marques, Moreira, Almeida e Torres) pertenciam as classes médias e 1 delas pertencia as classes populares<sup>349</sup>. Em pelos 3 delas (Marques, Almeida e Torres), havia dentro da família uma certa representatividade de pessoas com altos capitais culturais institucionalizados (diplomas). Além disso, nessas 3 famílias foi constatado por meio dos relatos que os filhos atletas tiveram durante parte de suas vidas um considerável investimento cultural através da oferta de bens dessa natureza, tais como escolas particulares, “explicadoras”, cursos de idiomas, visitas a espaços culturais como cinemas, teatro, museus, entre outros.

A configuração que temos de 3 dessas famílias (Marques, Torres e Almeida) as colocariam próximas daquelas visões e investimentos esperados e realizados pelas classe médias no desenvolvimento escolar dos seus filhos. Sobre isso, Nogueira (1995, 1998), Zago (2000), Brandão e Lelis (2003), Setton (2005), Romanelli (2013) e Fialho (2012) afirmam que nas classes médias é consenso que a escolaridade dos filhos constitui elemento central do

---

<sup>349</sup> Retomando o ponto trabalhado na primeira seção desse capítulo, devemos lembrar que a família Guimarães dentro das classes populares poderia ser classificada como uma família da classe “D”. As famílias e Torres estariam na classe C e a família Almeida estaria na classe B. A família Moreira pela análise da trajetória de vida, oscilava entre as classe C e D. Os critérios para essa classificação já foram detalhados anteriormente em outros capítulos.

projeto educacional. Nesse sentido, identificam que o investimento detalhista, calculado e engajado é considerado como um fator importante no êxito escolar desses jovens, logo é incentivado e buscado pelas famílias.

Para os estudos da sociologia da educação, nas classes médias, grupo a qual essas famílias faziam parte, a escola é vista como um meio de ascensão social, uma possibilidade de transpor as barreiras econômicas por meio da obtenção dos capitais culturais que possibilitaram o empoderamento dos outros capitais como o econômico, o social e o simbólico. Desse modo, as classes médias, assim como as altas da sociedade muitas vezes possuem altos graus de capitais culturais e uma posição social estável que lhes permite a construção de um *habitus* que valorize o estudo, a educação e, principalmente a obtenção do capital cultural institucionalizado como forma de distinção social. Assim, para realizar suas pretensões e implementar suas estratégias, a classe média submete-se a sacrifícios e renúncias, dos quais Bourdieu salienta o “ascetismo”, o “malthusianismo” e a “boa vontade cultural”

Os comportamentos educacionalmente engajados verificados em famílias de classes médias e a altas, possui como um de seus elementos a existência de casos numerosos de êxito escolar, principalmente, dentro da própria casa. Aliado a isso, a circulação em meios sociais diversos, nos quais o estudo torna-se elemento de distinção social também faz com que o projeto escolar se torne algo não só factível como também necessário para construção identitária da família.

Na situação dessas 3 famílias (Marques, Torres e Almeida) consideradas de classes médias, no entanto, não foram vistos os mesmos engajamentos, crenças e adesões aos projetos escolares verificados na literatura que trata sobre esse grupo social. Na verdade, suas estratégias e ações sobre o desenvolvimento escolar em conciliação com o futebol se assemelhavam muito com aquelas verificadas nas 2 famílias consideradas com menos capital cultural (Moreira e Guimarães) e de classe média baixa (Guimarães). Podemos afirmar que na análise das 5 famílias as diferenças existentes de capital cultural e nível socioeconômico não se traduziram em mudanças significativas nas estratégias e ações de conciliação entre o futebol e a escola. Apesar de algumas variações existentes em decorrência da trajetória específica da família e de suas condições materiais, essencialmente em todas as famílias pudemos verificar que: a) a escola e a escolarização são vistas cada vez como um caminho longo e com pouco retorno; b) as rotinas escolares são flexibilizadas em benefício do futebol; c) a escolha do estabelecimento de ensino se adéqua ao futebol; d) a cobranças e expectativas sobre os resultados escolares são diminuídas; e) O tratamento escolar dado aos irmãos não-atletas passa a diferenciar daquele feito sobre os atletas.



Sobre as representações feitas pelas famílias sobre a educação<sup>350</sup>, em todas elas, os indivíduos foram unânimes em salientar cada um ao seu modo, a importância dessa “educação” como um instrumento de mobilidade social, emancipação social e construção da cidadania. Discursos como: “A educação é importante para formar o cidadão”; “Sem a escola a gente não é nada”, “A caneta é mais leve do que o saco de cimento”, “A educação transforma vidas” ou “Sem a educação ninguém vai para frente” foram ouvidos em diversos momentos do contato com as famílias e nas entrevistas realizadas com seus membros. É difícil precisar até que ponto essas frases representavam realmente as visões de mundo dos indivíduos entrevistados, visto que esses discursos em defesa da escola e da valorização da escolarização estão cristalizados em nossa sociedade e se constituem muitas vezes enquanto discursos prontos e previamente produzidos pelo senso comum.

A valorização daquilo que os familiares chamavam amplamente como educação era, contudo, acompanhada em todas as famílias de discursos ambíguos acerca das possibilidades que a escola poderia conferir a eles. Diante disso, as falas que imputavam à “educação” um caráter transformador eram também acompanhadas de frases que conferiam a escolarização um caráter de incertezas.

**Henrique:** A escola é muito importante. Eu não pude estudar e sei como isso faz diferença. Eu gostaria que tanto o Pedro quanto o Paulo estudassem, mas cada um deles sabe o caminho que é melhor para eles trilharem. Existem outros caminhos além da escola. Não são fáceis, mas dá para conseguir.<sup>351</sup>

**Elisa:** Eu cobro bastante dos meninos. Até mesmo do Murilo eu pego no pé, mesmo estando no futebol. Tem que estudar para caso o futebol não dê certo. Mas também eu fico pensando, o menino está bem no futebol. O importante é manter a escola e passar com uma nota pelo menos razoável. Hoje em dia da maneira que as coisas estão eu não sei nem o que dizer para ele quando ele reclama que eu cobro muito na escola. Porque até a escola não é mais segurança de nada.<sup>352</sup>

**Roberto:** Eu dou aula e sei que a escola é importante. Eu defendo o que eu faço (risos). Mas assim, justamente por trabalhar disso, e conhecer a educação como eu conheço, eu sei que você tem que se dedicar muito e abrir mão de muita coisa para conseguir alguma coisa na escola. Tenho muitos amigos que fizeram faculdade comigo, tem pós-graduação e estão desempregados ou ganhando mixaria. Estudaram muito e olha aí.<sup>353</sup>

---

<sup>350</sup> Aqui foi utilizado o termo educação, e não escolarização como normalmente vem aparecendo no texto, porque ao falar dos benefícios do conhecimento e da informação, os indivíduos comumente se referiam a aspectos que extrapolavam o processo exclusivo de escolarização.

<sup>351</sup>Entrevista com Henrique, pai de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 20/03/2017

<sup>352</sup>Entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 20/10/2015

<sup>353</sup>Entrevista com Roberto, pai de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 11/04/2016

**Marcos:** Eu tenho vários amigos que se formaram, fizeram faculdade depois que pararam de jogar e eu acho isso muito legal. Sempre tive plano de fazer alguma coisa mais quando eu parasse de jogar, mas não deu. Ficou só no ensino médio. Eu acho que a escola é importante, mas para quem está no futebol como o Joel, eu vejo que a chance de ganhar mais e em menos tempo é maior. Ele tá aí, de repente estoura e vai ganhar mais do que com faculdade a vida toda.<sup>354</sup>

**Bianca:** Assim, eu fiz faculdade, sei que faculdade é importante, estudar é importante, mas vamos falar a verdade... É chato. A gente estuda porque precisa, porque sabe que para ter um emprego melhor a faculdade pode ajudar. Mas assim, muitas vezes você investe muito na faculdade, educação e acaba não usando aquilo que estudou. Eu, por exemplo, fiz faculdade de administração e o que adiantou? Virei vendedora de uma firma. Minha mãe fez só até o fundamental e hoje ganha um bom dinheiro com o salão de beleza dela.<sup>355</sup>

Os depoimentos acima destacam cada um a sua maneira, alguma importância na escola e no processo de escolarização, mas ao mesmo tempo essa visão positiva também é atravessada por sentimentos de desconfianças e percepções de imprevisibilidades de retorno desse investimento. Dentro dessa perspectiva pautada pela incerteza no campo educacional, as famílias analisadas podiam ser agrupadas em duas linhas de raciocínio.

Na primeira se encontravam as famílias Moreira, Guimarães e Marques, que diziam considerar a escolarização um elemento importante, mas que ela não necessariamente configurava-se como o único caminho para o sucesso. Acreditava-se na escola como um dos caminhos possíveis, mas não que ele fosse o melhor, ou que houvesse uma inexorabilidade de segui-lo. Nessas famílias predominava uma noção bem difusa dos mecanismos de funcionamento do sistema educacional e das relações estatísticas entre aumento da escolaridade, ocupabilidade e renda. Além disso, devemos perceber o papel da trajetória social dos indivíduos dentro dessas famílias. No caso dos Marques, a formação escolar obtida pela mãe, pai e avó materna não foram fatores determinantes para o trabalho que desempenhavam e nem nas rendas auferidas por esses indivíduos. Na situação das famílias Moreira<sup>356</sup> e Guimarães vemos que o ingresso no mercado de trabalho nunca esteve pautado

---

<sup>354</sup>Entrevista com Marcos, pai de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 09/08/2015

<sup>355</sup>Entrevista com Bianca, mãe de Bernardo. Família Marques. Entrevista realizada em 12/03/2015

<sup>356</sup> Na família Moreira existem duas concepções bem diferentes sobre as perspectivas de escolarização e prêmios obtidos por meio da escolarização. De um lado a visão de Carolina, mãe de Joel e do padrasto dele, para quem a escola deve ser sempre encorajada e privilegiada, visto que é considerada como o principal meio de ascensão social. No entanto, do outro lado temos Marcos e o núcleo da família que mora em Nova Iguaçu e Cordovil, com uma visão mais utilitarista cética sobre os campos de possibilidades desenhados pela escolarização. O comportamento elencado aqui como sendo característico da família Moreira é aquele relacionado à Marcos, porque desde 2015 com o afastamento geográfico de Carolina, o projeto futebolístico passou a se orientar quase que por completa pelas perspectivas de Marcos.

por uma formação escolar, e em alguns casos, principalmente na família Guimarães ele aconteceu anteriormente à conclusão de qualquer nível de ensino.

A existência dessas configurações na trajetória social dos indivíduos dessas famílias serve para entender que apesar de enxergarem a escola como um elemento importante, eles também possuem a inclinação de considerarem que o desenvolvimento de uma profissão não depende necessariamente de investimento na escolarização.

A segunda linha de raciocínio que orienta essa perspectiva ceticista sobre os prêmios conferidos pela escolarização está presente nas famílias Torres e Almeida. Nela, ao contrário daquilo que foi visto nas outras 3 famílias, os indivíduos conseguem estabelecer uma forte correlação entre escolaridade e renda, mas possuem dúvidas se essa escolaridade se traduz efetivamente em empregabilidade e retorno financeiro. São famílias que possuem um número significativo de pessoas que trabalham com atividades ligadas a sua formação acadêmica e conhecem em partes o funcionamento do sistema educacional.

Nos seus discursos pode-se identificar que a grande dúvida acerca da escolarização residia no conhecimento de alguns deles sobre os problemas da educação brasileira, tais como acesso, qualidade, currículo e mercado de trabalho. Ao reconhecerem esses problemas, essas famílias enxergavam a escolarização como algo importante, mas consideravam que a estrutura de oportunidades da educação brasileira impunha-lhes uma série de dificuldades e incertezas que em última instância poderiam significar um diploma na mão, mas sem a garantia de um emprego. Para reforçar essa ideia, indivíduos de ambas as famílias elencaram uma série de conhecidos que possuíam diploma e estavam desempregados ou em funções alheias a sua formação acadêmica ou profissionalizante<sup>357</sup>.

Apesar das diferenças estruturais de pensamento entre as 2 linhas de raciocínio ao estabelecerem um tom de desconfiança com a escolarização, é possível ver em todas as famílias uma posição na qual os custos dessa escolarização são identificados como altos e os ganhos/benefícios dessa atividade são vistos como duvidosos e, muitas vezes, resgatados somente após um longo tempo de investimento<sup>358</sup>. Por isso, muitos familiares veem o investimento de tempo e recursos financeiros na escola como algo incerto e custoso para eles.

---

<sup>357</sup> Essa é uma representação comum construída no Brasil, mas que contraria os dados e as pesquisas acadêmicas sobre as relações entre escolaridade, renda e empregabilidade. Apesar de saber que existe uma contradição entre o que eles percebem e a realidade, é importante pontuar que são essas representações deles que influenciaram suas ações.

<sup>358</sup> Cabe ressaltar amparado nos trabalhos de Jon Elster e Raymond Boudon que os custos e benefícios no desenvolvimento das habilidades educacionais não possui congruência entre todos os segmentos sociais. Dessa forma, alguns grupos têm a possibilidade de postergar ganhos e impelir mais custo no presente com vistas a ganhos maiores no futuro. Um exemplo disso é um jovem de classe média ou alta que pode se ausentar do mercado de trabalho por um tempo maior, investindo o em sua qualificação com vistas a receber melhores

A forma como essas famílias enxergam desconfiadamente seu campo de possibilidades no processo de escolarização possui estreita correlação com a forma em que estão inseridas no campo futebolístico. A observação sobre os seus campos de possibilidades são sempre construídas através de um processo relacional, em que várias estruturas de oportunidades são identificadas, analisadas e classificadas pelos indivíduos a partir das suas experiências sociais e crenças que eles construíram. As visões e crenças dessas famílias sobre as oportunidades sociais promovidas pela escolarização são influenciadas diretamente pelas suas relações com outros campos, em especial o futebol.

Estamos falando de famílias que possuíam relação estreita com o campo futebolístico e que no momento da pesquisa e da coleta de dados possuíam jovens em posição destacada no futebol com uma trajetória de sucesso dentro dessa modalidade. Como mencionamos na seção anterior a trajetória dos indivíduos e as configurações do presente a qual estão inseridos são questões importantes na construção das suas crenças e das suas percepções sobre os campos de possibilidades. As famílias ao conferirem à escola um grau de imprevisibilidade e de incerteza estão elaborando essa constatação não somente por meio de suas experiências próprias dentro do campo educacional, mas também através de uma comparação inconsciente com as possibilidades que eles enxergam em outros campos de possibilidades, principalmente o futebol.

As visões feitas pelas famílias sobre seus campos de possibilidade na escola passam pelas trajetórias escolares progressivas dos seus indivíduos e também do jovem atleta. Contudo, uma parte significativa da construção dessas crenças se baseia na relação com o campo futebolístico e a posição que os jovens atletas estão dentro dele. A percepção feita pelos indivíduos sobre as oportunidades se estabelece invariavelmente por uma comparação sobre suas oportunidades em outros campos. Desse modo, em famílias nos quais os jovens possuam outros campos de possibilidades profissionalizante alheios à escola, como é o caso dos atletas do futebol, a crença num campo de possibilidades sobre a escolarização tende a ser diluída, e relativizada porque outras estruturas de oportunidades são postas a ele. Com as famílias de futebolistas essa situação tende a se aprofundar, porque estamos falando de indivíduos que crêem fortemente que a profissionalização no futebol está próxima.

Ao identificarem todo esse percurso seguido no futebol e analisarem suas posições no campo futebolístico naquele momento, essas famílias observavam a escolarização como um caminho mais incerto ou até como obstáculo, mas essa incerteza é construída a partir da

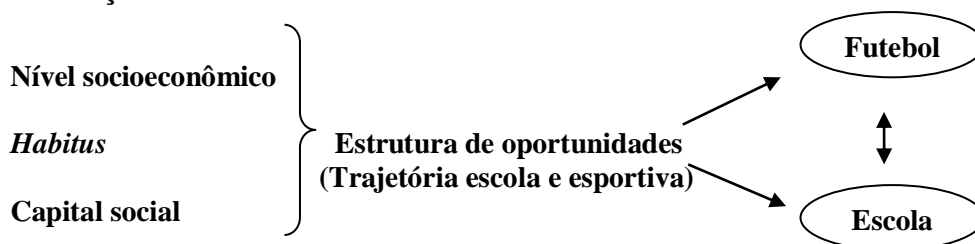
---

remunerações no futuro e melhor posicionamento no mercado de trabalho. Em outros segmentos sociais, mediante imperativos diversos, esse caso pode não ser possível.

comparação com a certeza que eles enxergam no campo futebolístico. Nesse sentido, a crença depositada na estruturação do campo de possibilidades no futebol, impacta diretamente na maneira como eles visualizam suas oportunidades na escola.

A constatação desse cenário corrobora com o modelo analítico proposto por Rocha (2017). O autor demonstra que o investimento no esporte e na escola são duas variáveis dependentes de outros elementos como nível socioeconômico, estrutura de oportunidades (tanto no futebol quanto na escola) e de capital social, sendo que a maneira como essas variáveis independentes se constroem acabam por impactar nos dois processos de investimento. Para isso, adaptamos o esquema de Rocha (2017) para situação dessa pesquisa.

### Ilustração 8.



Adaptado. Rocha (2017)

Na pesquisa pode ser percebido que as explicações para o investimento no futebol, quando consideradas as estruturas de oportunidades não poderiam ficar restritas somente a noção binária entre: Busca pelo esporte como sinônimo de trajetória familiar de fracasso e desconfiança escolar. Na análise dos dados foi perceptível observar que a forma como os indivíduos dentro do projeto enxergavam sua estrutura de oportunidades dentro do esporte (motivadas principalmente pelo *habitus* e pelo capital social), impactava diretamente na maneira como eles enxergavam as estruturas de oportunidades na escola.

Nesse ponto, a trajetória dos atletas no processo de escolarização também é importante para compreender as formas como eles enxergam suas oportunidades no campo. No esquema acima e conexão entre (setas duplas) o futebol e a escola, se opera a partir da realidade desses jovens dentro dos dois campos. As situações enfrentadas no cotidiano escolar e aquelas verificadas no cotidiano esportivo dialogam e passam a construir as chances que eles veem em cada um dos espaços e conseqüentemente estimulam ou desestimulam ações e estratégias em uma atividade ou outra.

Um exemplo dessa situação pode ser vista através da trajetória da família Almeida, que devido a uma lesão do atleta Diego e, posteriormente, sua dificuldade de regressar em alto nível no futebol, começaram a repensar algumas ações no investimento futebolístico. A

percepção de chances menores no futebol, e o receio de exclusão das categorias de base, fizeram com que os pais resolvessem voltar a investir mais fortemente na escolarização do filho atleta.

Se os fatos e acontecimentos do futebol influenciam na tomada de decisões na escola, o contrário também é verdadeiro. A forma como se desenvolve a trajetória escolar desses jovens, pontuadas por conquistas ou fracassos na educação, também se constitui como um elemento que fomenta em seu conjunto de crenças e valores as percepções sobre até onde eles acham que podem chegar por meio da escolarização. Das 5 famílias analisadas, em 3 delas (Torres, Almeida e Marques) os jovens atletas nunca haviam sido reprovados. Os próprios atletas e suas famílias afirmaram também que ao longo da escolarização nunca tiveram problemas de comportamento com as instituições escolares. Nas outras 2 famílias (Moreira e Guimarães) os filhos atletas nunca haviam experimentado reprovações. Contudo, no momento de realização dessa pesquisa (2015-2017) pode-se acompanhar que os dois ficaram reprovados. Sobre Joel, filho da família Moreira, cabe ressaltar que seu relacionamento com a escola que estudava (escola Z) era muito ruim, com constantes reclamações de professores e coordenadores as suas atitudes na escola.

Dentro da percurso escolar desses jovens, a despeito de reprovações ou não, de suas relações com professores, com a escola, bem como suas notas, podemos verificar que alguns elementos aproximam as trajetórias escolares deles. Primeiramente a opção dos pais por trocá-los seguidamente de escolas devido as necessidades e rotinas imputadas pelo futebol. Essas mudanças repetidas dificultavam os atletas a criarem laços afetivos e de pertencimentos com as escolas que estudavam. Ao trocarem de escolas passavam também a experimentar as diferentes estruturas das escolas que passavam. Em alguns casos, os atletas comentaram sobre as estruturas das escolas pelas quais passaram, sejam elas públicas ou privadas evidenciando que elas eram muito diferentes entre si. O relato de Murilo e de Bernardo permite entender o impacto dessas mudanças na rotina escolar dos jovens.

**Murilo:** Quando eu vim para o Rio de Janeiro eu estava no 6º ano, eu acho. Nem lembro mais direito. Mas o que eu lembro muito bem era que a matéria que eu passei a dar aqui na escola era muito diferente da matéria lá da Bahia. Em matemática por e ciências eu já tinha visto tudo que eles tinham dado aqui, mas em geografia e história a matéria tava organizada de outra maneira. Me enrolei todo no início.<sup>359</sup>

**Bernardo:** As escolas daqui do Rio de Janeiro, as públicas, são diferentes das escolas públicas de Ribeirão (Preto). Aqui é bimestre e lá em

---

<sup>359</sup>Entrevista com Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 25/05/2016

Ribeirão, pelo menos na minha escola era trimestre. Então quando eu vi no meio do ano, acabei que não tinha nota de 2ª bimestre, porque lá isso não tinha. Minha mãe teve que ir no colégio para tentar resolver isso. No fim tiveram que duplicar uma nota de um bimestre ou algo assim.<sup>360</sup>

As situações expostas pelas mudanças de escola aconteciam em algumas famílias como a Marques e a Moreira de maneira mais habitual do que nas outras famílias. Essas situações acabam por acarretar em determinados contextos, trajetórias escolares descontinuadas que podem criar uma baixa expectativa escolar, ainda mais porque muitas dessas mudanças escolares são feitas com o ano letivo em curso. O clima escolar e a desorganização, de acordo com nosso ponto de vista, são fatores importantes para uma maior adesão do aluno ao projeto escolar.

**Tabela 6: Trocas de escola por famílias**

Trocas de escola por famílias					
Família/ nº de escolas	Marques	Moreira	Almeida	Torres	Guimarães
Escolas	5 escolas	4 escolas	3 escolas	3 escolas	3 escolas

Aliado a esse problema das trocas de escola, há também a desarticulação entre a escola e as secretarias de educação. Muitas vezes as comunicações existentes entre as instâncias administrativas são falhas e acabam por prejudicar a entrada e progressão dos indivíduos dentro do sistema de ensino. Isso pode ser verificado nos problemas encontrados, por exemplo, pelas famílias família Torres e Marques para matricularem seus filhos na escola pública no meio do ano. Primeiramente, os documentos exigidos pela secretaria municipal de educação não coincidiam com os documentos fornecidos pela última escola no qual os alunos haviam estudado. Além disso, Rocha (2017) também relata um caso em que a escola justificava as faltas dos atletas para competições, mas a secretaria de educação não aceitava qualquer justificativa. Como consequência dessa desarticulação, um dos atletas foi reprovado por falta, embora tivesse alcançado desempenho escolar igual ou superior à média necessária à aprovação.

O terceiro ponto verificado na trajetória escolar dos atletas dessas famílias é a construção de um estereótipo sobre os alunos atletas, simplesmente por serem aspirantes atletas. Essa marca na imagem dos jovens foi relatada por eles como sendo algo anterior, até mesmo a sua chegada ao Rio de Janeiro e as escolas daqui que firmam parceria com o [nome do clube]. O problema do estigma é justamente criar baixa expectativa em docentes e gestores

<sup>360</sup>Entrevista com Bernardo. Família Marques. Entrevista realizada em 20/10/2015

escolares no tocante ao aluno-atleta. Quando isso acontece, o estudante se vê obrigado a dispensar maior esforço para obter um resultado igual aos demais alunos não atletas. O problema desse estigma é que a relação do atleta com a escola fica comprometida pela injustiça escolar percebida por ele (ROCHA, 2017, p.211).

Os contextos passados pelos jovens atletas ao longo da sua trajetória escolar tornam-se experiências internalizadas e constroem um conjunto de práticas e crenças que eles alimentam sobre a instituição escolar. Mesmo a maioria não possuindo histórico de várias reprovações e evasão, as dificuldades enfrentadas na sua relação com a escola acabam por influenciar a maneira como enxergam essa instituição e suas chances sobre ela. A escola não se apresenta a eles como um local de conforto.

A percepção de incertezas sobre a escola e um projeto acadêmico, no entanto, não fazem com que as famílias e os jovens atletas abandonem a escolarização. Mas abrem caminho para que elas considerem que a escola não é um projeto inexorável, ainda mais quando existem outros campos de possibilidades, com riscos, mas como certa probabilidade de sucesso. Tal probabilidade de sucesso é um tipo de crença construído pela rede de relações que formam com os diferentes interlocutores no processo formação de seus filhos. Nesse sentido, as famílias dos futebolistas tendem a manter os objetivos escolares dos seus filhos atletas em segundo plano, frente a um projeto futebolístico que creem possuir maior estrutura de oportunidades.

Isso ajuda a entender também porque o engajamento diferenciado dos familiares diante do filho atleta e o filho não-atleta. Ambos estão inseridos em famílias que como dito anteriormente, possuem uma desconfiança com relação as possibilidades geradas pela escolarização, todavia sobre o filho não-atleta ainda sim recaem cobranças e acompanhamentos escolares muito mais intensos do que aquele feito sobre o filho atleta. Esse fato ocorre porque, apesar dos prêmios conferidos pela escolarização serem vistos como duvidosos, ainda se constituem como a melhor estrutura de oportunidades dos filhos não-atletas dessas famílias<sup>361</sup>.

Na relação das famílias futebolísticas com a instituição escolar podemos verificar que a partir da observação dos seus campos de possibilidades no futebol e na escola essas famílias passaram a elaborar estratégias e ações que acabam por secundarizar os objetivos escolares em benefício dos objetivos esportivos. Isso não quer dizer que os objetivos escolares desses jovens e suas famílias tenham sido abandonados por completo. Na verdade, mesmo não sendo

---

<sup>361</sup> A única família em que a escolarização não foi incentivada para o filho não-atleta foi na família Guimarães com o filho Pedro.



considerado como elemento prioritário para os filhos atletas, a escolarização segue paralelamente à sua trajetória no futebol com as adequações necessárias ao projeto de profissionalização.

As famílias futebolísticas sabem que a escolarização básica é um imperativo legal para todos os indivíduos entre os 4 e os 17 anos de idade, por isso, mesmo que quisessem abandonar as obrigações escolares, precisariam arcar com as responsabilidades legais desses atos. Contudo, o Estado que impõem a obrigatoriedade de matrícula para todos os jovens é o mesmo que não disponibiliza através de políticas públicas as condições diferenciadas para escolarização de determinados grupos específicos de jovens, entre eles os atletas<sup>362</sup>. Perante esse cenário, são as próprias famílias em suas ações privadas que precisam elaborar estratégias de conciliação entre o futebol e a escolarização, ou seja, o desenvolvimento do projeto futebolístico necessita da habilidade dos membros da família para criar ações que permitam que a escolarização obrigatória não interfira no desenvolvimento futebolístico desses jovens.

Para conseguir conciliar as duas atividades em paralelo, todas as famílias utilizam estratégias de flexibilização das rotinas escolares tanto no espaço escolar quanto no espaço doméstico. O principal mecanismo dessa flexibilização das rotinas escolares identificados aqui no Rio de Janeiro foi a matrícula do filho atleta numa instituição escolar que possuísse parceria com o clube de futebol no qual os jovens treinavam. Com exceção da família Moreira, que possuía o filho atleta Joel albergado no clube, logo sob responsabilidade do mesmo, em todas as outras famílias a escolha pela escola parceira do clube foi uma estratégia consciente de matriculá-los num local que estaria acostumado a receber alunos naquela situação de atleta. Ao serem perguntados os motivos pela escolha daquelas escolas todos foram unânimes.

**E:** O seu filho estuda nessa escola por quê? Qual foi o critério usado para matricular ele nela?

**Bianca:** Eu matriculei o Bernardo nessa escola porque ela atende muitos atletas. É uma escola parceira do clube e que entende a realidade dos meninos. Saber que estão lidando com atletas os ajuda nessa relação com o futebol.<sup>363</sup>

**Elisa:** Quando o Murilo veio para cá eu procurei várias escolas, mas também vim no clube para saber se eles tinham alguma indicação de escola. Eles me deram 2 opções, dizendo que eram escolas públicas da

<sup>362</sup> Nem mesmo os jovens trabalhadores do mercado ordinário, alvos de diversos debates e estudos contemporâneos de educação conseguiram por completo políticas públicas de inserção e conciliação com a escola.

<sup>363</sup>Entrevista com Bianca, mãe de Bernardo. Família Marques. Entrevista realizada em 12/03/2015

região que mantinham uma parceria com o clube. Por isso, o clube podia acompanhar eles, e a escola dava um tratamento diferenciado para os atletas, principalmente em faltas. Ai com essas duas opções eu fui buscar aquela que me passava mais confiança.<sup>364</sup>

**Roberto:** O Diego estudava na escola particular que eu dava aula. Era uma escola boa, tradicional, mas eles não ligavam para o fato do Diego ser jogador de futebol. Então ele tinha muitos problemas com faltas no colégio. Além disso, a cobrança lá era muito grande, tinha no mesmo bimestre teste, prova, trabalhos. Fica muito pesado para conseguir se sair bem. Ai o matriculei numa das escolas que muitos amiguinhos dele do [nome do clube] estudam. Eles falaram que lá a cobrança é menor, e por isso, dá para levar os dois cm mais tranquilidade.<sup>365</sup>

**Henrique:** O Paulo sempre estudou em escola pública. Mas quando ele passou a treinar pesado no [nome do clube] eu comecei a ter problema com ele com relação a falta e perda de prova. Mesmo sendo um colégio público, as diretoras pegavam muito no pé do Paulo por causa dessas faltas. Conversando com outros pais e com o clube que começou a ver as notas ruins dele, eles me aconselharam a escola X. Que era parceira do clube e eles faziam um acompanhamento dos meninos lá.<sup>366</sup>

Em todas as respostas foi possível perceber que a mudança de escola e a escolha pelas instituições que eles estudavam na época da pesquisa estavam orientadas por critérios relacionados as necessidades da carreira no futebol, sendo desdobramentos de estratégias realizadas pelas famílias para conciliar melhor a dupla carreira. Nesse ponto, matricular o filho atleta numa escola parceira do clube permitia que algumas rotinas escolares, bem como outras tarefas fossem flexibilizadas em razão do futebol. A principal preocupação das famílias não estava orientada por critérios acadêmicos, tais como pedagogia de ensino, corpo docente, currículo ou estrutura da escola, mas nas formas de flexibilização das rotinas escolares que eles possuíam para os atletas. Somente na família Torres, citou alguma preocupação com questões educacionais no momento da escolha do estabelecimento de ensino, mas mesmo assim o critério prioritário residia na conciliação com as atividades futebolísticas.

A escolha da escola era somente um dos elementos que caracterizavam esse conjunto de flexibilizações realizadas pelas famílias. Na unidade doméstica, foi possível constatar que outros mecanismos eram desenvolvidos para que as rotinas escolares não interferissem decisivamente no desenvolvimento das rotinas futebolísticas. Desse modo, os acompanhamentos escolares, tais como deveres de casa, horário de estudos, leitura de livros

---

<sup>364</sup>Entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 20/10/2015

<sup>365</sup>Entrevista com Roberto, pai de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 11/04/2016

<sup>366</sup>Entrevista com Henrique, pai de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 20/03/2017

entre outras atividades não se caracterizavam no dia-a-dia dos atletas como práticas comuns. O investimento escolar doméstico não era considerado pelos membros da família como ações importantes de caráter preventivo, com o fim de evitar dificuldades futuras que pudessem comprometer a conquista dos resultados escolares. Na verdade, o estudo era cobrado apenas em situações onde ele significava um “remédio” para recuperar notas abaixo da média.

Nas famílias acompanhadas nessa tese as flexibilizações das rotinas escolares tanto em casa quanto nas escolas tratava-se de um elemento estruturante para o desenvolvimento dos projetos futebolísticos familiares. Todas as famílias buscavam essas flexibilizações como meio de conciliar as duas atividades, dando prioridade ao desenvolvimento esportivo. A necessidade delas para o desenvolvimento do projeto futebolístico foram relacionadas a elementos como o cansaço físico gerado pela rotina de treinamentos desgastante e o ritmo constante de competições. Sobre isso, tanto Bianca (família Marques), quanto Marta (família Almeida) salientaram que em algumas situações deixavam os filhos atletas faltarem a aula para que pudesse descansar dos treinos realizados na parte da manhã. Além disso, as rotinas de viagens e as altas exigências dos treinos também foram elencadas por essas famílias como razões para que elas buscassem essa flexibilização das rotinas escolares.

A postura dessas famílias com relação a escola e a escolarização não significa que elas não vejam valor intrínseco nessa instituição e muito menos que elas não almejem a obtenção de títulos e diplomas conferidos por meio delas. A realidade é que as famílias analisadas entendem como se estruturam os jogos sociais e como se configuram a temporalidade da escola e a temporalidade do futebol.

Cada uma à sua maneira e verbalizando da sua forma, todas as famílias compreendem que as temporalidades da escola e do futebol são diferentes.

**Henrique:** O futebol é momento, se você não estiver 100% focado no futebol naquele momento que a oportunidade passa na sua frente, já era! Ela vai bater ali na porta do outro cara. O futebol não abre espaço para erros, a chance passa e foi. Você vai chorar para o resto da vida. Por isso, você tem que agarrar a chance e fazer tudo certo, investir tudo.<sup>367</sup>

**Bianca:** A carreira de futebol é muito curta e a chance de virar profissional é muito ali... Na casa dos 18, 19. Passou dos 20 e não virou realidade?! Você vai ficar por ali vagando em clube pequeno e talvez nem profissional vire. Futebol tem prazo de validade, já a escola não.<sup>368</sup>

**Elisa:** Eu invisto nas 2 coisas. Escola e Futebol, mas sei que pela educação ele pode fazer faculdade quando quiser. Agora para ser jogador

---

<sup>367</sup>Entrevista com Henrique, pai de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 20/03/2017

<sup>368</sup>Entrevista com Bianca, mãe de Bernardo. Família Marques. Entrevista realizada em 12/03/2015

de futebol ele tem só esse tempinho. Se não mostrar serviço ele é colocado para fora da categoria de base.<sup>369</sup>

As famílias, através da socialização no futebol compreendem que as oportunidades de profissionalização no campo futebolístico possuem um tempo muito restrito e que na medida em que a idade vai se aproximando da maioridade, as chances de tornar-se jogador profissional vão diminuindo consideravelmente. Por isso, sabem que a profissionalização no futebol não abre margem para negociações temporais, e que todos os esforços nesse campo têm que ser mostrados e investidos desde pequenos.

Os atletas pesquisados e suas famílias revelaram que sabiam que estavam sendo constantemente avaliados nos treinamentos e também reconheciam que sempre eram obrigados a ter muito bom rendimento no futebol. Essa pressão pelo melhor rendimento a todo o momento influenciava diretamente a destinação de tempo e atenção em benefício do futebol. Isso mostra que a configuração do campo futebolístico não permite se ausentar em determinado momento da formação, buscar novos caminhos e, posteriormente, voltar ao mesmo ponto e continuar de onde parou.

No caso da escola, indivíduos dessas famílias possuem a consciência que em última instância os projetos de escolarização pode ser executados a qualquer momento da vida, sem que haja impedimentos para concretizá-los, ao contrário do que verificamos no futebol, onde a idade e o vigor físico proveniente dela são consideradas dentro do campo como condições básicas da profissionalização no futebol. Diante disso, os indivíduos que elaboram esses projetos familiares futebolísticos compreendem que a escola é um projeto que pode ser adiado, enquanto o futebol não. Por isso, fazem escolhas dentro dos projetos futebolísticos nas quais secundarizam a escola em benefício do futebol.

Mesmo que a escola possa ser vista como um projeto adiável, durante sua permanência dentro dela, até os 17 anos de idade os atletas e suas famílias transmitem uma visão bem utilitarista sobre as funções da escola. Por isso, percebem a escola basicamente como uma instituição que poderá trazer algum tipo de benefício para suas carreiras no futebol. Nesse sentido, tanto os atletas como os membros da família ressaltavam a importância das aulas de língua estrangeira na escola, como sendo algo decisivo para a carreira do menino quando se transformar em profissional.

A estruturação desses projetos futebolísticos que enxergam na escola um projeto adiável e instrumentalizado para o futebol desenvolve sobre si superinvestimentos no futebol, em

---

<sup>369</sup>Entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 20/10/2015

algumas situações fazem com que essas famílias e seus filhos atletas sejam alvo de estigmas e percepções equivocadas por parte das escolas. Não percebendo a lógica intrínseca que orienta o comportamento dessas famílias, até mesmo nas escolas parceiras do clube, é possível ouvir de professores, diretores e coordenadores frases que desqualificam o comportamento dos pais perante a escolarização dos atletas.

O problema dessa situação é a criação de expectativa dos professores e funcionários em geral sobre o aluno-atleta e suas famílias. Quando isso acontece, o estudante se vê obrigado a dedicar maior esforço para obter um resultado igual aos demais alunos não atletas. O problema desse estigma é que a relação do atleta e da sua família com a escola fica comprometida pela visão distorcida da escola sobre as ações dele e da sua família.

No acompanhamento do campo de pesquisa foi possível verificar principalmente na escola Z, onde se encontravam matriculados os filhos atletas das famílias Moreira, Guimarães e Torres, uma visão negativa sobre os estudantes atletas. Normalmente a direção costumava reclamar muito dos atletas alegando que eles não gostavam de estudar.

**Diretora da escola Z:** O problema dos atletas aqui na escola é que eles acham que o futebol vai dar certo, que vai ser tudo uma maravilha. Mas a gente sabe que é só uma minoria que vai conseguir. Mas eles não pensam assim. Então muitos não querem estudar, faltam muito. Fora que alguns acham que só porque estão na base do [nome do clube] já são atletas profissionais aí chegam aqui numa marra imensa. O Joel é um exemplo desse. Temos casos difíceis aqui na escola, mas ele é sem dúvida o mais difícil.<sup>370</sup>

**Coordenadora:** As famílias também não ajudam muito. Deixam os meninos muito soltos. Você chama uma vez, duas vezes e elas não vem. Aí quando chega no final do ano e fica reprovado é aquela surpresa. E ainda perguntam porque não avisaram eles. Assim, eu vejo que as famílias não valorizam a educação, os meninos são muito largados, as famílias só querem saber de futebol.<sup>371</sup>

O posicionamento dos gestores da escola evidenciou uma questão observada por Perez (2000) na construção da relação entre família e escola. O autor observa que as atitudes dos pais, se contrárias às prescrições da escola, são rotuladas, interpretadas e estigmatizadas: “os pais não valorizam o estudo dos filhos, não fazem seu acompanhamento escolar, não se interessam”. Do ponto de vista da escola, todo o comportamento que não se adequa aquilo que a instituição considera como esperado, significa a existência de uma família desestruturada e da pouca valorização à educação (RIBEIRO, 2006).

<sup>370</sup>Entrevista conjunta com a diretora e a coordenadora do colégio Z. Entrevista realizada em 29/08/2016

<sup>371</sup>Entrevista conjunta com a diretora e a coordenadora do colégio Z. Entrevista realizada em 29/08/2016

Há entre a escola e as famílias de atletas uma relação que passa pela estigmatização desse grupo, visto como omissos e despreocupados com o futuro escolar dos filhos. Na verdade, muitos professores e gestores tanto da escola Z quanto das escolas X e Y não compreendem a lógica das ações das famílias frente à construção dos seus projetos futebolísticos. A linguagem e os códigos utilizados pela escola são dissonantes daqueles usados pelas famílias dos atletas para sua escolarização. Devido a isso, as demandas, o funcionamento da escola e os diálogos com os funcionários muitas vezes não conseguem ser estabelecidos pensando a realidade das famílias dentro da sua lógica própria, pautada na escolarização como algo postergável.

O acompanhamento das famílias na sua relação com as escolas levam a entender que o diálogo entre as duas instituições são tecidas por dissonâncias e tensões entre lógicas divergentes, contraditórias e de confrontação: de um lado a escola que enxerga a escolarização como elemento central do desenvolvimento social e das melhores chances de mobilidade social; do outro lado as famílias de atletas que enxergam o projeto de escolarização como possível de ser protelado no tempo, a escola um dos caminhos possíveis, mas não necessariamente o único para a mobilidade social.

Na vinculação entre as famílias e as escolas pode-se perceber que somente no núcleo dos Torres e dos Almeida a imagem estigmatizada e estereotipada sobre a imagem do jogador de futebol e da família do atleta eram suavizadas. Nas outras 3 famílias (Marques, Moreira e Guimarães) os discursos dentro da escola acerca dos atletas e das famílias deles recaía sobre a questão da omissão.

A diferença nos discursos construídos sobre as 2 primeiras famílias quando comparada com as outras 3, baseia-se no fato do comportamento dos Torres e dos Almeidas estarem mais atrelados àquilo que a escola considera como a “postura correta” de uma família com a escola, ou seja, a presença constante nos eventos e convocações feitas por ela, no acompanhamento das rotinas do filho e na manutenção dos resultados escolares pelo menos na média. Vale destacar, que a família do atleta, mesmo que corresponda as expectativas da escola, os gestores e funcionários acabam por construir rotulagens.

**Direção da escola Y:** A mãe do Diego sempre comparece quando nós chamamos os pais para alguma conversa. Ela é uma mãe bem participativa. Não temos o que reclamar dela, pois ela acompanha a rotina do filho, ou pelo menos parece, porque ele está sempre muito bem cuidado. Com a roupa, com o material, em tudo. *Nem parece família de atleta.*<sup>372</sup>

---

<sup>372</sup>Entrevista com a direção do colégio Y. Entrevista realizada em 14/03/2017

**Diretora da escola Z:** A família do Murilo é bem estruturada. *Mesmo ele sendo atleta, a gente vê que a família não é deslumbrada com essas coisas de futebol, como muitos são aqui. É um menino que não dá trabalho.*<sup>373</sup>

A ausência de alguns deles no espaço escolar é interpretada pelos professores como indiferença ou descaso em relação aos assuntos escolares dos filhos, mas muitos pais resolvem se afastar da escola porque identificam que não podem contribuir muito para o desenvolvimento escolar dos filhos, ainda mais quando empreendem ações voltadas prioritariamente para o futebol.

Os resultados da pesquisa mostram que os pais não são indiferentes aos comportamentos e aos desempenhos escolares dos filhos.<sup>374</sup> No entanto, algumas dessas famílias não se sentiam confortáveis na relação com a escola, devido a incompreensão dos seus códigos de conduta com a instituição, além da visão estigmatizadas que possuem dentro da instituição pelos profissionais dela.

\*\*\*

As análises feitas nessa seção procuraram retratar que os investimentos escolares das famílias de futebolistas são secundarizados em relação aos investimentos do futebol. Nessa equação contribuem para o privilégio dado ao futebol, as estruturas de oportunidades experimentadas na trajetória escolar e esportiva das famílias e dos próprios atletas, que ao longo do tempo vão consolidando um sistema de crenças. Esse sistema, sempre dinâmico aponta para as famílias que o esporte se constitui como um campo de possibilidades mais alargado e estruturado, segundo seus pontos de vista. Diante disso, realizam escolhas em benefício do esporte, através de um conjunto de estratégias de flexibilização das rotinas escolares, para que as rotinas esportivas possam ser feitas com maior dedicação. As escolhas processadas pelas famílias muitas vezes são vistas pela escola como símbolo de descaso e omissão de núcleos familiares “deslumbrados com o futebol”, quando na verdade precisam possuir suas próprias lógicas.

Nessa lógica, um dos principais motes de análise feitos pelas famílias é de que a escola permite um tempo mais flexível para a obtenção de seus títulos, enquanto o futebol não abre negociações com relação ao tempo de profissionalização. De acordo, com essas experiências adquiridas pela convivência do campo, as famílias elaboram estratégias diferenciadas de

---

<sup>373</sup>Entrevista conjunta com a diretora e a coordenadora do colégio Z. Entrevista realizada em 29/08/2016

<sup>374</sup> Segundo Lareau (2007) cada grupo social tende a criar estilos educativos próprios, a partir das crenças que desenvolve acerca de seu papel no desenvolvimento dos filhos.

escolarização dos seus filhos atletas, em especial quando comparadas com os filhos não-atletas.

#### **4.4- Diferenças constitutivas das frátrias no futebol e na escola, proeminência do filho atleta e o superinvestimento no esporte.**

As relações sociais que se estabelecem no interior das famílias são heterogêneas, pontuada por disputas, por relações de poder, por representações sociais e sistemas de reciprocidade independente de sua configuração (nucleares, estendidas, recompostas) e da classe social na qual estejam inseridas. Nesse sentido, as ações, as estratégias, bem como os objetivos familiares no interior de uma família são marcados por atravessamentos que podem orientar para os filhos quantidades desiguais de investimentos materiais, afetivos e simbólicos ao longo do seu trajeto de vida. Romanelli (2003) chama a atenção para a relevância de se considerar “a presença dos irmãos, que constituem a frátria<sup>375</sup>, e sua atuação” (p.252) dentro do sistema de relações familiares. Para o autor, as relações fraternais são marcadas por situações de dominância relativas às diferenças de gênero, de idade e de escolaridade dos irmãos, bem como pela vivência afetiva no interior da família. Em sua perspectiva de análise, Romanelli salienta como a modalidade de arranjo familiar, o tamanho da família, a ordem de nascimento e o gênero podem repercutir na trajetória dos filhos de uma mesma família, contribuindo para definir algumas diferenças de envolvimento, desempenho e percurso em relação à algum caminho trilhado, entre eles a escola. A frátria seria como uma teia de vasos comunicantes em que o comportamento e os investimentos feitos sobre um irmão influenciam nos outros.

O sistema fraterno é sempre inaugurado com a chegada do segundo filho. Trata-se de uma expansão familiar que ocasiona um rearranjo no sistema. O impacto dessa mudança é sentido pelas modificações que esse fato acarreta em toda a organização familiar, seja em sua estrutura material, de espaço (que será redistribuído) e de tempo; seja nas relações entre seus integrantes que, devido ao aumento no número dos membros da família, ocasiona também o aumento de interações e dos subsistemas envolvidos (Pereira & Piccinini, 2007).

As formas constitutivas das frátrias não afetam somente os processos de escolarização dos filhos, mas também todos os outros processos existentes dentro da família, tais como

---

<sup>375</sup>A Sociologia da Família entende por frátria o “conjunto de irmãos e irmãs nascidos do mesmo pai e da mesma mãe”. No entanto, novas abordagens também já compreendem a frátria como um sistema que agrupa também o relacionamento entre meio-irmãos e enteados, produtos do fenômeno das famílias recompostas. Nesses termos, é atribuída a noção de frátria mista.



ascensão social e formação da identidade familiar. Nesse ponto, estudos nacionais e internacionais indicam um papel importante do tamanho da família no desenvolvimento do desempenho escolar dos filhos e nas possibilidades de ascensão social. No Brasil, Marteleto (2002) apresenta a hipótese da rivalidade entre irmãos para apontar que estes “disputam” entre si o tempo e os recursos dos pais que tendem a investir mais na escolaridade do(s) filho(s), cujo retorno lhes pareça ser maior ao longo do tempo. Segundo a autora, a maioria dos estudos empíricos confirma essa hipótese, ou seja, que filhos nascidos em famílias pequenas costumam ser escolarmente privilegiados em relação àqueles nascidos em famílias mais numerosas.

A desvantagem de se viver em uma família com maior número de irmãos existe e eles se encontram em maior desvantagem educacional que os jovens inseridos em famílias com tamanhos menores. Hasenbalg e Silva (1999) mostram igualmente que “o tamanho da família parece desempenhar um papel bastante significativo” (p.145) no que diz respeito ao acesso das crianças brasileiras à escola. Assim, independentemente de seu nível socioeconômico, as famílias cujo tamanho é maior demonstram maiores dificuldades para enviar seus filhos à escola.

As implicações acerca do tamanho da família podem ser estendidas para além da questão da escolaridade dos filhos e serem pensadas de uma forma mais geral, para as oportunidades oferecidas a esses membros da família. Dito isso, é possível pensar que algumas famílias com número menor de filhos podem investir mais fortemente em seus projetos coletivos familiares, inclusive aqueles ligados a escola ou ao esporte como é o caso da análise feita por esse trabalho.

Um dos argumentos principais desenvolvidos pelos estudos sobre configurações familiares estabelece uma correlação entre número de membros da família e as oportunidades oferecidas aos seus indivíduos na concretização dos seus objetivos. Para isso, defendem que uma quantidade grande de pessoas dentro da mesma família tende a pulverizar os esforços e os recursos em vários indivíduos, dificultando em muitos casos a concretização de certos projetos, ainda mais quando eles possuem um custo temporal ou financeiro alto.

No caso do futebol, estudos realizados por Damo (2007), Rial (2008), Souza *et al*(2009), Correia (2014), Soares *et al* (2009) explicitam que esse esporte é uma modalidade que exige dos jovens aspirantes à profissionalização um significativo investimento financeiro para compra do material necessário a sua prática, juntamente com o custeio de uma alimentação balanceada para o desenvolvimento físico. Além disso, a profissionalização no futebol demanda um custo temporal dos atletas e das famílias que muitas vezes impele os pais

a diminuïrem suas cargas de trabalho – diminuindo também suas rendas – e impede os jovens de contribuïrem com sua mão-de-obra no mercado ordinário para complementar a renda familiar. Dessa forma, a profissionalização no futebol é como um investimento que demanda custos, para os quais determinados grupos sociais (classe E) ou configurações familiares (com diversos filhos) teriam muita dificuldade de manter. Dessa forma, para se manter um projeto esportivo no futebol é necessário ter condições socioeconômicas verificadas principalmente a partidas das classes médias baixas (RIAL, 2008).

Em configurações familiares, nos quais existem muitos filhos e os recursos financeiros não são abundantes torna-se muito difícil direcionar esses recursos para a concretização de projetos muitos custos seja em tempo, dinheiro, ou nos dois. Essa situação pode ser pensada para o futebol.<sup>376</sup>

Na análise feita sobre as 4 famílias acompanhadas nessa pesquisa, em nenhuma delas os pais possuíam mais de 3 filhos na família, mesmo depois de construírem novos arranjos familiares. Entre as 5 famílias analisadas, 4 possuíam irmãos, sendo que em 3 dessas famílias o filho atleta só tinha 1 irmão (família Almeida, Torres e Guimarães). Somente na família Moreira haviam 2 irmãos ligados ao jovem atleta.<sup>377</sup> Ampliando essa análise para o universo do clube em que essas famílias estavam inseridas, Rocha (2017) evidencia por meio de dados coletados entre (2015 e 2016) que as famílias dos atletas do [nome do clube] possuíam em média 3 pessoas por residência. Essa informação nos permite inferir indiretamente que possivelmente o jovem mora com seus pais, totalizando 3 pessoas, ou mora com um dos pais e mais 1 irmão.

Os dados coletados por Rocha (2017) permitem inferir que as realidades encontradas nos estudos de caso dessa tese não fogem do universo existente dentro do [nome do clube], nesse caso, grande parte das famílias inseridas no futebol possuem até 2 filhos. A constatação de que as famílias engajadas no processo de formação futebolística possuem um número reduzido de filhos parece estar ligada ao custo que esse esporte requisita dos indivíduos que resolvem abraçá-lo enquanto um projeto de vida. Das 5 famílias analisadas nessa pesquisa, 3 delas (Marques, Almeida e Torres) experimentaram uma mobilidade social descendente motivada pelas escolhas relacionadas ao projeto futebolístico, especialmente aquela voltada

---

<sup>376</sup>O alto custo para a profissionalização no futebol também pode ser pensada como um dos fatores pelos quais é tão difícil ver 2 irmãos inseridos em centros de treinamento de base, bem como vê-los alcançar os profissionais. Todos os recursos mencionados anteriormente teriam que ser multiplicados por 2 e isso significaria um custo que a família não poderia arcar de acordo com sua classe social.

<sup>377</sup> Esses irmãos de Joel da família Moreira eram meio-irmãos de Joel, já que eram filhos de Marcos com a madrasta dele.

para a migração dos seus estados de origem rumo ao Rio de Janeiro para que seus filhos treinassem no [nome do clube].

Na existência de uma configuração familiar pontuada por diversos filhos, a possibilidade de operar as escolhas e estratégias feitas por esses pais, tais como abandonar empregos, viver de doações de parentes e empresários torna-se muito difícil. Obviamente podem existir casos de famílias com numerosos filhos que consigam entrar nos centros de formação e mantê-los neles. Contudo, os dados dessa tese aliado as informações de Rocha (2017) e aos estudos anteriormente mencionados permitem afirmar que a busca pela profissionalização no futebol não é algo posto com facilidade às classes mais baixas da população (miseráveis) ainda mais quando esses possuem muitos filhos.

A possibilidade de estruturação de um projeto futebolístico familiar parece, então, mais tangível para aquelas famílias situadas a partir das classes médias, sendo que nela o apelo e a crença na ascensão social por meio do futebol pareciam estar mais presentes e desempenhar entre os indivíduos uma adesão maior ao projeto futebolístico. Isso desconstrói a noção muito usual do senso comum, especialmente o jornalístico, de que os jogadores de futebol são comumente egressos das classes populares, em especial aquelas com condições de vidas miseráveis. Se um dia talvez o fosse, hoje, eles seguramente provêm principalmente das classes médias que podem fazer os investimentos cada vez maiores que essa modalidade requisita.

Além do tamanho da família, o posicionamento ocupado pelo filho na organização das frátrias também deve ser visto como um elemento importante no direcionamento de alguns filhos para determinadas trajetórias de vida, alheias ao destino de outros filhos.

Essa concepção pode ser vista em Laurens (1992) que através de dados quantitativos, evidenciou nos primogênitos uma dotação de vantagens em todas as classes sociais, frente aos outros filhos da família. Para alguns autores, entre eles Desplanques (1981), haveria uma vantagem e um privilégio de investimento sobre os filhos primogênitos, pois durante um período determinado de tempo, ele experimenta a situação de ser filho único, sendo objeto do investimento de maiores recursos e de maior atenção pelos seus pais. Além disso, em geral, os pais depositariam maiores expectativas de realização escolar e ocupacional em seus primeiros filhos.

Não obstante, devemos recordar que, ao isolar relações de causalidade, controlando estatisticamente as variações dos demais fatores pertinentes, a análise quantitativa incorre constantemente no risco de substancializar efeitos causais, ignorando, portanto, a diversidade

dos possíveis contextos de interação entre os múltiplos fatores pertinentes à questão investigada, bem como a variedade de seus possíveis resultados (Becker, 1998, p. 146-214).

Nesse caso, devemos perceber fatores múltiplos podem mudar essa vantagem do primogênito verificada pelos estudos, principalmente, a partir das diferentes possibilidades de investimento nos filhos. No caso do Brasil, Romanelli (2003) apontou a possibilidade da vantagem dos caçulas em construir mais facilmente seus projetos individuais e de tê-los compartilhados e mantidos pelos pais. O autor vincula o alargamento das oportunidades e o aumento da capacidade de investimentos à possível melhora nas condições socioeconômica que os indivíduos podem obter ao longo da vida. Dessa forma, os filhos caçulas poderiam experimentar pais com uma vida material mais estabilizada e propensa a realizar mais investimentos nos projetos individuais dos filhos. Isso pode ocorrer especialmente nas famílias que vivenciam um processo de ascensão social, sendo que o caçula pode ser privilegiado na medida em que sua família tenha melhorado suas condições financeiras.

Nas classes populares, por exemplo, os primogênitos costumam apresentar maior dificuldade para estudar, não sendo incomum que o filho mais velho ingresse precocemente no mercado de trabalho para elevar a renda familiar ou que a filha primogênita assuma o trabalho doméstico e o cuidado com os irmãos menores.

Ainda, segundo Romanelli, outro fator que parece interferir na relação entre o lugar ocupado na fratria e as oportunidades e investimentos feitos pelos pais é a predileção parental por um dos filhos. Constata-se uma desigualdade na forma com que os filhos são tratados afetivamente por seus pais, desigualdade essa que parece repercutir em seus destinos. Assim, “as manifestações de preferência podem ocorrer de acordo com a ordem de nascimento e com o gênero<sup>378</sup> dos filhos, e os pais podem estimular se filiar mais ao projeto de algum deles em detrimento do de outros” (Romanelli, 2003).

O lugar da criança na fratria parece, pois, exercer também uma influência sobre sua trajetória e sobre a construção das configurações familiares, entre elas o projeto coletivo. Ser primogênito, caçula ou mesmo ocupar um lugar intermediário parece implicar em processos de socialização diferenciados que se constituem no espaço familiar e que possivelmente tenham algum impacto em seu percurso e destino escolares.

No grupo pesquisado, a percepção de muitos pais, e ainda dos próprios filhos (atletas e não-atletas), parte do princípio de que não existem diferenças de tratamento entre os irmãos,

---

<sup>378</sup> A variável de gênero não é um ponto de clivagem relevante dentro dessa tese, visto que todos os indivíduos pesquisados eram do sexo masculino, bem como os irmãos que havia dentro da sua família. No entanto, dentro da Sociologia há a concepção de que o gênero também afeta nas modulações organizacionais das famílias e nos investimentos feitos pelos pais

mas contraditoriamente enxergam que os primogênitos acabam por serem mais exigidos, do que os filhos caçulas em vários aspectos da vida familiar, entre eles aqueles relacionados aos resultados escolares.<sup>379</sup> No entanto, essa cobrança não está relacionada somente a sua condição de primogênito, mas sim ao seu papel dentro do projeto pensado para a família sobre ele. Com o filho caçula sendo direcionado para um projeto futebolístico, normalmente recai sobre os outros filhos projetos subjacentes como o projeto escolar.

Nesse aspecto, além da cobrança escolar normalmente maior sobre o primogênito, também se cobra dele uma adesão e um engajamento em torno do projeto familiar futebolístico. Isso porque é muito comum a compreensão de que os irmãos primogênitos servem de exemplo na fratria, constituindo-se em uma referência para o(s) irmão(s) mais novo(s), em diversas atitudes, inclusive na escola. Mas, tais explicações não são, por completo, generalizáveis, uma vez que as circunstâncias podem variar bastante e, em algumas ocasiões, vir a beneficiar algum outro filho que não o primeiro.

Quando analisamos as famílias de jovens inseridos no processo de profissionalização no futebol, os dados obtidos na pesquisa também apontam que o processo de construção e atualização do projeto futebolístico em benefício de um dos jovens está relacionado com o tamanho da família, especialmente aquela com poucos filhos. Mas, também atrelada ao intervalo dos nascimentos dos filhos, as estratégias educativas incorporadas pelos pais em cada momento da vida deles e a percepção de qualidades especiais em determinado filho devem ser levadas em consideração.

Nas pesquisas anteriormente citadas, os principais elementos postos para o investimento prioritário em um filho foi a sua posição dentro da fratria. Caçula ou primogênito, as pesquisas permitiram dizer que esse ordenamento dos filhos dentro da fratria influenciava as ações sobre eles. No caso das famílias de atletas em formação no futebol, a posição na fratria não é o elemento principal para o desenvolvimento de investimentos diferenciados entre os irmãos. Na verdade, essa questão é secundária, pois, os engajamentos diferentes e a proeminência de um filho sobre o outro se baseiam primeiramente na identificação de um talento futebolístico normalmente encontrado somente deles e, posteriormente, na transformação da profissionalização no futebol como projeto familiar.

**Tomaz:** O Murilo ele começou no futebol bem cedo. Mas também desde pequeno ele já gostava da bola, ao contrário do irmão (mais velho) que nunca se interessou. Chutava a bola e ele tinha um chute forte. O primeiro

---

<sup>379</sup> Talvez a noção dos pais e dos filhos sobre tratamentos diferentes recaiam principalmente numa consideração de afetos diferenciados e/ou preferências explícitas e verbalizadas entre os filhos.

presente que dei para ele foi uma bola e ele parece ter adorado. De lá para cá ele sempre está jogando bola. [...] Ele entrou no futebol com 6 anos de idade, indo para uma escolinha de futebol pequena, perto da casa em que morávamos no subúrbio de Salvador. Eu e a mãe dele concordamos que era uma boa ideia colocar o Murilo numa escolinha. Eu via que ele tinha potencial. Era pequeno, mas sabia jogar bola. Com 6 anos ele jogava com os meninos maiores.<sup>380</sup>

O relato anterior é emblemático, para vermos que as trajetórias e os projetos das famílias analisadas não seguiam a ordem de nascimento dos filhos, sendo “os tratamentos diferentes” relacionados com a identificação precoce do talento, bem como a disposição demonstrada pelos jovens em seguir o caminho no futebol. Elementos como idade e posição deles na família somente de forma secundária foram explicitadas pelos entrevistados da família Torres e as outras famílias no decorrer da pesquisa.

Na foi possível identificar uma proeminência nem dos filhos primogênitos e nem dos filhos caçulas na obtenção dos recursos e investimentos dentro dessas famílias futebolísticas. Os dados explicitaram a existência de tratamentos diferenciados tanto para os primogênitos (família Moreira e Almeida), quanto para os caçulas (família Torres), sendo o gatilho para essa diferenciação de tratamento. Essas observações permitem dizer que para o caso das famílias futebolísticas a posição do filho na frátria não se configura como elemento central e os argumentos que defendem os privilégios para um ou para outro devem ser relativizados nesses casos.

Outro ponto que cabe destaque é que os dados obtidos na pesquisa dão conta de que os investimentos diferenciados entre os irmãos se aprofundam em favor do filho atleta à medida que os indivíduos se tornam mais aderentes ao projeto futebolístico familiar. Isso quer dizer que a partir do momento em que a crença na profissionalização do filho atleta se fortalece e que um campo de possibilidades no futebol é verificado como alargado, a família, muitas vezes, intensifica as ações e estratégias para concretizá-lo. Desse modo, todos os indivíduos que gravitam em torno do filho atleta são “convidados” a contribuírem de alguma forma com o projeto familiar, mesmo que de certa maneira a contragosto. Com isso, pode-se perceber uma gradativa diferenciação entre os tratamentos dados aos filhos pelos pais e familiares mais próximos. Nas situações verificadas na pesquisa constatou-se que conforme o projeto futebolístico ia se aprofundando e a profissionalização exigia mais tempo e comprometimento dos atletas, mais diferentes ia ficando os comportamentos e engajamentos dos pais com relação aos filhos.

---

<sup>380</sup>Entrevista com Tomaz, pai de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 15/05/2016

Nesse sentido, além das questões inerentes ao reconhecimento do talento e a disposição do filho em ingressar no mundo do futebol, algumas falas da família Torres apontam como a organização da frátria ajudou na profissionalização no esporte de determinado filho.

**Elisa:** O Santiago e o Murilo tem uma diferença de idade de 4 anos de idade. O “Santi” nasceu em 97 e o Murilo nasceu em 2001. A diferença de idade entre eles não é muito grande e os dois brincavam juntos bastante quando eram pequenos. Assim, aqui em casa nesse período as coisas também deram muito certo. Um pouco antes de o Murilo nascer o Tomaz passou no concurso da Petrobrás para trabalhar com segurança do trabalho e isso ajudou a colocar mais dinheiro em casa. Passamos a ter uma situação financeira bem confortável. E para ter dois filhos isso é importante. Para o Santi nunca faltou nada, mas se o novo emprego não tivesse acontecido, ter que dividir tudo em 2 ia complicar as coisas. Não sei se daria por exemplo para fazer isso que fizemos de largar tudo lá na Bahia e vir para o Rio de Janeiro para tentar a vida do Murilo como jogador de futebol.<sup>381</sup>

O trecho evidencia que a possibilidade de dispor de mais recursos financeiros é um elemento importante na inserção dos indivíduos no futebol e na concretização dos projetos. Diante disso, seu posicionamento na frátria torna-se importante porque ele pode exprimir um campo de possibilidades mais alargado para determinado filho quando comparado ao outro. No caso da família Torres citada acima, a posição de Murilo enquanto caçula fez com que ele pudesse usufruir de algumas vantagens de ordem econômica e experiencial que Santiago não conseguiu.

Os dados da pesquisa evidenciam uma leve proeminência dos caçulas enquanto aspirantes a atletas profissionais (das 4 famílias com irmãos, em 3 o caçula era atleta) . Nessas situações os caçulas possuíam maior capacidade de desfrutarem de mais investimentos advindos da melhor situação econômica das suas famílias.<sup>382</sup> Além disso, muitos familiares entrevistados relataram estarem mais experientes nos cuidados dos filhos, principalmente pelas experiências pregressas dos outros filhos ou pela ajuda proporcionada por esses irmãos no cuidado com o caçula da família. Desse modo, as experiências anteriores, são incorporadas pela família em suas trajetórias e contribuem para a trajetória do filho que se beneficia da experiência dos mais velhos. Um exemplo disso é a família Torres, no qual o pai Tomaz tentou profissionalizar um filho de outro casamento, mas não obteve sucesso. Diante dos

---

<sup>381</sup>Entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 20/10/2015

<sup>382</sup> Cabe ressaltar que para as famílias Almeida e Torres que experimentaram uma mobilidade descendente, essa só ocorreu após o engajamento completo no projeto futebolístico. Anteriormente a isso as famílias ao iniciarem a estruturação do projeto futebolístico possuíam condições financeiras confortáveis.

elementos que ele considerou como sendo determinante para o seu fracasso, ele alterou algumas de suas ações para não errar novamente na tentativa de profissionalização de Murilo.

Os privilégios de experiência adquirida são mais perceptíveis quando a diferença de idade entre os irmãos é maior. Na família Guimarães, existem dois filhos, Pedro (não-atleta) e Paulo (atleta), sendo a diferença de idade entre eles de 7 anos. Nessa família, o pai evidencia que as dificuldades financeiras iniciais não permitiram que o filho mais velho pudesse ingressar no futebol, tendo em vista que desde cedo o adolescente precisou ajudar a família em casa para compor a renda. Contudo, após o nascimento do segundo filho, a vida financeira da família estava mais estabilizada e ele conseguiu levar a frente sua vontade de inserir um filho no meio esportivo.

A trajetória da família Guimarães permite observar que eles não puderam oferecer os subsídios para alçar o primeiro filho à posição de jogador de futebol, depois da ligeira ascensão social da família<sup>383</sup>, a mesma pode acompanhar mais fortemente o investimento esportivo no segundo filho. Entre as famílias do futebol observou uma questão semelhante encontrada pela pesquisa de Spaggiari (2015) e de Rial (2008), o caçulismo. Rial define esse conceito como:

“a idéia de que a carreira de jogador de futebol é um projeto familiar (Damo, 2007; Rial,2008) no qual é necessário algum excedente econômico para propiciar a liberação de um integrante da família do trabalho remunerado. Assim, o fato de serem os caçulas os que com mais probabilidade conseguem realizar o projeto de serem jogadores profissionais pode ser explicado tanto por terem tido a possibilidade de serem liberados da tarefa de garantir a sobrevivência do grupo familiar com o seu trabalho (função assumida pelos irmãos mais velhos) quanto por poderem contar com a presença de um integrante da família, irmão mais velho, pai e muitas vezes a mãe, para acompanhá-los à escolinha ou campos de prática, o que às vezes implica em longos deslocamentos em transporte público” (RIAL,2008, p.35).

Apesar da proeminência dos caçulas das famílias como integrantes do processo de profissionalização no futebol, é necessário pontuar que os investimentos e projetos no esporte podem ser direcionados para primogênitos, caçulas ou filhos do meio. No entanto, nos casos analisados na pesquisa, mesmo havendo uma proeminência do filho mais novo na prática

---

<sup>383</sup> Os pais do atleta conseguiram se estabilizar em empregos com carteira assinada e passaram a ter ajuda de um empresário que custeava as necessidades básicas do atleta com material esportivo, passagem, e alimentação específica (suplementos). Além disso, os pais começaram a receber outros atletas para morarem em sua casa em troca de pagamento. Essa prática é muito comum, porque o alojamento do clube não tem capacidade para todos os atletas que chegam de outros estados. Por isso, o clube indica algumas famílias para albergarem esses jovens que vem de fora do Estado do Rio de Janeiro.



esportiva, sendo que os motivos mais listados foram respectivamente: a posse do talento, as condições financeiras, a expertise adquirida na educação dos filhos anteriores e o suporte dado pelos outros irmãos.

As diferenciações de tratamento verificadas entre os filhos das famílias analisadas se inscrevem muito mais no campo objetivo e material através do dispêndio maior de tempo acompanhando as atividades do filho atleta e permitindo-lhe acesso a alguns bens materiais que outros filhos não possuem.

No seio familiar os entrevistados dizem que procuram estimular as empreitadas de todos os filhos oferecendo-lhes oportunidades de acordo com a sua situação financeira. Com exceção da família Guimarães, em todas as outras famílias analisadas aqueles jovens que não estão inseridos no futebol, são mais cobrados na sua formação acadêmica, com investimentos diferenciados quando comparados com seus irmãos atletas.

Na maioria dos casos (família Torres, família Almeida e família Moreira) os irmãos não estudam na mesma escola que o atleta, sendo que em todas essas famílias havia uma preocupação dos pais em buscar melhores situações de escolarização para os não-atletas visando uma inserção futura no mercado de trabalho, enquanto para os filhos atletas era procurada uma escola que pudesse oferecer alguma qualidade de ensino, sem comprometer a rotina de esportiva.

O acompanhamento da rotina de estudos e da relação da família com a escola também possui flutuações caso o filho seja atleta ou não-atleta. O relato de Marta, mãe de Diego e Maurício da família Almeida deixa nas entrelinhas algumas considerações:

**Marta:** “Eu sempre acompanhei as coisas da escola dos dois sabe. Sempre que tem reunião, ou que a escola chama, eu vou. Disso escola não pode reclamar. Eu sempre quis ver nota, olhar caderno para ver como que estava. Mas assim, com o Maurício (mais velho e não-atleta) eu sempre pude acompanhar mais, porque tinha mais tempo livre e ele se dedicava a escola. O Diego (mais novo e atleta) a gente também se dedica muito para acompanhar a rotina de estudos dele, mas assim nem todas as reuniões que chamam no colégio dá para ir, porque às vezes também temos (ela e o pai) que acompanhar alguma coisa do futebol dele. Não tem como o pai trocar dia de trabalho o tempo todo e ele sempre pede pra gente ver ele jogando.”<sup>384</sup>

Marta deixa claro que ao longo da educação dos filhos procurou investir na educação dos dois e, com isso, buscava acompanhar a rotina de estudos e estreitar as suas relações com a escola para melhor a escolarização dos filhos. Contudo, em seu discurso podemos perceber

---

<sup>384</sup>Entrevista com Marta, mãe de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 20/05/2016

clivagens relacionadas à atividade desempenhada por ambos os filhos durante o processo de escolarização. Maurício, sempre teve que conviver muito mais fortemente com a mãe acompanhando sua rotina escolar e buscando na escola informações sobre seu dia-a-dia. Nesse ponto, na relação com a escola, a mãe procurou sempre estabelecer uma hierarquização em que a escola estava acima de qualquer outra questão. No caso de Diego o investimento escolar também existiu e o acompanhamento da escolarização também foi incentivado, todavia, a própria mãe revela que essa cobrança está aquém do que ela gostaria, pois, muitas vezes, o tempo livre é usado para acompanhar ou resolver questões ligadas à formação esportiva do filho. Na hierarquização realizada por Marta sobre as rotinas de Diego, a formação esportiva se destaca perante a escolarização, mesmo que essa escolarização não seja abandonada. Na verdade, acompanhando estudo realizado por Rocha (2017)<sup>385</sup>, percebe-se que Marta bem como as outras famílias analisadas secundarizam através de flexibilizações, as rotinas de escolarização dos filhos atletas em benefício ao futebol.

Nesse ponto, em todas as famílias com irmãos atletas e não-atletas (Moreira, Almeida, Guimarães e Torres), a estruturação dos projetos designados para cada filho influenciou diretamente nas ações e estratégias empreendidas sobre os filhos atletas quando comparados aos filhos não-atletas. Considerando a escola como elemento secundário no desenvolvimento dos projetos futebolísticos de determinado filho (atleta) são elaboradas estratégias de ação que maximizem as oportunidades de alcançar seus objetivos ligados ao esporte. Para isso, o custo “pago” é um desinvestimento nas atividades escolares.

O grau de diferença no tratamento educacional dado aos filhos possui relação direta com a crença construída pelos familiares em torno da profissionalização do filho atleta. À medida que a confiança na profissionalização vai aumentando, que a crenças na execução do projeto vão se tornando mais sólidas e o campo futebolístico requisita mais tempo das famílias, esse tratamento educacional dos filhos torna-se claramente diferenciado.

Tempos de estudos, participações/presença nas escolas, cobrança por resultados passam a se tornar muito diferentes entre os irmãos. No caso da família Moreira, percebe-se até mesmo a aceitação da reprovação do filho atleta na escola, desde que o futuro na profissionalização do futebol se mantenha firme.

---

<sup>385</sup> Na tese de doutorado realizada por Rocha, o autor evidencia que os atletas de futebol de um grande clube de futebol do Rio de Janeiro não abandonam a escola ao longo do seu processo de profissionalização no esporte. Na verdade, eles consideram a importância da escola, mas secundarizam-na frente outro objetivo considerado mais importante, no caso o futebol. Dessa noção de secundarização advém as flexibilizações realizadas por eles em suas rotinas escolares. Uma das crenças que os orientam para essa prática é a noção de que o projeto escolar pode ser estendido para o futuro sem impedimentos a sua conclusão. Já o futebol possui um momento específico, (até os 18) que não pode ser estendido. Dito em outras palavras, os jovens que não estouram até os 20 dificilmente continuarão no futebol, mas sempre podem voltar à escola.

Nas famílias analisadas, os filhos não atletas normalmente estudavam em escolas particulares (com exceção da família Guimarães), sendo que os pais consideravam esse gasto com educação como sendo válido para o desenvolvimento profissional dos jovens. O grupo de famílias analisada na pesquisa constitui-se como bem específica pois que pelo menos 1 dos filhos estudava na rede particular de ensino, quando na verdade sabemos que isso não se constitui como uma realidade da sociedade brasileira. No entanto, dentro da própria rede pública de ensino brasileiro também podemos perceber uma diferença significativa entre escolas que podem impactar diretamente na qualidade do ensino oferecido aos jovens. O que procura-se mostrar aqui é que sobre os irmãos não-atletas é feita uma seleção de escolas e redes de ensino que se baseiam primordialmente na preocupação pela qualidade e pelas oportunidades que elas podem oferecer para o futuro dos jovens.

Na situação dos filhos atletas, a escolha da escola acompanha a trajetória futebolística, por isso, podemos verificar nas famílias Torres, Moreira, Almeida uma mudança da escola que os meninos estudam em função das necessidades do futebol e não da qualidade de ensino ofertada. Na comparação entre os tratamentos dados dentro da frátria vemos uma diferenciação na orientação da escolha da instituição escolar amparados em perspectivas diferentes. Os filhos atletas, a escola e o turno são escolhidos em função do futebol e objetivando instituições que permitam uma flexibilização das rotinas e uma melhor conciliação entre o esporte e a escolarização. Na realidade dos filhos não atletas os elementos utilizados para escolha da escola são baseados em elementos financeiros e pedagógicos.

Apesar da diferença na instituição de ensino ofertada aos filhos, todas as famílias analisadas disseram que tratam praticamente igual os filhos atletas e não-atletas no que tange ao desenvolvimento dos estudos. No entanto, ao desenvolver mais conversas com essas famílias e ao observar o cotidiano de algumas casas foi possível analisar algumas decisões que apontam para dissonâncias entre as rotinas escolares dos filhos atletas e dos não-atletas. Em 3 das 5 famílias acompanhadas (Moreira, Torres e Almeida), os membros da família impunham aos não-atletas que houvesse algum momento do dia, fora do horário escolar para que fossem feitas as tarefas enviadas pela escola. Na rotina dos filhos não-atletas, geralmente as tarefas escolares e os momentos de estudos eram realizados na parte da noite, independente do turno em que os jovens estudavam. Uma teoria possível é que a escolha desse horário para realização das tarefas escolares esteja ligada a presença de pelo menos um membro da família para acompanhar e cobrar a realização dessas tarefas.<sup>386</sup>

---

<sup>386</sup> Outra explicação possível é que aqueles que estudavam na parte da manhã, geralmente usavam a parte da tarde para descansar e retomar as atividades da escola na parte da noite. Já aqueles que estudavam no turno da

Quando observada a cobrança sobre os atletas, verificou-se que, muitas vezes, os pais faziam “vista grossa” sobre as obrigações escolares dos filhos fora do horário escolar. Desses filhos, não era exigido um segundo turno de estudos, a não ser que as tarefas da escola fossem de extrema importância, como avaliação enviada para casa para compor a nota do bimestre como foi visto algumas vezes na família Torres e Almeida. A parte da noite desses atletas era usada principalmente para o repouso. Os familiares justificavam que a noite era o único momento que esse atleta tinha para descansar depois de um “dia muito desgastante de treinos no clube e estudos na escola” (discurso realizado pelas quatro famílias descritas) e, por isso, era bom preservar os meninos para voltar a fazer tudo novamente no dia seguinte.

Um exemplo extremo dessas flexibilizações pode ser verificado em conversas informais com Bianca da família Marques. Ao falar das rotinas desgastantes de treino que o filho enfrentava ela confidenciou que, por diversas vezes fez os deveres de casa dele para que ele pudesse descansar depois de um dia dito “*pesado*” (termo usado pela entrevistada) de treinos e aula.

As ações e estratégias extremas desenvolvidas por famílias para a concretização do projeto futebolístico familiar não são casos isolados. Uma análise mais pormenorizada das biografias e autobiografias dos grandes atletas evidencia em muitos casos a estruturação de rotinas e comportamento da família no sentido de maximizar os resultados esportivos dos atletas através do incentivo ao aumento da carga de treino, flexibilização de outras atividades alheias ao esporte e no oferecimento de suporte material e psicológico de profissionais especializados para eles.

Silva (2016) ao analisar a biografia de André Agassi, Gustavo Kuerten e Rafael Nadal, mostra que cada família ao seu jeito e segundo suas crenças e possibilidades procurou operar com estratégias e tomadas de decisões com vistas a efetivar o projeto esportivo familiar construído para que o atleta se profissionalizasse no tênis. Entre essas três biografias, aquela que mais revela um superinvestimento no esporte e a constituição de um “pai profissional do esporte” é a de André Agassi. No livro sobre a biografia do tenista é possível perceber um pai que organizou sua vida em função do objetivo de tornar um dos seus três filhos o melhor tenista do mundo. Para isso, o livro revela a elaboração de várias estratégias para profissionalização do Agassi no tênis, sendo uma delas a compra de uma casa com quintal muito grande em Las Vegas para a montagem de uma quadra de tênis para

---

tarde, geralmente acordavam tarde e tinham pouco tempo de manhã para fazer as tarefas. Por isso, realizavam-na na parte da noite.

treinamento. Na trajetória social de Agassi, vemos que sua mãe prestava para ele as provas do curso à distância, assim como Bianca fazia os trabalhos de Bernardo na escola.

As biografias analisadas por Silva (2016), também dão conta de um elemento interessante na formação esportiva dos filhos atletas e sua relação com os filhos não-atletas no seio da família. Assim como essa pesquisa, nas biografias também é evidenciada a disputa interna e velada dos filhos pelos recursos oferecidos dentro da família. Tanto nas biografias estudadas por Silva (2016), quanto nas análises feitas nessa pesquisa os jovens atletas têm a preferência dos recursos junto aos pais e familiares mais próximos. Em alguns casos analisados esse privilégio ao filho futebolista é explícito nas ações cotidianas. As ações que exprimiam tratamento diferenciado entre irmãos atletas e não-atletas, eram sentidos em várias ações familiares, entre elas no investimento escolar diferenciado por parte dos pais. Normalmente os filhos atletas eram menos cobrados por resultados nas escolas, estudavam em escolas diferentes dos filhos não-atletas e tinham sua rotina ligada as obrigações escolares flexibilizadas.

Além deles, os recursos econômicos e temporais são dois exemplos mais claros sobre essa demarcação de diferenças no tratamento entre os irmãos. Essa diferenciação pôde ser vista principalmente nas famílias com nível socioeconômico mais baixo e maiores dificuldades de obter bens materiais para todos os membros da família como foi o caso da família Guimarães. Nessa situação, os pais motivados por uma ação calculista consideraram melhor alocar mais recursos sobre aquele filho no qual depositavam as maiores expectativas, ou seja, no esportista.

Nas outras famílias analisadas também foi possível encontrar exemplos de transferências de recursos do filho não-atleta para o filho atleta. No caso dos Torres, o processo de perda do poder econômico provocado pelo abandono de emprego de Elisa e a necessidade de Tomaz em sustentar agora duas moradias (Bahia e Rio de Janeiro) fizeram com que os recursos ficassem mais escassos. Nessa configuração, a família operou segundo ações e estratégias que buscavam manter o núcleo do Rio confortável em detrimento do núcleo baiano. A partir dessa situação o filho não-atleta Santiago teve que deixar de fazer o pré-vestibular que estava matriculado e quase deixou também de fazer o curso de inglês. Os recursos que antes eram utilizados pelo filho atleta foram canalizados dentro da família para aquilo que fôra considerado como mais emergencial, ou seja, a manutenção do núcleo carioca e a perpetuação do projeto futebolístico da família.

A decisão de realocar os recursos no Rio de Janeiro não foi bem aceita pelo filho não-atleta, evidenciando que dentro do projeto futebolístico existem pontos de clivagem que

tencionam esse projeto quando ele é considerado muito predatório por parte de algum membro da família, entre ele um dos filhos. No interior desse processo de constituição dos projetos muitas das ações precisam ser constantemente renegociadas a ponto de manter a adesão de todos. Nesse caso, a atitude do tio Cláudio em pagar pelo menos o curso de inglês do filho não-atleta diminuiu a situação de conflito instalada na família.

Assim como o dinheiro, o tempo também é um recurso precioso na efetivação dos projetos futebolísticos familiares. Como sabemos, a profissionalização no futebol exige muito tempo além da conciliação com a escolarização e com outras atividades. Nesse cenário, o atleta e, conseqüentemente, sua família precisam deslocar-se grandes distâncias que dificultam a gestão das atividades. Por isso, em diversos casos as famílias portadoras do projeto futebolísticos executam estratégias para otimizar seu tempo, e melhor conciliar o futebol com as outras atividades inerentes a vida cotidiana tais como trabalho, escola e lazer. Nesse processo, o centro das decisões inevitavelmente está localizado na rotina e nas demandas do filho atleta, que vê os outros membros da família gravitando em torno dele. Tal situação acaba por interferir na rotina dos outros filhos não-atletas que poderão perder recursos e/ou oportunidades não pela falta de dinheiro, mas sim pela necessidade de se adequar as rotinas solicitadas pela profissionalização do irmão.

Um exemplo dessa situação pode ser vista com a família Almeida que devido ao projeto futebolístico familiar optou por retirar o filho maior (Maurício) da escola de excelência e tradicional que ele estudava, por ela ficava muito distante da residência dos Almeida e isso forçava o pai a ter que buscá-lo e lavá-lo todo dia. Isso fazia com que o pai não pudesse acompanhar os treinos de Diego da forma como ele gostaria e também gerava muitos custos de combustível que poderia ser direcionado para os suplementos do filho atleta.

A situação descrita motivou a troca de escola de Maurício da tradicional distante de casa, para um cursinho mais próximo de casa, onde seu pai também trabalhava. Percebe-se que a decisão não foi ancorada em questões prioritariamente econômicas, já que o pai não pagaria nenhuma das duas escolas, por ser funcionário. Na verdade, a estratégia buscava otimizar o tempo para poder administrar melhor a rotina de treinos do filho atleta. Para isso, uma parte do esforço e do tempo que eram concedidos a Maurício foram realocados para Diego através da mudança de escola do irmão mais velho. Assim como na situação verificada na família Torres, a redistribuição de recursos para atender aos interesses do projeto futebolístico também gerou tensões dentro da fratria, que ao contrario da primeira situação vista na família Torres, não foi completamente contornada.

As formas de consumo também se constituem como elementos importantes de identificação das diferenciações entre as frátrias. No entanto, em muitas situações elas se desenvolvem de maneira dissimulada, e em pequenas situações cotidianas difíceis de serem identificadas sem um acompanhamento pormenorizado, principalmente porque não são verbalizadas pelos indivíduos.

No caso dos hábitos alimentares de algumas famílias e as formas de distribuição desse alimento verificou-se uma dinâmica que também girava em torno do filho atleta. Em todas as famílias acompanhadas a alimentação foi considerada um elemento importante no desenvolvimento esportivo do filho. Essas famílias consideram que as atividades físicas requeridas pelo esporte criam a necessidade de uma alimentação regrada e saudável para o filho atleta. Cabe ressaltar que no clube que eles treinavam aqui no Rio de Janeiro havia um acompanhamento próximo da fisiologia e nutrição esportiva do clube que criava dietas personalizadas para alguns atletas em situações especiais, tais como necessidade de ganho de massa ou de emagrecimento.

Apesar das ações específicas destinadas por cada família na alimentação dos seus filhos e da construção de uma dinâmica própria de distribuição desses alimentos segundo a realidade socioeconômica de cada uma delas é possível afirmar que o cardápio das refeições da casa gira em torno dos tabus alimentares que o filho jogador não pode romper, diminuindo drasticamente na casa a aparição de comidas ricas em açúcar e gordura não somente para esse jovem, mas para a família como um todo. Na família Moreira, por exemplo, os alimentos gordurosos são somente liberados durante a semana quando o atleta Joel está albergado no clube. Nos finais de semana em que ele visita a família esses produtos não desaparecem da casa, mas são restringidos tanto para os familiares que habitam a casa quanto para Joel.

Nas famílias Torres, Almeida, Marques e Guimarães, elementos como refrigerantes, biscoitos, bolos e salgadinhos são controlados e distribuídos aos filhos por meio de negociações baseadas em dias específicos para o consumo ou numa cota diária. Nas famílias Torres e Almeida nos quais os filhos não-atletas são os primogênitos e quase maiores de idade, a estratégia deles normalmente se baseia em comprar esses alimentos por conta própria e consumi-los em momentos em que o irmão atleta não esteja próximo.

Se alguns alimentos são desencorajados outros por sua vez são incentivados e tornam-se imperativo a todos da família, tais como frutas, verduras e legumes. Apesar de todo estarem sujeitos a uma alimentação igual, ao se tratar de alguns insumos, tais como a carne, fica ainda mais patente o superinvestimento realizado sobre o filho atleta. Geralmente quando algumas famílias não possuem a possibilidade de ofertar carne de qualidade para todos os membros da

família, aquelas partes com melhor qualidade se direcionam ao filho atleta em detrimento a todos os outros. Na família Guimarães, enquanto todos normalmente comiam carne moída de acém, o filho jogador se alimentava com alcatra comprada em peças. A situação era considerada por todos, inclusive pelo irmão mais velho (Pedro) como algo normal e necessário para o desenvolvimento físico de Pedro no futebol.

A carne talvez seja um exemplo limite da diferenciação alimentar verificada nas famílias acompanhadas, mas outros comportamentos apontam essa diferenciação dada aos filhos dentro da frátria. Em todas as famílias acompanhadas os suplementos alimentares, tais como aminoácidos, glutaminas, proteínas e bebidas isotônicas eram sistematicamente adquiridas para os atletas, mesmo que isso significasse a redução na compra de outro item da dieta alimentar da família. Os membros da família Moreira, Marques e Almeida disseram cada um a sua maneira que esses itens eram tão importantes quanto arroz e feijão na dieta do jovem atleta. No entanto, essa predisposição para sacrificar alguns elementos da lista de compras não foi verificada nos pedidos dos filhos não-atletas. Os produtos que eles solicitavam geralmente eram comprados, mas mereciam um trabalho de convencimento e negociação muito grande deles sobre os pais.

A situação de privilégio dada aos irmãos atletas também pode ser verificada na alocação de recursos para compras de roupas. Como a atividade esportiva requer dos seus praticantes a utilização de materiais específicos, muito do dinheiro destinado a roupas dentro da família ia primeiramente para o filho atleta a fim de muni-lo dos equipamentos necessários para o futebol. Nesse ponto, os recursos não são economizados, posto que o desempenho esportivo é visto como diretamente relacionado ao tipo de ferramentas que você utiliza (material esportivo). Diante disso, as chuteiras, as caneleiras, os meiões são comprados pela sua qualidade e não pelo seu valor. Dentro dessa equação os recursos que sobram, são posteriormente alocados para os outros filhos e ai de maneira mais igualitária.

A situação desigual de distribuição de recursos, em especial aos bens de consumo ligados ao vestuário se mostrava mais explícita naquelas famílias em que o filho atleta possuía empresário. No caso da família Moreira, da família Torres, da família Guimarães e da família Almeida, os atletas regularmente recebiam dos seus empresários presentes materiais como roupas de marca, produtos esportivos e eletrônicos. Em algumas situações pode ser visto que o recebimento desses presentes gerava algum desconforto na família, pois enquanto os filhos atletas tinham celulares modernos, os filhos não-atletas tinham celulares mais antigos, enquanto os atletas usavam algumas roupas de marcas caras, os filhos não-atletas vestiam-se com roupas de lojas do grande público. Tal situação de discrepância promovida pelo



“patrocínio” dos empresários por vezes forçou algumas famílias a comprarem também para seus filhos não-atletas elementos similares aos recebidos pelos atletas para diminuir o descontentamento deles.

Na pesquisa pode-se verificar que a existência, bem como os impactos desses tratamentos diferenciados sobre os filhos é maior quando as distâncias etárias na fratria são menores. Como é o caso verificado nas famílias Torres e Almeida nos quais as diferenças entre os filhos são respectivamente de 4 anos e 2 anos.

Daí percebe-se que mesmo diante de momentos que deveriam ser de semelhantes investimentos, a socialização dos dois filhos ocorre de maneira diferenciada. Além disso, também devemos identificar que a proximidade desses irmãos dentro da fratria também impõe a eles uma maior disputa pelos recursos. Powell e Steelman (1993) revelam que os recursos familiares, em termos econômicos, são mais escassos quando os irmãos têm idades próximas, o que acaba por prejudicar sua distribuição entre os irmãos, bem como a melhor utilização deles.

Na pesquisa isso pode ser verificado principalmente nas famílias Torres e Almeida, porque devido às idades próximas dos filhos, as necessidades dos dois irmãos eram muito semelhantes no que tange ao padrão de consumo. Por isso, os pais em algumas situações precisavam pagar 2 escolas (quando os meninos estavam matriculados no particular), precisavam comprar roupas e presentes para os dois filhos, além de tentar dividir o seu tempo para atenção das atividades dos dois filhos, entre elas a escola. Isso claramente criava uma divisão dos recursos dentro da fratria que como dito gerava alguns desconfortos em determinados momentos.

Conforme a distância entre as frátrias aumentava essa disputa por recursos não se mostrava tão constante, apesar de também estar presente em determinadas situações. Também para Kidwell (1981), o espaçamento entre irmãos é um fator relevante uma vez que a experiência de irmãos com maior intervalo entre os nascimentos (quatro anos ou mais) pode ser inteiramente diferente daqueles de um ambiente familiar com intervalo curto. Nessa mesma perspectiva, Black, Devereux e Salvanes (2004) afirmam que as crianças de família com maior intervalo entre os nascimentos sofrem menos as restrições de recursos, econômico ou de tempo, que outras famílias do mesmo tamanho. Ainda segundo esses autores, se as crianças que nascem primeiro são privilegiadas porque tem poucos irmãos com quem competir pela atenção parental, as crianças nascidas mais tarde podem ser beneficiadas pela maior atenção dos pais quando os irmãos mais velhos saem de casa ou já necessitam de menos cuidados parentais.

Esse é o caso, por exemplo, da família Guimarães, em que a distância entre as frâtrias supera 7 anos de idade. Na família à época da estruturação do projeto futebolístico de Paulo, então com 13 anos, o irmão mais velho (Pedro) tinha 20 anos de idade e possuía um emprego fixo no qual seu salário ajudava nas despesas da casa. Nessa situação, a diferença de idades entre os irmãos dentro da frátria evidenciou menores disputas por recursos uma vez que um desses irmãos (Pedro) encontrava-se numa realidade no qual ele não era mais tão dependente dos recursos da família.

As ações de privilégio sobre um filho em detrimento dos outros, como pôde ser visto, não são provenientes primeiramente pelo posicionamento dele na frátria, mas sim pelo projeto do futebol. A ordem dentro frátria é na verdade um elemento secundário que serve, no caso do filho futebolista, para alargar ou estreitar seu campo de possibilidades na busca pela carreira de futebol. Nesse ponto, essa pesquisa caminha no sentido de outras anteriormente citadas que mencionaram nas famílias de atletas uma prevalência deles como sendo os filhos caçulas.

O surgimento do projeto familiar em torno do futebol acaba por criar novas configurações dentro da família e altera as relações de poder existentes dentro dessa instituição social. Com o aprofundamento do projeto familiar dentro do futebol e a aceitação dessa empreitada por parte dos membros da família, a posição do filho inserido na profissionalização futebolística vai se alterando dentro da família. Pouco a pouco esse indivíduo vai ganhando centralidade e seus familiares engajados no projeto começam a gravitar em torno dele para atender as suas necessidades cotidianas para manutenção no esporte de alto rendimento, ou também porque paulatinamente passam a depender economicamente dos lucros auferidos pela prática esportiva do talento da família.

A situação dos Marques retrata bem essa transformação da posição do filho atleta dentro da família. Com o sucesso gradativo que Bernardo foi adquirindo dentro do clube, e a aproximação da profissionalização, o clube começou a pagar-lhe uma ajuda de custo que apesar de desconhecemos o valor, a mãe dizia ser um valor que ajudava a pagar muitas contas de casa.

**Bianca:** Eu às vezes me sinto não como a mãe do Bernardo, mas mais como a filha dele. Não só porque ele é muito responsável e tem a cabeça muito no lugar sobre os objetivos dele, mas também porque ele ajuda muito em casa. Eu não trabalho, porque me dedico exclusivamente a ele, então nós vivemos de várias formas de ajuda. Nesse ponto, o Bernardo é o homem da casa porque ele ajuda em muitas contas que pagamos aqui com que ele ganha no [nome do clube].<sup>387</sup>

---

<sup>387</sup>Entrevista com Bianca, mãe de Bernardo. Família Marques. Entrevista realizada em 12/03/2015

A fala de Bianca transpassa que a posição de Bernardo dentro da família vem ao longo da profissionalização ganhando um novo significado. Se durante muito tempo ele foi basicamente o filho único de Bianca, a quem ela dedicava o seu tempo e investia seus recursos financeiros e temporais, cada vez mais ele vinha se transformando num dos pilares de provento da casa. Essa posição se aprofundou no caso dos Marques com a assinatura do 1º contrato profissional de Bernardo e o aumento substancial do salário pago ao rapaz.<sup>388</sup>

Acompanhando a família Marques foi possível ver que Bernardo passou a opinar mais sobre assuntos como compras domésticas e decisões de casa. Ao passo que a mãe passou também a procurar mais as opiniões do filho sobre esse assunto. Para a família Marques, o fato de Bernardo passar a receber um salário, tornou-se importante não somente pelo fato dele contribuir financeiramente em casa, e por isso, passar a opinar e algumas decisões, mas também porque com parte do salário que utilizava para si, ele passou a depender muito menos daqueles recursos que vinham anteriormente da mãe.

A situação descrita com os Marques, a saber, de transformação do *status* dos filhos atletas dentro da família pôde ser vista em todas as famílias, seguindo obviamente características específicas existentes na configuração familiar de cada núcleo.

Um fator que contribuía em todas essas famílias para alterar a posição do filho atleta dentro do núcleo familiar era a concepção de que atividade que eles desempenhavam nos centros de formação era um trabalho, assim como qualquer outros. Diante disso, nessas famílias, o filho atleta ganhava um *status* semelhante aquele verificado em famílias que possuem filhos no mercado de trabalho, ou seja, o reconhecimento desses indivíduos trabalhadores enquanto peças importantes para o funcionamento e sustento da casa. Em todas as famílias analisadas, o futebol de base e as rotinas enfrentadas pelos jovens eram vistos como um trabalho, como uma atividade laboral voltada para ganhos futuros ou ganhos presentes.

**Marcos:** A rotina do meu filho é quebradeira. Treino, musculação, jogo, descanso, concentração. É muito desgastante. É que nem trabalho, porque se você for ver olha o tempo que ele gasta no futebol.<sup>389</sup>

**Bianca:** Futebol é trabalho e tem que ter comprometimento. Você pode jogar muito bem, ser um menino muito talentoso, mas se não encarar com seriedade, como trabalho mesmo, você não vai bem. Fora que se você se

---

<sup>388</sup> A mãe não falou em valores explícitos, mas mencionou que a diferença entre a ajuda de custo e o salário que o menino passou a receber girava em torno de 4 vezes mais.

<sup>389</sup> Entrevista com Marcos, pai de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 09/08/2015

destacar acaba começando a receber dinheiro, assim como um trabalho. Bernardo já ganha mais que muita gente.<sup>390</sup>

**Tomaz:** Eu sempre falei para o meu filho mais velho, aquele que eu não consegui colocar bem no futebol, que futebol é coisa séria se você quiser ser jogador. Sempre falo isso para o Murilo. Futebol é um mercado, e se você não se enquadrar você está fora. Tem milhares de meninos que querem a mesma coisa que ele, por isso, ele precisa encarar isso como um emprego.<sup>391</sup>

**Marta:** Eu e o pai dele Na verdade a família toda sabe que o futebol é uma aposta né?! Pode dar certo ou não. No caso do Diego pelo que ele vem mostrando vai dar certo, mas a rotina é muito cansativa. É rotina de trabalho mesmo, porque você tem horário, obrigações, “patrão”, necessidade de resultados e também o perigo de demissão. Muita gente pode achar que o futebol é brincadeira, mas futebol de base também sacrifício.<sup>392</sup>

**Henrique:** Eu vejo a rotina do Pedro (filho não-atleta) e a do Paulo (filho atleta) e é mais ou menos a mesma coisa. Pedro já trabalha, faz uns serviços num escritório (boy) e tem um dia muito pesado. Chega cansado, muitas vezes chateado. Coisa de trabalho né. O Paulo é a mesma coisa. Vejo os dois passando por coisas do dia muito parecidas, mas cada um na sua profissão.<sup>393</sup>

Os trechos destacados são aqueles em que a alusão ao futebol enquanto profissão, trabalho e ofício se mostraram mais explícitos nos discursos de um membro da família. No entanto, essa concepção surgiu em conversas e frases em diversos momentos para pesquisa. A ideia do futebol como trabalho, acaba nessas famílias por inserir os filhos atletas numa posição de destaque porque confere a eles uma imagem positiva ligada ao trabalho, tais como emancipação e responsabilidade. Por isso, os filhos passam a serem vistos dentro da família através de uma representação ambígua que transita entre o adolescente em alguns momentos devido a idade e a alguns comportamentos e o adulto devido a importância financeira que alguns tem em casa e também pela visão que os familiares possuem em relação a atividade que eles desempenham.

Nas famílias analisadas, as transformações de *status* do filho atleta mostram um ganho de capital simbólico desse individuo frente à família. Desse modo, se constrói sobre esses filhos atletas um signo de distinção fruto da atividade altamente valorizada que desempenha na visão da família (futebol) e também dos desdobramentos causados por essa atividade

<sup>390</sup>Entrevista com Bianca, mãe de Bernardo. Família Marques. Entrevista realizada em 12/03/2015

<sup>391</sup>Entrevista com Tomaz, pai de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 15/05/2016

<sup>392</sup>Entrevista com Marta, mãe de Diego. Família Almeida. Entrevista realizada em 20/05/2016

<sup>393</sup>Entrevista com Henrique, pai de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 20/03/2017

como, por exemplo, o *status* de trabalhador, os recursos financeiros trazidos para casa entre outros aspectos.

As transformações hierárquicas verificadas nas famílias analisadas possuem outro exemplo importante dentro do núcleo dos Guimarães. Pedro era o irmão mais velho e desde cedo já ajudava na renda familiar com alguns trabalhos e bicos realizados na vizinhança. Dentro da família, Pedro era visto como um filho, que devido as dificuldades enfrentadas pela família, precisou “crescer muito rápido” e participar dos problemas da casa. Henrique via o filho mais velho como um suporte importante em casa.

**Henrique:** Pedro é o nosso filho mais velho. Ele tem 7 anos a mais que o Paulo. Ser filho mais velho tem essas coisas de trazer para você mais responsabilidades. O Pedro começou a trabalhar muito cedo, com uns 14 anos ele já fazia uns trabalhos aqui pela vizinhança. Eu sou pedreiro, e ensinei um pouco disso que eu faço para ele, então já pequeno ele começou a pegar uns biquinhos por ai. O que ele ganhava o coitado dava tudo aqui para casa. A situação agora é melhor, então quase tudo que ele ganha, fica com ele. Em casa paga uma conta ou outra, mas sempre foi um filho que me ajudou muito. Aprendeu a ter responsabilidade desde pequeno, inclusive para cuidar do irmão algumas vezes.<sup>394</sup>

Dentro da família Guimarães, Pedro, o filho mais velho goza de uma posição de destaque frente ao pai e aos outros membros da família, por toda a sua trajetória de auxílio dentro de casa. Desde pequeno ajudou financeiramente a família, cuidava do irmão, precisou abdicar de alguns anos da infância, ou seja, forjou-se como um segundo pai dentro da família. Isso pelo acompanhamento da família fica evidente em diversos momentos em que as opiniões dele são levadas em consideração e ele é “convocado” a resolver problemas, inclusive relativos a formação esportiva do irmão. No entanto, dentro da família Guimarães, tanto a mãe quanto o pai, salientam em seus discursos que Paulo vem seguindo o mesmo caminho do irmão mais velho e amadurecendo muito rápido.

**Henrique:** O Paulo é um menino com muita garra. Ele corre atrás dos sonhos dele. O bom é que o sonho dele também era o meu e o do irmão dele (risos). Então no futebol ele dá tudo de si. Treina como um leão lá no [clube]. Eu falo para ele que tem que sair com a camisa molhada, tem que capinar sentado. E ele faz isso. Por isso, os resultados estão aparecendo. Essa coisa de ele estar no futebol, tentando ser jogador profissional tem sido muito bom, porque ele está ficando muito responsável, centrado. Aquilo que o trabalho dá, de responsabilidade, disciplina, essas coisas ai, o futebol também dá. O menino tem 15 anos, mas parece que está com 40

---

<sup>394</sup>Entrevista com Henrique, pai de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 20/03/2017

(risos) muito maduro. Ele hoje também é o homem da casa e passou a ajudar que nem o irmão.<sup>395</sup>

**Suzana:** O Paulo é um menino muito bom. Na verdade nossos 2 filhos são uma benção. Meninos muito trabalhadores. O Pedro, ajuda desde pequeno e, por isso, sempre foi o segundo pai da casa. Me ajudava com o Paulo, mas também ajudava o pai com trabalho e com dinheiro. O Paulo sempre foi o xodó da casa, por ser o menor, mas hoje isso já não está mais assim. Até ajudando em casa ele está. Com a bolsa que ele ganha lá do [nome clube] ele faz questão de usar tudo para pagar as coisas aqui de casa. Principalmente aquilo que ele acha que é parte dele né. A gente pega uma parte, mas deixa um pouquinho com ele também. Mas assim, hoje nossos dois filhos vêm cada vez mais se tornando os sucessores da casa. Estão bem encaminhados.<sup>396</sup>

As impressões de Henrique e Suzana mostram que gradativamente o *status* de Paulo vem se transformando na família. Saindo da posição do “xodó”, e do filho pequeno para cada vez mais se tornar um dos “homens da casa”. Certamente essa mudança de posição dentro da família possui relação com o avanço da idade e conseqüentemente as novas representações que as etapas cronológicas trazem. Mas também é de se supor que inserção no futebol, desempenhe um papel importante nessa mudança de visão sobre o filho, dado que o pai relaciona o esporte ao ganho de determinados valores e atitudes, enquanto a mãe lembra a importância financeira dada pelo filho dentro de casa. Na situação da família Guimarães percebe-se que a profissionalização no futebol de Paulo e todos os elementos que ela trouxe com ele vêm transformando sua posição dentro da família, colocando-o muito mais próximo do *status* conferido ao irmão mais velho.

As novas configurações que se estruturam nas famílias a partir da profissionalização do filho atleta alteram de tal forma o *status* desses indivíduos dentro do núcleo familiar que todas as ações feitas no interior dela são pensadas a partir dos impactos e conseqüências que isso irá gerar para ele e para o projeto futebolístico.

A questão do engajamento e da atenção cada vez maior sobre o indivíduo esportista dentro da família está relacionada como dito anteriormente com elementos como a percepção do talento possuído pelo filho atleta e também na crença das possibilidades dele se profissionalizar. Isso quer dizer que a centralidade e proeminência do filho atleta dentro da família aumentam na medida em que as chances de profissionalização vão aumentando ou numa relação direta com a crença dos membros da família acerca da posse dos capitais futebolísticos do filho.

---

<sup>395</sup>Entrevista com Henrique, pai de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 20/03/2017

<sup>396</sup>Entrevista com Suzana, mãe de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 12/04/2017

O aumento da importância do filho atleta nas famílias analisadas pode ser verificado em todas as famílias analisadas. Durante o acompanhamento de campo (2015-2017) foi possível perceber um aumento do protagonismo dos filhos atletas dentro das famílias ao passo que novas etapas da profissionalização iam sendo superadas e a crença no projeto futebolístico ia se fortalecendo dentro da família. Com o crescimento da importância dos filhos atletas uma série de comportamentos, estratégias, doações e sacrifícios são feitos pelos demais membros da família evidenciando o desenvolvimento de um superinvestimento familiar no futebol. Essas ações em muitos casos acabam por influenciar diretamente nos destinos e nos recursos oferecidos aos filhos não-atletas, já que os investimentos realizados dentro da família dialogam entre si numa estrutura dinâmica.

Nas famílias analisadas, a aproximação com um empresário influente, a assinatura de um contrato profissional, a “subida” de categoria, a conquista de um título, a posse de uma braçadeira de capitão ou um conhecimento farto de pessoas influentes no campo futebolístico podem ser considerados pelos indivíduos como sinais de um campo de possibilidades alargado no futebol. Observando esse campo posto a eles, e socializados em um *habitus* futebolístico, muitos indivíduos enxergam no futebol chances de ascensão social familiar e de ganho de capital simbólico.

O conjunto de crenças formado a partir dessas observações influencia os indivíduos que compartilham esse projeto futebolístico a investirem esforços e recursos sobre aquele jovem dentro da família considerado como portador do talento e, conseqüentemente, da oportunidade de concretizar esse projeto. A proeminência do filho atleta dentro da família aumenta numa forte correlação com a crença da família sobre a concretização do projeto, ou seja, quanto mais acham possível a profissionalização do filho atleta, mais tendem a centralizar as ações familiares em torno dele.

Anteriormente mencionado, esses investimentos feitos na profissionalização do jovem atleta que caracterizam a sua proeminência dentro da família se circunscrevem também num sistema de reciprocidades inerentes a instituição familiar em que só tem direito as benesses do talento aqueles indivíduos que se engajam no projeto futebolístico. A posterior redistribuição dos ganhos advindos do talento e da profissionalização somente é reconhecida como legítima para aqueles que são vistos dentro da família, inclusive pelo atleta como sendo alguém engajado no projeto.

A família Torres é um exemplo dessas configurações baseadas em ações desinteressadamente interessadas em torno do projeto futebolístico. O pouco compromisso de Santiago (irmão de Murilo) com o desenvolvimento do projeto futebolístico familiar era

muito mal visto dentro da família, suscitando por diversas vezes comentários desgostosos dos pais, dos demais parentes e até mesmo do irmão futebolista Murilo. Certa vez Elisa chegou a dizer que “depois que o Murilo se tornar jogador o Santiago que não venha querer se aproximar e aparecer na televisão junto com irmão, porque sempre ligou pouco para o irmão no futebol”.

No mesmo caminho, o pai (Tomaz) também se dizia chateado com a postura do filho mais velho:

**Tomaz:** Eu acho que o Santiago podia participar mais da vida do irmão. A distância dificulta, claro! Mas eu também moro aqui na Bahia, aliás, ele mora comigo, mas ele se importa muito menos com as coisas de futebol do irmão do que eu, por exemplo. Família tem que se ajudar sabe?! Essa postura me parece um pouco egoísta dele, mas é coisa dele mesmo, não podemos fazer muito mais que não seja uma conversa.<sup>397</sup>

Os posicionamentos da mãe e do pai ressaltam que a adesão ao projeto futebolístico familiar deveria ser algo esperado de todos aqueles que pertencem à família, principalmente do irmão. Logo ao não se engajar, Santiago acaba sendo visto pelos pais e outros parentes como um indivíduo “que não está agindo de acordo com aquilo que seria o certo”. O padrão considerado certo ou esperado pela família Torres pode ser entendido como um tipo de *ethos* familiar, ou seja, um conjunto de valores e crenças fundamentais determinante move os comportamentos e as ações frente ao futuro, assumindo, portanto, uma dimensão moral. É nessa dimensão que se encontram a origem dos interesses dos agentes e a explicação para os investimentos que eles podem fazer ou deixar de fazer em determinados “jogos sociais”.

Não caso da família Torres, observando sua trajetória no qual, principalmente por parte da mãe existia uma forte história de ajuda mútua entre os 9 irmãos, bem como uma exaltação do companheirismo e do sacrifício dos pais para oferecer todas as oportunidades possíveis aos filhos, o desengajamento de Santiago com as necessidades do irmão e do projeto futebolístico familiar soavam como um desrespeito numa família com um *ethos* calcado na reciprocidade.

Independente das motivações e dos sistemas de crenças que amparam as ações dos familiares sobre os projetos futebolísticos das famílias analisadas foi possível perceber que em todas elas o filho atleta torna-se protagonista, sendo os parentes mais próximos da convivência daquele núcleo do jovem “convocados” a darem sua contribuição na concretização do projeto. Nesse sentido, as contribuições e engajamentos individuais dentro do projeto são heterogêneos, sendo, contudo possível afirmar que dentro de cada um desses

---

<sup>397</sup>Conversa informal com Tomaz realizada em setembro de 2016. Parte integrante do diário de campo do dia 02 de setembro de 2016



projetos normalmente um indivíduo se destaca, tornando-se quase como um “guardião do projeto”. A esse guardião acabam recaindo as responsabilidades sobre as principais estratégias de ação sobre a estruturação do projeto.

Normalmente são esses indivíduos que estão mais próximos do jovem atleta e ficam responsáveis por articular os outros parentes da família ao projeto do atleta. Na pesquisa, esse papel acabou sendo verificado exclusivamente na figura do pai ou da mãe.

Dentro do projeto futebolístico familiar, a existência de um familiar destacado na execução do projeto, comumente requisita dele engajamentos muito maiores do que aqueles verificados sobre outros parentes. Em todas as famílias foi possível ver que esse indivíduo conjuga de uma adesão ao projeto tão grande que suas ações em benefício dele se traduzem em superinvestimentos que o configuram como um “pai profissional de atleta em formação” ou “mãe profissional de atleta em formação”.

Nessa tese, os termos “pai e mãe de atleta profissional” foram utilizados como uma paráfrase do conceito de “pai e mãe profissional de aluno” cunhado por Establet (1987). Em seu trabalho utiliza essa ideia para identificar e caracterizar pais que desenvolvem um superinvestimento escolar nos filhos, através de estratégias e planejamentos específicos com fins de maximizar seus resultados educacionais. Para Establet (1987) uma das características que constituem essa ação empreendida pelos pais é o cultivo orquestrado, ou seja, a tomada de decisões meticulosas voltadas para a concretização de um objetivo.

Percebendo homologias entre o comportamento e o investimento desses pais profissionais de alunos que encaram a escola como uma carreira e os pais de atletas em formação do futebol, que também consideram a formação de base como carreira, resolveu-se utilizar o termo “pai e mãe profissional de atleta em formação” porque ele transmite uma boa dimensão do caráter orquestrado, organizado e quase profissional com os quais esses pais de atleta gerenciam as vidas esportivas e privadas dos filhos.

A principal característica verificada nessas famílias futebolísticas é a consolidação da proeminência do filho atleta através da transformação de pelo menos um dos responsáveis pelo jovem atleta em “pai ou mãe profissional de atleta em formação”. Desejosos pelo sucesso esportivo dos filhos, e buscando assegurar a eles um futuro promissor no futebol, esses pais assumem a posição de “pais profissionais” (ESTABLET, 1987) que, munidos das mais diversas orientações e informações dos especialistas, sentem-se no dever de definir, eficientemente, um repertório de atividades e práticas cotidianas que acreditam assegurar o desenvolvimento dos talentos individuais e das competências demandadas pelo futebol contemporâneo.

O compromisso com um futuro profissional promissor e rentável, para os filhos, constitui um aspecto central da vida familiar. Isso explica o forte investimento, as altas expectativas e a ansiedade que se manifestam nas condutas desses “pais profissionais”. Nesse aspecto muitos pais/mães se transformam em treinadores, preparadores físicos, nutricionistas, *coach* e psicólogos dos seus filhos.

Nas famílias analisadas pode ser percebido que os pais, severamente comprometidos com um “projeto futebolístico”, não poupavam esforços e sacrifícios para assegurar o sucesso esportivo dos filhos, inclusive canalizando os recursos dos outros irmãos e deles mesmos (pais) para o filho atleta. Na estruturação do projeto futebolístico familiar pode ser percebido que o desempenho esportivo do filho passava a funcionar como balizador de seu próprio êxito ou fracasso, fonte de orgulho ou de culpa frente a um projeto futebolístico meticulosamente estabelecido. Por isso, em diversas conversas cotidianas e nas entrevistas realizadas o “ele” e o “nós” se confundiam e interconectavam como mostram algumas falas dos pais.

**Marcos:** Quando nós entramos nessa história de virar jogador profissional, nós já sabíamos de todas as dificuldades que poderiam aparecer. [...] Nós já conquistamos muito até agora futebol, estamos com o primeiro contratinho profissional e tudo vai indo bem. Se der certo vai ter essa subida para o profissional em algum momento.<sup>398</sup>

**Bianca:** Se não der certo aqui no [nome o clube] a gente consegue entrar em qualquer outro clube grande de São Paulo. Porque o nosso empresário é muito bem relacionado, possui vários contatos com clubes grandes. Nós vivemos recebendo proposta.<sup>399</sup>

**Henrique:** Eu vejo todos os jogos que posso do Paulo. Competição então, aí não perco uma que seja aqui por perto, pelo Rio de Janeiro mesmo. Pego esses ônibus de rodoviária e vou. Já fui em Cardoso Moreira, região dos lagos e até Serrana. Teve uma vez num jogo que ganhamos... quer dizer que ele ganhou (risos). Falo até como se tivesse jogado. Mas voltando, nesse jogo passei uma grande dificuldade para chegar em Friburgo porque chovia muito, acho que foi um dos jogos que achei que não conseguiria ver.<sup>400</sup>

**Elisa:** Quando o Murilo perde todos nós perdemos sabe. As derrotas dele, também me derrubam um pouco, porque eu fico pensando que poderia ter feito alguma coisa melhor. Um planejamento melhor, uma atenção maior. [...] Quando nós chegamos aqui no Rio de Janeiro, o sentimento era de que em certa parte estávamos no caminho certo, que vencemos aquela etapa.<sup>401</sup>

<sup>398</sup>Entrevista com Marcos, pai de Joel. Família Moreira. Entrevista realizada em 09/08/2015

<sup>399</sup>Entrevista com Bianca, mãe de Bernardo. Família Marques. Entrevista realizada em 12/03/2015

<sup>400</sup>Entrevista com Henrique, pai de Paulo. Família Guimarães. Entrevista realizada em 20/03/2017

<sup>401</sup>Entrevista com Elisa, mãe de Murilo. Família Torres. Entrevista realizada em 20/10/2015

Nos discursos, é possível ver como as conquistas e os fracassos pessoais e profissionais dos filhos, são vistos também como questões inerentes a todos que se inserem no projeto futebolístico. Tudo se passa como se o êxito do filho constituísse uma espécie de símbolo do êxito pessoal dos pais, de seus valores e de sua concepção; como se esse êxito se tornasse para os pais um critério fundamental de sua autoestima. O projeto dessas famílias enquanto um constructo coletivo é ao mesmo tempo algo individual dos filhos atletas que percorrem a profissionalização, mas também dos pais e familiares que procuram pavimentar essa construção.

Nos depoimentos, um dos fatores citados pelos pais e que parece impulsioná-los ainda mais para uma conduta de superinvestimento decorre da constatação de que hoje o mercado futebolístico está ainda mais profissionalizado e competitivo, sendo a inserção profissional mais difícil. Para eles é necessário ir além daquilo que todos os outros atletas fazem, pois consideram que o sucesso na profissão está no terreno daquilo que os outros não fazem. Se aquilo que é feito no clube é considerado somente lugar comum e insuficiente para transformar os filhos em atletas, os pais analisados buscam inserir em suas rotinas diárias ações e investimentos que permitam que o atleta continue desenvolvendo suas habilidades esportivas enquanto não está no clube ou em momentos destinados a prática esportiva.

Com exceção da família Torres, para qual a mãe tentava buscar uma dosimetria menos desigual entre as rotinas escolares e aquelas ligadas ao futebol, nas outras 4 famílias acompanhadas, o superinvestimento no futebol feito por esses pais profissionais transformava a casa como um anexo do clube. O tempo livre passa a ser destinado ao exercício de atividades esportivamente rentáveis, ou seja, atividades formais capazes de contribuir para o sucesso na profissionalização.

Nessas famílias, o cotidiano doméstico era invadido pelas exigências e expectativas esportivas num processo de intensa esportivização, que exigia não só a manutenção de um espírito de atleta<sup>402</sup> 24 horas por dia, mas também a presença e a disponibilidade diária de um adulto apto a acompanhar, organizar, disciplinar e orientar a boa execução das rotinas diárias, assegurando o controle sobre todas as atividades esportivas e escolares. Sendo assim, dentro de casa eram exigidas práticas que não compromettesse a atividade física e que na verdade pudessem potencializá-las. Nesse sentido, o lar passa a ser uma extensão do clube e os pais, sobretudo a mãe, desempenham o papel de “treinador oculto na família”. Prevalece ainda um

---

<sup>402</sup> O espírito de atleta mencionado aqui significa um conjunto de comportamentos morais considerados pelas famílias, e pelos membros do campo futebolístico como imprescindíveis para o desenvolvimento produtivo de uma carreira no futebol. Podemos citar, o repouso, o ascetismo, a alimentação balanceada, entre outras coisas.

consenso entre pais e os familiares de que as atividades esportivas extras constituem-se como prática legítima, importante e necessária para assegurar um desempenho esportivo de excelência.<sup>403</sup>

Em todas as famílias analisadas existia pelo menos 1 adulto que não trabalhava e, por isso, era o responsável por essa coordenação da vida pessoal e profissional do jovem atleta. Em determinadas famílias como a Marques, a Torres e a Almeida, decisão dessas mães por não trabalharem residia justamente na concepção de acompanhar melhor a rotina esportiva dos filhos. O conjunto dos depoimentos deixa transparecer que, ao assumirem a responsabilidade de acompanhar a trajetória e a rotina esportiva dos filhos, na maioria dos casos as mães tiveram que arcar com prejuízos e restrições à vida profissional.

A caracterização desses responsáveis enquanto pais e mães profissionais de atletas em formação não se fazem presente apenas pela dedicação grande dada ao acompanhamento das rotinas esportivas dos filhos – abrindo mão até dos seus empregos – e nem pela transformação do espaço da casa como um anexo do clube. Esses pais diante do acesso facilitado às redes de informação (livros, internet e conversas com terceiros) buscavam melhorar os resultados esportivos dos seus filhos através do oferecimento de suporte para além daquele dado pelo clube.

Os “pais profissionais” ancorados numa forte adesão ao projeto futebolístico dos filhos passam a buscar mais informações consideradas importantes para profissionalização e conseqüentemente tentam implementá-las sobre a rotina dos filhos. Com isso, vemos algumas famílias buscando sistematicamente conselhos como a nutricionista do clube, pais levando seus filhos a endocrinologistas, ministrando o consumo de suplementos alimentares por conta própria, contratando preparadores físicos para criarem programas de treinamentos nas férias, incentivando o filho a fazer consultas sistemáticas ao psicólogo, entre outras ações. Tudo isso, como dito, aliado ao monitoramento do tempo livre.

Na família Marques, por exemplo, Bianca constantemente procurava a nutricionista do clube para que ela fizesse um programa nutricional diferenciado para Bernardo com a intenção de ganho de massa muscular magra. A cozinha da família era repleta de suplementos alimentares destinados à esportistas. Bianca chegou mesmo a dizer que tinha investido (palavras dela) num tratamento endocrinológico especial para que o filho pudesse ganhar corpo e aumentar um pouco sua altura.

---

<sup>403</sup>As ações parentais têm ainda um caráter preventivo, com o fim de evitar dificuldades futuras que possam comprometer a conquista dos tão almejados postos de trabalho no futebol.

Na família Almeida, Roberto que era professor de educação física, evidenciou que costumemente nas férias de Diego gostava de elaborar “planos de trabalho” para que o jovem não perdesse completamente o ritmo da temporada. Segundo o pai do menino, a intenção dos programas feitos por ele eram a regeneração física e a preocupação para que o jovem não perdesse o tônus muscular. Como o período de recesso na temporada coincidia com as férias do pai, que era professor, ele acompanhava de perto os programas e atividades físicas daquilo que ele intitulava de pré-temporada da pré-temporada.

Além desses casos, ligados diretamente a implementação de ações físicas para o desenvolvimento futebolístico dos atletas, também devemos lembrar que as flexibilizações na rotina escolar realizadas por todas essas famílias, bem como as escolhas de estabelecimentos de ensino ancoradas principalmente pelos imperativos das atividades de treinamento também se constituem como ações e estratégias com vistas ao desenvolvimento das atividades esportivas. Esse desenvolvimento não ocorre de forma direta, como se verifica através da relação entre investimento na preparação física e performance esportiva, mas ao flexibilizar as atividades escolares e secundarizá-las os pais também estão elaborando estratégias para ampliar o tempo dedicado as atividades físicas e a preparação esportiva.

Nas famílias analisadas, essa mobilização doméstica pressupunha um trabalho contínuo de avaliação, regulação e adequação das estratégias com o intuito de viabilizar a obtenção constante do capital futebolístico pelo filho atleta. Toda essa mobilização se apoiava no conjunto de informações que os pais detinham sobre o campo futebolístico e sobre o desempenho esportivo dos filhos. O conhecimento das novas formas de preparação física, dos novos produtos alimentício, dos novos materiais esportivos, dos melhores clubes para profissionalizar-se e das escolas que cobram menos resultados acadêmicos permitiam aos pais realizar com precisão, seu “ofício” cotidiano de “pais de atletas em formação”

As famílias desse grupo apoiadas no sonho de ascensão social por meio do futebol faziam a escolha de realizar superinvestimentos nesse campo, muitas vezes desproporcionais aos seus recursos, o que como vimos anteriormente exige a contenção de outros gastos, a redução da prole e a canalização de recursos em prol da estruturação do projeto futebolístico familiar. Apoiados nessa crença, os pais, de forma direta, metódica e incansável administram a profissionalização dos filhos atletas “como se fossem suas próprias carreiras profissionais.

O superinvestimento dos pais na profissionalização dos filhos, tornando-os praticamente pais profissionais de atleta em formação, aliado ao desenvolvimento da proeminência do filho atleta dentro da família, são elementos que reforçam a existência de um projeto futebolístico que, a partir da sua consolidação, vão tornando esses investimentos mais

explícitos dentro das famílias analisadas. Com a construção desse projeto familiar em torno do filho atleta, esse jovem paulatinamente torna-se o centro do núcleo doméstico, com a maioria das ações e estratégias girando em torno do objetivo de profissionalização no futebol. A partir da estruturação desse projeto e do seu fortalecimento foi possível verificar um aprofundamento nas diferenças de tratamentos, recursos e oportunidades ofertados aos filhos dentro da fratria.

Os pais, bem como os familiares identificam e compreendem que os filhos possuem trajetórias de vida diferentes e, conseqüentemente, campos de possibilidades diferenciados. Por possuírem expectativas diferenciadas, realizam sobre os filhos investimentos diferenciados, por exemplo, na escolarização, na administração do seu tempo livre e na ajuda aos afazeres domésticos. Contudo, como o projeto familiar gira em torno da profissionalização no futebol, percebe-se nessas famílias uma predisposição a maiores investimentos de tempo e recursos sobre a trajetória do filho atleta em detrimento do filho não-atleta. Essas diferenciações muitas vezes não são verbalizadas, mas mesmo assim são perceptíveis dentro do convívio familiar e, claramente, suscitam em determinados momentos debates, inconformidades e relutâncias, principalmente por parte do filho não-atleta que em alguns momentos sente-se prejudicado, frente aos objetivos coletivos da família.

## Considerações Finais:

---

As pesquisas sobre a dupla carreira e a conciliação entre o esporte e a escola realizadas em âmbito nacional principalmente pelo Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro se voltavam para o estudo da escolarização de jovens atletas, orientando-se basicamente para os desdobramentos causados pela opção dos jovens atletas em estabelecer uma rotina de dupla carreira entre o esporte e a escola.

As análises pormenorizadas e os debates acerca dos resultados dessas pesquisas, desenvolvidas desde 2007, permitiram identificar uma lacuna, especificamente no que tange a participação das famílias no processo da dupla carreira. Além disso, foi possível perceber que o modelo teórico usado para analisar a relação entre esporte e escola conseguia explicar com clareza as consequências da dupla carreira, porém não conseguia mapear com segurança as causas que ocasionavam essas escolhas pelas vias esportivas e pelas vias escolares.

A tese em voga teve a intenção de propor uma possível explicação para o investimento na carreira esportiva e a secundarização da escola a partir desses três eixos - a família, a escola e os fatores de estruturação da dupla carreira. Uma série de observações pode ser realizada a partir dos dados e das discussões promovidas por essa tese.

O principal questionamento nessa pesquisa foi o seguinte: Qual o papel das famílias na construção dos projetos futebolísticos dos jovens atletas e como essa família atua e estrutura esse projeto? Primeiramente salientamos que a sociologia do esporte e também a sociologia do futebol, se assim podemos chamar esses campos específicos, apresentam lacunas sobre o papel das famílias na profissionalização dos atletas de alto rendimento. Estudos sobre formação esportiva nas categorias de base evidenciaram sob uma perspectiva tangencial o papel desempenhado pelas famílias no processo de profissionalização esportiva dos seus membros. Genericamente intitulado como apoio familiar, a literatura indica possíveis motivações para o auxílio da família sem se aprofundar como se constroem esses apoios.

O papel das famílias nos projetos futebolísticos dos jovens atletas é fundamental para consolidação da profissionalização nesse esporte. A família é a responsável pela socialização precoce do indivíduo com o esporte, traço comum daqueles que se profissionalizaram no futebol. Em todas as famílias analisadas, desde muito pequenos, esses jovens foram socializados em espaços esportivos tais como clubes e escolinhas de futebol. Além disso, em todas as famílias os jovens atletas conviveram com parentes que possuíam estreita relação

com o campo futebolístico, seja por terem sido atletas ou por possuírem uma extensa rede de sociabilidades com atletas desse campo social.

O papel das famílias na socialização dos jovens nesse sistema de valores e comportamentos relacionados ao futebol possui um efeito parecido com aquele que a sociologia da educação já havia demonstrado na relação entre famílias *educógenas* e desenvolvimento escolar da prole. Nas famílias dos jovens atletas, assim como nas famílias *educógenas*, os investimentos realizados pelos familiares sobre os jovens desde pequenos e o conjunto de valores e ações nos quais foram socializados se constituem como mapa que orientarão os indivíduos na percepção dos seus caminhos. Desse modo, a tese permite concluir que a família é fundamental na formação de determinado *habitus* e conjunto de crenças que permitem aos jovens observar o seu campo de possibilidades. Tal olhar formado nesses processos de socialização permite ao jovem atleta perceber o futebol algo valorizado e tangível e no qual vale a pena investir.

As apropriações feitas sobre a teoria bourdiesiana foram o ponto de partida para compreender como as estruturas sociais são transmitidas e em alguns casos reproduzidas aos indivíduos por meio dos membros da sua família, num movimento de manutenção da tradição familiar. No entanto, o trabalho também procurou avançar nos escritos bourdiesianos, ao reconceituar algumas de suas idéias e caminhar próximo das observações anteriormente realizadas por Bernard Lahire (2004) ao estudar o sucesso escolar nas classes populares. Assim como nos estudos de Lahire (2004), nessa tese compreendemos que a força das tradições, dos condicionantes de classe e das estruturas vigentes desempenham papel importante na construção dos projetos e das ações sociais dos indivíduos. Contudo, nesse processo há sempre uma porção de imprevisibilidade e uma dinâmica das relações individuais que podem acabar por explicar as razões pelas quais determinados indivíduos seguiram por um caminho, quando todas as estruturas no qual ele estava inserido pareciam apontar para outra. Nesse caso, as estruturas são condicionantes da ação, e não grilhões para formação dos projetos individuais.

No desenvolvimento do projeto futebolístico dos jovens atletas também podemos concluir que a família desempenha um papel fundamental na organização das estratégias e das ações para conciliação da dupla carreira. Diante de um cenário de ausência de políticas públicas de conciliação entre o esporte e a escola e da situação de subinclusão legal dos atletas nos textos legais, acerca da proteção do jovem trabalhador, as famílias precisavam dentro de suas ações de foro privado estabelecer seus mecanismos para conciliação entre essas duas atividades.



Os resultados obtidos pela tese permitem concluir que, nesse ponto, as famílias agregam o máximo de parentes possíveis em torno do projeto futebolístico do atleta com a intenção de dar o suporte logístico e financeiro necessário para o desenvolvimento da profissionalização, num cenário no qual dificilmente podem contar com as instituições públicas para essa conciliação. Dessa forma, em torno do projeto do jovem atleta, acaba por se estruturar um projeto futebolístico familiar orientado para dar todo o suporte necessário à profissionalização do atleta. É preciso afirmar que o projeto futebolístico familiar, invariavelmente, nasce de um projeto futebolístico individual que pode ter origem a partir dos desejos do filho atleta ou de outros indivíduos dentro da família tais como pais, irmãos, tios, entre outros.

No decorrer da pesquisa concluímos que a estruturação desses projetos futebolísticos dos jovens atletas e das suas famílias não significava de forma alguma a inexistência de outros projetos subjacentes levados a cabo pelas famílias de forma paralela ao projeto futebolístico. Nesse caso, podemos verificar que o projeto de escolarização não foi extinto no interior dessas famílias, mas sim secundarizado frente ao projeto futebolístico. O foco na carreira voltado para a profissionalização no futebol não eliminou a ideia de que o estudo também pode fluir como uma oportunidade de profissionalização. Dessa forma, apesar do projeto futebolístico se constituir como o objetivo prioritário, logo possuidor de maiores investimentos, ainda sim percebemos alguns investimentos sendo feitos por essas famílias na escola.

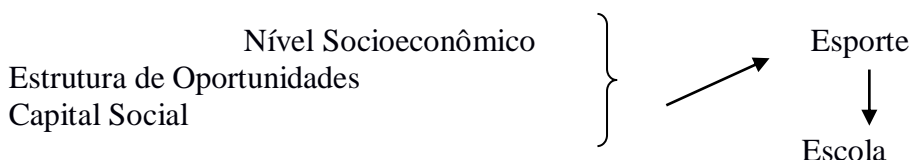
A existência dessa hierarquização dos projetos, como a prevalência do futebolístico sobre o escolar pode ser atribuído a um conjunto de fatores identificados nessa pesquisa como variáveis independentes que afetam diretamente a forma como os indivíduos enxergam a estrutura de oportunidades e, conseqüentemente, influenciam a maneira como resolvem investir no futebol ou na escola. Concluímos que o nível socioeconômico das famílias, a formação de um *habitus* futebolístico e a existência de uma determinada rede social (capital social) se constitui como fatores centrais para que os jovens atletas e os membros de suas famílias construam uma crença sobre os campos de possibilidades postos a eles no futebol e na escola.

A percepção desses campos de possibilidades por parte dos indivíduos surgiu na pesquisa como condição essencial para que eles realizassem escolhas prioritárias principalmente no futebol e não na escola. Os resultados da tese nos fazem pactuar com as conclusões feitas por Rocha (2017), ao evidenciar que os investimentos realizados no futebol não são os motivos principais para a secundarização da escola e o desinvestimento nessa. Assim como Rocha (2017), concluímos nessa tese que a inserção no futebol e as exigências

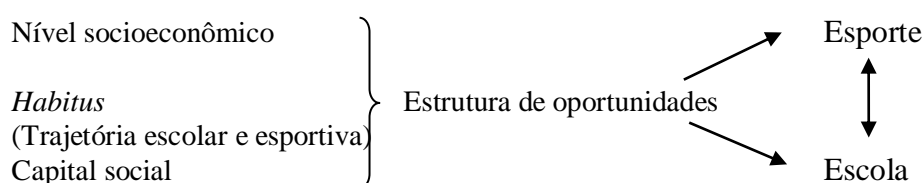
que as categorias de base requisitam podem influenciar na conciliação com as atividades escolares e numa possível secundarização da escola. Contudo, não podemos estabelecer uma relação causal entre a entrada e a dedicação do jovem ao futebol e o seu desinvestimento na escola. A pesquisa mostrou que as variáveis independentes, anteriormente citadas, constituem-se como as principais razões não somente do processo de secundarização da escola, como também de superinvestimento no futebol. Dessa forma, estamos diante de uma sistema de crenças e visões de mundo que levam os jovens e suas famílias a aceitarem as exigências do futebol, em detrimento daquelas escolares.

Os resultados da tese propõem também uma reflexão sobre o desenho teórico elaborado por Rocha (2017) ao tentar compreender os processos de investimento no esporte e na escola. A partir dos dados da presente tese podemos verificar que a estrutura de oportunidades não se constitui como uma variável independente na formulação dos projetos, como propôs (Rocha, 2017). A estrutura de oportunidades é na verdade, uma segunda camada de variáveis que influencia o futebol e a escola, mas é influenciada pelo nível socioeconômico, pelo *habitus* e pelo capital social. Por isso, é proposto que o desenho teórico seja repensado do modelo original criado pelo autor, para aquele idealizado nessa tese.

#### Ilustração 9. Modelo Rocha (2017)



#### Ilustração 10. Modelo proposto nessa tese.



A alteração proposta para futuros estudos realizados pelo Labec e para outras pesquisas sobre a dupla carreira reside na percepção de que as estruturas de oportunidades, também pensadas como campo de possibilidades se organizam, principalmente, a partir de fatores subjetivos influenciados pela memória, pela crença e pela trajetória pregressa dos indivíduos. Desse modo, a estrutura de oportunidades, que orienta os projetos futebolísticos, se

desenvolve a partir das influências do *habitus*, do capital social e do nível socioeconômico e não independentemente deles.

Ao analisar as variáveis independentes, desconstruímos uma das hipóteses dessa tese que defendia que a posição das famílias em determinada classe social influenciaria decisivamente suas ações e estratégias sobre a profissionalização no esporte e a escolarização. Supúnhamos que as famílias situadas nas classes D e C2 (classes populares) tivessem maiores predisposições a investir no futebol em detrimento da escola do que quando analisadas comparativamente com as classes A, B e C2. Essa concepção partia do princípio de que as classes mais altas por terem mais oportunidades em outras formas de profissionalização, inclusive na escola, não dedicariam tanto esforço, recursos e tempo no futebol. No entanto, os dados sugerem que na situação do estudo de caso das famílias, a variável nível socioeconômico não estabeleceu grandes diferenças de comportamento entre as famílias no tocante ao desenvolvimento do projeto futebolístico familiar. Todavia, sabemos que estamos diante de um estudo que não pode ser generalizado em função de seu desenho, mas levanta questões que poderão ser testadas em estudos futuros que trate esse tema.

Em todas as famílias, independentemente do nível socioeconômico, havia um forte investimento no projeto futebolístico e uma secundarização do projeto de escolarização. Nesse caso, o nível socioeconômico parece influenciar pouco a maneira como as famílias e os jovens atletas observam a sua estrutura de oportunidades, principalmente no futebol. No tocante a escola, as famílias de nível socioeconômico mais baixo tenderam a considerar os custos requeridos pela escola mais altos e os prêmios advindos dela como mais incertos e demorados, como explicitam a família Moreira e Guimarães. Nas famílias com nível socioeconômico mais alto, as desconfianças com a escolarização, apesar de continuarem existindo, diminuem sensivelmente. Esse cenário poderia nos indicar uma maior mobilização dessas famílias com NSE mais alto em benefício da escola, mas não foi isso que verificamos nos casos estudados, pois, em todas as famílias observamos ações e estratégias dentro do projeto familiar que tendiam a flexibilizar as rotinas escolares dos filhos em benefício do projeto esportivo.

Ainda sobre a questão do nível socioeconômico das famílias, os resultados da pesquisa permitiram observar que a maioria das famílias analisadas se insere entre as classes B2 e C2, ou seja, dentro das chamadas classes médias. Assim como essa tese, a pesquisa realizada por Rocha (2017) dentro do mesmo clube e do mesmo período encontrou numa amostra de 60 famílias uma situação semelhante, no qual 76% das famílias se inseriam entre as classes B2 e C2, ou seja, também entre as classes médias. Esses dados produzidos pelas duas pesquisas nos

permitem relativizar a concepção amplamente difundida de que famílias de atletas do futebol são provenientes principalmente das classes populares. Deixamos claro que essa relativização é necessária, pois, tanto nessa tese, quanto naquela realizada por Rocha (2017) mais de 75% das famílias se inseriam nas classes médias. Diante disso, podemos concluir atualmente o futebol parece se constituir como uma atividade desenvolvida e incentivada primordialmente entre as classes médias, especificamente nos seus estratos mais baixos (classes C2 e C1).

Apesar do mencionado papel do NSE nos projetos futebolísticos, as estruturas de oportunidades enxergadas pelos jovens atletas e suas famílias, como sendo mais facilitadas no âmbito da profissionalização do futebol, estão relacionados em grande parte pela forma como se estruturam as redes de sociabilidade. As famílias ao estabelecerem contatos com várias pessoas e expandirem suas redes sociais entre diversos indivíduos do campo futebolístico, claramente fortalecem sua crença na abertura de possibilidades de profissionalização, principalmente, por considerarem ter trânsito facilitado entre vários clubes de futebol. O fortalecimento dessa crença reforça os investimentos no futebol ao mesmo tempo em que cria um desinvestimento na escola.

Podemos concluir que as questões relacionadas à rede social possuem importância para além da acumulação de capital social dentro do campo. Se estudos dentro da sociologia/antropologia do esporte sobre a profissionalização no futebol, entre eles o trabalho de Damo (2007), afirmam que a posse dos capitais futebolísticos é o elemento balizador para a entrada e permanência dos jovens nos centros de formação, as análises realizadas nessa tese, evidenciam que obviamente os capitais futebolísticos são, embora fundamentais, um dos fatores. Para além disso, deveremos investir mais teórica e empiricamente nessa noção de capitais futebolísticos. Contudo, a constituição de uma boa rede social é aquilo que efetivamente permite ao jovem atleta e a sua família não só adentrarem a formação de base como também continuarem inseridos nela. Nesse caso, a figura do empresário enquanto um gerente da carreira do atleta (mediador do campo) se caracterizava como uma importante ponte dentro da rede social familiar, pois, ele aumenta as chances de trânsito desses atletas em outros clubes de futebol e no contato com outros indivíduos dentro do campo futebolístico.

Ao observar a trajetória dessas famílias e o seu cotidiano, podemos concluir que as suas rotinas e seus investimentos apontam claramente para a estruturação de um projeto futebolístico familiar. O desenvolvimento desse projeto futebolístico familiar torna o jovem atleta o elemento central dentro da família, sob o qual todas as ações são prioritariamente dirigidas a ele. Na pesquisa, os engajamentos familiares em torno do atleta puderam ser vistos com a transferência de residência, com a desvinculação de empregos, com as trocas de

expediente no trabalho, com o direcionamento de recursos financeiros para o atleta, entre outras ações.

A existência desse conjunto de estratégias do dia-a-dia familiar que giram em torno do jovem esportista, nos permitiu identificar que nessas famílias futebolísticas, se desenvolve uma proeminência do filho atleta frente a todos os outros indivíduos dentro da família. A proeminência do filho atleta dentro da família aumenta numa forte correlação com a crença da família sobre a concretização do projeto, ou seja, quanto mais acham possível a profissionalização do filho atleta, mais tendem centralizar as ações familiares em torno dele.

O surgimento do projeto familiar em torno do futebol acaba por criar novas configurações dentro da família e altera as relações de poder existentes dentro dessa instituição social. Paulatinamente o jovem atleta vai ganhando centralidade e seus familiares engajados no projeto começam a gravitar em torno dele para atender as suas necessidades cotidianas para manutenção no esporte de alto rendimento, ou também porque passam a depender economicamente dos lucros auferidos por ele na prática esportiva.

Na estruturação das relações de força dentro da família, esse jovem tem prioridade em função do capital simbólico associado as possibilidades de sucesso com profissionalização no futebol. De certa maneira, o jovem atleta é visto por diversos de seus membros familiares como a possibilidade e o instrumento para obterem ascensão social, prestígio e realizações. Essas diferenças dentro das famílias podem ser verificadas principalmente na relação entre as frátrias.

Nas famílias analisadas podemos concluir que existem diferenças marcantes de tratamentos dados pelos familiares ao filho atleta quando comparado com o filho não-atleta. Como o projeto familiar é eminentemente futebolístico e, conseqüentemente, focalizado no filho atleta, pois, uma parte significativa dos recursos financeiros e do tempo livre são direcionados prioritariamente para os filhos atletas em detrimento dos filhos não atletas. Isso quer dizer que dentro de casa, os irmãos encaram rotinas diferentes, recebem bens materiais diferentes, são cobrados por resultados escolares de forma diferente.

Nesse cenário, foi possível verificar que os irmãos, muitas vezes de forma velada, estabelecem entre si disputas e conflitos no interior do projeto de familiar futebolístico, motivados por esses tratamentos diferenciados. Na pesquisa pode-se verificar que a existência, bem como os impactos desses tratamentos diferenciados sobre os filhos é maior quando as distâncias etárias na fratria são menores. Daí percebe-se que mesmo diante de momentos que deveriam ser de semelhantes investimentos, a socialização dos dois filhos ocorre de maneira diferenciada.

Esses resultados vão ao encontro dos estudos de Powell e Steelman (1993); Kidwell (1981); Black, Devereux e Salvanes (2004); Glória (2005) e Romanelli (2003) que argumentam sobre a constituição dentro da família de sentimentos, perspectivas e tratamentos diferenciados entre os filhos. Essa pesquisa também confirmou esse tratamento diferenciado no interior das frâtrias. No entanto, os resultados dessa pesquisa nos permitiram olhar de outra forma sobre o debate acerca do papel constitutivo das frâtrias e sua relação com os tratamentos dados entre os filhos. Os estudos mencionados anteriormente imputavam à posição do filho dentro da frâtria um papel destacado no campo de possibilidades, no conjunto de estratégias e no direcionamento das ações dadas pela família a um filho diferentemente do outro. Nesse ponto, os estudos não estabelecem um consenso, dado que alguns apontam a condição de caçula como sendo uma vantagem dentro da frâtria enquanto outros defendem que essa condição se estabelece pela primogenitura.

Nessa pesquisa concluímos que as ações de privilégio sobre um filho em detrimento dos outros como pôde ser visto, não são provenientes primeiramente pelo posicionamento dele na frâtria, mas sim da atividade que exerce no futebol. A ordem dentro frâtria é na verdade um elemento secundário que serve, no caso do filho futebolista, para alargar ou estreitar seu campo de possibilidades na busca pela carreira de futebol. A pesquisa também permitiu identificar que independentemente da posição do filho dentro da frâtria, primogênito ou caçula, em todas as famílias analisadas existe a proeminência do filho atleta frente os outros membros da família.

Desse modo, propomos que as análises sobre os engajamentos e direcionamentos familiares feitos sobre os filhos dentro das famílias, tenham como fio condutor principalmente a identificação das estruturas de oportunidades enxergadas pelas famílias sobre cada filho e a compreensão sobre os projetos familiares que são estruturados em seu interior. Esses elementos parecem dar um suporte explicativo mais sólido sobre diferenças entre as frâtrias do que a análise, principalmente, focalizada na posição dos filhos.

No caso dessa pesquisa, as estruturas de oportunidades vistas pelas famílias no futebol e a estruturação do projeto futebolístico verificou-se o crescimento da importância dos filhos atletas através de uma série de comportamentos, estratégias, doações e sacrifícios feitos pelos demais membros da família. Essas ações de superinvestimento no esporte, em muitos casos, acabaram por influenciar diretamente nos destinos e nos recursos oferecidos aos filhos não-atletas, na medida em que os investimentos realizados dentro da família dialogavam entre si numa estrutura dinâmica.

As ações familiares empreendidas sobre os filhos não-atletas estavam atreladas as decisões tomadas sobre as necessidades do filho atletas. Isso foi visto na família Almeida através da transferência de escola do filho não-atleta em decorrência da necessidade familiar de possuir mais tempo para acompanhar os treinos do filho atleta. Também pode ser verificado na suspensão de recursos financeiros para custear o pré-vestibular do filho não-atleta da família Torres, diante da redução dos rendimentos familiares causados pelo projeto futebolístico.

Na tese foi perceptível que as famílias ao realizarem investimentos diferenciados entre os filhos, o fazem tendo como orientação suas percepções sobre os campos de possibilidades criados sobre seus filhos. Em todos os núcleos analisados, os filhos atletas e não-atletas estão regularmente matriculados na escola, mas orientados por campos de possibilidades diferenciados, os pais exigem dos filhos resultados escolares diferenciados e constroem rotinas para eles relações diferentes com a escola.

No caso dos filhos não-atletas, em quase todas as famílias, os pais possuíam sobre eles um acompanhamento mais pormenorizado tanto em casa, quanto na escola. Não abriam mão de cobrar notas acima da média, iam com mais frequência a escola e procuravam dedicar algum tempo à conferência dos deveres de casa, em caso de insucesso, resultados abaixo da média, os castigavam.

Para os filhos não-atletas, a escolarização apesar dos seus problemas e incertezas era visto pelos pais como o principal campo de possibilidades desses filhos, logo aquele de veria ser incentivado e cobrado deles. Observando a estrutura de oportunidades dos filhos não-atletas, o caminho rumo à uma profissionalização futura possuía na escola um caminho possível.<sup>404</sup>

No caso dos filhos atletas, a inserção num centro de formação e o sucesso experimentado por eles na sua trajetória, até aquele momento, criavam na família a noção de que havia outros caminhos para a profissionalização do filho que não necessariamente passavam pela escola. As estruturas de oportunidades observadas pelas famílias davam conta de que os campos de possibilidades construídos dentro do futebol se apresentavam como mais alargados do que aqueles vistos na escola. Contribuía para essa situação um movimento dinâmico e, constantemente, ressignificado pela trajetória escolar e esportiva desses jovens.

Todas as famílias analisadas caracterizavam-se por um percurso esportivo pontuado por prêmios, destaques, progressões nas categorias e, conseqüentemente, um sucesso até o

---

<sup>404</sup> Somente na família Guimarães a escolarização não era vista pelos pais como um caminho para profissionalização futura, pois o filho já trabalhava antes mesmo de terminar a escola.

momento da pesquisa. Além disso, possuíam um considerável capital social no campo futebolístico devido suas redes de sociabilidade.

Com relação à escola, alguns jovens atletas tinham importantes referências de sucessos pelas vias escolares, pois, dentro de suas famílias existiam consideráveis casos positivos com a escolarização. Desse modo, eles eram incentivados pelas famílias a prosseguirem no seu desenvolvimento escolar. Os exemplos positivos incentivavam os jovens atletas e os membros da família a manter o projeto escolar vivo, no entanto, numa posição secundarizada. Para esses indivíduos o projeto escolar ganha conotações instrumentalizadas e florescem a partir das ideias de que alguns conhecimentos escolares podem se transformar em atributos vantajosos para a realização da prática esportiva ou para uma reconversão após o encerramento de uma possível carreira futebolística.

O projeto escolar passava a ser visto como um apoio necessário para maximizar as oportunidades encontradas no futebol. Não pensavam no fracasso esportivo, mas entendiam que, ao investir na conclusão do Ensino Médio, futuramente, eles poderiam continuar explorando as vias educacionais até o nível superior, fosse por conta do fracasso na carreira de jogador de futebol, fosse pela aposentadoria no esporte.

O projeto de escolarização poderia ficar em segundo plano, porém alguns deles apontavam o ensino superior como um objetivo, independentemente do contexto em que saíssem do futebol. O investimento no ensino superior fazia parte de um objetivo instrumental dessa carreira: os atletas comentaram o desejo de buscar carreiras que não os afastassem do mercado do futebol. Educação Física e Administração foram cursos mencionados pelos jovens atletas e ambos seriam necessários, segundo eles, para que não abandonassem o esporte, mesmo após a conclusão da carreira futebolista.

Através das narrativas das familiares, construídas na interação com o pesquisadores com o trabalho de campo deste, podemos concluir que o processo de escolarização para os atletas pode ser, de certa forma, postergado. A obtenção de diplomas não impõe um limite etário tal como a profissionalização no futebol obriga uma trajetória estreitamente vinculada ao desenvolvimento corporal correlacionado com a faixa etária. Essa temporalidade não pode ser postergada. Eles compreendem que o tempo escolar permite ser mais elástico, nos quais é possível interromper ou adiar a posse dos certificados acadêmicos. É preciso investir tudo até um determinado momento, visto que após esse período considerado ideal para profissionalização, as chances de obtenção de sucesso no esporte caem drasticamente. A única coisa que podemos afirmar é que esse desejo de uma maior escolarização, bem como seu adiamento, depende da crença de sucesso na profissionalização no esporte.



\*\*\*

A tese realizada buscou analisar a dupla carreira no futebol e na escola através de outro prisma ainda pouco trabalhado nos estudos acadêmicos sobre a formação esportiva, no caso a participação das famílias na construção dos projetos futebolísticos e a conciliação dessa dupla carreira.

Toda pesquisa tem seus limites e esta não poderia ser diferente. Por ser tratar de um conjunto de estudo de casos, suas limitações do ponto de vista representativo de um universo maior de atletas é latente. Por isso, não podemos concluir que os resultados encontrados nessa tese possam ser aplicados integralmente para todos os outros casos de atletas inseridos nos centros de formação de base do futebol. Creio, porém, que essa iniciativa abriu precedentes para novos estudos nessa área, pois, identificamos muitos caminhos que ainda podem ser explorados e complementados por outros estudos sobre o mesmo assunto.

A partir da compreensão da importância das famílias no processo de elaboração e estruturação dos projetos individuais dos jovens atletas tornam-se imperativas alterações nos futuros *surveys* com atletas a fim de adicionarmos mais questões que possam auxiliar na compreensão do papel das famílias dentro da formulação dos projetos. Essas mudanças podem nos trazer novos elementos para problematizarmos e buscarmos mais respostas sobre a conciliação da dupla carreira no Brasil e, quem sabe, em outros contextos.

A tese tomou como objeto de pesquisa, exclusivamente atletas e famílias inseridas no futebol. Como sabemos através de outras pesquisas realizadas por Rocha (2012), Correia (2014), Romão (2017), Costa (2012), Melo (2010), a realidade de profissionalização de outras modalidades possuem um conjunto de características muito próprias que acabam influenciando decisivamente os campos de possibilidades dos indivíduos. Com isso, seria interessante o desenvolvimento de outros estudos de natureza semelhante ao realizado nessa pesquisa com outras modalidades. Além disso, também seria útil o desenvolvimento de comparações entre o papel das famílias no projeto familiar de acordo com a modalidade, a fim de construir um modelo comparativo.

Por fim torna-se necessário refletir melhor sobre o conceito de dupla carreira. No momento da pesquisa ele significou uma importante ferramenta conceitual para dialogar com a literatura internacional e um conjunto de estudos já consolidados sobre a problemática da conciliação entre o esporte e a escolarização. Contudo, cabe ao campo da sociologia do esporte no Brasil e ao Labec, em específico, uma reflexão sobre o conceito com a intenção de refiná-lo e adequá-lo melhor ao contexto situacional brasileiro, na medida em que existem diferenças, principalmente legislativas, na forma como os atletas são vistos na Europa – origem do conceito – e no Brasil.

## Referências:

---

- ALVES, M. T. G. ; SOARES, J. F. *Medidas de nível socioeconômico em pesquisas sociais: uma aplicação aos dados de uma pesquisa educacional*. Opin. Pública [online]. 2009, vol.15, n.1 [cited 2017-09-15], pp.1-30.
- ALVITO, M. *A parte que te cabe neste latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização*, IN: Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, v. 41,2006. p.451-474,
- ALVITO, M. *A Rainha de chuteiras*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014.
- ANDRADE, A. S. *Condições de vida, potencial cognitivo e escola: um estudo etnográfico sobre alunos repetentes da 1ª série do 1º grau*. 1986. Doutorado (Tese de Doutorado)-Programação de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.
- ARCHETTI, E. *Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Masculinities: football, Pólo and Tango in Argentina*. Oxford: Berg Editorial, 1999
- CORREIA, C. A. J. *Entre a Profissionalização e a Escolarização: Projetos e Campo de Possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- ARIÈS, P. *História Social da Família e da Criança*. Rio de Janeiro: Zahar,1981.
- BALL, S. *Mercados Educacionais, escolha e classe social: o mercado como uma estratégia de classe*. Pedagogia da Exclusão: o neoliberalismo e a crise da escola pública. Pablo Gentili (org). Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- BALL, S., GEWIRTZ, S., BOWE, R. *Markets, choice and equity in education*. Buckingham/Philadelphia: Open University Press, 1995.
- BALLION, R. *Les consommateurs d'école*. Paris: Stock, 1982
- BAUDELLOT, C, ESTABLET, R. *L'École capitaliste en France*. Paris: Maspéro, 1975.
- BARRETO, P. H. G. *Flexibilização escolar a atletas em formação alojados em centros de treinamento no futebol: um estudo na toca da raposa e na cidade do galo*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Mestrado do Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2012.
- BARROS, R. *et al. Determinantes da queda na desigualdade de renda no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2010.

BARTHOLO, et al. *Formando jogadores de futebol: o impacto do tempo de treinamento na formação escolar de jovens espanhóis e brasileiros*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17., 2011, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre, 2011

BECKER, H. *Tricks of the trade Chicago*: The University of Chicago Press, 1998.

BELLUZZO, L. G. M. *O declínio de Bretton Woods e a emergência dos mercados 'globalizados'*, In: Revista Economia e Sociedade, n. 4, IE/Unicamp, 1995

BLACK, S. E.; DEVEREUX, P. J.; SALVANES, Kjell G. *The more the merrier? The effect of family composition on children's education*. National Bureau of Economic Research, Aug. 2004. p. 1-48.

BOTT, E. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*; tradução Fernando Tomáz- 6ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1983.

\_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. *Razões práticas sobre a teoria da ação*; tradução: Mariza Corrêa – 11ªed. São Paulo: Papirus, 2011.

\_\_\_\_\_. *A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura*. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). *Escritos de educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 39-65

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. *A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

\_\_\_\_\_. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

\_\_\_\_\_. *Espaço social e poder simbólico*. In: BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004a, p. 149-168.

\_\_\_\_\_. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990

\_\_\_\_\_. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURKE, A. *The dream of being a professional soccer player: insights on career development options of young irish player*. Journal of Sport and Social Issues. v. 27, n. 4, nov. 2003. p. 399-419.

BRANDÃO, Z.; LELIS, I. *Elites acadêmicas e escolarização dos filhos*. Rio de Janeiro: SOCED/PUC-Rio, 2003.

BRASIL. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 07 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)>. Acesso em: 04 ago. 2011.

\_\_\_\_\_. DECRETO-LEI Nº 5.452, DE 1º DE MAIO DE 1943 – Consolidação das Leis do Trabalho. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5452-1-maio-1943-415500-norma-pe.html>>. Acesso em: 01 mar. 2012.

\_\_\_\_\_. Lei Pelé – LP, Lei nº 9.615 de 24 de março de 1998. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm). Acesso em: 07 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.395 de 16 de março de 2011. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/112395.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112395.htm)>. Acesso em: 07 out. 2016.

BRUSCHINI, C. *Mulher, casa e família*. São Paulo: Vértice, Fundação Carlos Chagas. 1990.

CALDEIRA, Oswaldo; Avellar, José Carlos; Vieira, José Luiz. Filme Passe Livre [Filme-Vídeo]. Produção de Oswaldo Caldeira e direção de Oswaldo Caldeira, José Carlos Avellar e José Luiz Vieira. Rio de Janeiro, Federação de Cine Clubes do Brasil, 1974. 1 cassete VHS/NTSC, 95 min.

CAMARGO, A. “*História Oral e Política*” In: MORAES, Marieta de Moraes (orgs), *Entre-Vidas: Abordagens e Usos da História Oral*, Rio de Janeiro, FGV, 22-31, 1994.

CAMPOS, N. M. A. S. A. O Insucesso Escolar: um estudo sobre as condições e concepções existentes nas instituições família e escola. Dissertação de Mestrado, Universidade de Campinas, Campinas, 1995.

CAPRANICA, L.; MILLARD STAFFORD, M.L. *Youth sport specialization: how to manage competition and training?* International Journal of Sports Physiology and Performance, 6(4), 2011. p. 572-579.

CARODINE, K.; ALMOND, K. F.; GRATTO, K. K. *College student athlete success both in and out of the classroom*. New Directions for Student Services, v. 93, 2001. p. 19-33.

CARVALHO, M. E. de. *Relações entre Família e Escola e suas Implicações de Gênero*. Cadernos de Pesquisa, n. 110, jul. 2000. p. 143-155

CARRANO, P. C. R.; MARINHO, A. C.; OLIVEIRA, V. N. M. *Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio*. Educ. Pesq., São Paulo, v. 41, n. spe, dez, 2015. p. 1439-1454.

CASTRO, J. A. *Situação educacional brasileira: alguns resultados da PNAD-2007*. Brasília, DF: IPEA, 2009.

CBF – Confederação Brasileira de Futebol. Resolução da Presidência nº 1. 2012. Disponível em: <<http://cdn.cbf.com.br/content/201210/520841145.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Raio X do futebol: clubes de futebol do Brasil. 2016. Disponível em: <[http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores#.V\\_giVSS1PIV](http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores#.V_giVSS1PIV)>. Acesso em: 07 out. 2016.

CELADE-CEPAL. *Juventud, población y desarrollo: problemas, posibilidades, y desafíos*. Santiago, 2000.

CHARLOT, B. *Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia*. Trad. Neide Luzia de Rezende, Cadernos de Pesquisa, São Paulo, maio, 1996. p. 47-63

CHRISTENSEN, K. M; SORENSEN, K, J. *Sport or school? Dreams and dilemmas for talented Young Danish football players*. European Physical Education Review, v.15, n 23. 2009. p.115–133.

COORDINFÂNCIA – Coordenadoria Nacional de Combate à Exploração do Trabalho de Crianças e Adolescentes. Relatório de Atividades: exercício de 2010. Ministério Público do Trabalho. 2010. Disponível em: <<http://www.pgt.mpt.gov.br/portalthtransparencia/download.php?tabela=PDF&IDDOCUMENTO=982>>. Acesso em: 07 out. 2016.

CORROCHANO, M. C.; NAKANO, M. *Jovens, mundo do trabalho e escola*. Juventude e Escolarização (1980-1998), Brasília, v. 7, 2002, p. 95-122

CORREIA, C. A. J. *Entre a Profissionalização e a Escolarização: Projetos e Campo de Possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

\_\_\_\_\_. *Disputas em campo: políticas públicas na relação entre futebol e educação e seus impactos sobre jovens atletas*. 2012. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em CESPEB) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

COSTA, F.R. da. *A escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens atletas mulheres no futsal de Santa Catarina*. 2012. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2012.

COSTA, M. da; KOSLINSKI, M. C. *Quase-mercado oculto: disputa por escolas "comuns" no Rio de Janeiro*. Cadernos de Pesquisa. [online], vol.41, n.142,2011. p. 246-266

CURY, C.R.J. *Sistema Nacional de Educação: Desafio para uma educação igualitária e federativa*. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 29, n. 105, set./dez. 2008. , p. 1187-1209.

DA CONCEIÇÃO, D. M. *Estudante-atleta: caminhos e descaminhos no futebol – entre o vestiário e o banco escolar*. 2014. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

DA MATTA, R. *A Casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985. 140 p.

DAMATTA, R.. *Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol*. Revista USP. São Paulo, v.22, p.10-17, 1994.

DA MATTA, R.. *Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro*. In: DA MATTA, R. *et al.* Universo do Futebol: esporte e sociedade Brasileira. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982,

DAMO, A.S. Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir de formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 434 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

DAMO, A. S.. *Do Dom a Profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo e Rothschild Editora, Anpocs, 2007.

DAMO, A.S . Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2002.

DAVIES, N. *O FUNDEF e o Orçamento da Educação: Desvendando a Caixa Preta*. São Paulo: Cortez, 1999.

De KNOP, P., WYLLEMAN, P., Van HOECKE, J.; BOLLAERT, L. *Sports management - A European approach to the management of the combination of academics and elite-level sport*. In S. Bailey (Ed.), *Perspectives - The interdisciplinary series of physical education and sport science*, Vol 1 School sport and Competition (pp. 49-62). Oxford: Meyer and Meyer Sport, 1999.

DESPLANQUES, G. *La chance d'être aîné. Economie et Statistique*, INSEE, 137, 1981, p. 53-56,

DONZELOT, Jacques. *A Polícia das Famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

DOS SANTOS, P.B., *et al.* *Fatores geradores de estresse para atletas da categoria de base do futebol de campo*. Motriz. 2012; 18(2): 208-217.

DUBAR, C. *A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBET, F. M. À. *L'école - sociologie de l'expérience scolaire*. Paris: Seuil, 1996

EPIPHANIO, E. H. Conflitos vivenciados por atletas quanto à manutenção da prática esportiva de alto rendimento. Revista Estudos de Psicologia, Campinas, v. 19, n. 21, 2002. p. 15-22.

ELIAS. N. *A sociedade dos indivíduos*. Tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1994.

ELSTER, J. *Peças e engrenagens das ciências sociais*/Jon Elster; tradução de Antônio Trânsito; revisão técnica de Plínio A. S. Dentzien. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_. *Ulisses Liberto: estudos sobre racionalidade, pré-compromisso e restrições*/Jon Elster; tradução de Cláudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

EMRICH, E., FROHLICH, M., KLEIN, M., & PITSCH, W. *Evaluation of the elite schools of sport – Empirical findings from an individual and collective point of view*. *International Review for the Sociology of Sport* nº44, 2009.p. 151–171

ESTABLET, R. *L'école est-elle rentable?* Paris: PUF, 1987.

ESTEVEVES, J. P. *A ética da comunicação e os media modernos: legitimidade e poder nas sociedades complexas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

EU Guidelines on Dual Careers of Athletes Recommended Policy Actions in Support of Dual Careers in High-Performance Sport, 2012 Disponível em: <<http://bookshop.europa.eu/en/eu-guidelines-on-dual-careers-of-athletes pbNC0213243/>>

FIALHO, F. B. *Mobilização escolar e excelência escolar: um estudo das práticas educativas de famílias das classes médias*. 2012. (apresentação de Trabalho/outra)

FIGUEIRA, S. *Uma nova família?* Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

FONSECA, C. *Concepções de famílias e práticas e práticas de intervenção: Uma contribuição antropológica*. In: *Saúde e Sociedade*. São Paulo, v 14, n 2, mai/ago, 2005. P. 50-59

\_\_\_\_\_. *Apresentação de família, reprodução e parentesco: algumas considerações*, Cadernos Pagu, Campinas, n29, 2007. p.9-35

FONSECA, M. M. *Educar herdeiros - práticas educativas da classe dominante lisboeta nas últimas décadas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

FORQUIN, Jean C., (org.). *Sociologia da Educação – dez anos de pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

FRANCO, C.; ORTIGÃO, M. I.; ALBERNAZ, A.; BONAMINO, A.; AGUIAR, G.; ALVES, F.; SATYRO, N. *Eficácia escolar em Brasil: investigando práticas y políticas escolares moderadoras de desigualdades educacionais*. In: SANTIAGO CUETO (Org.). *Educación y brechas de equidad en América Latina*. Santiago: Preal, 2006.

FREYRE, G. *Casagrande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1963.

GASTALDO, E. L. *A pátria na “imprensa de chuteiras”*: futebol, mídia e identidades brasileiras. In: GASTALDO, E. L. e GUEDES, S. L. (orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006. p. 87-102

GLOBO. *Brasil Movimenta apenas 2% do mercado mundial da bola em 2015*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/brasil-movimenta-apenas-2-do-mercado-da-bola-13026765>. Acesso em 10/06/2016.

GLUCKMAN, M.. *O Material Etnográfico na Antropologia Social Inglesa*. En: Zaluar, Alba (Org.) *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora.1980.

GLUCKMAN, M.. *Ethnographic data in British social anthropology*. The Sociological Review, 9 (1), 1961. P .5-17

GODARD, F. *La famille - affaire de générations*. Paris: PUF, 1992

GOLDBERG, A. D.; CHANDLER, T. *Sports counseling: Enhancing the development of the high school student-athlete*. Journal of Counseling & Development, v. 74, 1995. p. 39-44.

GOMES, H. S.. *Educação para a família: Uma proposta de trabalho preventivo*. Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, São Paulo, 4 (1),1994.p. 34-39

GONÇALVES, H. S., & Garcia, J. *Juventude e sistema de direitos no Brasil*. Psicologia: Ciência e Profissão, Porto Alegre, nº 27, 2007. p. 538-553.

GRANOVETTER, M. *The strength of weak ties*. In: American Journal of Sociology, University Chicago Press, Chicago, v. 78, Issue 6, 1973. p.1930-1938.

\_\_\_\_\_. *The strength of weak ties: a network theory revisited*. In: Sociological Theory. Ed. Randall Collins. San Francisco, Califórnia, série Jossey-Bass, v.1.1983. p. 2001-2233.

GUEDES, D. P. *Educação para a saúde mediante programas de Educação Física escolar*. Revista Motriz, São Paulo, v. 5, n. 1, 1999.

GUEDES, S.L. *Que povo brasileiro no campo de futebol?*. Revista Razón y Palabra, n.69, ano14, jul/ago/ set, s.p., 2009.

GUEDES, S. L. *Subúrbio: Celeiro de Craque?*. In: DAMATTA, Roberto (org). Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p 59-74

GUERREIRO, M. das D. ; ABRANTES, P. *Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada*. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo , v. 20, n. 58, jun. 2005. p. 157-175.

GUIDOTTI, F.; CORTIS, C.; CAPRANICA, L. *Dual Career of European Student-athletes: a systematic literaturereview*. Kinesiologia Slovenica, Ljubljana – Eslovênia, v. 21, n. 3, 2015. p. 5 -20.

GUIMARÃES, N. *Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil*. IN: Abramo, H. & Branco, P. (orgs.). Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

GUIMARÃES, N. A.. *Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil?* In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo M. Retratos da juventude brasileira. São Paulo: Instituto Cidadania; Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 149-174

HALBWACHS, M. *A Memória coletiva*. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.



HASENBALG, C. & Silva, N. do V. *Família, cor e acesso à escola no Brasil*. IN: C. Hasenbalg, N. do V. Silva, & M. Lima, (Orgs.), *Cor e estratificação social*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 1999. p. 126-147.

HAUSER, R. M.; WARREN, J. R. *Socioeconomic Index of Occupational Status: A Review, Update, and Critique*. In: Raftery, A. (ed.). *Sociological Methodology*, Cambridge: Blackwell. 1997, p. 177-298.

HELAL, R. *Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

HENRIKSEN, K., STAMBULOVA, N. B., & ROESSLER, K. K. *Holistic approach to athletic talent development environments: A successful sailing milieu*. *Psychology of Sport and Exercise* nº11, 2010. p. 212-222

HENRY, I. *Elite athletes and higher education: lifestyle, balance and the management of sporting and educational performance*. Bruxelles: International Olympic Committee. 2010.

HICKEY, C.; KELLY, P. *Preparing to not be a footballer: higher education and professional sport*. *Sport, Education and Society*, v. 13, n. 4, 2008. p. 477-494.

HOBBSAWM, E. J. *A Era dos Extremos, o breve século XX: 1914-1991*. 2. ed. Trad. Marcos Santa Rita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Trabalho Infantil: informações sobre trabalho infantil no Brasil, com base nas informações dos Censos Demográficos 2000 e 2010*. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/apps/trabalhoinfantil/outros/graficos.html>>. Acesso em: 07 out. 2016.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2016*. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>. Acesso em: 12 de outubro de 2017.

ILO. Versión de los Convenios núm. 138 y núm. 182 de la OIT sobre trabajo infantil destinada a los jóvenes. Jan. 2015. Disponível em: <[http://www.ilo.org/ipecc/Informationresources/WCMS\\_IPEC\\_PUB\\_26037/lang--es/index.htm](http://www.ilo.org/ipecc/Informationresources/WCMS_IPEC_PUB_26037/lang--es/index.htm)>. Acesso em: 07 out. 2016.

INSTITUTO AYRTON SENNA. *Por uma política de juventude para o Brasil*. São Paulo, 2002. Disponível em: Acesso em: 21. jan. 2016

ITAU. *Análise financeira dos clubes brasileiros na temporada 2014-2015 para balanço financeiro*. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/cassiozipa/anlise-dos-clubes-brasileiros-2016-ita-bba>. Acesso em 20/10/2016

JESUS, A. M. S. et. al. *Formação Profissional Desportiva*. Brasília, DF: ESMPU, 2013.

KIDWELL, J. S. *Number of siblings, sibling spacing, sex, and birth order: their effects on perceived parent-adolescent relationships*. *Journal of Marriage and the Family*, Menasha, v. 43, n. 2, May 1981. p. 315-332

KLEIN, L. C. Profissionalização e escolarização de jovens atletas de futsal em Santa Catarina. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2014.

KLEIN, L.; BASSANI, J. J. *Trabalho precoce, esporte e escola: aproximações e concorrências na formação de jovens atletas*. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 5., 2014a, Curitiba. Anais... Curitiba, 2014.

KLEIN, R.; FONTANIVE, N.S. Alguns indicadores educacionais de qualidade no Brasil de hoje. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, Fundação Seade, v. 23, n. 1, p. 19-28. 2009.

KRIEGER, N.; WILLIAMS, D. R. e MOSS, N. E. *Measuring Social Class in US Public Health Research: Concepts, Methodologies, and Guidelines*. Annual Review Public Health, n. 18, 1997. p. 341-378.

LAHIRE, B. *Sucesso Escolar nos Meios Populares: As razões do Improvável*, São Paulo: Ática. 2004.

LAREAU, A. *A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias negras e brancas*. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 46, dezembro, 2007. p.13-82.

LAURENS, J. P. *La dimension démographique: la réussite scolaire en milieu populaire*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1992.

LEVI-STRAUSS . C *A família*. In: Spiro, Melford et al., A família: origem e evolução. Porto Alegre, Editorial Villa Martha, 1980. p. 7-45. Texto publicado originalmente em: Shapiro, Harry L. (ed.) *Man, culture and society*. Oxford University Press, 1956. Edição brasileira: *Homem, cultura e sociedade*, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1966.

LEE, C. C. *An investigation of the athletic career expectations of high school students athletes*. The Personal & Guidance Journal, v. 61, n. 9, 1983. p. 544-547

LEE, V. E.; FRANCO, C.; ALBERNAZ, A. *Quality and equality in brazilian secondary schools: a multilevel cross-national school effects study*. International Review of Contemporary Sociology, 2007.

LEITE LOPES, J. S. *Esporte, emoção e conflito social*. In: Mana – Estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro, Museu Nacional-Relumê/Dumarú, v.1, n.1, 1995, p.141-63.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanesia*. São Paulo: Abril Cultural, 1976. 436 p.

MARGULIS, M.;URRESTI M. *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires, Biblos, 1998.

MARTELETO, L. J. *O papel do tamanho da família na escolaridade dos jovens*. Revista Brasileira de Estudos da População, 2 (9),2002.p159-177

MARTELETO, R. M. *Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação*. Revista de Ciência da Computação. 2010. p. 27-46

MARTELETO, L. J.; CARVALHAES, F.; HUBERT, C. *Desigualdades de oportunidades educacionais dos adolescentes no Brasil e no México*. Rev. bras. estud. popul., São Paulo, v. 29, n. 2, dez. 2012. 277-302

MATEOS, M., TORREGROSA, M. y Cruz, J. *Evaluation of a career assistance programme for elite athletes: satisfaction levels and exploration of career decision making and athletic-identity*. Kinesiologia Slovenica, nº16, 2010.p. 30-43.

MCGILLIVRAY, D; MCINTOSH, A. *Football is my life: Theorizing social practice in the scottish professional football field*. Sport in Society, Vol. 9, n.3, 2006. p. 371-387

MELO, L. B. S. *Formação e escolarização de jogadores de futebol do estado do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Rio de Janeiro, 2010.

MELO, L. B. S. de; SOARES, A. J. G.; ROCHA, H. P. A.. *Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro*. Rev. bras. educ. fís. esporte, São Paulo, v. 28, n. 4,dez. 2014. p. 617-628.

METSA-TOKILA, T. *Combining competitive sports and education: how top-level sport became part of the school system in the Soviet Union, Sweden and Finland*. European Physical Education Review, v. 8, n. 3, 2002, p. 196-206

MIRANDA, F. C. *Como se vive de Atletismo: um estudo sobre amadorismo e profissionalismo no esporte, com olhar para as configurações esportivas*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2007.

MONTANDON, C.. *L'articulation entre les familles et l'école: sens commun et regard sociologique*. IN: VINCENT, G., (Org.). *L'éducation prisonnière de la forme scolaire?* Lyon : PUL, 1994, p.149-171.

MONTANDON, C. & PERRENOUD P. *Entre Pais e Professores: um Diálogo Impossível?* Oeiras: Celta,2001.

MORAES, L. C. *Papel dos pais no desenvolvimento dos Jovens futebolistas*. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 17, n. 2, 2004. p. 211-222

MORTIMORE, P. *The use of performance indicators*. Paris: OCDE, 1991.

NAKANO, M.; ALMEIDA, E. *Reflexões acerca da busca de uma nova qualidade da educação: relações entre juventude, educação e trabalho*. In Educação e Sociedade: Revista de Ciência da Educação. Vol. 28. n. 100. Especial, 2007. Campinas: Cortez, 2007.

NERI, M. C. *O paradoxo da evasão e as motivações dos sem escola*. IN: VELOSO, F. et al (Orgs.). Educação básica no Brasil: construindo o país do futuro. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p. 25-50.

\_\_\_\_\_. (coord.). Tempo de Permanência na Escola. Rio de Janeiro: FVG/IBRE, CPS, 2009a. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cps/tpe/>>. Acesso em: 10 jun. 2011

NOGUEIRA, M. A. *Trajetórias escolares, estratégias culturais e classes sociais: notas em vista da construção do objeto de pesquisa*. Teoria e educação, Porto Alegre, n.3, 1991. p. 89-112

\_\_\_\_\_. *Famílias de camadas médias e a escola: bases preliminares para um objeto em construção*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n.2, jul-dez, 1995. p. 155-169

\_\_\_\_\_. *Classes Médias e a Escola: novas perspectivas de Análise*. Currículo sem fronteiras, v.10,n.1, jul, 2010. p. 213-231

\_\_\_\_\_. *Família e Escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.31, n.2,2006. p. 155-169

\_\_\_\_\_. *A Relação família-escola: novo objeto na sociologia da educação*. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto-SP, v. 8, n.14/15,1998. p.91-103

\_\_\_\_\_. *No fio da navalha – A (nova) classe média brasileira e sua opção pela escola particular*. Família & Escola: novas perspectivas de análise. Geraldo Romanelli, Maria Alice Nogueira, Nadir Zago (orgs). Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. *A sociologia da Educação de Pierre Bourdieu*. Educação e Sociedade, ano 23, 2002. p. 15-36

\_\_\_\_\_. *Bourdieu & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

OLIVEIRA, S. R. *Os sentidos do trabalho para os dentistas filiados à Uniodonto*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação)–Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

PAIXÃO, L. P. *O significado da escolarização para um grupo de catadoras de um lixão*. Cadernos de Pesquisa, n.124, 2003. p.141-170

PAOLI, P. B. *Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos*. 2007. Tese (Doutorado em Educação Física)-Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

PASTORE, J. & SILVA, N. V. *Mobilidade social no Brasil*. Rio de Janeiro, Top Books, 2000.

PEREGRINO, M. *Juventude, trabalho e escola: elementos para análise de uma posição social fecunda*. Cad. Cedes, Campinas, v. 31, n. 84, mai./ago. 2011. p. 275-291.

PEREIRA, C. R. R., & Piccinini, C. A. (2007). O impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar. *Estudos de Psicologia*, 24(3), 385-395.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2014 / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 102 p

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2015 / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 102 p

PETRY, K., STEINBACH, D.; BURK, V. Germany. In B, Houlihan & M. Green (Eds.), *Comparative EliteSport Development: Systems, Structures and Public Policy* (pp 115-146). London: Elsevier,2008.

PEREZ, M.C.A. Família e escola na educação da criança: análise das representações presentes em relatos de alunos, pais e professores de uma escola pública de ensino fundamental. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

POCHMANN, M. *Educação e Trabalho: Como desenvolver uma relação Virtuosa?* Educação e Sociedade, Campinas, v. 25, n. 87, p. 389- 411. 2004.

POLLAK, M. *Memória, esquecimento, silêncio.* Estudos Históricos, vol. 2, nº 3. 1989.

POSTER, M. *Teoria crítica da família.* Rio de Janeiro: Zahar, 1979

POWELL, B.; STEELMAN, L. C. *The educational benefits of being spaced out: sibship density and educational progress.* American Sociological Review, Albany, v. 58, n. 3 , June 1993. p. 367-381

PRONI, M. W. *A metamorfose do Futebol.* Campinas: UNICAMP, 2000.

REGATTIERI, M. M. G.; CASTRO, J. M. (Org.). *Ensino médio e educação profissional: desafios da integração.* Brasília: Unesco, 2009 .

REIS, S. M. A. de O. A inserção dos egressos da educação popular na escola pública: tensão entre regulação e emancipação. Dissertação (Mestrado em Educação): Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009

RIAL, C.S *Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior.* Horizontes Antropológico, Porto Alegre, ano 14, n. 30, 2008.p .21-65

\_\_\_\_\_. *Futebolistas brasileiros na Espanha: emigrantes porém....* Revista de Dialectología y Tradiciones Populares, Madrid, v. 61, n. 2, 2006. p. 163-190.

RIBEIRO, C. A. C. *Desigualdade de oportunidades no Brasil.* Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

RIBEIRO, D. F; ANDRADE, A. S. *A Assimetria na Relação entre Família e Escola Pública.* Paidéia, 16(35), 2006.p. 385-394.

ROCHA, H. P. A. A escola dos Jóqueis: a escolha da carreira do aluno atleta. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação)–Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

\_\_\_\_\_. O Futebol como carreira, a escola como opção: O Dilema do jovem atleta em formação. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

ROCHA, S. *A inserção dos jovens no mercado de trabalho*. Caderno CRH, 21(54), 2008. p. 533-550

RODRIGUES, A.D. *Experiência, modernidade e campo dos media*. IN: RODRIGUES, MOURA, NEIVA *et al.* Reflexões sobre o mundo contemporâneo. Teresina: Revan, 2000.

ROMANELLI, G. *Levantamento crítico sobre as relações entre família e escola*. In: ROMANELLI, Geraldo; NOGUEIRA, Maria Alice; ZAGO, Nadir (Org.). Família e escola: novas perspectivas de análise. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 29-60.

\_\_\_\_\_. *Questões teóricas e metodológicas nas pesquisas sobre família e escola*. In: N. Zago, M. P. de Carvalho, & R. A. T. Vilela, (Orgs.), Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro, 2003. p. 245-264

ROMÃO, M. G; COSTA, F. R. ; SOARES, A. J. G. *Escolarização de equipes do voleibol no Rio De Janeiro*. Trabalho apresentado no XI Congresso Espírito-Santense de Educação Física, Vitória, 2011.

SAMARA, E. de M. *O Que Mudou na Família Brasileira?: da Colônia à Atualidade*. Psicol. USP, São Paulo, v. 13, n. 2, 2002.

SARACENO, C. *Sociologia da família*. Lisboa: Estampa, 1997.

SCHWARTZMAN, S. *O viés acadêmico na educação brasileira*. Pensamiento Educativo, Revista de Investigación Educativa Latinoamericana (PEL), Santiago de Chile, v. 48, n. 1, 2011.

SCHUTZ, A. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SECCOMBE, W. *Marxism and demography*, in *The New Left Review*, nº 137,1983. p22-47.

SETTON, M. G. J. *A particularidade do processo de socialização contemporâneo*. Tempo soc., nov. 2005, vol. 17, n.º 2, p. 335-350.

SILVA, A. L. C. *Esporte e escolarização: projetos, biografias e programa governamental*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

SINGLY, F. D. *Sociologie de la Famille Contemporaine*. Paris: Nathan, 1993.

SMIT, B. *Invasão de Campo: Adidas, Puma e os bastidores do esporte moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

SOARES, A. J. G.; MELO, L. B. S.; ROCHA, H. P. A. *O Ginásio experimental olímpico: Um programa de escolarização de potenciais atletas na onda das olimpíadas..* In: CAVALIERE, A.M.; SOARES, A. J. G.(org). *Educação pública no Rio de Janeiro: Novas questões à vista.* 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ,2015, p155-176.

ROCHA, H. P. A. ; BARTHOLO, T. L.; MELO, L. B. S.; SOARES, A. J. G. *Jovens esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola.* Motriz: rev. educ. fis. (Online), 2011, vol.17, n.2

SOARES, A. J. G. *et. al. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola.* Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Porto Alegre, v. 33, n. 4, dez. 2011. p. 905-921

SOARES, A.J.G *et al. Time for football and school: an analysis of young brazilian players from Rio de Janeiro.* Estudos Sociológicos. 2013; XXXI: p. 1-14.

SOARES, A.J.G. *et al. JOGADORES DE FUTEBOL NO BRASIL: MERCADO, FORMAÇÃO DE ATLETAS E ESCOLA.* Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 4, out./dez. 2011. p. 905-92.

Soares A.J.G. *Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre.* In: Alabarces, P, organizador. *Futbologias: fútbol, identidad y violencia en América Latina.* Buenos Aires: CLACSO; 2003. p.145-62

ROCHA, H. P. A.; SOARES, A. J. G; COSTA, F. R. *A Escola dos Jóqueis: a aposta de carreira do aluno atleta.* In: XV Congresso Brasileiro de Sociologia, Curitiba- PR, 2011.

SILVA, P. B. C. *et. al. Sobre o sucesso e o fracasso no Ensino Médio em 15 anos (1999 e 2014).* Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 24, n. 91, jun. 2016. p. 445- 476.

SOUZA, C.A.M. *et al. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros.* Horizontes Antropológicos, vol 12, n 30, 2008. p.85-111

SOUZA, O. M. C. G. de, ALBERTO, M. de F. P. *Trabalho Precoce e processo de escolarização de crianças e adolescentes.* Psicologia em estudo. Maringá, v. 13, n. 4, , out/dez, 2008. p. 713-722.

SPAGGIARI. E.A *Família joga bola. Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana.* Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SPOSITO, M. P. *Juventude e Políticas Públicas no Brasil.* IN:Políticas Públicas de juventud em América Latina. Viña Del Mar. Chile, 2000.

THIN, D. *Para uma Análise das Relações entre as Famílias Populares e Escola: confrontações entre lógicas socializadoras.* Revista Brasileira de Educação, v. 11, n. 32, mai/ago, 2006.

TOGNI, A.C, Carvalho M.J.S. *A escola noturna de ensino médio no Brasil.* Rev Iberoamericana de Educación 2007.p.61-76.

TOKMAN, V. E. *Jóvenes, formación y empleabilidad: El trabajo de los jóvenes en el postajuste latinoamericano*. Boletín Técnico Latinoamericano de Formación Profesional, n. 139-140, abr./set. 1997.

WACQUANT, L. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

WEBER, M. *Metodologia das Ciências Sociais: parte 1*. 4ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. *Ensaio de sociologia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

WEBER, I. *Um copo de cultura: os Huni Kuin (Kaxinawá) do rio Humaitá e a escola*. Rio Branco: Edufac, 2006. 255pp

VAN ZANTEN, A. *Reflexividade y elección de la escuela por los padres de la clase media en Francia*. Revista de Antropologia Social, n. 16, p. 245-278, 2007.

VAN-ZANTEN, A. & DURU-BELLAT, M. *Sociologie de l'école*. Paris: Armand Colin, 1991.

VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. 7ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

VELOSO, F. *15 anos de avanços na educação no Brasil: onde estamos?* IN: VELOSO, F. *et al* (Orgs.). *Educação básica no Brasil: construindo o país do futuro*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009, p. 25-50.

VIANNA JUNIOR, N. S. *A influencia dos pais no desenvolvimento de atletas jovens no tênis*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2002.

VIEIRA, J. J. *Paixão Nacional e Mito Social: A participação do Negro no Futebol. Profissionalização e ascensão social*. [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2001.

VIEIRA, R.A.G. *et al*. *Nível de escolarização e outros fatores relacionados ao perfil socioprofissional de jogadores de futebol*. Revista Eletrônica Interdisciplinar de Saúde e Educação - RISE ANO I, Vol. 01, N. 1, Jabotão dos Guararapes – PE, 2014.

WISNIK, J. M. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo : Companhia das Letras, 2008.



ZAGO, N. *Realidades sociais e escolares e dinâmica familiar nos meios populares*. Cadernos de Educação PAIDÉIA, FFCLRP, USP, Ribeirão Preto, fev/ago, 1998.

ZAGO, N. (Org.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000.

## Anexos:

---

### **Anexo 1: Roteiro de entrevistas semiestruturadas com os atletas.**

#### **1- Questões Gerais – Para identificação do entrevistado.**

- 1- Qual sua idade?
- 2- Em que lugar do Brasil você nasceu?
- 3- Qual sua modalidade e categoria?
- 4- Com qual idade se federou?

#### **2- Trajetória esportiva.**

- 1- Qual foi seu primeiro contato com o futebol? Desde quando ele está presente em sua vida?
- 2- Além do futebol na sua infância. O que você lembra mais dela. Me fala um pouco da sua vida quando você era pequeno.
- 3- Me fala do seu caminho no esporte, desde que teve esse contato com ele até hoje no [nome do clube].(iniciação como atleta, as dificuldades ou facilidades que enfrentou, participações em competições e clubes antes de chegar ao Vasco).
- 4- Quais pessoas você acha que foram essenciais para você chegar até aqui hoje?
- 5- Como você chegou ao [nome do clube]? Porque está no [nome do clube]? Qual a melhor e a pior coisa dentro do clube para você?
- 6- Me fala sobre as competições que você já participou. Com elas são? Com qual frequência são essas competições? O clube dá algo para vocês quando vocês ganham? Quais foram os eventos mais marcantes para você dentro do clube?
- 7- Como foi para você a mudança de categoria? Quais as principais características (cobrança, carga horária, adaptação) da categoria que você estava? E da categoria que vem depois da sua?

#### **3- Rotina de treinamento:**

- 1- Conte como é a sua rotina diária. Tudo que normalmente faz desde que acorda até a hora de dormir.
- 2- Agora me fala, mais especificamente da sua rotina diária no esporte.
- 3- O que você acha da rotina de treinos que você desempenha ao longo do dia?

4- A carga horária de treino na categoria que você está agora é maior ou mais intensa do que a que você experimentava na categoria anterior?

5- Você tem algum acompanhamento de nutricionista, psicólogo ou algum profissional para auxiliar para além do treino?

Como é desenvolvido esse trabalho?

Em que parte do dia ele acontece?

6- Você faz algum outro tipo de atividade física além dos realizados nos treinos?

Qual? Em que momento do dia?

#### **4- Família**

1- Qual a opinião da sua família sobre essa sua escolha de se dedicar ao esporte?

2- O que eles fazem para te ajudar na conciliação do esporte com as outras obrigações como a escola? Dê-me exemplos!

3- Sua família apóia você nos estudos? De que forma?

4- Sua família acha que o tempo do treino atrapalha na escola ou vice-versa?

5- A relação com a sua família mudou por causa do esporte? (devido a distância, falta de tempo, discordância de desejos)

6- Você tem irmãos? Eles estudam no mesmo lugar que você? Onde ele estuda? Você acha que seus pais cobram mais nos estudos do seu irmão do que de você? Como eles reagem quando recebem suas notas?

7- O que a profissionalização no esporte representa para você e sua família? Todos na sua família querem que você seja atleta? Alguém mais na sua família foi, é ou tentou ser atleta? Que tipo de apoio você recebe deles?

8- Quantos são os membros da sua família que moram na sua casa na sua cidade de origem? Qual o grau de escolaridade dos seus pais? Qual a profissão deles? Qual o grau de escolaridade dos seus avós? E a profissão deles?

9- Existe algum tipo de cobrança e incentivo dos seus pais e familiares sobre suas atividades da escola?

10-Quais as atividades de lazer e divertimento você realiza quando tem tempo livre? Quais as atividades que você faz com a sua família quando tem tempo livre?

11-E quanto ao esporte, o que eles costumam conversar com você sobre isso? Qual a participação deles nas suas competições? Eles assistem ou procuram se manter informados por meio de quem te representa?

12-O que você faz com os prêmios que recebe com as vitórias ou a ajuda de custo que ganha no clube?

### **5- Escola e sua rotina.**

1- Em qual escola você estuda?

Quem escolheu essa escola para você?

Porque você e essas pessoas decidiram /aceitaram essa escola?

2- Em quais escolas você estudou antes de chegar nessa escola?

Eram públicas ou privadas?

Onde ficavam?

3- Me fala um pouco da sua trajetória escolar desde que você entrou na escola até hoje.

4- Existe algum conhecido ou familiar seu que sirva de exemplo para você nessa área do estudo?

5- Me fala do seu desempenho nessa escola que você está e nas outras que estudou.

6- Me fala sobre o seu dia-a-dia (rotina) na escola. (que horas entra? Que horas sai Costuma faltar professor? Como funcionam as avaliações dos alunos?).

7- Como era estudar na sua outra escola, como era seu dia-a-dia lá?

8- Como o colégio faz quando vocês precisam viajar ou competir e não podem ir a escola? Como os professores lidam com as faltas de vocês? Em períodos de provas junto com competições como fica o calendário do colégio?

9- Alguém no clube acompanha sua vida escolar? O que fazem se você estiver com baixo rendimento na escola?

10-Você falta aula por causa dos treinos e/ou competições? No último mês quantas vezes você deixou de ir à aula? Quais os motivos?

11-Qual a sua maior motivação para ir à aula (matéria preferida, amigos, aulas)? O que você mais gosta na escola? E o que menos gosta?

12-A escola costuma se comunicar com a sua família, para falar do seu desenvolvimento na escola? E a sua família costuma procurar a escola para saber como você anda indo na escola?

13-No último bimestre qual foi a sua maior nota? E quantas foram as matérias que você ficou abaixo da média? A que você atribui o baixo rendimento nessas matérias (falta de dedicação aos estudos, perda de aula, cansaço físico pelos treinamentos)?

14-Os professores faltam às aulas com frequência? No último mês quantas vezes você ficou sem aula pela falta de um professor? O que a escola costuma fazer quando isso acontece? Qual a sua relação com os professores?

### **Perguntas sobre o Irmão (caso tenha)**

1- Em qual escola ele estuda?

Quem escolheu essa escola para ele?

Porque você e essas pessoas decidiram /aceitaram essa escola?

2- Você percebe alguma diferença entre o acompanhamento que os seus pais fazem sobre o desempenho escolar seu e do seu irmão?

3- Você já repetiu o ano alguma vez? E o seu irmão?

### **Anexo 2: Roteiro de entrevistas semiestruturadas com os familiares de atletas.**

1- Me fala um pouco da sua trajetória de vida, da infância, adolescência.

- a. Você teve contato com o esporte? Qual?
- b. Alguém da sua família era esportista?
- c. Como era a vida na sua casa?
- d. Onde você morava?

- 2- O que você lembra dos seus tempos de estudante?
  - a. Onde você estudou?
  - b. Até que série você estudou?
  - c. Quais as disciplinas você mais gostava? E as que menos gostava?
  - d. Em quais disciplinas tinha as melhores notas? E as piores notas?
  - e. O que você mais gostava na escola? E o que menos gostava?
  - f. Foi até que série? Por quê?
  - g. Gostaria de ter estudado mais?
  - h. Você hoje trabalha com o que?
- 3- Até onde os seus pais estudaram?
  - a. Eles trabalhavam com o que?
- 4- O que você geralmente faz no tempo livre, no momento de lazer?
  - a. Esse divertimento é algo seu ou a família também compartilha?
  - b. O que as pessoas da família gostam de fazer?
  - c. Tem religião? Qual?
- 5- Onde você mora hoje?
- 6- Na sua casa moram quantas pessoas com você?
  - a. Qual seu estado civil?
  - b. O (atleta) é filho único? Tem irmãos? Quantos?
  - c. Ele é o caçula? O mais velho?
  - d. Os outros parentes moram longe?
  - e. O (atleta) tem algum parente mais próximo dele em afinidade?
- 7- Como o jovem entrou no futebol? Algum parente teve influencia nisso?
  - a. Qual o primeiro contato do atleta com o futebol?
  - b. Quem levou ele para o futebol?
- 8- Me fala um pouco da carreira/trajetória do jovem no futebol. Desde o início até hoje.
  - a. O menino tem empresário? Como é a sondagem das pessoas sobre ele?
  - b. Você acha que ele tem muitas chances estando no [nome do clube]?

- c. Caso ele não dê certo aqui no [nome do clube], vocês tem outras opções? Ou Propostas?

9- Como você participa da formação esportiva do jovem?

- a. Quais os tipos de ajuda que você dá para o atleta?

10- Você costuma ir aos treinos e aos jogos do jovem?

- a. Além de você mais alguém da família vai?
- b. Com que frequência?

11- Além de você, as outras pessoas da família pensam o que dessa tentativa de ser jogador de futebol?

- a. O que a família faz para ajudar nessa profissionalização?

12- Como é o rendimento do atleta na escola?

13- Me fala um pouco da trajetória escolar dele

- a. Ele está em que série?
- b. Ele repediou alguma vez?
- c. Estuda perto de casa?
- d. Por que escolheu essa escola?
- e. Quais as matérias ele mais gosta e menos gosta?

14- Você acompanha o que acontece com o jovem na escola?

- a. Acompanha os deveres?
- b. Ajuda a estudar?
- c. Vai à reunião de pais
- d. Qual a sua expectativa para ele na escola?
- e. Você acha que ele consegue estudar até onde?

15- (CASO TENHA IRMÃOS) Me fala um pouco da trajetória escolar dele

- a. Ele está em que série?
- b. Ele repediou alguma vez?
- c. Estuda perto de casa?
- d. Por que escolheu essa escola?
- e. Quais as matérias ele mais gosta e menos gosta?

16- Você acompanha o que acontece com o jovem na escola?

- a. Acompanha os deveres?
- b. Ajuda a estudar?
- c. Vai à reunião de pais

- d. Qual a sua expectativa para ele na escola?
- e. Você acha que ele consegue estudar até onde?

**Anexo 3: Roteiro de entrevistas semiestruturadas com funcionário do clube.**

- 1- Como funciona o trabalho que o departamento de assistência social faz com os pais?
- 2- Existe algum programa ou atividade desenvolvida pelo clube para aproximar os pais dos atletas do clube? No intuito de conhecer melhor como funciona o CT.



- 3- Me conta um pouco da relação do setor de assistência social com os pais dos atletas?
  - a. Existe pressão dos pais para cobrar mais acompanhamento dos filhos no futebol?
  - b. Existe pressão dos pais para cobrar mais acompanhamento dos filhos na escola?
  
- 4- Na relação do atleta com o clube, como os pais se inserem no processo? E na relação clube/escola?
  - a. Existe ou existiu algum caso que tenha te chamado a atenção ou que você ache interessante de contar
  - b. Qual a frequência dos pais ao clube? Você tem alguma história sobre isso que queira contar?
  - c. E na escola os pais já procuraram saber alguma vez como funciona, ou onde é?
  
- 5- Existem casos em que os pais não concordam com a matrícula do filho em alguma escola que vocês possuem convênio e procuram outra escola ao gosto deles?
  
- 6- Quando o atleta vai mal na escola qual o procedimento que vocês realizam aqui no clube?
  - a. Há comunicação disso aos pais? O que eles dizem normalmente?
  
- 7- Você acha que há um esforço dos pais no investimento da carreira esportiva para os filhos?
  - a. Quais, por exemplo?
  - b. Quais as histórias mais comuns que você já viu no clube.
  
- 8- Existem muitos jovens de outros estados do Brasil aqui no [nome do clube]?
  - a. Por serem menores eles precisam de um responsável legal. É o [nome do clube] que fica responsável? Qual a posição dos pais sobre essa tutela do [nome do clube]?
  - b. Esses pais entram em contato frequente com o clube e com você?
  
- 9- Em geral, qual a condição social dos jovens e das famílias que estão hoje na base do [nome do clube]?
  - a. Esses jovens de outros estados possuem que condições econômicas e sociais?
  - b. O clube possui condições a abrigar no alojamento todos os atletas que vem de outros estados?

- c. Quando o atleta é de outro estado e não fica no alojamento ele vai para onde?

10- Qual o procedimento para o desligamento dos atletas do clube?

- a. Como esse contato é feito com os pais?
- b. Qual a reação dos pais?
- c. Por que será que existe esse tipo de reação?

11- Pelo que você vê no dia-a-dia do Centro de Formação. Por que os pais se envolvem desse jeito na rotina esportiva dos filhos?